ANÁLISE DE DADOS

LEVANTAMENTO INICIAL

PORTUGAL

MADALENA RAIMUNDO

BANDA DESENHADA

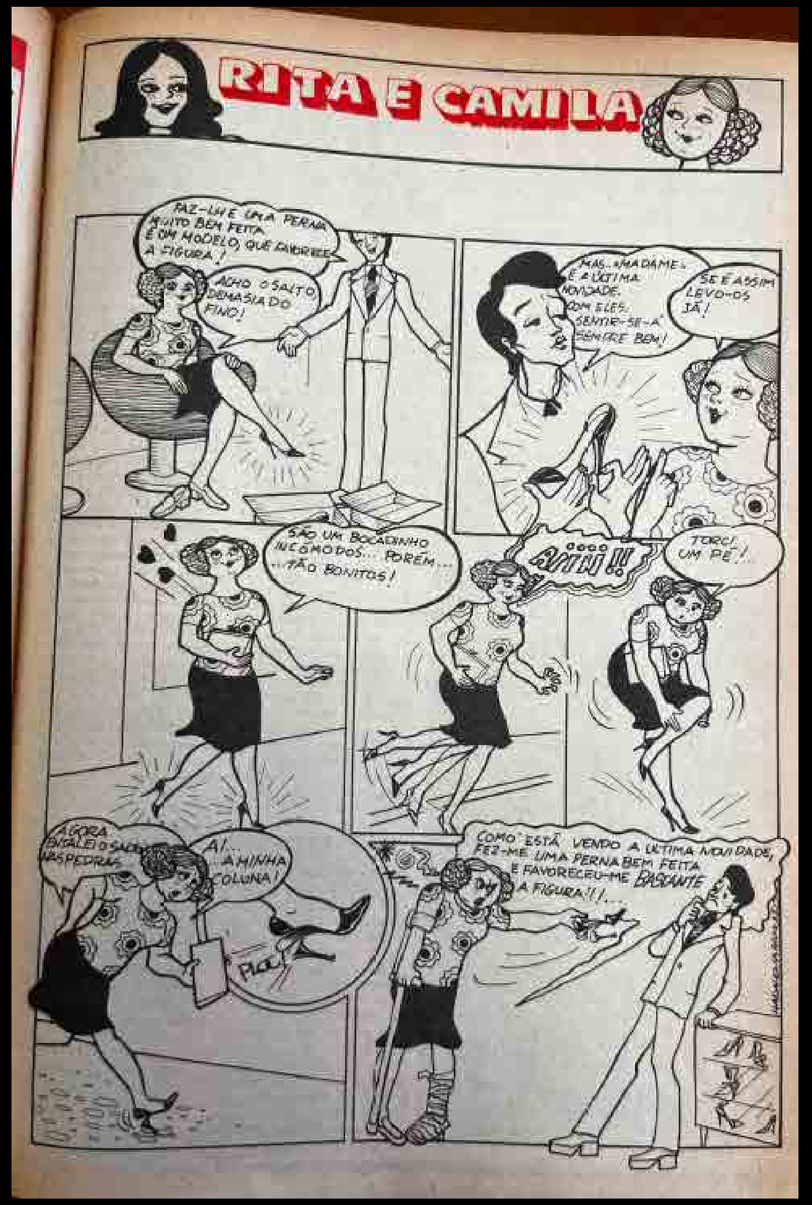
MULHERES

1978-1979

MADALENA RAIMUNDO – Revista Mulheres Seção de Banda Desenhada “Rita e Camila” nº2, junho de 1978

MADALENA RAIMUNDO – Revista Mulheres Seção de Banda Desenhada “Rita e Camila” nº1, Maio de 1978

MADALENA RAIMUNDO?- Mulheres. Aberturas de seção n°2, junho de 1978



MADALENA RAIMUNDO – Revista Mulheres Seção de Banda Desenhada “Rita e Camila” nº3, Julho de 1978

MADALENA RAIMUNDO - Revista Mulheres Seção de Banda Desenhada “Rita e Camila” nº4, Ago de 1978

MADALENA RAIMUNDO - Revista Mulheres Seção de Banda Desenhada “Rita e Camila” nº5, Set de 1978

MADALENA RAIMUNDO - Revista Mulheres Seção de Banda Desenhada “Rita e Camila” nº6, Out de 1978

MADALENA RAIMUNDO – Revista Mulheres Seção de Banda Desenhada “Rita e Camila” nº7, Nov de 1978

MADALENA RAIMUNDO – Revista Mulheres Seção de Banda Desenhada “Rita e Camila” nº9, jan de 1978

HEMEROTECA, p. 79

MADALENA RAIMUNDO - A Maria vai votar #18 out de 1979

MADALENA RAIMUNDO??? - Mulheres, abertura seção cartas a mulheres, #11 mar de 1979

LURDES DE FREITAS

ILUSTRAÇÃO EDITORIAL

MULHERES, BOLETIM MDM, NÓS AS MULHERES

1978–1979

▶ **Directora:** Maria Lamas. ▶ **Chefe de Redacção:** Maria Teresa Horta. ▶ **Redacção:** Ana Cilia, Eugénia Cunhal, Francisco Rodrigues. **Colaboradoras Permanentes:** Ana Abel, Cipriano Dourado, Correia da Fonseca, Elisabete França, Fernanda Lapa, Fernanda Managão, Fernando Midões, Isabel Ribeiro, José Paulo Simões, Judite Fonseca, Laura Lopes, Lurdes de Freitas, Madalena Raimundo, Manuel Carcalho Coelho, Matilde Nunes, Mara, Maria Judite de Carvalho, Maria Keil, Paula Abel, João Martins, Rogério Ribeiro, Teresa Afonso Dias, Teresa Dias Coelho, Vitor Ferreira.

▶ ***PROPRIEDADE*** – **Editorial Caminho, SARL** – R. Cidade de Quelimane, 3-C

Composto e Impresso na **Reska Portuguesa** – Rua Elias Garcia, 27 – **Venda Nova** – Amadora

Mulheres – expediente da edição #1, maio de 1978. MADALENA RAIMUNDO E LURDES DE FREITAS APARECEM JUNTAS

LURDES DE FREITAS? Fragmento da capa de MULHERES, #1, maio de 1978

HEMEROTECA, p. 29

A MULHER E A VIDA

Uma dona de casa

Maria da Graça Pinto

Levanta-se cedo. Acorda as crianças que vão ir para a escola. Vai ao mercado. Arruma a casa. Faz o almoço. Lava a louça. Trata da roupa. Faz o jantar. Dá atenção às crianças. E o último a deitar-se de todos os dias.

— Não tenho tempos livres. Quanto muito vejo a «Escrava

dos miúdos...

sua vida?

arrastamos há séculos...

LURDES DE FREITAS? Seção A mulher e a vida: Uma dona de casa, MULHERES, #1, maio de 1978

UMA DACTILÓGRAFA

Maria Fernanda Sousa

«– O meu filho tem cinco meses... ainda não estou muito «calhada» nisto de ter de me levantar tão cedo para o arranjar, levá-lo à creche e estar no emprego às 9 horas em ponto... a maior parte das vezes nem consigo tempo para tomar o pequeno almoço. Depois, há o regresso, tudo na mesma, mas ao contrário, pelo mesmo trajecto: emprego, creche, casa... nos transportes públicos super-lotados, numa aflição, não vá chegar atrasada!»

Maria Fernanda tem 23 anos, é dactilógrafa numa empresa. Muitas vezes serve, também, de secretária.

Está casada há 3 anos.

– Não quisemos logo ter filhos, mas afinal não esperámos assim tanto... não estou arrependida, claro, porém não é nada fácil isto de ter de cumprir, todos os dias, três tarefas diferentes mas igualmente importantes: mãe, dona de casa, dactilógrafa!

– E mulher, não?

– Sem dúvida... eu e o meu marido amamo-nos muito e todos os momentos são poucos para nos encontrarmos, tranquilos, um com o outro. Temos tantos pontos em comum...

– Importa-se de dizer quais?

– Tantos... gosto pelas mesmas leituras, pelos mesmos filmes, pelos mesmos programas de televisão... o que não quer dizer que estejamos sempre, sempre, de acordo... muitas vezes temos opiniões até diferentes: por exemplo, no que diz respeito à situação da mulher... sobre isso discutimos imenso: mas acabamos sempre bem, tentando o equilíbrio...

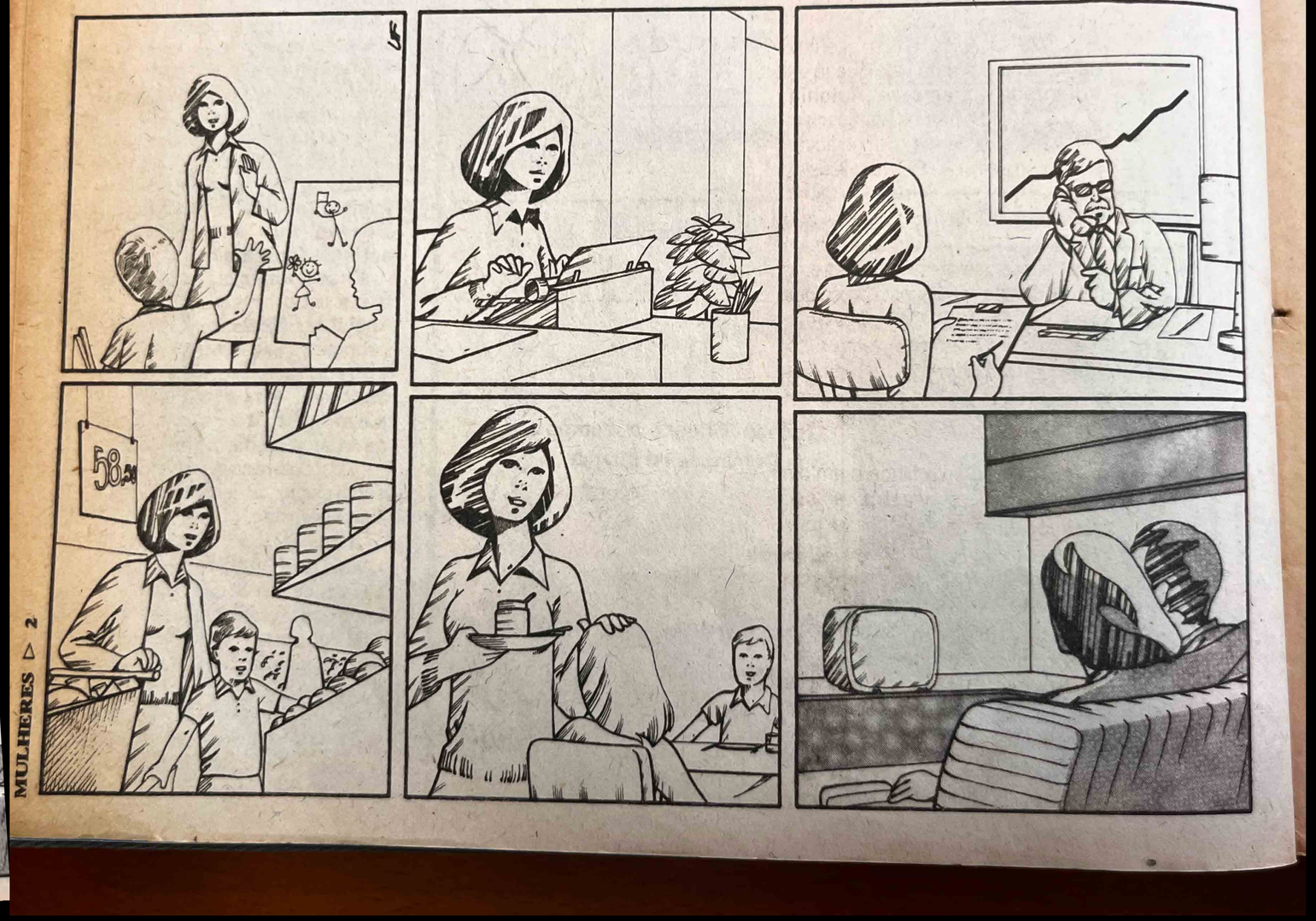
E Maria Fernanda conta-nos o que pensa sobre a situação da mulher em sociedades como a nossa; das injustiças que a mulher sofre ainda agora...

– Não é justo, por exemplo, que seja eu sempre a ir pôr e buscar o miúdo à creche! Nem que seja eu a tratar sempre da casa! Pois eu sou empregada como o meu marido, ou não será assim? A vida das mulheres empregadas é dura! Mas eu não quero deixar a minha profissão, por nada deste mundo...

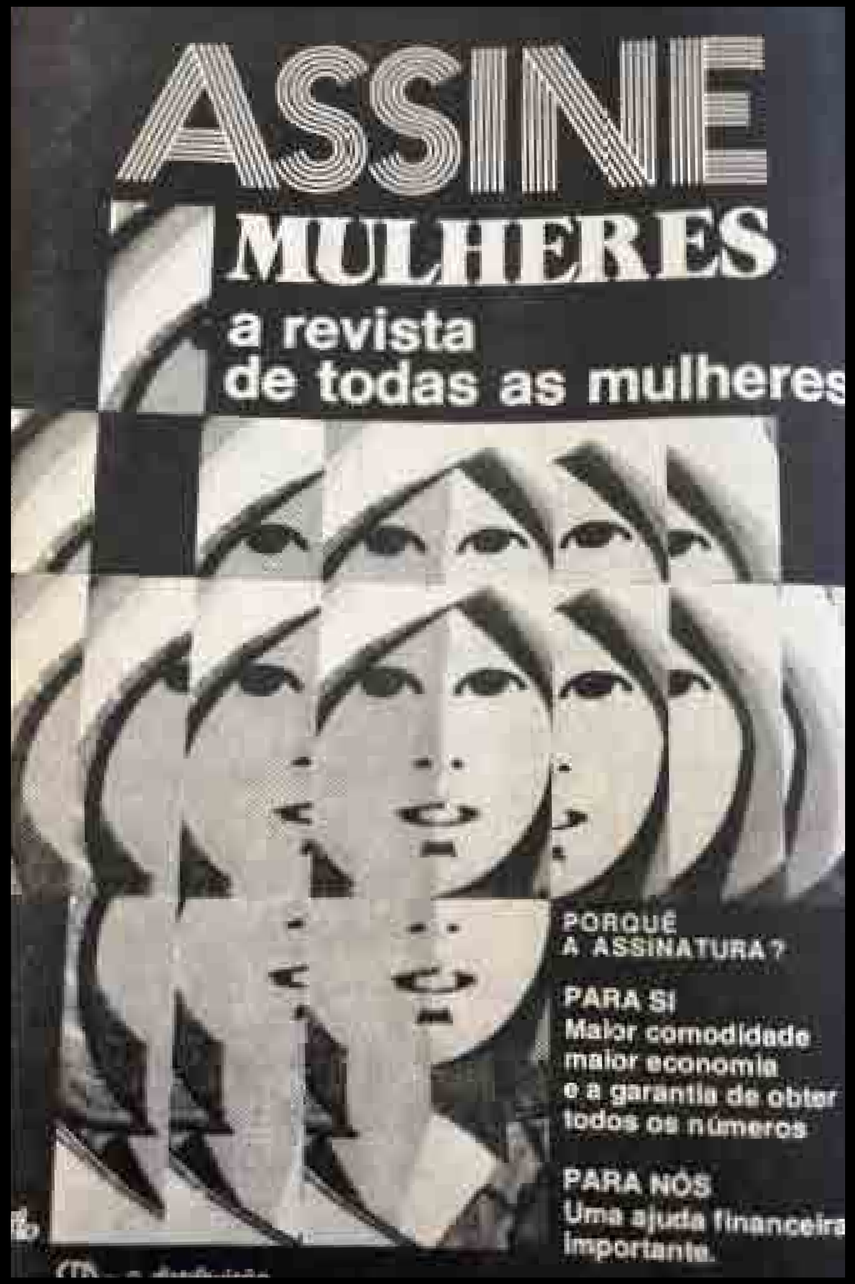
Maria Fernanda não desiste, pois... todos os dias quando cheia de sono, cansada ainda do trabalho que acabou tarde na véspera, para poder ver um pouco de televisão ou ler um livro («nem que para isso tenha de passar a ferro depois da leitura ou da televisão acabar, se o programa ou o livro me agradarem...»), cerra os dentes e vai para a frente: ela sabe que tudo depende da sua força de vontade, do seu «querer construir um mundo novo»...

E termina dizendo:

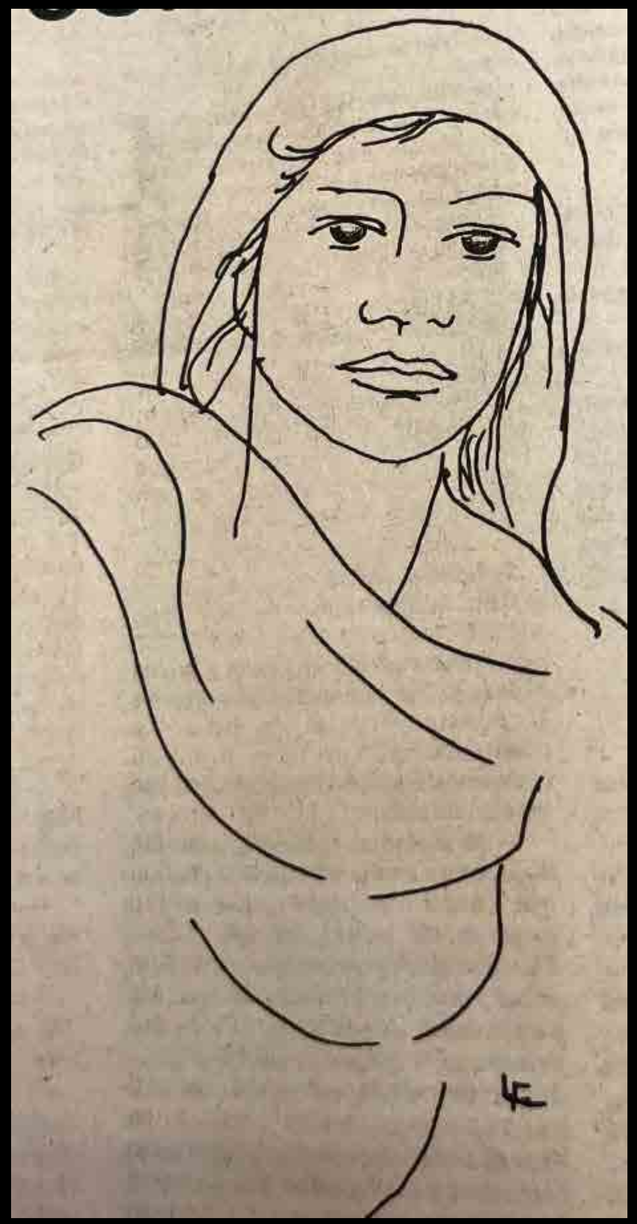
– Ás vezes chego quase a desanimar... a vida está pela hora da morte, os preços a subirem, o desemprego a ameaçar todos os dias... mas é preciso continuar. E de nós mulheres, depende muito...



LURDES DE FREITAS? A mulher e a vida: uma dactilógrafa, MULHERES, #2, junho de 1978



LURDES DE FREITAS? material promocional da revista, MULHERES, #1, maio de 1978



LURDES DE FREITAS? Possível assinatura. Seção Mulheres querem, MULHERES, #2, junho de 1978

em s

Elas levant
têm de estar
a ordenar
seguinte...m
a vencerem o

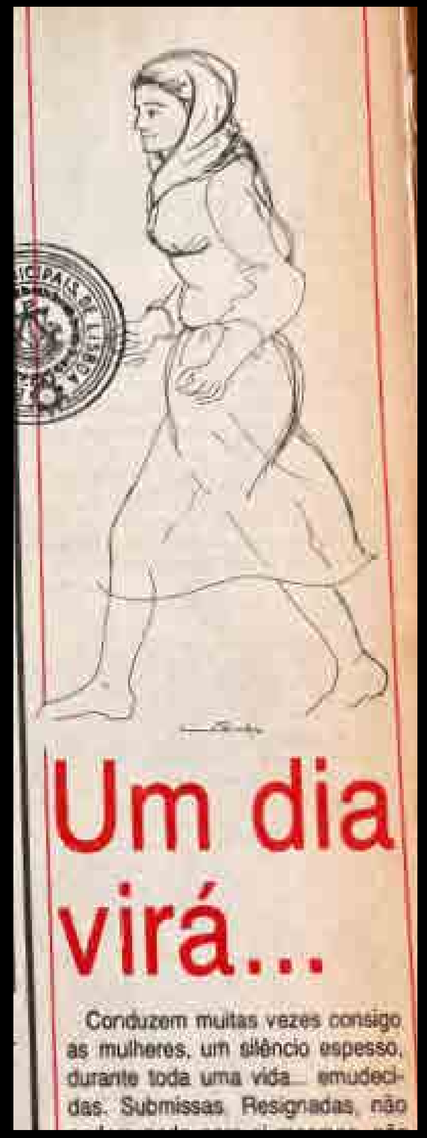
Mas...que vida?
– **Ordenhar as
regar o milho e a
casa ou no rio,
andam a lavrar
e qualquer coisa
a família, vindim
comer aos porc
o leite ao posto
crianças, a casa
os nossos dias!**
E quando cheg
das vezes enco
numa terríve
e desamparo
descansar a cab
pelos filhos lá vão
malga de caldo e

– **Com 600$
homens 900$00
prometeram au
homens e mu
Vamos lá a ver.**

■ **VELHAS
ANTES D**

Elas levantam
escuro, acordam
e as crianças
(têm de chegar
pensando em
pela vida en
apagadas, «sen
nelas»...
– **Umas velh
pernas cheias
de rugas, o co
endurecido
ventos».**
Que assist
camponesa do
não os há, nem
só nas cida

LURDES DE FREITAS? Possível assinatura. reportagem Elas passam pela vida em silêncio, MULHERES, #3, julho de 1978



LURDES DE FREITAS? Possível assinatura. seção abertura: Um dia ela virá..., MULHERES, #3, julho de 1978

mulheres

um diálogo construido em amizade

NÃO é fácil escrever uma carta quando essa carta se destina não a uma pessoa, mas a muitas pessoas. Neste caso, não a uma mulher, mas a muitas mulheres. E, ainda mais, se pensarmos que quem a lela sente como se nos estivéssemos dirigindo pessoalmente a si, e só a si.

Não sabemos como são os nossos rostos, nem os nossos gestos, nem a cor dos nossos olhos. No entanto, conhecemo-NOS. Porque somos árvores do mesmo tronco, mulheres do mesmo país. Com vidas diferentes. Problemas diferentes. Experiências diferentes. Tristezas diferentes. Mas vidas, problemas, experiências, solidões.

Muitas vezes não temos quem nos oiça. Os nossos gritos interiores, as nossas amarguras, os nossos sonhos não são partilhados nem sequer entendidos.

Muitas de nós levantamo-nos ainda a manhã vem longe. Acordamos as crianças para irem para a escola. Elas têm sono e rabujam. Nós também temos sono e sentamos falar-lhes com brandura. Partem para as aulas. Os companheiros vão, por sua vez, para o trabalho.

Fazemos as camas. Limpamos a casa. Vamos às compras. Preparamos o almoço. Sempre a correr. Eles regressam. Servimo-los. Comemos de pé e por bocado. Eles comem sentados e voltam a sair.

Ficamos de novo sozinhas. Voltamos arrumar a cozinha. E, quando conseguimos finalmente que a nossa volta haja um pouco de beleza, quando podemos, enfim, gozá-la, é chegada a hora de tratar das roupas. Roupa suja para lavar. Cordas cheias de roupa limpa a secar para passar a ferro e muito mais grossa.

A correr. Sempre a correr.

Muitas outras, vamos para o emprego, para a fábrica, para o campo. Ganhamos menos do que os nossos companheiros de trabalho. Só com extrema dificuldade conseguimos ocupar lugares de maior responsabilidade para os quais estamos, muitas vezes, tão preparadas quanto eles. Se há desempregados, somos as primeiras a ir para a rua. Se a vida aumenta, quem se não nós faz o milagre de continuar a pôr as refeições na mesa. Se queremos falar, partilhar, lutar, quantas renunciamos porque a nossa mãe ou o nosso filho está doente, alguém tem que ficar em casa a tratar dele e esse alguém somos nós, ou apenas porque nos vence o cansaço ou a incompreensão alheia.

A correr. Sempre a correr.

Somos as mãos que mantêm em ordem a casa que é de todos.

Somos os braços que se abrem ao cansaço do companheiro e à necessidade de carinho dos filhos.

Somos a segurança. A tranquilidade. O porto de abrigo. O caminho suave por onde os outros passam. A estrada que permite aos outros chegar bem. Mas será que somos nisemo e apenas isso?

E nós, onde estamos?

Quantas envelhecemos sozinhas, num quarto ou numa casa vazia, cheia de recordações ou, o que é pior ainda, sem ter sequer recordações.

Quantas estamos cheias de sentimentos bons e generosos, vivendo a juventude num mundo difícil e hostil, sem saber para onde canalizar o amor que sentimos pela vida que se deviu abrir à nossa frente, em plenitude, rasgando caminhos, buscando caminhos, à custa de tanta ferida, de tanta dor que ninguém vê.

Acreditando na força das palavras que se trocam, na esperança renovada no convívio fraterno dos problemas comuns, no enriquecimento mútuo que desse convívio nasce e cresce, aqui fica a certeza da minha presença de mulher nesta página que será, espero, um diálogo construído em amizade. Entre nós todas. Como uma roda cada vez maior em que as nossas mãos se deem confiantes ○

► Maria

LURDES DE FREITAS? seção um diálogo construído em amizade, MULHERES, #1, maio de 1978

no amor
a idade
não interessa

Foto de ISABEL RIBEIRO

Amar um homem mais novo... é loucura?

situação que a complexa o faro: que e dei-tos. E julga mesmo dolender-se, aceitando...
- Sendo mais jovem, senor; agarra.

- E o homem, atento, concorda:
- Sendo mais velho, terá maior poder ainda: dominará. Quem diz mais a velhice

é desagradável, e como o seu egoismo masculino se encontra de na muito sinais.
Estará, então, tudo «contente»?

Não deve (pode) a mulher homem mais novo?
Não deve (pode) o homem mulher mais velha?

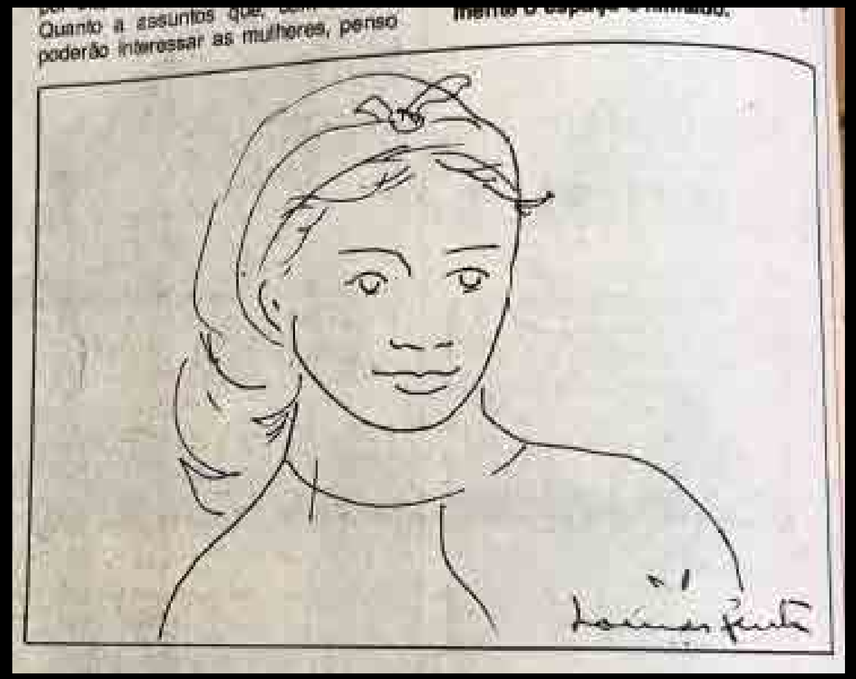
EUGÊNIA
(27 anos)
Artista plástica

EDUARDO
(19 anos)

Eugênia – Se eu sinto a diferença de idades? Sinto. É muito gratificante verificar no dia-a-dia que não se vive com um homem que pensa ter ocupado o algo pelo sexo pel. É bom viver com um amigo, um camarada de jogos e de tra não passa pela cabeça que uma mulher tem de ser necessariamente uma «m lei muito bem sobre as agulas e tres ao crianças muito imprática». Po experiência de «mulher-linha amarela» durante quatro anos e lastou-me. Ag a vida com a mesma paixão do meu companheiro. Ora isso é mais fácil com jovem. Há 10 anos houve uma evolução não também foi moral, que atingiu se passou, mas perduraram muitos velos mesmo em cabeças que se pens refiro-me então para a geração a seguir, onde penso que me encontro.

Eduardo – Para mim é extremamente viver com a Eugênia. Uma mulher tem, em principio, nada para me dar: passou pelas mesmas experiências problemas. Com a Eugênia, estou sempre a ver o mundo com outro nív receber os mesmos que ela recebeu.

LURDES DE FREITAS? reportagem Amar um homem mais novo... é loucura? MULHERES, #4, Ago de 1978



LURDES DE FREITAS? seção cartas mulheres MULHERES, #4, Ago de 1978

A MULHER E A VIDA

Uma Empregada Doméstica

Maria de Fátima Sousa

— A bem dizer, esta nem é a minha profissão... estou a servir pela primeira vez numa casa, há 4 meses; o que eu gosto de fazer é de tratar pessoas, acompanhá-las; lidar com pessoas idosas fazer-lhes companhia, dar-lhes atenção.

E conta que esteve durante bastante tempo empregada num lar para a 3ª idade, trabalho que lhe agrada muito fazer.

— Se puder ainda volto um dia a esse tipo de trabalho, que isto de estar assim numa casa, como agora, é... não sei como dizer... muito triste: a gente sente-se a mais, muito sózinha.

Fátima tem dificuldade em encontrar as palavras exactas que definem bem a marginalização — também afectiva — em que vivem as empregadas domésticas dentro das casas em que "servem"

MARIA DE FÁ... DOMÉSTICA... ACHA A SUA PROFISSÃO TRIST... E INJUSTA...

— Estamos dentro de uma família sem pertencer à família... estamos dentro das casas, mas sempre do lado de fora... não sei explicar melhor...

Filha de pai espanhol (trolha) e de mãe portuguesa (dona de casa), foi a única dos 11 irmãos a ter vindo para Portugal...

— Como os meus pais e os meus filhos e eu era a única... senhores tomaram conta... trouxeram-me para cá e meti... colégio de freiras, onde fiquei... meus 18 anos. Agora tenho 2...

Há uma certa emoção na... a sua vida no colégio, o seu... menina-mulher, já lá passou... a arrastar: mulher-que-nasce... renciada...

— Foi lá que aprendi a ser... 14 anos era eu quem cozinhava... Deixava o almoço adiantado... antes de irmos para as aulas... das 9 ao meio- dia. Fiz isto... embora.

Fátima não fala do futuro em... evolução, de luta por uma vida... contrário: é como se estivesse... os dias que a esmagam, com a... que sofre; desligada de tudo, não... seu sindicato, recusa qualquer... classe. No entanto, ela sabe... a falta até agora (porque a... a situação mudou) do direito à... não reforma, da solidão...

— Deveria ser diferente, ... Não é uma vida justa!

Fala devagar, mansamente... passando a ferro, repetindo... milenários recebidos, de mulher... ao longo dos séculos...

LURDES DE FREITAS? seção A mulher e a vida, MULHERES, #5, set de 1978

► Ana Abel

Quotidiano BREVE

Vocês não sabem a minha vida!

A rapariga de 17 ou 18 anos, pequena de estatura, cabelos curtos pintados de amarelo, entrou no hospital aos gritos.

Agredia as pessoas com palavras, alternando o choro com crises de fúria.

O seu alcoolismo era evidente.

Avançava para as pessoas e atirava-lhes o seu protesto.

— Vocês não sabem a minha vida!

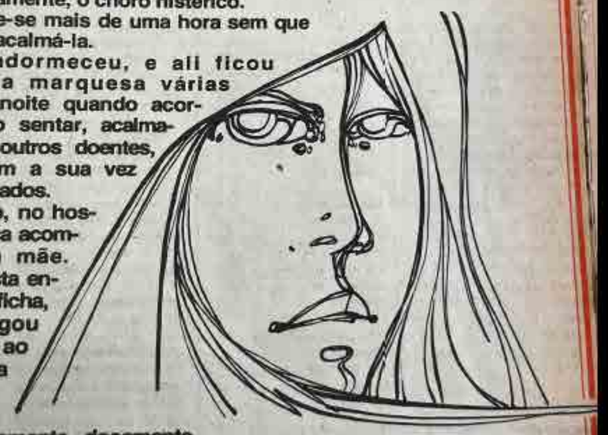
— Não sabem!

— Não sabem!

Depois, novamente, o choro histérico.

Isto manteve-se mais de uma hora sem que conseguissem acalmá-la.

Por fim adormeceu, e ali ficou deitada numa marquesa várias horas. Era já noite quando acordou, e se veio sentar, acalmada, junto dos outros doentes, que aguardavam a sua vez de serem observados.



Entrou então, no hospital, uma criança acompanhada pela mãe.

Enquanto esta entregava a sua ficha, a rapariga, pegou nesse menino ao colo e com uma ternura imprevista, esteve a acariciá-lo, mansamente...docemente...

Tanta ternura perdida. Tanto afecto abandonado.

Não sei qual era a vida desta rapariga. Mas suspeito...

É isso que não perdôo a esta sociedade em que tudo se compra, tudo se vende, o deitar fora impunemente esta capacidade de amor que tantas jovens têm para dar e se perde ainda em flor, como pétalas que se lançam estupidamente ao mar.

A imagem que me ficou desta rapariga, foi uma estrela no charco reflectida, sopro do que poderia ter sido, noutra sociedade, noutro lugar, a sua vida.

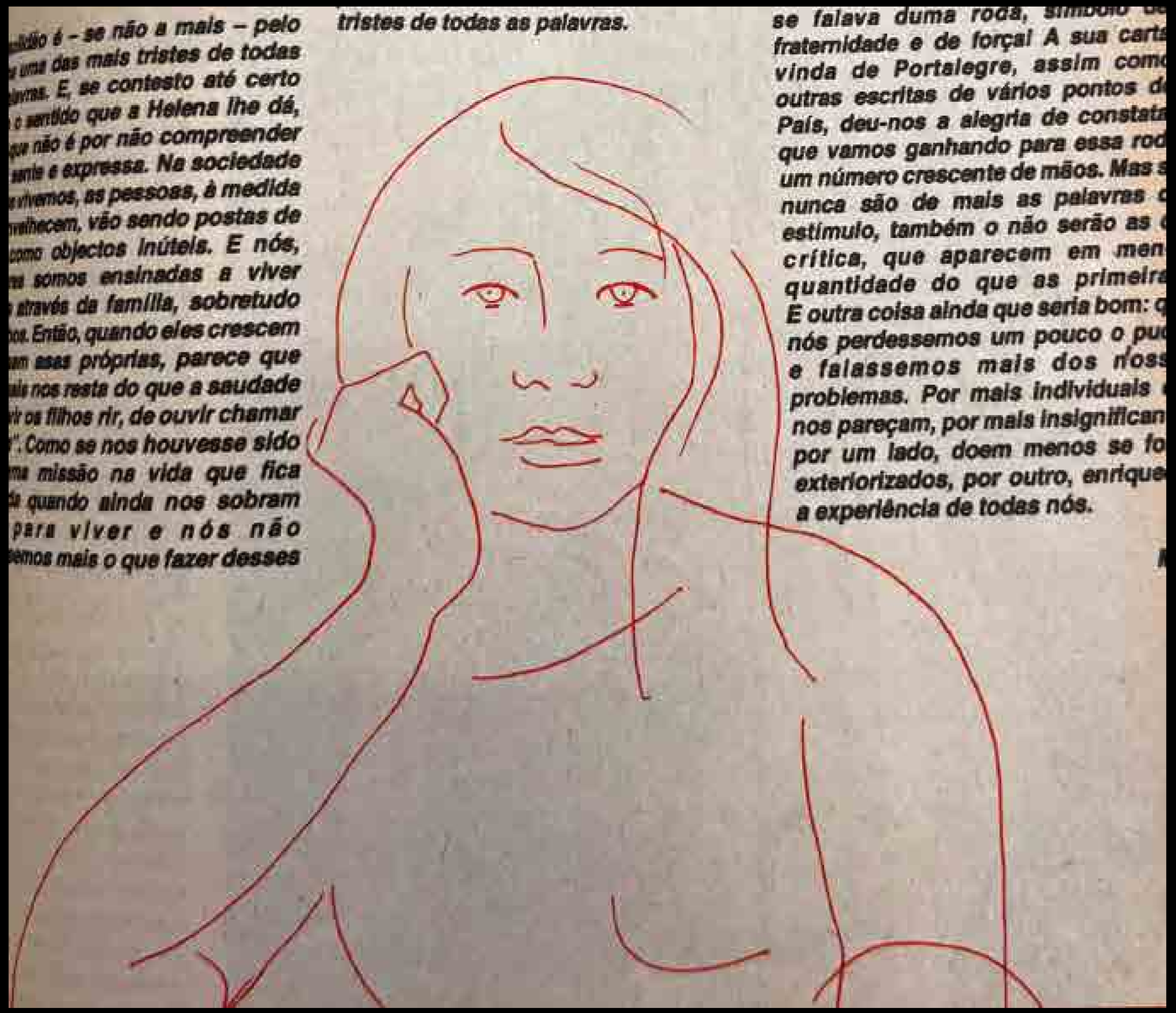
LURDES DE FREITAS? seção Quotidiano Breve, MULHERES, #6, out de 1978

LURDES DE FREITAS? seção as leitoras testemunham, MULHERES, #7, nov de 1978

LURDES DE FREITAS? seção cartas mulheres, MULHERES, #7, nov de 1978

Cartas a «Mulheres»

31



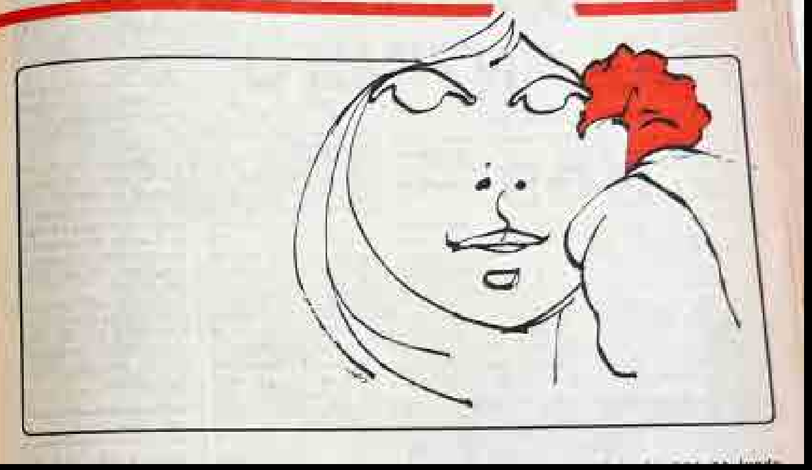
...sídio é – se não a mais – pelo ...a uma das mais tristes de todas ...avras. E, se contesto até certo ...o sentido que a Helena lhe dá, ...que não é por não compreender ...sente e expressa. Na sociedade ...e vivemos, as pessoas, à medida ...velhecem, vão sendo postas de ...como objectos inúteis. E nós, ...as somos ensinadas a viver ...através da família, sobretudo ...os. Então, quando eles crescem ...em asas próprias, parece que ...is nos resta do que a saudade ...ir os filhos rir, de ouvir chamar ...". Como se nos houvesse sido ...ma missão na vida que fica ...a quando ainda nos sobram ...para viver e nós não ...emos mais o que fazer desses tristes de todas as palavras.

...se falava duma roda, símbolo ... fraternidade e de força! A sua carta ...vinda de Portalegre, assim como ...outras escritas de vários pontos d... País, deu-nos a alegria de constata... que vamos ganhando para essa rod... um número crescente de mãos. Mas s... nunca são de mais as palavras ... estímulo, também o não serão as ... crítica, que aparecem em men... quantidade do que as primeira... É outra coisa ainda que seria bom: q... nós perdessemos um pouco o pud... e falassemos mais dos noss... problemas. Por mais individuais ... nos pareçam, por mais insignifican... por um lado, doem menos se fo... exteriorizados, por outro, enrique... a experiência de todas nós.

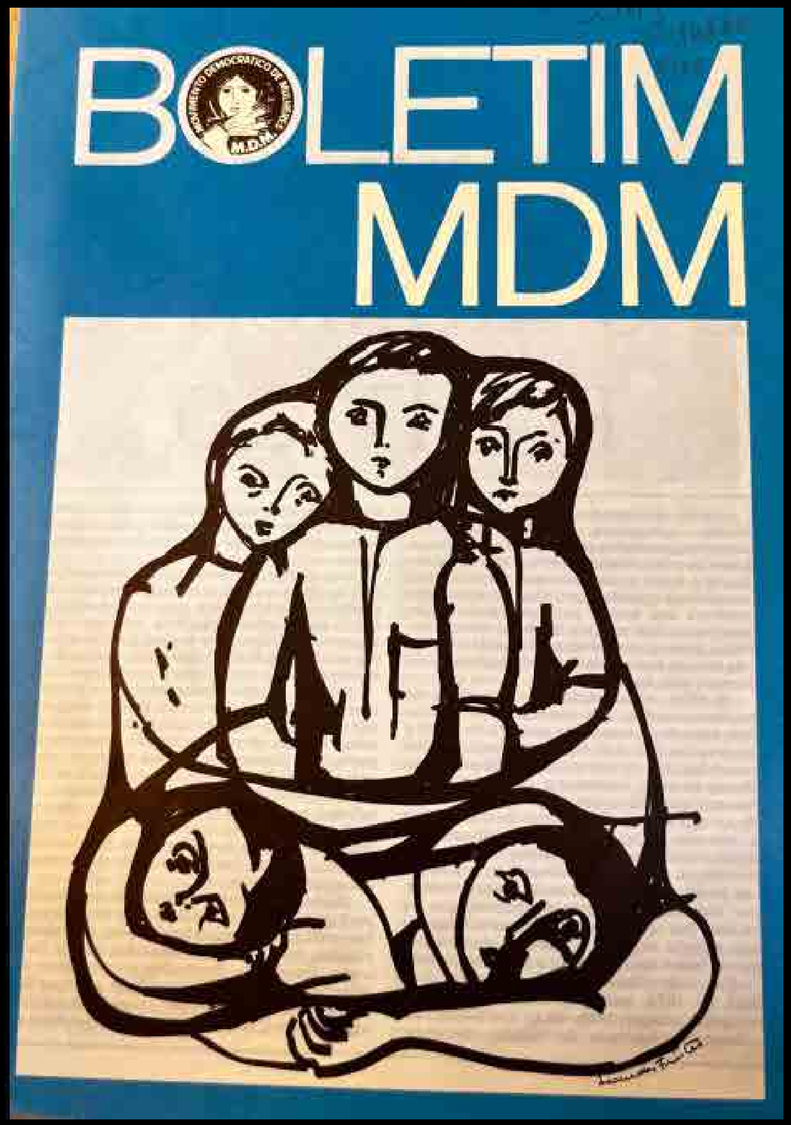
LURDES DE FREITAS? seção cartas mulheres, MULHERES, #8, dez de 1978

O 25 de Abril e as Mulheres

O 25 de Abril de 1974 veio libertar o povo português. Quem, mais do que a mulher desde sempre duplamente oprimida, violentada, explorada na própria carne, sente a alegria dessa libertação? Ela, que tenta agora caminhar de novo em liberdade e dignidade... O 25 de Abril abriu às mulheres as portas da sua própria dignidade, restituiu-lhe a voz, o gesto e a palavra.
Como cidadã, como trabalhadora, como mãe e como mulher, ela hoje testemunha:

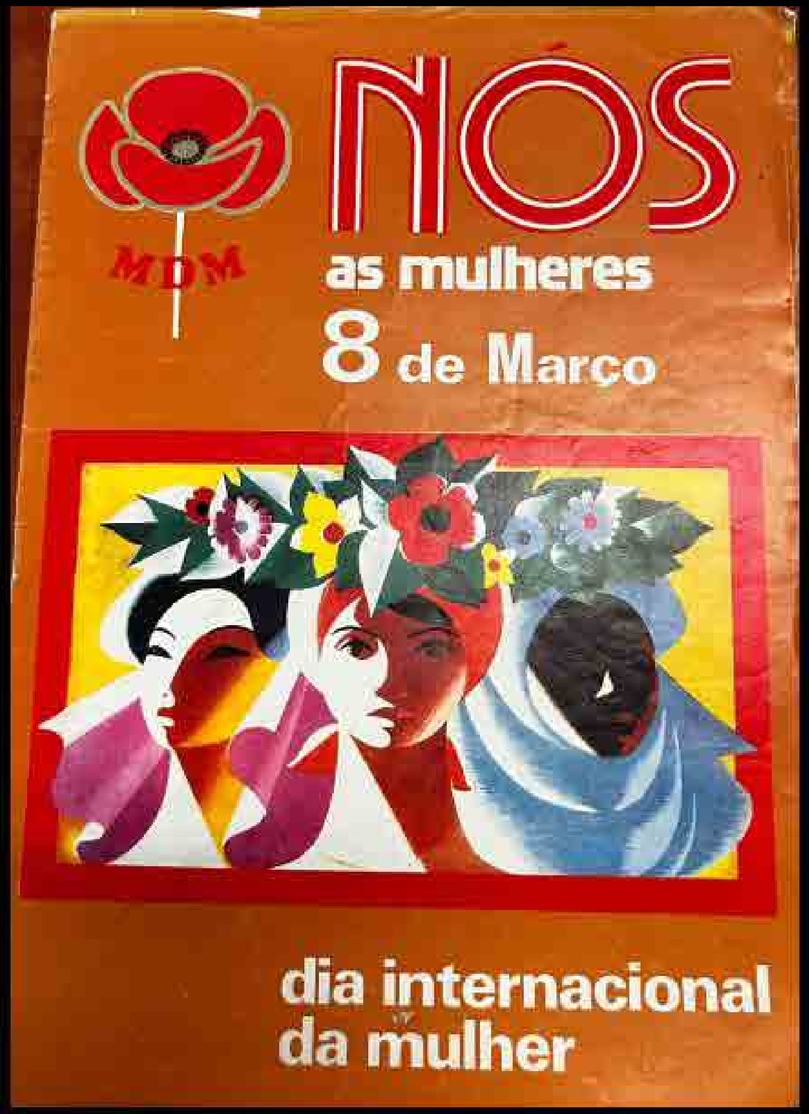


LURDES DE FREITAS? reportagem o 25 de abril e as mulheres, MULHERES, #12, abril de 1979



LURDES DE FREITAS, Capa, Boletim MDM - 1975

BIBLIOTECA NACIONAL, p. 114



LURDES DE FREITAS, Capa, NÓS AS MULHERES - jan 1977

UMAR, p.248

MARIA ZITA

BANDA DESENHADA

MULHERES

1978

Maria Zita Seção Uma história real, MULHERES, #2, junho de 1978

Maria Zita Seção Uma história real, MULHERES, #4, Ago de 1978

MULHERES

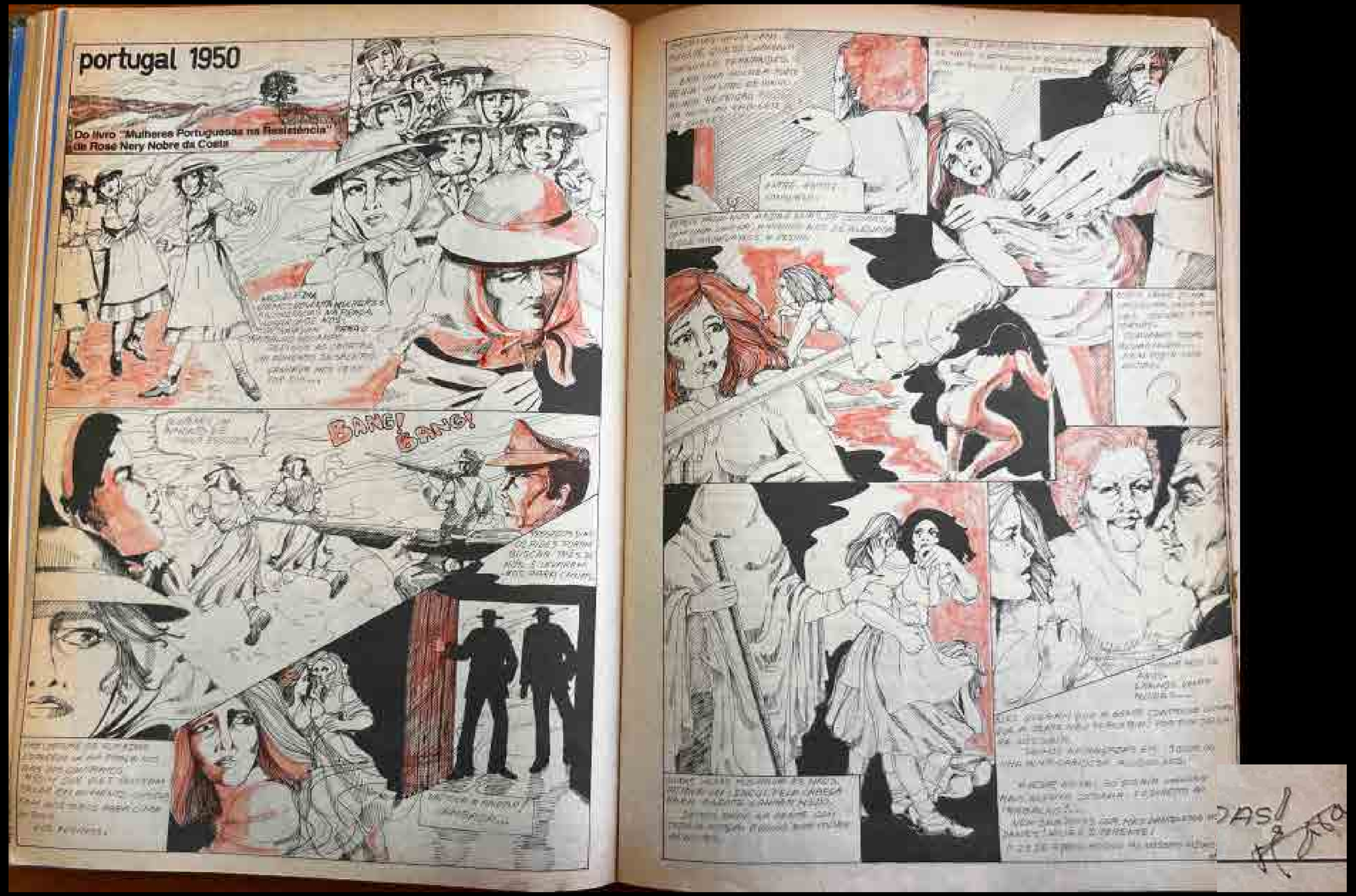
► ***Directora***: Maria Lamas.► ***Chefe de Redacção***: Maria Teresa Horta. ► ***Redacção***: Ana Cília, Eugénia Cunhal, Francisco Rodrigues. ► ***Colaboradores permanentes***: Ana Abel, Cipriano Dourado, Correia da Fonseca, Elisabete França, Fernanda Lapa, Fernanda Managão, Fernando Midões, Isabel Rocha, José Paulo, Judite Fonseca, Laura Lopes, Leandra Baptista, Lopes Correia, Lurdes de Freitas, Madalena Raimundo, Mara, Maria Judite de Carvalho, Maria Keill, Paula Abel, João Martins, Teresa Dias Coelho, Vítor Ferreira, Zita. ► ***Fotografia***: Isabel Ribeiro. ► ***Arranjo gráfico***: Leonor Mendes.

► ***REDACÇÃO*** — Av. Duque de Loulé, n.º 111-4.º andar. Tel. 55 79 52. ► ***ADMINISTRAÇÃO*** – Rua Cidade Quelimane, 3 r/c – Olivais-Sul – Lisboa. ► ***PROPRIEDADE*** – Editorial Caminho, SARL – Rua Cidade Quelimane, 3 r/c – Olivais-Sul. ► ***DISTRIBUIÇÃO-CDL*** – Av. Santos Dumont, 57-2.º, Lisboa-1. Telefones: 76 97 44/76 97 51/77 95 25/77 98 28. **Periocidade: mensal.**

Composto e impresso na **Heska Portuguesa** — Rua Elias Garcia, 27 – Venda Nova-Amadora

Mulheres - expediente da edição #5, set de 1978. APARECE O NOME “ZITA” ENTÃO PODEMOS ASSOCIAR A BD NÃO CREDITADA?

Maria Zita Seção Uma história real, MULHERES, #5, Set de 1978



Maria Zita Seção Uma história real, MULHERES, #6, Out de 1978

MARIA KEIL

ILUSTRAÇÃO

MULHERES

1978

Quotidiano
BREVE

► Ana Abel

Maria Keil

Escrevo para ti

Escrevo para ti, Rosa, que
nasceste lá longe, no campo, onde
amanhecem trigais.
Rosa perdida, que vendes o teu
corpo nas ruas citantas
e amargas do cais.
Escrevo para ti, jovem Lúcia, para
quem a primeira experiência de
amor se transformou, afinal, na
dureza humilhante de um
processo em tribunal.
Escrevo para ti, Celeste,
enganada no corpo e na vida,
joguete de um homem que se diz
teu dono e te viola cada vez que te
espanca, cada vez que toma teu
corpo e te obriga a ser por ele
possuída.

Escrevo para ti, Maria Fernanda,
casta e frustrada que agitas
a bandeira da tua «pureza» jamais
tocada.
É pela «honra perdida ou
conservada» mesmo a cheirar
a bolor que se vai matando, todos
os dias, o verdadeiro, autêntico,
digno conceito de amor.

Honra é assumirmos os nossos
actos com toda a dignidade,
é jamais traírmos a nossa luta pela
verdade.
Honra é sermos nós próprias sem
mentiras e sem rancor, é sermos
capazes de em toda a plenitude,
conscientes, abraçarmos o amor.
Honra é matar a mesquinhez,
o ódio e o cinismo, é de cabeça
erguida, ultrapassarmos
o abismo.
Honra é sermos combatentes na
certeza conseguida de ocuparmos
o nosso posto na barricada da
vida.
Mas...
Honra não é nem nunca foi, por
mais que gritem essa moral, coisa
tão simples, pequena ou banal,
que um único homem, em poucos
minutos, a roube à mulher, na
cidade, no campo, na cama ou no
areal •

Maria Keil, seção Quotidiano breve, MULHERES, #1, maio de 1978

Quotidiano BREVE

Quando em cada
Carícia
Das nossas mãos
Brota uma palavra

Quando em cada
Beijo
Dos nossos lábios
Surge um pássaro

Quando em cada
Contacto
Dos nossos corpos
Nasce uma flor

Somos um só
Nas nossas noites
Amor

Maria Keil

Conheci dezenas de mulheres, com muitos anos passados sobre a sua juventude, com muitos filhos nascidos, sem nunca terem sentido do amor a plenitude.

Por isso, Matilde, falar contigo foi fresca aragem na tarde longa e quente de estiagem.

Com os teus 22 anos, o teu rosto magro mergulhado em seriedade, vieste falar-me do teu amor tão cheio de beleza e dignidade.

Falaste-me do teu desejo de agarrar o amor inteiro, todo feito confiança, todo dar e receber.

Falaste-me da tua juventude e com amizade, ternura imensa, do companheiro que vais ter.

Para ti, o amor não é pensamento abstracto, palpa-se, sente-se, é alegria e sofrimento, é alavanca de tudo o que vive, é movimento.

E foi com o respeito mais profundo,
que desejei sinceramente
que entre as paredes de um quarto,
tu agarrasses o mundo.

Ana Abel

Maria Keil, seção Quotidiano breve, MULHERES, #3, julho de 1978

GIULIANA

ILUSTRAÇÃO//BD

MULHERES

1978

Giuliana, seção telvisão, MULHERES, #6, out de 1978

Mãe emancipada filho mimado

Enquanto pedimos ajuda às nossas filhas nos trabalhos domésticos, aos filhos, só porque são rapazes, poupamo-los...

Os nossos amados companheiros e maridos, dentro de casa, comportam-se muitas vezes como pajás. Alguns deles não obstante a sua boa vontade, são incapazes de levar à prática a divisão dos trabalhos domésticos.

Paciência... não tiveram oportunidade de serem ensinados. Mas os nossos filhos rapazes, filhos de mulheres emancipadas ou em vias de emancipação, como os criamos? Quantos deles passariam no «exame» de prestação de trabalhos domésticos? Quantos, na prática sabem pregar botões, passar a ferro ou fazer uma maionese sem a talhar?

Somos nós, mães emancipadas fora de casa e mamãs em casa, as culpadas da ignorância deles em matéria de sopas e lavagem de roupa...

Este artigo, aliás, escrevo-o por razões pessoais: no último Verão, num dia quente (cerca de 35 graus à sombra), dei por mim a engomar apaixonadamente algumas peças de roupa do meu filho Lourenço, de vinte anos.

Mais exactamente o pano que fique registado:

Seis camisolas, seis pares de cuecas, cinco camisas e dois pares de calças.

E se vocês vissem com que minúcia! – Procurei não deixar **engomado com a mesma meticulosidade ao fosso para a tua filha? Não terás, por acaso, guardado em ti um pequeno lugar de privilégio para ele?** – Além do mais, todas estas atenções nem sequer me tinham sido pedidas...

De facto, perante a minha pergunta (que exigia gratidão) – «– Já viste como as tuas coisas estão todas em ordem no armário?» – Acompanhada de uma reclamação «No mínimo no Verão escusavas de usar camisas, dão logo trabalho!» Ouvi uma resposta seca: «Obrigado, mas podias ter-me poupado a esse sacrifício, eu sei passar a minha roupa a ferro» – «Mas claro!» E não tenho direito seguer a lamentar-me, o mau, isto é daqueles que fazem a cama todas as manhãs. Sabe cozinhar e quando se dispõe a isso, inspira a casa e vai às compras... É nessas alturas, reconheço, tenho para com as suas panelas muito mais indulgência do que para as da minha filha... Surpreendo-me mesmo a ter pena deles. «Apesar de tudo é um rapaz... e ao a roubar-lhe tempo aos estudos, aos tempos livres...» – E a temer – confesso envergonhada – tirar-lhe... algumas gramas de virilidade!

Não lhe parece já muito?

Mas existem muitas outras mulheres ainda pior do que eu... Há umas noites atrás fui jantar a casa de uma amiga que tem dois filhos rapazes. A certa altura, apercebi-me que haviam dividido as tarefas: um põe a mesa e o outro levanta-a. Porém, antes de chegarem a um acordo quanto à divisão dessas tarefas, brigaram para decidir entre eles qual devia ficar com a parte mais agradável, isto é, levar os pratos sujos para a cozinha. Em compensação, a minha amiga havia feito as compras, cozinhado para oito pessoas e mais tarde teria de levar a loiça: pratos, copos, travessas, panelas, talhos, frigideiras, e pôr a casa em ordem...

Quando lhe perguntei: «Que mais fazem os teus filhos em casa?» Respondeu-me: «Não te parece já muito? Pobrezinhos, além do mais estão a preparar-se para os exames!»

A minha amiga é jornalista num jornal diário e trabalha dez horas por dia, pelo menos.

Somos tão indulgentes! Demasiado indulgentes

Quase todos os filhos rapazes, quer os mais velhos ou os mais novos, ficam sempre com os trabalhos de casa mais fáceis, mais ligeiros: põem e levantam a mesa, levantam e põem a mesa...

Fiz uma pequena sondagem sobre a contribuição deles no trabalho doméstico e cheguei a várias conclusões...

Às perguntas: «Faz a cama de manhã?», a resposta é quase sempre: «Agora não, porque está a estudar, porque tem de se levantar cedo, etc.»

«E as compras?» – «Não, vão buscar o leite e o pão... não devo fazê-lo carregar muito peso...» (ao calhar o filho é algum recordista da natação...)

«Lava os pratos, as panelas, engoma, cozinha?» – «Põe manteiga no pão. Outras coisas, não. Queimaria, partiria, arranharia, aminarte».

Como se aquele belo rapagão musculoso e intelectualmente dotado, fosse um diminuído, totalmente incapaz de fazer qualquer trabalho manual. No entanto é um mestre a reparar a moto a bola que esvazia, ou os patins – isto é, as coisas que lhe interessam.

Raparigas menos indulgentes

Por outro lado o filho rapaz é um prodígio de habilidade no lugar, no cortar a corda que o prende à casa, não só no quotidiano mas sobretudo nos momentos cruciais: partidas festas de família, chegada de parentes antes quando haveria mais necessidade d sua ajuda, de su colaboração.

Sabe no entanto fazer vale quase por encanto, aquel dotes, que nos parece atavicamente masculino mas que outra coisa não s que o fruto de uma educaç determinada. Assim, reclama a liberda e autonomia, o direito repouso em casa... contrapartida, não exige a prepotência de m maridos em velhos mo que se lhes lustre os sap Pelo contrário, estes ra sabem ser muito disc fantasiosos, poéticos, amáveis, nas «distracções»...

Mesmo as m emancipadas e libertad reproduzido e repr ainda agora, por culp filhos-rapazes. Incap executar algum dos t domésticos.

Mas, atenção: já t raparigas menos m que nós, mães, mu dispostas a multipli por quatro, para se «viciozitos» q adquiram em casa

Giuliana, reportagem Mão emancipada filho mimado, MULHERES, #11, mar de 1979

Giuliana, reportagem em que pensam as mulheres quando fazem trabalho doméstico?, MULHERES, #12, abril de 1979

ser dona de casa é...

Em cada uma de nós há uma dona de casa escondida. Ser dona de casa é uma espécie de «segunda pele» que as mulheres transportam consigo toda a vida, que têm em si por educação, latente desde a infância. Criança, adulta, idosa; operária, engenheira nuclear, escritora, trabalhadora do campo, ela é também **dona de casa**. Ser dona de casa, é pois o sinal de nossa condição comum, ainda que (por estado, condição social, cultura, experiência etc.) cada mulher viva isso de modo diferente. Dentro de nós, marcada na *nossa fronte, nos nossos gestos, nos nossos sentimentos: o hábito, raiva ou angústia, o cansaço, resignação e também, quantas vezes, solidão a peso enorme de um trabalho sempre igual, repetitivo e grosseiro. Posso ou nada oblativo...*

Pôr o corpo ao serviço de...

Mãos, olhos, lábios, coração, habilidade, sensibilidade, ternura, amor, bom senso: ao serviço dos outros...

Sempre presentes e prontas, disponíveis, nós lavamos a roupa, e louça, cozinhamos das crianças, fazemos as compras, as camas, preparamos o almoço, o jantar, passamos, engomamos, varremos, limpamos o chão da cozinha, dos varandins, das escadas, servimos o café, escovamos os fatos, os cortinados, pregamos os botões, fazemos as bainhas das calças e das saias, dos lábios, lavamos sem-fim sapatos, as botas, despejamos os cinzeiros, os caixotes do lixo.

Mãos, olhos, lábios, coração, inteligência, argúcia, sensibilidade, ternura, amor, bom senso: ao serviço dos outros...

Sempre presentes, prontas, disponíveis, temos ainda a habilidade de conseguirmos ser do mesmo tempo: mulher, mãe, amante, dona de casa.

Isolamento

E a casa: são as suas paredes que as trabalhos por outras tarefas e suas tantas paredes ao longo a cidade.

E o silêncio de tanto pesado, a certas horas do dia, a solidão e crescer no dia quando se passa uma roupa a ferro, ou se lavam, por exemplo, as tralhas dos crianças...

E aquela sensação de gri amordaçado na garganta, nó, brutal e apertado... dos corredores da casa, penumbras espessas da cas

As escadas. O sono, tanteiras: o pé nos móveis ao têm de limpar todos os dias...

E também a casa aqueles rapinela de pessoas q amamos; onde nos sentimos protegidas, defendidas co o que sempre nos ensinaram a temer, a sentir como hos tudo o que é exterior à casa tudo o que está do lado de fora da sua porta.

Não ter tempo para si própria

Sacrificar-se pelos outros

Nós sacrificamo-nos pelos outros. Somos o «lado do tal», o «apoio», o «guarnição», o «anjo da guarda». Sempre cuidadas, pacientes, submissas, sacrificadas, capazes de servir um café com ternura...) no momento exacto. De passar uma camisa, com amor, de adiar até ao impossível o dinheiro que nos entregam para governar a casa. Levantamo-nos antes de todos, sendo normalmente sempre as últimas a deitar-nos.

As crianças choram de noite, somos nós quem nos levantamos para as acalmar. Têm febre, somos nós quem as tratamos. Quem as vamos trazer às escolas, quem vai com elas fazer as vacinas ou ao médico.

Esse «dever de sacrifício» já faz parte da nossa maneira de encarar a vida. Assim, amor e carinhos passados a ferro, aparecem inseparáveis: amar e servir, verbos sem possibilidade de se divorciarem.

Há que levantar, mesmo a suspeita de que amor é processamento e convívio: de que amor é, acreditado, colaboração e respeito.

Quando é que as mulheres vão ter «tempos livres» para respeitem em si próprias?

Nós, que no canto, pensamos:

— **Olaia esta noite o rebelde não chore...** E no cinema:

— **Não tenho dado a atenção devida ao Carlos...**

E que logos nos sobrepõem-lamos quando pegamos num livro: — **Teria desligado a máquina de lavar?...**

Existe algum homem que em plena Conselho de Administração recepção de engenheiros, por exemplo, do podim de deixe ou de empadão de galinha?

Mas o pior é que para nós, o problema nem sequer é de «ter tempos livres», mas conseguir dentro de nós disponibilidade para os «outros». E isto é o cheiro complexo de culpa de estarmos a roubar tempo a casa, aos filhos, ao marido.

Sentir-se insubstituível

Mais de dois milhões de «amas» de casa. São mulheres que não têm outra actividade se não o trabalho doméstico que executam todos os dias: um trabalho invisível, não compensador, que repetem quotidianamente, cansativo, alienante, repetitivo, rotineiro e sobretudo sem finalidade, pois, mal se conclui logo é desfeito: lavar a louça, a roupa, para a tornar a sujar, fazer as camas para as tornar a desfazer... mal se acabou o almoço já se está a começar o jantar, por exemplo.

Trabalho sem férias, nem feriados, nem domingos.

Em casa «sabemos de tudo», «FAZEMOS tudo», somos «responsáveis por tudo». E tudo isto gratuitamente: a nossa função económica consiste em reconstituir a maior parte da força de trabalho do homem. Vivemos para alimentação, para manutenção da casa, pelo vestuário, pela educação dos filhos.

Nisto, dizem-nos, somos insubstituíveis.

O que fazer?

Que podemos então fazer para que as coisas mudem? Para que o mesmo mundo deixe de ser o da cozinha, o nosso reino o da sopa?

— Cozinheiras dos sentimentos, cozinheiras do amor, da compreensão, do sacrifício, cozinheiras são de uma parte importante da nós próprias...

Os «slogans» certamente, a publicidade, a educação, impelem-nos a assumir esta imagem milenária. Há que, no entanto, reagir contra isso: Há que discutir tudo isto com as outras mulheres. Dentro de casa e não só. A consciencialização é importante, imprescindível.

Há que encontrar espaço, tempo, disponibilidade e ânimo, poder falar (sem que os filhos morram de fome, a casa se afunde na desarrumação, o gato sinta carência afectiva e o marido abandonado, não amado...), e mesmo se preciso, gritar em voz alta e nossa modo de viver, reconhecermo-nos a diferença estatuto por nós próprias.

Há que alargar as companhia das outras mulheres (unidas em movimento) os problemas específicos que nos afectam.

Giuliana??, reportagem ser dona de casa é..., MULHERES, #14, junho de 1979

As mulheres constituem hoje em dia mais de 50% da Humanidade. Porém, continuam a aparecer como sendo marginalizadas, secundarizadas, relegadas para as tarefas consideradas menos importantes, como por exemplo, os trabalhos domésticos

Trabalho doméstico: o que é?

A sociedade estabeleceu um papel específico para a mulher e outro para o homem. Ao homem diz-respeito: a chefia, a autoridade, a criação, o trabalho social, a ciência, a administração, a política... à mulher diz respeito: a reprodução, o tratar dos filhos, os trabalhos de casa, a obediência, a compreensão, a submissão...

Para que a mulher chegue a assumir este papel, a que desde a infância é condicionada, educada, amestrada... nela incutes-se diariamente, a aceitação da divisão do trabalho em função do sexo, e normalmente é a família o primeiro centro de educação nesse sentido. Repare-se como cedo se começa a diferenciar as raparigas dos rapazes... e mentes vests de cor-de-rosa e o menino de azul, os brinquedos não diferentes para uns e outros. Ao rapaz cabem os jogos, as bolas, os carros, as construções, o estojo de carpintaria ou de química... brinquedos que desenvolvem a criação, que têm um sentido activo, que indicam um trabalho produtivo.

Os brinquedos das raparigas, pelo contrário, giram em torno da maternidade, do trabalho doméstico: bonecas, bonitinhos, ferros de engomar e almofadinhas, instrumentos de embelezamento e coquetaria, que a vão ecanomar ao seu futuro papel de objecto decorativo.

O que é o trabalho doméstico

O trabalho doméstico é o resultado da divisão de tarefas em função do sexo com que se nasce: trabalho que parece lhe ser atribuído à mulher «por natureza», o que faz com que as mulheres sejam encaregadas de ir fazer as compras, cozinhar, lavar a roupa, lavar as louças, varrer, arrumar a casa, dar banho às crianças, remendar as meias, cuidar do marido (quantas mulheres não dizem «e como se tivesse em casa outra criança...») acalmá-lo, servir de escape das suas irritações (quantos gritos já as mulheres ouviram, quantas zangas, sem nada terem a ver com a causa desse aborrecimento...) e ainda dar-lhe forças para ele continuar trabalhando, lutando.

Evidentemente, o trabalho doméstico é aquele que as mulheres fazem, gratuitamente, e sua função económica consiste em reconstituir a maior parte da força de trabalho do homem, através das matérias-primas e transformou-as numa, a utilização, para consumo imediato. Assim, a mulher, pela alimentação, pela limpeza, pela construção e manutenção da casa, pela educação dos filhos

Como é o trabalho doméstico?

O trabalho doméstico realiza-o cada mulher em casa. É um trabalho sem horário fixo(a), a mulher do trabalho doméstico. Por mais que ha faça a vida, a luz se primeira mantem-se.

O trabalho doméstico é útil e necessário

Todos nos comemos, usamos roupa, necessitamos de trabalho, de nos relacionar, porque, antes, as de mulheres se vão ocupando das e realizar exclusivamente em trabalho que consiste à manutenção? Salvo no caso da pessoa e do amor, as mulheres e os homens consequem poderá executar as mesmas coisas (pois foi que já demonstrou não ser o chamado «sexo capaz de fazer a roupa?...

para aqueles que dizem haver as mulheres menos força física para executar certos trabalhos, existe um argumento: acaso as máquinas não servem para ajudar? Os avanços da técnica não têm que facilitar a vida da população?

Quem beneficia com os trabalhos domésticos?

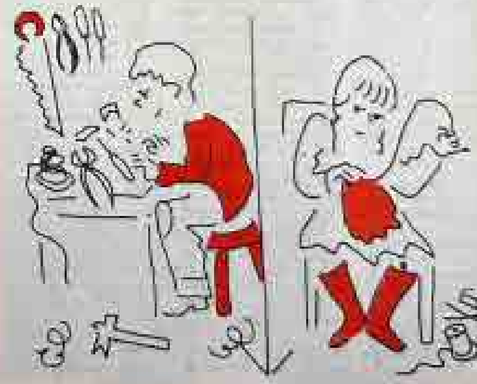
Se as mulheres não fizessem as tarefas domésticas, o Estado teria que arranjar o fundo gastando muitos milhões para comprar em quantidade creches, lavandarias, restaurantes colectivos e económicos, em catadismo. Quem já parou a meditar nesse facto, que omissão tem evidente nele ninguém parece reparar? Nem mesmo as próprias mulheres?

Como sair desta situação?

Na medida em que, como acabou-se o trabalho de casa é um trabalho absolutamente necessário para todos e que todos podem realizar, não pode mais ser considerado como obrigação exclusiva das mulheres. É preciso que cada um faça a parte que lhe corresponde. Numa família o trabalho doméstico deve ser dividido por todos.

As mulheres têm, também de lutar pela criação de estruturas sociais de apoio, que as audem a libertar de cadeia de prisão, tarefas e penas de ser — e cito — como lhe estamos das suas vidas.

Então, um dia, a dona-de-casa poderá sair para trabalhar e produzir ser economicamente independente. □



Giuliana??, trabalho doméstico: o que é? , MULHERES, #13, maio de 1979

Segunda-feira ponho-me a dieta

alguns quilos a mais, quer seja um homem de negócios, uma dona-de-casa, um atleta ou uma criança de tenra idade: **não porque quer que lhe sirvam aquelas «jeans» n.º 38, ou porque pretende fazer boa figura ao lado do seu marido, mas sim porque se trata de uma questão de saúde e de equilíbrio psíquico.**

Você ainda acredita que...

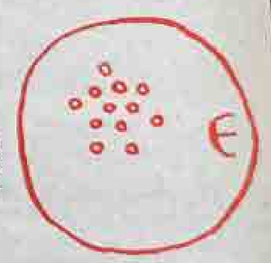
—Basta andar mais para poder acabar com a dieta?

Só até certo ponto: andar a pé, aliado à dieta, aumenta o dispêndio energético, **mas não dispensa esta.** Pense que para anular as calorias de uma pequena fatia de torta, terá de andar durante 1 hora e 10 minutos a passo acelerado.

—Beber durante as refeições faz engordar?

Não: a água da torneira, ou não gaseificada, é necessária e nunca fez engordar ninguém.

— O limão faz emagrecer?



Não: o limão possui muitas calorias. E se tomado (sumo) em grandes quantidades, por ser um alimento de estrema acidez, pode causar inconvenientes digestivos.

saúde: procure o seu médico, siga os seus conselhos

(imposta) pela sociedade que a rodeia

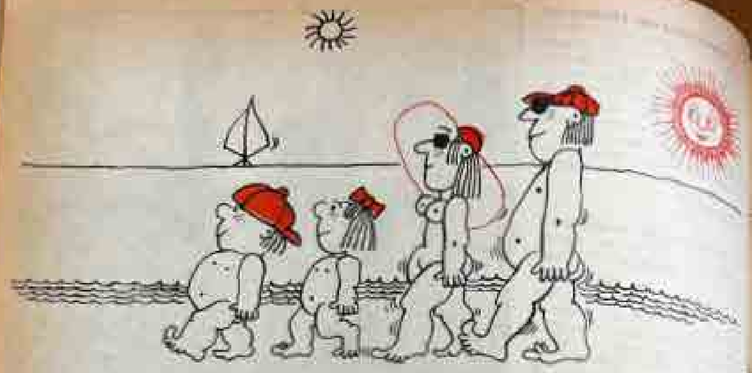
Giuliana, segunda-feira ponho-me a dieta , MULHERES, #14, junho de 1979

Giuliana, mulher dona de casa quantas horas de trabalho?, MULHERES, #15, julho de 1979

DONAS DE CASA FAZEM ASSOCIAÇÕES

Associações de Donas de Casa acabam de ser criadas na Venezuela, como instrumentos na luta contra a especulação.
Estas Associações têm como objectivo formar as donas de casa para que definam os seus direitos e actuem como fiscais, para evitar a especulação de comerciantes menos honestos.
Paralelamente está em curso uma campanha de educação do consumidor, através da qual se orientará o público para comprar com critério racional o mais conveniente e adequado às suas necessidades.

Giuliana, seção daqui e dali, donas de casa fazem associações, MULHERES, #15, julho de 1979



Férias para as mulheres: Será que há?

Estamos em pleno Verão. O calor aperta. Cai-nos em cima o cansaço de um ano. As escolas estão fechadas e as crianças precisam de sol, de liberdade, de espaço.
Nós também. Tivemos o trabalho, a cidade, o trânsito, o ar poluído, o barulho, a corrida constante contra o tempo.
Agora vem a saudade do mar, das árvores, do céu.
Precisamos de descansar, de mudar de ambiente. O problema que se põe é: para onde? Poderemos realmente escolher?

Falámos com muitas pessoas. Perguntámos-lhes o que tencionavam fazer nas férias. E mais: Se as soluções encontradas correspondiam aos seus desejos, às suas necessidades. Raras foram as que disseram que sim.

Esperança é empregada de escritório. Vive num bairro limítrofe da capital, para onde foi quando casou há aproximadamente quinze anos, com o marido e um filho de onze.

Encontrámo-la em casa de uma amiga comum.

- Estou mesmo arrasada. Preciso de férias como de pão para a boca. Riu e acrescentou:

- Olhe, apetecia-me ir para um bom hotel. Chegar à mesa sem saber o que ia comer, ter um belo quarto com vista para o mar...

E, depois, já séria:

– A gente brinca mas é triste que se trabalhe tanto todo o ano e não se tenha umas férias capazes. Se não fosse o dinheiro precisar muito de praia parece-me que preferia ficar em casa. Já pensou o que é ir a vir todos os dias para a Costa da Caparica? Levantar cedo, tratar do almoço para levar, chegar a casa e ter tudo para fazer?

Tínhamos pensado, sim, mas muito vagamente.

Eis porém-nos que demora para cima de três horas no caminho, parte delas passadas em tristíssimas bichas.

Fizemos as contas: **em transportes gastam só três, ao todo** (metro e camioneta) **133$00, o que faz em 30 dias 3 990$00.**

– **Férias baratas**, sim – diz a **Esperança** – **Simplesmente, de férias têm pouco. Principalmente para nós.**

Nós, quem?

– Ora! Para nós, as mulheres.

REFEIÇÕES PRONTAS – CAMA FEITA

Lemos-lhe no olhar a nostalgia de três de tarde na praia, a ver tranquilamente o pôr-do-sol, de dias feitos de horas descansadas de viver, depois de onze meses de tempo esfarrapado.

Talvez uma pensão. Um quarto-abrigo cujo preço englobe as refeições prontas, servidas na mesa, e cama feita, para quem passa um ano a fazer camas e a cozinhar.

Quanto custariam as férias da **Esperança** numa pensão?

Informámo-nos dos preços de pensões em duas localidades: Sesimbra e Costa da Caparica. A diária para os três, ou seja, alojamento num só quarto e comida, ainda por volta dos 900 e duzentos escudos, o que significa, ao fim de um mês, 36 contos!

Quem poderá, então, ir para um hotel? **Nas mesmas localidades e ainda em Oeiras e Praia das Maçãs, uma estadia num hotel, para um casal com um filho da idade da Esperança anda pelos 2 630$00. Multipliquemos por 30 dias e dá-nos... 78 900$00!**

UMA CASA NA PRAIA

Claro, poderemos alugar uma casa na praia. Talvez não seja a solução ideal para quem terá de continuar a cumprir tarefas que já lhe competiam durante todo o ano. Mas algumas mas fundamentalmente as mesmas. No entanto, quanto mais não seja, poupar-se-iam as idas e vindas.

Soubemos que na Costa da Caparica um casa com talvez menos do que as mínimas condições é alugada por cerca de 23 contos.

Conhecemos quem andasse a procurar e desistisse. É o caso de Emília.

Emília tem dois filhos: Elisa e André, respectivamente com nove e sete anos. O marido é natural da Beira Baixa, os pais vivem lá.

– Tenho férias em Setembro. Vamos para casa dos meus sogros. Não pagamos renda e gastamos relativamente pouco com a alimentação pois temos o bolata, a cebola, as hortaliças, os alhos, essas coisas assim de casa. Durante o mês de Agosto vamos um domingo ou outro com os miúdos para a praia.

– Acha que é suficiente?

– É evidente que não, mas que outra coisa podemos fazer? A miúda não tem problemas de saúde mas o André passa os invernos com anginas. O médico diz que se ele apanhasse muita praia evitava ser operado às amígdalas. Ainda andámos a ver casas mas o que pedem por elas é incompatível com as nossas posses.

– Você falou nos filhos. E por si?

Prefere o campo ou gostaria mais de ir para ao pé do mar?

A resposta foi pronta:

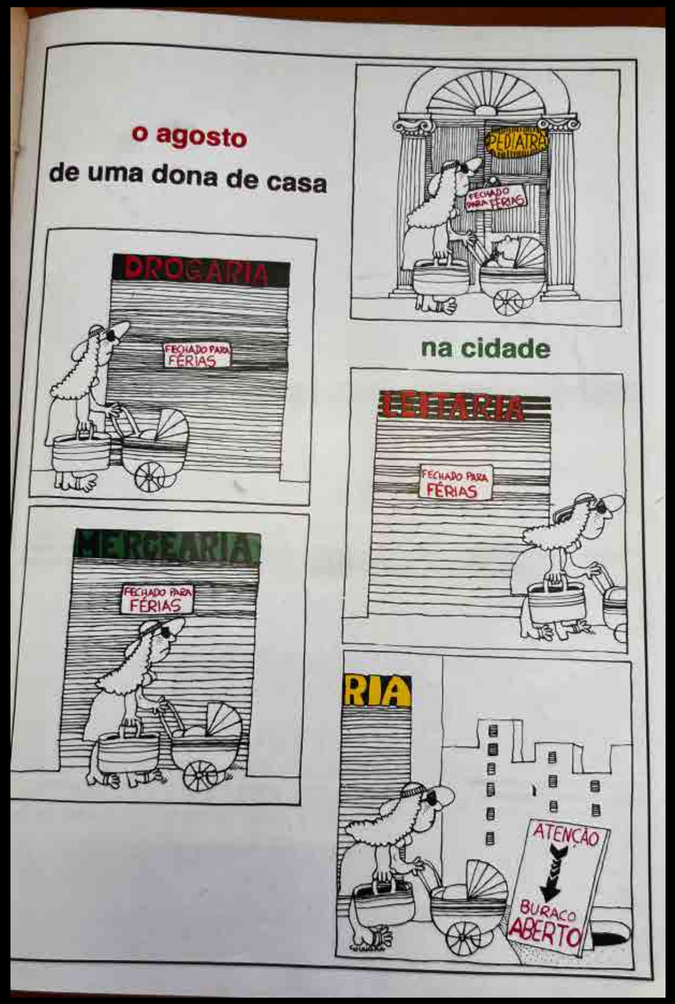
– Se pudesse escolher não hesitava. Farta de aldeia estou eu, vivi lá até aos 18 anos e não posso dizer que tenha boas recordações. Antes de ir para a escola tinha que tratar dos animais, regar a horta... levantava-me cedo e ela não tinha marido. Quando ouvia as pessoas dizerem que o hortaliça estava sem fazer mesmo revoltado. Quem viva na cidade não faz ideia do trabalho que dá para se colher as coisas medrarem! Além disso, tenho eu como o meu marido adoramos o mar. Somos capazes de ficar horas seguidas a olhar as ondas. Gostava muito que os meus filhos aprendessem a nadar. Eu nunca tive essa possibilidade mas mesmo assim gosto muito de andar na água.

Por último resta como alternativa as férias nos parques de campismo. A maioria das pessoas que optam por elas não o fazem pelo gosto do campismo como desporto mas apenas por razões económicas.

– Mas esse será o tema de uma nossa próxima reportagem.

E.C.

Giuliana, férias para as mulheres:será que há?, MULHERES, #16, ago de 1979



Giuliana, o agosto de uma dona de casa, MULHERES, #16, ago de 1979

Planeamendo familiar e os serviços Médico-Sociais

Os serviços Médico-Sociais não pagam os contraceptivos mecanicos, tais como o Diafragma e o Sterilet. Deste modo, encontra-se gravemente comprometido o planeamento familiar.

O planeamento familiar, em Portugal, foi criado oficialmente em 16 de Março de 1976, por um despacho da Secretaria de Estado da Saúde. O responsável desta Secretaria, à época, era o Dr Albino Aroso, actual presidente da Associação Portuguesa de Planeamento Familiar, instituição privada, que foi pioneira do planeamento familiar em Portugal.

Em 1965, a Organização Mundial de Saúde, lançou um apelo a todos os países membros sobre a importância do Planeamento Familiar na saúde materno-infantil. Mas, em Portugal, a linha ideológica do anterior regime impediu que o planeamento familiar fosse assumido pelas instituições oficiais de saúde.

A própria Associação de Planeamento Familiar teve uma vida difícil. A divulgação da contracepção era proibida e só através da clínica privada a população tinha acesso aos contraceptivos que, entretanto, existiam no mercado farmacêutico.

a ser usados sem orientação técnica", determina-se que "em todos os Centros de Saúde e na medida das disponibilidades técnicas, seja criada uma consulta de Planeamento Familiar, integrada na valência da saúde materno-infantil».

Actualmente, segundo dados fornecidos pela Direcção Geral de Saúde, estão em funcionamento cerca de **250 consultas** de planeamento familiar, que elucidam a população acerca

-se que o Estado se compromete a **«promover por todos os meios necessários a divulgação dos métodos de planeamento familiar e organizar as estruturas jurídicas e técnicas que permitam o exercício de uma paternidade responsável»**.

Em todo o mundo, os métodos mecânicos, nomeadamente os dispositivos inter-uterinos, são os que se consideram mais seguros e particularmente indicados para as mulheres que, por razões de saúde não podem usar contraceptivos químicos, como a «Pílula».

Os inter-uterinos são também os contraceptivos mais indica-

-Sociais, basear-se-ia numa orientação clínica segundo a qual os inter-uterinos podiam ser considerados «abortivos» e não «contraceptivos».

Trata-se de um problema técnico, que dificilmente se integra na política de saúde de um estado laico, onde ninguém pode ser favorecido ou prejudicado por razões religiosas, ou ideológicas.

ção preventiva ntra o aborto

Grave atentado à saúde

O uso dos diapositivos inter-uterinos tem-se divulgado em Portugal nos últimos anos, constituindo uma das fontes de rendimento da clínica privada.

Em Lisboa, a colocação de um **Sterilet** no consultório médico **varia entre mil e três mil escudos**. O custo do **Sterilet** no mercado farmacêutico **é de cerca de 200 escudos!**

A recusa dos Serviços Médico-Sociais de não reembolsar a colocação do **Sterilet** protege, por um lado, a classe médica e lesa, sobretudo, a população de menores recursos económicos, que não podem recorrer à clínica privada.

Admite-se que, alterando-se a actual política dos Serviços Médico-Sociais, e passando a reembolsar os contraceptivos mecânicos, estes possam ser designados por «Proteses»!

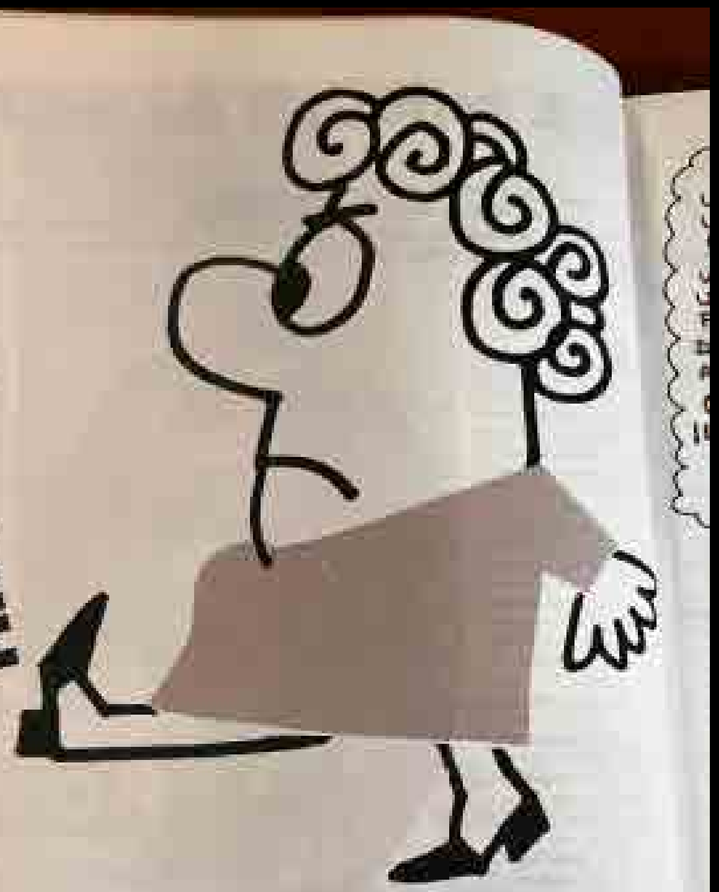
A primeira conclusão a tirar

Giuliana, planeamento familiar e os serviços médico-sociasi, MULHERES, #18, out de 1979

Giuliana, o que a vida custa, MULHERES, #23, mar 1980

reportagem

FINS DE SEMANA...



Que descanso para as mulheres?

Contam-se os dias pelos dedos: «Quanto tempo falta ainda para o fim-de-semana?»... E os projectos vão-se acumulando: ler um bom livro, ver um bom filme, dormir até tarde, ir ver o mar ou a exposição de pintura na Gulbenkian... Ter tempo livre para se repensar... Descansar!

também ela tamanha o esforço das compras, da roupa por passar a ferro e aguardar toda a semana em cima da tábua de engomar, dos jantares e dos almoços, da louça, do chão da casa de banho que se tem de lavar...

«Chego ao fim do domingo sem ter feito praticamente nada do que arquitectara fazer...» – comenta **Carolina Mega**, da secretariado do Movimento Democrático de Mulheres, que falou também das compras ao sábado:

«A correr de loja em loja, procurando os preços mais baratos, de mercearia à charcutaria, ao talho, ao supermercado, esperando nas bichas...»

Por seu lado, **Maria dos Anjos**, secretária, divorciada, referiu-se igualmente às compras dos sábados:

«Não tenho um segundo para mim. As crianças que não me tiveram disponível toda a semana, não me largam. E como tenho quatro... Logo de manhã, sozinha, com a mais nova pela mão, são as compras, sacos e sacos a deitarem por fora (faço as compras para a semana inteira), que vou arrastando conforme posso.»

Já **Antónia**, datilógrafa, mãe solteira, queixa-se mais das refeições que durante o domingo tem de fazer para a semana que vai começar:

«É que não tenho tempo durante a semana para preparar os almoços para a merenda levar para a sala... Para me agarrar economicamente tenho as horas extraordinárias, aos sábados... E também ao domingo faço lavo e engomo a nossa roupa, que limpo a casa.»

«Descanso?!»

Elas trabalham, pois, os cinco dias da semana, levantam-se às 6 ou 7 horas ou mais cedo ainda e quando chegam ao fim-de-semana, mas desta vez em casa, continuam a trabalhar, chegando muitas vezes à segunda-feira mais enervadas, mais tensas, do que quando começaram os tão falados dias de «descanso»...

• «Descanso!? Eu até já prefiro os dias de semana a trabalhar no escritório. Canso-me bem menos!» – **Maria Lemos**, dactilografa.

• «Descansar, descansa o meu marido... eu trabalho como uma escrava aos fins-de-semana! Enquanto ele fica a ler o jornal ou a ver televisão, eu cozinho, lavo, engomo, faço as limpezas, as compras da semana, trato das crianças, lavo a loiça. O que é isto?!» – **Maria Fernanda Guedes**, telefonista de empresa.

• «Que descanso e este? Que descanso, não me diz? Esfalfo-me durante a semana na fábrica e aos sábados e domingos em casa!» – **Ana Maria Torres**, operária têxtil.

• «Se descanso? Essa é

Giuliana, que descanso para as mulheres?, MULHERES, #58, mar 1983

▸ **Directora interina:** Helena Neves. ▸ **Chefe de Redacção:** Maria Teresa Horta. ▸ **Redacção:** Leonor Nunes. ▸ **Colaboradores Permanentes:** Jorge Ribeiro, Fernando Midões, Marina Dias, Susana Ruth Vasques. ▸ **Fotografia:** Isabel Ribeiro e Isabel Ferreira. ▸ Arranjo Gráfico: José João. ▸ **Traduções do italiano:** Mila Cadina. Exclusivos da revista francesa **«F. Magazine»** e das revistas brasileiras **«Nova»** e **«Claudia»**.

▸ ***REDACÇÃO*** – Av. Duque de Loulé, n.º 111-4.º 1000 LISBOA, Tel. 57 43 52.

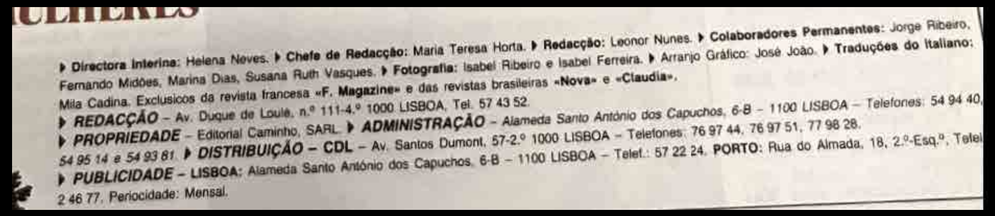
▸ ***PROPRIEDADE*** – Editorial Caminho, SARL. ▸ ***ADMINISTRAÇÃO*** – *Alameda Santo António dos Capuchos, 6-B – 1100 LISBOA – Telefones: 54 94 40, 54 95 14 e 54 93 81.* ▸ ***DISTRIBUIÇÃO*** – **CDL** – Av. Santos Dumont, 57-2.º 1000 LISBOA – Telefones: 76 97 44, 76 97 51, 77 98 28.

▸ ***PUBLICIDADE*** – **LISBOA:** Alameda Santo António dos Capuchos, 6-B – 1100 LISBOA – Telef.: 57 22 24. **PORTO:** Rua do Almada, 18, 2.º-Esq.º, Tefel.: 2 46 77. Periocidade: Mensal.

Giuliana + expediente, MULHERES, #74, Jun 1984

UMAR, p. 191–192

***Giuliana não é creditada como colaboradora permanente. Se ela não assina seu trabalho, não há vestígios de sua autoria.**

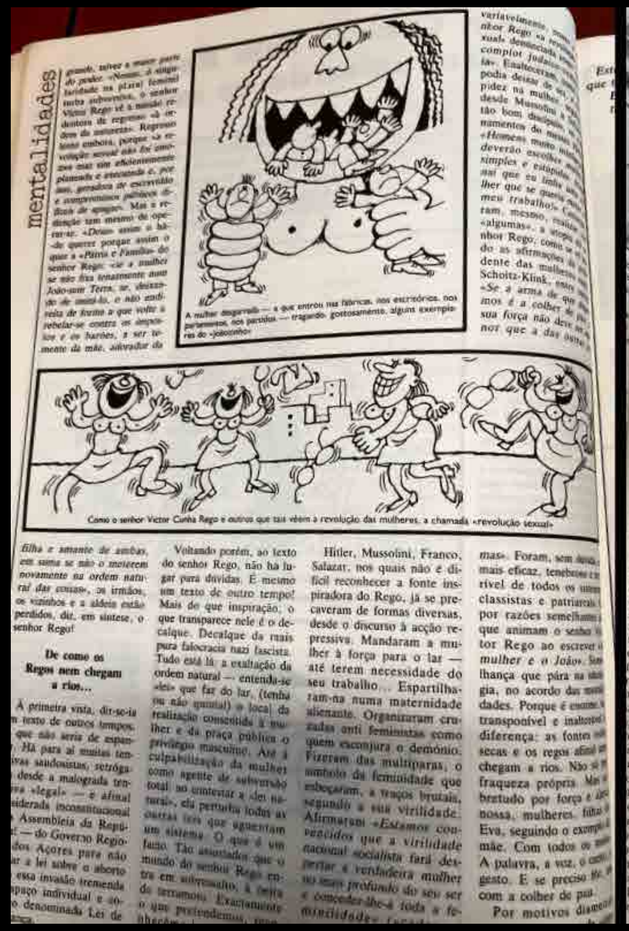


Directora interina: Helena Neves. **Chefe de Redacção:** Maria Teresa Horta. **Redacção:** Leonor Nunes. **Colaboradores Permanentes:** Jorge Ribeiro, Fernando Midões, Marina Dias, Susana Ruth Vasques. **Fotografia:** Isabel Ribeiro e Isabel Ferreira. Arranjo Gráfico: José João. **Traduções do italiano:** Mila Cadina. Exclusivos da revista francesa **«F. Magazine»** e das revistas brasileiras **«Nova»** e **«Claudia»**.

REDACÇÃO – Av. Duque de Loulé, n.º 111-4.º 1000 LISBOA. Tel. 57 43 52.

PROPRIEDADE – Editorial Caminho, SARL **ADMINISTRAÇÃO** – Alameda Santo António dos Capuchos, 6-B – 1100 LISBOA – Telefones: 54 94 40, 54 95 14 e 54 93 81 **DISTRIBUIÇÃO – CDL** – Av. Santos Dumont, 57-2.º 1000 LISBOA – Telefones: 76 97 44, 76 97 51, 77 98 28.

PUBLICIDADE – LISBOA: Alameda Santo António dos Capuchos, 6-B – 1100 LISBOA – Telef.: 57 22 24. **PORTO:** Rua do Almada, 18, 2.º-Esq.º. Telef. 2 46 77. Periocidade: Mensal.



mentalidades

A mulher desgarrada — a que entrou nas fábricas, nos escritórios, nos parlamentos, nos partidos — trapaceou, gostosamente, alguns exemplares do «plano»

Como o senhor Victor Cunha Rego e outros que tais vêem a revolução das mulheres, a chamada «revolução sexual»

filha e amante de ambas, em suma se não o merecerem novamente na ordem natural das coisas», os irmãos, os vizinhos e a aldeia estão perdidos, diz, em síntese, o senhor Rego!

De como os Regos nem chegam a rios...

À primeira vista, diz-se-ia um texto de outros tempos, que não seria de espantar. Há para aí muitas tentativas saudosistas, retrógradas desde a malograda tentativa «legal» — e afinal ideradas inconstitucional Assembleia da Repú- — do Governo Regional dos Açores para não ar a lei sobre o aborto essa invasão tremenda paço individual e so- denominada Lei de

Voltando porém, ao texto do senhor Rego, não há lugar para dúvidas. É mesmo um texto de outro tempo! Mais do que inspiração, o que transparece nele é o decalque. Decalque da mais pura falocracia nazi fascista. Tudo está lá: a exaltação da ordem natural — entenda-se «lei» que faz do lar, (tenha ou não quintal) o local da realização consentida à mulher e da praça pública o privilégio masculino. Até a culpabilização da mulher como agente de subversão total ao «meterem a «lei natural», ela perturba todos os outros seres que aguentam um sistema. O que é um facto. Tão atrasados que o mundo do senhor Rego entra em subversão, à beira de terramoto. Exactamente o que pretendemos,

Hitler, Mussolini, Franco, Salazar, nos quais não é difícil reconhecer a fonte inspiradora do Rego, já se precaveram de formas diversas, desde o discurso à acção repressiva. Mandaram a mulher à força para o lar — até terem necessidade do seu trabalho... Espartilharam-na numa maternidade alienante. Organizaram cruzadas anti feministas como quem escomjura o demónio. Fizeram das multíparas, o símbolo da feminidade que ostentaram, a traços brutais, segundo a sua virilidade. Afirmaram: «*Estamos convencidos que a virilidade nacional socialista fará despertar a verdadeira mulher no mais profundo do seu ser e conceder-lhe-á toda a feminilidade*

mas». Foram, sem dúvida, mais eficaz, tenebrosamente nível de todos os outros classistas e patriarcais, por razões semelhantes que animam o senhor Victor Rego ao escrever o *mulher e o João*». Semelhança que pára na ideologia, no acordo das mentalidades. Porque é evidente, transponível e inalterável diferença: as fontes não secas e os regos afinal só chegam a rios. Não se lhe fraqueza própria. Mas é bretudo por força e graça nossa, mulheres, filhas de Eva, seguindo o exemplo mãe. Com todos os mas A palavra, a vez, o cantar gesto. E se preciso for, com a colher de pau.

Por motivos diame-

mentalidades

Nem Cunhas nem Regos (des)encaminharão as mulheres

De como levadas pelas ideias emancipalistas, perdemos privilégios e continuamos «*tanto ou mais carregadas de canseiras do que há um século*»; de como o trabalho e participação social nos degradou a nós mulheres, e por extensão ao homem, eis o que nos conta um exemplar texto da autoria do senhor Victor Cunha Rego, publicado no «*Semanário*» de 28 de Julho passado, sob o título «*A Mulher e o João*», entendendo-se por «João» um qualquer homem, ou antes, a universalidade dos homens...

▷ Helena Neves

A mulher ideal do senhor Rego e outros que tais: mão prolífica e feliz

Perdidas que andamos mas não irrecuperáveis como se verá, o senhor V. C. Rego veio explicar-nos paternalmente as razões da nossa perca e apontar o caminho que nos conduziria, de novo, ao lugar próprio, segundo a ordem natural das coisas e à felicidade dos homens. Remontando à Revolução Industrial, marco fatal, diz-nos que «acontece*ra no fim do século passado uma coisa espantosa e desgraçada: a mulher capitulou perante todos os ejcos do homem...». Ou seja, entrou nos «parlamentos, nos partidos, nos bares (?) nos clubes» que «passaram a ser tão importantes quanto o lar» e «as fábricas e escritórios foram considerados locais tão sedutores quanto o quintal da casa». Tal foi a «Revolução sexual». Quisemos — o pecador maior — tornarmo-nos pessoas, esquecidas que a natureza (dos homens) nos queria mães e filhas. No mesmo movimento, cavámos a nossa infelicidade e a do João porque afinal, «não seria, com uma simples, embora animável, "pessoa" ao lado de o João enfraquecido vai conseguir aguentar-se». A miria sobre, por nosso desgo, perigos terríveis «Este m corre o risco de se tor- , no final do século num ntepesto transnacional. *na espécie de Hong ngs.*

Filhas de Eva, agimos no nossa perversa aliê-

O senhor Victor Cunha Rego em plena inspiração — melhor decalque — escrevendo «A Mulher e o João»

Quisemos provar a liberdade e como Pandora abrimos a caixa de todos os males ao mundo e a nós mesmas. Metemo-nos «numa trapalhada», diz o articulista, vamos atrapalhar-nos ainda mais; perdemos o rumo e vamos perder o mapa!

Mas como uma luz no horizonte sombrio, o senhor Rego vislumbra e cita, em seu socorro, Vasco Pulido Valente ao «Diário de Notícias». «Algumas» que «já sabem que, noutros tempos, não eram, afinal, só espias e escravas ou, quando muito, senhoras de poder moderador — que mantinha o barco à tona porque assentava onde o equilíbrio é necessário — mas donas de uma

Giuliana + expediente, MULHERES, #77, Set 1984

UMAR, p. 210-211

Susana Ruth Vasques

O romance tem um toque de glória

leio século. Faço
0 anos.
o-me atentamente no
o, vejo uma mulher
mais jovem, «corpo
escente», como dis-
a vez, uma amiga
em passei férias e
omar banho.
o jornal e leio o
scopo.
«O romance tem
de glória. Saúde
cometa excessos
s. Satisfação pro-

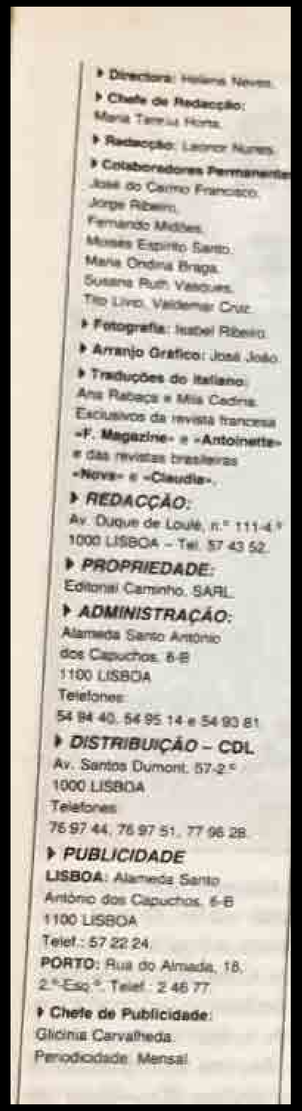
edito, obviamen-
visões dos signos
es, às vezes, nas
edacções dos

e de haver al-
ara indicar com
ais de «veraci-
evisões corres-
ada horóscopo
a, diariamen-
sentíamos de
mos de amo-
s ou não di-
rabalho nos

s respostas
rgens, capri-

Giuliana, MULHERES, #77, Set 1984

UMAR, p. 212



▸ **Directora:** Helena Neves.
▸ **Chefe de Redacção:** Maria Teresa Horta.
▸ **Redacção:** Leonor Nunes.
▸ **Colaboradores Permanentes:** José do Carmo Francisco, Jorge Ribeiro, Fernando Midões, Moisés Espírito Santo, Maria Ondina Braga, Susana Ruth Vasques, Tito Lívio, Valdemar Cruz.
▸ **Fotografia:** Isabel Ribeiro.
▸ **Arranjo Gráfico:** José João.
▸ **Traduções do italiano:** Ana Rabeço e Mila Cadina.
Exclusivos da revista francesa «F. Magazine» e «Antoinette» e das revistas brasileiras «Nova» e «Claudia».
▸ ***REDACÇÃO:*** Av. Duque de Loulé, n.º 111-4.º 1000 LISBOA – Tel. 57 43 52.
▸ ***PROPRIEDADE:*** Editorial Caminho, SARL.
▸ ***ADMINISTRAÇÃO:*** Alameda Santo António dos Capuchos, 6-B 1100 LISBOA Telefones: 54 84 40, 54 95 14 e 54 93 81.
▸ ***DISTRIBUIÇÃO – CDL*** Av. Santos Dumont, 57-2.º 1000 LISBOA Telefones: 76 97 44, 76 97 51, 77 96 28.
▸ ***PUBLICIDADE*** **LISBOA:** Alameda Santo António dos Capuchos, 6-B 1100 LISBOA Telef.: 57 22 24. **PORTO:** Rua do Almada, 18, 2.º-Esq.º. Telef.: 2 46 77.
▸ **Chefe de Publicidade:** Glicínia Carvalheda.
Periodicidade: Mensal

Giuliana + expediente, MULHERES, #85, Maio 1985

UMAR, p. 226 e p. 233

Giuliana, MULHERES, #85, Maio 1985

UMAR, p. 234

MART?

BANDA DESENHADA

MULHERES

1978-1979

Mart, seção banda desenhada Rosa, MULHERES, #11, mar de 1979

Mart, seção banda desenhada Rosa, MULHERES, #13, maio de 1979

Mart, seção banda desenhada Rosa, MULHERES, #14, junho de 1979

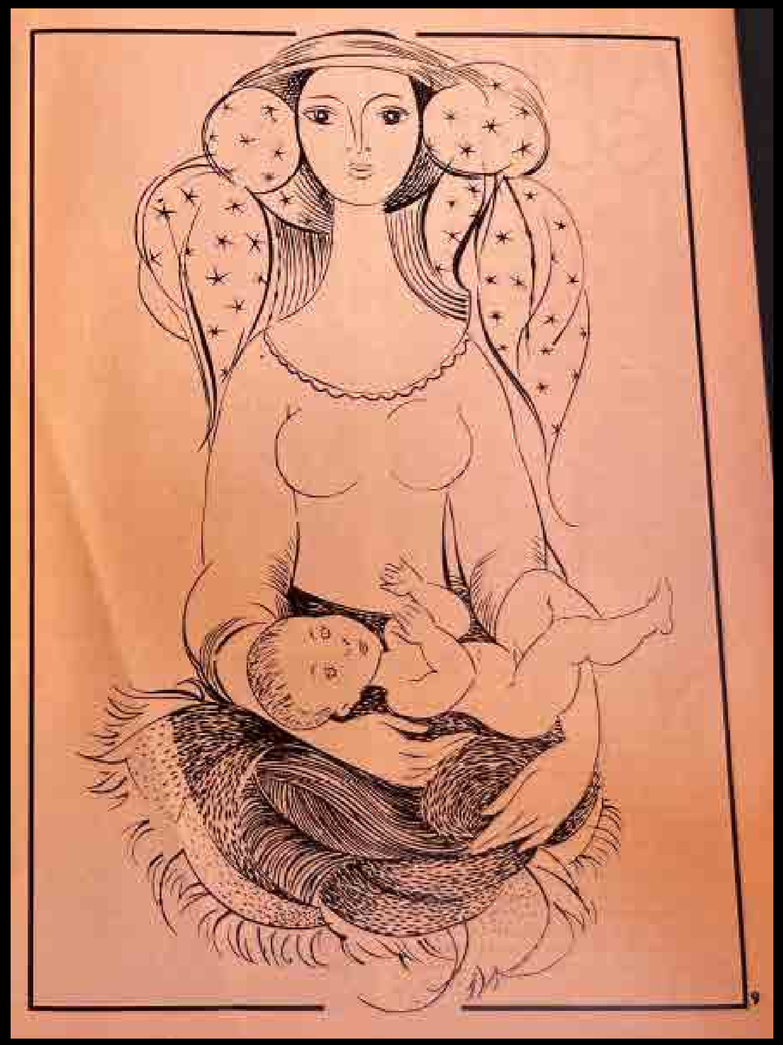
Mart, seção banda desenhada Rosa, MULHERES, #15, julho de 1979

MARIA BARREIRA?

ILUSTRAÇÃO

BOLETIM MDM

1975



Maria Barreira? Boletim MDM, 1975 n° especial (1/2 ilustrações sem assinatura)

BIBLIOTECA NACIONAL, p. 107

Maria Barreira? Boletim MDM, 1975 n° especial (2/2 ilustrações sem assinatura)

BIBLIOTECA NACIONAL, p. 110

José Dias Coelho – Artista Militante Revolucionário –

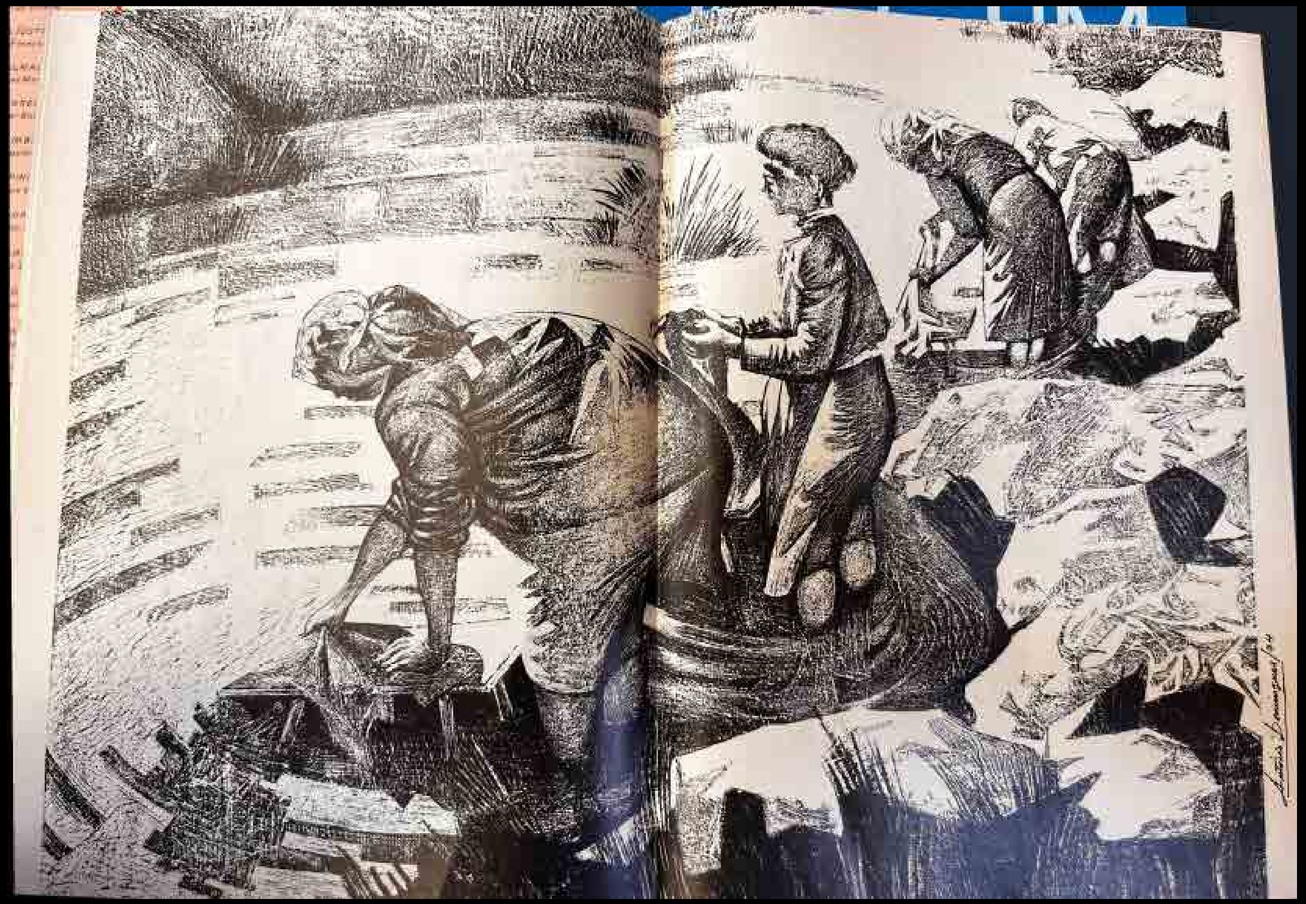
CIPRIANO DOURADO (1921-1981) | Leiloes | Artbid

ANTÓNIO DOMINGUES (1921 – 2004) . Destacado... Visitar >

Cipriano Dourado – Centro de Arte Moderna

Expediente + investigação dos ilustradores + possível assinatura de Luís Macieira Boletim MDM - 1975

BIBLIOTECA NACIONAL, p. 112



Expediente + investigação dos ilustradores, assinatura António Domingues, Boletim MDM – 1975

BIBLIOTECA NACIONAL, p. 108

Expediente + investigação dos ilustradores, assinatura Dias Coelho, Boletim MDM – 1975

BIBLIOTECA NACIONAL, p. 106

Expediente + investigação dos ilustradores, assinatura Cipriano Dourado, Boletim MDM - 1975

BIBLIOTECA NACIONAL, p. 106

MULHERES

▶ Directora: Maria Lamas. ▶ **Chefe de Redacção:** Maria Teresa Horta. ▶ **Redacção:** Eugénia Cunhal, Francisco Rodrigues. ▶ **Colaboradores permanentes:** Ana Abel, Cipriano Dourado, Correia da Fonseca, Elisabete França, Fernanda Lapa, Fernanda Managão, Fernando Midões, Isabel Rocha, José Paulo, Judite Fonseca, Laura Lopes, Leandra Baptista, Lopes Correia, Lurdes de Freitas, Madalena Raimundo, Maria Keil, Matilde Nunes, Paula Abel, João Martins, Teresa Alonso Dias, Teresa Dias Coelho, Vítor Ferreira, Zita. ▶ ***Fotografia:*** Isabel Ribeiro. ▶ **Arranjo gráfico:** Leonor Mendes.

▶ ***REDACÇÃO*** – Av. Duque de Loulé, n.º 111-4.º andar. Tel. 57 43 52. ***ADMINISTRAÇÃO*** – Rua Cidade Quelimane, 3 r/c. Olivais-Sul – Lisboa. ▶ ***PROPRIEDADE*** – Editorial Caminho, SARL – Rua Cidade Quelimane, 3 r/c – Olivais-Sul. ▶ ***DISTRIBUIÇÃO-CDL*** – Av. Santos Dumont, 57-2.º Lisboa-1. Telefones: 76 97 44/76 97 51/77 98 25/77 98 28. Periodicidade — **Mensal.**

Composto e impresso na **Heska Portuguesa** — Rua Elias Garcia, 27 – Venda Nova-Amadora

HERES

▶ **Directora:** Maria Lamas. ▶ **Subdirectora:** Helena Neves. ▶ **Chefe de Redacção:** Maria Teresa Horta. ▶ **Delegação do Porto:** Jorge Ribeiro – Rua do Almada 18, 2.º-Esq. – 4000 Porto – Tel. 2 46 77. ▶ **Colaboradores Permanentes:** Correia da Fonseca, Fernando Midões, Leonor Nunes, Manna Dias, Isabel Ferreira Susana Ruth Vasques. ▶ **Fotografia:** Isabel Ribeiro. ▶ **Arranjo Gráfico:** José João. ▶ **Traduções de italiano:** Mila Cadina. Exclusivos da revista francesa «Magazine» e das revistas brasileiras: «Nova» e «Claudia».

▶ ***REDACÇÃO*** – Av. Duque de Loulé, n.º 111-4.º 1000 Lisboa, Tel. 57 43 52.

▶ ***PROPRIEDADE*** – Editorial Caminho, SARL. ▶ ***ADMINISTRAÇÃO*** – Alameda de Santo António dos Capuchos, 6-B – 1100 Lisboa – Telefones: 54 94 54 95 14 e 54 93 18. ▶ ***DISTRIBUIÇÃO*** – **CDL** – Av. Santos Dumont, 57-2.º 1000 Lisboa – Telefones: 76 97 44, 76 97 51, 77 98 28.

▶ ***PUBLICIDADE*** – **Lisboa:** Alameda de Santo António dos Capuchos, 6-B – 1100 Lisboa – Telef.: 57 22 24. **Porto:** 2 46 77. Periocidade – **Mensal.**

▶ ***ASSINATURA 12 NÚMEROS*** – Continente 550$00 ■ Ilhas 630$00 ■ Angola, Brasil, C. Verde, Guiné, Moçambique, S. Tomé 750$00 ■ Espanha 630$ Europa 750$00 ■ Outros Países 870$00.

Tiragem 4

Composto e impresso na **Heska Portuguesa** – Rua ELias Garcia, 27 – Venda Nova – Amadora.

Depósito Legal N.º 207/82

expediente, MULHERES, #9, jan de 1979 x Expediente MULHERES #51, julho de 1982 = menos ilustrações, menos colaboradores

HEMEROTECA, p. 79 & p.74

LEONOR FINI

PINTURA

MULHERES

1980-?

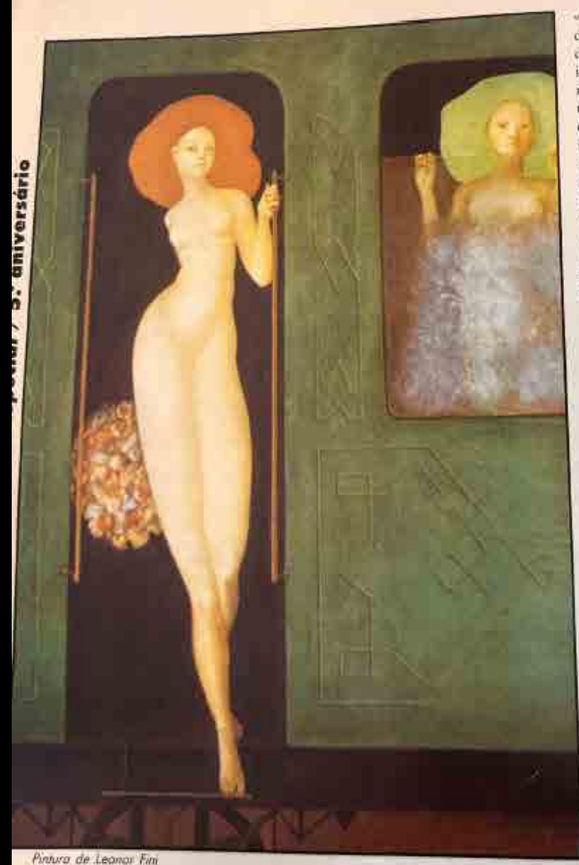
NA FLOR DA PALAVRA

Contadas de Maio a
Maio.
Assim foram passadas as
Estações.
Assim foram passados
cinco Maios.
E nós debruçadas sobre
os dias e a palavra. A
palavra escrita, impressa,
circulante. A palavra
trocada em diálogo e
cartas. A palavra exposta
e «Mulheres» a
mulheres. A palavra
fazendo-se. Crescendo.
palavra fértil.
cor da esperança, das
descentes, dos astros e
as águas, a cor de todas
raízes do mundo, não
ra esta a da nossa
lavra?
palavra da Mulher.
versa. Única.
is uma vez contada —
antada — na flor da
ltidão de Maio.
scoberta.

Pintura de Leonor Fini

Mulheres, #61 maio de 1983

AS FEITICEIRAS



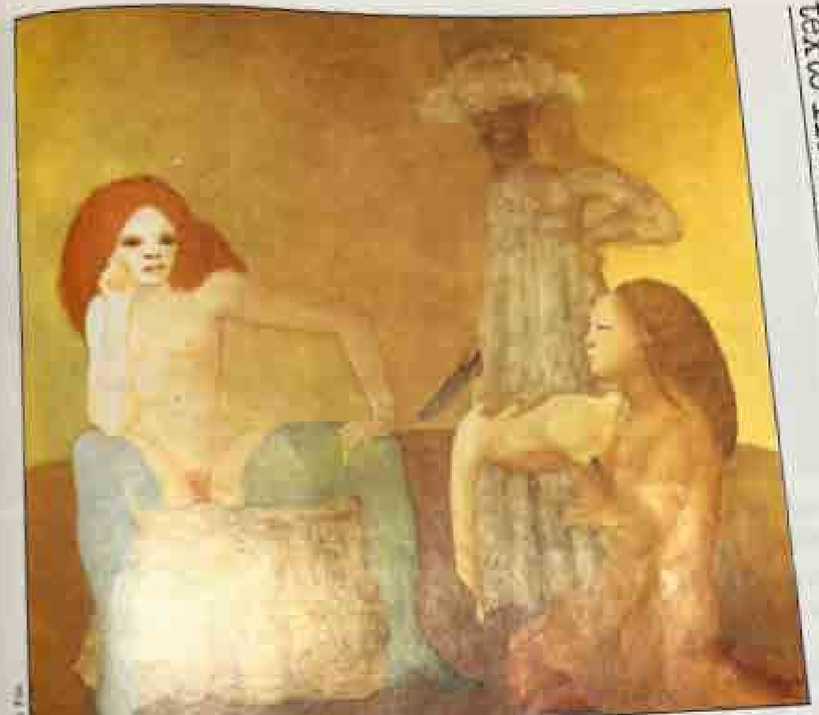
Pintura de Leonor Fini

«A feiticeira é o ponto de ligação das mulheres que reivindicam não uma igualdade com o homem mas uma feminilidade mais livre, mais mutante, exprimindo-se no imaginário.
Não sei bem se me reconheço como feiticeira ou se são os outros que me reconhecem como tal. Duma coisa estou segura: as mulheres que pinto, são todas feiticeiras».

▷ Leonor Fini

Mulheres, #61 maio de 1983

texto literário



«Escadas de incêndio»

de Anaïs Nin

Andava sempre a todo o vapor, no centro de um turbilhão de pessoas, de cartas e telefonemas. Estava sempre pousada no pináculo de um drama, de um problema, de um conflito. Parecia voar num trapézio entre clímaxes e paroxismos de ansiedade, saltando sempre por cima das regiões pacíficas, dos desertos e das pausas. Era surpreendente que ela dormisse, pois isso era uma suspensão de actividade. Uma pessoa tinha a certeza que durante o sono ela se torcia, rebolava até cair da cama, ou então que dormia meio sentada, como se o sono a tivesse apanhado quando an-

imagem sempre satisfatória da
própria.
O cabelo vermelho era rebel
como toda a sua natureza; não ha
pente que o conseguisse domin
Nenhum vestido lhe caía bem no c
po, a cada polegada de tecido ho
espetada como uma plumagem ex
da. Era uma algazarra de cores a
ratem umas com as outras, o la
e o vermelho, o amarelo e o ve
O rosa devorava o laranja, o ver
o azul suplantavam o violeta. O
co de sport irritava-se por
acompanhado pelo vestido de s
paleta fazia guerra aos bordad
sapatos de usar todos os dias
vam em conflito com a pulse

Mulheres, #67 -Nov de 1983

UMAR, p.158

BOLETIM UMAR

(1977)

tguando foi o 25 de ... assim. Polícia e Guarda não tinham o atrevimento de malhar no povo assim à vontade deles. Mas depois os governos cada vez lhes têm dado mais força, a ponto de não sabermos onde isto vai parar.

Tia Graça – 25 de Abril!... 25 de Abril!... Mas dantes não havia nada disso... O que houve foi liberdade a mais... Lá isso que dizes pode ser muito verdade, mas sempre tem que haver uma autoridade para pôr mão no povo.

Então não se vê? Com tantos abusos como há, tantos roubos, crimes, bombas...

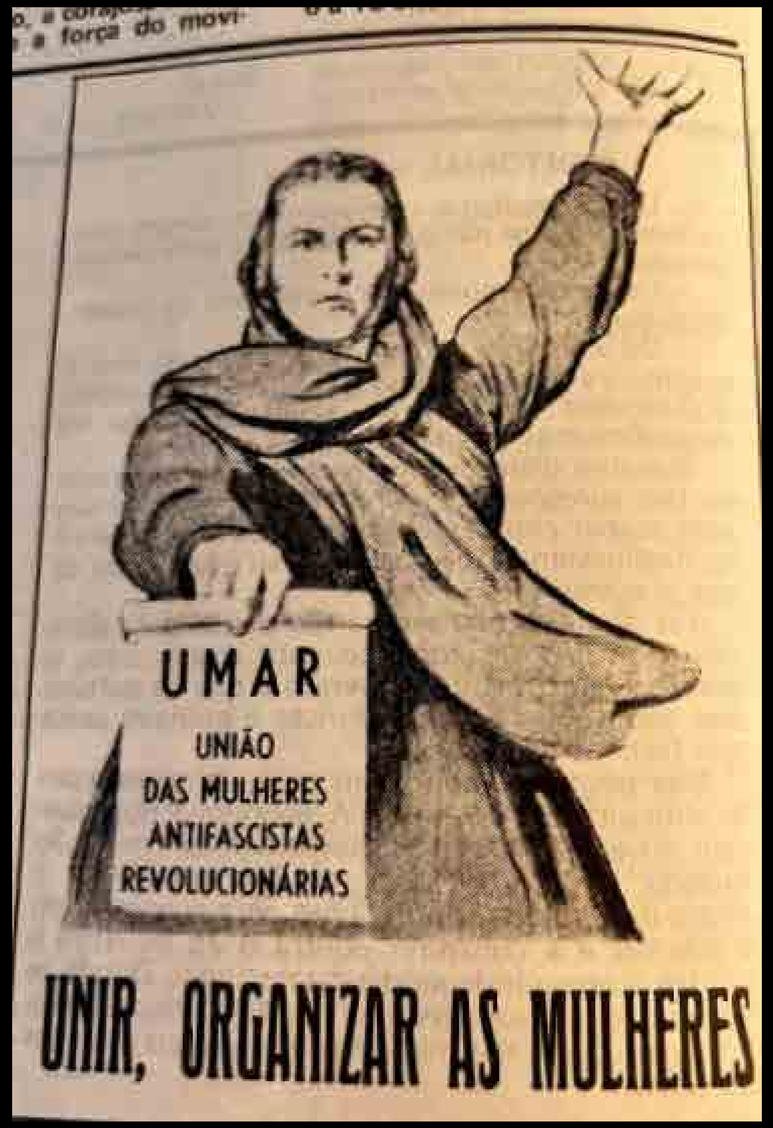
Maria Helena – Mas, oh tia! O povo que trabalha e que tem que ter os seus direitos é uma coisa e os ladrões e os criminosos é outra. E olhe que a polícia e as autoridades não se esforçam

a contar ao pai umas coisas de lá da tropa, e que isto não é nada como nos dizem os senhores cá da terra e o padre... Mas, ó filha, a gente sempre viveu assim... Mas então o que é que tu achas? Que não devia de haver polícia? Mas em todos os países há polícia. O que o governo não devia era permitir que a polícia fizesse essas selvajarias.

Maria Helena – Bem, o que falta à tia compreender é que os mesmos que mandam na polícia mandam no governo. São eles que têm outra vez tudo na mão, são os que têm o dinheiro.

Tia Graça – Bom, mas os do governo dizem que foram eleitos pelo povo,

Boletim da UMAR #4, ago 1977



Boletim da UMAR #4, ago 1977

ALJUBE, p. 27

REÇO DA FRUTA MAIS BAIXO...

...meio e fixação dos preços de todos ...e de primeira necessidade é uma medi... ...al as mulheres lutam. Neste sentido ...ender o recente tabelamento da fru... ...embora considerando que os seus ...ituam acima do nível de possibilida... ...s do povo pobre. Mas perante tanto ...governo por ter baixado uma dúzia ...erá bom que se saiba que nós não ...s traz das costas os meses em que ...dos, em que não pudemos dar uma ...a à família, em que a especulação ...losa nunca indignou os srs. fiscais. ...mos actuar.

...saber porque é que os postos de ...al dos Frutos serão já tão poucos se ...mpre fechados ou sem fruta.

...e nos não esquecemos o crime de ...fruta a apodrecer (era aquela que ...mpravam) para que o preço não

...la nossa experiência de todos os ...os a subir, que quem manda nas ...e Governo mas os intermediários, ...e para os produtos de primeira ...s têm os circuitos de comerciali... ...mãos e todas as possibilidades de ...er decisão que não lhes agrade. ...os mesmo que o Governo faça ...eis tabelas. Quando foi da carne, ...ermediários, apoiados pelas for... ...anizou o boicote e o Governo ...ente às suas exigências.

...ça a passar-se neste momento. ...que têm impedido a fruta de ...m que vão pôr a que é boa no ...ez que as tabelas são temporá... ...em o refugio (que é o que está a ...já um passo para a especula... ...está disposto a pagar mesmo ...que continuam a ser altos, por ...etc.

...governo também nada favore... ...produtores que continuam à ...sem escrúpulos dos interme... ...venderem por um preço insi... ...venderem. E então, num país ...e cresce todos os dias, assis... ...das de fruta apodrecem pelo ...ome!

...Cristãs, os que vivem da ven... ...também prejudicados pois ...ade dos intermediários e aos ...lhes dão margem de sobrevi... ...r cima só lhes vendem fruta

...é no entanto uma praga ...pre. Ela só existe nos regi... ...os governos representam a ...os patrões e dos próprios

...sta, os preços não sobem e ...arte, e o Estado protege os ...stas para que eles possam ...qualidade dos produtos. ...ços baixariam e ficariam ...ta toda a rede de interme... ...senão encarecer os pro... ...Estado assegurasse a dis... ...directamente do produ...

Boletim da UMAR, preço da fruta mais baixo, #4, ago 1977

ALJUBE, p. 27

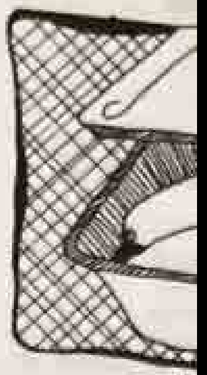
Boletim da UMAR, preço da fruta mais baixo, #5, set 1977

ALJUBE, p. 30

MULHERES
(1978-1989)

Remédio para cólicas

... num novo tipo de massagem. Localize o meio da espinha dorsal. A partir daí, numa área de aproximadamente 2,5 centímetros, para cada lada, pressione com a ponta dos dedos. Este é o princípio básico da acupressbar com as dores provocadas pelas cólidas menstruais, sem usar qualquer tipo de remédio. Três a quatro minutos de massagem são suficientes para parar a dor por seis horas. A acupressura é baseada na acupunctura, um método oriental de cura. A diferença é que a acupuntura é feita com agulhas



Pão fresc

as dores provocadas
idas menstruais, sem
lquer tipo de remé-
s a quatro minutos
agem são suficientes
ar a dor por seis ho-
cupressura é baseada
unctura, um método
de cura. A diferença

Pão fresco

batata com casca e, depois de bem seca, coloque-a no saco

coisas e coisas

Mulheres, seção coisas e coisas, #50 - Jun 1982

UMAR, p.137

***todas as ilustradores previamente creditadas desapareceram**

▸ **Directora:** Maria Lamas. ▸ **Subdirectora:** Helena Neves. ▸ **Chefe de Redacção:** Maria Teresa Horta. ▸ **Delegação do Porto:** Jorge Ribeiro – Rua do Almada, 18, 2.º-Esq. – 4000 Porto – Tel. 2 46 77. ▸ **Colaboradores Permanentes:** Correia da Fonseca, Fernando Midões, Leonor Nunes, Marina Dias, Isabel Ferreira, Susana Ruth Vasques. ▸ **Fotografia:** Isabel Ribeiro. ▸ **Arranjo Gráfico:** José João. ▸ **Traduções de italiano:** Mila Cadina. Exclusivos da revista francesa «F. Magazine» e das revistas brasileiras: «Nova» e «Claudia».
▸ ***REDACÇÃO*** – Av. Duque de Loulé, n.º 111-4.º 1000 Lisboa, Tel. 57 43 52.
▸ ***PROPRIEDADE*** – Editorial Caminho, SARL. ▸ ***ADMINISTRAÇÃO*** – Alameda de Santo António dos Capuchos, 6-B – 1100 Lisboa – Telefones: 54 94 40, 54 95 14 e 54 93 18. ▸ ***DISTRIBUIÇÃO*** – **CDL** – Av. Santos Dumont, 57-2.º 1000 Lisboa – Telefones: 76 97 44, 76 97 51, 77 98 28.
▸ ***PUBLICIDADE*** – **Lisboa:** Alameda de Santo António dos Capuchos, 6-B – 1100 Lisboa – Telef.: 57 22 24. **Porto:** 2 46 77. Periocidade – **Mensal.**

Composto e impresso na **Heska Portuguesa** – Rua ELias Garcia, 27 – Venda Nova – Amadora.

Tiragem 42 500

Depósito Legal N.º 207/82

Mulheres, expediente, #50 - Jun 1982

UMAR, p.133

▸ **Directora:** Maria Lamas. ▸ **Subdirectora:** Helena Neves. ▸ **Chefe de Redacção:** Maria Teresa Horta. ▸ **Redacção:** Leonor Nunes. ▸ **Colaboradores Permanentes:** Jorge Ribeiro, Correia da Fonseca, Fernando Midões, Manna Dias, Susana Ruth Vasques. ▸ **Fotografia:** Isabel Ribeiro e Isabel Ferreira. ▸ Arranjo Gráfico: José João. ▸ **Traduções do italiano:** Mila Cadina. Exclusivos da revista francesa «**F. Magazine**» e das revistas brasileiras «**Nova**» e «**Claudia**».

▸ ***REDACÇÃO*** – Av. Duque de Loulé, n.º 111-4.º 1000 LISBOA. Tel. 57 43 52.

▸ ***PROPRIEDADE*** – Editorial Caminho, SARL. ▸ ***ADMINISTRAÇÃO*** – *Alameda Santo António dos Capuchos, 6-B – 1100 LISBOA – Telefones: 54 94 40, 54 95 14 e 54 93 81.* ▸ ***DISTRIBUIÇÃO*** – **CDL** – Av. Santos Dumont, 57-2.º 1000 LISBOA – Telefones: 76 97 44, 76 97 51, 77 98 28.

▸ ***PUBLICIDADE*** – **LISBOA:** Alameda Santo António dos Capuchos, 6-B – 1100 LISBOA – Telef.: 57 22 24. **PORTO:** Rua do Almada, 18, 2.º-Esq.º Telef. 2 46 77. Periocidade: Mensal.

▸ ***ASSINATURAS 12 NÚMEROS*** – Continente e Regiões Autónomas: 1 110$00 ■ Espanha: 1 400$00 ■ Europa: 1 850$00 ■ Países de expressão

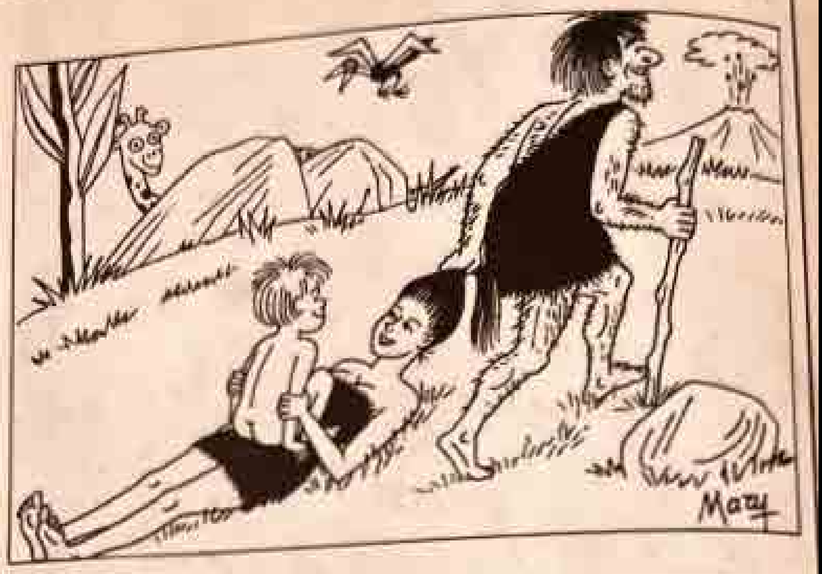
Mulheres, expediente, #67 - Nov 1983

UMAR, p.133

machismo

Machismo até nos jogos recreativos!

Na rubrica «*É Bom Observador?*» do «Diário Popular» foi publicado este desenho incrível, acompanhado por uma não menos incrível legenda: «*Vês? O pai acaba de inventar o trenó!*». É necessário acrescentar mais alguma coisa a esta imagem deturpadora e machista da mulher na chamada «*idade da pedra*»? Repare-se no ar de grande satisfação da mulher arrastada pelos cabelos! ■



Mulheres, Marina Dias??, #67 - Nov 1983

UMAR, p.149

MULHER D'ABRIL (1ª FASE)

(1978 - 1980)

Mulher d'abril, cartas duma mulher d'abril, #1, julho 1978

ALJUBE, p. 34

mulher
d' Abril

Foto da capa: CARLOS GIL

DIRECTORA E PROPRIETÁRIA: Dulce José
MORADA: Rua Alexandre Herculano, 55 Lisboa

COMPOSIÇÃO E MONTAGEM: Cooperativa Gráfica 25 de Abril, SCARL
IMPRESSÃO: GRUA Artes Gráficas, Lda

Maria Velho da Costa
(Excerto do livro "Rosoheião e Mulheres")

Mulher d'abril, expediente + contracapa, #0, abril 1978

UMAR, p. 8 e p. 12

CULINÁRIA

LÍNGUA APETITOSA

1 língua de vitela
2 cebolas
1 cravinho
sal e pimenta moídos
1/2 gr de noz moscada
1 cálice de vinho branco
salsa de cravinho
farinha de trigo
azeite
1/2 copo de vinagre

Coze-se a língua numa panela com 1 litro de água, o vinagre, as cebolas (descascadas e cortadas grosseiramente), uma colher (sopa) de sal, o cravinho, sal e pimenta e deixa-se cozer durante 2 horas. Retira-se a língua, tira-se-lhe a pele e deixa-se enxugar. Aquece-se numa decorola um pouco de azeite e manteiga, acrescenta-se uma cebola picada e a língua inteira e deixa-se cozer mais uma hora em chama lenta, virando-a de todos os lados. Acrescenta-se o vinho, tapa-se o recipiente e deixa-se cozer mais uma hora em chama lenta, voltando a língua de vez em quando. Tira-se a língua para fora e corta-se em fatias. Filtra-se o molho e leva-se ao lume a engrossar com a farinha, mexendo. Deita-se o molho sobre a língua e serve-se.

FLAN DE PÃO

250 gr de açúcar
2 dl de leite
3 gemas e claras
125 gr de frutas cristalizadas
1 cálice de ginginha
1 chávena de açúcar para o caramelo
150 gr de fatias de pão barradas com marmelada

Partilha num recipiente o pão, o açúcar e as frutas.
Regue com o leite a ferver. Quando arrefecido, bata até fazer uma papa. Acrescente os ovos levemente batidos e a ginginha.
Barre uma forma untada com açúcar em caramelo. Ponha o preparado dentro e cozá em banho Maria durante 35 minutos.

sabias que

A uva é um óptimo desintoxicante, que purifica o sangue e desintoxica o aparelho digestivo. Se você tem andado a comer em cantinas e anda com perturbações no estômago e intestinos ganhe coragem e faça a "cura de uvas" passe um dia inteiro sem comer mais nada senão sumo de uvas e o próprio fruto, de preferência uva branca.
Pode custar um pouco mas vai ver que o seu estômago e intestinos ficam como novos!

Para limpar perfeitamente os queimadores do fogão basta pô-los a ferver durante um quarto de hora em vinagre puro. Deixam-se ficar de molho até o vinagre arrefecer e secam-se com um pano.

Sugerimos-lhe alguns pequenos truques para tornar limpos e brilhantes os vidros e alumínios.

Garrafas e jarros de vidro
– Introduza um punhado de sal grosso e um copo de vinagre. Agite com força e enxague.
– Meta na garrafa ou no jarro pedaços de batata crua descascada, junte dois cálices de água morna e uma colher de sal. Agite e enxague.
Se a sujidade for muito antiga e resistente junte aos dois casos um punhado de pequenos chumbos de caça.

Panelas:
Se o interior das panelas de alumínio está muito enegrecido pode resolver o problema sem cansaço deste modo:
– Coza maçãs ou tomates.

Mulher d'abril, seção culinária, #2, Ago 1978

ALJUBE, p. 39

Relembrando o que foi o 25 de Abril

Comemorámos o 5º aniversário do 25 de Abril num momento em que a crise política é cada vez mais grave, em que o governo Eanes-Mota Pinto ataca todos os dias os conquistas alcançadas e pensa com a sua para impedir que no nosso espírito nasça bem viva o 25 de Abril.

Ao lembrar este dia há quinze para muitas mais, "Mulher d'Abril" recolheu depoimentos de algumas mulheres que nos falaram do que foi a sua experiência antes do 25 de Abril, de suas conquistas com o 25 de Abril, o que continua a ser a sua esperança após Abril nascer.

A vida que o fascismo nos deu

Francelina tem 40 anos. Foi operária corticeira, participou nas greves da cortiça na Linha do Pedrulho.

"M.A." – Como mulher trabalhadora, como sentiu as duras condições de vida que o fascismo lhe impôs?

F. – Vivíamos muito mal. O meu marido ganhava 11$00 por dia e eu 6$00, na fábrica de cortiça da Rank. Precisamos muitas moagens, as peiores que sinto, ainda hoje que apanho o meu pai. Muitas vezes o meu marido ia apanhar raízes de cana doce para fazer trabalo, onde andávamos uns cavapalhos à ver comíamos. Nesse altura havia bolhas para todos, para o comboio para o autocarro, para o pão. Chegava-me a trabalhar até 4 horas da manhã para apanhar um pão de racionamento.

Na fábrica a repressão era muita. O encarregado andava sempre em cima de nós. Se não dávamos a produção que eles queriam chamava para cima de contigo.

Muitas vezes ia para o trabalho só com um pedaço de pão e eles queriam que a gente desse aquilo que não conhecíamos força para dar!

Trabalhei 25 anos na Rank, era cozedeira. Fui uma das mais castigadas, pois nunca me calava perante as injustiças.

"M.A." – Nessa altura muitas mulheres destacaram-se nas lutas, como por exemplo nas greves da cortiça?

F. – Houve muitas. Algumas chegaram a ir para Caxias e Peniche. Aqui (a fábrica) tivemos greves de fracas caldas, pois o dinheiro não chegava e queríamos melhores salários.

Já estávamos há dez e meio de greve quando os patrões que eram ingleses, mandaram chamar a polícia de Lisboa. Mal entraram na fábrica, começaram a bater fortemente nas mulheres. Mas nós defendemo-nos com pranchas de cortiça. E até uma que tinha um bebé de meses de cachola, atirou com ele por cima da cabeça duma polícia. Tivemos que fugir, andávamos por matos que eles não conheciam. Fomos atrair as outras fábricas para deixarem de trabalhar mas em Barreiro o encarregado e o pessoal do escritório conseguiu entrar e algumas camaradas que lá tinham ido à chamar a polícia. Elas foram presas.

O 25 de Abril modificou muitas coisas na nossa vida

Conquistámos a liberdade, o direito à greve, à organização nos sindicatos, vimos o fim de uma guerra que nos levou tantos jovens, acabámos casas a terras, conquistámos perante o ar o direito de termos considerados iguais aos homens.

Algumas mulheres falaram-nos do que foi para elas o 25 de Abril: **Fia Teles Custódio, 27 anos – operária de J.B. Cotonifício:**

Supunha estarmos num momento de esperança há muitos anos. Foi uma coisa que aconteceu durante 14,15 dias e nesse prolongamento. O 25 de Abril deu-nos, sobretudo de salários, liberdade, direito a greve, o fim da guerra colonial, o novo código civil é o direito ao divórcio para a mulher e muitas coisas boas que não me lembro agora.

Tomásia Maria, 38 anos – operária:

– Eu esperava o 25 de Abril há muitos, muitos anos. Foi um sonho de sempre. Para mim, o que de mais importante Abril nos trouxe foi a liberdade dos presos políticos, embora não tivesse ninguém da família presa foi a coisa que me deu mais alegria.

Francisca Preciosa, 57 anos, solteira, fez treze nos tempos fortes em Castro de Paiguera:

– Para mim o 25 de Abril foi muito bom, deu-me a liberdade para falar. Durante o fascismo vivi com muita miséria, hoje apesar de não viver bem vivo melhor. Logo a seguir ao 25 de Abril, a vida estava mais barata e as mercadorias eram mais abas.

Moradoras do Bairro 2 de Maio:

– O 25 DE ABRIL DEU-NOS UMA CASA!

Nós estamos em barracas, a maior parte no Miaguéiro. Logo a seguir ao 25 de Abril, ocupámos este bairro que pertencia à Fundação Salazar e que ainda não estava acabado. Foi uma dura luta. As casas não tinham telhados, nem janelas. Passámos lá muito frio, entupíamos roupa para fazer as janelas. Houve até uma criança que morreu arrastada pelo cavalo pois se assustou e caiu com um fogareiro a carvão. Fizemos muitas piquetes para defender as casas, passamos noites e noites de vigilância, a maior parte mulheres e crianças pois muitos homens tinham medo, alguns os viravam para os pequenos bairros. Foi uma luta dura, mas foi graças antes ao 25 de Abril que conseguimos esta casa decente para morar.

Fazer um 25 de Abril novo

Fascismo nunca mais

Nos muitos dos conquistas de que nos falam estas mulheres estão ameaçadas e duras lutas se travam na sua defesa. Deste luta, de vida de povo hoje, e na esperança deste novo Abril nos falam ainda as mesmas mulheres todas.

Fiamelina – Eu digo e lembro a filha que se houvesse uma grande força de mulheres que tivessem a mesma vontade que eu, de perder que não era arrancarmos. Só de ver na televisão essa multidão de gente a lutar toda reanimada. As mulheres têm uma grande força e se se unissem, de certeza que faziam alguma coisa. Eu vi com elas de carreira, sei eu que o que vou, de bom já não é para mim, mas vir, para os que cá ficam. Para não terem uma vida tão sacrificada como eu tive, e olhe, que já em muitas famílias se vive muito situação de muito parecida com a de antigamente.

Fia Custódio – Eu dizia antes de todos o pior a dizer. Os sentimos se vamos ou estamos – o actual governo tira-nos tudo. Não é este o Abril que sempre pela a minha filha. Nós o que queremos é voltar, para não nos dar! Mesmo com a dieta para a frente todo o que conquistámos do 25 de Abril. Se nos agora e fazer agora, para não deixar para os nossos filhos.

Teresa Maria – A que nos leva de resignação ainda não se pode a entregar à sorte. Dá-me uma raiva que nem se pense. Os ministros trabalhadores no quanto nesse terrorismo andam a nos roubar.

Temos que nos unir a lutar para que não volte o 28 de Abril. Quero que os meus filhos não sofram o que eu sofri. Fui analfabeta e passei muita fome e hoje quando vejo o filho se passa na Assembleia fico revoltada. Quando as quero vejo manifestação não sabe dizer do chorar ao ver as bandeiras negras dos fomes dos democratas.

Madalena do Barro, 2 de Maio – Nós não sabíamos que o mundo não é só o mundo – mas não sabíamos que o mundo não é só o mundo – mas não sabíamos que o mundo não é só o mundo – mas

MÃE SOLTEIRA

(poema de Olinda de Jesus – "A Tia Olinda")

Chega à noite a casa toda fatigada
O filhinho chora e pede-lhe a mamada
Mãe, que venho suada de trabalhar para o patrão
Quero comer e não tenho pão
Foi roubado pela minha mãe mas é do patrão
E assim se vai deitar sem pão nem conforto
num colchão de palha
Um corpo que trabalha
de cansaço quase morta
Mãe rompe a manhã
ela vai para o trabalho
Com o olhar sombrio a recordar
o ser do filho
que não mais viu
no pensamento ouve o filho a chorar
Mas que não passe eu não quero
Nem que trabalhar porque é mãe solteira
e tem o filho a sustentar

20

Mulher d'abril, mãe solteira, #6, Out 1979

ALJUBE, p. 45 - 46

CONTO

FLORES BRAVAS

Acabou-se. Vamos voltar a comer pão negro.

Parecia não haver verdade mais amarga agora.

Ali se especavam quarenta homens em redor do monte, espigados e muitos. Vendo apertar-se o cinturão de fardas, cães e *lpsis*, como ceveiros seguindo as últimas nesgas de um pão negado a suar são de depois de Abril, que teço brava em, debaixo dos tacões da gente mais verde e num quase cantar.

Maria ergue-se sobre o barranco que defrontara e fachada do prédio do patrão. Esse frontão brasonado havia perdido por cinco anos aquele ar prepotente de tudo que conhecera desde menina. Num sustro, tornara-se-me tão lacto, tão abrigo como a casa que lhe cobria o repouso derreado da *jorna*. Serviria-lhe naquelas paredes lavadas pela calma, o seu cheiro a cal, o seu corpo na pedra colada com o cimento suado de pás e *enxós*.

Enlaçado pelo mesmo braço que há cinco anos, de quando em quando, envolvia a enfusa da aguadeira Maria, o filho: o moço-lo que lhe nascera com a mesma madrugada de cravos envasados nos tapa-chamas das espingardas.

O prédio ensombrava agora.

Voltava a exalar o cheiro das coutadas, falho do acre suor da fenta.

O comandante da guarda parecia tomar a forma emnastada do capataz

Garrincho, meio curvado diante de donos e herdeiros. E do bastão que brandeava junto à coxa falsqava a mesma ruindade com que o Garrincho se atirou um dia à vergastada aos seus dois mais novos, encabeçando os contratos.

Mas os olhos de Maria fascavam também. No mesmo nojo fundo e odio cheio com que estrinçara a enfusa nas costas do patrão e cuspira no focinho quadrado do Garrincho.

E não — não se tratava de morrer de vez, apesar de tudo. Que não se tivessa levantado um muro de ferro tamanho que ameaçasse atalar o primeiro agrário — mais a escolta de técnicos e guardas — a meter um pé que fosse na seara, a grasnar um só insulto, isso não devia continuar a lamentar-se.

HOJE não se choram derrotas: preparam-se vitórias.

REOCUPAR! distender pulmões e forças, trocar campinas fora o grito de não perder o tolego até que estoirem eles!

Maria Marta tomou nos braços o filho de Abril e no coração a vastidão da seara já a amanhecer, com aroma de seiva nova e fresca. Pintalgando o trigo — como a criançada do monte colorindo a estafa da labuta ao fim do dia — ia retutida o vermelho das papoilas. Essas são flores bravas. Vermelhas. Essas nascem e crescem. Sempre. Ainda que mil gumes as ceifem' e pensava em voz alta. E via em cada homem, em cada moço e mulher o salpicado das pétalas vermelhas. Caindo hoje, reocupando amanhã..."

Adelino Lopes

Mulher d'abril, conto: flores bravas, #6, Out 1979

ALJUBE, p. 45

CONSELHOS ÚTEIS*

Um jardim miniatura

Dentes — um problema...

Um bom começo

Ainda que hoje em dia se considere que um pequeno-almoço substancial é a melhor maneira de começar um dia de trabalho, sei por experiência pessoal como é difícil "educar"

SABIAS QUE...

- para verificar a frescura dos ovos bastaria mergulhá-los numa panela com água. Se o ovo estiver fresco, ficará atravessado horizontalmente no fundo; se estiver pouco fresco, ficará em pé e se não prestar vem à superfície.

- os alimentos e, sobretudo as sopas, não devem ser deixados depois de cozidos em panelas de alumínio porque podem oxidar o metal e provocar uma intoxicação.

- para afastar as formigas da sua casa basta polvilhar o carreiro que normalmente utilizam com piri-piri.

- para evitar que os bolos secos ou os aperitivos amoleçam, basta colocar na caixa em que os guarda uma ou várias lampas de certos medicamentos que são providas de um produto desumidificador. A humidade do ar é absorvida e os alimentos a conservar mantêm-se secos e quebradiços.

- para limpar perfeitamente os queimadores do fogão basta pô-los a ferver durante um quarto de hora em vinagre puro. Deixam-se arrefecer, esfregam-se com esfregão se tiverem alguma mancha mais renitente e secam-se com um pano.

Mulher d'abril, seção conselhos úteis: um bom começo, #6, Out 1979

ALJUBE, p. 45

Mulher d'abril, lei do aborto, #6, Out 1979

ALJUBE, p. 47

Mulher d'abril, contracapa, #6, Out 1979

ALJUBE, p. 47

Somos trabalhadoras domésticas! A quem beneficia o nosso trabalho?

No Congresso que começou no passado dia 27, milhares de trabalhadoras do serviço doméstico disseram não à escravidão, colocando os seus próprios objectivos na consciencialização da classe, na saída de uma lei que as equipare

Mulher d'abril, #7, Nov 1979

UMAR, p. 47

Mulher d'abril, contracapa, #7 Nov 1979

UMAR, p. 48

Directora:
Dulce José

Redacção:
Anália Torres
Clara Botelho
Isabel Silva

Colaboradores:
Dina Duarte
Ester Muznick
Helena Romero
Hélia Correia
Irene Pimentel
Jorge Falcato
Jorgete Durval
Mariana Charrua
Manuela Gomes
Maria Helena
Rui Pimentel

Mulher d'abril, expediente, #7 Nov 1979

UMAR, p. 49

Mulher d'abril, capa, #8, Fev 1980

ALJUBE, p. 48

Mulher d'abril, #8, Fev 1980

ALJUBE, p. 49

por dentro

... Helena
... 27 anos, 3 filhos

"TEMOS DE ARRANJAR OUTRAS FORMAS DE PROTESTAR."

M.A. — E para todos os portugueses?

Helena — Era bom trabalho, sem todo o povo trabalhador capaz que desse para viver a sintaxe. Os trabalhadores portugueses serão os mesmos a andam presos de mês a mês: chega ao meio do mês já não têm dinheiro para comer, quando chega a 15 ou a 20 têm de vender... Enfim, baixar o custo de vida e haver mais liberdade.

As mulheres não podem comprar tão caro. Se fizermos todas greves quando os preços sobem não se compreende e eles ficam obrigados a baixar. Só que a gente precisa muito porque se não compra não come, mas temos de arranjar outras maneiras de protestar contra eles, as manifestações, etc. eles já não ligam importância.

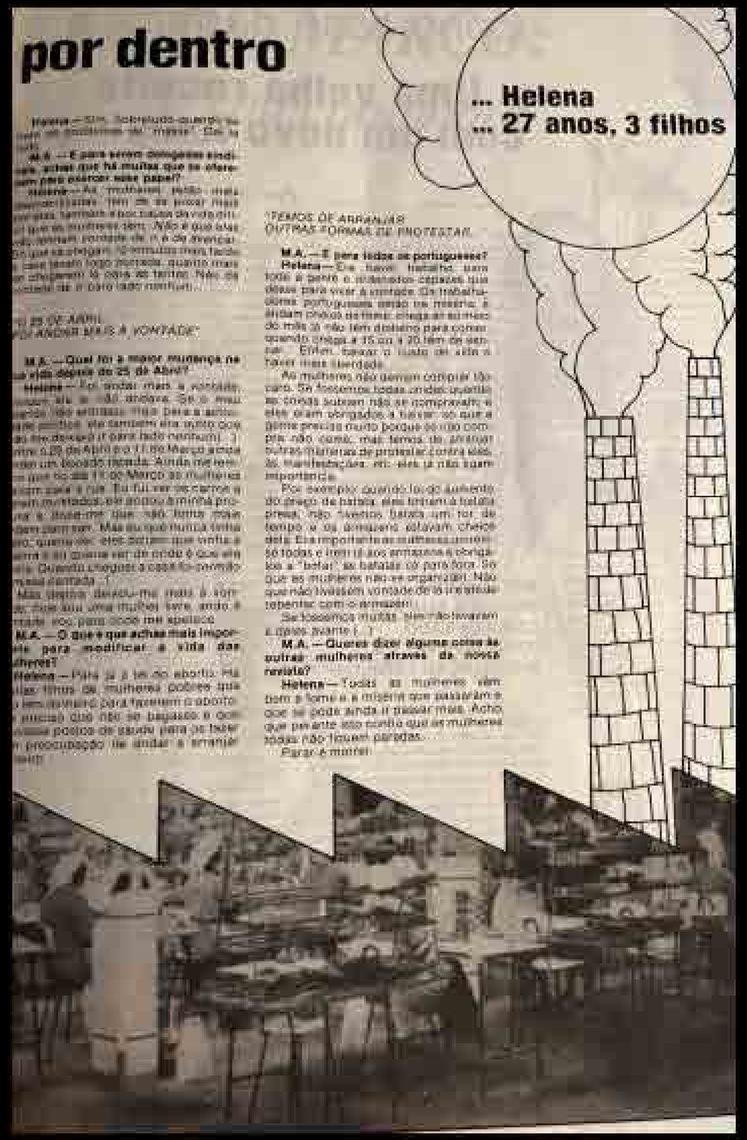
Por exemplo quando foi do aumento do preço de batata, eles tinham a batata presa, não vendiam barata um tor de tempo e os armazéns estavam cheios deles. Era importante as donas de casa não comprarem batatas e meter já aos armazéns e obrigá-los a "botar" as batatas cá para fora. Só que as mulheres não se organizam. Não que não tivessem vontade de ir à greve de fome com o armazém.

Se fossemos muitas eles não tinham outra opção (...)

M.A. — Queres dizer alguma coisa às outras mulheres através da nossa revista?

Helena — Todas as mulheres vão bem a fome e a miséria que passaram e que se pode ainda ir passar mais. Acho que perante isso nenhuma que as mulheres todas não fiquem paradas.

Parar é morrer.

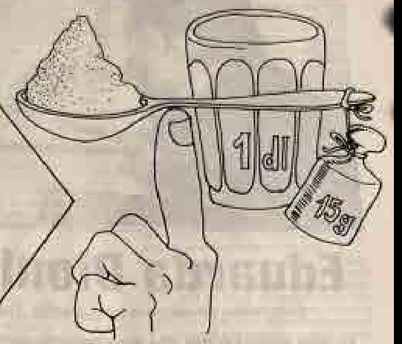


Mulher d'abril, #8, Fev 1980

ALJUBE, p. 49

Conselhos práticos

Se não têm uma balança, eis algumas indicações úteis:
1 colher de sopa de açúcar equivale a 15 gramas
1 colher de farinha equivale a 12 gramas
1 chávena de chá normal contém 125 gramas de farinha
1 chávena de chá normal contém 175 gramas de açúcar em pó
1 copo de cozinha contém aproximadamente 1 decalitro
1 prato de sopa contem cerca de 1 quarto de litro



Uma laranja, inteira ou picada, suspensa no seu armário desempenhará a função de antitraça.
O sumo de laranja aplicado sobre um couro muito usado, dar-lhe-á uma aparência mais agradável.
A casca seca no forno fará deliciosas infusões (chás).

Os ovos são económicos e fáceis de cozinhar. Entram na composição de variados pratos. O seu alto valor nutritivo torna-os, cada vez mais, um alimento preferido não só para as crianças como para os adultos.
Sabia que um ovo assegura, por si só, a precentagem diária de prótidos necessários a uma pessoa com peso? E os prótidos, permitem essencialmente a reparação normal dos tecidos e reconstituição das células.
Ricos em proteínas e em lipidos, muito digestivos. Devido ao seu estado de fina emulsão, os ovos contêm todas as espécies de sais minerais e de vitaminas (E, K, B1, B2, P).

Mulher d'abril, conselhos práticos, #8, Fev 1980

ALJUBE, p. 57

18 III Congresso dos Sindicatos
19 Conselhos práticos
22 Reunião do CN da UMAR
23 *Internacional*: Diógenes Arruda

Esta secção inclui um suplemento de 4 págs. sobre o 8 de Março e 2 págs. de inquérito.

mulher d'abril

EDIÇÃO E PROPRIEDADE: UMAR, União das Mulheres Antifascistas e Revolucionárias
MORADA: Escadinhas de São Cristóvão, n.º 13, 2.º, 1 100 LISBOA
Telefone 86 64 50
DIRECTORA: Dulce José
REDACÇÃO: Anália Torres, Clara Botelho, Isabel Silva
COLABORADORAS: Dina Duarte, Ester Muznick, Helena Romero, José Falcato, Mariana Charrua, Rui Pimentel.
Colaboraram ainda neste número: Amélia Lourenço e Natália Câmara
COMPOSIÇÃO, MONTAGEM E IMPRESSÃO: GRIJA, Artes Gráficas Calçada dos Barbadinhos, 114-A — 1 100 LISBOA

Mulher d'abril, expediente e contracapa, #8, Fev 1980

ALJUBE, p. 60

22/23 Década da [illegible]
A Conferência da crise e da desilusão

CAPA: MARIA DA FONTE
in suplemento burlesco do nº 1032 do "Patriota" (Nov. 1847)
CCAPA: PÃO K.KOLLWITZ

mulher d'abril

EDIÇÃO E PROPRIEDADE: UMAR, União das Mulheres Antifascistas e Revolucionárias
MORADA: Escadinhas de São Cristóvão, nº 13, 2º, 1100 LISBOA
Telefone: 866450
DIRECTORA: Analia Torres
REDACÇÃO: Analia Torres, Clara Botelho, Isabel Silva

COLABORADORES: Dina Duarte Ester Mucznik, Helena Romero, Jorge Falcato, Mariana Charrua, Natalia Câmara, Paula Trindade e Rui Pimentel
Colaboram ainda neste número: Clara Rodarte e Olga Romero

COMPOSIÇÃO, MONTAGEM E IMPRESSÃO: GRUA, Artes Gráficas — Calçada dos Barbadinhos, 114-A, 1100 LISBOA

É com bastante
d'Abril', a recebo em
nho esta revista, e
Acho que esta re
além disso, que nos
enfrentarmos com

Por motivos de
Secretariado do C
donar o cargo de
anos a esta parte,
intervalo da sua
Vai substituí-la
Secretariado do
da Redacção e d
Não ha assim
revista se propõe

Apesar da ade
consideramos sig
tem por base. No
situações denun
uma vez apelam
apresentar esta

* * *

Como a maioria das mulheres portuguesas, a "Mulher d'Abril" também se vê a braços com graves problemas económicos. Tudo aumenta, cada número da revista sai mais caro e é sempre mais difícil fazê-lo sair. Este é o maior impedimento para a regularidade de publicação e assim, forçosamente, muitos assuntos se nos escapam.

* * *

Por isso, o apoio de todas as nossas leitoras e amigas é não só indispensável para conseguirmos sair mais regularmente, como é também uma condição da própria sobrevivência da Revista.

Apoia MULHER D'ABRIL

- vendendo-a e enviando regularmente o dinheiro;
- fazendo assinaturas,
- recolhendo fundos de apoio

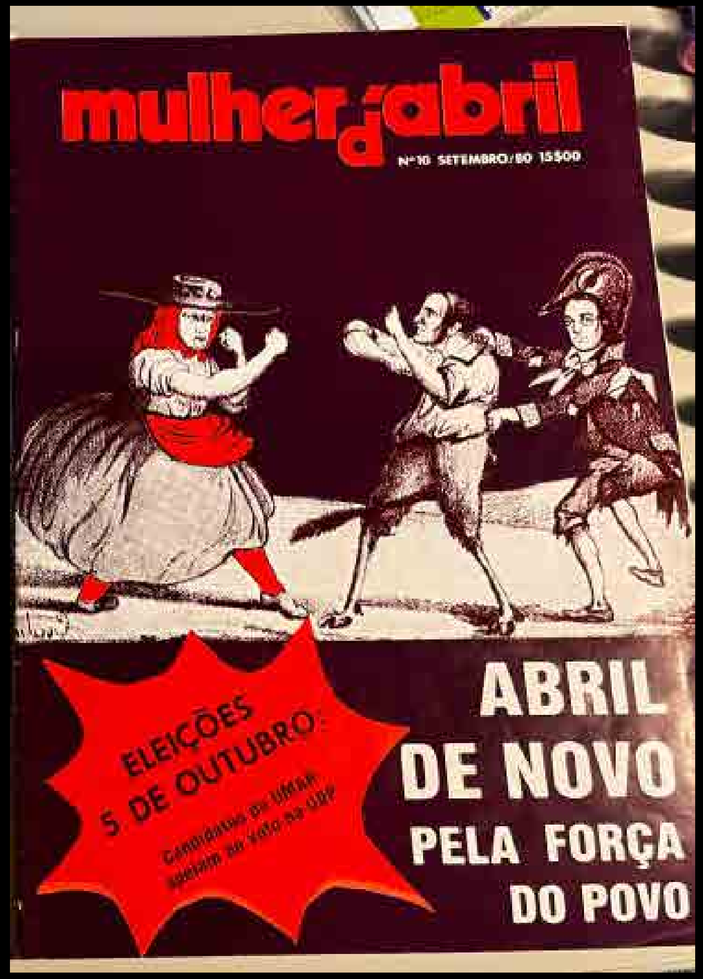
MÃOS À OBRA!

3

Mulher d'abril, expediente + pedido de contribuição, #10, Set 1980

ALJUBE, p. 61

Mulher d'abril, reportagem: congresso popular das famílias em Lisboa, #10, Set 1980



Mulher d'abril, capa e contracapa,, #10, Set 1980

ALJUBE, p. 73

A NOSSA INFORMAÇÃO (1978)

A NOSSA INFORMAÇÃO

MDM

Nº 2/3 Março/Abril 1978

...ormação de Informação e Documentação)

...ação do Movimento Democrático das Mulheres

8 de MARÇO

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

1

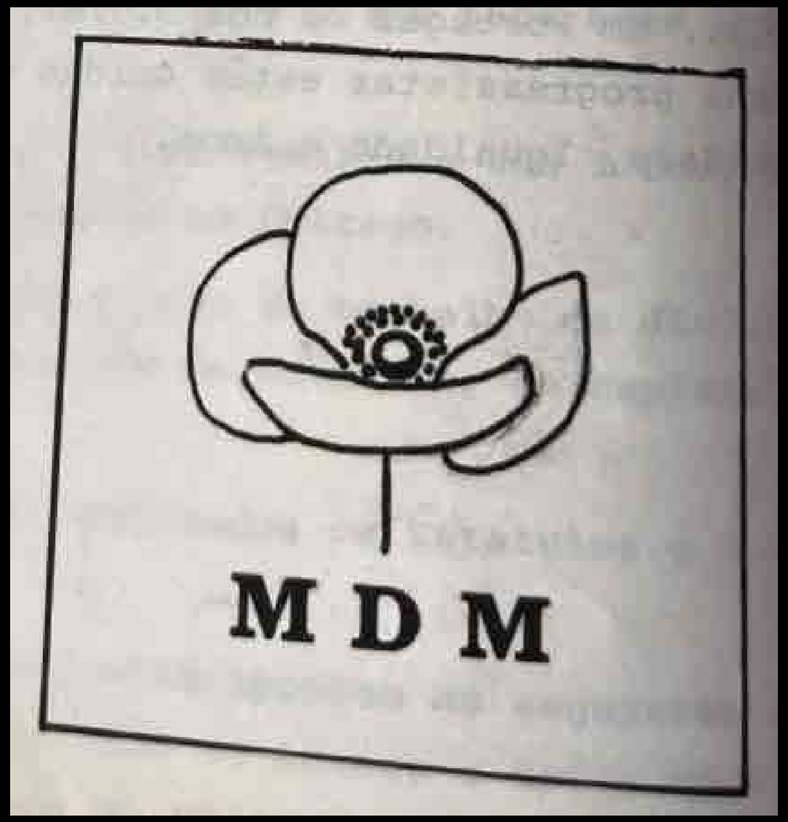
SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

WREE → uma ORGANIZAÇÃO DE MULHERES

Muitas de nós encontramos já muito da vida e do trabalho de outras mulheres através de diferentes organizações femininas, nacionais e locais.

Que sabemos das milhares de mulheres empresárias dos Estados Unidos da América? Que sabemos da sua organização? Quase nada.

Pois é. Pois não. Pois isso. Pois claro. Pois isso mesmo. Pois isso é. Pois isso é. Pois isso é



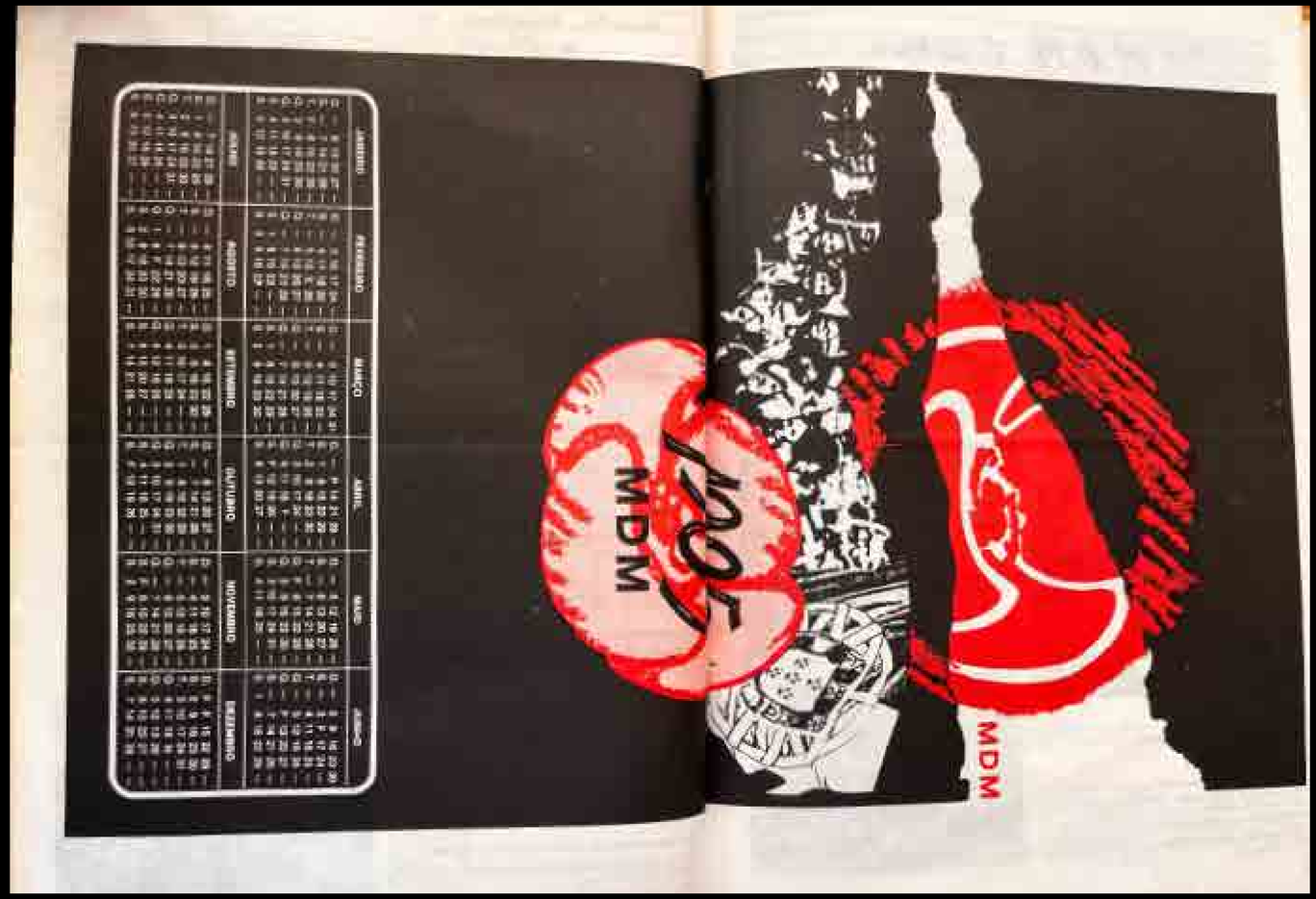
A Nossa Informação (MDM), #2, Março/Abril de 1978

BIBLIOTECA NACIONAL, p. 100

NÓS AS MULHERES
(1984-1985)

??? Mulheres em movimento, Nós as Mulheres, 1984

BIBLIOTECA NACIONAL, p. 130



Nós as Mulheres, dezembro ou janeiro de 1985

BIBLIOTECA NACIONAL, p. 136

8 DE MARÇO #2
(1978)

0001.005.001.027

CDAFEG UMAR

Ilustrações 8 de Março, maio de 1978 #2 - capa (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.027 (Acesso em: 05/05/2026)

sumário

A Pastoral Daqueles Senhores.....1
Masculino / Feminino.....2
Violência.....4
As Mulheres Perante a Lei.....7
Eu.....9
Aborto.....11
Carta de Paris.....13
Congresso das Mulheres Americanas.....14
Fazemos Tudo por Amor.....14
Feminismo - O Pequeno Grupo.....16
DIVERSOS.....

CDAFEC UMAR

Faz com que mais uma mulher leia o 8 de MARÇO. Discute-o com as mulheres à tua volta e contribui para a feitura do próximo número

1º Divulgando este

2º Mandando artigos, sugestões, críticas

Para que possamos fazer do sussurro um GRITO e destas páginas uma roda onde a voz das mulheres seja escrita, onde a palavra seja o riso, o poema, a luta, a troca de experiências....

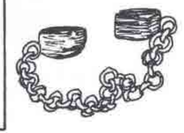
Ilustrações 8 de Março, maio de 1978 #2 - p.2 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.027 (Acesso em: 05/05/2026)

A PASTORAL DAQUELES senhores

CDAFEC UMAR

O imperador romano que primeiro se converteu ao cristianismo, teve um gesto logo a seguir à sua conversão: matou a mulher, cosendo-a num caldeirão de azeite, por suspeita de adultério.
De lá para cá, passando pela inquisição que matou, na Europa, cerca de sete milhões de mulheres, a Igreja tudo tem feito pela "dignificação da mulher".
Soubemos, desde sempre, que a Igreja é contra o aborto, em defesa da "vida" (que não a nossa), e perdemo-nos em discussões, esquecendo-nos que também não admite a contracepção.
Mas, agora, a Igreja em Portugal, pela voz dos seus bispos, vem criticar o novo Código Civil. O Código que vem estabelecer um conjunto de direitos mínimos para as mulheres e crianças.
Assim, os bispos condenam "a prestação de alimentos" imposta a membros da família legítima. Devemos daqui deduzir que, para a Igreja, só têm direito a viver (comer, vestir, etc)os membros "legítimos" da sociedade, só estes filhos de Deus. Quanto aos outros, a Igreja lava as suas mãos, como Pilatos, pois dar-lhes de comer seria proteger o pecado. Pensamos que esta visão nem cristã é, pois não tem a ver com um Jesus que protegia as prostitutas, falava a esposas ilegítimas e defendia mulheres adúlteras.
Criticam também os senhores bispos que as pessoas se possam divorciar por mútuo consentimento, fazendo depender o matrimónio da "livre vontade dos conjugues". Por mais que pensemos, não conseguimos compreender de que vontade, além das pessoas envolvidas, deveria depender a continuação do casamento. E referem também a sanção da ruptura causada por um só conge. Como se ao fim de anos de separação o casamento existisse de facto!
E chegamos ao que nos parece ser o retirar de uma máscara. Os senhores bispos não querem igualdade entre os conges. Dizem da legislação, tal como é feita, que vai "fomentar dissenções familiares" com inconvenientes para a "espontaneidade e intimidade" da vida doméstica. Referimos imediatamente a "espontaneidade" ao estalo bem aplicado a uma esposa desobediente. Evidentemente, os senhores bispos referem-se à resolução dos proble



mas pela "vida e amor". Sobre o direito de recorrer à lei quando a "vida e o amor" se transformam em cenas de violencia e chantagem, os senhores não estão interessados. Que é uma casa sem uma autoridade? Que acontecerá ao "espírito de família" se à mulher for reconhecida uma individualidade, o direito de tomar decisões, de existir, viver?
Esta perspectiva assusta a Igreja, com a sua hierarquia exclusivamente masculina e um único chefe.
A Igreja é patriarcal, e em cada família há que manter um patriarca em autoridade. Já disseram os seus teólogos que "a mulher é mulher por falta de qualidades". Que "não sofra o homem que a mulher ensine nem fale em público". E, quarenta dezenas de anos depois de Cristo, discutiam ainda os patriarcas se a mulher teria alma.
Porque da nossa natureza, dizem eles, especificamente feminina, é a submissão a obediência, a passividade. Que os homens são a cabeça e nós o corpo que obedece à cabeça. Assim se define a família e nosso papel dentro dela. Reprodutoras e escravas submissas.

Ilustrações 8 de Março, maio de 1978 #2 - p.4 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.027 (Acesso em: 05/05/2026)

Eu...

Não cobiçarás o homem da proxima! Deus foi preciso criar o mandamento, visto que para a mulher nem sequer existe o verbo desejar... e, implicitamente, toda a nossa cultura nos diz que somos a incarnação do objecto desejado, somos o desejo objectivado por excelência, e, enquanto objectos de consumo e troca (... será que as mulheres têm alma?...) a lei do mercado domina a nossa não-existência. Necessidade contra desejo – tudo é dominado pela necessidade de: produzir, agir, construir, necessidade de poder/dominação. O desejo é reprimido e desvalorizado até desaparecer e transformar-se em necessidade alienada no império da mercadoria.

Queria continuar este palavreado, que acho interessante mas fui ao telefone e o discurso perdeu-se, ficou suspenso, sem aquela "natural" introdução, aquele desenvolvimento que "normalmente" deveria ter.

... Eu sentada num café, a camisola ligeira deixa transparecer os mamas pequenas, redondas. Um gajo olha fixamente para elas, eu bebo o café sem mostrar o embaraço que me causa aquele olhar pesado; penso... vejo imagens de publicidade, cartazes de filmes,

mulheres em todos os cantos coladas às paredes, meu eterno sorriso, lembro-me de frases que ouvi em família: "agora és uma mulher", "vocês-tu que está aí o teu irmão", ... literatura, romances dos meus quinze anos, filmes, tudo a dizer-me qual o meu lugar de "presa", de "troféu", e eu comprei a pensar como podia "conquistar" o meu conquistador

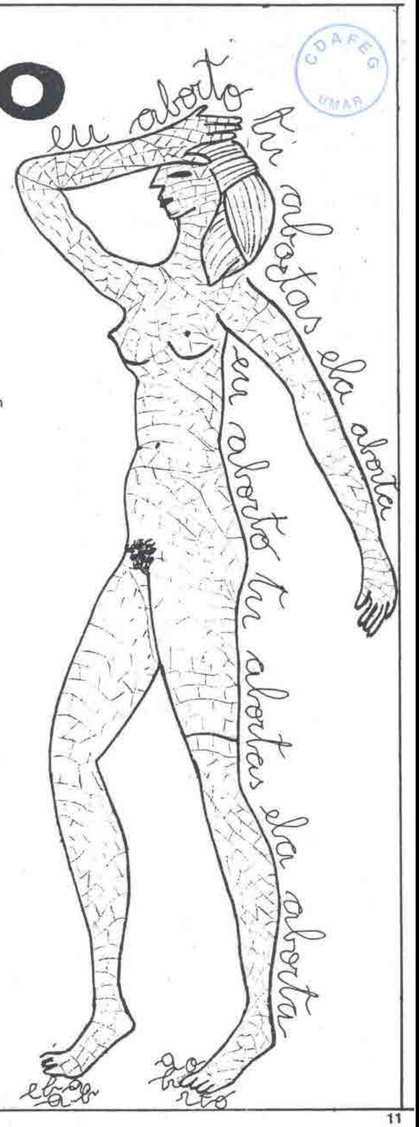
O homem patrão da rua, patrão do mundo, levanta as mãos para acariciar, para bater, olha para despir, para condenar, escreve a tua virgindade, a tua deflorescência, e tu perdida, entras no mundo feito feitiço, corpo sem corpo, dividida entre o não-existir, e o viver como imagem construída sobre o teu silêncio milenário... impotência de exprimir o teu desejo, hoje confuso e contraditório, esquecido lá no fundo da "alma".

Quero! Quero, mas não quero como me ensinaram a querer, e tão-pouco quero querer como os homens querem ..... bem, é muito complicado, mas o jogo de palavras é engraçado e não pretendia ser preferencioso, é que eu sinto isto um pouco assim, o meu desejo está algures.....

Ilustrações 8 de Março, maio de 1978 #2 – p.9-10 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.027 (Acesso em: 05/05/2026)

ABORTO



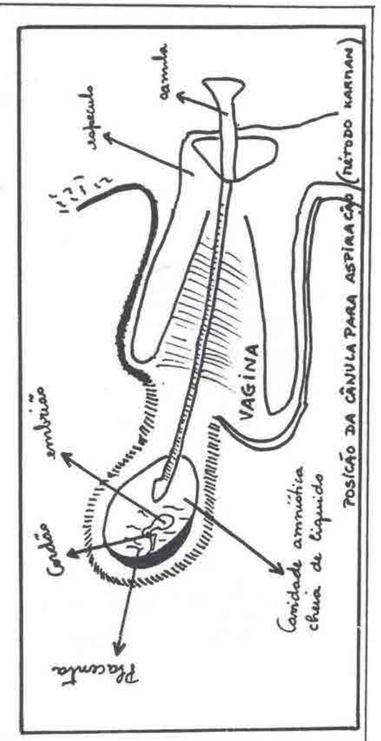
CDAFEG UMAR

A luta pela legalização do aborto tem sido um dos eixos a unir os vários movimentos de mulheres em diversos países.
Aqui, em Portugal, existe actualmente um grupo formado por mulheres do mlm, do PRT e da LCI, que saiu recentemente com o boletim "Eu aborto, tu abortas, ela...". Neste jornal manteremos um espaço dedicado à questão do aborto que não queremos que caia no esquecimento, embora os homens que nos governam adiem constantemente a discussão da revisão da lei na Assembleia da República.
Hoje falaremos de dois métodos de aborto.

DOIS MÉTODOS DE ABORTO

Para além dos métodos rudimentares que hoje em dia ainda são praticados no nosso país, essebcialmente na província, por curiosas, o método de aborto mais utilizado em Portugal é a chamada raspagem.
Esta tem duas fases: a dilatação do canal uterino, pela introdução de uma série de dilatores metálicos de dimensões progressivamente maiores; e a raspagem propriamente dita, efectuada com uma espécie de colher metálica, com a qualqual se raspa a parede interior do útero, extraindo assim a placenta e o embrião.
Em Protugal este método é praticado por uma rede clandestina de parteiras, que normalmente o executam aplicando anestesia geral. Às vezes é aplicado sem anestesia, principalmente se a mulher que a elas recorre não pode pagar o preço corrente.
Outro método, ainda pouco divulgado, designa-se pelo nome de método de Karman ou método de aspiração, e tem a vantagem de evitar a raspagem - sempre mais arriscada - e elimina também o perigo de perfuração do útero, visto que só são utilisados instrumentos de plástico maleáveis.
Este método é uma aplicação do princípio do vácuo (o mesmo que os vulgares aspiradores do pó), e este

obtem-se ligando uma bomba de vácuo (que pode ser mesmo uma bomba de bicicleta invertida) a um frasco de vidro, que por sua vez está ligado a um cânula - tubo estreito e oco com um orifício lateral - que é introduzida no útero. Depois de feita a dilatação (com velas de plástico maleável), provoca-se o aborto aspirando o embrião e a placenta que passam através da cânula para o frasco.
Uma forma de abortar menos violenta, este método foi praticado por alguns grupos de mulheres em Portugal, entre eles um grupo do mlm, o NAC (Não ande às cegas) e o Grupo Autónomo de Mulheres. Estes grupos aprenderam este método com feministas francesas, que vieram a Portugal para esse efeito em 1975.
Sabiamos que se tratava de uma forma de abortar menos violenta para o organismo das mulheres, e que envolvia menos perigo para a sua saúde. Este método, no entanto, só pode ser aplicado num período de oito semanas depois da vinda da última menstruação.
Comprovámos que o aborto feito num outro ambiente que não o da casa clandestina de uma parteira, feito entre mulheres, solidárias, dispostas a questioná-lo e a desculpabilizá-lo, se torna muito menos traumatizante.



NÓS ABORTÁMOS.

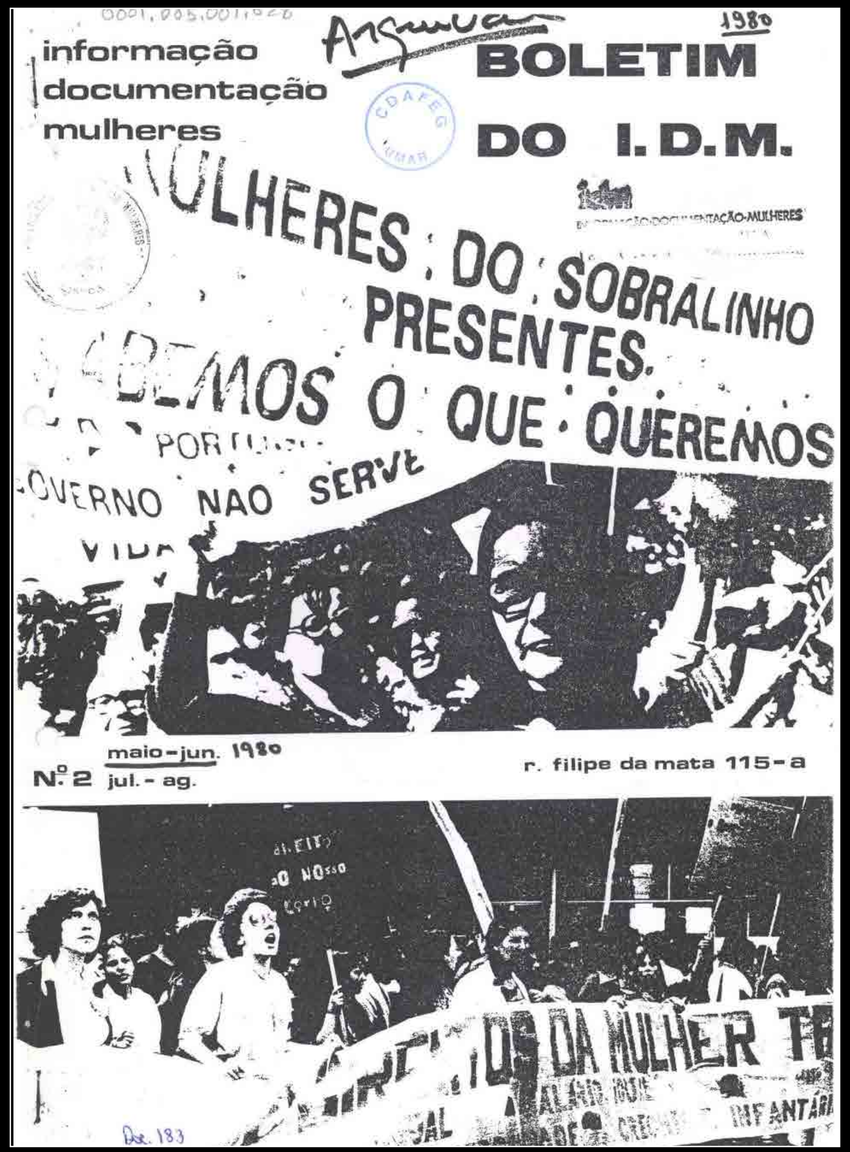
Somos duas mulheres com experiências de abortos feitos pelos dois métodos:
- Da primeira vez que abortei não sabia da possibilidade de abortar senão pelo método de raspagem. Abortei numa parteira, muito a medo, e como a experiência em si, pelas condições em que foi vivido, me traumatizou bastante, recalquei-o com facilidade. Evitava falar dele. Um ano mais tarde voltava a engravidar. Desta vez fiz o aborto em condições toalmente diferentes. O método de Karman é muito menos arriscado embora, porque sem anestesia, se torne doloroso. Mas o facto de ter sido feito por outras mulheres , o facto de não estar sujeita às piadas agressivas de uma parteira, mas, pelo contrário, me sentir apoiada, fêz-me pôr muito mais à vontade. Pude constatar que um aborto nestas condições, em que há uma discussão prévia e final sobre o que representa para nós e quais as suas consequências, obriga-nos a tomar consciência do que ele representa.
- O problema em abortar numa parteira clandestina é ser uma coisa feita em 15 minutos com uma mulher desconhecida, sob efeito da anestesia. A princípio pareceria muito menos tramatizante, uma vez que praticamente não se sente nada(exceptuando os casos de mau tratamento da parteira). Mas é precisamente este o problema do aborto feito sob anestesia geral, onde a mulher não toma conhecimento do que se passe no seu corpo durante aqueles 15 minutos, nem lhe são dadas informações sobre as consequências e riscos que corre.
O ideal seria que os abortos fossem feitos em grupos de mulheres, pelo método de aspiração, com uma anestesia local, o que aliás já é possível, pois já há quem a saiba aplicar em Portugal.

Ilustrações 8 de Março, maio de 1978 #2 - p.11-12 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.027 (Acesso em: 05/05/2026)

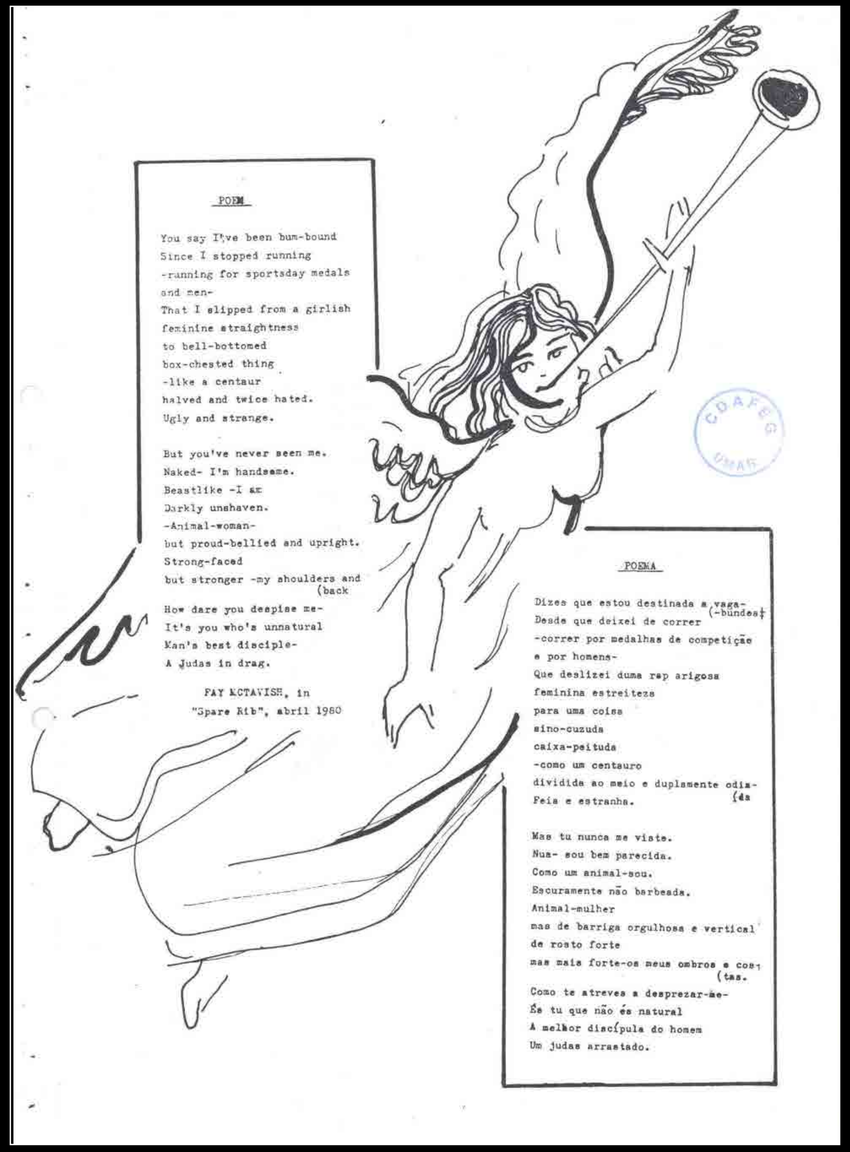
BOLETIM DO I.D.M

(1980-1981)



Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #2 - capa (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.028 (Acesso em: 05/05/2026)



POEM

You say I've been bum-bound
Since I stopped running
-running for sportsday medals
and men-
That I slipped from a girlish
feminine straightness
to bell-bottomed
box-chested thing
-like a centaur
halved and twice hated.
Ugly and strange.

But you've never seen me.
Naked- I'm handsome.
Beastlike -I am
Darkly unshaven.
-Animal-woman-
but proud-bellied and upright.
Strong-faced
but stronger -my shoulders and
(back

How dare you despise me-
It's you who's unnatural
Man's best disciple-
A Judas in drag.

FAY ACTAVISH, in
"Spare Rib", abril 1980

POEMA

Dizes que estou destinada a vaga-
(-bundear
Desde que deixei de correr
-correr por medalhas de competição
e por homens-
Que deslizei duma rep arigosa
feminina estreiteza
para uma coisa
sino-cuzuda
caixa-peituda
-como um centauro
dividida ao meio e duplamente odia-
(da
Feia e estranha.

Mas tu nunca me viste.
Nua- sou bem parecida.
Como um animal-sou.
Escuramente não barbeada.
Animal-mulher
mas de barriga orgulhosa e vertical
de rosto forte
mas mais forte-os meus ombros e cos-
(tas.
Como te atreves a desprezar-me-
És tu que não és natural
A melhor discípula do homem
Um judas arrastado.

CDAFEG UNAM

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #2 - p.3 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.028 (Acesso em: 05/05/2026)

Seminário de Isabel Barreno

Tema III - As limitações das análise factuais e a necessidade de conceitos gerais.

Violeta chega cansada ao fim do dia. Seu marido admira-se, vindo do emprego:

- Como pedes tu estar cansada se só fazes o trabalho de casa?

Violeta interroga-se: realmente é estranho: como pode sentir-se cansada, ela, tão afastada das grandes preocupações do mundo? Que seu marido chegue cansado é normal; ela deveria acolhê-lo, ser capaz de sorrir. Não será esse o resumo da sua função, que afinal é incapaz de cumprir? Talvez lhe falte método, pensa. Tenta interrogar o marido sobre métodos de organização de trabalho, de que ele tanto fala, mas seu marido responde:

- Para que queres tu saber isso agora? Deixa-me ler o jornal, estou cansado.

Violeta fica pensando no seu falhanço, tão raro, tão especificamente seu, certamente, quanto o nome com que a baptizaram.

No dia seguinte Violeta procura sua amiga Joana, que a trata com ar discretamente protector. São amigas de infância, estudaram juntas. Muita coisa as liga ainda, embora, Violeta pensa, talvez mais vindas do passado. Agora têm situações muito diferentes. Joana está empregada. Organiza a sua vida de casa com método, parece satisfeita. Violeta admira-lhe a energia.

- Como consegues? pergunta-lhe - Tens tantos filhos como eu, trabalhas fora de casa, e tudo parece funcionar bem na tua vida.

Joana responde-lhe que, claro, nem tudo corre bem, toda a gente tem problemas. Mas, dum modo geral, sim, está satisfeita. E acrescenta:

- As minhas maiores satisfações vêm do trabalho profissional. Isso dá-me força para enfrentar o resto. Já deves ter reparado que em casa nunca ninguém está satisfeito: quanto mais dás mais te pedem. É grátis...

Violeta recorda-se de seu marido dizendo-lhe: "Estás cansada? Porquê? tu fazes só o trabalho de casa". Aí está: nem jornais nem revistas falam de notórias donas de casa. Só contam histórias de mulheres realizadas em qualquer campo exterior. De donas de casa felizes só falam as histórias de amor, histórias para mulheres. Histórias de ilusão onde a recompensa para trabalhos e canseiras vem do amor. Mas, na realidade, os maridos, embora carinhosos a seu modo, estão distantes, lêem o jornal. Violeta resolve empregar-se.

Depois de muitas buscas, des

cont. pag. 5

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #2 - p.4 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.028 (Acesso em: 05/05/2026)

CDAFEG (VNAB)

continuação pag 4

cobre um emprego. O trabalho é chato. Mas quantas coisas novas descobre: gente diferente, relações com pessoas a partir de um quotidiano partilhado. A sua vida transforma-se numa grande correria: mas o movimento parece gerar mais energia. Ou será antes um sentimento de ser aprovada, reconhecida, por iguais seus, o que a move e lhe dá energia? Em casa, marido e filhos não se queixam. Talvez estejam até contentes de a ver satisfeita. Em breves momentos Violeta recorda a sua vida anterior: Sózinha em casa, limpa aqui, esfrega acolá, às vezes elaborava estranhas cadências de palavras, quase poemas. Contacto tranquilo consigo mesma... onde a havia conduzido isso? Ao cansaço. Violeta interroga-se: mas o que é "ela mesma"?

Um dia o marido chega a casa e diz-lhe:

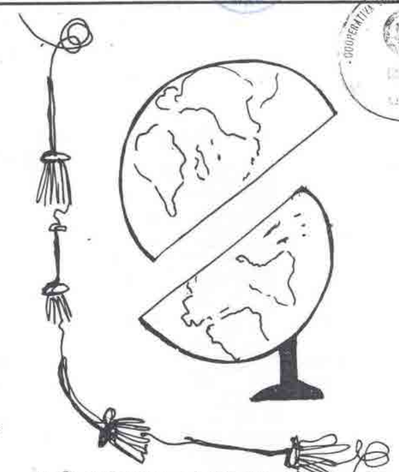
- As donas de casa vão passar a ser pagas. Porque não deixas esse teu emprego estúpido e não voltas para casa? Tudo poderia ser como dantes...

-Ah - diz Violeta - O "dantes" parecia-te bom? Nunca disseste tal coisa. E essa hipótese de ficar em casa não é só dada às mulheres: porque não ficas tu só a fazer o trabalho da casa?

O marido disserta então, longamente, sobre o idealismo das disposições legais igualitárias e as contradições na situação de facto.

Violeta conclui:

- Já sei que não posso ser igual a ti, mas tu também não podes ser igual a mim. E se a desigualdade é básica, não vejo porque motivo eu deva ser sempre a sacrificada, a acomodade. Fica tu nesse salâriozinho de dona de casa, que só será aumentado para o ano dois mil por boa vontade do governo, visto não haver pressão eficaz que o faça subir, que eu sigo no mundo do meu trabalho estúpido, onde não preciso da boa vontade de ninguém.



flexão deste texto, a partir das sessões anteriores e da sessão relativa a este tema:

- existência de um mundo feminino e de um mundo masculino, construidos ambos sobre uma tradicional divisão de tarefas.
- conflitos que surgem do confronto entre esses dois mundos, não só os directamente derivados da situação da mulher - valorização e desvalorização da função materno-doméstica, problemática inserção da mulher no mundo do trabalho profissional - mas também os relativos às contradicções da sociedade actual em geral.
- definição de igualdade sempre partindo de um padrão, explícito ou implícito.
- predominância do mundo masculino na percepção do real.

Nota: A ficção confere a liberdade de tecer casos ou histórias exemplares, onde muita coisa se omite, muita coisa se sintetiza - por comparação com a verbalização analítica, racional - e alguma coisa se acrescenta. Qual a diferença entre a ficção e nossas visões sobre o real?

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #2 - p.5 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.028 (Acesso em: 05/05/2026)

COAFEG UMAR

31 de Junho

ENCONTRO DA UMAR

Realizou-se em Lisboa com a presença de grande número de mulheres.

Ao realizar este encontro propôs-se a UMAR fazer um balanço crítico do que foram as suas actividades passadas, com três anos e meio de existência neste momento, e estabelecer um programa de acção futura.

Saudamos na UMAR a forma como soube auto-criticar-se e propôr-se um futuro de luta "pela emancipação das mulheres". O que passou agora a ser uma das suas preocupações primoritárias.

Dentro desta linha, a UMAR, que integra a CNAC, irá lutar no sentido da legalização do aborto, e da abolição da discriminação contra as mulheres nos vários campos em que esta se situa.

Acabou em festa, este encontro, onde além de música voltamos a ver as mulheres do teatro Ermaginato.

Em Férias

GOSTÂMOS DE LER E POR ISSO TE ACONSELHAMOS:

. A MORTE DA MÃE de Isabel Barreno
Contada a geito de confidência, a história da humanidade vivida no feminino.

. O DIA DOS PRODÍGIOS de LÍdia Jorge.
As palavras certas de contar a vida. Uma verdade uterina, o real, terrível e maravilhoso.

. NOVAS BÁRBARAS de Regina Louro e Miguel Serras Pereira.
Novo e sonhado, numa certa proposta de futuro, o/a feminino/a.

Este espaço serve para anunciar, debates, reuniões, filmes sobre mulheres.
Se queres que as actividades do teu grupo de mulheres seja noticiada - informa-nos. Podes fazê-lo às 6ªfeiras entre as 18,30 e as 20,30h para o 760120

regionalização (cont.)

2 — Organizar as estruturas técnicas que tornem possível a sua efectivação nos diferentes níveis de estruturas de saúde, tendo em conta apenas o grau de complexidade técnica do acto médico em questão.

Nomeadamente:

a) nas primeiras doze semanas de gravidez, na própria consulta de planeamento familiar, desde que apetrechada para o efeito e sob controlo médico, como qualquer outro acto de saúde;

b) a partir da 12ª semana, apenas praticado em instituições hospitalares consideradas tecnicamente aptas para a maior complexidade dos actos médicos envolvidos — e sob controlo de médico especialista.

3 — Informar todas as mulheres, por todos os meios ao seu alcance, das vantagens decorrentes da precocidade de interrupção voluntária de gravidez — quando esta tem que ser praticada — e nomeadamente do acréscimo grande de risco em que incorrem ao praticá-la depois das 12 primeiras semanas.

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #2 - p.8 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.028 (Acesso em: 05/05/2026)

ESTUDOS SOBRE MULHERES

CDAPFG UMAR

Durante os últimos cinco anos, feministas de Edimburgo têm feito cursos de Estudos sobre Mulheres através do Departamento de Estudos Exteriores da Universidade. Na prática devemo seu começo e existência continuada a uma mulher que trabalha no departamento e nos encorajou e convidou-nos ano após ano. Os cursos são anunciados com os outros que são ministrados pelo departamento num prospecto largamente distribuido na cidade.

Como se trata dum curso oficial temos que manter um número grande de estudantes e há normalmente entre oito e 20 de cada vez. Recomeça em Outubro por períodos de 2 vezes oito semanas (outono e primavera) com a opção dum outro período depois da Páscoa se as estudantes quiserem, e até agora sempre quiseram. Podem juntar-se novas estudantes nessa altura, de modo que essa parte do curso é de algum modo uma entidade separada.

(...)Foi da nossa escolha dirigir o curso em grupo e só podemos receber o ordenado dum professor pelas sessões. Já que isto dá tão pouco dinheiro a cada uma, damo-lo normalmente para actividades e campanhas de mulheres.

Originalmente, foi convidado um grupo de estudos de mulheres da Universidade para dirigir o curso. Fizeram-no durante um ano e depois passaram-no a outro grupo. Agora, cada ano o curso é dirigido por um grupo diferente, que se forma especificamente com essa intenção. Algumas destas mulheres são professoras profissionais, mas é sempre um grupo mixto e achamos importante que mulheres com experiências diferentes e profiasões, trabalhem juntas, partilhando aptidões. (...)

As mulheres que dirigem o curso trabalham como um"colectivo", tomando conjuntamente responsabilidades para planear o curso, produzindo materiais, preparando conversas e convidando oradores. Cada ano o grupo é diferente de maneira que há um tratamento diferente dos temas, embora algumas características se mantenham. Todas as mulheres são feministas,mas a orientação do seu feminismo pode ser muito variada e no seu trabalho

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #2 - p.9 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.028 (Acesso em: 05/05/2026)

BIBLIOGRAFIA - IDM

CDAFEC
UMAR

C O R P O

DIXENS, S. (Ed. Lit.)
PROGRESSOS DE OBSTETRICIA E GINECOLOGIA, Madrid, Manuel Marim y G. Campos, 1960, 489 p. (263)
Corpo/Mulher/Saúde/Parto/Ginecologia

BENMUSSA, SIMONE
LA TRAVERSÉE DU TEMPS PERDU, Paris, Des Femmes 1978, 270 p. (158)
Mulher/Corpo/Prazer/Papeis Sexuados/Opressão das Mulheres/Casamento.

F A M Í L I A

CUTILEIRO, JOSÉ
RICOS E POBRES NO ALENTEJO, Lisboa, Sá da Costa, 1977, 433 p. (201)
Sociologia/Família/Situação das Mulheres/Portugal/Classes Sociais

COLECTIVO
THE BODY POLITICS, London, Ed. Stage 1, 1972, 261 p. (55)
Testemunhas/História das Mulheres/Inglaterra/ Família/Trabalho das Mulheres

OAKLEY, ANN
HOUSEWIFE, London, Ed. Pelican, 1977, 273 p. (17)
Casamento/Família/Testemunhas/Maternidade.

C O N T R O L E D O C O R P O

COLECTIVO (L.M.R.)
OPRIMÉES, EXPLOITÉES, LICENCIÉES LES FEMMES LUTENT POUR LEUR LIBERTATION!
Lausanne, L.M.R., 48 p. (222)
Trabalho das Mulheres/Aborto/Trotsky

AVANGUARDIA OPERÁRIA
ABORTO: UMA BATAGLIA DI CLASSE (Itália) Avanguarda Operária, Sd, 50 p. (220)
Aborto/Itália

(NAAC - GRUPO AUTÓNOMO DE MULHERES NÃO APARECE POR ACASO
Lisboa, NAAC/G.A.M., 1976, 48 p. (235)
Contracepção/Aborto/Aborto(Saúde)/Saúde.

F E M I N I S M O

BUNCH, CHARLOTTE e MYRON, NARCY
(Ed. Lit.) CLASS AND FEMINISM
BALTIMORE, MARYLAND, DIANA PRESS, 1974, 90 p. (104)
Feminismo/Luta de Classes/Lesbianismo.

MORGAN ROBIN
GOING TOO FAR, New York, Vintage Books, 1978, 333 p. (198)
Feminismo/Autobiografia/Lesbianismo/Pornografia/Pacifismo/Violência/Violação/Sadismo/Arte/Masoquismo/Loucura.

MANDER, ANICA VESEL e RUSH, ANNE KENT
FEMINISM ON THERAPY, New York, 1974, 119 p. (129)
Feminismo/Terapia

FRITZ, LEAH
THINKING LIKE A WOMAN, New York, Win Books, 1975, 160 p. (149)
Movimento Pacifista/Vietname/Educação/Racismo/Feminismo/Movimento de Mulheres/Revolução Sexual/Lesbianismo/USA.

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #2 – p.12 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.028 (Acesso em: 05/05/2026)

Festival de Cannes

"- Enfim, os seus filmes não poderiam ter sido feitos por um homem?

-De modo nenhum. Se não existe cinema feminino, existe um olhar das mulheres pousado sobre o mundo. Os homens não podem abordar da mesma forma a introspecção feminina, a maternidade, por exemplo. Quando penso nos filmes de que gosto percebo-me de que o tema principal dos homens é a morte. Eu, é a vida que começa, o nascimento duma criança."(...)

Assim fala Marta Meszaros, cineasta húngara que apresentou, no último Festival de Cannes o seu filme "Les Heritières" (As herdeiras), filme "romanesco, ambíguo, sumptuoso e caricatural como um folhetim popular. Em 1936, na Hungria, em plena subida do nazismo, duas mulheres fazem um contracto louco. Sylvia, rica esposa estéril dum belo oficial, compra a uma jovem judia de condição modesta a criança que ela não pode ter. Em troca do bébé que irá nascer, oferece dinheiro, luxo, amizade e um bom genitor: o seu próprio marido".

Ainda em Cannes, Raphaëlle Billetdoux apresenta "la Femme Enfant",(a Mulher-Criança) que analisa a relação perturbante que se estabelece entre um velho jardineiro e uma adolescente "que se reconhecem na rejeição do mundo socializado".

Mas, como sempre, para além dos filmes apresentados e laureados, houve os filmes que foram interditos nos próprios países e aos quais algumas associações, entre elas a Amnesty International dedicaram uma sessão no dia 18 de Maio.

Entre os realizadores sob controlo policial encontra-se,com residência fixa,a espanhola Pilar Miro, realizadora do filme "El crimen de Cuenca", que a Guardia Civil apreendeu por considerar insultuoso. O filme mostra guardas civis torturando dois suspeitos para obter a confissão do assassínio dum pastor. Assassínio que, de facto, nunca foi cometido. A história passa-se em Espanha,nos anos 20; é muito conhecida e pode dizer-se que faz já parte da cultura popular.
Pilar Miro deseja que chegue o maior número possível de telegramas de solidariedade ao:

MINISTRO DA CULTURA
Ricardo de la Cierva
Generalissimo Franco, 39
MADRID

"Em solidariedade com Pilar Miro, contra os processos militares, pela liberdade de expressão"
Informar o jornal "El Pais"
Miguel Yuste, 40. Madrid

HOMENAGEM A JANE FONDA

Decorre no cinema Quarteto de 13 a 27 de Junho, o XVII Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa, de que faz parte uma"Homenagem a Jane Fonda", passando numa das salas alguns filmes em que actua.

Decorre no cinema Quarteto de 13 a 27 de Junho, o XVII Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa, de que faz parte uma "Homenagem a Jane Fonda", passando numa das salas alguns filmes em que actua.

Dizem os organizadores do Ciclo: "Desejaríamos que a carreira de Jane Fonda surgisse menos lacunarmente ilustrada em algumas das suas fases(sendo do entendido que nos recusamos nesta "Homenagem", à promoção vedetística e pretendemos realçar, de tal carreira, a tendência para a intervenção inteligente, ao nível dos próprios mecanismos de produção, em prol de um cinema culturalmente mais empenhado do que os meros e habituais veículos de uma "star") (Do Programa).

Assim, dia 13 (noite) e 14 (tarde) passa o Barbarella (1967); dia 15 (noite) e 16 (tarde), Jūlia (1977); dia 16 (noite) e 17 (tarde), La curée (Queda no abismo, 1966); dia19 (noite) e 20 (tarde), Tout va bien (1972); dia 22 (noite) e 23 (tarde),A doll's house (A casa da boneca, 1973); dia 26 (noite) e 27 (tarde), Comes a horseman, (Uma mulher implacável, 1978).

Nas restantes salas os temas são: "Rostos do Cinema Cômico" (Chaplin, irmãos Marx, J, Lewis, etc), "Angústia made in USA" e os sub-ciclos de "Grnades filmes esquecidos" e "As ante-estreias".

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #2 - p.20 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.028 (Acesso em: 05/05/2026)

D001.005.001.029

1980

BOLETIM DO I.D.M.

BIBLIOTECA EDITORIAL DAS MULHERES
LISBOA
INFORMAÇÃO-DOCUMENTAÇÃO-MULHERES
rua filipe da mata, 115 A
1600 LISBOA
Telef.

Nº 3
set-out.

- notas de rodapé
- as nações unidas reparam nas mulheres
- instituição das relações sexuais
- salários e subsídios
- inquérito I.D.M.

CORREIO UMAR

INFORMAÇÃO
DOCUMENTAÇÃO
MULHERES
rua filipe da mata 115
lx.

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #3 - capa (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.029#!30 (Acesso em: 05/05/2026)

VOSS17 COOPERATIVA CULTURAL DAS MULHERES
CDAFEG UMAR

TORNA-TE SÓCIA do

F

OCTOBRE 1980

Les hommes au banc d'essai : l'élu de votre vie
Suite et fin de notre grande enquête. Ce mois-ci, vos jules sur la sellette. (p. 47)

Mutilations sexuelles : le scandale continue
Vingt-cinq millions de femmes subissent une « rectification » du sexe. Et cela se passe en France aussi. (p. 70)

Des femmes d'argent qui valent de l'or
Quatre financières dans un monde d'hommes : la Bourse. Des pionnières qui brassent des millions. (p. 84)

Nina Hagen en grande pompe
En France pour quinze jours, une super-star. (p. 88)

L'almanach de F
Les manteaux chauds de l'hiver, suivi de nos rubriques soins, enfants, maison, etc. 5

Dialogue
Michèle Perrein ou la rage d'être libre, *propos recueillis par Sylvie Marion* 29

Spécial Hommes
L'élu de votre vie 47

F Journal
L'actualité des femmes, *avec la collaboration d'Eva Bettan et Thérèse Fournier* 65

En couverture ce mois-ci
Mutilations sexuelles : le scandale continue, *par Benoîte Groult* 70

Magazine
Politique. La course folle de deux députées de base, *par Martine Storti* 76
Action. Quand les petites Suissesses boycottent les casseroles, *par Martine Storti* 79

Communautés. Franc-maçonnes : une société très discrète, *par Geneviève Doucet* 80
Emploi. Le rêve impossible d'une dépanneuse télé, *par Thérèse Fournier* 83
Vie professionnelle. Des femmes d'argent qui valent de l'or, *par Eva Bettan* 84
Consommation. Marie : « Oui, j'ai élevé des veaux aux hormones », *par Thérèse Fournier* 87
Spectacle. Nina Hagen en grande pompe, *par Paula Jacques* 88
Art. Les sculptrices de l'énorme, *par Fabian Gastellier* 91

Livres
Critiques et sélections, avec la liste des meilleures ventes du mois 95

Psychologie
Récits de la vie quotidienne : vous et les autres 117

Entre nous
Les lectrices ont la parole 135

Idées
L'adieu aux pères fouettards, *par Elisabeth Badinter* 142

Rédactrice en chef Claude Servan-Schreiber
Éditorialiste Benoîte Groult
Rédactrices en chef adjointes Françoise Rondeau-Salmon, Michèle Faure (réalisation)
Secrétaire générale de la rédaction Ginou Richard
Grand reporter Martine Storti
Rubriques Psychologie : France Nespo. Entre nous : Suzanne Horer. Rewriting : Brigitte Rossigneux. **Secrétariat de rédaction** Colette Franc. **Révision :** Katarina Kalova. **Direction artistique** Zaza Vergeau. **Assistantes de rédaction** Chantal Bigard, Michèle Gervais, et Michèle Cadoin
Sylviane Labes, Martine Lominé. **Service photo :** Anne Crémieux. **Éditrice** Martine Bonnamy (assistée de Christine de Cordemoy). **Publicité commerciale** Maricha Woznikoff-Lorin (directrice). Marie-Raphaëlle Groche, Martine Hollinger (chefs de publicité) assistées de Sabine Garaud
Publicité littéraire Marie-Annick Giraud. Irène de Moucheron (chefs de publicité). **Exécution** Janine Delord. **Vente au numéro** Micheline Laurent-Louvard assistée de Arlette Pouradier. Tél. : 267 39 12. **Gestion :** Christiane Gaujour
Diffusion Eliane Uldry assistée de Claudine Kartagener. **Abonnements** Jacqueline Roncu. Tél. : 376 84 03. **Photo de couverture** Micheline Pelletier-Lattès. Nos lectrices trouveront un encart F Magazine en pages 19-20 et 125-126

F. Magazine est édité par « F. magazine » S.A. Directrice de la publication : Claude Servan-Schreiber. **Rédaction, publicité et gestion :** 67, avenue de Wagram, 75017 Paris. Tél. : 763.12.11. **Abonnements :** 31, cours des Juilliottes, B.P. 89, 94704 Maisons-Alfort Cedex.
Copyright © « F. magazine » SA • Composition Compos Juliet • Photogravure Imp. de Téhéran • Printed in France • Imprimerie Didier • Commission paritaire n° 661.972

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #3 - p.2 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.029#!30 (Acesso em: 05/05/2026)

INFORMAÇÃO-DOCUMENTAÇÃO-MULHERES
RUA FILIPE DA MATA, 115-A
1-600 LISBOA
Telef.

SUMÁRIO

Photo Des femmes

AS NAÇÕES UNIDAS REPARAM NAS MULHERES ::::2
TATIANA MAMONOVA.....7
NATÁLIA - ENTREVISTA.....8
TEATRO -"SLAG" 9
CARTAS DAS LEITORAS 10
NOTAS DE RODA PÉ 11
SCORN POWER SUITE -CONTO 14
NOTÍCIAS INTERNACIONAIS 16
NACIONAL - SALÁRIOS & SUBSÍDIOS 17
A INSTITUIÇÃO DAS RELAÇÕES SEXUAIS 18
POEMA DE SYLVIA PLATH 23
INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA 22

CDAFEG
UMAR

COOPERATIVA EDITORIAL DAS MULHERES
LISBOA

EDITORIAL

No último boletim antes de férias explicámos as nossas dificuldades na produção e distribuição deste boletim trimestral, e dissemos ter chegado à conclusão da impossibilidade de o fazer sem que as sócias contribuissem com o excedente de 100$00 anuais enviados directamente para o boletim, isto para além de terem as cotas em dia.

Neste momento recebemos unicamente 6 assinaturas - o que mostrou não ter sido ouvido o nosso apelo. Insistimos de novo e vemo-nos obrigadas a avisar que o próximo boletim só será enviado a quem tiver as cotas em dia.

Houve um balanço da actividade do idm no dia 4 de Outubro, feito pelas mulheres que cá têm trabalhado. Deste balanço fornecemos alguns dados neste boletim. Para uma informação mais detalhada do que foi este balanço, convidamos todas as sócias par o dia 3 de Novembro, às 15.30 na nossa sede. Além de querermos saber a vossa opinião sobre o que foi o ano passado, queríamos discutir com vocês os nossos projectos para este ano.

Para tudo isto, seria ótimo se nos trouxessem o inquérito que aqui vos fazemos, ou mesmo que no-lo mandassem até lá.

Isabel S.

RUA FILIPE DA MATA 115-A
1600 LISBOA

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #3 - p.3 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.029#!30 (Acesso em: 05/05/2026)

CRITICAS

Teatro

O teatro da Graça convidou o IDM a assistir a um ensaio da sua nova peça - SLAG.

"Slag" apareceu galardoado com um prêmio da crítica de 1971, aquando da sua estreia em Londres. E, segundo nos diziam, tratava-se de feminismo!

Devo confessar a minha desconfiança. Não que eu seja assim"tão radical" nem tão pouco proponho a "exterminação" dos homens; mas é um facto que até à data não vi nunca o feminismo imparcialmente tratado pelos nossos "companheiros".

Pomos assistir a um ensaio. E ao fim de cinco minutos de representação já me sentia,(o que me acontece com frequência, tal é o desprezo com que normalmente somos tratadas)profundamente humilhada. Nem sequer chegava a ser provocação, nem mesmo havia qualquer originalidade!

Três mulheres. Numa escola feminina, quase sem alunas, começam por fazer um juramento de se absterem de relações sexuais com homens. Aqui a minha desconfiança aumentou - tem tão pouco a ver com feminismo e mulheres, e tanto com aquilo que os homens dele pensam!

Mas a seguir foi pior. As três mulheres exibem o seu ódio umas às outras em palco. Sem qualquer relação entre si, sem sequer um mínimo de amizade, aquilo que as une vai-se tornando óbvio - homens. A cena vai-se enchendo do Homem, negado, desejado, imaginado, único tema de conversa. O homem ocupando tudo, com o seu pênis muitas vezes mencionado e imperando.

A "feminista" nega-o, quer negá-lo, mas a ele se refere todo o tempo, fazendo um discurso político abstracto, perfeitamente paralelo à acção da peça. Um feminismo a "martelo" onde não existe a afirmação de uma identidade de mulher mas unicamente a negação do homem.

As outras duas mulheres sonham-no, desejam-no. O juramento das três professoras, no início da peça, cada vez aparece mais incongruente,inacreditável, fora de contexto.

O"histerismo", estrela de toda a história, vai-se desenhando. Definitivamente bem instalado em todas elas, com vantagem de alguns pontos para a feminista, como é de obrigação. A sua causa (do"histerismo", claro) aparece como o autor a quis, obviamente óbvia - falta de homem.

Esta pretensa relação entre três mulheres é a característica, estereotipada, das vizinhas do OMO, das anedotas do Diário Popular, dos romances de cordel: feita de invejas, intrigas, violência. As mulheres não são "capazes" de outra coisa. O sentimento elevado da amizade e do amor é apanágio dos homens. Não há nestas mulheres o mais pequeno sinal de ternura, solidariedade, ou sequer cumplicidade.

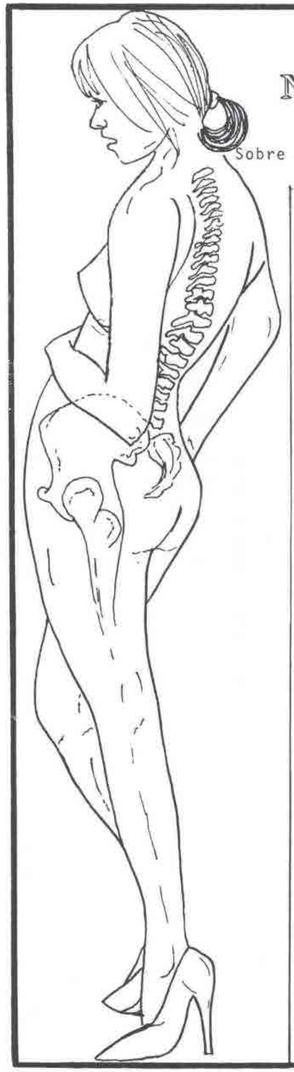
E os lugares comuns sucedem-se. Surge qualquer coisa que nos diz respeito, que é real - o desejo de maternidade. Mas imediatamente mostra a sua inconsistência: uma enorme raiva às crianças--alunas e uma gravidez 'histérica'. Porque acima de tudo é preciso que fique claro: mulheres sôs = "histerismo". Sugere-se ainda uma relação lêsbica (?),(juntam-se todos os ingredientes do pretendido sensacionalismo) em que uma mulher faz de homem (claro) e outra de mulher, declamando frases shakespirianas.Mas tudo se passa com muita decência (convém agradar a todos): na iminência de um beijo, a "feminista" grita espavorida e tudo para. E, esta cena, que queria ser muito sensual, acaba quando a directora, mais voluntariosa, manda a mais feminina e normalzinha (a da gravidez'histérica') despir--se, o que esta faz com tal desenvoltura que ficamos à espera de ouvir correr o duche. Mas para a feminista isto é manifestamente demais e desmaia ao ver o "nu". Esta feminista, tão inibida, dizem-nos ser a mesma que ensina as alunas do colégio a masturbar-se!

E por aí fora, em gritos

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #3 - p.9 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.029#!30 (Acesso em: 05/05/2026)

CDAFEG UMAR



por Kathy Overfield

NOTAS de (RODA)-PÉ

in Spare Rib nº 80

Sobre os costumes nativos na Europa do século XX.

Há já algum material sobre a deformação psicológica que faz parte da educação das raparigas na nossa cultura, e existem investigações sobre os costumes mais "exóticos" de ligar os pés na China ou da clitoridectomia e infibulação em muitas partes do mundo.

Do que muitas de nós não se dão conta é que a deformação a um nível fisiológico faz igualmente parte dos nossos anos de crescimento. (Não estou no entanto, de forma nenhuma, a dizer que o meu exemplo é tão assustador como outros actos horríficos perpetrados contra as mulheres). Mas é fácil demais despedi-lo como irrelevante.

O pé é um lugar particularmente apropriado para começar, porque para a maior parte de nós os pés e as pernas representam o sistema muscular mais forte e complexo. Significativamente, os pés têm sido um fetiche, uma fonte de estimulação psicológica e sexual para muitas sociedades e muitas épocas, talvez por causa do papel central que desempenham ao mover-nos ou ao restringir os nossos movimentos. Com pés aleijados é impossível movermo-nos efectiva, rápida e confortàvelmente.

O pé faz parte dum contexto muscular e esquelético altamente complexo, para manter o equilíbrio, para o movimento e para suportar o peso do corpo. Reduzir a eficiência em qualquer destas funções significa dor, ar desageitado ou imobilidade total. Para servir os objectivos do controle social é evidentemente muito eficiente deformar grupos sociais não-desejados ou sem poder, de tal modo que não fiquem necessariamente imobilizados por completo mas, no entanto, fazendo-os aceitar a sua posição dependente e subordinada. Aqui a moda em sapatos é de primordial importância. O sapato deve prover sustentação para a estrutura óssea do pé, sem restringir os seus movimentos. Deve ser maleável e suficientemente espaçoso para não impedir nenhum movimento do pé e ter, no entanto, uma sola espessa, flexível, protectora. Os sapatos para homem quase sempre se ajustam a estes critérios; os sapatos para mulheres não se ajustam a nenhum deles. Deixando de lado, de momento, as pressões psicológicas e sociais que levam as mulheres a ver este calçado que de todo não serve, como bonito e necessário, considerarei o comércio de sapatos.

A deformação começa cedo. Os sapatos para os que começam a andar e para as crianças são em geral bastante "sensatos" - moles, flexíveis, seguros. Cerca da idade escolar aparecem transformações distintas no calçado para rapazes e raparigas. Os sapatos dos rapazes tendem a parecer rasos, seguros, maleáveis; os sapatos das raparigas começam a ser mais altos, mais caros, feitos de materiais artificiais (menos maleá

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #3 - p.11 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.029#!30 (Acesso em: 05/05/2026)

Corpo

Aborto e contracepção: um direito, uma escolha. Lisboa, Antídoto, 1979, 154p.
corpo/controlo do corpo/aborto/contracepção/ América do Sul/África/Itália/França/USA/Portugal.

Falam 3000 casais. A regulação de nascimentos. Lisboa, Moraes, 1967, 340p.
controlo do corpo/contracepção/Igreja Católica/inquérito.

BOSTON WOMEN'S HEALTH COL. Ourbodies, Ourselves. Nova York, Simon and Schuster, 1979, 383p.
controlo do corpo/corpo/sexualidade/lesbianismo/fisiologia/relações entre pessoas/ alimentação/ desporto/violação/auto-defesa/ self-help/aborto/contracepção/maternidade/parto/menopausa/saúde/medecina/
N:Versões em francês e espanhol.

Familia

SULLEROT, Evelyne (ed. Tit) Le fait féminin. Paris, Fayard, 1978, 520p.
biologia/genética/sexualidade/diferenciação sexual/endocrinologia/psicologia/psiquiatria/sociedade/papeis sexuados/família/demografia.

A mulher na sociedade contemporânea. Lisboa, Prelo, 1969, 220p. (Cadernos de Hoje,8).
legislação/trabalho/família/Portugal.

BOSTON WOMEN'S HEALTH COL. Ourselves, and Our Children. Nova York, RAndom House, 1978, 288n.
maternidade/crianças/relação mãe-filha(o)/paternidade/puberdade/família/vida em comunidade/mãe solteira/sociedade.

História

WOLLSTONECRAFT,Mary Défense des droits de la femme. Paris, Petite Bibliotèque Payot, 1976, 239p.
feminismo/história das mulheres/ensaio.
1º Edirão 1792.

CAPEZZVOLI,L.; CAPPABIANCA,P. História de la Emancipacion Femenina. Madrid, Miguel Castellote,s.d., 203p.
história das mulheres/feminismo/sufragistas/Igreja Católica/Itália.

WOOLF, Virgínia Os três guinéus. Lisboa, Vega, 1978, 277p.
teoria da opressão das mulheres/feminismo/Virgínia Woolf.

SÓFOCLES Antígona. Ájax. Rei Édipo. Lisboa, Verbo, s.d., 181p.
teatro/família/Grécia

D'EAUBONNE, Françoise As mulheres antes do patriarcado. Lisboa, Vega, 1977, 250p.
história das mulheres/deusas/amazonas/matriarcado/revolução patriarcal/celtas/antiguidade.

RIBEIRO,Aquilino Princípes de Portugal, suas grandezas e misérias. Lisboa, Livros do Brasil, 1952, 228p.
história/mulher/Portugal.

ROWBOTHAM, Sheila Women's Liberation and Revolution.Bristol, The Falling Press, 1973, 24p.
referência/bibliografia/hhistória/Marx/revolução socialista/mulher/Inglaterra.

Politica

Inflitration of the women'S movement. A feminist critique of the young socialists. Edmonton, Black Cat Press, 16p.
política dos mlm/feminismo/autonomia dos mlm/trotskismo/Canadá.

Mulheres contra homens? Lisboa, D. Quixote, 1971, 223p.
história dos mlm/política dos mlm/feminismo/antologia.

Notes on women's liberation. We speak on many voices. Detroit, News Sellen, 1970, 86p.
política dos mlm/marxismo.

Religião

Menstrual Taboos. London, Onlywomen Press, 23p.
menstruação/tabu/mitologia/deusas.

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #3 - p.22 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.029#!30 (Acesso em: 05/05/2026)

desenho de Agnes Rosenthiel no livro "Les Filles" ed. des femmes

Lady Lázaro

(continuação pag

Que se derrete num silvo
Volto-me e ardo
Não penses que subestimo o teu grande interesse

Cinza, cinza -
Atiças e revolves
Carne, osso, não há aí nada

Um bolo de sabão
Um anel de casamento
Um recheio dourado.

Herr Deus, Herr Lúcifer
Cuidado
Cuidado

Da cinza
Me ergo com o meu cabelo vermelho
E como homens como ar.

Biblio Grafia

Socie-dade

ARCHER, Maria
Ela é apenas mulher. Lisboa, P.A.M.Pereira, 1944, 408p.
ficção/sociedade/feminismo.

MELLO, Fernando Ribeiro
Nova recolha de provérbios e outros lugares comuns portugueses. Lisboa, Afrodite, s.d., 456p.
sociedade/estereotipos/mulher/família/casamento/relação entre pessoas/alimentação/"sabedoria"popular/Portugal.

Trabalho

La condizione della Donna. Torino, CUB, 1974, 15p.
trabalho das mulheres/trabalho doméstico/Itália.

As mulheres assalariadas. Lisboa, Estampa, 1974, 165p
trabalho/trabalho das mulheres/sindicatos/França.

Wages for housework. Nova York, Women in Struggle(3), 48p.
salário contra trabalho doméstico/testemunhos/história dos mlm/aborto/Itália.

Wages for housework:women speak out. Toronto, Amazon Press, 40p.
salário contra trabalho doméstico/trabalho doméstico.

Sexualidade

KINSEY, Alfred e outros.
O comportamento sexual do homem. Lisboa, Meridiano, 1972, 651p.
sexualidade/homem/puberdade/classe social/homosexualidade/masturbação/zoofilia.

MASTERS,William;JOHNSON, V.
Inadequação sexual. Lisboa, Meridiano, 1972, 524p.
sexualidade/terapia/disfunção sexual/orgasmo/terceira idade.

MASTERS,W.; JOHNSON, V.
As Reacções sexuais. Lisboa, Meridiano, 1972, 405p.
sexualidade/homem/mulher/reacção sexual/orgasmo/fisiologia.

ATENÇÃO
DIA 22
Novembro
às 15h 30m.
no IDM
Balanço
em todas as
frentes. Projec
tos de futuro.
Vem dizer
e mio quem
o IDM

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #3 - p.26 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.029#!30 (Acesso em: 05/05/2026)

nossos semanalmente nº 1.D.M...

des femmes en mouvements hebdo
70, rue des Saints-Pères
75007 Paris, tél. 222.02.08

Commission paritaire : 56073 - Imprimerie PPI 51 rue Jean Lolive 93170 - Bagnolet. - Directrice de publication : Marie-Aude Cointet.

sommaire

des femmes hebdo
en mouvements
nº 42-43
du 22 août au 5 septembre 1980

De l'homosexualité féminine à l'invention et la mise en œuvre, par des femmes, d'une hétérogénéité psychosexuelle. **16**

"Une jeune fille", film inédit réalisé en 1973 par Antoinette Fouque avec des femmes du collectif psychanalyse et politique.

agenda culturel 2
lectures 4

dernières informations 8

lutte, solidarité, vie pour libérer Lydia Gueiler, la présidente retenue en Bolivie par la junte fasciste 9

courrier, mouvements 10

mobilisation permanente contre la répression entretien avec Françoise : "Ce qui échappe à leur loi, ils veulent l'y remettre." 12

homosexuelles, des femmes *(pages 12 à 36)*

luttes
homosexuel-le : un seul terme, au féminin, au masculin, alors qu'il y a : femme et femme homme et homme. discussion avec Martine, Françoise, Marie-Noëlle qui militent au C.U.A.R.H. 13

mouvements
des femmes filment 16

un questionnement de l'homosexualité : sortir des rôles masculin / féminin 21

Nous aimions des femmes depuis toujours... *mais comment* libérer chacune notre homosexualité, sortir de ce système où le désir est fondé sur l'avoir, où il en faut toujours plus ? 22

Quand nous sommes venues au mouvement, d'où que nous venions, nous savions que c'était un lieu homosexuel 25

Evita : "Tout l'amour que j'ai pour une femme, c'est une arme, c'est une vérité..." 30

vies de femmes
entretien avec Lucienne : "En fin de vie, je trouve dérisoire d'avoir passé une existence en cachant mon vrai visage." 32

entretien avec Nelly : "A partir du moment où ma sensibilité s'exprimait pour une femme, la musique remontait en moi." 34

chanson d'amour
"C'est le vent" une chanson de Nicole Louvier 36

Ont participé au sommaire de ce numéro : Daniel, Isabelle, Stéphane

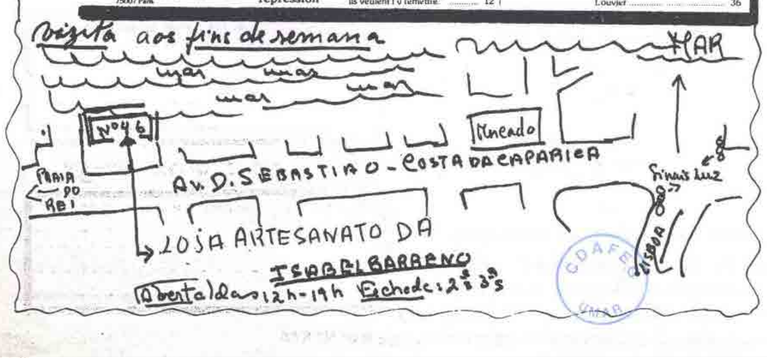
Photos de couverture : image du film "Une jeune fille" et photos Des femmes filment. Voir page 16.

Entretiens, photos, textes, images de : Antoinette Fouque, Marie-Claude Grumbach, Dominic, Evita, Françoise, Isabelle, Nicole Louvier, Sappho, Dulce Araujo,

© 1980 Des femmes en mouvements hebdo Tous droits de reproduction et traduction réservés pour tous pays

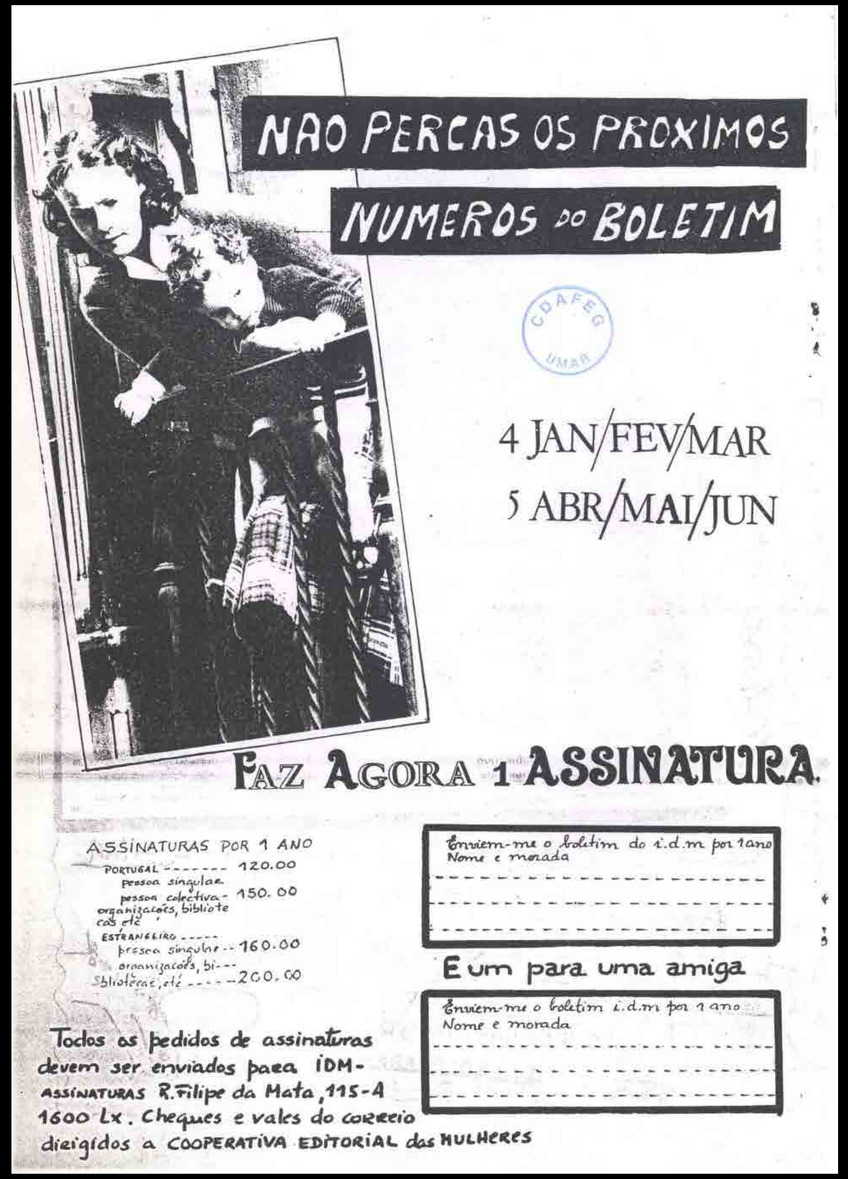
Nous ne pouvons vous retourner les textes que vous nous envoyez.

Télex : Paris-Bourse, 7, rue Feydeau : 250 303 pour le 222 02 08 à P...
Courrier : 70, rue des Sts-Pères 75007 Paris



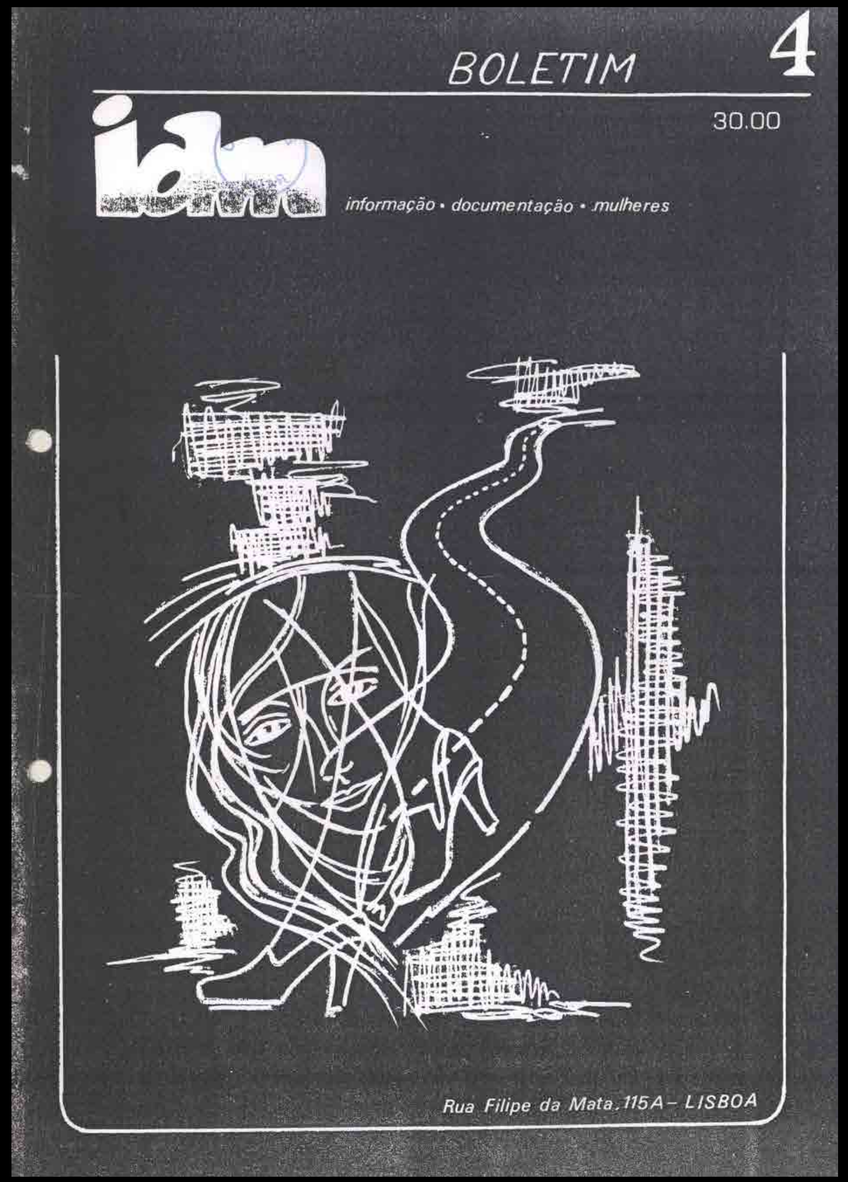
Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #3 - p.29 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.029#!30 (Acesso em: 05/05/2026)



Ilustrações Boletim do I.D.M, 1980 #3 - contracapa (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.029#!30 (Acesso em: 05/05/2026)



Ilustrações Boletim do I.D.M, 1981 #4 - capa (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.032#!1 (Acesso em: 05/05/2026)

CDAFEG
UMAR

ESCREVE
TELEFONA
aparece

Trabalharam e colaboraram no Boletim:
Isabel Conde, Luísa Costa Gomes, Paula Jordão, Milena, Sílvia, Manuela Leitão, Aldina, Micá, Isabel Madureira, Rosário, Isabel Santos, Luísa Teixeira.

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1981 #4 - expediente (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.032#!1 (Acesso em: 05/05/2026)

CAMPANHA CONTRA --- DEPO PROVERA

O que é a Depo Provera?

A Depo Provera é um contraceptivo injectável, que, como a pílula, é fundamentalmente uma hormona sexual artificial - progestagénio, neste caso.

É fabricada pela UpJohn Co., com o nome comercial de Depo Provera. É geralmente administrada em doses de 150 mg e tida como preventiva contra a gravidez durante 3 meses, embora o seu efeito possa permanecer durante mais algum tempo.

Qual o funcionamento da Depo Provera ?

A acção da droga manifesta-se em três fases: (1)- suprime a ovulação, o lançamento em cada mês do óvulo, dos ovários da mulher; (2)- torna o endométrio, o interior do útero, mais susceptível de rejeitar qualquer óvulo que possa ser fertilizado; (3)- torna a mucosa cervical, a entrada do útero, mais viscosa e forma uma barreira mais efectiva ao esperma.

Pequeno resumo dos riscos da Depo Provera

Não se pode saber eficazmente até que ponto uma mulher pode ser afectada pela Depo Provera até que ela tenha levado a injecção.

Efeitos secundários imediatos

O efeito secundário mais comum é a rotura do ciclo menstrual - pode-se sangrar continuamente ou não ter qualquer vestígio menstrual, mesmo depois de ter cessado o efeito do contraceptivo. Podem também surgir dores de cabeça, aumento de peso, náuseas, cãimbras, irritabilidade, alteração do sistema nervoso, perda de cabelo, depressão e perda da libido. O estrogénio é algumas vezes receitado para tratar as menstruações fortes e irregulares, o que nega quaisquer vantagens de um contraceptivo sem estrogénio.

Riscos a longo prazo

O resultado de experiências em que foi dada Depo Provera a animais mostra que este produto pode aumentar o risco de cancro desenvolvido a longo prazo.

CANCRO DO ENDOMÉTRIO-cancro no interior do útero desenvolvido em macacos a quem foram dadas grandes doses de Depo Provera. Muitos médicos ainda não têm conhecimento deste facto, descoberto em 1978. O cancro do endométrio geralmente não se desenvolve nas mulheres até depois da menopausa e é muito raro.

CANCRO DA MAMA- Foi descoberto em cães expostos á Depo Provera. A importância dos testes em cães é discutida por peritos mas apenas quando os resultados daqueles podem levar á conclusão de que a droga é perigosa para as mulheres.

CANCRO CERVICAL- As mulheres dos Estados Unidos que tomaram Depo Provera revelaram uma média muito mais alta de cancro deste tipo (colo do útero) do que se podia esperar - o aumento foi da razão de 3 para 9. As pílulas que contêm o mesmo componente que a Depo Provera (acetato de medroxy progesterona) foram retiradas do mercado desde 1971, porque ocasionavam o cancro da mama em cães. Só recentemente vieram a público algumas das conclusões acerca destas injecções.

Há provas de que o fabricante, UpJohn, ocultou resultados que ligavam a droga com cancro e de que os médicos não foram devidamente informados.

Podem ainda aparecer outras complicações de saúde mais imediatas para as mulheres do que o cancro.

DIABETES- Estudos têm mostrado que o contraceptivo parece ocasionar sintomas de diabetes - facto que nem todos os folhetos da companhia, para divulgação, entre a classe médica, mencionam. Convém também sublinhar que os diabetes são um perigo mais sério nos países em que as facilidades de tratamento são inacessíveis.

IMUNIDADE REDUZIDA- A capacidade do corpo para resistir a infecções é diminuída pela droga. A longevidade nos animais é reduzida.

INFERTILIDADE PERMANENTE- Podem passar-se 18 meses ou mais até que o ciclo menstrual normal recomece. Muitos médicos não têm a certeza de que algumas mulheres possam engravidar de novo, enquanto alguns chegam a dar o produto a mulheres que ainda não tiveram crianças.

Riscos para as crianças

Depo Provera transmite-se através do leite materno, sabendo-se ainda pouco acerca do efeito de doses diárias da droga no desenvolvimento da criança. No entanto calcula-se que o poder de imunidade contra as infecções, geralmente transmitida através do leite materno, pode ser prejudicada assim como o desenvolvimento sexual da criança se a mãe levar a injecção repetidamente.

Como outros progestogénios, a Depo Provera está ligada aos riscos de nascimentos de bébés defeituosos que foram expostos a ela durante os primeiros meses de gravidez.

Muitos dos riscos acima mencionados são muito mais sérios para as mulheres do Terceiro Mundo, onde a saúde e alimentação das populações são geralmente más.

Controle Populacional - - Imperialismo - Racismo

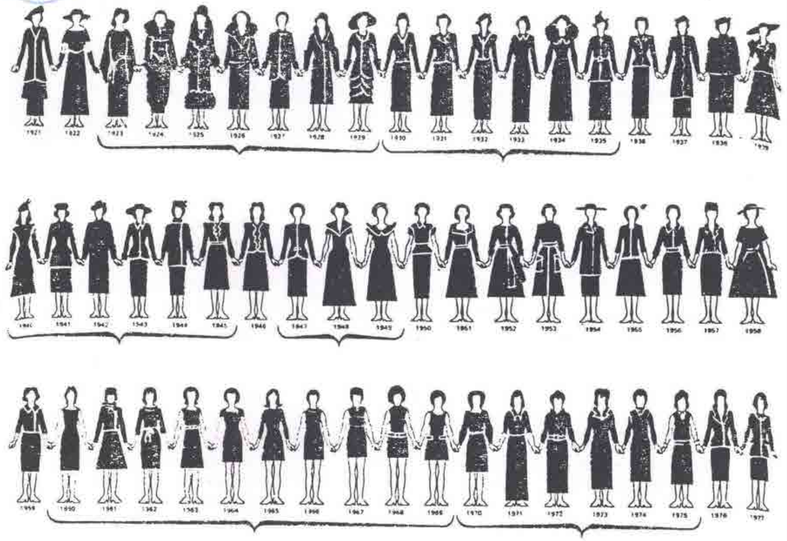
É importante estabelecer a diferença entre controle populacional e controle de nascimentos: o controle de nascimentos é quando as pessoas decidem controlar a sua própria fertilidade; o controle populacional é quando a fertilidade é controlada por decisão de outrém, governos nacionais e agências internacionais. Depo Provera é um contraceptivo que tem sido desenvolvido como um instrumento de controle das populações, constituindo assim uma das armas do imperialismo. Para que o crescimento da população continuasse sob coacções políticas existentes, era preciso que houvesse uma mudança política, o que iria ameaçar os interesses do imperialismo. A ajuda financeira dos países do Terceiro Mundo depende muitas vezes da entrada em vigor de programas de controle populacional nesses mesmos países. Por exemplo, cerca de 2/3 de toda a ajuda norte-americana para os programas de saúde foi dirigido para o planeamento familiar. Por outro lado o objectivo da investigação de contraceptivos em laboratórios e clínicas em todo o Mundo é arranjar o método mais económico de impedir os nascimentps.

A Depo Provera foi desenvolvida porque tem a vantagem de ser mais barata e fácil de administrar, em detrimento da segurança considerada vital para as mulheres que a usam e que deve constituir uma das principais prioridades. Ao analisarmos todos os aspectos da história da Depo Provera damo-nos conta da maneira totalmente racista como tem sido desenvolvida, testada e agora usada em todo o Mundo. Têm sido dadas milhares de injecções a mulheres a quem nada se diz acerca dos efeitos secundários e riscos da droga e o facto de, na América (onde começou), não ser oficialmente considerada segura. Em muitos dos países do Terceiro Mundo dá-se esta injecção às mulheres sem haver uma examinação interna regular ou sem mesmo se ter muitas vezes observado a própria saúde da doente. É vital que as mulheres tenham o controle da sua própria fertilidade. A Depo Provera contribui ainda mais para que esse controle fique nas mãos dos médicos, agências internacionais e controladores da população.

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1981 #4 - p.4-5 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.032#!1 (Acesso em: 05/05/2026)

SAIAS ACIMA SAIAS ABAIXO



Uma das relações mais enigmáticas da história do vestuário é a que se estabelece entre comprimento dos saias e as condições económicas gerais da sociedade. Durante este século, desde a 1ª. Guerra Mundial que se pode encontrar uma correlação precisa entre o comprimento das saias e os períodos de crescimento e depressão económicas. Pareceria, superficialmente, que as saias compridas - que precisam de mais tecido - seriam moda nos períodos de crescimento e que as saias curtas fossem usadas em períodos de depressão económica.

Mas a análise dos factos revela exactamente o contrário: à medida que a economia se desenvolve, sobem as saias e quando decresce, descem. Nos anos 60, o projecto da "midi" foi um falhanço - as saias continuaram a subir no florescimento da década de 60, até à "micro" e aos "hot-pants". Só com a recessão económica dos anos 70 (fala-se sobretudo dos Estados Unidos e Inglaterra) voltou a moda das saias compridas.

As razões desta correlação são objecto de especulação mais ou menos subjectiva. Uma explicação "biologizante" considera que as mulheres, em períodos de segurança financeira, se sentem mais em posição de provocar as luxúrias masculinas: uma outra, mais realista, explica o aparecimento de saias curtas em períodos de crescimento pela maior actividade desenvolvida pelas mulheres que desejam, então, um vestuário confortável e que não iniba os movimentos.

Fundamentalmente, é preciso compreender que não são as mulheres que fazem a moda, mas técnicos e industriais que produzem todos os anos novas variantes de vestuário, variantes essas que são, a maior parte das vezes, o oposto do que se usava na estação anterior.

Como o vestuário é sobretudo um conjunto de sinais, uma linguagem, tal como os gestos, as expressões ou as posturas, o que se pretende é que ele constitua o sinal dum estatuto. A constante renovação das modas dirige-se à manutenção deste estatuto: estar na moda pressupõe que se tenha a possibilidade de comprar novas indumentárias a intervalos regulares e, muitas vezes, breves.

Luísa Costa Gomes

Adaptado de "Man Watching" de D. Morris

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1981 #4 - p.7 (créditos do coletivo)

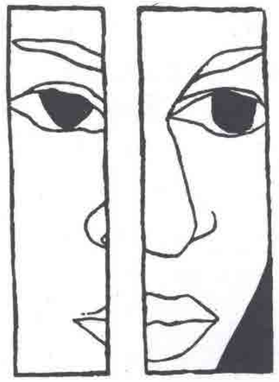
Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.032#!1 (Acesso em: 05/05/2026)

CDAFEG
UMAR

O tempo continua pré-histórico
Está tudo certo segundo o calendário
Papel a fluturar...
Tu que só falavas em ligar
Tudo desligaste
Noutro plano
Imaterialismo
Teclado
De imagens fugazes,
Inabordáveis.
Só te conheci de vista
Noutra dimensão
Fora do mercado
Da casa onde germinam...
Estavas gravemente iludida
Continuas gravemente desnuda
Na omultidão das coisas vivas
Por causa do tempo.

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1981 #4 - p.15 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.032#!1 (Acesso em: 05/05/2026)



Na rua, a esta hora, ele passeia-se com certeza para cá e para lá, como uma bola presa por um elástico ao tronco do candeeiro - a sombra oblíqua para um lado e à volta, o caminho reconhecido, para cá obstinado. Dir-lhe-ei: mas hoje não, saio sózinha comigo, com o meu vestido e os meus pingentes, ficarei livre de sorrir a perguntar: e tu, queres sopa?

Um vestido vermelho. E pintar a cara, ver-me ao espelho com desproporcionados olhos de formiga, serei um desenho animado. Brincos que tilitem quando eu disser que decididamente não. O restolhar e o tilintar, ruídos das fantasias do corpo.

Sento-me na mesa sobre a praia e quero pedir um copo de água salgada, começar a constituir uma imagem ininteligível. À frente, um rosto fluctívago dirige-me um rosto amorfo, olhudo, por cima do colarinho. Observo-o um homem limpo - o nariz apoiado nas mãos cruzadas.

Ela imagina a lua às três da manhã, diz que adora fazer direcções, com um fringanor e muito hash e os amigos, dum lado as nuvens cinzentas e o fumo da aldeia, da chuva no fundo do vala; que se sente feliz, são férias, uma paisagem paradisiacal (diz) sem saber porquê vêm-lhe as lágrimas aos olhos ... é a luta dos opostos, ali tão ameno e as nuvens - é o espírito do mundo que desperta, e pensou que teria de passar a cozinhar em casa, estávam a gastar o dinheiro todo, sem precisão.

Imagino uma paisagem arredondada, uma vulva respira e um rio determinado flutua entre os grandes lábios; do azul negro ao branco, a lua cheia à direita muito apertada acima. Conheço as anfetaminas que deixam o corpo moído e a garganta seca e te obrigam a estudar Leibniz dez horas a fio, um flip-flop de ideias como moscas.

Talvez seja da minha idade, continua, mas gosto do campo. Distingo radicalmente o campo da cidade, adoro o campo; detesto a técnica, mas não suporto a falta de música, repara a música que eu curto e outras coisas ... sim, uma paisagem paradisiacal e uma vida o mais possível integrada na natureza... o mal vem todo da racionalidade, Aristóteles (é uma definição polémica) dizia que o homem é um animal racional, animal racional ...

Imagino uma caverna e o escuro da caverna e o urso no escuro da caverna. Admira-me como ele hiberna, dormindo num tempo que lhe não convém - - na sua pele confortável, a vida feita de verão segundo a maravilhosa engenharia do instinto. Imagino-me à porta da caverna, de costas para o sono do urso.

O homem apoia o rosto numa das mãos, passa um dedo por dentro do colarinho. Talvez seja o sinal aequado para que alguma coisa aconteça. De facto, o criado aproxima-se, curva-se para ouvir a encomenda. A memória que agora usa servir-lhe-à mais tarde, já na copa, para pedir um tal e tal bem passado com isto e aquilo, sem hesitar, talvez apenas um pouco afoguado do rodopio: memória transformada em crêpes suzette. Observa-me por detrás duma placa invisível, de boca aberta, onde está escrito "cena do sorriso, primeira vez, clac!".

Oiço o lento respirar do animal que dorme. E vejo muito claramente Aristóteles deixar cair a sua bola de metal tão pesada, a dor disparando do pé, contorcendo o rosto do sábio parafrasta do mundo. O grito informe, a intuição unânime - onde estou eu, pensa Aristóteles, quem me terá pisado? Acabara por esquecer o ardil próprio, fabricado expressamente para desvendar a natureza e é, neste ponto, um animal. Mas ao mesmo tempo a memória lho diz para sempre eu devo interpretar.

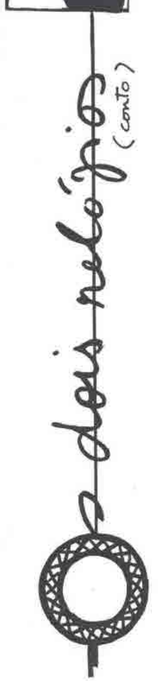
Mistagogia do querer.

Cena do olhar amoroso e desejoso, primeira vez. O homem incha o papo, socode os ombros e eu, no meu canto, espero com sinceridade o cacarejo luminoso.

Imagino as cobras e os lagartos nas suas tocas à espreita. À espera que o urso adormeça, mas com medo do escuro. E é Janeiro, o urso dorme, a cobra indecisa. Como entrar na caverna, e depois de entrar como encontrá-lo, e depois de o encontrar como chegar a fazer-lhe mal com autêntica vontade -?- porque suspeita que afinal não é duma caverna que se trata, mas dum fojo e abominável - a chuva que há-de vir, o desabrido declinar das estações, os gestos agradindo e dissimulando-o. O tempo que, passando, reine os seus triunfos.

Reparo que o seu rosto é muito regular, agora que reparo que estou sózinha. Quase estrábico. As mãos familiares, iguais às minhas; a mesma cor nos olhos, a unha scna - tch-scratch ao longo da risca ao meio. Farei render o vestido vermelho e os pingentes. bebo água com

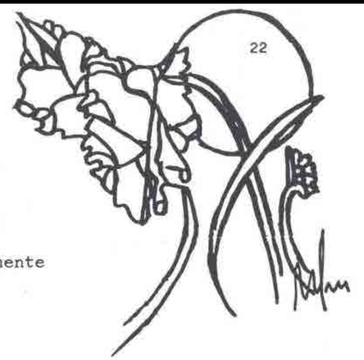
cont. p. 19



Ilustrações Boletim do I.D.M, 1981 #4 - p.17 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.032#!1 (Acesso em: 05/05/2026)

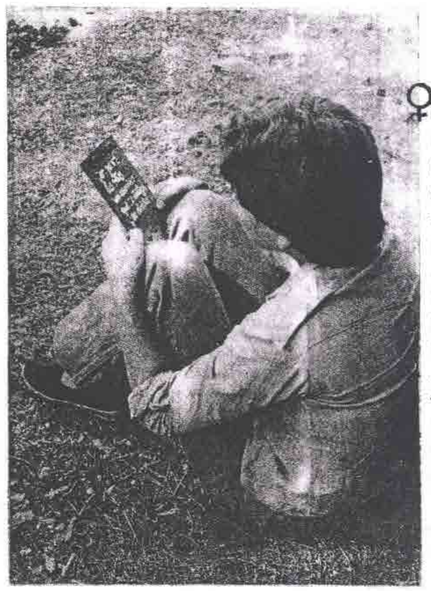
CDAFEG



PORQUE É QUE EU NÃO ENTENDO?

A ausência de luz no fim do túnel
de esmagar crianças
As palavras vazias de cor e vida e
movimento
As letras que se encontram fortuitamente
nas palavras de sentido alheio
Porque a ausência de entendimento?
Porque as palavras para os outros?
No meu dicionário adormeço
E sem esquecer o lápis na mesa de cabeceira
e o meu desejo de palavras com vida
quando acordar escreverei Amor

Rosário

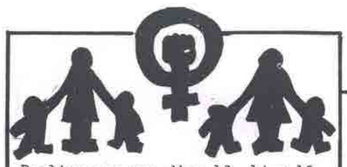


SOUBE-ME
PORTA ENTREABERTA
PARA LÁ DAS LÁGRIMAS,
FERIDA OCULTA
NOS OLHOS SUBMERSOS.
SURGI-ME
EM PASSOS PARADOS
NO SOLUÇO DO ALÉM,
E OLHEI-ME,
ABSORTA DE MIM,
VIVA DA MÁGOA SUFOCADA,
NO LANGOR SURPREENDIDO,
DO SOPRO-MELODIA
EM MEU CORPO
INAUGURADO.

Isabel Madureira

Ilustrações Boletim do I.D.M, 1981 #4 - p.18 (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.032#!1 (Acesso em: 05/05/2026)



Realizou-se nos dias 13, 14 e 15 de Fevereiro, em Bruxelas, uma "Conferência Internacional sobre as Mulheres Maltratadas"na "Casa das Mulheres", R.Blanche, 20. Participam representantes de todos os países da Europa, com bastantes grupos de trabalho interessantes, entre os quais salientamos: "Investigação sobre Mulheres Maltratatas"; "Casas Refúgio, Telefones de Emergência, Casas de Acolhimento"; "Democracia nas Casas Refúgio"; "Trabalho Pago, Trabalho Voluntário e Profissionalizado nas formas de Assistência às Mulheres Maltratadas"; "Subsídio e Financiamento destas formas de Assistência", etc.
De Portugal foram a Ivone Olim e a Ana Isabel pelo I.D.M.,e uma representante do Sindicato das Empregadas Domésticas.

A VIOLAÇÃO *no casamento*

Recebemos uma carta de DIANA RUSSEL, autora de A Política da Violação e Crimes contra as Mulheres: Processos do Tribunal Internacional e que está agora a preparar um terceiro livro: A violação no Casamento .

Para o concluir precisa, no entanto, de DEPOIMENTO de Mulheres de todo o mundo que tenham sofrido elas próprias violação por parte dos maridos ou que conheçam outras a quem isso aconteceu.

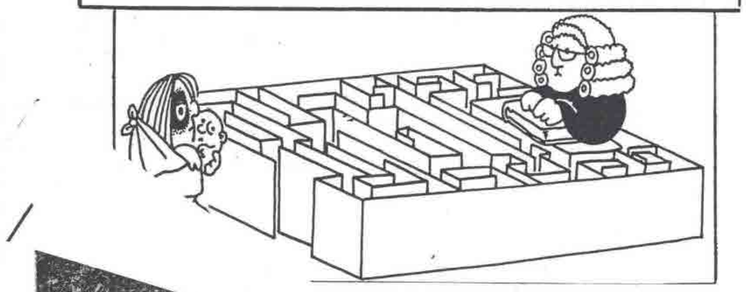
Solidárias com Diana Russel,pedimos à vossa contribuição.- Escrevam-nos, contando possíveis casos vossos ou de outras Mulheres de quem tenham tido conhecimento, de violação no casamento (MANTENDO OU NÃO O ANONIMATO).

Convém,no entanto,que o FAÇAM RAPIDAMENTE pois o prazo de entrega do livro para Diana é até 1 de Junho.

FICAMOS À ESPERA DO VOSSO TESTEMUNHO SOLIDÁRIO.

Ávila

Assunto importantíssimo para as mulheres portuguesas, há no I.D.M. um projecto da realização duma pequna publicação sobre a Violência sobre as Mulheres.



Ilustrações Boletim do I.D.M, 1981 #4 - contracapa (créditos do coletivo)

Disponível em: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10092.005.001.032#!1 (Acesso em: 05/05/2026)

BRASIL

LILA/LILITA FIGUEIREDO

ILUSTRAÇÃO

BRASIL MULHER, MULHERIO

1975 - 1984

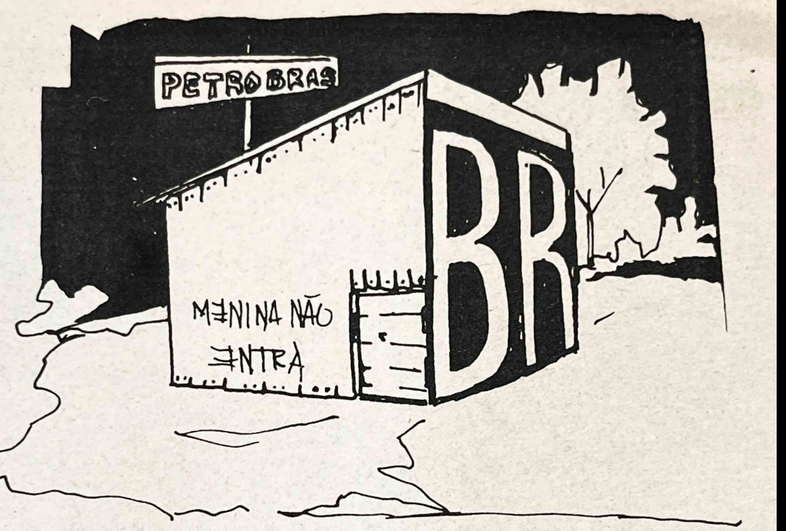
Jornal Movimento, 24 de novembro.

"MS" não é uma sigla, é a nova forma que qualifica a mulher norte-americana e

da cr
classe
esta p
te. O
que co
outub
Justiç
é órg
dos A

Ce
anos
ment
mese
nal d

O
está
em
ram

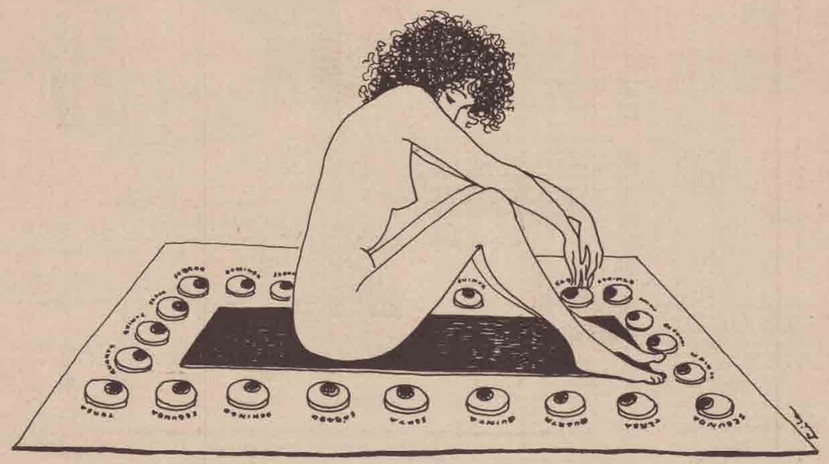


s geólogas Hilda Renk Teixeira e Maria Cláudia Cunha, e as químicas Fumyo Sambui
ria das Graças Tostes e Rosana Chacaxiro, foram barradas na inscrição para um concurso
obrás. Diante do protesto das mulheres, a Petrobrás usou o argumento do trabalho in
e, redigido pela CLT.

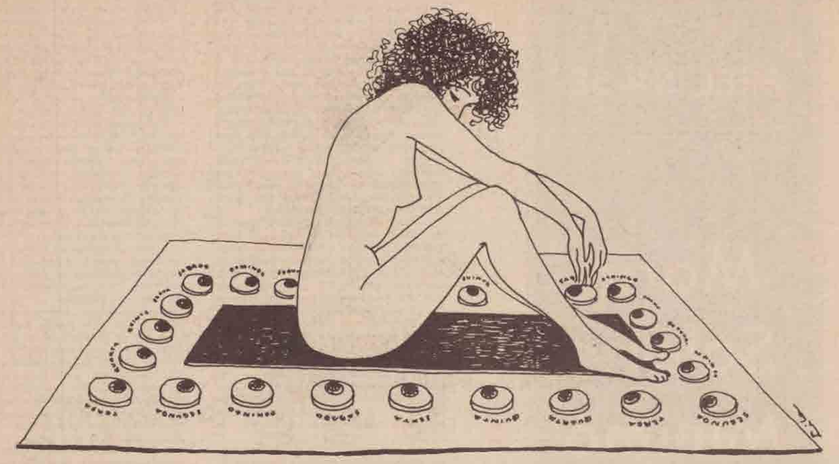
Lila Figueiredo, Brasil Mulher, #1 dezembro 1975, p.5

PERSEU ABRAMO, p. 27

CIÊNCIA



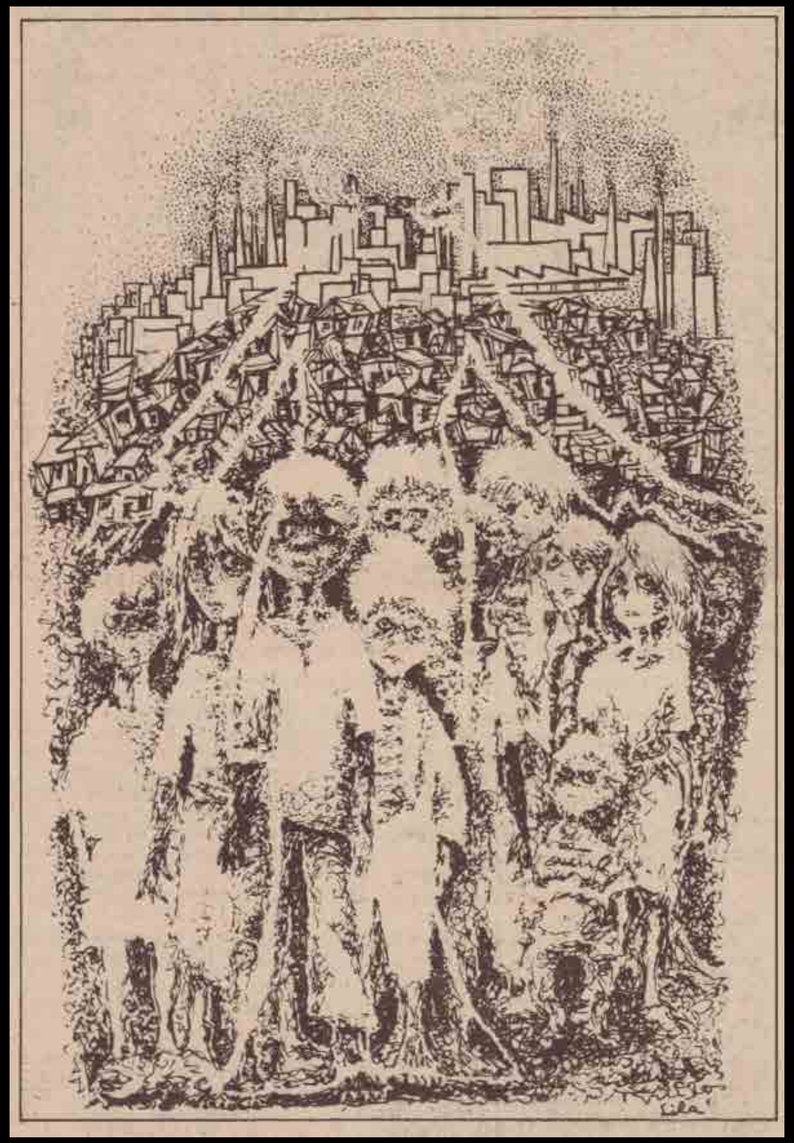
PÍLULAS ...



ORA PÍLULAS

Lila Figueiredo, Brasil Mulher, #1 dezembro 1975, p.6-7

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-2 (Acesso em 01/05/2026)



Lila Figueiredo, Brasil Mulher, #1 dezembro 1975, 14

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-2 (Acesso em 01/05/2026)

Lila Figueiredo, Brasil Mulher, #1 dezembro 1975, 15

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-2 (Acesso em 01/05/2026)

ANISTIA

À Felicidade de Nosso Povo!

"Irmãos desto dia, que é meu dia, nadastes contra a correnteza da razão deles e fostes capturados. Dizem que eu também nado contra a correnteza. Talvez em breve Eu esteja convosco, um violador da lei entre violadores da lei." (Jesus Junto a um Muro de Prisão — Mateus)

Com um ano de trabalho, parte de um caminho espinhoso, a Anistia saiu dos livros de Direito, das rodas fechadas para chegar aos ouvidos e bocas de cada um...

"As mulheres não são intrinsecamente melhores ou piores que os homens. Nem os moços melhores ou piores do que os velhos. Nem as oposições melhores ou piores que os governos. E, no entanto, é sobretudo com as mulheres, com os moços e com as oposições que temos que contar, nesse nosso mundo moderno, se ainda subsiste alguma esperança de atravessarmos, sem uma terceira guerra universal, esta passagem de uma civilização baseada na onipotência do capital. Para uma civilização baseado na sua humanização, pela liberdade da política e pela justiça social". Com estas palavras, Alceu de Amarosa Lima, inicia uma lição de democracia em seu artigo "Anistia e Reconciliação" publicado pelo "Jornal do Brasil" e pelo "O São Paulo", jornal da Curia Metropolitana.

Amaroso Lima, o pensador cristão de 80 anos, firme combatente pela Anistia, ressalta a importância dessa luta no sentido de pacificação e humanidade, a mais possível, da volta de uma nova idade antropofágica. Defende acima de tudo a participação da mulher no cumprimento dos três pontos fundamentais lixados por João XXIII: a elevação social das classes trabalhadoras; o fim do colonialismo e a promoção do sexo feminino.

As mulheres, para sua reintegração como elemento vivo de uma sociedade, a tarefa política e social designada é a de fazer valer o que mais falta ao mundo moderno nesse momento histórico. Para Alceu Amarosa Lima, a palavra redentora é **Reconciliação.**

Outra nome da Reconciliação: Anistia

"Se quisermos preservar a nossa unidade nacional, comecemos pela Anistia. Se quisermos que a nossa mocidade seja do seu maravilhoso, Anistia. Se quisermos combater o terrorismo, Anistia. Se quisermos que a condição lamentável do nosso homem do campo se humanize, Anistia. Se quisermos que o nosso parque industrial, o maior da América Latina, não seja uma colossal usina de poluição mas um processo de elevação social do operário urbano, Anistia... Se quisermos que o nosso povo participe realmente do futuro de nossas instituições e não seja apenas instrumentos de oligarquias nacionais ou interesses econômicos multinacionais, Anistia. Se quisermos, em suma, defender a nossa independência nacional e preparar a lição de humanismo brasileiro, com que podemos colaborar para a civilização universal, como promessa que um dia seremos, reconheçamos pela Anistia".

Esta é a definição de Amarosa Lima de "reconciliação de um povo consigo mesmo".

"A LUTA PELA ANISTIA — SR C.M. ASSIS — NÃO É DE GUERRA, É DE PAZ..."

Apesar da Anistia se tornar dia a dia uma necessidade imperiosa em nosso país, nem todos comungam do mesmo pensamento, nem todos têm na solidariedade humana, na democracia, a seu dia a dia, a sua preocupação. Um exemplo disso, encontra-se no "Diário de Notícias", do Porto Alegre, na Coluna da Revolução de C. M. Assis.

"Depois de uma grande promoção para a venda ao povo brasileiro do "Projeto Anistia", projeto gerado e concebido pelo arcebispo de São Paulo de nome ARNS, o qual sofreu um rotundo fracasso...".

Por caminhos tortuosos e obscuros C.M. Assis em seus princípios anti-democráticos, tenta, em tua coluna, difamar homens como D. Paulo Evaristo Arns, o clero, políticos e o povo brasileiro argumentando, entre outras coisas, que "Anistia é para que Francisco Julião Volte ao Brasil, para reorganizar as agricultores sem terra, que invadiam fazendas, que destruíam a produção agrícola do Rio Grande em "passado não muito remoto", coisas que ele teme como quem teme a própria história do Brasil.

Mas como a história não é feita de homens apenas como C.M. Assis, as mulheres da Comissão Gaúcha do Movimento Feminino pela Anistia, no Rio Grande do Sul, prontamente responderam ao "grande pensador" em carta aberto publicada pelo mesmo jornal no dia 8 de outubro, onde ressaltam o apoio de Cardeal Arcebispo de São Paulo — Dom Evaristo Arns de uma "anistia ampla e generosa para os presos políticos de nossa terra como uma atitude de justiça e exatidão, atitude dos verdadeiros cristãos de todos os tempos, atitude de que converte, arrebata, comove, ilumina".

"COMO SE A LIBERDADE DE UM POVO QUE AMA A LIBERDADE PUDESSE SER A LIBERDADE DE UM POVO QUE AMA A ESCRAVIDÃO"

Assim prossegue a Carta Aberta: "A Anistia visa a pacificação da família brasileira. Desejamos unir o povo Brasileiro para que todos juntos possamos resolver os problemas que nos atligem."

"Não cremos ser medida patriótica utilizar a ameaça do comunismo para defender governos de exceção, governos onde a autoridade se desautora, desautorizando a cidadão, governos onde possam executar os jovens sem direito à defesa, julgados por Tribunais Militares.

...Desejamos lembrar a V.Sa., que a Anistia é um ato de grandeza que nunca esteve ausente de nosso História; que o Rio Grande, depois de dilatar os fronteiras da pátria, conquistou suas liberdades civis e nunca aceitou a liberdade fracionada — como se a liberdade, que é um bem, fosse um mal, como se a liberdade, que é uma garantia, fosse um perigo, como se a liberdade de um povo que ama a liberdade pudesse, acaso, ser liberdade de um povo capaz de amar a escravidão.

"A luta pela Anistia — Sr. C.M. Assis — não é de guerra, é de paz; não é de desordem, é de ordem; não é de violência, é de persuasão; não é de ódio é de amor — de amor ao direito, à paz, à grandeza de nosso país, à felicidade de nosso povo".

O exemplo das mulheres gaúchas é uma parte do trabalho árduo que as mulheres brasileiras assumiram no Ano Internacional da Mulher. Em nenhum momento a Anistia foi esquecida: assinaturas foram e estão sendo recolhidas em prol do Movimento, adesões se processam dia a dia, os brasileiros vão assumindo suas responsabilidades de cidadãos.

É a vigília, sempre, para que haja igualdade entre os homens, garantias de segurança e para que todos as noites sejam uma noite de "indulto de Natal", para a felicidade de nosso povo, é que as mulheres brasileiras prosseguem, buscando aliados em todos os cantos do mundo.

"Estais confinados, mas não sozinhos. Muitos são os prisioneiros que caminham pelas ruas abertas..." (Jesus junto a um muro de prisão-Mateus)

Lila Figueiredo, Brasil Mulher, #1 dezembro 1975, p.3

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-2 (Acesso em 01/05/2026) e PERSEU ABRAMO, p.26

Lila FIgueiredo, Brasil Mulher, #2 1976, p.3

PERSEU ABRAMO, p.32

EXPEDIENTE

Conselho Editorial
Joana Lopes
Laís Oreb
Lila Figueiredo
Marina D'Andrea
Rosana de Lourdes Silva
Rose Mary Souza Serra
Therezinha Godoy Zerbine

Diretora Responsável
Laís Oreb

Editora
Joana Lopes

Equipe de Redação
Branca Ferrari
Elizabeth Lorenzotti
Giulia Di Vizia
Maria Helena Passos
Marina D'Andrea
Setsuko Hanazaki
Silvanete Silva
Tânia Mendes
Vissiliki Constantinidon

Colaboradores
Ana Maria Gonçalves dos Santos
Amelinha Silva Teles
Beatriz do Valle Bargieri
Carmela Di Vizia
Diva Maria B. Romão
Maria Isabel C. Bordas
Maria Lisomar Silva
Mirtes Leal Boucinhas
Sonia Vanice Rahal
Joel Guimarães dos Santos

Pesquisa
Rosane de Lourdes Silva

Ilustração
Lila Figueiredo

Fotografia
Chico Rezende

Arte
Ana Farto

Paris - correspondente Linda Bulik

Esta publicação é de propriedade da Sociedade Brasil Mulher. Sede e Redação - Av Inglaterra 655 - Caixa Postal 1379, Londrina, Paraná. Sucursal em São Paulo - Rua Oscar Freire 1607 - Caixa Postal 13.897. Tiragem 5.000 exemplares.

A reprodução das matérias contidas em Brasil Mulher será permitida mediante autorização prévia do Conselho Editorial.

Serviços de Arte, composição e impressão Editora Tibagi Ltda. Av. Tiradentes 1280 - Fone: 23-1230 - Londrina - Paraná.

BRASIL MULHER

A disputa pela posse da terra não é um fato recente no Brasil. Está relacionada à permanência de uma estrutura agrária arcaica que nada resolve, ao contrário, determina um agravamento de tensões em consequência da maior concentração da propriedade fundiária. Dados do recadastramento do Incra, de 1972, mostram a presente situação do campo brasileiro: 2,4 milhões de pequenas propriedades - os minifúndios - ocupam uma área de 46 milhões de hectares de terra; 950 mil latifúndios e empresas rurais - grandes propriedades - ocupam mais de 320 milhões de hectares de terra; os latifúndios ocupam 289 milhões de hectares, metade aproveitável ou seja, terra boa para qualquer tipo de cultura, explorada apenas em parte sendo deixados 65 milhões sem nenhum uso.

Neste quadro aparece um dado recente: a penetração de empresas capitalistas na Amazônia (muitas de capital multinacional) sem que isto represente novas formas para as relações de trabalho, enquanto processos mais avançados do próprio sistema capitalista. Estas empresas então adotando as relações de trabalho mais caducas existentes na região, como o secularmente conhecido Vale do Barracão (sistema que obriga o trabalhador adquirir os alimentos e instrumentos de trabalho nos armazéns da empresa, a preços fixados por ela, levando-o a endividar-se progressivamente, obrigando-o a ficar preso à fazenda-empresa enquanto não saldar as dívidas, o que raramente acontece . Por outro lado, elas criam latifúndios dedicados à pecuária, onde não há necessidade de um significativo número de trabalhadores.

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Mato Grosso afirma, em relatório recente, que a concentração da propriedade já verificada na Amazônia, além de impedir o desenvolvimento acelerado da produção agrícola, está levando à substituição do homem pelo boi: "A transformação de áreas agrícolas em pastagens estão liberando e desalojando grande número de arrendatários, assalariados e parcela considerável de pequenos proprietários que vendem seus lotes pela pressão de pecuaristas pensando em encontrar situação melhor em novas frentes de trabalho. Tudo isso contribui para o agravamento da situação no campo e, consequentemente, para a intensificação dos conflitos de terra. Em outro documento, desta vez da CNBB, o Incra é debatido e criticado, reclamando a igreja uma radical Reforma Agrária como única forma de solucionar os enfrentamentos a cada dia mais graves.

A Igreja Brasileira, através da Confederação de seus Bispos diz, representando uma larga parcela da opinião pública, que "não passa de esforço ridículo querer resolver problemas isolados, quando a política agrária favorece a implantação de grandes propriedades, nacionais e estrangeiras". O depoimento de José Gomes da Silva, presidente da ABRA perante a CPI sobre o Proterra, confirma as preocupações e as conclusões da CNBB, ao declarar que "em 11 anos de vigência do Estatuto da Terra não foi possível assentar ainda 10 mil famílias em novas áreas de terra própria, prevenientes de redistribuição" quando, de acordo com a FAO, o Brasil precisa instalar durante 10 anos entre 300 a 400 mil famílias por ano. Portanto, o problema da terra não pertence unicamente ao homem do campo, às preocupações intelectuais dos especialistas e à clarividência religiosa. O problema da terra pertence a todos os que, dia a dia, alimentam-se com os frutos da terra.

Nas páginas 8 e 9, BM transmite informações sobre os acontecimentos que envolvem a posse de terra no Brasil e nas páginas 10 e 11 sobre os homens e mulheres do campo em Portugal.

Para suas assinaturas e opiniões o Brasil Mulher dispõe de duas caixas postais:
Sede Londrina - nº 1379
Sucursal São Paulo nº 13.897
Qualquer observação que você queira fazer sobre assinaturas escreva à sucursal de São Paulo

Brasil Mulher atinge o quinto número (contando com o zero).
Brasil Mulher está sendo feito com o dinheiro de sua venda
Com a força de trabalho de homens e mulheres voltados
Para a realidade brasileira e em busca de sua transformação.
Participe do próximo número, se você ainda não deu o que tem.
Leia, Divulgue a Imprensa Democrática

Expediente + apresentação, Brasil Mulher #4 1976, p.2

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-6 (Acesso em 01/05/2026)

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #5 1976, p.7

Acervo pessoal (Registro feito na Fundação Perseu Abramo)

A história de Onofre e Etelvina, pode não ter aquele final, que sempre as grandes produções cinematográficas "pintam" para os injustiçados - "depois de sofrerem as injustiças eles foram finalmente recompensados pelos seus sofrimentos e viveram feliz para sempre" - mas, mostra sobretudo a situação em que se encontra a maioria dos trabalhadores rurais no Paraná, "explorados e sem esperanças de que este estado de coisas sofra alguma modificaçao".

Onofre e Etelvina, representam apenas um quadro entre muitos que aconteceram durante a expulsão de 40 famílias de lavradores da fazenda Santa Isabel, no município paranaense de Terra Roxa, que retratam a veracidade das denúncias formuladas por 130 lavradores daquela propriedade ao coordenador do Instituto Nacional de Reforma Agrácria (INCRA), Haroldo José Moleta, quando informaram as violências cometidas pelos "patrões e seus jagunços contra as famílias de arrendatários ali residentes".

Naquele 14 de junho, Etelvina, mãe de seis filhos e mulher de Onofre Velino da Silva, não acompanhou o marido à lavoura, para ajuda-lo na colheita dos cereais que ambos haviam plantado nos oito alqueires arrendados há cerca de dois anos da fazenda Santa Izabel, de propriedade de Alfredo Santos Junior. Ela teve um forte motivo para não ajudar Onofre naquele dia, é que desde as primeiras horas da madrugada "vinha sentido fortes dores, sinal de que o Bebê iria nascer".

Mal sabia ela que seu filho viria ao mundo, no mesmo dia em que 150 policiais pertencentes ao Batalhão da Polícia Militar de Cascavel, invadiram a fazenda, para executarem a ordem de despejo das 40 famílias de lavradores que ali se encontravam.

"O Onofre saiu logo cedo e passou na casa do Geraldão e pediu a mulher dele, que viesse ajudar o nene nascer, pois aqui o dinheiro é pouco, e nossos filhos nascem mesmo é com auxílio dos vizinhos, e a caridade de Deus. Ele deixou a nossa casa às 4h30m da manhã, e eu fiquei deitada sentindo as dores e esperando a hora que a criança sairia da minha barriga para fora."

lenta. O Nenem ao vir ao mundo já tomaria conhecimento da miséria, e da proteção das autoridades aos poderosos.

"Moço eu me lembro, que a comadre puxava o nenem para fora e a dor era terrível, lá fora eu escutava uma gritaria de mulheres e crianças e um ronco que parecia ser o de caminhões, mas achei que estava .delirando em razão das dores. Logo depois acho que desmaiei. Quando acordei um menino chorava ao meu lado, era mais um filho de Onofre que havia nascido".

Sabendo dos despejos, Onofre que estava cuidando de sua roça deixou tudo e correu para sua casa. Ali chegando escutou uma gritaria e viu muitos policiais armados defronte a sua residência. "Parecia até um filme que assisti em Terra Roxa, onde policiais cercaram uma casa para prender um perigoso assaltante, que havia roubado um Banco e assassinado seis pessoas". Mas o lavrador não era assaltante e nem assassino e os policiais estão em sua residência. Assustado e revoltado Onofre foi falar com os policiais, quando foi informado que "o fazendeiro havia obtido ordem para despeja-los e que eles - policiais estavam apenas executando ordens "emanadas da justiça".

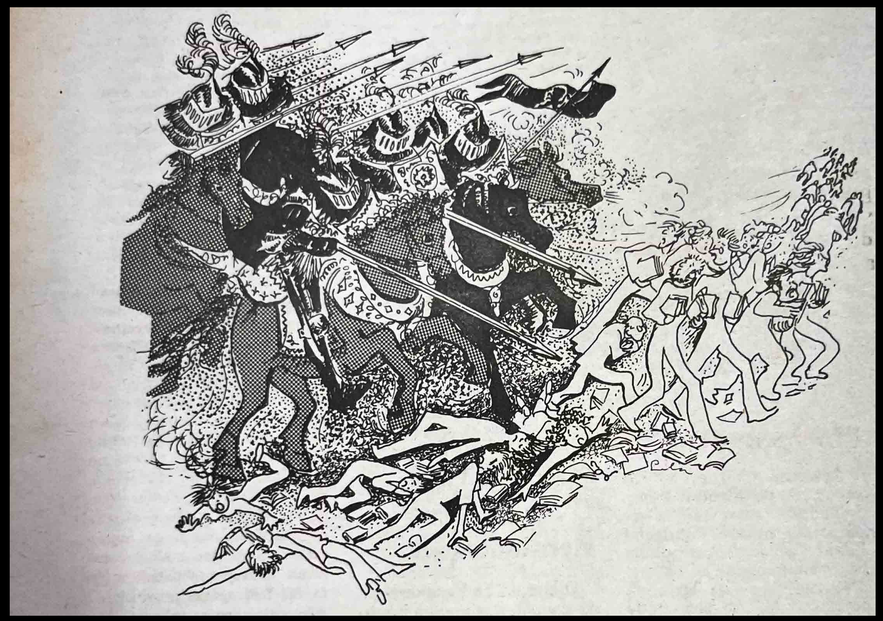
caminhão vigiados por dois policiais armados de fuzil deixamos a fazenda Santa Isabel, sem saber para onde nos levavam".

Etelvina conta ainda que o caminhão dirigiu-se até a divisa de Terra Roxa com o município de Marechal Cândido Rondon, e ali sem maiores explicações" nos deixaram e foram avisando de que se tentassemos voltar para Terra Roxa oû para a fazenda seríamos presos. Ela foi deixada com os filhos à beira de um caminho sem saber para onde ir e como alimentar os filhos. "Nem o leite saia do peito". Ficou ali durante duas horas "até que consegui uma carona numa camioneta e fui para Terra Roxa onde procurei o Sindicato e soube que o Onofre estava na prefeitura com outros lavradores, denunciando o despejo ao prefeito José (José Teixeira Filho). Fui até a prefeitura, onde recebi alguns remédios e meus filhos foram alimentados e a pedido de um funcionário da prefeitura, um médico foi chamado para examinar-me, pois eu estava muito fraca".

Hoje, Onofre, Etelvina e seus 7 filhos, possivelmente encontram-se em uma outra propriedade agrícola da região. E munidos da mesma esperança com que arrendaram uma pequena parte da-

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #5 1976, p.7

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-7 (Acesso em 01/05/2026)



Lila Figueiredo, Brasil Mulher #4 1976, p.3

PERSEU ABRAMO, p.40

ANISTIA IRRESTRITA

A anistia ocupou, nas últimas semanas, espaços importantes em muitos discursos parlamentares. A questão foi suscitada no Parlamento pelas declarações do senador Jarbas Passarinho, da Arena do Pará , sobre a maneira como se processaram as cassações políticas nos governos Costa e Silva e Emílio Médici. As declarações do senador paraense demonstram que as cassações foram feitas de maneira indiscriminada e injusta e, até mesmo, "por vingança." Diante do depoimento insuspeito do vice-líder do governo no senado e vice-presidente da Arena, parlamentares oposicionistas passaram a exigir a revisão dos processos cassatórios e propor a anistia ampla aos políticos atingidos pelos atos institucionais. O próprio Passarinho admitiu no senado que agora será fatal o crescimento da tese da ampla anistia e revisão das punições. Levado, seja por interesses pessoais imediatos, seja por interesses políticos ou eleitorais, a verdade é que o senador paraense, com suas afirmações, provocou o descrédito nas medidas punitivas dos governos militares. O que emergiu disso tudo é a evidência da necessidade da anistia e o fato de que ela, hoje, não pode mais ser ignorada por ninguém no país. Porem, os parlamentares que levantaram a questão referem-se a uma anistia ampla só para os políticos atingidos pelos atos de exceção, como se fossem as únicas pessoas injustiçadas pelas punições oficiais. Esquecem-se os milhares de brasileiros que se encontram no exterior, sem direitos políticos; que se

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #5 1976, p.3

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-7 (Acesso em 01/05/2026)

economia brasileira

O feijão nosso de cada dia

A marmita do trabalhador está pronta: arroz e feijão. Só que desta vez muito mais arroz do que feijão. A dona de casa não entende muito porque sempre falta feijão, sendo ele tradicionalmente, o alimento de sua família. Na hora do almoço, na fábrica, o trabalhador se junta aos seus companheiros e todos percebem a mesma situação: mais arroz e menos feijão. Segundo um jornalista econômico, essa situação mudará a partir do próximo ano, quando para estimular a produção do feijão, o governo dará menos incentivos ao arroz.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #5 1976, p.7

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-7 (Acesso em 01/05/2026)

APESAR DAS ELEIÇÕES

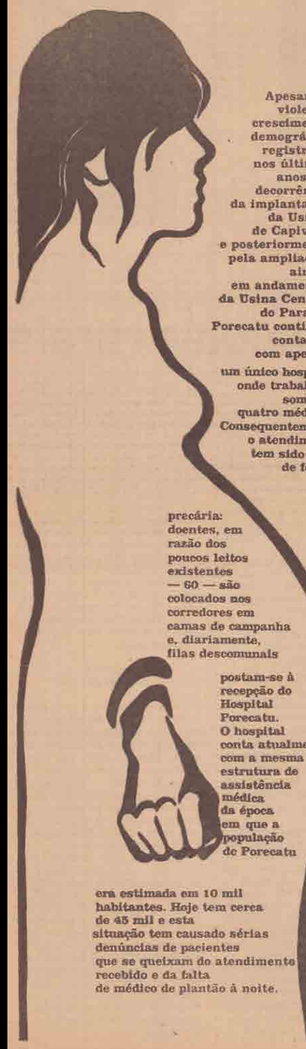
Dia 15 de novembro último, 40 milhões de brasileiros foram chamados às urnas para votar, escolher os prefeitos e os vereadores de quase quatro mil municípios. Dias depois, os dois partidos permitidos no país passaram a contar suas glórias: a Arena porque conseguiu a maioria de votos e de candidatos eleitos, recuperando-se da derrota sofrida nas eleições para o Senado, em 1974; e o MDB porque conseguiu aumentar o número de vereadores e prefeitos eleitos, em comparação com as eleições municipais de 72.

Mais importante do que a análise simples dos resulta-

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #6 1977, p.3

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-8 (Acesso em 01/05/2026)

Porecatu: vítimas acusam hospital



Apesar do violento crescimento demográfico registrado nos últimos anos em decorrência da implantação da Usina de Capivara e posteriormente pela ampliação, ainda em andamento, da Usina Central do Paraná, Porecatu continua contando com apenas um único hospital onde trabalham somente quatro médicos. Consequentemente o atendimento tem sido feito de forma precária: doentes, em razão dos poucos leitos existentes — 60 — são colocados nos corredores em camas de campanha e, diariamente, filas descomunais postam-se à recepção do Hospital Porecatu. O hospital conta atualmente com a mesma estrutura de assistência médica da época em que a população de Porecatu era estimada em 10 mil habitantes. Hoje tem cerca de 45 mil e esta situação tem causado sérias denúncias de pacientes que se queixam do atendimento recebido e da falta de médico de plantão à noite.

«Não havia nenhum médico»

Uma grave denúncia é feita por Enedina Ferreira Pontes que, visivelmente abatida, contou o seu drama.

«Comecei pré natal com o dr. Antonio Henrique (um dos diretores do hospital), mas tive que mudar de médico dois meses depois. Um dia, estava me sentindo muito fraca — e receosa de que alguma coisa pudesse acontecer à criança que trazia no ventre, dirigiu-se ao hospital para uma consulta. «Não fui atendida. Ele disse que eu estava com medo da gravidez e por isso inventava doenças. Como insisti em ser examinada, o doutor ficou bravo e disse que não tinha tempo a perder com lamurias histéricas».

Por essa razão, passou a consultar-se com um outro médico do hospital, Hans Paul Jurger Kelter e segundo Enedina, não mudou muito a forma de atendimento: «O atendo é um cavalo, e atende a todos muito mal».

Apesar disso, ela continuou o pré-natal com esse médico até o dia 14 de julho quando realizou-se o parto.

«Às 5 horas da tarde daquele dia comecei a sentir uma tontura, seguida de vômitos e não consegui parar em pé. Meu marido, José Carlos Pontes, chegou de serviço lá pelas 7 horas da noite e me levou para o hospital. Ele trabalha na CBPO, uma das empreiteiras da Cesp. Quando chegues não havia nenhum médico, mas a enfermeira Yolanda me levou para a sala de operações dizendo a criança estava para nascer. Enquanto isso, o médico chegou e logo depois de ter me examinado chamou meu marido de lado e disse que a criança possivelmente nasceria morta, e que o problema maior era me salvar. Em seguida, mandou a enfermeira aplicar-me soro e uma injeção e me fez tomar um líquido vermelho que até hoje não sei o que é».

Enedina conta que o médico saiu da sala mandando a enfermeira que «fizesse o serviço». Esta lhe disse que ela deveria fazer força para ajudar no parto, mas estranhou «pois já tive filho antes e não estava sentindo nenhuma contração». Entretanto, fez o que lhe fora solicitado, até que Yolanda tirou a criança.

«A cabeça havia ficado lá dentro»

«A enfermeira não tirou tudo da minha barriga, apenas o corpinho do nenê, a cabeça havia ficado lá dentro». — Enedina começa a chorar e continua: «Depois, ela jogou o pedaço do meu filho no meu colo e disse, é minha filha, pode tratar de arrumar outro pois este já era».

Com o choque e as dores que sentia, Enedina desmaiou e diz não lembrar-se direito do que aconteceu. «Sei apenas que um dos médicos terminou de tirar o resto do meu filho, pois só acordei, no outro dia às 10 horas da manhã».

Duas horas depois, segundo a paciente, as enfermeiras retiraram o soro que lhe estava sendo aplicado, dizendo que ela havia recebido alta e podia ir embora. «A uma hora da tarde fui para casa e passei mal durante todo o dia. Não consegui ao menos levantar-me da cama».

Dias depois, Enedina desmaiou por causa das dores que vinha sentindo «na barriga» e foi levada para o Hospital São José, em Centenário do Sul, sendo atendida pelo médico Henrique Silas Chaves que salvou a minha vida, com a ajuda de Deus».

Enedina conta que o médico, após examiná-la e submetê-la a exames de raio-X, constatou que «um pedaço de meu filho ainda estava dentro de mim», e que as dores e os desmaios que vinha sentindo eram sintomas de infecção tetânica. «Daí, ele me atendeu, fez a limpeza do local e me enviou para o Hospital Evangélico em Londrina, onde o doutor me curou direitinho».

«Quem acabaria na cadeia seriamos nós»

O marido de Enedina, procurado em seu local de trabalho, confirmou as acusações da mulher contra o Hospital Porecatu, e disse que chegou inclusive em pensar em processar judicialmente a instituição. «Vários amigos se prontificaram em me ajudar, mas confesso que tive receio, pois os doutores são chefes da grana e pessoas influentes na cidade. No fim, eles acabariam ganhando a questão e quem acabaria na cadeia seríamos nós», acrescentou.

José Carlos conta ainda que, a partir daquele 14 de julho, «Enedina não é mais a mesma. Ela vive chorando pelos cantos da casa e nós temos receio de que não poderemos mais ter filhos. Além do mais, apesar de tudo que aconteceu, e mesmo sendo contribuinte do INPS, eles ainda me cobraram 500 cruzeiros pelo belíssimo serviço que fizeram com minha mulher», — finalizou.

Outras denúncias

Sônia Maria Antunes levou sua filha de 10 meses para consultar-se com o médico Antonio Henrique. Como ele não poderia atender naquele dia, procurou um outro médico, o Agamenon Paduan que, segundo ela, recusou-se a atendê-la alegando que ela não estava com a guia de indenização do INPS. «Sem guia não tem consulta, e não adianta insistir».

Desesperada, levou a menina para o Hospital São José, em Centenário do Sul, onde foi atendida sem nenhuma complicação. «O dr. Chaves concordou em receber a guia do INPS mais tarde. E concluiu: «Não é a primeira vez que isto acontece com a gente. Os doutores, a nos atender parecem que estão dando uma esmola, o que não é verdade, pois meu marido trabalha no CBPO, e paga religiosamente o INPS».

Maria Zilena Alves do Rosário morreu em consequência do parto realizado no Hospital Porecatu. O viúvo Osvaldo conta que ela se queixava do mal atendimento durante as consultas do pré natal. Na noite do dia 3 de setembro, Maria foi submetida a uma cesariana. «Minha mulher depois sentiu-se mais, e a enfermeira, assustada com o seu estado, telefonou para o médico que só apareceu quando a minha mulher já estava nas últimas». Segundo o médico, Maria morreu em razão de uma hemorragia causada por varizes internas. Revoltado, Osvaldo condena o médico por não ter examinado corretamente a sua esposa. «Se isto tivesse acontecido, ele, como médico que cuidou dela durante tantos meses, deveria ter conhecimento deste problema e ela poderia ter sido salva».

Médicos contestam

Procurado para esclarecer as denúncias de que tem sido vítima, o medico negou as acusações de Enedina, afirmando que permaneceu ao seu lado desde a sua entrada no hospital. Quanto à criança, o pai havia sido avisado que, há muito, estava morta na barriga da mãe. «Desde quando, ninguém poderá saber, porque é simplesmente impossível. Ao realizar o parto, a criança teve uma desarticulação dos tecidos, pois estes já estavam decompostos. Por isso, na hora de retirar o feto, algumas partículas, realmente ficaram no interior da mãe. Este fato, para as pessoas leigas, poderá parecer estranho, mas para os médicos é uma coisa normal, pois quando as celulas morrem, existe a desarticulação dos tecidos, — esclareceu.

Quanto à falta de atendimentos apropriados, os médicos também discordaram e afirmam que jamais um paciente deixou o hospital sem receber o tratamento adequado».

Segundo o diretor do hospital, «com as condições de assistência oferecida pelo INPS, para o contribuinte como para o hospital, é ate irracional dizermos que não atendemos aos previdenciários, pois mesmo que o paciente não seja contribuinte, ele é atendido. O INPS paga o hospital para receber o paciente. Portanto não temos nenhum motivo para não atendermos os doentes». Ressalta, ainda, que mesmo antes desta resolução do INPS em relação aos hospitais com os quais mantém convênio, «nós nunca deixamos de atender a ninguém».

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #6 1977, p.5

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-8 (Acesso em 01/05/2026)

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #6 1977, p.8-9

PERSEU ABRAMO, p.47

Na Itália, as mulheres manifestam-se nas ruas.

As mulheres italiana
recorrendo cada vez m
manifestações para ch
atenção do público para
problemas. Elas saem
para exigir melhores op
des de trabalho, salári
aos dos homens para
função, moradia dece
preço acessível, para
contra as discriminações
de vida, a poluição e p
der o meio ambiente. E
questão se tornou uma
nas manifestações, prin
depois que em Seveso
italiana atingida por u
tóxica emanada de u
de produtos químicos
300 mulheres grávida
ameaçadas de ter
graves defeitos físicos

A revista «L'Euro
amplamente os princ
mas que vêm prec
mulheres italianas, co
moradia, o meio amb
to, a violência e fe
com as principais ati
tas do país. Para
italiano, as mulheres
único caminho poss
gar a sociedade a
problemas: o das
em praça pública.
pes, a condição da
questão — chave
atual, pois estão e
gia, a criatividade
metade da humani
por séculos for
«Enquanto as di
com a mulher fo
moeda do palavr
ação concreta, o
nista será obrig
todo o peso da l
da mulher com
convictos aliado
nário.

Comentand
manifestação d
nas, por ocas
presidente do
tros, Giulio An
Friuli, norte
mostra que a
se torna a c
porque no atu
sente mais
econômica e
de Friuli de
levando cart
vam a crise
elevadíssimo
de serviços
tam sair do
a que são r

Para C
feminista,
casa poder
por ser a
um gueto
ela afirm
batalha q

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #6 1977, p.11

Acervo pessoal (Registro feito na Fundação Perseu Abramo)

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #6 1977, p.12

Acervo pessoal (Registro feito na Fundação Perseu Abramo)

NOSSO RECADO

Tem muita gente que anda fazendo coisas bonitas por aí e que ninguém conhece ou poucos vêem. São pessoas que chegam do trabalho cansadas e ainda acham tempo para pegar o violão e inventar uma modinha; outros preferem entalhar na madeira figuras em relevo, mulheres e homens da roça ou da cidade, modelam em barro bichos, gente ou objetos como vasos, canecas, tachos; moças e moços escrevem contos ou versos e há ainda os que desenham e pintam nas horas de folga. Tem gente que até inventa instrumentos musicais diferentes, brinquedos ou enfeites, aproveitando materiais que sobram das fábricas.

Se você, mulher ou homem, gosta de criar coisas, escreva-nos dizendo o que faz e como faz, contando também alguma coisa de sua profissão, de sua família, de sua vida. Nós queremos conhecer um pouco mais da sua história e publicá-la aqui.

E mande o seu endereço para que nossa fotógrafa possa ir à sua casa "bater umas chapas" das coisas que você faz para "sair" aqui nesta página. Pedimos a todos que fazem versos, poemas, que desenham, que escrevem contos, histórias imaginadas ou verdadeiras, que nos mandem esses trabalhos para publicação. E ainda que nos enviem notícias de encontros musicais ou promoções de teatro no seu bairro ou cidade.

Queremos a sua participação e por isso estamos oferecendo este espaço no nosso jornal. Ele será seu enquanto você colaborar conosco. Haverá então, uma comunicação mais direta e mais viva entre *Brasil Mulher* e todos os leitores.

A colaboração de Maria Alice,
NOSSA LEITORA

Jogando pra fora, a verdade!...
Onde quer que ela alcance,
Responde com autenticidade,
Notas, que entrem no lance.
Almejando orientar, a
Luta, em prol, melhorar.

Brada alto e com firmeza...
Reinvidica seu valor.
Aumentando a certeza
Ser o amanhã bem melhor.
Incompleto, porém justo...
Legal, sem medo nem susto.

Mulher, sinônimo fraqueza
Unamo-nos para mostrar
Lado a lado, não só beleza...
Há também fé e destreza.
Em frente, e bandeira branca
Reagindo é que se alcança.

MARIA ALICE SILVA

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #6 1977, p.15

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-8 (Acesso em 01/05/2026)

"ou lutamos unidas ou morremos de fome"

«Meu sindicato está lutando para reduzir o período de aposentadoria da mulher para 25 anos. E isso não é privilégio pois 25 anos de trabalho na fábrica, mais 25 anos de trabalho em casa, são 50 anos de trabalho. Portanto, onde está o privilégio»?.

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

No dia 8 de março de 1857, em N. York, as operárias das industrias têxteis e de confecções fizeram uma greve reivindicando salários iguais aos dos homens e a redução de trabalho para 10 horas.

A importância desta manifestação, em que as mulheres se uniram para reivindicar por seus direitos, fez com que Clara Zetkin, uma militante dos direitos sociais, propusesse em 1910 que o dia 8 de março fosse comemorado em todo o mundo como o Dia Internacional da Mulher.

No Brasil, esta data passou a ter significado a partir de 1975 quando, por iniciativa da ONU, foi commemorado o Ano Internacional da Mulher.

Desde então, grupos brasileiros passaram a se reunir para discutir o significado do dia 8 de março, dia em que a mulher reafirma os principios de sua luta pela emancipação.

Tem início a comemoração do Dia Internacional da Mulher — 8 de março de 1977 — no auditório da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, e já as 19,30 hs, o movimento no saguão da GV começava. Representantes dos diversos grupos de mulheres andavam de um canto para outro pregando cartazes, arrumando as mesas para a venda dos jornais Brasil Mulher e Nós Mulheres, conversando com as pessoas que chegavam timidamente, no início. Homens, mulheres, jovens, velhos, crianças, todos que entravam detinham-se nas bancas improvisadas dos jornais, e recebiam uma folha onde se lia: **«Não há libertação para a mulher enquanto não houver liberdade para o Ser Humano».** Era a frase inicial do texto-pesquisa, elaborado por este jornal, que deveria ser devolvido na saída.

As organizadoras, Centro de Desenvolvimento da Mulher — setor São Paulo, Clube de Mães, Movimento Feminino Pela Anistia, Jornal Nós Mulheres, Sociedade Brasil Mulher e cerca de 600 pessoas comemoraram o Dia Internacional da Mulher discutindo sua situação em São Paulo. Para tanto mulheres de vários setores fizeram depoimentos levando a todos um quadro da realidade das mulhres de baixa renda, trabalhadoras que representam a maioria de uma população a quem é negado o direito de falar e participar.

Seu nome poderia ser dona Maria, não importa. É uma das muitas mulheres que vivem na periferia de São Paulo que nessa terça-feira vieram para comemorar o seu dia. Sobe no palco, pega o microfone e se apresenta: «Sou esposa de servente de pedreiro, tenho seis filhos e moro num barraco. Vivemos com o salário do meu marido que é salário mínimo. Meu filho mais velho não pode trabalhar porque quando era pequeno sofreu paralisia, o outro as firmas não pegam porque vai fazer 18 anos. Assim vivemos...»

Mas, vive-se com um salário mínimo? De acordo com o DIEESE (Dept° Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômico) o salário mínimo deveria ser, em maio de 1976, Cr$ 1.818,47 para que o operário conseguisse cobrir suas necessidades mínimas. No entanto o salário estipulado pelo governo é, até agora, de Cr$ 768,00. **Na realidade o brasileiro é antes de tudo um forte,** diríamos em matéria dedicada ao assunto em dezembro de 1975 ao encerrar-se o Ano Internacional da Mulher.

—«Mas, continua dona Maria com ironia, eu me sinto feliz de não comer carne não tomar leite, só que agora eu soube que o café vai subir e aí a gente vai ficar triste, porque café a gente ainda toma. Eu lavava roupa prá fora a 30 cruzeiros mas todo mundo achava caro. Lavar roupa o dia todo por trinta cruzeiros!» E com voz rouca continua:

«Mas eu me sinto feliz. Outro dia minha vizinha veio dizendo que ia cozinhar o feijão no meu fogão de lenha porque o seu gás tinha acabado e ela não tinha dinheiro para comprar outro. Disse que eu é que era feliz por ter fogão a lenha e não a gás. Pois é, eu me sinto feliz».

O grito de quatro milhões de pessoas

Depois de dona Maria, é a vez da representante do Clube de Mães: «Eu não sei se vocês estão lembrados do dia 20 de junho de 1976, daquela assembléia sobre custo de vida (vide BM-3 pgs 8/9), nós discutimos o **Custo de Vida** e é verdade **custa a vida mesmo».**

Após ler a «carta abertas» que foi enviada para as «autoridades, assim como as propostas elaboradas naquela assembléia, explicou que elas, mulheres da periferia, resolveram fazer uma reunião, no ano passado, para discutir o custo de vida depois de terem escrito várias cartas para «presidente, governador, prefeito», expondo seus problemas, sem terem, contudo, recebido nenhuma resposta ou solução para suas reivindicações. Então convidaram as autoridades para ouvirem o «apelo daquelas mães sofredoras». Mas as autoridades não compareceram — pelo menos as autoridades executivas. Apenas alguns deputados e vereadores do MDB, entre eles Airton Soares que ao ser questionado sobre o que poderia fazer de concreto em relação às propostas tiradas da assembléia, disse que estava com as mãos atadas como toda classe política e que somente pessoas reunidas é que tem força para conseguir as mudanças necessárias. Esclareceu que os políticos podem levar os pedidos e reivindicações às Câmaras, mas não está nas mãos dos deputados eleitos a força para executá-los.

Congelamento dos preços, aumento de salário e abono de emergência, organização de cooperativas e construção de creches seriam saídas para a alta do custo de vida, segundo o documento elaborado na assembléia de junho e distribuído pelo clube de mães no auditório da GV.

«Nós temos necessidade de creches públicas, disse outra representante do clube de mães. Lá na periferia a miséria é muita. Nós conhecemos uma família de 13 pessoas que mora num quarto só. Elas não vivem, elas se amontoam lá. Além disso a nossa marmita é agora branca por fora e por dentro, porque o que coloria o arroz — branco de dentro — era o feijão e uma misturazinha de legumes. Com o preço do feijão, nem colorir se pode mais. Fora isso há problemas de condução, água, esgoto, terreno clandestino».

Na periferia de São Paulo vivem aproximadamente 4 milhões de habitantes. **«Favelas, casas precárias e cortiços abrigam basicamente as classes trabalhadoras, cujas condições de alojamento expressam a precaridade dos salários. Essa situação tende a agravar-se na medida em que se vêm deteriorando os salários». A procura de solução para os problema pela população da periferia não será possível ese a iniciativa social e politica das classes trabalhadoras continuar bloqueada. Pois é o capital — e não a força do trabalho — que deteriora a vida metropolitana. Para o capital a cidade é fonte de lucro. Para os trabalhadores é uma forma de existência.** (São Paulo 1975 — Crescimento e Pobreza).

Diante das limitações existentes e a necessidade de conseguirem melhores condições de vida, as mulheres do Clube de Mães propuseram uma nova reunião no dia 1° de maio de 1977. A proposta foi aceita por aclamação.

Um grito de união às brasileiras

Agora é dona Olga que pega no microfone com um sorriso aberto no rosto. «Depois de todas as miséria que foram ditas, faltou uma — o problema do menor que paga ônibus igual ao adulto, come igual, veste igual, trabalha o mesmo período e recebe salário pela metade».

Essa discriminação do menor não é uma situação particular, atinge também outras pessoas como mulheres, velhos, e negros. Segundo o livro já citado: **«ao estabelecer diferenciações desse tipo no interior das classes trabalhadoras, o sistema econômico pode explorar mais intensamente a sua força de trabalho. E selecionar aqueles que numa situação de emprego restrito, poderão ser exauridos e substituidos a baixo preços».**

O depoimento da operária continua: «Meu sindicato (Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Têxteis) está lutando para reduzir o período de aposentadoria da mulher para 25 anos». E isso não é privilégio pois «25 anos de trabalho nas fábrica mais 25 anos de trabalho em casa são 50 anos de trabalho, portanto onde está o privilégio?»

«Normalmente, diz ela, trabalhamos umas 6 horas em casa mais 2 horas que perdemos no ônibus e mais 8 horas de fábrica, isto é, trabalhamos 16 horas por dia, e ainda acham que 25 anos de aposentadoria é privilégios.

Quanto ao custo de vida dona Olga faz uma sugestão: «Devemos todo mundo mudar para Brasília.». E explica: «lá o custo de vida só sobe 2%. Ora, pelos preços que pago a carne, o pão e o leite acho que aqui sobem muito mais, portanto a solução é todo mundo ir morar lá».

Para esta tecelã «é hora das mulheres se unirem e ajudarem o homem. É hora de se mexer». E conclui: «olha minha gente nós temos duas alternativas: Ou lutamos unidas ou morremos de fome».

Toma a palavra a mulher subempregada. Milhares de mulheres subempregadas prestam serviços às pequenas e médias empresas (são mulheres que trabalham em casa, pintam peças de brinquedos, torcem fio de ferro) para ajudar no orçamento familiar pois o salário de fome que o marido recebe há muito tempo não consegue cobrir. Não existe lei que garanta a esses trabalhadoras nenhum direito. Essa situação já foi denunciada no Diagnóstico da Mulher Paulista em 1975. São exploradas pelos empresários que assim conseguem manter sua produção a um preço mais baixo, devido a inexistência do vínculo empregatício, menor investimento em máquinas, luz, fiscalização e imóvel. Consequentemente os empresários mantém o objetivo maior: o lucro.

«Sou esposa de um operário, moro na periferia, meu marido ganha pouco mais que um salário mínimo, tenho quatro filhos por isso não foi possível arrumar trabalho fixo pois tenho que cuidar das crianças. Assim tive que pegar serviço de costura para fazer em casa. Trabalha-se muitas horas até emendar a noite. Trabalhamos e além de não termos direito a aposentadoria, assistência médica, abono, porque não somos registradas, ainda temos a responsabilidade de transportar as peças para costurar. Se perdemos umas temos que pagar. A gente recebe por uma calça de homem Cr$ 6,00 e é preciso trabalhar muito para se conseguir fazer 3 calças por dia, o shorts eles pagam Cr$ 0,50 por peça e se consegue costurar até 30 peças por dia; agora o que estão dando é aventgue costurar 20 por dia».

Um grito de basta è a conclusão

O Clube das Empregadas Domésticas também está presente neste dia através de suas representantes, que explicam os objetivos do seu clube: «Congregar as empregadas domésticas e possibilitar a elas um maior relacionamento, além de terem um lugar onde possam procurar algum direito e sentirem-se gentes.

«São moças que chegam do interior, sem família, e normalmente não são tratadas como seres humanos. Até prá namorar elas têm que namorar longe da casa onde trabalham». «Nós trabalhamos de 16 a 17 horas por dia e não temos direito a nada. Nós estamos lutando, conchiem elas, mas seria bom que alguém tomasse uma providencias.

A representante da Associação das Donas de Casa, destaca que o objetivo da associação é fazer com que as donas de casa tenham maior valorização. «Elas também são seres humanos que sabem pensar e agir. Precisamos primeiro pensar na formação. É necessário saber porque estamos lutando. **Estamos cansadas das coisas virem de cima para baixo, é hora de fazermos coisas que venham de baixo para cima.** A mulher sabe pensar, tem o direito de gritar, de reivindicar, para que a gente — povo brasileiro — tenha uma vida de ser humano. Com tantos problemas a gente vai reclamar com quem? Com o Bispo? Nem ele resolve essas coisas. **Se a gente assumir a gente ganha!**

A NECESSIDADE, A DENÚNCIA, O APOIO.

O Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira tem por objetivo ser uma entidade que pretende centralizar os esforços de todos aqueles que lutam pela emancipação da mulher, sluta esta que não pode ser separada da que se trava pela emancipação do ser humano em geral. É necessário que haja uma união de forças em torno dessa entidade para que ela se torne mais representativa e atuante nessa luta. O CDMB — setor São Paulo — convoca, através de sua representação no auditório da GV, todas as entidades e associações a se filiarem a ele para que esse objetivos se cumpram.

O Movimento Feminino Pela Anistia esteve presente através de sua representante Therezinha Zerbine que após afirmar a necessidade de uma anistia ampla e geral a todos os atingidos pelos atos de exceção, denunciou que «o governo brasileiro está negando a nacionalidade de aos filhos dos exilados no exterior. O direito à nacionalidade consta na nossa constituição, disse. «Não entro no mérito do que fizeram os pais, se são culpados ou não, mas negar a uma criança que vem ao mundo o direito à nacionalidade é um crime». Finalizando disse que «é hora de resvaliar esses 13 anos, é hora de união».

Outra denúncia, feita pela representante da Casa Universitária, diz respeito à ação de despejo que a Xobayashi Habitacional do Brasil, construtora multinacional, está movendo contra elas. A Casa Universitária fundada em 1951, ocasião em que a Cúria Metropolitana cedeu o local por tempo indeterminado, abriga cerca de 50 estudantes vindas do interior. Elas não possuem recursos para se manterem individualmente e como até o presente momento o MEC (Ministério de Educação e Cultura) não se manifestou em relação ao pedido das universitárias à posse de uma sede própria, mas apenas anuncou estudos, dessa reivindicação, as estudantes estão promovendo intensa programação com o objetivo de conseghir um fundo para cobrir as despesas. Elas têm angariado o apoio de amplos setores. Estão passando agora um abaixo assinado, procurando solidariedade em todo o território nacional.

No auditório da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, a comemoração do Dia Internacional da Mulher recebeu apoio e solidariedade do DGE da Universidade de São Paulo, do DA Fundação Getúlio Vargas, do vereador oposicionista Flávio Bierrenbach, que pediu o restabelecimento do Estado de Direito, da Diretoria Distrital do MDB Campos Elíseos e Sé Cecília além das bancárias que estiveram presentes participando com a leitura da moção transcrita na página 2.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #especial8M 1977, p.4-5

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-9 (Acesso em 01/05/2026)

Nos diversos estados as brasileiras discutem seus problemas.

Internacio-
le estão as
Com esta
a no pró-

mulheres que pretendem resolver seus problemas coletivamente.

Em cada canto do País,

existentes e procurar medidas que incentivem novas organizações, para que elas mesmas possam resolver, da melhor

reivindica o direito de discu
são dos problemas da cond
ção feminina na sociedad
exorta o acordo da mulh
crítica, atenta, revolucionár
e combativa que dorm
dentro de todas. Conta

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #especial8M 1977, p.3

PERSEU ABRAMO, p.49

Brasil Mulher

8 DE MARÇO

No dia 8 de março de 1908, as trabalhadoras da fábrica têxtil Cotton de Nova York declaram greve contra as péssimas condições de trabalho a que são submetidas — as operárias da Cotton, bem como todas as outras exploradas na negra fase da revolução industrial, trabalhavam 14 a 16 horas diárias, recebiam salários de miséria, davam à luz às vezes no interior da fábrica, e morriam vítimas de tuberculose aos trinta anos.

Perante a negativa do patrão diante de suas reivindicações, as operárias ocupam a fábrica. Em represália, ele fecha todas as portas e ateia fogo ao edifício. As 129 mulheres morrem queimadas.

Dois anos depois, em 1910, a Organização Internacional de Mulheres realiza em Copenhague seu primeiro Congresso Internacional de Mulheres. Nessa ocasião, o dia 8 de março foi instituído como o Dia Internacional da Mulher, em memória das 129 trabalhadoras assassinadas.

1º DE MAIO

No dia 11 de novembro de 1887, quatro sindicalistas — Partisons, Spies, Fischer e Engel — são enforcados em Chicago, nos Estados Unidos. Sua condenação faz parte da luta dos trabalhadores da Europa e dos Estados Unidos pela diminuição da jornada de trabalho — lutar pela jornada de oito horas, não significava apenas reduzir tempo de trabalho, mas diminuir o desemprego e aumentar, com a restrição do exército de desempregados, o preço dos salários.

Dos «oito de Chicago», condenados num longo e injusto processo, três — Schwab, Neebe e Fielden — conseguem o perdão sete anos mais tarde e um — Lingg — suicida-se na prisão. No dia 1º de maio de 1890, o Congresso americano promulga a lei que regulamenta a jornada de trabalho em 8 horas. E o primeiro de maio passa a ser comemorado internacionalmente.

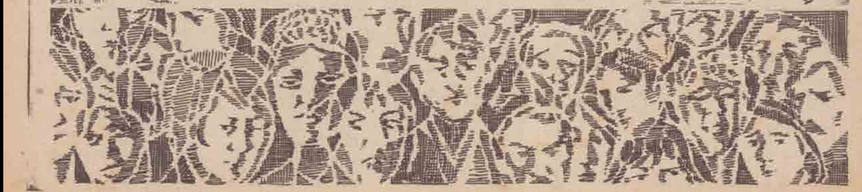
8 DE MARÇO E 1º DE MAIO UNEM-SE NA MESMA LUTA

Quando esta edição estiver nas ruas, levando aos quatro cantos o movimento ainda inicial das mulheres comemorando no Dia Internacional da Mulher, estará muito próximo o dia 1º de maio, data máxima dos trabalhadores em todo o mundo, cujo significado interliga-se profundamente ao atribuído ao dia 8 de março.

Essas duas comemorações têm como ponto comum não serem dias de festa mas de reflexão e de luta. Luta por melhores condições de vida e de trabalho — cada vez piores para a maioria do povo brasileiro, e luta por liberdades democráticas.

Quem pode modificar esta situação? Cabe aos homens e mulheres dos setores oprimidos, conscientes e unidos, determinar as mudanças profundas que dêem prioridade a seus interesses e necessidades.

A Sociedade Brasil Mulher e seu Jornal Brasil Mulher incorporam-se a esta luta e solidarizam-se, neste primeiro de maio, com os trabalhadores de todo o mundo.



Lila Figueiredo, Brasil Mulher #especial8M 1977, p.8

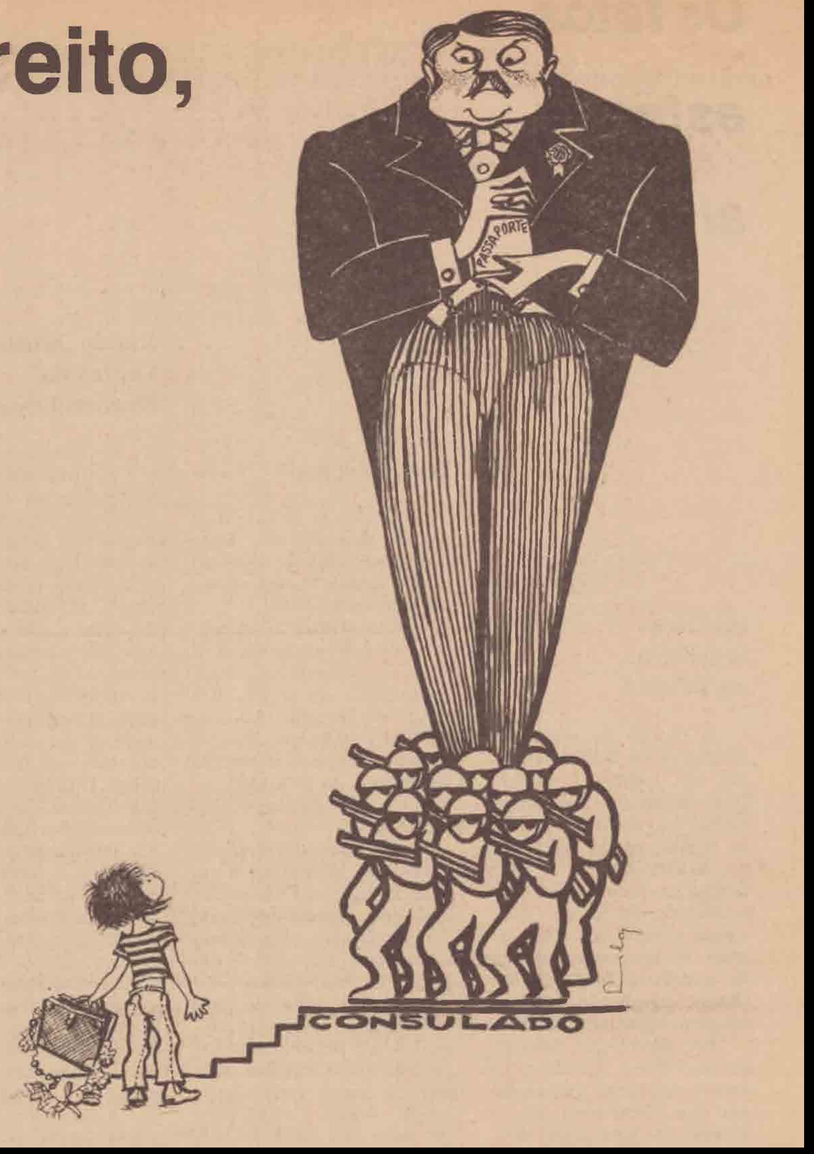
Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-9 (Acesso em 01/05/2026)

Passaporte é direito, não favor.

«O Passaporte é
a parte mais preciosa
de um homem.
Ele não é feito
de um modo tão simples
como se faz um ser humano.
Um ser humano
pode surgir em qualquer
lugar,
de maneira descuidada
e sem qualquer
motivo mais sério.
Um passaporte jamais...
(Bertold Brecht)

A circulação de idéias e de homens é um direito constitucional, ratificado em Helsinque, com a presença do Brasil. Idéias circulam e circularão sempre apesar das medidas de censura. Para os homens, circular é mais difícil.

Nos foros internacionais, nas conferências sobre direitos humanos todos os governos se comprometem a respeitar a liberdade de entrada e saída das suas fronteiras. Na reali-



Lila Figueiredo, Brasil Mulher #7, junho de 1977 p. 3

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-10 (Acesso em 01/05/2026)

O planejamento familiar da miséria

Duzentas mil mulheres brasileiras receberam pílulas anticoncepcionais no ano passado, principalmente no Nordeste, em campanha desenvolvida pela Sociedade Civil Bem Estar no Brasil (Bemfam) que é financiada em grande parte pela Federação Internacional do Planejamento Familiar que contribuiu com 40 milhões e 566 mil cruzeiros. Dados esses revelados, em entrevista a **O Estado de São Paulo**, pelo presidente fundador da Bemfam, professor Otávio Rodrigues Lima. (Jornal da Tarde, 7-6-77).

A Bemfam, desde 1965, vem desenvolvendo campanha junto a mulheres pobres no sentido do uso da pílula. Isto seria um controle de natalidade visando um planejamento familiar, apesar de esterilizar mulheres através do uso indevido do anticoncepcional.

A Bemfam não mostra aos seus pacientes os problemas que o uso indiscriminado da pílula pode causar. Divulga apenas uma visão distorcida de que famílias numerosas tem mais problemas e famílias menores são mais felizes. O verdadeiro aspecto da questão: a miséria deixa de ser problema social para se tornar escolha de um casal. O número de filhos passa a ser o fator determinante da maior ou menor miséria entre famílias menos favorecidas.

PLANEJAMENTO FAMILIAR

O planejamento familiar deveria ser contraído na educação e orientação da família, baseado no respeito aos direitos dos casais de decidirem o número de filhos que queiram ter. O Controle de Natalidade visa impedir o nascimento mesmo que precise intervir na vida dos casais. Experiências mundiais demonstram, como no caso da Índia que, apesar de ter gasto bilhões de dólares em esterilizações e pílulas anticoncepcionais, não conseguiu diminuir a taxa de crescimento da população (vide Visão, 23/5/77).

A experiência histórica tem demonstrado que a taxa de natalidade começa a baixar naturalmente com melhores condições de vida.

Sobre o assunto existem duas correntes de opinião. Uma defende a limitação de filhos, devido ao crescimento da população mundial e a escassez de alimentos. Isto encobre o verdadeiro problema. O desenvolvimento econômico não tem se preocupado com a sobrevivência e o bem estar da maioria da população mas, sucessivo o aperfeiçoamento tecnológico de produção de bens de luxo e armamentos. Para os defensores desta posição, o crescimento de população nos países subdesenvolvidos ameaça o desenvolvimento desses próprios países.

Para a outra corrente, contra o controle de natalidade, o crescimento da população não é impedimento ao desenvolvimento e sim uma contribuição para maior força de trabalho e aumento do bem-estar comum. Para o economista Paulo Singer, somente em países populosos é possível a implantação da economia de escala, que cria fábricas, produz maior quantidade por preços mais baixos, fortalece o mercado consumidor interno e favorece o desenvolvimento harmônico do país (Visão 23-5-77).

UM GRANDE PAÍS PARA POUCOS

Vivemos em um grande país (110 milhões de habitantes) e que pode abrigar em seu território cerca de 900 milhões de pessoas. Mas a falta de condições básicas faz com que o índice de mortalidade infantil seja um dos maiores do mundo: 108,66 vítimas para cada mil crianças nascidas vivas. Essas crianças morrem, principalmente, por falta de «comida, dinheiro, saneamento», segundo o médico João Yunes, secretário nacional de programas básicos de saúde.

O Governo pretende resolver o problema oferecendo às camadas mais pobres os meios e conhecimentos para um planejamento familiar.

Até hoje, no Brasil a Igreja se manteve inflexível contra o controle de natalidade. No começo de maio, ao ter conhecimento do programa de planejamento familiar implantado no Rio Grande do Sul pelo Governo de Santa Maria, Dom Ivo Lorscheiter, secretário-geral da CNBB, lamentou que a Igreja não tivesse sido convidada para a discussão do programa e denunciou também a distribuição sindiscriminadas de recursos anticoncepcionais pela Bemfam (Visão 23/5/77).

UM CASO DE ALTO RISCO

O Ministro da Saúde, Paulo de Almeida Machado defende um programa de prevenção da gravidez de alto risco, definida como aquela em que a mãe, por subnutrição ou outros problemas, corre perigo de vida antes ou pós parto. Ele próprio reconhece que entre 20 a 25% dos casos de gravidez no Nordeste podem ser considerados de «alto risco». Nada leva a crer que estas taxas sejam menores no resto do País.

O problema do controle de natalidade não estará apenas encobrindo questões mais sérias como subnutrição, má distribuição de renda, falta de assistência médica gratuita para a maioria da população?

Nessas condições, será a política de controle de natalidade proposta indiretamente pelo sr. Ministro da Saúde o remédio eficaz para as precárias condições de vida da população, essas sim, de «alto risco»?

— «A campanha que ora se faz contra o planejamento familiar interessa sobretudo, ao comunismo internacional, que precisa de superpopulações miseráveis, vivendo nas favelas da América do Sul, para realizar aqui a sua revolução social» (professor Otávio Rodrigues Lima — presidente — fundador da Bemfam) — Jornal da Tarde, 7 6 77.

RETRATO FAMILIAR

Meus pais eram vibrantes,
apaixonados,
mas inteligentes
e pobres

(se a pílula existisse
eu não teria existido)

Sindônio Muralha

«Não pretendemos defender uma fecundidade irresponsável, mas devemos denunciar os riscos de programas de planejamento familiar que desviam a questão de suas causas radicais... Os pobres não são pobres porque têm muitos filhos, mas talvez tenham muitos filhos porque são pobres e são pobres porque são vítimas da injustiça social, tanto interna como internacional... O problema da miséria não se resolve com pílulas e sim com justiça social, com profundas e radicais reformas».

(trecho da nota da Presidência e da Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB divulgada no dia 2 de janeiro) — O SÃO PAULO, 10 a 17 de junho de 1977.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #7, junho de 1977 p. 3

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-10 (Acesso em 01/05/2026)

NOSSO RECADO

...recebemos muitos trabalhos de expressão literária (contos, poesias, etc). Toda essa colaboração será publicada, sem seleção, pela ordem de chegada e conforme o espaço disponível. Isso é importante para nós porque representa a participação mais direta do leitor.

Mas, estamos achando falta dos que desenham, dos que contam coisas através de figuras e de bonecos. Onde estão vocês, amigos? Por que ainda não mandaram nada? Insistimos que nos mandem seus trabalhos, para que outros se encorajem a usar o desenho como mais uma forma de comunicação.

Esta página continua à disposição de vocês para que nela expressem toda a sua criatividade.

É necessário que enviem junto o nome completo, o endereço e, se quizerem, o pseudônimo para a publicação.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #7, junho de 1977 p. 15

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-10 (Acesso em 01/05/2026)

*** Início da colaboração de Lila Galvão Figueiredo com o Mulherio.**

Entre a família e a linha de montagem

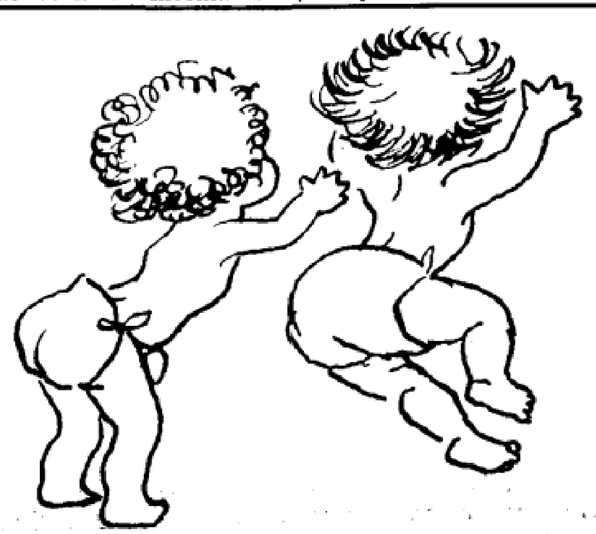
vres", quando uma a uma, elas

Ilustração Lila Figueiredo

na penumbra? Os odores de alimento, de xixi e de cocô de antes do sono pairam no ar, íntimos, quentes, ruídos de roçar dos aventais e dos lençóis pela passagem das tias.

Ah! Vocês que se amedrontam tanto, vocês que reprimem escrupulosamente as melhores emoções, vocês já imaginaram alguma vez que a sexualidade — do fantasma mais arcaico à genitalidade pressentida no quarto dos pais, passando pelo onanismo que tem como pano de fundo o fantasma do corpo da mãe, passando pela promiscuidade homossexual do gineceu — encontra um lugar para viver aí também, enquanto estes anjinhos estão deitados, bem-comportados, cada um na sua cama, uma mão sobre o lençol, um polegar na boca, os olhos semicerrados?

vocês não veem da mesma for- | nas para faze-las rolar mais longe.►



MULHERIO-9

Lila Figueiredo, #12, março/abril de 1983, p.9

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Do querer para o perer para o poder

"Somos realistas, queremos o impossível". Estou acabando de chegar de uma viagem de dois meses a Roma e pude ver uma ou outra vez, nos muros da cidade, esta frase que foi muito usada pelo movimento feminista no auge de sua luta para sair dos subterrâneos do querer (querer uma vida melhor, querer ser cidadã, querer o aborto legal etc.) para o amanhecer do poder. E é esta frase que me vem à mente quando volto ao Brasil e encontro o Mulherio tateante e incerto quanto a seu futuro. Não sabemos se e como vamos sobreviver. Mas nós somos muito realistas e continuamos querendo o impossível. Continuamos querendo editar o Mulherio.

Nós, da equipe diretamente encarregada do jornal, não estamos sozinhas neste querer. Estão com a gente nessa as centenas de pessoas que nos escreveram, de todos os cantos do País, dizendo que o jornal não deve morrer, e cujos nomes em parte estão publicados na primeira página deste número.

Vale a pena dar uma olhada nesses nomes para ver a diversidade de público que o jornal vem atingindo nestes dois anos e meio de vida.

Estão lá grupos de mulheres de vários Estados brasileiros, nos mandando uma mensagem que um grupo de Santa Maria (RS) resume enfaticamente: "Mulherio não pode e não deve parar". Todos eles exprimindo sentimentos que Jacqueline Pitanguy, do grupo CERES, do Rio de Janeiro, traduz num bilhete: "Gostaria de transmitir minha alegria por ter podido ler Mulherio nestes anos e minha apreensão pela crise financeira por que passa o jornal. Espero que eu não precise me despedir de vocês, de todas nós, que nos comunicamos através de Mulherio, jornal bonito, sério, nosso espaço de informação, denúncia, visibilidade, esperança".

Estão lá mulheres que não pertencem a grupos feministas, como Carla Zavalloni Prata, de São Paulo, que numa carta muito simpática nos diz que leu "com muita tristeza e até com certo pânico a possibilidade de fechamento do jornal".

Estão lá muitos homens, como José Augusto Barros, do Núcleo de Estudos de Saúde Comunitária da Universidade Federal de Pernambuco, que fala de sua disposição — "não somente minhas, mas igualmente do grupo de pesquisadores e docentes que comigo trabalham" — de colaborar para que Mulherio sobreviva.

Estão lá centros de estudos e instituições acadêmicas, como o Centro de Estudos Rurais e Urbanos, de São Paulo, que utilizam Mulherio como fontes de dados para suas pesquisas.

Estão lá variados grupos profissionais, como os 94 enfermeiros e estudantes de enfermagem que assinaram um manifesto em favor do jornal durante um encontro em Salvador.

Estão lá muitas pessoas que moram no exterior, como Mary Garcia Castro, do Center for Latin American Studies, da Flórida, para quem o jornal "tem sido um dos principais cordões umbilicais com o Brasil". E muitos, muitos outros.

Todas essa manifestações de solidariedade nos ajudam muito a acreditar que, sim, Mulherio sobreviverá. Por enquanto, esta é uma crença, é sobretudo uma esperança.

Por que não uma certeza? Porque, principalmente nestes tempos de crise absoluta, é impossível que uma publicação sobreviva apenas de seus leitores, ou seja, da venda de exemplares avulsos e das assinaturas. Nós enviamos o projeto do jornal a várias instituições que financiam programas relacionados à mulher, e esperamos, acreditamos, que alguma delas nos responda positivamente, principalmente agora, que ajuntamos aos projetos todas as cartas de apoio recebidas (por falar nisso, novas cartas são sempre bem-vindas).

Com um financiamento mínimo de uma instituição, teremos o pontapé inicial para a montagem de um jornal independente, que pretende ser competitivo no mercado editorial, um jornal que tenha anúncios publicitários e que possa fazer uma divulgação bem-feita de maneira a atingir o potencial de público que acreditamos possuir, e que, nestes dois anos e meio, foi atingido apenas em pequena parte.

Um jornal que continuará sendo autônomo em relação às tendências do movimento de mulheres e os partidos políticos, e que quer ampliar ainda mais a gama de assuntos tratados, deixar as idéias aflorarem principalmente quando elas aumentam a polêmica e a reflexão em torno de nós mulheres, de nosso estar no mundo, de nossa relação com os homens...

Como ainda não temos segurança absoluta **de financiamento por alguma instituição e como agora se encerra a ajuda que recebemos da Fundação Carlos Chagas e da Fundação** Ford, não sabemos se e quando o próximo número estará nas ruas. Nós manteremos os assinantes informados por carta e até o final de setembro a equipe do jornal continuará no endereço atual — av. prof. Francisco Morato 1565, CEP 05513. São Paulo, fone (011) 211-4511. A partir de 1º. de outubro, estaremos atendendo na rua Wisard 88, Vila Madalena, CEP 05432, São Paulo, fone (011) 815-8472.

Neste meio tempo, entre a saída da equipe do endereço atual e a esperada impressão do próximo número, teremos muitas despesas. Para cobrí-las, estamos vendendo a coleção dos números já publicados (sem os nº esgotados, de 0 a 5), por um preço mínimo de Cr$ 3.000,00. Algumas pessoas continuam fazendo assinaturas, que agora valem Cr$ 2.400,00 para o território nacional e 8 dólares para o exterior. Tão logo tenhamos certeza da continuidade do jornal, lançaremos uma ampla campanha de assinaturas, para a qual precisamos da ajuda de todos.

Os cheques devem vir em nome do Centro de Estudos Mulherio, uma associação que estamos criando com a ajuda da advogada Florisa Verucci, e que dará forma legal à nossa existência.

Ainda na campanha de arrecadação de fundos para o jornal, estamos vendendo fotos de Samuel Iavelberg, repórter-fotográfico da revista **Isto É**. Logo que soubemos da crise por que passa Mulherio, Samuel nos ofereceu toda a sua exposição "Retrato de Mulher", montada em janeiro do ano passado no Spazio Pirandello e que desde então tem feito uma bem-sucedida trajetória por várias cidades e locais. São 30 fotografias tiradas na Alemanha, Portugal, Espanha, França, Guiné-Bissau e Brasil, mostrando que as viagens de Samuel para coberturas jornalísticas desembocavam num ponto comum. "Em todo lugar, sempre encontrei a mesma opressão sobre as mulheres e o mesmo papel secundário desempenhado por elas", diz ele. As fotos estão agora expostas — e à venda — na Livraria Pagu, no Teatro Ruth Escobar (rua dos Ingleses, 209, São Paulo).

Bom, até a próxima, ou até o próximo número. Que inclusive já tem uma pauta de dar água na boca. Eu, particularmente, quero contar nele a experiência que vivi na Itália, participando de um programa de intercâmbio cultural de mulheres organizado pelo ISIS, Boletim Internacional de Mulheres, por meio do qual 12 mulheres saíram de seus países para aprender alguma coisa em outros, em seu campo de atuação.

Eu aprendi muito, sobretudo na convivência de dois meses com o **ISIS**, um coletivo de mulheres de várias nacionalidades que edita um boletim em inglês e em espanhol para grupos organizados de mulheres no mundo todo, tem um riquíssimo centro de documentação e coordena uma rede feminista internacional. Pude também acompanhar de perto a experiência da **Noi Donne** (Nós Mulheres), revista feminista italiana, mensal, que vende simplesmente 100 mil exemplares por mês!

Assim, afora a beleza do verão romano com muros que pregam a utopia ("somos realistas, queremos o impossível"), pude voltar com este alento de constatar a possibilidade do impossível quando se quer, no **Mulherio**, **ISIS** ou **Noi Donne**, romper os estereótipos da imagem da mulher nos meios de comunicação, tirar-nos da invisibilidade e criar espelhos que nos reflitam por inteiras.

Adélia Borges

MULHERIO 2

Ilustração de Lila Galvão Figueiredo

Lila Galvão Figueiredo, #15 setembro/out de 1983, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

O desejo de não ter desejo

Todo ser humano é carente por definição. É dessa sensação de desamparo e incompletude que nossa sociedade busca a todo custo fugir, mascarando a falta com o prazer e a ameaça da morte com a mentira da onipotência humana diante da natureza e do universo.

Assumir essa incompletude, no entanto, é exatamente o caminho para o amor. Pois quem tem tudo não pode aceitar seu desejo, reconhecendo a importância do outro na própria vida e nossa fragilidade diante da morte.

Na tentativa de negar essa carência essencial e humana que todos vivemos, nossa cultura identifica o masculino com o poder e a feminilidade com o engano e a falta. Falsa dicotomia onde a perversão se instala e ganha corpo, fazendo de nós cúmplices de um jogo erótico feito de dissimulações que tentam mascarar nossos verdadeiros sentimentos.

É dessa perversão que trata Maria Rita Kehl neste artigo, escrito a partir de pesquisa sobre o exibicionismo masculino realizada pelo sociólogo Luiz Mott.

Lila (Galvão Figueiredo?) + assinatura, #14, julho/agosto de 1983, p.6

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

LILITA FIGUEIREDO

REGALO

Joyce Cavalcante

Não quero nem pensar. Me envergonho e tenho muito medo de que ele me procure justamente na época de meu período menstrual. Claro que fico constrangida. Por reflexo, por cansaço de saber que esse sangue vivo repulsa. E de já tão acostumada a pedir desculpas por ter um organismo fêmeo funcionando por inteiro, prefiro me esconder por trás de uma fadiga ou de um mal entendido, negando para nós dois o direito de acrescentar na história mais uma ocasião especial.

Sensível, ele perscrutará lá dentro esses meus pruridos. E lá dentro do meu corpo, mergulhará seu nariz. Vai ser como se eu tivesse ganho na loto. Ficarei tão feliz que me permitirei a extravagâncias e, aproveitando essa tinta vermelha feita pela própria natureza, pintarei molecagens nas nossas coxas, braços, barriga e no rosto, fazendo inveja a todo mundo que acha que isso é brincadeira de mau gosto.

Texto inédito da autora a ser publicado ainda esse ano no seu quarto livro, "O Discurso da Mulher Absurda". Já tem publicados "De Dentro Para Fora", Ed. Referência, 1978; "A Costela de Eva", Ed. Global, 1980; "Livre & Objeto", Massao Ono Ed., 1981; "Teu corpo", Ed. Scortecci, 1982.

DIÁRIO
de viagem

Maria Lúcia Mott

Por que o mulato e não o loiro? Os dois não eram conquistadores baratos daqueles de porta de bar? A cara de desprotegido, de olho grande, tinha me comovido. O loiro veio decidindo, mandando seguir que ele já tinha escolhido o hotel ("quem você pensa que eu sou, vai procurar sua turma"), virei a cara, apertei o passo e entrei no primeiro hotel que encontrei, como quem já tinha feito reserva. Lembrei de casa, do meu irmão que tinha dito para eu comer surubim na brasa: uma delícia! E para eu não ficar na pensão da esquina ("a barra era muito pesada").

Tomei banho, saí correndo e fui olhar o pôr do sol na beira do rio. Segui as placas de sinalização e encontrei as paisagens de cartão postal.

— "Oi beleza!"

— "OI BELEZA!"

O loiro ria.

— "É muda a coitada. Que pena! tão boa de bunda!"

—"Você não se enxerga seu..." ia dizer seu titica de galinha, quando o mulato apareceu, saindo do bar e cortou minha palavra, falando que era besteira eu responder, que era isso que o outro queria, que assim se divertia às minhas custas. Esquecesse. Enfim eu não estava lá para me aborrecer, não é? Não foi para isso que eu tinha viajado mais de dois mil quilômetros... Sentamos no bar e ele pediu uma bebida que só existia lá. Reclamei do tipo, daquele branquela metido a conquistador. Ele me acalmava dizendo que era assim mesmo... mulher bonita viajando sozinha era aquela água... apostava que não era a primeira vez que tinha acontecido aquilo comigo. Nem seria a última. De noite, fomos para a casa dele e topamos com o loiro no portão.

— "Boa noite senhorita". Eu acompanhei o "até logo" com a cabeça, engolindo saliva, prendendo a respiração. Ele, o mulato, com "eu explico, eu explico", tentava segurar a barra para o caldo não entornar. Era por obrigação que hospedava o tal sujeito, um favor, essas coisas de família. Aposto que faria o mesmo, me falou no final, depois de ter contado o drama do herói, um abnegado. Arrematei o caso ("puxa! coitado, eu não podia imaginar!"), lembrando do surubim que ele dizia ser mestre na arte de preparar. Com o pé direito, entrei.

— "Não repara, é casa de pobre..."

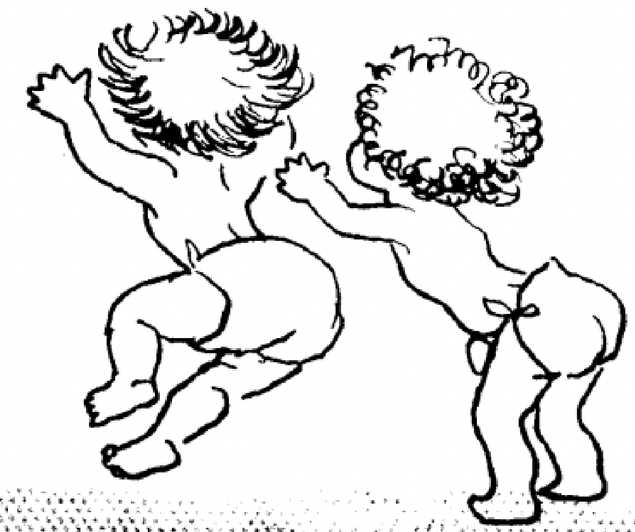
Sempre admirei a coragem de puta e lá estava eu, comemorando os meus vinte e dois anos nos braços de um desconhecido que prometia carícias nunca vistas e jamais sentidas. Disse mil vezes amém por estar tomando pílulas e foi aí que eu me lembrei (mas por que eu me lembrei?): menstruada! Essa agora, só podia ser praga da minha mãe. Incomodada, rejeitei as carícias enquanto ele gemia no meu ouvido e prometia mais, abrindo minha blusa. Endireitei o corpo, procurando uma mentira e o medoso, o tampão, não iria grudar... e ele, "mas o que foi nenem", me empurrava para o encosto da cadeira e minha mãe no seu tailler de tweed, aquele do dia da minha colação de grau, dedo em riste, voava sobre minha cabeça ("vai se lavar, você está toda suja de sangue") e ele, beijando minha boca, mordiscando meus lábios e eu, conto não conto, falo não falo, acabei levantando de sopetão, fechei minha blusa, o ziper da calça, peguei minha bolsa... e mamãe no topo da escada lá de casa, "eu sabia que podia confiar em você, minha filha"!

— "Moça, isso não se faz..."

— "Desculpa moço, mas eu não posso" e, lá ia eu, começar o meu discurso, que não podia, que não devia e escondendo o rosto, a palavra saiu: menstruada... virei as costas esperando um bofetão (só podia ser praga de minha mãe!), sentia o sexo contraído, latejando, querendo um "fica por favor", mas não ousando (será que ele não tem nojo?) e com uma grande risada, ele me segurou pelas mãos, me chamou de boba e me mostrou a porta do quarto.

Lilita Figueiredo (Lila Galvão Figueiredo?), #18 set/out de 1984, p.23

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)



relações afetivas com aqueles que cuidam de seu corpo passa a significar relação materna, concluindo-se necessariamente pelo substituto da mãe, pessoal exclusivamente feminino, como a legislação continua a exigir. Finalmente, santifica-se a interdependência socialmente privilegiada mulher-mãe-criança, emitindo-se o discurso familiarista: "sobretudo não tomar o lugar de..."

Assim espera-se que estas mulheres, estas tias, amem no gineceu, como outras no bordel, e que evitem desejar as crianças de outra mãe.

Conseqüentemente, o encontro com a criança se inscreve num processo duplamente pedagógico e portanto ideológico, aquele do "técnico da 1ª idade": 1) instrumento da primeira educação social da criança; 2) conselheiro de-

MULHERIO-10

Lila Figueiredo, #12, março/abril de 1983, p.10

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Entre a fome e o emprego

"Não aconteceu nada aqui. Ela ficou pendurada pelas mãos e não morreu" Com esses palavras a patroa de Maria Luisa (empregada doméstica de 18 anos que ficou dependurada no 11º andar de um edifício, quando ia limpar os vidros do apartamento) tentou afastar os curiosos. Quando indagada sobre a falta de segurança no trabalho da doméstica, ela respondeu: "Pago um bom salário. E está acabado." Por sua vez a empregada diz: "se não faço isso, perco o emprego e morro de fome. Por isso prefiro correr o risco de morrer caindo do alto do edifício". (Folha de São Paulo).

Desenvolvimento mortífero

Diante das recentes declarações do ministro da Previdência Social, Nascimento e Silva, de que os acidentes de trabalho deveriam ser entendidos como consequência natural do desenvolvimento do país, o superintendente da Associação Brasileira de Prevenção de Acidentes, Joaquim Junqueira, afirmou: "não podemos concordar que para desenvolver seja necessário matar ou lesar trabalhadores. Isso representa a negação total da capacidade técnica do Brasil em corrigir as causas que levam a essa lamentável situaçao de acidentes de trabalho" (JT).

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #3 1976, p.5

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-5 (Acesso em 01/05/2026)

As mulheres que tomam anticoncepcionais vivem constantemente preocupadas com seus efeitos. A pílula, uma das modernas invenções do século XX, no campo medicina, é uma das respostas mais aceitas ao problema do controle da natalidade.

PILULA: SOLUÇÃO

Devemos jogar nossas pílulas fora?

Em 1974, o Centro Médico Britânico realizou um estudo sobre a pílula, em que colaboraram cerca de 1400 médicos. Eles concluíram que pelo menos por enquanto, não devemos jogar, indiscriminadamente, todas as pílulas no lixo. Segundo os médicos britânicos, a maioria dos efeitos colaterais consequentes do uso da pílula (trombose, embolias, tumores no fígado, câncer no útero e na mama, para não citarmos todos), já estavam previstos antes mesmo da sua utilização maciça. Ainda em 1974 - parece que foi um ano de muitas preocupações no setor - os dados demonstram que o consumo de pílulas no Brasil era de 38 milhões de ciclos por cento e cinco e, em 1966, o que significa um aumento de 375%, cifra que atualmente já deve estar ultrapassada. Isso quer dizer que aproximadamente 4 milhões de mulheres brasileiras faziam uso da pílula como método anticoncepetivo.

Não tome pílula sem receita médica

"Qualquer medicamento só pode ser administrado com acompanhamento do médico, e muito mais quando se trata de anticoncepcionais orais. "O ginecologista Mário Mourão Neto, do SOF - Serviço de Orientação Familiar de São Paulo - acrescenta: "Antes de receitar a pílula, o médico deve analisar rigorosamente o quadro clínico da mulher, submetendo-a a um detalhado exame, para evitar problemas futuros". Conclusão do dr. Mourão: nenhum método anticoncepetivo pode ser usado sem acompanhamento médico. Toda mulher pode tomar a pílula, mas nem toda pílula pode ser tomada por todas igualmente.

"Depois que casei, comecei a engordar demais, quase um quilo por mês, por causa da pílula. Acho que preciso mudar de marca porque é assim mesmo, a gente tem de ir tentando até dar certo. Minha médica me disse que o negócio é ir testando até encontrar a pílula exata".

O caso de Alice, 26 anos, seis meses de casada, não é exceção. Lamentavelmente, a maioria dos nossos médicos ainda procede assim, guiados pela alavanche de produtos que os laboratórios despejam, diariamente,em seus consultórios. Então o problema não é se se deve, ou não, usar a pílula mas como usá-la E esse como não depende exclusivamente da mulher, mas também do seu médico. Serão realmente necessárias tantas marcas, de pílulas como as que hoje estão no mercado? Como todo medicamento,a pílula, pode ser composta de várias substâncias ativas que têm efeitos colaterais e esses efeitos serão diretamente proporcionais ao número de substâncias. Desse modo, os anovulatórios, - a pílula "combinada" - estimulam o aparecimento de doenças, enquanto que a "não -combinada" - progesterona - tem menos possibilidades de risco, segundo o dr. Mourão.

O número excessivamente alto de marcas de pílulas que invadem o mercado, ao invés de atender às necessidades da mulher, prejudica a sua escolha e a do médico, uma vez que os laboratórios importa pouco quem vai consumir, desde que a sua marca esteja sendo vendida. A venda indiscriminada do anticoncepcional oral, sem receita médica - como ocorre na maioria das farmácias - é algo com que o Serviço Nacional de Fiscalização de Medicina e Farmácia deveria se preocupar mas até hoje não está devidamente aparelhado para exercer uma rigorosa fiscalização. O farmacêutico, por outro lado, do mesmo modo que o fabricante, quer vender. As farmácias, hoje, perderam aquela antiga característica de auxiliar do médico, transformando-se em meros centros comerciais interessados antes de mais nada, no lucro.

Apesar de proibida, é comum a prática feita por alguns laboratórios de fornecer medicamentos a mais, numa vantajosa proposta como a dúzia de vinte: o farmacêutico compra 20, e paga 12, e certamente irá recomendar esses marcas, estabelecendo um tipo de transação em que o único a perder é o consumidor Assim, a mulher que compra pílula sem receita médica, fica sujeita a levar para casa um anticoncepcional que não é adequado ao seu organismo.

O "Condon" ainda é o método mais barato

"Imagine! Que imprudência dessa menina. Ela estava grávida há três meses, provocou aborto com uma agulha de tricô, e a mãe não sabia que ela estava nesse estado. Será que ela não conhece os preservativos? E a pílula, que qualquer farmácia vende, é só ir lá comprar" (Reação de um atendente de Pronto Socorro em São Paulo, diante do caso de uma menina (14 anos), que deu entrada no PS com uma violenta hemorragia).

A falta de informação, os preconceitos e - principalmente - o baixo poder aquisitivo, são os responsáveis por casos como este, e eles não são poucos. Muitas também são as mulheres, aliás a maioria, que usam - como método anticoncepcional - o coito interrompido, ignorando os efeitos psicológicos que isso faz à vida conjugal, insatisfação, frustração e ansiedade. Em São Paulo, a maior parte das mulheres que procuram o SOF (Serviço de Orientação da Família) vindas das classes menos favorecidas, confessam ser esse o método usado por elas; o que sugere a total desinformação quanto a outros meios de controlar a gravidez.

Quem compra anticoncepcionais hoje no Brasil?

O mercado brasileiro é dominado pelos anticoncepcionais orais e pelos preservativos de borracha ("condons"), cuja produção atual chega a 50 milhões de unidades anuais (fora os 6 milhões de unidades que entram ilegalmente no país), procedentes, principalmente do Japão. De acordo com uma pesquisa realizada no ano passado (pela empresa de consultoria Richers Buarque de Almeida e Associados), com o levantamento dos aspectos particulares de produção, distribuição e consumo de anticoncepcionais em São Paulo, Recife e Caruaru (PE), o consumo de preservativos cresce na proporção de 8% a 15% ao ano, pois, ao contrário da pílula (pelo menos em teoria) sua venda dispensa receita médica. Cada vez mais os "condons" conquistam maior espaço nas prateleiras de supermercados e até de bares, facilitando sua comercialização. Há também, na pesquisa, uma constatação até certo ponto curiosa: 16% dos compradores de condons são mulheres e 66% dos que adquirem pílulas, são homens.

A tabela abaixo mostra que enquanto as classes A e B - que menos necessitariam de controle da gravidez, porque têm condições materiais para ter filhos e criá-los - controlam a natalidade em escala crescente, as classes com menor poder aquisitivo deixam de fazê-lo por razões sócio-econômicas:

Quem compra anticoncepcionais (Em porcentagem)

Classes	Pílulas	Preservativos
A	25	18
B	52	46
C	18	29
D	5	7

(Fonte: Revista Veja/julho/75)

Afinal, a decisão de ter ou não filhos, que de início deveria ser tomada e assumida a dois (marido e mulher) acaba sendo um problema exclusivamente feminino, principalmente nas classes mais baixas onde o marido é, geralmente. contra a pílula. "Meu marido tem idéia muito tradicional, não queria que eu tomasse a pílula, e quase todo mundo aqui na vila pensa isso, que a pílula não faz bem prá saúde da mulher. Mas eu estou bem atualizada e sei que não posso ter mais filhos, como é que vou educar eles todos? O problema maior é o de criar esses meninos. Quando eu casei pensei em ter quatro filhos, acabou, que tenho oito, mas é porque a gente morava na roça e eu não tinha condições de evitar, e nem nunca tive coragem de beber erva daquelas que na roça o povo toma. Quando cheguei aqui, custei a aceitar a idéia de tomar a pílula, mas também as condições me obrigaram a ver que é o único jeito. Eu acho que devia ter uma espécie de pílula também para o homem, que assim a saúde da gente não gastava tanto" (Joana, 33 anos, oito filhos, moradora da periferia de São Paulo).

Segundo estatística do Centro Latino Americano de Demografia, mais de 50% das mulheres cariocas (entrevistadas em 1971) desejavam controlar o número de filhos, porque suas condições financeiras não permitiam ter uma família numerosa. Oitenta por cento delas preferia ter dois ou três filhos e a maioria desconhecia a existência de métodos anticoncepcionais, sendo que 30% desse conhecer "o comprimido" através de vizinhas, amigas e parentes, e 20% já haviam feito aborto.

Emplastos, ervas, lavagens, gelèias, supositórios. Uma lista relativamente numerosa de métodos descobertos pela mulher ao longo de suas tentativas, nem sempre bem sucedidas, de controlar a gravidez. Recentemente a mulher pode recorrer a um outro método, que tem 93% de margem de segurança, segundo os médicos, mas que não pode ser colocado indistintamente em todas as mulheres, exigindo uma saúde perfeita e acompanhamento clínico rigoroso: o DIU (Dispositivo Intrauterino) adaptado ao colo do útero feminino, pode ser ou não rejeitado já que é um corpo estranho no organismo da mulher. Há muita polêmica em torno do DIU. A colocação depende do consum acordo entre o homem e a mulher que devem assinar um termo se responsabilizando e assumindo, juntos, a medida.

Estas você pode jogar no lixo

O uso dessas pílulas comprovou que elas provocam atrofia dos ovários e câncer, além de seu fracasso em evitar a gravidez.

(Fonte : MOVIMENTO, nº 47)

OU PROBLEMA?

Nem todas as mulheres podem ter acesso ao DIU, um dispositivo caro (custa cerca de 2 mil cruzeiros), que necessita de acompanhantento sistemático num espaço de tempo inicialmente curto, e que mais tarde dependendo da adaptação da mulher - pode ser aumentado.

Uma mulher deve evitar filhos?

Os dados da pesquisa feita pela Richers, Buarque de Almeida e Associados mostraram o que talvez não seja novidade para muitos: o índice de sim esteve muito equilibrado em todas as classes consultadas. 75% das mulheres da classe A, 77% da classe B, 77% da C, e 61% da classe que eles classificaram como D, disseram que a mulher deve evitar filhos. Mas a pergunta - e, naturalmente, sua resposta - não para aí. Quando a mulher diz que deve evitar a gravidez estaria na estrutura sócio-econômica, nos preconceitos, na desinformação e - principalmente - nas questões de ordem moral e religiosa.

"Eu não deixo minha mulher nem minhas filhas tomarem "comprimido", considero uma invenção do diabo. Onde já se viu tomar remédio prá não ter filho? Tudo invenção dos médicos e das farmácias. Filho é benção de Deus, é bem-vindo. Agora, às vezes, a gente é tão pobre que até tem dó dos pobrezinhos que nascem assim desprotegidos. Mas se vêm, não vai ser minha mulher que vai tirar" (Antonio, 30 anos, mineiro, operário, ex-agricultor).

"Eu e minha mulher não somos contra a pílula, acho que é ainda o melhor meio de não engravidar. De vez em quando, ela tem algum problema com a pílula, e aí deixa de tomar por algum tempo mas depois começa de novo. Ganhando o meu salário (que não chega a dois mínimos) e com o nenêm (4 ano) ainda pequeno, não dá prá ter logo outro, mas nós vamos ter mais, só que bem espaçado pra dar tempo de arrumar melhor a vida. Sei que quase todos os meus amigos são contra a pílula, porque acham que tomando o comprimido, a mulher tem mais oportunidade de trair o marido, eu acho isso uma bobagem, mulher que trai marido trai com pílula ou sem pílula". (Francisco, 21 anos, operário especializado, baiano).

"O problema de controle da gravidez não é do interesse de ninguém, é do casal, o homem e a mulher é que decidem quantos filhos querem ter. Eu gostaria de ter muitos filhos, mas a gente também tem de pensar em dar comida, escola, roupa, remédio, divertimento para eles, dar uma vida decente. Não adianta eu ter sete filhos se eu sei que não vou ter condições de sustentá-los. Prefiro ter dois ou três porque família, prá mim, não é botar filho no mundo". (Silmone, solteira; secretária do gerente de uma indústria de tecidos de São Paulo, 22 anos, carioca).

"Evitar filhos é uma coisa natural, hoje, prá todas as mulheres. Mas eu acho que a questão não diz respeito apenas ao marido e à mulher, porque no fundo quem decide o número de filhos é sempre o sistema econômico vigente, que não dá as mesmas oportunidades a todos. Então o que acontece é o pessoal dizer que pobre não devia ter tantos filhos, mas o pobre não é pobre porque tem muitos filhos. Será que já foi feita alguma pesquisa para saber quantos filhos realmente cada casal gostaria de ter, independentemente da sua condição financeira, segurança na velhice, saúde, educação, etc?" (Roberto, estudante de Física da USP, 20 anos).

"A verdade é que essa discussão se amplia, extrapola o âmbito familiar, e passa a ser abordada por legisladores, autoridades sanitárias,políticos, e religiosos, em termos de controle ou não de natalidade em massa. A questão passa a ser: devemos ter uma política de controle de natalidade diferênte da que vem sendo adotada até agora pelo Brasil?

O Capítulo V do II Plano Nacional de Desenvolvimento, diz: "A orientação da política demográfica brasileira é de respeito ao arbítrio de cada casal na fixação do número desejado de filhos, oferecida oportunidade de informação que permita o exame completo da questão. E facultada a opção, sem qualquer constrangimento, no sentido amplitivo ou limitativo da qualidade".

Este recado é para as estudantes grávidas

A lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975, transformada em emenda constitucional, garante à todas as estudantes grávidas, a partir do oitavo mes e durante tres meses após o parto, o direito de assitir as aulas em sua casa, fazer provas e exames finais. Para isso é necessário que seja encaminhado à direção da escola um atestado médico comprovando. Em casos excepcionais também comprovados com atestados, a estudante poderá ter seu prazo de descanso prorrogado antes ou depois do parto.

Com estas explicações espera se que as leitoras de BM não tranquem mais suas matrículas, desistam de frequentar a escola, ou qualquer outra medida que as impeçam de participarem de modo criativo da sociedade, de sua família e da política de seu país.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #3 1976, p.6-7

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-5 (Acesso em 01/05/2026)

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #3 1976, p.4

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-5 (Acesso em 01/05/2026)

Lila FIgueiredo, Brasil Mulher, #2 1976, p.5

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-4 (Acesso em 01/05/2026)

Diário de Bordo

-Não tem papo, não. Hoje é dia de apresentar o lance do boletim. Tarefa é tarefa.
-Bem, já expliquei que o boletim não dá. É muito esforço pra nada. Além disto, a opção por um boletim seria a aceitação do "limitado". Penso que o melhor é criar um jornal falando da ANISTIA e outros assuntos.
-Como? Jornal precisa de infra-estrutura. Bota os pés na terra! Teu mal é voar!
- Olha, perceba! O fato é o jornal. Se voces confiam, a gente parte.
-É...quem sabe? Qual vai ser o nome?
- Pode ser "A RAPOSA"; por exemplo.
- Não, não dá! Fora com A RAPOSA.

Assim, as discussões passaram de um dia para outro, e, entre um nome e outro, e definições de propósitos, eis que surge, numa magrugada, pelas "quebradas do mundaréu", pelo menos o nome: BRASIL MULHER.

No dia seguinte, começou a "pauleira". Tradução, pesquisa, redação. A pilha de papel começou a subir e o BRASIL MULHER a se definir a cada minuto de trabalho. "quer incorporar-se à imprensa democrática. Não é o jornal da mulher. Seu objetivo é ser mais uma voz na busca e na tomada da igualdade perdida. Trabalha que se destina a homem e mulheres" - (você leu o editorial do número 0?).

O material chega às oficinas e a editora aprende, pela primeira vez, a fazer jornal e seus professores foram os colegas dos mais anônimos ao chefe da oficina. Aquele seria apenas o número 0, experimental.

A editora recebeu do fotógrafo várias fotos para capa do primeiro número. A ideal, entre tantas, deveria ser a que mais significasse a mulher brasileira. E ela lá estava: barriguda, rindo triste, girando outra criança no ar, de pés descalços. Mas, na hora de entrar na Foto Mecânica para virar capa, ela sumiu. Correria - até os latas de lixo da redação do "jornalão" foram reviradas- aí ele apareceu. Tranquilo, e descobriu sozinho a mulher barriguda. Depois ele foi fazer a ronda.

O nº 0 foi lançado e até o Estadão se ocupou do primeiro (será mesmo?) jornal feminino do jornalismo brasileiro. Até em Paris o BM chegou. Londrina- perguntaram -onde está no mapa? Aí o MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DA MULHER E A LUTA PELOS DIREITOS HUMANOS demonstraram não ser apenas preocupação de grupos em grandes centros intelectuais. Ou é porque alguns intelectuais se evadiram dos grandes centros da Oropa, França e Bahia?

Aí, a fase dos registros, as decisões entre São Paulo e Londrina. No bate boca via negrofone ficou decidida a independência do BM de qualquer outra entidade que não fosse do próprio. Na bandeira do BM estava firmada com muito suor e repressália: o BM não seria de ninguem. Será pela Anistia e pelo Movimento de Libertação da Mulher.

Depois do número 0, as mulheres mediram suas forças com a opressão e daqui e de lá começou a pintar gente com material, idéias, matérias, bedelhos. "Boas críticas" chegaram:

-A diagramação não presta!

-Olha colega, pode não prestar, mas é uma proposta que deve chegar a uma definição.

-Tem lá cabimento foto de página inteira! Isto não é jornal de arte!

-Perceba colega? A proposta é fazer, e se sobrevivermos um ano, uma exposição com doze Mulher Brasil. Quero uma capa- foto- reportagem, colega. O resto é academicismo!

Foi montado o primeiro conselho de redação. Com gente variada de geração a comportamento, variada, também, em classe social e setor de trabalho. As cinco mulheres de Londrina juntou-se um grupo de São Paulo de jornalistas e outras mulheres. Vinha sendo o número 1.

A redação do 1 foi montada. O jornal continuava em Londrina. O fim do Ano Internacional da Mulher se aproximava. O jornal necessitava lançar ainda em 75 o seu número 1.

Não é que as mulheres passassem muita fé na badalação das Nações em volta de seus problemas. Mas era por isso mesmo que o 1 tinha que sair para pôr em vegue o que a ONU declarava: incentivar os governos a dar oportunidade de vida, mesmo, às mulheres. O BM decidese por ser um orgão de crítica e denúncia.

É a malta se pôs a trabalhar. Em quinze dias o 1 ficou no ponto de entrar nas oficinas. Que diferença do 0...que teve um redator só! Agora tinha, não deu pra contar...mas ao certo mesmo foram três.

ASSINATURAS DO BRASIL MULHER. Instruções no próximo número

DIÁRIO DE BORDO

O número 0 rendeu uma graninha. Deu pra pagar a edição e sobrou uns caraminguás para a edição número 1. Mas, então, surgiu a represália: dificuldades não esclarecidas, situações esotéricas. Daqui e de lá, por onde o BM passava já tinham passado os coleguinhas da imprensa democrática. E ninguém convidava pra tomar um cafezinho, bater um papinho sobre o tempo, sobre o preço do café, a alta da gasolina, a última dor de barriga das crianças. Até que, via negrofone, alguém recebeu o BM (mas não contamos, o BM não faz publicidade, nem paga nem de graça. Mas, se voce quiser anunciar, consulte o BM. Quem sabe, conforme o seu produto...)

A "Lei Seca" dos Estetes da América do Norte (USA) deixou aqui (tão longe de nós distantes) algumas influencias financeiras "saudita". Pais é...Só decifra quem conhece Al Capone.

Portanto, os caraminguás do BM se mostraram insuficientes para pagar duas vezes mais, ou mais, os serviços de impressão. Ou pagava à vista ou descia...Foi quando apareceu o "oclinhos" com um milhão por minuto e em cinco o BM

Era posto na mala-redação para seguir no avião das 15.30hrs. Estávamos a 600 quilômetros da Gráfica de São Paulo e ela havia marcado hora para receber o BM. Ou chegava pro cha das cinco ou não chegava mais. E era dia 21 de dezembro, e o ANO INTERNACIONAL DA MULHER se acabava no Rio de janeiro no dia 28.

Eram mais 600 quilômetros! Porque o Paraná é tão longe? E pelos céus do Brasil voou algo mais que (não fazemos anúncios para certas gentes). E lá ficou a editora esticada na pista, dormindo. Foi recolhida ao depósito da Prefeitura, altas horas da noite, pelas garis que a encontraram dormindo sobre uma pilha de jornais velhos.

BM número 1 sai das máquinas pelas mãos da mulher jornalista coordenadora da equipe em São Paulo, e, como pelos nossos arredores as gentes não são nada antidemocráticas, cada um comemorou a seu jeito até desenhista! E tem gente que saiu pelas "quebradas do mundaréu" (perdão outra vez Plínio, por entrar num jornal feminista, você não topa esta parada).

O problema maior do número 1 foi encontrar benzina nos postos em São Paulo para lavar a coordenadora gráfica que até então só tinha feito redação e revisão! E o BM começou a etapa seguinte: saiu voando pro Rio, Araraquara, Paris, Salvador, Lisboa, Londrina, Poços de Caldas, Campinas e não dá pra enumerar, mais: o jornal tem espaço contado em linhas.

Mas a equipe do Paraná ainda não conhecia o número 1. E lá se vai a editora para um encontro. Foi um disque-disque sem fim. A diagramação, as dívidas, a circulação, a difusão do jornal para os centros latino-americanos para a Libertação da Mulher e de comissões de Direitos Humanos. E lá partiu a editora para levar o BM para lugares distantes do outro lado do Atlântico. E foi chegando reforço com o apoio da Editora de Femme de Paris com uma publicação sobre o BM na Mulheres Modas e Bordados de Lisboa (de moda e bordado só tem o necessário) com os depoimentos e intercâmbios com mulheres de Cabo Verde e agora o BM...

Continue acompanhando o jornal de bordo no próximo número do BRASIL MULHER

Mulher participe: leia e assine Movimento

Lila FIgueiredo, Brasil Mulher, #2 1976, p.10-11, seção Rosa dos Ventos

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-4 (Acesso em 01/05/2026)

Belas formas

Ilustração Lilita Figueiredo

Belas formas (redondas) femininas rendem preços melhores no mercado. Belas formas femininas devem ser redondas. Dizem. Todo feminino é redondo? Que a Xuxa aceite se travestir-se (como já escrevi em outro número do **Mulherio**) para corresponder ao conjunto das fantasias masculinas sobre a mulher, é problema só dela. Que os travestis de São Paulo se matem com aplicações letais de silicone, tentando obter corpo de Xuxa, virou caso de polícia. Prisão para os vendedores da droga (silicone industrial), para os inescrupulosos aplicadores que ganham a vida prometendo a fórmula mágica da beleza feminina a homens e mulheres que querem se livrar de tudo o que neles é anguloso, reto, magro. E adquirir os signos da feminilidade: seios redondos, rosto redondo, quadris redondos.

Um caso de polícia: a solução imediata (se a polícia paulistana for solução para alguma coisa) para estancar a série de mortes horrorosas provocadas pela infiltração de silicone nos tecidos. Um caso de ideologia, de combate à praga emocional que gera a venda dos corpos sexuados, a bolsa de valores eróticos, o consumo dos signos do macho e da fêmea, a apropriação do corpo alheio que ostenta estes signos. Os travestis são apenas a bandeira trágica da humilhação por que passamos todo(as) nós. Eu, você, leitor e leitora: quantas vezes já nos mutilamos de corpo e alma na tentativa de corresponder aos padrões de beleza idealizados para o nosso sexo? **Maria Rita Kehl**

Lila Figueiredo, #12, março/abril de 1983, p.20

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

TORQUATO DE CASTRO

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #7, junho de 1977 p. 15

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-10 (Acesso em 01/05/2026)

TRABALHAR À NOITE QUEM GANHA COM ISSO?

O governo vai introduzir reformas na Consolidação das Leis do Trabalho - C.L.T. Uma delas é o dispositivo permitindo que a mulher trabalhe à noite (das 22 hs às 5 hs da manhã). Atualmente as mulheres trabalham em alguns serviços noturnos e com autorização especial. Com esse dispositivo pretende-se igualar a mulher ao homem no campo profissional. Porém, embaixo dessa justificativa de igualdade profissional algumas dúvidas aparecem: A quem favorece o trabalho noturno das mulheres? Porque nesse momento em que muitos trabalhadores são postos na rua, o governo acena com a possibilidade de aumentar a jornada de trabalho da mulher? As respostas são claras: a mulher reivindica menos (Vide BRASIL MULHER nº 2 - MULHER NÃO DÁ TRABALHO), seus salários são menores que os dos homens e se sujeitam muito mais às pressões profissionais. A medida pretendida pelo governo só favorece aos patrões, pois ganharão mais provento dessa mão de obra já tão barata.

O jornal TRIBUNA METALÚRGICA do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema promoveu um debate com dito operários sobre o assunto. Nesse debate participaram uma operária mãe com responsabilidade pelo sustento do filho e de seus pais e 7 solteiros, entre as quais três que estudam à noite, mas todas com encargos familiares. Segundo o jornal, o tema central se tornou predominante diante das graves denúncias apresentadas por esses operários. As revelações indicaram que, apesar da proteção que a lei lhes garante no trabalho, as mulheres são muito mais exploradas que os homens.

ABAIXO ALGUNS TRECHOS DOS DEPOIMENTOS DO DEBATE OPERÁRIO

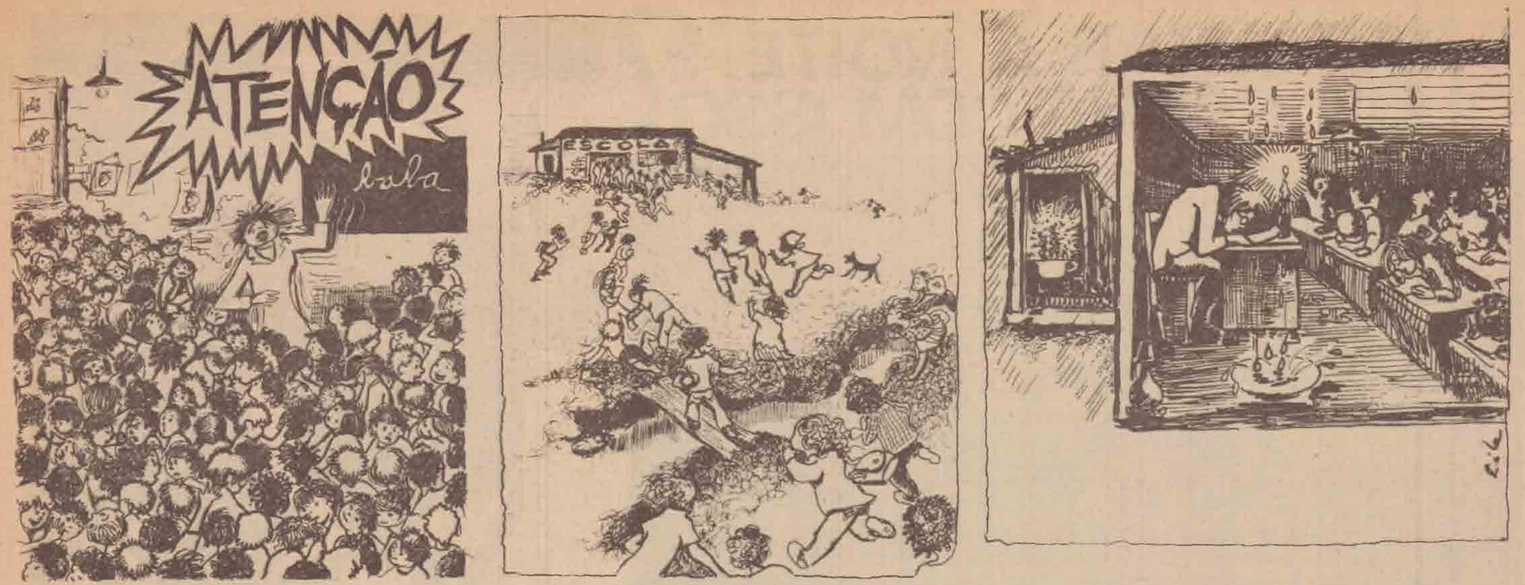
Repórter: o Governo está querendo criar um dispositivo que permita à mulher trabalhar à noite, como se

contrário eu acho que não está certo a mulher sair às 10 hs. da noite,

«Eu trabalho das 7 às 5 e meia da tarde. E depois trabalho em casa. Lavo a roupa, a louça, faço a janta. Para mim tanto faz trabalhar à noite, desde que a firma dê condução para levar a gente de volta».

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #7, junho de 1977 p. 11

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-10 (Acesso em 01/05/2026)



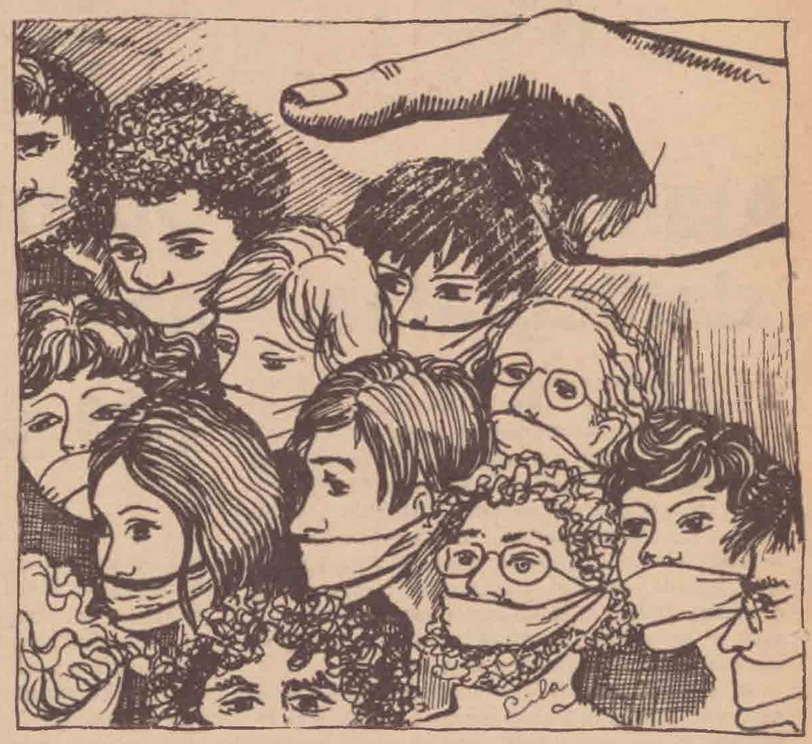
“Somos pobres
porque não temos estudo,
não temos estudo
porque somos pobres”

«Estuda quem pode
e aquele que pode estudar,
estuda apenas aquilo
que interessa aos donos do poder»

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #7, junho de 1977 p. 12

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-10 (Acesso em 01/05/2026)

A luta dos professores em São Paulo



Contendo mais de 10.000 assinaturas, 300 professores entregaram no dia 7 de junho ao Secretário da Educação José Bonifácio Coutinho Nogueira um abaixo assinado da categoria reivindicando entre outras coisas: aumento salarial, que o professor contratado a título precário seja enquadrado no regime da C.L.T., participação na reformulação do Estatuto do Magistério.

Assegurando que encaminharia o abaixo assinado ao governador Paulo Egídio, Coutinho Nogueira, no entanto, adiantou achar impossível o atendimento das reivindicações. Além dessa negativa o movimento dos professores, que têm recebido amplo apoio

res do Ensino Oficial do Estado de S.Paulo), Prof. Rubens Bernardo, a depôr no DOPS, até a invasão da sede da APEOESP, por forças policiais que prenderam alguns professores da comissão organizadora, e que foram libertados após responderem interrogatório.

Apesar das constantes ameaças, os professores do Estado de São Paulo, que há nove anos não se reuniam, têm comparecido em grande número às assembléias. A comissão organizadora, em nota oficial, denunciou o absurdo exercido contra a entidade. «A mais grave delas é a invasão de nossa entidade que abre precedente a que outras entidades de trabalha-

dizendo que «a violação do direito de reivindicar toca profundamente qualquer categoria profissional». E conclama as outras entidades de classe «a manifestar publicamente seu apoio ao movimento reivindicatório promovido pela

Juventude do MDB — SP, professores e entidades estudantis da UNICAMP, DCE — USP, Associação dos Docentes da UNESP, Centro Acadêmico da Psicologia-USP, além do Manifesto de apoio dos Diretores de escolas.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #7, junho de 1977 p. 13

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-10 (Acesso em 01/05/2026)

Entre a Vida e a Morte

Aqui, o depoimento corajoso de uma mulher que, como tantas, se submeteu ao aborto não sabe quantas vezes e foi buscar no coração duras memórias. As regras do jogo, a imagem do homem (prazer, entrega). O doutor (polícia, repressão). A vida: de quem?

Eu não sei por onde começar. Se foram seis ou sete vezes, eu já nem sei. E nem quero saber.

Fique fria. Afinal, você deu porque quis. Você quis? Por que deu? E se deu, por que doeu? Dado, não é roubado. E aí, por que o castigo? Não sei. Ou sei... Sei lá...

Só sei que eu fico melosa, às vezes derreto. O que é isso, companheira, não foi este o trato. O fato, o jogo. Que jogo? As regras, de quem?

Sim, porque as minhas desregraram. Dançaram. Ou dancei eu, talvez. Mais uma vez. A última vez. Nunca mais, até a próxima.

Sim, senhor. Não senhor. Estou bem, obrigada, quer dizer, estou um pouco enjoada, foi alguma coisa que comi. É, sim, vai ver que é ressaca, eu ontem bebi. Já-já passa... mas não passa.

Vai, e vem. A imagem dele vai-e-vem. Quando terá sido? Naquela noite? Foi tão carinhoso, tão gostoso, nem parecia a última vez. Parecia a primeira. A primeira vez em que chegamos e nos entregamos. Bah, vai ver foi a penúltima, aquela vez terrível em que eu fiquei tão fria, tão morta. Eu já pressentia a sua nova paixão.

Mas eu saio de cabeça erguida. Não peço nada. Não digo nada. Daqui a muitos anos, quando a gente se encontrar pela rua, por acaso, eu belíssima, magérrima, elegante, ele um tanto sofrido e ávido, eu contarei. Por que sumi? Porque engravidei. De você. Mas eu não quis te incomodar. Eu não quis que você sequer pudesse imaginar que eu quisesse jogar com essa gravidez para te reaver. E ele então vai perceber que puta mulher ele perdeu.

E seu eu tiver este filho?... 1989. Cruzamos na rua, ele, e eu com a criança na mão. Ele olha para o rosto do menino... a sua cara... Não preciso dizer nada, ele já entendeu... Meu Deus, outro enjôo! Preciso por um paradeiro nisso. Onde arranjo tanto dinheiro?

Ilustração de Lilla Figueiredo

A campainha, as grades na janela, a porta trancada. Toco, abre uma mulher — só uma fresta da porta com tranca de segurança.

— Você procura?

— O dr. Fulano.

— Entre.

Na sala, um monte de espera. Entre 15 e 20 mulheres. A maioria sozinha. Uma ou outra com alguma amiga, um casal. Todo mundo fala baixo, ou não fala. Como se não pudessem ser ouvidas.

Olho uma, depois outra, só não quero é me olhar. Não por enquanto.

Lá em baixo, o doutor sai de uma sala e vai para outra, atendendo umas quatro mulheres ao mesmo tempo. Linha de produção. Mas é o que tem.

A mesa. A maldita mesa. É deitar, arreganhar as pernas, que logo são amarradas. Agora as mãos, como se estivesse numa cruz. Só que os crucificados parecem mais pudicos — cruzam as pernas ou deixam-nas pender... Agora, contar até dez... Meu Deus, é isso mesmo? Não pensar, contar: um, dois, três, quatro... cinco...

Uma luz no alto, grande, quente e fria ao mesmo tempo. Irradia paz. Sacerdotisas de branco se movem leves e sorridentes. Agora nós, entre mulheres, penetraremos os mistérios da Natureza. Eu quase dizia "mãe natureza", mas esta é a palavra proibida. Um facho de luz morna e branca me penetra. Ouço um zumbido e um cântico ... depois,nada.

De repente, devagar, dou por mim, eu deitada, minha irmã sentada ao lado, pálida.

— Você estava tão branca, pensei que ia morrer...

Sorrio fraco. As cores da sala estão alteradas, luminosas. Surge o médico.

— Como é, fez boa viagem?

Dizem que ele não usa anestesia, testa outras drogas. Eu já tinha ouvido falar. Dizem também que trabalha na polícia, assinava laudos de autópsia nos piores tempos da repressão. Soube disso há poucos dias, mas tive de voltar, porque o aborto da semana passada não parou de sangrar. Alguém tinha de consertar, por que não quem provocou o estrago?

Volto para casa, viajando cores, aos relances. Meu corpo, cansado, quer silêncio e descanso. Alívio, cansaço. Acabou.

Se fosse lícito, se fosse decente, se não fosse clandestino... Se fosse um médico, se não fosse uma droga estranha, se eu tivesse sabido evitar... Se não tivesse o clima pesado cercando a decisão difícil, meu corpo certamente teria vivido o conflito mudo.

Mas pelo menos não veria acrescentado a tudo isso o clima soturno de tango argentino, o ar furtivo de ambiente maldito, clandestino, fora da lei... E quem não tem sequer um médico de terceira categoria a quem recorrer? E as que são castigadas pela frieza dos residentes que resolvem praticar a curetagem a frio? E quem fica remoendo a culpa diante das exortações da Igreja e da impassividade dos companheiros de memória curta?

A angústia da decisão — ou a falta de saída — já dói o bastante. A violência afligida ao corpo, a interrupção de um processo que mobiliza mil células, mil tecidos, mil hormônios, mil calores, mil aconchegos também, já é o bastante. Que, além disso, não nos alienem do nosso próprio corpo. O corpo é meu. A vida, palpitante, presente, viva real e concreta, nesse momento, sou eu. Quem sabe de mim, sou eu.

Aquele abraço.

Lila Galvão Figueiredo, #15 setembro/out de 1983, p.5

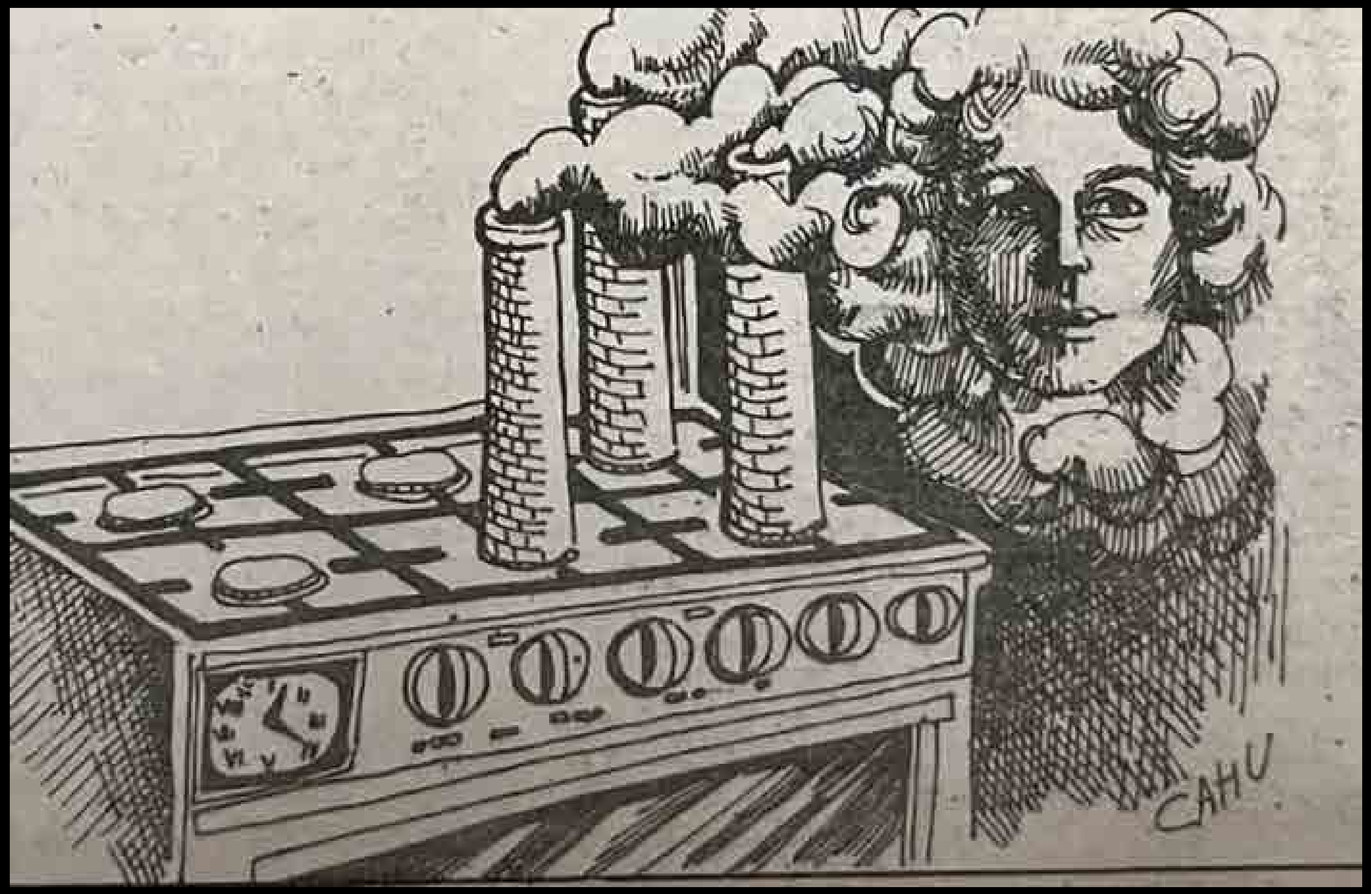
Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

MARIA CONCEIÇÃO CAHÚ

ILUSTRAÇÃO, BD

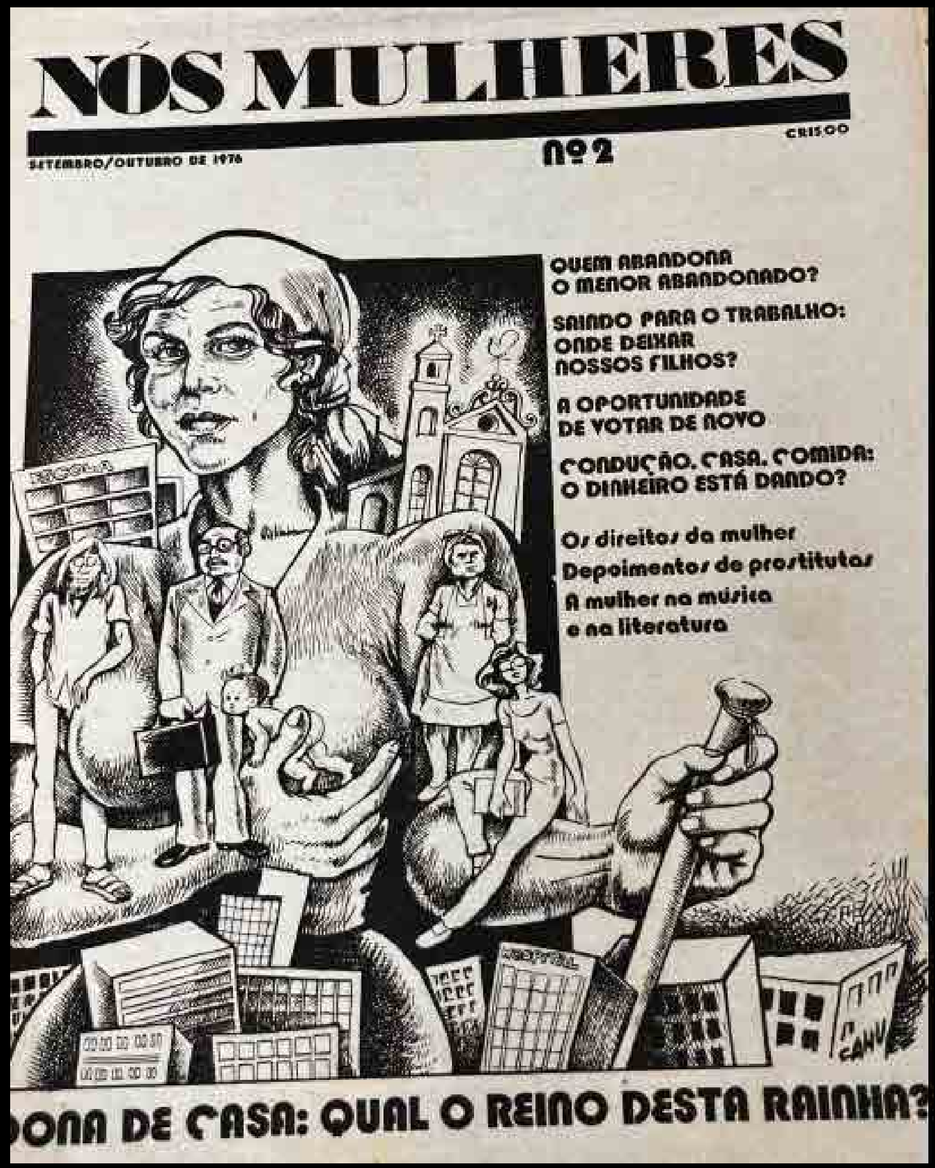
NÓS MULHERES, MULHERIO

1978 - 1984



Maria Conceição Cahú, Nós Mulheres, #1 junho 1976

PERSEU ABRAMO, p.6



Maria Conceição Cahú, Nós Mulheres, #2 set/out 1976

PERSEU ABRAMO, p.7

Maria Conceição Cahú, Nós Mulheres, seção Dali, Daqui #3 nov/dez 1976

PERSEU ABRAMO, p.11

"Mamãe, me conta como é o Brasil"

Brasileiras no exílio contam o sofrimento dos longos anos de ausência forçada e esperam, atentas, o momento da volta. A anistia.

Trabalhando em profissões diferentes, vivendo sua adaptação ao exílio de formas diferentes, estas mulheres no exílio têm ao entanto um ponto em comum: a saudade imensa do Brasil e o desejo da volta. Nanci Maineiro, solteira, e enfermeira em um grande hospital público em Roma; Ruth Escobar, atriz, produtora e diretora de teatro e vive em Brasília; Maria Sueli Peres e professora e tem uma filha; Mônica tem 17 anos e é estudante.

NM entrevistou essas mulheres e ficou conhecendo um pouco de suas vidas. Elas nos falaram de suas experiências, de algumas lembranças amargas e sobretudo da saudade de nossa terra. Procurando adaptar-se às durezas de do exílio em países tão diferentes do nosso, acompanham de longe toda a movimentação feita hoje aqui pela anistia ampla e irrestrita, que lhes possibilitará o retorno à pátria amada e distante.

Quando saiu do Brasil? Quais os motivos que a levaram a deixar o país?

Nanci: Saí do Brasil por razão políticas, depois de haver esperado três anos por julgamento que culminou com uma inesperada condenação. Depois das seis prisões que sofri em 69 tive que mudar de vida, abandonar os estudos, os amigos, a cidade onde nasci. Minha sobrevivência se tornava cada vez mais difícil. Tudo isso agravado por consequências físicas e psíquicas das torturas que me deixaram num estado permanente de insegurança e medo de enfrentar novas situações.

Ruth: Foi em setembro de 1971 que saí do Brasil. Dolorosa sensação de partir, uma sensação terrível de deixar toda uma vida atrás de mim. Estávida há 7 meses, era insuportável pensar que meu filho nascera em ter ra estranha. Meu marido havia saído há poucos meses da prisão e chegamos à conclusão de que seria impossível, naquele momento, levar uma vida normal. As prisões arbitrárias se haviam tornado rotina, a tortura um instrumento de trabalho. Os dias eram só pesadelo e as noites vigília constante.

Maria Sueli: Estou com o pé no mundo já faz bem uns 7 anos, 7 séculos, 7 dias. Só com muito desejo duido de viver e ji, herdade ou terra que me fez. Em 1972, nessa minha terra querida, as águas não estavam para peixe. Sobretudo para peixe que não gosta de tubarão! Em 1972, a morte rondava a casa dos que não se conformaram com a ditadura. A prisão e a tortura eram o destino certo dos que ousavam denuncia-la. Assim, em 72 bate minha cunada no bobo e foi bater em outra porta.

Mônica: Deixei o Brasil aos 10 anos de idade, para me encontrar com meus pais no Chile.

Quais os fatos mais remarcáveis dessa saída?

Ruth: Lembro-me de um fato que pode dar bem toda a dimensão da angústia e insegurança em que vivíamos. Acabamos de atravessar um túnel na Cordilheira dos Andes quando demos com uma estátua permeio da estrada. Ficamos diante de enfrentar novas situações. A sensação de segurança e acolhimento que essa frase me transmitiu.

Maria Sueli: Eu estava tomada por um cansaço enorme, por uma dor imensa, profunda, quase mortal. Ao lado disso existia a imensa dore e denunciante da minha impotência.

Ruth: Penso que o fato de estar grávida me tornava muito mais emotiva e sensível com relação ao exílio. Lembro-me que nos primeiros dias, ao ouvir esta o rádio e, evidentemente, só ouvia estrangeiro, me irritava profundamente. Saía a rua e sentia uma agonia, queria ouvir notícias logo. A um pouco essa sensação foi atenuando e hoje, aqui na Europa, quando escuto espanhol num lugar público ateme "sinto em casa".

Em que medida se integrava ao país que a acolhey?

Nanci: Ao chegar ao Chile senti uma sensação de liberdade muito grande. A idéia da perseguição política ia desaparecendo aos poucos. Eu tinha uma vontade muito grande de ser útil, viver normalmente. Porem a falta de documentação regular pesava muito e me impedia de continuar os estudos ou trabalhar. A situação que atravessava o país era difícil e tornava o acesso ao trabalho praticamente impossível aos estrangeiros. O que me sustentava psicologicamente era a solidariedade de alguns velhos amigos e o clima acolhedor e vivo que atravessava o país. O relacionamento com outras pessoas me deu a possibilidade de viver toda essa experiência, o que eu sempre vou dá oportunidade de aprender algo mais.

Monica: No Chile não tive nenhum problema de adaptação. Logo comecei a estudar. Não sentia ainda a distancia, a saudade que hoje sinto por estar tão longe do Brasil.

Maria Sueli: Meu *refúgio* foi buscado em águas onde a turbulência tinha outra cor. Era o Chile de 72, com seu povo irrequieto, remexendo poeira dos seus séculos de opressão. Um povo que estava decidido a limpar a casa de suas teias de aranha; que abria portas e janelas, ventilando tudo. A casa não tinha sido derrubada mas sofria uma reforma das boas! Eu estava feliz, sedenta e saudosa de meu povo, da dor de nossas opressão; mas contente ao meio desse trabalho todo.

Ruth: Viver o Chile de Allende foi uma das mais ricas experiências de minha vida. Era o conviver com a liberdade durante 24 horas por dia. A produção cultural era intensa, como fruto da democracia plena que se vivia. Aprendemos a viver. E com tanta coisa bonita: o "Dercom", com seus bailes populares "ensaiados" iguais as nossas quermesses. Aprendemos a nos organizar por quarteirão para comprar mantimentos, pois o abastecimento não era mas desfrutado somente pelos privilegiados. Participava de um comitê de mulheres brasileiras no exílio e pudemos estudar e viver o problema da necessidade de participação da mulher no processo democrático. Assistimos também, tal qual aconteceu no Brasil em 64, a utilização de milhares de mulheres como massa de manobra dos golpistas de setembro de 73. Fico as vezes pensando quantas dessas mulheres terão hoje seus filhos desaparecidos ou no exílio!

Tendo que sair do Chile em setembro de 73, como se deu a readaptação ao segundo exílio?

Nanci: Chegado o golpe de setembro de 73, deixei o Chile e cada um de nos foi para o país que era possível ir, sob a intervenção e proteção da ONU. Vim para a Italia. No primeiro ano vivi entre o deslumbramento de um país mais desenvolvido e o problema da readaptação, seja pela língua ou diferença de cultura. A situação que atravessava o país era difícil e tornava o acesso ao trabalho praticamente impossível aos estrangeiros. O que me sustentava psicologicamente era a solidariedade de alguns velhos amigos e o clima acolhedor e vivo que atravessava o país. O relacionamento com outras pessoas me deu a possibilidade de viver toda essa experiência, o que eu sempre vou dá oportunidade de aprender algo mais.

Maria Sueli: Sobrevivi não é fácil! Chegaei na Europa em janeiro de 74 e fazia um frio de morte: era tempo de degelo. Na rua, ninguem. Nu o pelo mole e eu. Sem hota, sem lenço e sem documento, cambaleava contra o vento e ia ganhar o pão de cada dia limpando casa grou belgas. Depois, pouquinho a pouquinho, as coisas foram se arranjando: a lingua desse povo estrangeiro foi comecando a penetrar minha orelha resistente, a maternidade veio para me ajudar a superar parcialmente o sofrimento desse enorme vazio afetivo provocado pela perda de tantos e de tanta coisa amada, pelo sentimento de expulsão provocado pela agressão irracional da tirania. A Europa, essa velha prostituta respeitável, custou a entrar pelos meus poros resistentes e desagradáveis, comecei a integrar-me aos poucos, a ser um pouco mais humanamente desenvolvida. E descobri que ela pode permitir a tão decantada "liberdade" tanto individual como coletiva. Mas ... que a exploração e a opressão de uns sobre os outros segue la forte e inquietante. Descobri que a ilusão da liberdade e tão perigosa como a ausencia dela, que existe liberdade e LIBERDADE.

Como reagiram seus filhos?

Ruth - Monica tem uma capacidade de adaptação incrível. No Chile estava perfeitamente integrada, fazendo teatro infantil, cheia de amigos. Aqui, se bem que se sinta adaptada ao país, a escola, permanece muito ligada a sua vida no Chile e, o que e interessante, começou aqui a buscar muito mais intensamente conhecer seu país. Essa descoberta do Brasil (saiu de la aos 10 anos) se faz sobretudo através da nossa musica. Vemos ir-do: podem faser ideia da importancia e da influencia da musica sobre todos nos no exílio. E a voz do nosso povo distante, suas magoas, suas alegrias, esse cotidiano tão saudoso, que chega ate a gente através da musica. E através dela que Monica aprendeu a amar nossas ovas. E e ainda através da musica que ela manifesta sua saudade nas canções que compõe. Nossa filha mais velha, que havia retornado ao Brasil para terminar os estudos secundários, voltou agora a se juntar a gente ... assim ... a família está hoje completa. Quanto a Pedro, hoje com seis anos, começou desde cedo a aprender a amar sua patria distante e desconhecida. A dimensão do que significa o exílio para uma criança ficou profundamente marcada e em todos no dia em que Pedro, então com 3 anos, me pediu: "MAMÃE, ME CONTA COMO É O BRASIL". Temos procurado manter-lo sempre ligado culturalmente ao Brasil e me da uma alegria imensa ouvi-lo dizer: "vou ao Brasil ver a peça do Chico ou Saltimbancos" - ou quando ouve uma de suas musicas preferidas, "O Circo" ou diz: "e a Maria Bethania!".

Maria Sueli - Estou aqui, neste pais de tempo frio e gente fria, trabalhando para ganhar o pão de cada dia, criando uma filha que é linda e é feliz, com sua pele morena, seus olhos de jabuticaba, sua cabeceinha de fósforo e sua fala misturada. Essa filha que é a imagem mesma desta realidade dupla que a mãe carrega sem ter escolhido. Essa filha que tanto me ajudou a amar o Brasil, a matar as saudades, a sentir a presença/ausência dessa terra querida que me impregnou para sempre que é como uma tara, como um destino eterno e definitivo.

Como você sente o peso de ser chamada "refugiada"?

Ruth - Me sinto muito mais "refugiada" do que chamada de refugiada. E esse "título" foram as próprias autoridades brasileiras que me deram ao me negarem o direito de ter passaporte enquanto estava brasileira que sou.

Este é um direito pelo qual tenho batido e batido. Pedido muito aos consulados brasileiros. No Chile sem nos receberem, voltei a insistir no Panamá e na Belgica e até hoje estou a espera da indefectível consulta feita a Brasília. Não conseguimos nem mesmo a renovação do passaporte de nossa filha. No que mais tenho investido é no registro de Pedro. É triste e revoltante ver tanto documento de identificação de uma criança de 6 anos: nacionalidade - refugiado político ONU; origem Brasil. Uma criança que ao dois anos teve que viajar do Panamá para a Belgica com um **salvo-conduto** patrocinado. E este e apenas um dos exemplos de crianças brasileiras sem nacionalidade. O "título" de refugiado se tornando hereditário.

Nanci - Sempre sempre considerados como seres especiais. Mas se a alguma s pessoa o lado de sermos refugiados gera sentimentos de simpatia, a outros gera repulsa. Tenho insistido junto as autoridades consulares brasileiras, mas até o momento estas não se decidiram a dar-me passaporte.

Em quanto pesa no cotidiano o desejo da volta?

Ruth - É difícil equacionar o peso do desejo da volta no nosso cotidiano. Ele se faz sentir de vezes nas coisas mais absurdas e que aos olhos de muitos pode ate mesmo parecer tolice. Eu me lembro de uma tarde em que minha filha comprou num supermercado um vaso de avencas. A simples visão dessa planta, tão nossa, fez acionar toda uma onda de saudade a avivou no canto da cozinha, minha tata chegando em casa com o pão quentinho, o cafezinho das tres da tarde. As vezes a saudade para mim e me vai subindo a Rua da Consolação para entrar na Cesario Motta! A gente acaba vivendo a saudade em cada gesto, em cada palavra, e o desejo da volta e constante.

Monica - Minha volta, nossa volta ao Brasil, esta sempre presente. É aquele desejo de poder ver de perto tudo o que conheci e aprendi sobre o Brasil aqui na Belgica. A vontade de conhecer bem minha terra, meu povo e seus costumes vivo em mim em cada dia, em cada hora.

Nanci - Eu sinto o desejo da volta na comparação automatica que faço entre Brasil e Italia. A saudade aumenta cada ver mais, há mesmo recusa em adaptar-se ao pais em que se esta. Aumenta a necessidade de informação, de saber as novas do nosso pais de origem.

Como você contorna o problema da saudade?

Maria Sueli - Aqui estou só, vivendo da minha saudade que é mais barulhenta que mesmo, que cresce como milho e tem raiz de ingazeiro.

Ruth - A propria dinâmica da vida ajuda a confrontar esse problema. Não se pode viver da saudade, vive-se o presente e principalmente o futuro. A saudade que sentimos, se bem que seja imensa, dolorida, não é desesperada. Não é uma saudade cheia de esperanças futuro.

Monica - A saudade entra na gente e difícil fazer-la sair. E, mesma minha saudade do Brasil e também minha curiosidade de conhecer, de ver de perto tudo que aprendi a amar de longe. E terrível estar distante, mas o que é bom e que tenho esperanças de logo poder estar-la, agitando nossas bandeiras para o carnaval.

Como você reagiu quando se deram no Brasil os primeiros passos pela bandeira da anistia ampla e irrestrita?

Nanci - Como eu dizia, a saudade tem sido cada vez maior, mesmo depois de cinco anos de exílio, depois de conseguir um trabalho regular e compreender melhor a lingua e a vida no pais onde vivo. Basta uma canção brasileira, um filme, para eu sentir a necessidade de apreciar essas coisas dentro do Brasil. A campanha que se desenvolve hoje no Brasil pela Anistia me aumentou, o desejo e a esperança de voltar.

Maria Sueli - Nesse tempo todo minha resistência maior veio da contade enorme de reconquistar minha liberdade de poder, na minha terra e com a minha gente, exprimir minha...

Ruth - Os primeiros passos pela anistia ampla e irrestrita chegaram até nos através do trabalho do Movimento Feminino pela Anistia. Isso foi sentido por mim como o acender de milhares de lu-minhas que começavam a clarear uma iuste sumbra que se abatera sobre todos nos. Hoje, a bandeira pela anistia e pelo restabelecimento das liberdades democráticas se estende por todo o país e esta segura que muito brevemente essa iuste se fara dia.

1º CONGRESSO DA MULHER METALÚRGICA

1

DIAS: 21 DE JANEIRO DE 1978 - SÁBADO
28 DE JANEIRO DE 1978 - SÁBADO

2

DE REPENTE, A DIRETORIA DO NOSSO SINDICATO PERCEBEU QUE, DEVAGARZINHO, AS MULHERES PASSAVAM A REPRESENTAR UMA PARCELA IMPORTANTE DOS METALÚRGICOS. NÓS COMEÇAMOS A ENTRAR NA INDÚSTRIA METALÚRGICA POR VOLTA DE 1972 E AGORA JÁ SOMOS 11 MIL!!

– E NÃO É QUE DEU CERTO?! "ELAS" DÃO MAIS PRODUÇÃO, RECLAMAM MENOS E AINDA PAGAMOS MENOS A ELAS!... TÁ TÃO BOM QUE ELAS PODIAM ATÉ PASSAR A TRABALHAR À NOITE, PRA GENTE FAZER MAIS ECONOMIA E GANHAR MAIS!!!

DR. PATROLINO ESTÁ FELIZ...

3

RAPAZ, VOU TER QUE TRABALHAR POR MENOS; TÃO BAIXANDO TODOS OS SALÁRIOS...

E! LEMBRA DO PEDRO? ARRANJOU FINALMENTE UM EMPREGO, MAS COM UM SALÁRIO MUITO MENOR...

MAS AÍ, AS PRÓPRIAS MULHERES COMEÇARAM A RECLAMAR. OS JORNAIS FALAVAM: ESTÃO FAZENDO DISCRIMINAÇÃO CONTRA A MULHER – NÃO DÃO QUALQUER EMPREGO, PAGAM MENOS, A GENTE TEM QUE TRABALHAR MAIS, NÃO TEM COMO CUIDAR DOS FILHOS...

4

DE MARÇO A SETEMBRO DE 1977, UMA COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA PELO CONGRESSO PARA EXAMINAR A SITUAÇÃO DA MULHER, PROMOVEU VINTE REUNIÕES...

MAS... MAS...

É, REALMENTE A MULHER ESTÁ SOFRENDO DISCRIMINIÇÃO. PRECISAMOS MUDAR A LEI PARA GARANTIR A SUA IGUALDADE

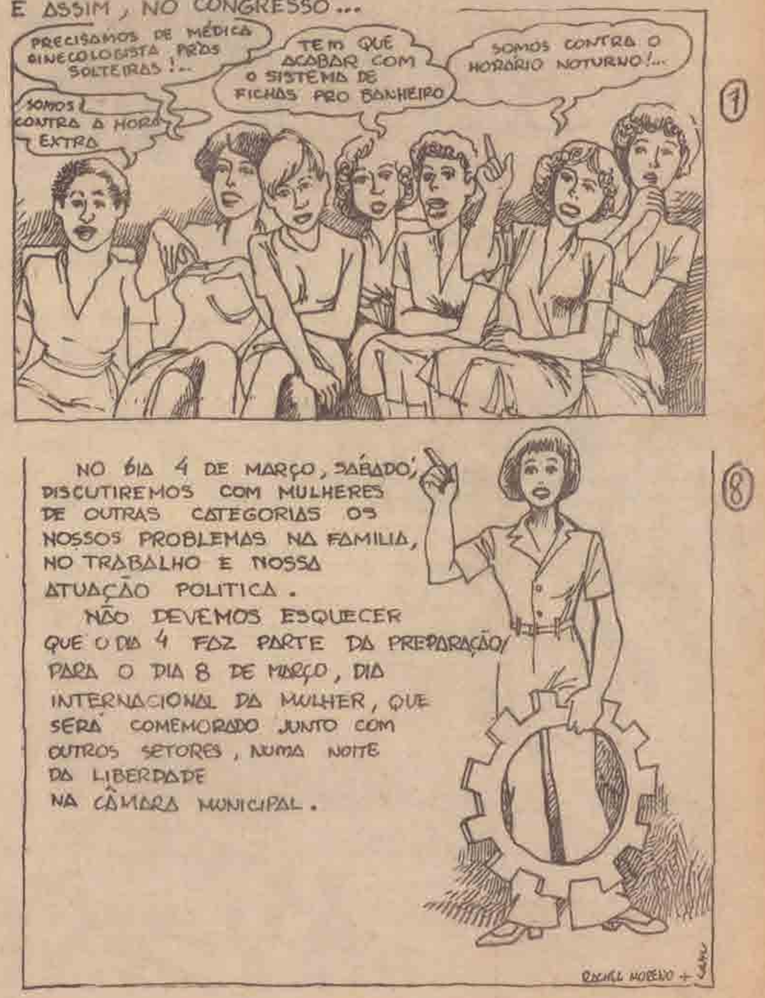
NÃO É JUSTO, SÓ OS HOMENS TRABALHAREM À NOITE. AS MULHERES TAMBÉM DEVEM PODER!

ELA TAMBÉM PRECISA TER O DIREITO DE FAZER O SERVIÇO MILITAR!..

ENQUANTO ISSO, DR. PATROLINO...

Conceição Cahú, Brasil Mulher #11, março de 1978 p. 15

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-13 (Acesso em 01/05/2026)



Conceição Cahú, Brasil Mulher #11, março de 1978 p. 16

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-13 (Acesso em 01/05/2026)

A mulher no Teatro: LEILAH ASSUNÇÃO

Leilah Assunção, 32 anos, solteira, interiorana de Botucatu, SP, ex-manequim profissional, é hoje autora de peças teatrais de sucesso, como RODA COR DE RODA, que esteve em cartaz este ano no Teatro Aliança Francesa. Alta, magra, rosto marcante, cabelos longos e negros, é uma mulher muito expressiva. Na pequena sala de seu apartamento, com pouca mobília e vários objetos feitos por ela, Leilah foi entrevistada por NM. Acessível, gesticulando muito, e entusiasmada, falou de seu trabalho no teatro e sobre a emancipação da mulher.

Maria Conceição Cahú, Nós Mulheres, #3 nov/dez 1976 p.12

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-n-s-mulheres-4 (Acesso em 01/05/2026)

O DIVORCIO CABOCLO

Na Itália, o divórcio foi conquistado através de uma luta popular que o vinculava a lutas mais amplas: justiça para homens e mulheres, direitos iguais, condições de vida dignas, num mundo em que haja oportunidades de realização para todos e em que homens e mulheres possam ser solidários e felizes, juntos. E no Brasil, como surgiu o divórcio?

«Dizem que o divórcio foi aprovado», dizia dona Mariazinha, viúva de meia-idade, residente no Parque Edú Chaves. Apreensiva, preocupada mesmo, ela gesticulava e contava às vizinhas na porta de casa a estória do divórcio, sem entender muito bem o que queria dizer tudo aquilo. «Os desquitados poderão casar de novo no civil? Vão ser solteiros? E os filhos do primeiro casamento? E os do segundo?» Pois é! Tais perguntas não estão só na cabeça de dona Mariazinha, mas na de todas nós. A verdade é que pouco está definido a respeito do tão comentado divórcio. Sabemos que é uma emenda à Constituição e que permitirá dissolver o casamento. Assim, os casais separados há mais de 5 anos, ou desquitados (isto é, separados legalmente) há mais de 3 anos, poderão se divorciar. Por enquanto é o que sabemos, e às perguntas de dona Mariazinha, acrescentamos mais uma: O que muda e o que ganha a mulher com isso? Será mais um abacaxi, que como outros ela terá de descascar sozinha? Enfim, as respostas só teremos em setembro, quando se votar e se esclarecer definitivamente como será a lei que regula o divórcio.

UM PRIVILÉGIO — De uma coisa sabemos: ele será caro. Alguns advogados estão calculando entre cinco e vinte mil cruzeiros, e dependendo do advogado poderá custar até 30 mil cruzeiros. Desta forma, nem todos os casais terão condições de pagar as despesas de um divórcio. E para quem está preocupado em garantir para si e para os filhos um lugar para morar, roupa e comida, o divórcio será uma questão secundária. A sobrevivência é mais importante. Mas, mesmo sendo um privilégio de uma parcela da população, é importante discuti-lo. Isso porque não surgiu de uma reivindicação popular, de todos nós. A verdade é que a discussão do divórcio e sua votação limitou-se ao Congresso. No agitado dia da votação final, as pessoas que lotavam as galerias para assistir, eram, em sua maioria, sócios do Clube dos Desquitados, que reúne em Brasília centenas de homens e mulheres em tal condição. Essas pessoas tinham todo interesse na questão. Mas, foram por acaso ouvidas? Mesmo durante a votação no Congresso tiveram, muitas vezes, de conter o seu entusiasmo, pois, caso contrário, seriam mandados para fora das galerias. Seja como for, os louros da vitória cabem ao pai da proposta, Senador Nelson Carneiro, que exatamente há 26 anos vinha lutando por sua implantação no Brasil. Após as reformas de abril, para se aprovar uma emenda não é mais necessária a maioria de dois terços do Congresso, pois as reformas permitem a aprovação com número menor de parlamentares: a metade mais um. Assim, a apresentação do projeto divorcista veio na hora oportuna, tentando desviar a atenção de assuntos mais importantes como o custo de vida, a inflação e o próprio recesso parlamentar.

DIVORCIO À BRASILEIRA — Aqui, o divórcio não foi resultado de uma reivindicação popular, espontânea, e, como tal, corre o risco de se transformar em simples questão de rótulo. Substitui-se desquite por divórcio, e não se faz nada para mudar a situação que cria o conflito na relação entre homens e mulheres. Não será a regulamentação do divórcio que alterará o quadro do relacionamento homem/mulher, nem a concepção de casamento existente em nossa sociedade. Aí está o problema. Enquanto a mulher, solteira, casada, divorciada, desquitada - não importa o rótulo que tenha não puder desenvolver integralmente seu potencial; enquanto continuar a encarar o casamento como o principal objetivo, espécie de emprego; enquanto ela não repudiar sua condição de objeto de adorno; enquanto considerar o casamento como única forma de exercer seu direito à sexualidade, ela dificilmente conseguirá um relacionamento sadio com o sexo oposto. O homem, ao contrário, é educado a ter iniciativa própria, a enfrentar as dificuldades, a buscar segurança em si mesmo e é incentivado em seus mais variados interesses. Está acostumado a usar e abusar de sua sexualidade. Não será, pois, uma lei que mudará tal situação.

Ao contrário, as transformações virão através da abolição de qualquer forma de discriminação sexual e da divisão sexual de trabalho, tal como se faz em nossa sociedade. Através de oportunidades e salários iguais. Só desta maneira o divórcio terá significado e representará um passo decisivo na luta da mulher e do ser humano em geral, no pleno exercício de seus direitos.

Maria Conceição Cahú, Nós Mulheres, #6 ago/set 1977 (p.18 no doc)

Fudanção Perseu Abramo, disponível em: https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-n-s-mulheres-6 (Acesso em 01/05/2026)

LAURA SALGADO

ILUSTRAÇÃO, BD

NÓS MULHERES, MULHERIO

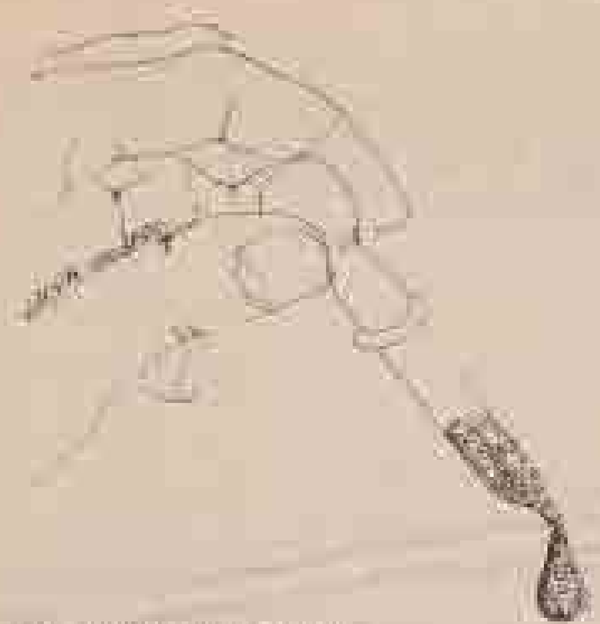
1978 - 1984

CONTROLE DE NATALIDADE

SER OU NÃO SER

MÃE

«Nao tenham mais de dois filhos» dizem-nos na India. «Tenham muitos filhos» diziam-nos na Alemanha nazista. Nos dois casos, controlando-nos como se fossemos máquinas reguláveis e sem vontade própria. A opção, achamos, deve caber a nós, mulheres. A sociedade, por outro lado, cabe fornecer os meios necessários para que possamos ter esses filhos em condições adequadas, e também para que possamos optar por não tê-los, se assim preferimos.



Parece que é moda dizer que existe miséria e pobreza porque a população do mundo não para de aumentar (já somos 4 bilhões de habitantes), e isso assim fica impossível uma boa condições de existência para todos, se continuarmos tendo cada vez mais filhos.

Mas essa moda esquece de considerar que ao mesmo tempo que o crescimento da humanidade se torna assustador, nunca experimentou ainda o seu crescimento econômico e científico. Se a população cresceu, a produção de bens, terminais e serviços, capaz de manter a todos, também cresceu e pode crescer muito mais.

se foi escondido para dois sexos, enumerados. Na Suécia, a legislação matrimonial cabe ao casal para que também o pai possa cuidar da criança.

filho, bem como os meios para evitá-los sem consequências graves para a saúde - o que se torna aceitável a idéia de planejamento familiar, onde a disposição dos

Laura Salgado, #1 junho 1976, p.17

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/a763-w5dk-fm5h (Acesso em 01/05/2026)

8 de março

O início do século XIX é marcado pelo aparecimento da grande indústria. Nessa época de grandes transformações sociais, a situação dos trabalhadores era muito difícil. Os salários eram baixíssimos e não existiam leis que protegessem os trabalhadores. As crises econômicas aumentavam o desemprego e a miséria ocasionava o alcoolismo, a prostituição e mesmo o infanticídio.

Para sustentar uma família tinham da trabalhar: pai, mãe e filhos. As crianças eram empregadas desde os 6 anos de idade e as mulheres trabalhavam mesmo no período de amamentar. E duro mesmo era ter de agüentar, 14, 15 ou mesmo 18 horas de trabalho seguido, em locais insalubres e em condições desumanas.

As primeiras reações contra o pauperismo foram as revoltas e os operários, culpando as máquinas modernas por suas misérias, tentavam destruí-las. Porém, logo se deram conta de que nada resolveriam com essa atitude. Nasceram as primeiras associações de trabalhadores e através delas eles pediam pela diminuição das horas de trabalho, o aumento dos salários e por condições mínimas de trabalho.

Dos fins do século XIX ao início do século XX, as mulheres já trabalham em grande quantidade na indústria, apesar da maioria ainda ser empregada na agricultura ou como domésticas. Dessa época datam as primeiras organizações feministas, que se alastram pela Europa e Estados Unidos. Os movimentos continuam lutando por melhores condições de trabalho e de salários, mas as mulheres agora exigem também direitos políticos, como o voto, e querem participar em igualdade com o homem na vida social de seus países. A consciência feminista está em formação. A participação das mulheres no trabalho e nas lutas sociais começou a perder seu caráter passivo. E, na Dinamarca em 1910, mulheres de todo o mundo se reunem para discutir e tomar posição sobre sua situação social. Foi nesse congresso, que uma feminista alemã, Clara Zetkin, propos que o dia 8 de março fosse transformado no dia internacional da mulher, em homenagem às operárias de 1857 e à combatividade da nova mulher que surgia.

Desde o século XIX, muitas lutas foram encabeçadas por mulheres. Sua participação social cresce dia a dia. Entretanto as discriminações continuam a existir até os ias de hoje.

No Brasil as mulheres são a maioria dos analfabetos, as trabalhadoras continuam a receber os salários mais baixos e a grande maioria trabalha ainda como empregada doméstica ou na lavoura.

Muitos direitos ainda estão por ser conquistados e o dia 8 de março deve ser lembrado como um exemplo de luta por todas nós.

1857

As mulheres sofriam as mesmas dificuldades. Na Europa, como nos Estados Unidos, trabalhavam principalmente como costureiras, seja nas fábricas ou em suas casa. Seus salários eram ainda mais baixos que o dos homens e em época de crise na França chegaram o valer apenas 2 Kilos de pão. Ainda em 1846 nesse país, a jornada de trabalho de 15 horas não era um fato exepcional.

Essa situação era geral. Contra ela surgiram as primeiras manifestações e, em 8 de março de 1857 as operárias da industria textil e de confecções de Nova York fazem uma greve pela igualdade de salários e pela jornada de trabalho de 10 horas.

Enquanto isso no Brasil predominava a escravidão. E mais que qualquer escravo a mulher negra era humilhada, servindo *a cama e a mesa* do senhor. Nos fins do século XIX as principais ocupações da mulher eram a tecelagem, a costura, o trabalho doméstico, feitura de doces e a lavoura. As escravas trabalhavam também como vendedoras ambulantes ou cozinheiras, contanto que pagassem às senhoras uma parte de seus ganhos.

A mulher branca livre não tinha, via de regra, nenhuma ocupação além da administração da casa e, somente nos meados do século XIX surgiram as primeiras escolas para mulheres. Esta situação perdura até o fim do século XIX e mesmo a Abolição não transforma muito as condições de trabalho da mulher brasileira.

Laura Salgado, #4 nov/dez 1976, p.3

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-n-s-mulheres-5 (Acesso em 01/05/2026)

NÓS MULHERES

nº 4 mar/abr. cr$ 5,00

A Mais Fiel Corintiana

A Luta De Carolina

O Brasileiro, Um Povo Doente

8 DE MARÇO DIA DE LUTA

Laura Salgado, #4 nov/dez 1976, p.3

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-n-s-mulheres-5 (Acesso em 01/05/2026)

UM SOBE E DESCE SEM SENTIDO

...mais procurada por mulheres. ...retanto, a oferta de trabalho duran... ...te mesmo período parece ter caído ...ante. Cada vez mais os elevadores ...utomáticos e precisam de menos ...trabalhando na profissão. Das ...s formadas pelo SENAC, apenas ...conseguem ser colocadas. Resul... ...aumento da concorrência. «Estou ...rando, mas é muito difícil...sabe ...ue? Porque as estudantes também ...procurando. Eles preferem quem ..., é lógico...E a gente, que não ...studar, não arranja nada».

...ta um dia leva três de gancho»

...a conseqüência desta situação é ...idade com que são julgadas as ...o trabalho. «A gente tolera por... ...cisa trabalhar, mas a diretoria, ...s, se falta um dia eles dão carta ...rência».

...se queixam sobre este assunto. ...itas mulheres necessitando tra... ...eles não precisam ser toleran... ...uele negócio: «se não está satis... ...e ir embora...»

...ão feminina

...dado importante, comum às ...s ditas femininas, é que além ...da vez mais mulheres querem ...lhar e cada vez menos traba... ...elhores ofertas são restritas às ...de 18 a 25 anos, solteiras e de ...ncia.

...dia fui procurar outro empre... ...nsorista - eles pagavam Cr... ...Mas mesmo com minha ex... ...não quiseram me aceitar. O ...ou que era porque eu tinha ...também por causa da idade: ...Na verdade, os bancos, esta... ...os comerciais e supermerca... ...nível que empregam ascen... ...agam melhor, utilizam-nas ...mo «recepcionistas». Isso faz ...profissão se torne cada vez ...a para as mulheres mais ve... ...elas com família. O subem... ...o de obra feminina fica re... ...condição de «objeto» que a ...põe à mulher.

...nha gaiola»

...ão bastassem estas dificul... ...ainda a monotonia do tra... ...oras não passam, aqui a ...m distração. É proibido ...música, e esse elevador ...uma janelinha prá gente ...passando. Quando você ...quem conversar, começa ...problemas da vida. Dá ...Por isso, a maior diver... ...ar com os passageiros. ...o eles enchem...» «Você ...do banquinho? A gente ...qui dentro. E - como eu ...inha gaiola».

...: «o serviço é muito fe... ...se sente mal. Quando ...enjão...Agora me sinto ...nte fica aqui: sobe..... ...do um nervoso! Acho ...que são só 6 horas. E ...causa da necessidade, ...dois empregos. Doze ...uentava».

...s atrás fiquei doente, ...deu uma estafa men... ...não podia entrar em ...tive que ir a um lugar ...ive que me controlar, ...mento, se não ia pas...

...ayse continua ascen... ...estafa é um pedaço ...utras, sabe o que so... ...e, mas não vê como

Laura Salgado, #2 - set/out 1976

PERSEU ABRAMO, p.8

THEREZA BISSOTO

ILUSTRAÇÃO

NÓS MULHERES

1978 - ?

Thereza Bissoto?? #1 julho 1976

PERSEU ABRAMO, p.5

AS FRANCESAS COMO ELAS SÃO

No passado eram na maioria empregadas na agricultura. Hoje, são 6 milhões de assalariadas trabalhando principalmente na indústria de alimentação, têxtil, remédios, eletrônica, etc...ou, no setor de serviços.

A participação na vida econômica e nas lutas por melhores condições de vida e de trabalho lhes valeram conquistas importantes, mas ainda hoje, existem discriminações.

Quais são suas condições de trabalho? Seus problemas e reivindicações mais importantes?

Teresa Bissoto, #5, jun/julho de 1977 p.9

Fudanção Perseu Abramo, disponível em: https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-n-s-mulheres-6 (Acesso em 01/05/2026)

Thereza Bissoto, capa #3 nov/dez 1976

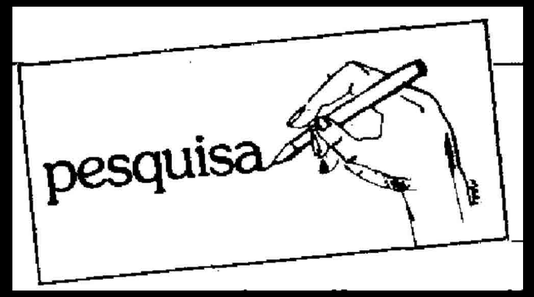
PERSEU ABRAMO, p.10

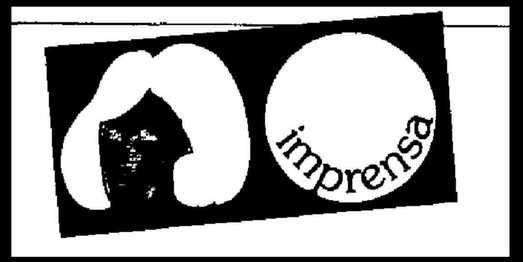
MARI

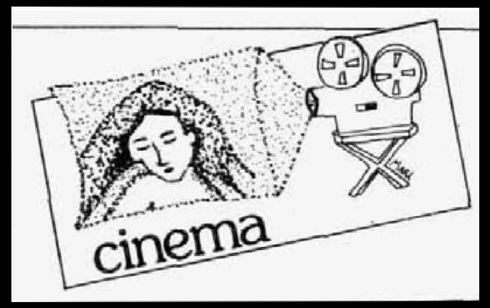
ILUSTRAÇÃO

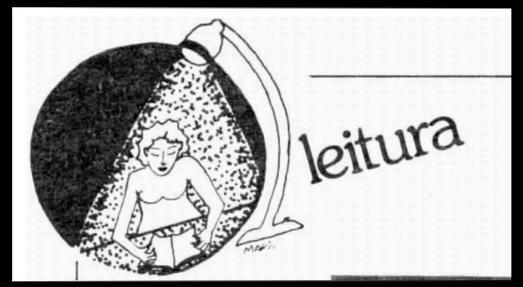
MULHERIO

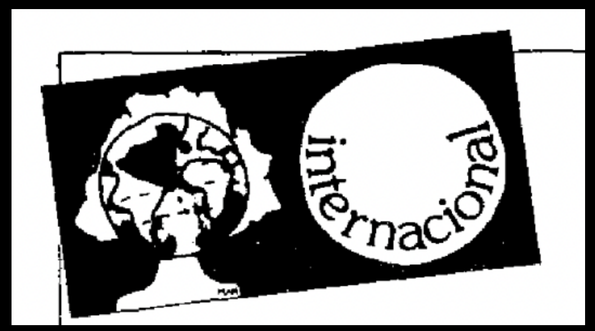
1981–1983











Mari, aberturas de seção, #1 maio/junho de 1981

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

internacional

Alaide Foppa: desaparecida. Guatemala, 19/12/1980

Catherine Tinker

Desde o Natal do ano passado, organizações feministas e entidades que lutam pelos direitos humanos no mundo todo *exigem uma resposta* do governo da Guatemala a respeito do desaparecimento da líder feminista Alaíde Foppa. Exilada desde 1954 no México, Alaíde voltou à Guatemala em dezembro de 80 para visitar a mãe doente. No dia 19, uma sexta-feira, deixou a casa materna conduzida por um motorista e nunca mais voltou. Actúm Shiroy, o motorista, também desapareceu. O governo — como costuma ocorrer em todos os casos de "desaparecimentos" de militantes políticos na América Latina — nega conhecer o paradeiro de Alaíde e não aceita qualquer responsabilidade por seu desaparecimento. No entanto, segundo informações obtidas pelo Comitê Internacional pela Vida de Alaíde Foppa, criado no México, agentes do Serviço Secreto do Exército guatemalteco (G-2) seriam os responsáveis pelo seqüestro.

Quem é Alaíde

O nome de Alaíde Foppa é um dos mais expressivos no feminismo contemporâneo na América Latina, tanto por sua produção intelectual como por sua militância. Desde os primeiros tempos do exílio, no México, ela atuou na luta pela defesa dos direitos das mulheres. Criou o primeiro curso de Sociologia da Mulher em uma universidade latino-americana. Produziu uma série de programas radiofônicos, chamados "Forum da Mulher", a partir de 1972. No último deles, dias antes do Natal, entrevistou as índias quichês da Guatemala que lutam contra seu extermínio pelo governo. Junto com Margarita Garcia Flores, fundou a primeira revista feminista da América Latina, a **FEM**. Além disso, publicou seis livros de poesia (entre eles "Elogio do meu corpo" e "As palavras e o tempo"), foi crítica de arte, tradutora de obras de Unamuno e D'Annunzio e professora de língua e literatura italianas.

Foi casada com um dos mais atuantes líderes do Partido Trabalhista Guatemalteco, Alfonso Solórzano, morto no exílio do ano passado, num acidente de carro. Com ele, teve cinco filhos e conheceu o destino dos exilados políticos em 1954, quando o governo Arbenz (de quem Solórzano era chefe de gabintete) caiu na Guatemala. Desde então lutou, já no México, pela restauração da democracia em seu país.

O protesto

A revolta contra o desaparecimento de Alaíde Foppa tomou conta de movimentos feministas e democráticos de vários países. As inúmeras manifestações organizadas a seu favor levaram à criação do Comitê Internacional pela Vida de Alaíde Foppa, com seções na Cidade do México, Roma, Veneza, Londres, Estocolmo, Copenhague, Caracas, Barcelona, Nova Iorque e São Francisco. A Anistia Internacional, os parlamentos do México e da Itália, as comissões de direitos humanos da OEA e da ONU e diversas organizações feministas, sindicais, religiosas e estudantis apresentaram expressões de solidariedade.

Lutar pela vida de Alaíde Foppa significa reconhecer suas contribuições como feminista, poetisa, professora e crítica; como uma pessoa que não se isolou apenas numa vida intelectual, mas engajou-se diretamente nos problmeas sociais, procurando modificar a condição das mulheres. Significa, ainda, protestar contra a violência praticada por governos como o da Guatemala, que usam o terrorismo para se manter.

Se você quiser entrar em contato com o Comitê Internacional pela Vida de Alaíde Foppa, escreva para TEHUANTEPEC 214, México 7, D.F., tels: 564.0405 e 564.0432.

Mari, #1 maio/junho de 1981, p.7

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

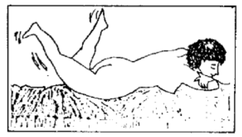
Juntando esforços na América Latina

Em reunião patrocinada pela Unesco, realizada no Rio em novembro último, foi criada uma associação latino-americana de estudos sobre a mulher.

Mari, #5, janeiro/fevereiro de 1982, p.10

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Muito prazer, periferia



A fila para a sexóloga do hospital

No ambulatório de Ginecologia do gigantesco Hospital das Clínicas, de São Paulo, uma longa fila de mulheres esperam sua vez para serem atendidas num serviço inusitado dentro de um hospital público: o setor de Sexologia e Ginecologia Psicossomática. Ali, desde 1974, uma psicóloga, Valderez Bittencourt, e um médico, Haruo Okawara, recebem mulheres de baixa renda que apresentam algum tipo de problema sexual — na maioria das vezes, a falta de prazer.

Em novembro passado, a agenda de consultas já estava repleta até o final de janeiro. O grosso da clientela do serviço é constituído de mulheres pobres, que certamente estão sofrendo com a inflação, a falta de empregos, a ausência de água encanada ou de luz, mas que também encontram tempo para ir a um hospital à procura de ajuda na busca do prazer.

Segundo a psicóloga Valderez Bittencourt, um dos problemas que aparece mais freqüentemente no HC é a repressão do desejo sexual. "Há um grande número de mulheres que não se permitem sentir desejo e excitação. Elas sentem-se culpadas de ter desejo, como se pudessem ser confundidas com prostitutas. Conviver com as emoções de culpa vinculadas ao desejo e à excitação é tão difícil que muitas fogem da situação simplesmente reprimindo o desejo".

A tática empregada pela maioria dessas mulheres é, então, a da "distração" no momento da relação sexual: elas pensam em outras coisas, nos problemas do dia-a-dia, nos filhos, etc., impedindo-se de sentir o estímulo sexual.

Valderez diz que o homem, em geral, consegue abstrair mais os problemas cotidianos — de emprego, de condução, de sobrevivência — na hora da relação sexual. A mulher enfrenta dificuldades para isso e, em conseqüência, não desenvolve um sentido de responsabilidade pelo próprio prazer. "O prazer tem que vir de uma situação muito favorável e de um parceiro habilidoso, carinhoso, que pegue na sua mão e lhe diga frases românticas. A mulher não assume a responsabilidade de que depende dela se permitir sentir prazer. Vê o sexo como responsabilidade do homem".

Ao contrário do que dizem muitos militantes políticos, a preocupação com a própria sexualidade não é exclusiva de burguesas ociosas ou intelectualizadas. É o que demonstram estas duas experiências:

Na maioria dos casos, afirma a psicóloga, os problemas sexuais decorrem de uma vida conjugal insatisfatória. "Na semana passada, atendi uma moça de 29 anos mas aparência de 40, quatro filhos, que no começo do casamento sentia prazer na cama. Com o tempo, o marido foi se tornando a cada dia menos afetivo, menos carinhoso, e ela foi se sentindo rejeitada, insegura. Quando ela foi para o hospital ter o quarto filho, o marido levou outra mulher para casa. Depois de voltar para casa e encontrar a outra, ela não sentiu mais prazer nenhum, a relação tornou-se algo aversivo. Na terapia que estou fazendo, o foco não é o sexo em si, mas o tipo de vínculo que foi desenvolvido entre eles".

Com uma dificuldade de sobrevivência que não lhes permite sequer pensar na possibilidade de separação, essas mulheres continuam convivendo com um marido que não lhes dá a menor satisfação. E ainda, muitas vezes, acusam-nas de frigidez, ameaçando abandoná-las, diz Valderez. É com essas mulheres que a psicóloga trabalha, em terapias que em muitos casos se prolongam por mais de um ano.

Conversando sobre sexo no clube de mães

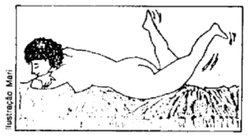


Ilustração Mari

Quinzenalmente, 10 a 20 mulheres do Clube de Mães de Diadema, cidade industrial paulista, reúnem-se com uma equipe de pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas. Com os filhos a tiracolo, elas chegam ao barracão acolhedor com um objetivo: conversar sobre a sua vida sexual.

São mulheres simples, donas-de-casa dedicadas ao trabalho doméstico e ao cuidado dos filhos pequenos. A maioria está na faixa dos 25 aos 35 anos e, mesmo sendo alfabetizadas, têm muita dificuldade com a leitura. Junto com elas, a equipe da Fundação está elaborando uma série de folhetos sobre sexualidade feminina, todos com muitas ilustrações. (Já estão prontos cinco folhetos: "Entendendo o nosso corpo","Quando os filhos perguntam certas coisas...", "Quero ser mãe?" "A consulta ginecológica" e "Muito prazer", ilustrados por Marilena Piri.)

Da mesma forma como se deslocam para ir ao barracão do clube fazer tricô ou participar de um curso de gestantes, essas mulheres também se interessam em discutir seus problemas mais íntimos e aproveitam ao máximo esse espaço de sociabilidade e a oportunidade de sair dos limites acanhados de seu mundo doméstico.

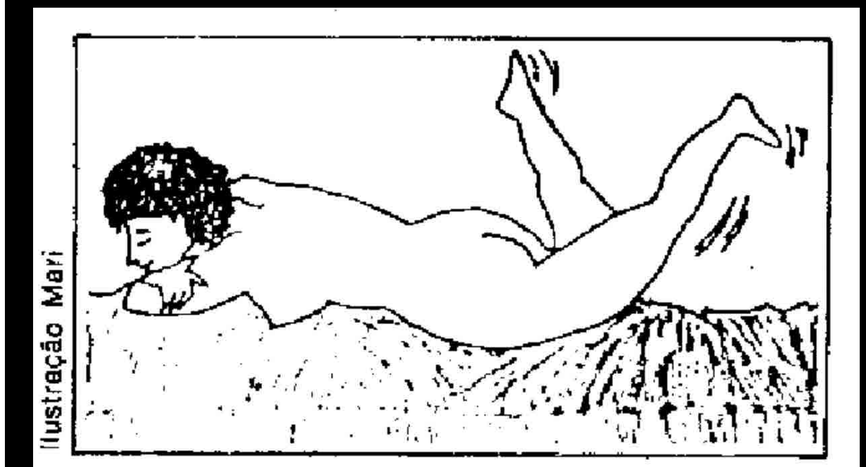
Falando de seus prazeres, ou da falta deles, nunca se esquecem, por exemplo, de como fica complicado "transar" quando toda a família se amontoa num só cômodo, ou quando o desemprego bate à porta. Mas percebem também que não é só isso que conta. O desconhecimento do próprio corpo, a vergonha ou o nojo de certas partes, também contribuem para uma vivência sexual pouco satisfatória.

Desde as primeiras reuniões, Terezinha, pouco mais de 20 anos, duas filhas, e uma das mais animadas do grupo, dizia gostar do marido, embora nunca conseguisse satisfazer-se plenamente nas relações sexuais. Ficou surpresa e animada ao conhecer a função do clitóris — ou "campainha", como resolveram chamar. No encontro seguinte, ela contou que tinha conversado com o marido e, juntos, haviam procurado outras formas de se estimular sexualmente, conseguindo uma relação muito mais prazerosa.

Noutra ocasião, as mulheres sugeriram uma discussão sobre como deveria ser uma visita ao ginecologista. Lola, que não perde uma reunião, ofereceu-se para ser examinada. Elisabeth Meloni, médica que faz parte da equipe de pesquisa, mostrou a todas como se coloca o espéculo, como é o colo do útero, a vagina etc. Em seguida, com o auxílio de um espelho, Lola se auto-examinou.

"Foi um momento emocionante", relatam Cristina Bruschini e Cecília Simonetti, que fazem parte da equipe. "Tudo se passou num clima solene de descoberta de algo importante para cada uma. Houve muita curiosidade, muito espanto e admiração ao descobrir como a mulher é bonita por dentro, percebendo-se, pelos comentários, o quanto a experiência foi valorizada por todas."

"Momentos como esse — concluem elas — nos fortalecem para enfrentar o ceticismo dos que afirmam que a repressão sexual não se inclui no rol das preocupações das mulheres de baixa renda. Deixam também evidente a possibilidade de diálogo e entendimento entre mulheres de origens sociais e ocupações diferentes. Talvez porque tenhamos em comum a opressão sexual, mesmo que esta se manifeste de maneira específica nas diferentes classes sociais."



Mari, #5, janeiro/fevereiro de 1982, p.17

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

pesquisa

Fundação quer realizar novo concurso

A Fundação Carlos Chagas já está *procurando financiamento para a realização* do terceiro concurso de pesquisa sobre a mulher, em 1982. O presidente da Fundação, Adolpho Ribeiro Neto, está empenhado atualmente na tentativa de obter recursos que possibilitem a continuação do programa, por considerar que ele tem contribuído "para o desenvolvimento da consciência dos problemas enfrentados pelas mulheres na sociedade brasileira e para uma avaliação precisa dos fatores que podem atuar na solução desses problemas".

O primeiro concurso de pesquisa sobre mulher, realizado pela Fundação Carlos Chagas com apoio da Fundação Ford, foi aberto em 1977 — época em que, apesar do interesse crescente que o tema suscitava, ainda eram poucas as pessoas que se dedicavam ao estudo da condição da mulher, em seus vários aspectos. Mas a receptividade foi grande: 127 projetos candidataram-se a receber uma verba de até 120 mil cruzeiros. Destes, 20 foram aprovados e financiados.

A formação de seus autores era variada: havia desde estudantes universitários até pesquisadoras consagradas, como Heleieth Saffioti. Várias delas prepararam livros com os resultados de suas pesquisas. Branca Moreira Alves, por exemplo, lançou "Espelho de Vênus", sobre sexualidade, enquanto Miriam Moreira Leite editará uma "Antologia crítica da documentação sobre mulheres nos livros dos viajantes do século XIX". A própria Fundação Carlos Chagas, por sua vez, organizou duas coletâneas de artigos dos pesquisadores. A primeira foi lançada pela Editora Brasiliense no ano passado, sob o título de "Vivência". A segunda reunirá apenas artigos sobre trabalho e deverá sair ainda este ano.

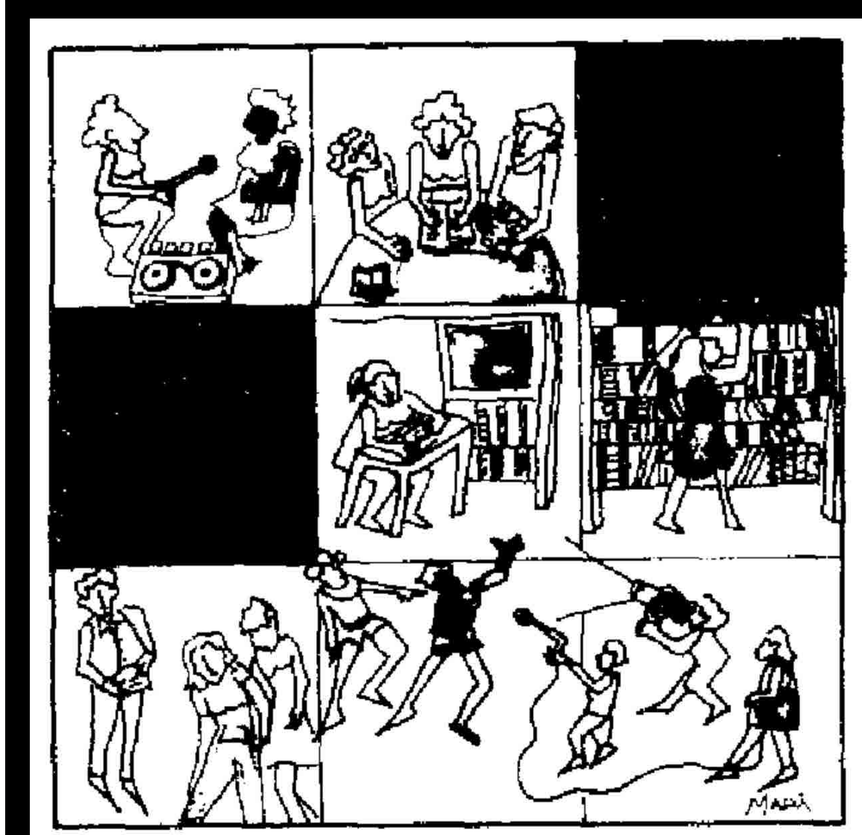
O segundo concurso, aberto em 1979, mostrou um interesse ainda maior: apresentaram-se 131 projetos, dos quais 19 receberam financiamento de até 200 mil cruzeiros. Este concurso revelou grande abertura. Além de cientistas sociais, médicos, engenheiros, arquitetos, advogados e artistas também apresentaram projetos. E, fugindo à tradição acadêmica, uma das "pesquisas" aprovadas é um filme sobre prostituição, de Inês Castilho, Chico Botelho e Cida Aidar. Os participantes do concurso realizaram um seminário nos dias 13 e 14 de abril, para debater os resultados parciais de suas pesquisas e planejar sua publicação.

Incentivar novas áreas

Fazendo um rápido balanço dos dois concursos, Carmen Barroso, da Comissão Organizadora, observa que os temas que lideram a preferência dos pesquisadores são, por ordem, trabalho, saúde, sexualidade e política. Por outro lado, foram poucos os projetos sobre família e maternidade. Ela diz: "Talvez a ausência de projetos nessa área se explique pelo modelo masculino predominante, segundo o qual os fenômenos importantes estão no domínio público. O próprio pensamento feminista brasileiro só agora começa a superar a noção de que a libertação da mulher vem exclusivamente da participação na esfera produtiva".

Além da necessidade de incentivar a abordagem de novos temas, outro aspecto que preocupa a comissão organizadora é a grande concentração de pesquisas provenientes do eixo Rio-São Paulo. No primeiro concurso, 69% das pesquisas aprovadas eram de autores residentes nesta área; no segundo, esta porcentagem subiu para 76%. "Esse aumento da concentração parece indicar que os esforços especiais realizados no primeiro concurso para selecionar projetos fora dessa área em proporção maior do que a que seria obtido pela simples comparação de qualidade não foram suficientes para se contrapor à forte tendência concentradora de toda a cultura nacional", diz um relatório da comissão. Para superar esta tendência, a comissão considera importante que se encontre uma forma de colaboração entre instituições do Rio-SP e de outras áreas. Sugere, ainda, o incentivo a pesquisadores do Sul para que se dediquem ao estudo de outras regiões, em colaboração com pesquisadores locais.

Favorecendo o estudo de novos temas, incentivando as pesquisas regionais e valorizando os projetos que tentam uma integração entre o individual e o social e situem a questão da mulher num contexto social mais amplo, a comissão espera que o terceiro concurso avance ainda mais no conhecimento da realidade da mulher brasileira.



Mari, #1 maio/junho de 1981, p.11

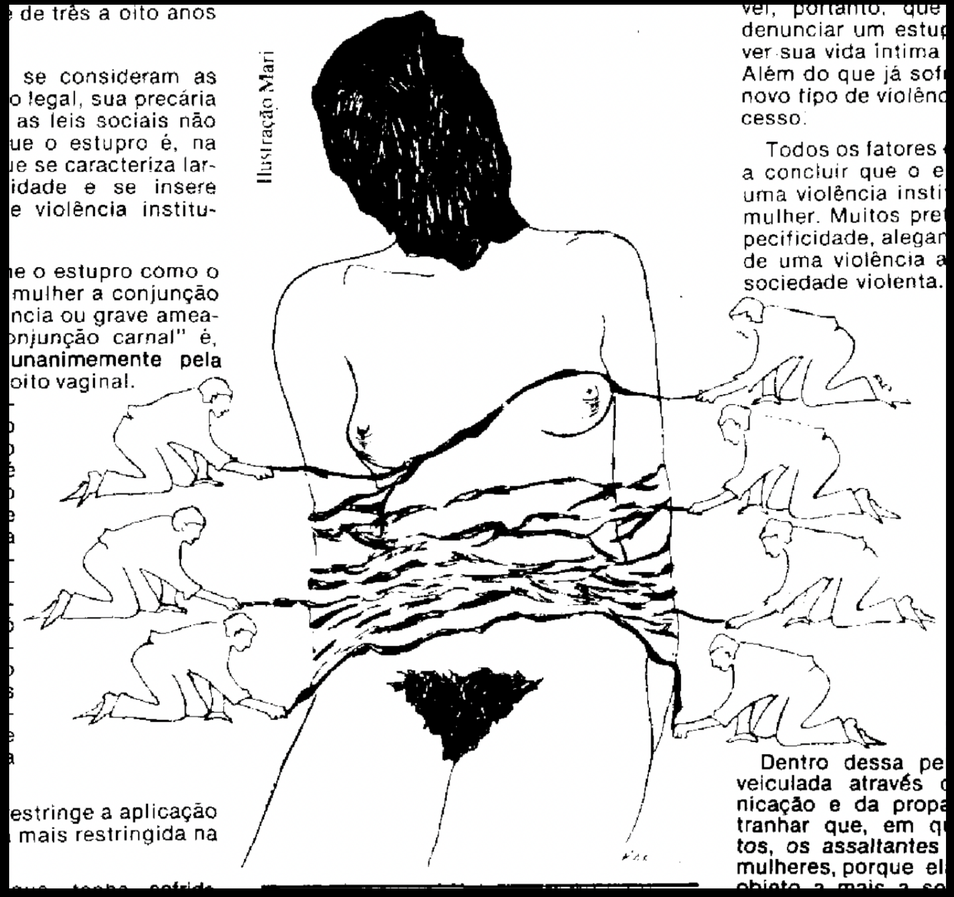
Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

de três a oito anos

se consideram as
o legal, sua precária
as leis sociais não
ue o estupro é, na
e se caracteriza lar-
idade e se insere
e violência institu-

e o estupro como o
mulher a conjunção
ncia ou grave amea-
onjunção carnal" é,
unanimemente pela
oito vaginal.

Ilustração Mari

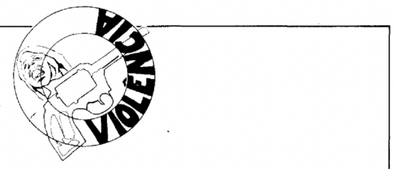


estringe a aplicação
mais restringida na

vel, portanto, que
denunciar um estup
ver sua vida íntima
Além do que já sof
novo tipo de violênc
cesso.

Todos os fatores
a concluir que o e
uma violência insti
mulher. Muitos pret
pecificidade, alegan
de uma violência a
sociedade violenta.

Dentro dessa pe
veiculada através
nicação e da propa
tranhar que, em q
tos, os assaltantes
mulheres, porque el
objeto a mais a se



A estuprada, de vítima a ré

Entre as violências sexuais contra a mulher, o estupro é indubitavelmente, uma **das mais óbvias e mais radicais. É também** um tema atualíssimo, porque não se passa um dia sem que esteja nas manchetes dos jornais, que, entretanto, se limitam ao mero registro dos casos, sem **tirar conclusões mais abrangentes e questionadoras** sobre o problema.

Em outros países, ele tem sido objeto de inúmeros estudos e pesquisas, que ajudam a situá-lo num contexto ideológico mais amplo, mas entre nós, os numerosos tabus que ainda persistem dificultam sua colocação em termos objetivos.

A primeira pergunta que se deve fazer em relação ao estupro é: seria ele uma violência fora das leis sociais comuns e, portanto, extraordinária, ou uma violência praticamente institucionalizada e, conseqüentemente, inserida no cotidiano das mulheres? A resposta exige um **breve resumo do ponto de vista jurídico.**

Considerando apenas o aspecto formal da lei, poderíamos concluir pela primeira hipótese, já que se trata de crime codificado em quase todas as legislações penais. Entre nós, ele está definido no art. 213 do Código Penal vigente — o de 1940 — e a pena atribuída é de três a oito anos de reclusão.

Entretanto, quando se consideram as próprias falhas do texto legal, sua precária aplicação na prática e as leis sociais não escritas, verifica-se que o estupro é, na realidade, um crime que se caracteriza largamente pela impunidade e se insere então na categoria de violência institucionalizada.

A lei brasileira define o estupro como o ato de "constranger a mulher a conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça". A expressão "conjunção carnal" é, **porém, interpretada unanimemente pela** jurisprudência como coito vaginal. Qualquer outro ato sexual é desclassificado para atentado violento ao pudor, cuja pena é menor. É o caso do coito anal, que pode exigir uma violência até maior. Provavelmente a lei só considera a hipótese do coito vaginal, porque só dele pode resultar prole, indicando que o que se protege é mais um certo tipo de estrutura familiar do que propriamente a pessoa da mulher.

Essa interpretação restringe a aplicação da lei, mas ela é ainda mais restringida na prática.

Qualquer mulher que tenha sofrido estupro precisa denunciá-lo o mais cedo possível à autoridade policial, se quiser depois processar o autor do atentado.

Mas, a maioria das vezes ela deixa de fazê-lo, em virtude não só do trauma, mas também de um sentimento de vergonha que está associado ao fato de ser vista como culpada e não vítima.

Se ela resolver denunciar, pode ainda encontrar uma série de dificuldades. Elas podem ocorrer já na delegacia, onde muitos delegados e investigadores tendem a considerar sua denúncia como algo de menor importância ou a duvidar da própria existência do fato denunciado, quando baseado apenas na palavra da mulher.

Acham que se trata de fantasia, de vingança pessoal ou de uma forma de obrigar namorados renitentes a casarem, segundo as palavras de um policial.

O estupro é de certa forma provocado por toda uma ideologia de caráter patriarcal, que desvaloriza a mulher como ser humano integral. Por falhas da lei, normalmente seus autores permanecem impunes.

Ilustração Mari

Maria Carneiro da Cunha

O segundo tipo de dificuldade é de ordem técnica.

Para que se caracterize o estupro, é preciso que fiquem comprovados tanto o coito vaginal como a violência. A mulher é submetida a exame de corpo de delito, mas este pode não ser concludente, especialmente se ela não era mais virgem e se já se passaram muitas horas desde a ocorrência, pois sinais como esperma na vagina e congestão das mucosas desaparecem com rapidez. Também é difícil comprovar a violência, se não ficarem marcas visíveis nas roupas ou no corpo da vítima. É o que acontece, por exemplo, quando ela cede sob ameaça de uma arma.

O terceiro tipo de dificuldade costuma ocorrer durante o processo, quando o advogado do acusado vai procurar de todas as formas descaracterizar o crime, recorrendo a argumentos baseados na vida pregressa da vítima, na tentativa de provar que houve consentimento. Tenta-se então demonstrar que ela tem um comportamento dito irregular, que é prostituta habitual, etc. Aqui, como em muitos outros casos de crimes contra mulheres, em que há conotação sexual, a vítima passa à categoria de ré, pois a sua vida e o seu comportamento é que são realmente julgados e não os do acusado. É compreensível, portanto, que muitas desistam de denunciar um estupro, por não quererem ver sua vida íntima invadida e devassada. Além do que já sofreram, enfrentam esse novo tipo de violência no decorrer do processo.

Todos os fatores enumerados nos levam a concluir que o estupro é efetivamente uma violência institucionalizada contra a mulher. Muitos pretendem negar essa especificidade, alegando que se trata apenas de uma violência a mais dentro de uma sociedade violenta.

Mas, sua impunidade habitual e seu caráter sexual nítido, em que o autor é sempre um homem e a vítima, sempre **uma mulher**, o diferenciam de outros atos e outros crimes violentos.

O estupro é de certa forma justificado e mesmo provocado por toda uma ideologia de caráter patriarcal, que desvaloriza a mulher como ser humano integral, colocando-a unicamente na condição de objeto e particularmente de objeto sexual.

Dentro dessa perspectiva amplamente veiculada através dos meios de comunicação e da propaganda, **não é de estranhar que, em quase todos os assaltos, os assaltantes também estuprem as mulheres, porque elas lhes surgem como objeto a mais a ser usufruído, tal como os mais variados bens de consumo.**

Mari, #2 julho/agosto de 1981, p.14

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Mari, aberturas de seção, #2 julho/agosto de 1981, p.14

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

MULHERES EM AÇÃO

10 de outubro, um dia de luta contra a violência

Mari, seção Mulheres em Ação, #3 setembro/outubro de 1981, p.4

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

ROBERTA MASCIARELLI

ILUSTRAÇÃO

MULHERIO

1982

SER MACHO É CINZA

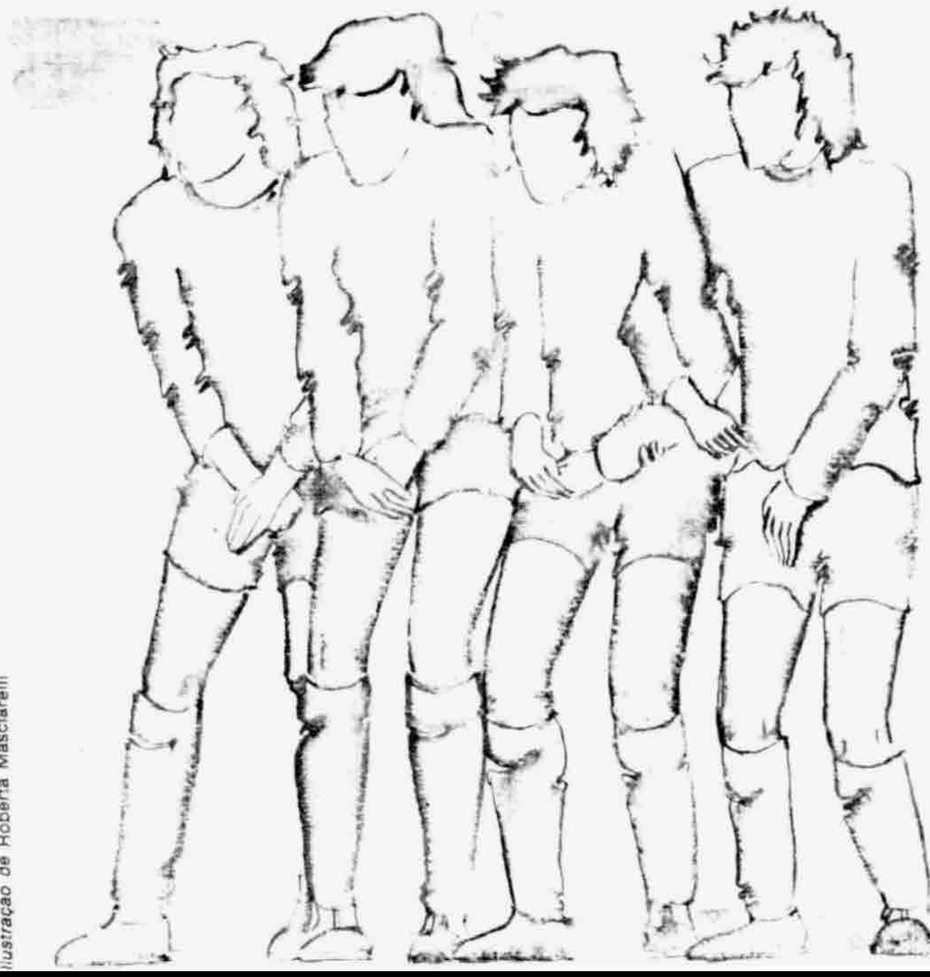


Ilustração de Roberta Masciarelli

Roberta Masciarelli, #7, julho/Agosto de 1982, p.3

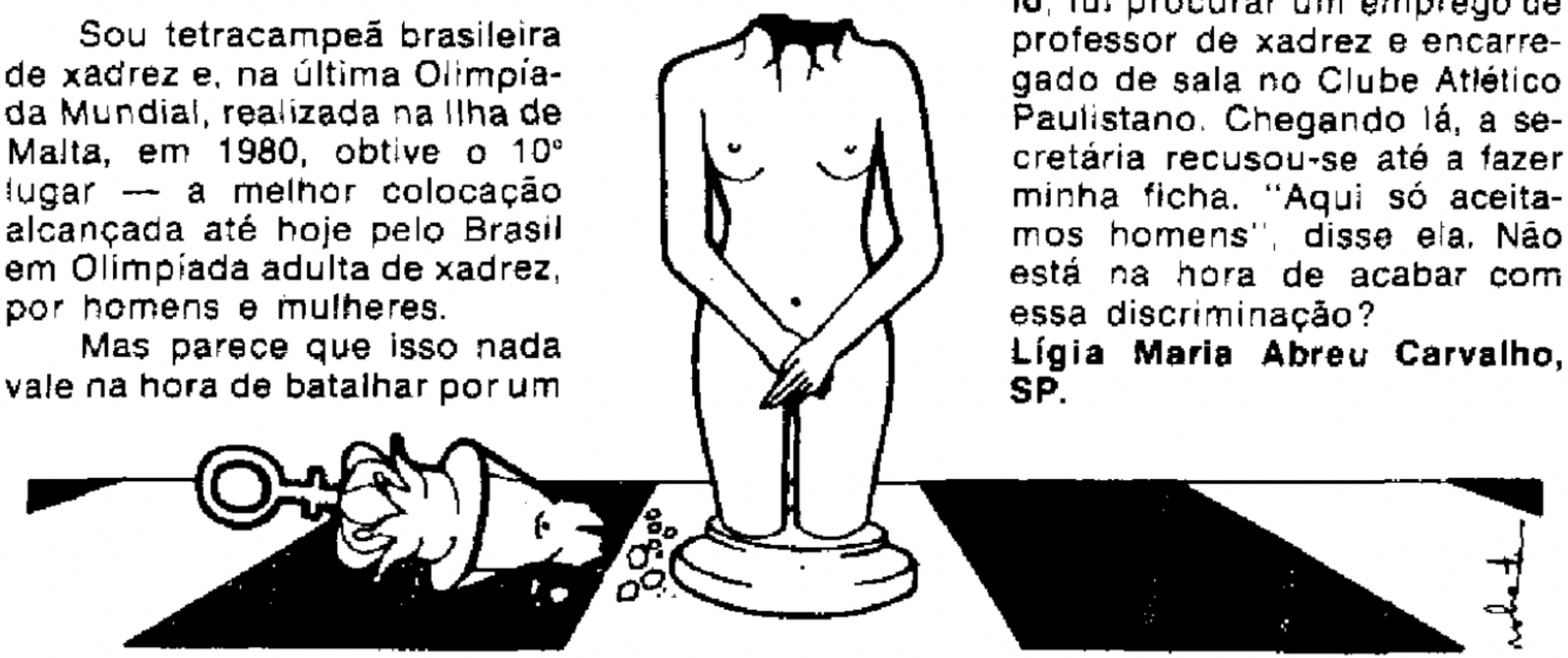
Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Portas fechadas

Sou tetracampeã brasileira de xadrez e, na última Olimpíada Mundial, realizada na Ilha de Malta, em 1980, obtive o 10º lugar — a melhor colocação alcançada até hoje pelo Brasil em Olimpíada adulta de xadrez, por homens e mulheres.

Mas parece que isso nada vale na hora de batalhar por um trabalho. Atraída por anúncio publicado no **Estado de S. Paulo**, fui procurar um emprego de professor de xadrez e encarregado de sala no Clube Atlético Paulistano. Chegando lá, a secretária recusou-se até a fazer minha ficha. "Aqui só aceitamos homens", disse ela. Não está na hora de acabar com essa discriminação?

Lígia Maria Abreu Carvalho, SP.



Roberta Masciarelli + sua assinatura, enfim decodificada através da atribuição de créditos, #7, julho/Agosto de 1982, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

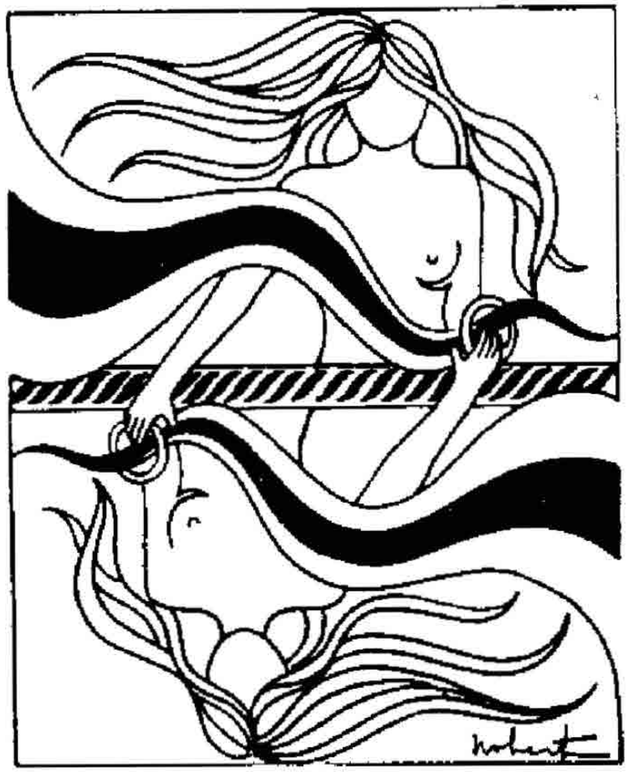
Cozinha

Homenagear as mulheres que participaram e "criaram" a história da arte no Brasil, ceder espaço para que nomes consagrados nas mais diversas áreas mostrem suas obras e revelar novos nomes, a nível nacional, da manifestação artística feminina — esses são os três objetivos centrais do 1º Festival Nacional das Mulheres nas Artes, que será realizado em São Paulo de 3 a 12 de setembro.

FESTIVAL

Vamos entrar nesta festa.

estão intensos, sob a orientação geral de Ruth Escobar e das coordenadoras



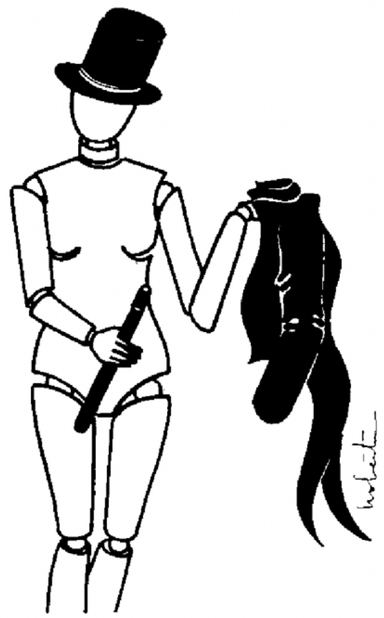
Roberta Masciarelli, #7, julho/Agosto de 1982, p.19

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Cozinha

CORREIO

À Xuxa, com amor



Tenho vontade de mandar uns recados à Xuxa — aquela manequim que anda ultimamente nas paradas de sucesso publicitárias. Como não sei se Xuxa lê o **Mulherio**, mando o recado através das leitoras. Me impressionou uma entrevista que a moça deu à **Folha de S.Paulo**, afirmando, como convém em seu metiê, nunca ter tido problemas com os homens, mas com as mulheres, sim. "Só level patadas..."

Comparada pela grande imprensa à Marilyn Monroe brasileira, Xuxa reedita aos 19 anos e em plena década de 80 uma imagem de mulher que já estava entrando para os museus: a da sensual/infantil, que se adapta ao desejo de todos os homens sem desapontar nenhum — e desperta inveja nas outras mulheres. A própria repórter da **Folha** compra essa imagem: Xuxa fala coisas "tão burrinhas", mas com um jeitinho "tão encantador".

A mulher-sensual de 30 ou 40 anos atrás, corpo sem espírito, corpo-contorno sem vida e nem história (por isso "tão inexperiente!" aos 20, aos 30 ou aos 50 anos; por isso cordata, dócil, maleável...) ressurge agora na figura dessa manequim. Talvez por ser ainda muito jovem e de um padrão de beleza meio universal no Ocidente (loirinha, de traços pouco marcantes, contornos redondinhos etc) Xuxa se presta a essa manipulação publicitária.

Mas há um engodo nesse conto de fadas sobre a mulher dita feminina: é que esse tipo de mulher, assim como a Xuxa, costuma se identificar sempre com os homens — e não com as outras mulheres. Assim como um travesti, a mulher considerada "feminina" ostenta com exagero no corpo, no rosto, nas atitudes, todos os signos da feminilidade — mas se expressa como alguém que não pertence ao mundo da mulher. Identifica-se a partir do desejo do homem. O que significa ser essa "feminilidade" justamente seu oposto, negação radical de identidade feminina. Que se define aliás pela diferença em relação ao homem. Que se choca, por vezes, com o desejo do homem — que lhe é complementar mas também oposto. Essa seria a real identidade feminina.

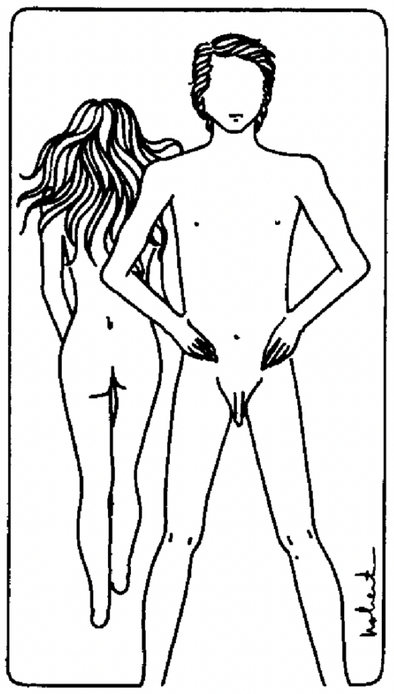
Não que os sexos devam viver em guerra (mas vivem!...). O conflito na relação pode ser fator de crescimento. Tomara que seja. Mas quando uma das partes — no caso a mulher — se anula para ser valorizada pela outra, nega o conflito, se traveste daquilo que o outro espera a seu respeito, então não há crescimento. Não há nem mesmo relação.

Os homens que curtem a Xuxa, pensando que estão curtindo o suprassumo da mulher, se enganam: estão consumindo apenas um espelho de si mesmos. Travestido, disfarçado no que seria A MULHER. A existência realmente feminina de moças como Xuxa está absolutamente negada dentro desse padrão da mulher sensual. Marilin Monroe deve ter sentido isso na pele. E não agüentou.

Maria Rita Kehl

Roberta Masciarelli, #7, julho/Agosto de 1982, p.20

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)



Qual é a cor do machismo

**Ser macho é mesmo cinza? Ou é basicamente uma situação de privilégio para o homem?
Este é o tema de uma carta que recebemos de Lúcio Teles, que mora hoje no Canadá.
Ele continua assim uma saudável polêmica sobre a situação do homem frente ao feminismo, já iniciada no último número do Mulherio.**

Recebi o nº 7 do **Mulherio** e

de infância e limpamos os locais do auditório e da festa. Outros produziram um panfleto dirigido aos homens, explicando por que e como podemos apoiar a luta das mulheres.

A natureza de nosso grupo e as bases de unidade ainda estão num processo de formação. Nós estamos iniciando uma discussão de como nos devemos organizar e que tipo de atividades podemos tomar a nosso cargo. Um dos pontos fundamentais já assentados é a convicção de que na nossa sociedade os homens têm privilégios em relação às mulheres, e esses privilégios são uma conseqüência direta da opressão das mulheres.

as responsáveis pelo trabalho doméstico e são elas que lidam com as necessidades emocionais nas relações pessoais. A chamada liberdade sexual é uma bandeira sob a qual nós homens podemos ignorar nossas responsabilidades nas relações sexuais, inclusive no controle da natalidade, e podemos tratar as mulheres como objetos para o nosso prazer. Na sociedade, as autoridades cooperam na opressão das mulheres ao dar a nós, homens, privilégios legais no casamento, assim como em casos de estupro e outras formas de violência contra mulheres.

Nós reconhecemos que cabe às mulheres levar a luta contra a opressão que sofrem. A área mais difícil e

Roberta Masciarelli, #9, set/out de 1982, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

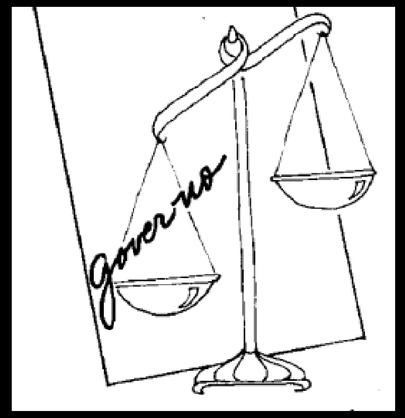
Reinventando o amor

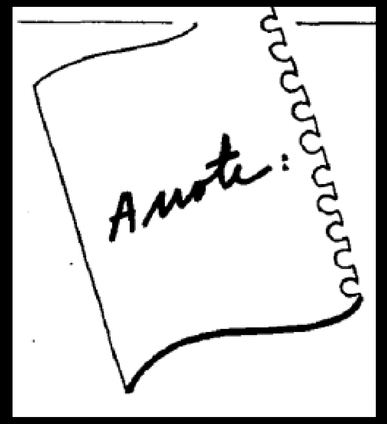
Condicionadas a esperar um príncipe encantado que na convivência diária transforma-se em sapo, nós mulheres devemos repensar o casamento, o amor. É o que diz, neste artigo, uma leitora de Campinas.

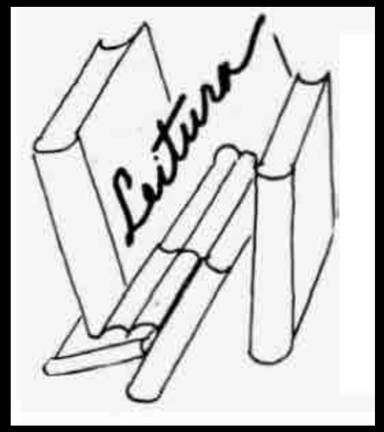
Roberta Masciarelli, #10, nov/Dez de 1982, p.6

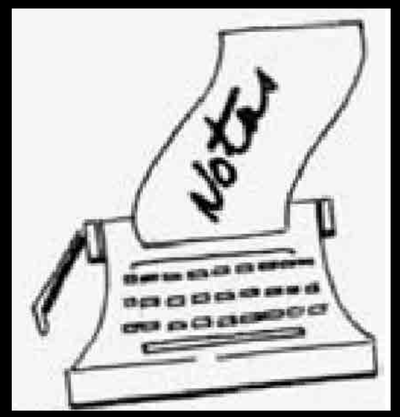
Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

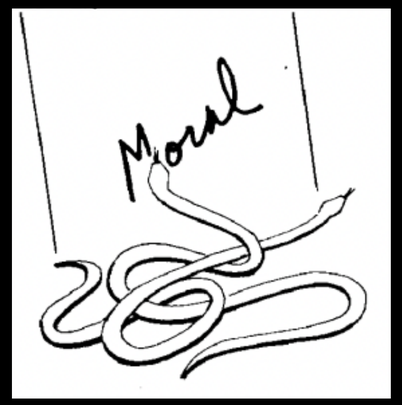
*** Nesta edição, as aberturas voltam a ser ilustradas.**
É a primeira vez desde o fim da parceria com Mari.

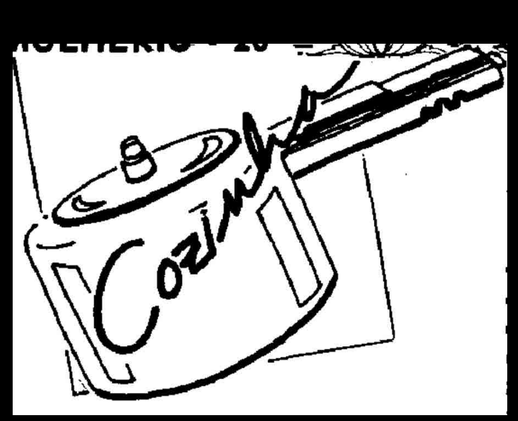












Roberta Masciarelli, aberturas, #11, jan/fev de 1983

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Nem sós nem mal acompanhadas

O grupo Germinal, do Rio Grande do Sul, defende a autonomia do movimento feminista, mas diz que isso não pode impedi-lo de marcar posição nos principais acontecimentos da conjuntura política.

É necessário que se amplie o debate sobre o feminismo como forma não apenas de combate às posições direitistas e manipulatórias (como as do jornal **Hora do Povo**, por exemplo) que negam a luta específica da mulher, mas também como único meio de firmar no próprio movimento feminista uma posição eficaz no plano político e efetivamente revolucionária.

Na tentativa de contribuir para este debate, expomos a seguir nossa opinião sobre alguns pontos que nos parecem polêmicos e que demarcam divergências com outras posições feministas.

Sexismo

A explosão do Movimento Feminista na década de 60 foi marcada por sua espontaneidade. Por decorrência, a questão organizativa do Movimento Feminista não estava colocada em toda sua dimensão. Além disso, a revolta das mulheres contra a situação que lhes oprimia, sua reação evidentemente progressista, trazia uma nítida inflexão de combate aos homens e não de luta contra o tipo de sociedade que permitia e alimentava a opressão sobre a mulher.

A confusão se colocou primeiramente porque a própria forma das sociedades industriais da Europa e EUA — a existência de uma aristocracia operária, a vigência das chamadas "franquias democráticas", etc... — dificulta que seu conteúdo de classe, essencialmente explorador, seja percebido com facilidade.

Ao mesmo tempo, é verdade que os homens são inconscientemente os agentes diretos da opressão sobre a mulher, fato que conduz qualquer análise superficial e mesmo algumas afirmações aparentadas ao senso comum a identificarem no masculino a causa de todos os males. Todavia, se este erro caracteriza um desvio sexista já historicamente superado, as posições de alguns grupos feministas acabam revivendo a mesma incompreensão, o que reproduz práticas sectárias e absolutamente ineficazes.

Caráter do Movimento

O Movimento Feminista é um movimento político-ideológico e deve ser pensado e praticado enquanto tal sob pena de se diluir em um conteúdo de atuação meramente terapêutica. Enquanto mulheres somos oprimidas individualmente e é a partir da consciência desta opressão que crescemos para a luta. Mas a nossa construção individual como militantes, através da reflexão e estudo, é apenas um dos passos para a nossa atuação. Por isso, os grupos feministas não se podem limitar à discussão das experiências individuais de suas componentes. Essa prática leva ao isolamento das feministas em pequenos grupos fechados e, muitas vezes, competitivos.

Pensar politicamente nosso movimento é ter claro sua intrincada relação com o tipo de sociedade em que vivemos e sua inserção nas lutas sociais. É impossível libertar a mulher sem a transformação radical da sociedade de classes. Mas não se deve relegar ao futuro as bandeiras feministas: a garantia da realização desse futuro passa pela luta levada desde hoje e algumas reivindicações específicas da mulher poderão ser alcançadas mesmo nos marcos do capitalismo.

Autonomia

Para acabar com a opressão as mulheres precisam participar em todas as instâncias políticas. Não participar de partidos políticos, sindicatos, etc... porque são entidades hierarquizadas ou "masculinas" é cair no isolamento e numa prática sexista. Interessa às mulheres que o poder seja tomado pela classe operária e demais camadas populares e colocado a serviço da construção de uma nova sociedade. A conquista dessa nova sociedade marcará um passo importantíssimo para a libertação da mulher, cuja luta deverá prosseguir transcendendo mesmo os marcos da luta de classes.

A autonomia do Movimento Feminista significa apenas o seu não atrelamento aos interesses dos partidos e demais entidades de representação.

O que se traduz, por exemplo, numa postura de princípios contrária à organização do tipo "Federação de Mulheres" (que congrega mulheres representando entidades). O Movimento Feminista não se "federaliza", não é organizado a partir das entidades. Exatamente porque é mais amplo e deve partir da organização das mulheres enquanto indivíduos. Todavia, o Movimento Feminista deve discutir, pensar e interferir na política em curso; deve arcar sua posição frente aos principais acontecimentos da conjuntura e, neste contexto, colocar-se ao nível das reivindicações operárias e populares. Qualquer compreensão de "autonomia" que não leve em conta esta intervenção política necessária representa uma posição atrasada incapaz de fazer frente à diluição da especificidade feminista proposta pelas correntes direitistas e manipulatórias.

Grupo Feminista Germinal, Santa Maria, RS.

Ilustração Roberta Masciarelli

Roberta Masciarelli, #11, jan/fev de 1983, p.8

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Nem sós nem mal acompanhadas

O grupo Germinal, do Rio Grande do Sul, defende a autonomia do movimento feminista, mas diz que isso não pode impedi-lo de marcar posição nos principais acontecimentos da conjuntura política.

É necessário que se amplie o debate sobre o feminismo como forma não apenas de combate às posições direitistas e manipulatórias (como as do jornal **Hora do Povo**, por exemplo) que negam a luta específica da mulher, mas também como único meio de firmar no próprio movimento feminista uma posição eficaz no plano político e efetivamente revolucionária.

Na tentativa de contribuir para este debate, expomos a seguir nossa opinião sobre alguns pontos que nos parecem polêmicos e que demarcam divergências com outras posições feministas.

Sexismo

A explosão do Movimento Feminista na década de 60 foi marcada por sua espontaneidade. Por decorrência, a questão organizativa do Movimento Feminista não estava colocada em toda sua dimensão. Além disso, a revolta das mulheres contra a situação que lhes oprimia, sua reação evidentemente progressista, trazia uma nítida inflexão de combate aos homens e não de luta contra o tipo de sociedade que permitia e alimentava a opressão sobre a mulher.

A confusão se colocou primeiramente porque a própria forma das sociedades industriais da Europa e EUA — a existência de uma aristocracia operária, a vigência das chamadas "franquias democráticas", etc... — dificulta que seu conteúdo de classe, essencialmente explorador, seja percebido com facilidade.

Ao mesmo tempo, é verdade que os homens são inconscientemente os agentes diretos da opressão sobre a mulher, fato que conduz qualquer análise superficial e mesmo algumas afirmações aparentadas ao senso comum a identificarem no masculino a causa de todos os males. Todavia, se este erro caracteriza um desvio sexista já historicamente superado, as posições de alguns grupos feministas acabam revivendo a mesma incompreensão, o que reproduz práticas sectárias e absolutamente ineficazes.

Caráter do Movimento

O Movimento Feminista é um movimento político-ideológico e deve ser pensado e praticado enquanto tal sob pena de se diluir em um conteúdo de atuação meramente terapêutica. Enquanto mulheres somos oprimidas individualmente e é a partir da consciência desta opressão que crescemos para a luta. Mas a nossa construção individual como militantes, através da reflexão e estudo, é apenas um dos passos para a nossa atuação. Por isso, os grupos feministas não se podem limitar à discussão das experiências individuais de suas componentes. Essa prática leva ao isolamento das feministas em pequenos grupos fechados e, muitas vezes, competitivos.

Pensar politicamente nosso movimento é ter claro sua intrincada relação com o tipo de sociedade em que vivemos e sua inserção nas lutas sociais. É impossível libertar a mulher sem a transformação radical da sociedade de classes. Mas não se deve relegar ao futuro as bandeiras feministas: a garantia da realização desse futuro passa pela luta levada desde hoje e algumas reivindicações específicas da mulher poderão ser alcançadas mesmo nos marcos do capitalismo.

Autonomia

Para acabar com a opressão as mulheres precisam participar em todas as instâncias políticas. Não participar de partidos políticos, sindicatos, etc... porque são entidades hierarquizadas ou "masculinas" é cair no isolamento e numa prática sexista. Interessa às mulheres que o poder seja tomado pela classe operária e demais camadas populares e colocado a serviço da construção de uma nova sociedade. A conquista dessa nova sociedade marcará um passo importantíssimo para a libertação da mulher, cuja luta deverá prosseguir transcendendo mesmo os marcos da luta de classes.

A autonomia do Movimento Feminista significa apenas o seu não atrelamento aos interesses dos partidos e demais entidades de representação.

O que se traduz, por exemplo, numa postura de princípios contrária à organização do tipo "Federação de Mulheres" (que congrega mulheres representando entidades). O Movimento Feminista não se "federaliza", não é organizado a partir das entidades. Exatamente porque é mais amplo e deve partir da organização das mulheres enquanto indivíduos. Todavia, o Movimento Feminista deve discutir, pensar e interferir na política em curso; deve arcar sua posição frente aos principais acontecimentos da conjuntura e, neste contexto, colocar-se ao nível das reivindicações operárias e populares. Qualquer compreensão de "autonomia" que não leve em conta esta intervenção política necessária representa uma posição atrasada incapaz de fazer frente à diluição da especificidade feminista proposta pelas correntes direitistas e manipulatórias.

Grupo Feminista Germinal, Santa Maria, RS.

Ilustração Roberta Masciarelli

Roberta Masciarelli, #11, jan/fev de 1983, p.8

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

UMA VISÃO MILITANTE E CATEGÓRICA

Para uma ciência da libertação da mulher, de Isabel Larguia e John Dumoulin, Global Editora, 59 páginas, 1982.

Editado recentemente pela Global, **Para uma ciência da libertação da mulher** é a tradução de um artigo de Isabel Larguia e John Dumoulin, publicado em 1971 na revista cubana **Casa de las Americas**. A dupla de escritores analisa questões cruciais para entender a subordinação da mulher e propor caminhos para sua libertação. Só que, para eles, a opressão da mulher se dá apenas na sociedade capitalista e a condição feminina será automática e inevitavelmente superada na sociedade sem classes, quando todas as mulheres forem incorporadas, como trabalhadoras, à produção social.

Denunciam a divisão sexual do trabalho no capitalismo e a desvalorização do trabalho doméstico, mantido invisível no isolamento dos lares, onde horas a fio de trabalho feminino são consumidas. Apontam para o poderoso papel da ideologia, que oculta os fundamentos econômicos da divisão sexual do trabalho e constrói uma rígida assimetria sexual. Mostram que a reprodução é mais do que um processo biológico, incluindo o cuidado com as crianças e a reposição cotidiana da força de trabalho.

Acreditam que no socialismo a mulher atingiu plena igualdade jurídica e social e superou todas as discriminações, mas que a total superação de sua condição de oprimida só se viabilizará com a completa coletivização, pelo Estado, das tarefas domésticas.

Condenam idéias reformistas, de conciliação entre as atividades produtivas da mulher e os afazeres domésticos e propõem medidas revolucionárias, que incorporam totalmente as mulheres na produção social e nas forças armadas, valorizando "suas qualidades de trabalhadora, dirigente e política ou combatente" e "impondo uma rígida conduta nas relações sexuais".

Vale a pena ler, para refletir: a subordinação feminina será mesmo uma característica apenas do capitalismo? Ou ela se dá também em outros sistemas sócio-econômicos nos quais a posição da mulher na família e na reprodução não é menos dominada? Afinal, vários estudos antropológicos, entre os quais o de Gayle Rubin, mostram que, mesmo antes do surgimento da sociedade de classes, e mesmo naquelas sociedades nas quais a mulher participava da esfera pública, sua posição nas relações sociais de gênero era bastante discriminada. Por outro lado, dados sobre a posição da mulher nas sociedades socialistas mostram que, se houve ganhos inegáveis, sobretudo no que diz respeito à igualdade no trabalho, há ainda um longo caminho a percorrer, principalmente ao nível da família.

Pena, portanto, que a contradição esteja ausente deste texto, onde foi substituída pelo tom militante e categórico. Pena também que a má qualidade da tradução tenha prejudicado ainda mais sua leitura.

Cristina Bruschini

O bom leite da mamãe

xo

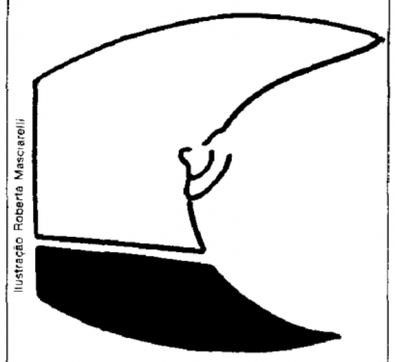
o",
a
u e

a
, por
No
o de
a
Eu
o
mo
um
ê
ário.
m.

a
s —
s,
e de
ar)

vo

F



O uso da televisão, feito durante 45 dias do ano passado com um tipo de mensagem criticada (pois levava as mães a se sentir culpadas por não conseguir amamentar), desta vez mudou. Agora, as dificuldades que as mães enfrentam ao amamentar são mencionadas, e a mulher é levada em consideração.

Outra atividade recente do Programa tem sido o incentivo ou criação de "grupos de mães" que visam o aleitamento. Uma experiência muito rica é a de um grupo do Rio, relatada no Festival Internacional de Mulheres nas Artes. Suas características são muito interessantes: ausência de paternalismo, espontaneidade, preservação do conhecimento da mãe como fundamental na prática do aleitamento, não interferência médica.

Márcia Correia Silva, uma de duas integrantes, relatou no Festival que o grupo gostaria de contar com ajuda financeira para conseguir documentar sua experiência, para divulgá-la e incentivar a formação de novos núcleos; mas insiste em manter sua autonomia e não obedecer a tutelas.

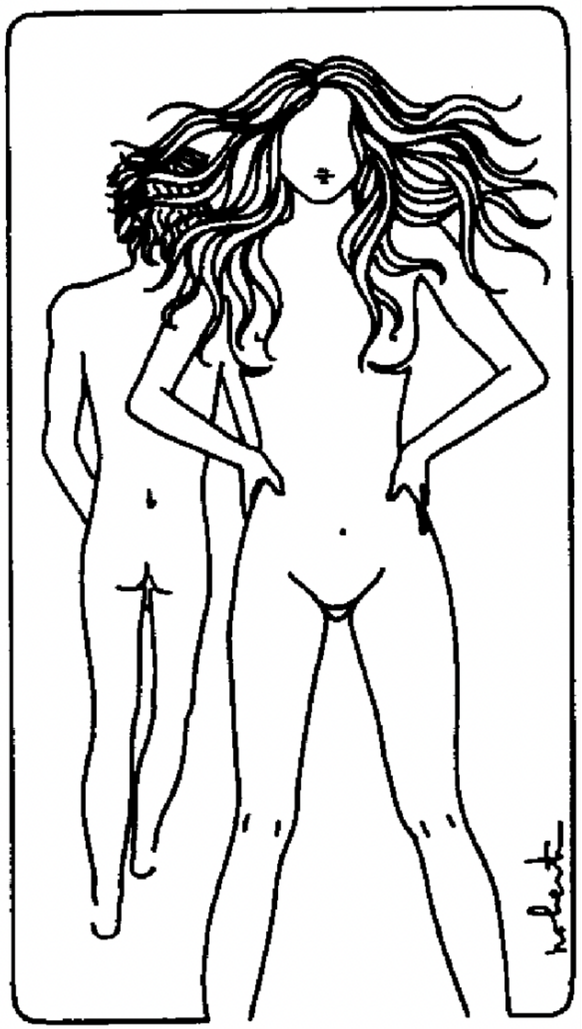
Esperamos que o Programa Nacional, que no caso da propaganda na TV soube acatar as críticas e reformulá-la, saiba respeitar a existência de grupos de mães como esse do Rio, sem deixá-los de fora, mas sem tentar institucionalizá-los para que se preservem suas características.

Marina Réa

Roberta Masciarelli, #11, jan/fev de 1983, p.17 e p.19

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

O feminismo brasileiro já conquistou espaço suficiente para levá-lo a uma nova etapa: o término da atitude separatista em relação aos homens. É o que diz Maria Malta Campos neste artigo, que abre em Mulherio um debate sobre o modo de incorporar os homens em nossa luta. A posição de Maria não é consenso dentro do movimento feminista, e mulheres com visão diferente, convidadas a escrever sobre o mesmo tema, não puderam fazê-lo para este número.



Roberta Masciarelli, #9, set/out de 1982, p.3

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Cozinha

Pra agüentar o rojão, elas estão enchendo a cara

O alcoolismo, tradicionalmente considerado uma doença típica de homens, alcança hoje proporções alarmantes entre as mulheres de todo o mundo, observa recente relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS), publicado em Genebra. Na Inglaterra e no País de Gales, as admissões hospitalares para tratamento de alcoolismo aumentaram entre 1970 e 1980 em 77% para os homens e em 137% para as mulheres; e nos Estados Unidos 15% das donas-de-casa dependem do álcool ou das drogas já no oitavo aniversário de matrimônio.

O protótipo da mulher alcoólatra, afirma o estudo, é a dona-de-casa com dois ou três filhos, na faixa de 40 anos de idade. Essas mulheres são chamadas de "as bebedoras das nove às três" — referindo-se ao horário em que elas, sós em suas casas, fazem frente como podem à depressão, à ansiedade e à frustração.

VIDA

Colher de pau. Na cabeça

Ilustração de Roberta Masciarelli

Roberta Masciarelli, #9, set/out de 1982, p.22

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

ROBERTA A. MELE

ILUSTRAÇÃO

MULHERIO

1984

PLANEJAMENTO familiar

ROBERTA A. MELE

CONTRACEPÇÃO:
o drama nosso de cada dia

Regular nossa fertilidade. Exercer a maternidade e a contracepção: nossos direitos, luta de longa data. Que agora encontra novos e poderosos interlocutores. Nosso corpo virou "problema de Estado": um avanço, no caso de programas de saúde, de fato. Uma catástrofe quando nossos úteros viram itens nas pautas de negociação de crescimento populacional.

O Ministério da Saúde anuncia o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, o PAISM. Entre as feministas de todo o país há uma forte tendência a repudiá-lo: "É controlismo disfarçado de feminismo", "é o FMI" — dizemos nós.

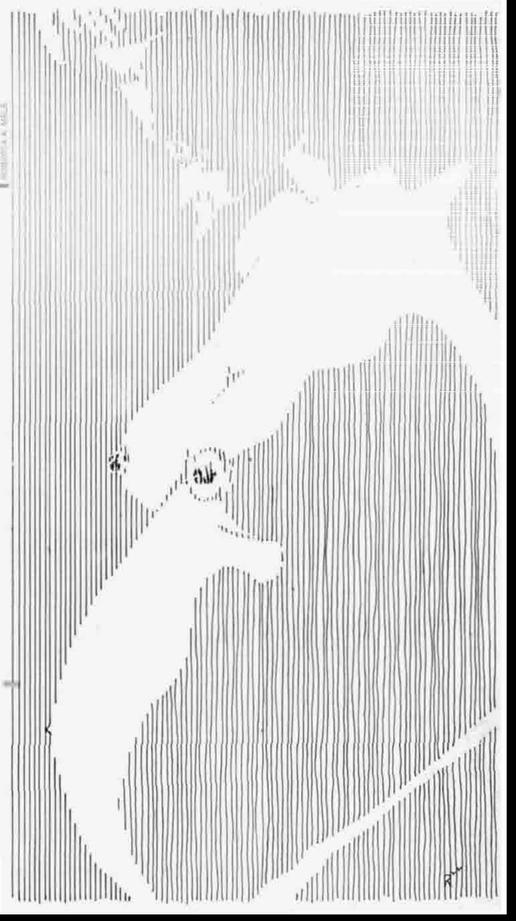
Ao mesmo tempo, o governo recém-eleito de São Paulo formula um projeto de saúde muito próximo ao do Ministério. Tudo isso começou no ano passado e até hoje o debate segue, mas não só ele. O Programa ministerial estabelece centros de treinamento, solta folhetos para a população, anuncia em rádios e televisões. Em Goiânia começa a ser implantado. Em São Paulo também.

Enquanto isso, cresce a atuação das entidades controlistas privadas como BENFAM e CEPAIM que assessoram o Inamps e realizam experiências de contracepção a torto e a direito sobre as mulheres.

"Estamos vivendo uma situação complicada", diz Maria José Araújo, médica feminista que clinica na Casa da Mulher do centro e na Casa da Mulher do Grajaú, em São Paulo. "Eu percebo um imenso atraso político na recusa sistemática dos programas de saúde governamentais. Em primeiro lugar, devemos nos perguntar se temos força para retirar esses programas do cenário. E se retirarmos, o que fazer?"

Repudiar apenas o Programa não leva a nada. Se o poder público assume as questões de contracepção, pode haver uma pressão social por parte dos grupos ▶

Maternidade, um fato político



Roberta A. Mele, #17 julho/agosto de 1984, p.6

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Curtas

SINGAPURA

Esterilização social

O governo de Singapura está oferecendo cinco mil dólares para as mulheres com menos de 30 anos que queiram se esterilizar após o nascimento do segundo filho.

Há algumas normas para o recebimento dessa bolada: o salário familiar não deve exceder US$ 715,00 por mês e o pai e a mãe não podem ter diploma colegial. Isto porque as autoridades andavam muito preocupadas com o fato de as mulheres não escolarizadas terem muitos filhos...

Para estimular a esterilização, ficou estabelecido que os filhos das mulheres mais cultas terão prioridade para admissão nas escolas.

O programa está dando resultado. Centenas de mulheres pobres procuram os postos para se submeterem à esterilização. **(The Guardian)**

CHINA

Realismo socialista

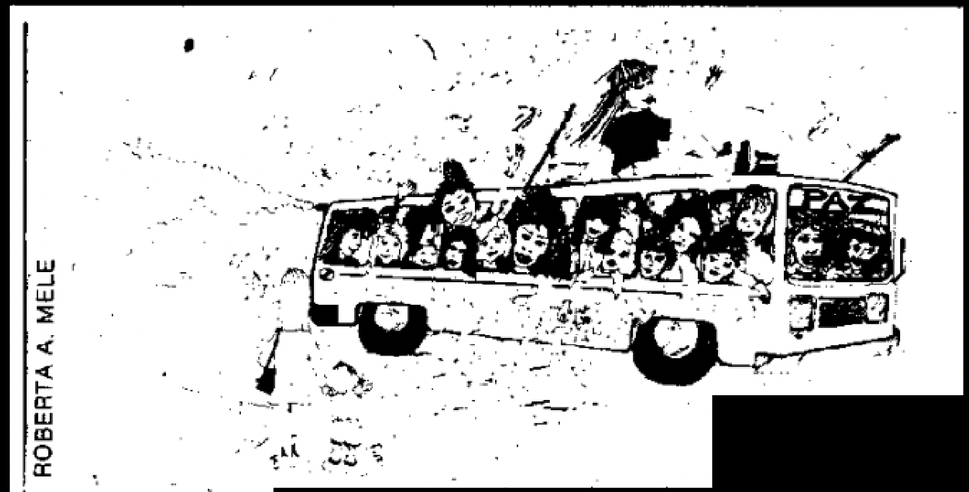
Na República Popular da China, as empregadas domésticas são agora consideradas uma necessidade e um reflexo da prosperidade do povo. Somente em Beijing (antiga Pequim), de acordo com o jornal **Beijing Economic Daily**, há mais de 30 mil mulheres ganhando a vida como domésticas, um número ainda insuficiente para cobrir a demanda de milhares de famílias que já podem pagar por esse serviço. Dando uma reviravolta na antiga concepção revolucionária de que utilizar serviços de domésticas e servas era uma atitude "burguesa", os jornais já anunciam a criação, pela Associação de Mulheres local, de uma Companhia para Serviço Doméstico.

Os salários, em média: Cr$ 17.000,00 por mês (apenas 25% do salário médio de um operário na China.) **(Outwrite)**.

INGLATERRA

Feminismo sobre rodas

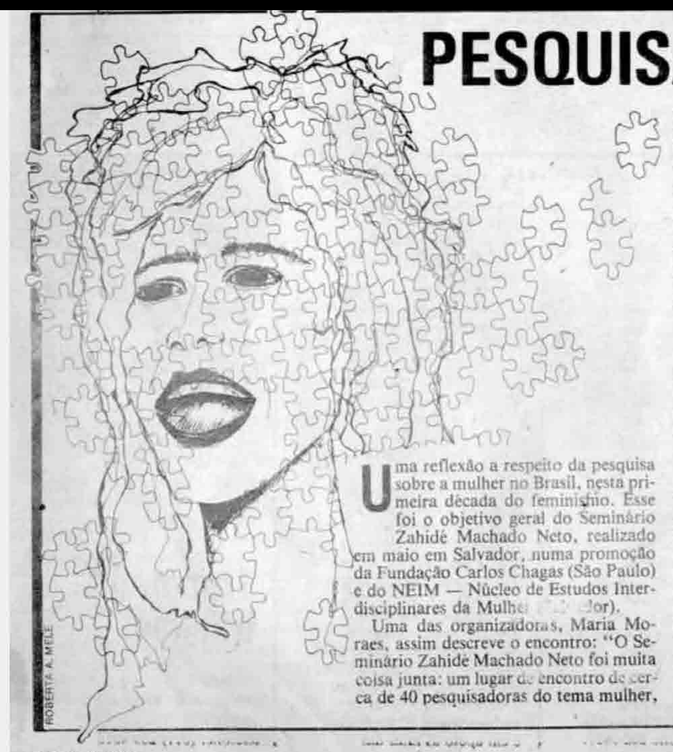
O "ônibus de Mulheres pela Paz" pode ser visto rodando em vários bairros de Londres, desde 8 de março de 84. Foi uma idéia de um grupo de mulheres brancas e negras, financiada pela Prefeitura da cidade. No ônibus, que serve como um centro de informação, há um aparelho de vídeo, projetor de slides, livros, panfletos em 4 línguas diferentes (devido ao grande número de imigrantes na cidade), e um espaço para se tomar chá e discutir os problemas das mulheres. **(Outwrite)**



Roberta A. Mele, #17 julho/agosto de 1984, p.9

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

PESQUISA: AINDA NUM GUETO



Uma reflexão a respeito da pesquisa sobre a mulher no Brasil, nesta primeira década do feminismo. Esse foi o objetivo geral do Seminário Zahidé Machado Neto, realizado em maio em Salvador, numa promoção da Fundação Carlos Chagas (São Paulo) e do NEIM — Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher [illegible]lor).

Uma das organizadoras, Maria Moraes, assim descreve o encontro: "O Seminário Zahidé Machado Neto foi muita coisa junta: um lugar de encontro de cerca de 40 pesquisadoras do tema mulher, de vários Estados brasileiros; debates com jovens estudantes sobre "Sexualidade e Reprodução" e "Políticas Públicas e Movimentos de Mulheres"; uma tarde de projeção de vídeos e filmes produzidos pelas fundações Carlos Chagas e Ford; o momento do balanço de nossas deficiências e vazios teóricos; momento de problematizar a relação "natural" entre pesquisa e militância feminista; momento de questionamentos radicais: e a cor? as tradições étnicas? Vamos finalmente assumir que os indivíduos são sexuados, têm cor, idades diferentes, determinada aparência física (qualificada como bonita, feia, elegante, pesada) e pertencem a culturas, camadas sociais e classes sociais diferentes? Falamos da diversidade."

"Nós mesmas — prossegue Maria — "espelhávamos nossa diversidade como mulheres: jovens, senhoras, casadas, divorciadas, solteiras, brancas, na maioria, mas também negras e mulatas. Universitárias todas, com domínio do discurso. Heterossexuais, homossexuais, ricas, remediadas, ternas, competitivas... Diferentes. Unidas por nosso papel na reprodução biológica. Mas vivendo de maneira muito diversa a experiência da relação com os homens, com a maternidade, com as outras mulheres, com o trabalho."

Essa diversidade se refletiu também nos trabalhos apresentados durante o encontro. Eis trechos de três exposições de pesquisadoras:

• "O principal problema que percebo nos estudos sobre a mulher no Brasil é que eles, inclusive os meus, são excessivamente reiterativos. Em outras palavras, são protocolos da subordinação feminina." (Maria Valéria Junho Pena)

• "Os estudos sobre mulher não foram incorporados à corrente principal das ciências humanas. Sobrevivemos nas margens, nas franjas. Um indicador seguro do menor prestígio da área é o fato de que a maioria dos pesquisadores sobre mulheres são mulheres. A crescente especialização nas ciências sociais por si só não explica essa espécie de **apartheid** onde nos instalamos. Temos nos movido num espaço auto-referido e segregado". (Albertina de Oliveira Costa).

• "Não se trata mais de reivindicar o estatuto de estudos 'específicos', mas sim integrar às ciências sociais como um todo as contribuições de nossos estudos. Até agora, o que se estudou sobre o homem referia-se à condição humana e o que se estuda sobre a mulher é visto como feminino. É preciso dar à mulher o estatuto de humanidade. Quando se estuda a mulher não é apenas a sua condição 'específica' que está em jogo, mas é a condição humana que está sendo vista com novos olhos" (Cynthia Sarti).

Roberta A. Mele, #17 julho/agosto de 1984, p.16

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

MATRIA AMADA, SALVE SALVE!

Já faz tempo que MULHERIO quer falar de política. Não apenas da política tida como das mulheres, aquela que se faz no quotidiano, na batalha por creches, nas discussões de saúde, no debate das leis discriminatórias. Não apenas contar das parlamentares mulheres ou dos deputados e vereadores que, aqui e acolá, vão propondo mudanças, assumindo as reivindicações femininas.

Queríamos falar da política institucional que está al diariamente na televisão, nos jornais, no rádio. Queríamos saber como algumas mulheres enxergam a sucessão presidencial, seus candidatos e, para isso, pedimos a várias desenhistas que apresentassem sua versão gráfica do tema. E deu para perceber uma coisa: essa história de sucessão não dá tesão em ninguém, além daqueles diretamente envolvidos no assunto.

Agora tem mais: MULHERIO é um jornal sem vínculos partidários. Convivemos com: peemedebistas, petistas, pedetistas, anarquistas e agora até humanistas — estamos nos referindo ao recém-criado Partido Humanista, preocupado em atingir prioritariamente os jovens e as mulheres. Como falar de sucessão, então, sem ferir brios político/partidário/ideológicos? Nossa idéia era publicar o debate, vários ângulos, estimular a polêmica.

E aí pintou um lance interessante. Na medida em que discutíamos com colaboradores, fomos percebendo o quanto havia de figuras maternas nesse jogo. Na ilustração da Roberta aqui do lado, nas histórias do Paulo Maluf e sua mãe, no depoimento da mãe de D. Sylvia Maluf, na imagem que o Mouzar criou para o PMDB, mamãe, na resposta da Verônica, não chora, filhinho...

O que é, no mínimo, curioso. Porque lembra a gente várias análises do pessoal de antropologia que dizem mais ou menos o seguinte: como aqui no Brasil as instituições públicas são fracas e não servem de referência para comportamento de ninguém, o que acaba valendo são figuras saídas do universo familiar. Sobretudo a mãe. Xingar a mãe de alguém é bem mais pesado do que chamar esse alguém de corrupto, oportunista, entreguista ou xenófobo. Agnaldo Timóteo que o diga. (Ethel Leon).

DEPOIS DOS COMERCIAIS: ...A DEMOCRACIA

Emir Sader

"Governar é fazer crer", segundo Maquiavel. E, em plena civilização das imagens, fazer crer é vender imagem, produzir-se bem, maquiar as rugas e o passado, esbanjar confiança, deixar-nos tranquilos. Para Benedito Valladares, o decano dos nossos maquiavéis mineiros, "o que interessa não é o fato, mas a versão". O que é uma forma de abrir o espaço que media entre o que acontece e o que se sabe, e de dar-lhe um nome: **versão**, que hoje é sobretudo **imagem**.

A política sempre foi assunto de políticos, como a cozinha lugar de mulher e a questão social, caso de polícia. A televisão foi consolidando tudo no seu lugar, agora a domicílio, dios de televisão para tranquilas salas de visita ou de jantar, não para o "povo", mas para a "família", célula mater da democracia televisiva. Nunca fazer política foi tão reservado aos profissionais competentes do ramo, governantes de um lado, governados do outro, como convém para que tudo funcione direitinho.

Política na rua ou em estúdio

"A política está para 1984 como a Copa do Mundo esteve para 1982 e a recessão econômica para 1983", diz um dos responsáveis pelos inúmeros e chatíssimos programas de en-

Texto de Ethel Leon e ilustração de Roberta Mele, #19 nov/Dez de 1984, p.3

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

BRASIL MULHER
(1975–1979)

BRASIL MULHER

Dezembro de 1975. Aqui termina o Ano Internacional da Mulher que, embora findo, não deve delimitar o empenho de homens e mulheres em prol da emancipação feminina e a daqueles que se encontram mutilados por qualquer forma de discriminação.

Fogos de artifício e propostas concretamente libertadoras surgiram nas conferências, simpósios, entrevistas, reuniões privadas ou públicas no Brasil e no exterior. A nossa sociedade, saturada pelas contradições que cria, promoveu este Ano com a finalidade de "dar à mulher uma oportunidade" para debater seus problemas, apoiadas por todos os governos — capitalistas ou não. Através de milhares de palavras lançadas diretamente ou através dos meios de comunicação, um grito foi dado: e ao que propõe inclusive uma mudança de mentalidade, juntamos o nosso.

O Brasil Mulher situa-se entre os que assumem a posição atualmente incômoda de discutir, informar, debater idéias e tenta em seu número 1 e último deste Ano Internacional da Mulher, apesar da modésta tiragem de 5.000 exemplares — contribuir para elevar o nível cultural e de informação das mulheres que nos lêem.

Nem sempre teremos, como já nos indicou o número 0, a felicidade de atingir com nosso material editorial, a todas as classes sociais despertando o interesse indiscriminadamente. A tradição da informação dirigida às mulheres é articulada por homens e mulheres para a coisificação feminina como sujeito e como objeto e a esse condicionamento a maioria das leitoras de revistas feminas já se habituou.

No momento em que nos propomos levar avante as próprias palavras do Presidente Echeverria ao abrir a Conferência do México "não há liberdade para a mulher enquanto não houver liberdade para o ser humano", as barreiras aparecem e se agigantam. Os primeiros solavancos se fazem sentir e não nos causam supresas. De outro lado, porém, o número Zero esgotou-se e corre de mão e mão, entre aqueles que se identificam com os nossos propósitos, numa resposta ao nosso editorial Nosso número 1 foi editado apesar das dificulades e se depender apenas de homens e mulheres democratas será editado o número 2.

Desejamos ardorosamente que outras iniciativas se somem à nossa, da mesma maneira como estamos somando iniciativas anteriores, para que o Ano Internacional da Mulher não seja apenas uma data a mais nos calendários comemorativos oficiais, mas que seus propóstisos se estendam até que reinvindicar não se faça mais necessário.

Joana Lopes

Brasil Mulher, abertura, #1 dezembro 1975, p.2

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-2 (Acesso em 01/05/2026)

Os Fatos Estão Aí

Irmã Imeida: Sem amor é estupro!

"Aceitei essa causa, sem cobrar honorários, pela convicção que um casamento sem amor não passa de um estupro" — esta colocação é do frade e advogado Imeida Lima Pontes, da Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria, no Ceará. É o primeiro frade a advogar, funcionando num caso de nulidade de casamento religioso realizado "sem amor", como sustentou em sua defesa junto ao Tribunal Eclesiástico da Arquidiocese de Fortaleza.

Jornal do Advogado", setembro.

Baleeiro diz que AI-5 não cai!

"Não acredito que um dia o presidente da república anuncie ao país que no dia tal, a tantas horas, no preço dos Três Poderes, ao som do Hino Nacional, assinará a revogação do AI-5. Pois se a história ensina que sempre ditadores jamais, espontaneamente e por iniciativa própria pôs termo a uma ditadura, também não se deve logicamente supor que o beneficiário de uma legislação excepcional se disponha a abrir mão dela" — disse Aliomar Baleeiro, ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal, ao "Jornal do Advogado", setembro.

Nossas professoras estão pobres.

Existem no país 491.021 professores de primeiro grau. A maioria delas sofre um drama comum: o salário baixo, sempre atrasado. Em Minas, o pagamento atrasa até dez meses e as professoras, para sobreviver, são obrigadas a vender os cheques que deverão receber, muitas vezes por menos de seu valor. No Norte do país, as professoras rurais recebem até 60 cruzeiros por mês e entre os da Amazônia a situação é ainda pior, recebem até 15 cruzeiros por mês.

Jornal Movimento, 15 de setembro

Você já viu um rico preso?

Na Islândia mulheres param o país.

Pela primeira vez na história do sindicalismo mundial, uma greve geral feminina paralisa um país por 24 horas em protesto contra a discriminação salarial. Foi em Reiquiavique, capital da Islândia, no dia 24 de outubro, onde, pelo mesmo trabalho, a mulher recebe um salário 30% inferior ao do homem.

"Se não bastar uma greve, faremos duas, três, quatro" — advertiu uma líder sindical, mas é provável que isso não seja necessário pois a primeira greve teve efeitos importantes: paralisou os serviços telefônicos, os transportes aéreos e a indústria pesqueira grande fonte de divisas do país.

O Estado de São Paulo, 24 de outubro

Feminismo: A opressão está por baixo de tudo.

Uma mulher que trabalha em casa, em São Paulo, ganha: 30 centavos para arrematar uma blusa, um cruzeiro para amplidhar um milheiro de cartões de Natal, treze cruzeiros para bordar uma dúzia de calcinhas de crianças; dois cruzeiros para armar mil carrinhos de brinquedo. Essas informações foram dadas por algumas operárias, dia oito de novembro, durante os debates promovidos pelo Centro Brasileiro da Mulher, como parte da Semana denominada "Mulheres em Questão".

Avon: Mais creme, menos salário.

Enquanto a AVON — maior rede de cosméticos do mundo — promove a valorização da mulher para lhe vender mais batons e cremes, as queixam os 750 mil funcionários de Roma: "a nenhuma de nós são confiadas cargos de responsabilidade". Elas reivindicam a direção de empresa, igualdade salarial e normativa com as colegas homens, senão paralisarão as vendas.

Folha de São Paulo, 17 de outubro.

Nossas camponesas estão pobres.

Durante os quatro meses que acompanhou essas mulheres (um grupo de 30 trabalhadoras que prestam serviços como volantes na fazenda Aguas Claras, em São Paulo) elas executaram as mais diversas tarefas: inicialmente colheram café. Quando o cafezal acabou e ainda o trabalho por encontrado, elas semearam manualmente arroz e milho. Limparam o café, arroz e milho com enxada e adubaram os pés de café, podaram alguns deles, plantaram e limparam pastos e, em meio a estas tarefas agrícolas, realizaram uma série de serviços ocasionais, tais como: limpar valas de drenagem, após uma forte tempestade, enfiadas na lama até as pernas, carregar tijolos de um caminhão, cerca, valas de escoamento, mal-lenamento que a fazenda possa e preparar o recém traçado estrada para abastecimento. Diante das minhas insistentes perguntas sobre se isso era aquilo era serviço para mulher, deram uma resposta sensata: "a gente não está fazendo??"

Trabalho da professora Verena Martinez-Alier, da Unicamp, apresentado na REUNIÃO NACIONAL SOBRE MÃO DE OBRA VOLANTE NA AGRICULTURA. Extraído do jornal Movimento, 24 de novembro

As geólogas Hilda Reiff Teixeira e Maria Cláudia Cunha, e as químicas Fanya Sambuichi, Maria das Graças Tostes e Rosana Chacaltas, foram barradas na inscrição para um concurso da Petrobras. Diante do protesto das mulheres, a Petrobrás usou o argumento do trabalho insalubre, redigido pela CLT.

Mas a CLT assegura às mulheres o direito de trabalharem, desde que sejam criados sistemas de proteção para a eliminação da insalubridade. E a Constituição é clara quando proíbe a empregador de discriminar o empregado em função do sexo, e quando assegura a igualdade salarial entre homens e mulheres.

Nossas operárias estão pobres.

O QUE SIGNIFICA SER HOJE UMA MULHER PROFISSIONAL NO BRASIL?

Foi para responder esta pergunta que a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) promoveu, uma mesa redonda, dia 22 de outubro, com a participação de uma reitora, uma socióloga, uma procuradora geral, uma jornalista e uma professora universitária. As expositoras concluíram as barreiras enfrentadas pela mulher em sua vida profissional são muito mais decorrência de um processo histórico de opressão do que de uma legislação discriminatória".

O Estado de São Paulo, 24 de outubro

"Ai dos maiores empresas estrangeiras, em todo seu extensão no Brasil, investiram 988,8 milhões de dólares; isso em apenas 10 anos remeteram para o exterior 774,5 milhões de dólares" — disse o deputado Alencar Furtado (MDB-PR), presidente da CPI das Multinacionais.

Jornal Movimento, 24 de novembro

"MS" não é uma sigla, é a nova forma que qualifica a mulher norte-americana e substitui as tradicionais "MISS" (senhorita, mulher solteira) "MISSES" ou "MRS" (para mulher casada). Essa nova fórmula foi criada pelo movimento feminista norte-americano, que pretende acabar com a discriminação que obriga a mulher dos Estados Unidos a declarar seu estado civil praticamente a toda hora, como acontece ainda na Europa e na América Latina.

Folha de São Paulo, 4 de novembro

O Ministro da Educação e Cultura, Nei Braga, recebeu um grupo de atores em Brasília. Na saída, Elke Maravilha deu-lhe um beijo, um tapinha no rosto e fez uma recomendação: "Juízo, viu ministro". Jornal Movimento, 24.11.75.

Economia Brasileira: A CARA...

"Dos 21,7 milhões de crianças até seis anos existentes no país, dez milhões podem ser consideradas carentes, desassistidas ou marginalizadas" — disse o deputado Carlos Santos, relator da CPI do Menor Abandonado.

Às empresas de alimentos, segundo dados revelados agora, terminaram o ano de 1974 entre os mais endividados, em virtude dos reajustes baixos.

Jornal Movimento, 27 de outubro e 24 de novembro

Levantamento do DIEESE, que faz estudos sobre a qualidade de vida e salários para os trabalhadores de São Paulo, revela que o custo de vida para uma família assalariada aumentou 3,13% em setembro. O poder de compra do salário mínimo caiu 16% e agora seu valor real é igual ao do salário de maio de 1974.

"No desemprego, fruto sobretudo, entre nós, pela ausência de assistência médica e educacional, temos a face multiplicadora da criminalidade e da marginalização. Nas classes abastadas não vai além dos 2%, sendo esse percentagem constante internacionalmente." "O problema é otro econômico" — foi o que concluiu o "Jornal do Advogado" nº 17, de outubro, numa entrevista com o Secretário da Justiça de São Paulo. O "Jornal do Advogado" é órgão oficial da Seção Paulista da Ordem dos Advogados do Brasil.

Cerca de 60% das crianças de um a quatro anos, no Nordeste, não desmamam e 30% dos mesmos se queixam de leite materno até os três meses — disse o presidente do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, Reinaldo Kruse.

Oitocentos mil trabalhadores ainda estão ameaçados de perder os empregos em consequência das geadas que destruíram os cafezais do Paraná, em julho.

...E A COROA

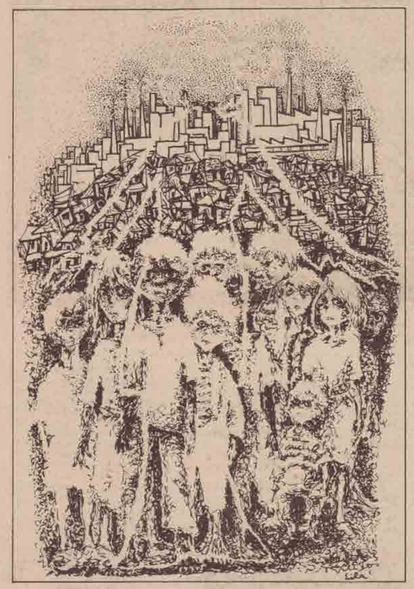
O ex-governador do Estado do Rio, Raimundo Padilha, deverá depor na Assembléia Legislativa para explicar porque nas contas de seu governo há uma diferença de Cr$ 124 milhões entre o que foi gasto e o que estava previsto no orçamento. Seu filho, Raimundinho Padilha, gastou Cr$ 800 mil sem prestar contas.

Brasil Mulher, #1 dezembro 1975, p.5

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-2 (Acesso em 01/05/2026)

EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Crianças Burras...



ENTREVISTA CONCEDIDA POR ANA MARIA POPPOVIC AO BRASIL MULHER

"Sendo a escola primária uma das instituições mais pobres do país, nela está, paradoxalmente, uma das nossas maiores fontes de desperdício econômico, em virtude dos altos índices de evasão escolar.Em vários Estados Da Federação, as taxas de deserção, no ensino primario, alcançam 99% da matrícula inicial". Folha de São Paulo, 21/3/73.

"Segundo dados do Ministério da Educação e Cultura, apenas 500 mil entre os 18 milhões de crianças brasileiras de 3 a 6 anos de idade, ou seja, 4,2%, são assistidos pela rede de ensino pré-escolar". Folha de São Paulo, 4/9/74.

Ana Maria Poppovic, Doutora em Psicologia Clínica em a Tese "Problemas Psiconeurológicos da Aprendizagem da Leitura e da Escrita", lecionou 14 anos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Foi diretora da Clínica Psicológica da referida Universidade, onde supervisionou estágios de formação profissional, e desde 1971 coordena uma equipe de pesquisadores da Fundação Carlos Chagas.

Através do seu trabalho com crianças que apresentavam deficiências na leitura e na escrita, percebeu que tais deficiências, na realidade, tinham causas bem mais amplas do que disfunções psico-neurológicas. Ocorriam com maior frequência principalmente,"diante de carências sociais, tais como: falta de alimentação e estimulação ambiental adequadas.

Começo.

"Toda uma população de crianças provenientes de famílias econômica e culturalmente desfavorecidas não está preparada para o nível de aproveitamento que a escola vai exigir delas", diz Ana Maria. Colocando uma criança com esses antecedentes em confronto com outra da classe média, verifica-se que a primeira carece, desde o nascimento, de alimentação adequada e variedade de estímulos e experiências. A segunda é levada a conhecer lugares diferentes, comunica-se com pessoas que a atendem e respondem, é corrigida quando erra no uso da linguagem ou dos raciocínios, é solicitada a planejar certas atividades, recebe incentivos variados para exercitar-se nas faculdades de ordenar, catalogar, classificar e assim por diante, o que significa uma série de apoios, exigências e inter-relacionamentos benéficos."

O tratamento recebido nessa primeira infância — de zero a quatro anos — terá peso determinante no desenvolvimento posterior da criança e mesmo do adolescente. Segundo os estudiosos Hebb, Piaget e Bloom, a importância das primeiras estruturas sensório-motoras, desenvolvidas entre zero e dois anos de idade, têm relevante papel na formação da inteligência. Cinquenta por cento do desenvolvimento de um adolescente de 17 anos, ocorrem no período entre zero e quatro anos de idade; 30 por cento, entre os quatro e os oito anos Apenas os 20 por cento restantes dependem dos estímulos recebidos depois dos oito anos.

Quando se fala em termos de realidade brasileira, o estudo do problema da marginalização cultural e social torna-se positivamente mais crucial. Grande parte da população é abrangida por condições econômicas altamente deficientes. Além disso, segundo dados do Ministério da Educação e Cultura, apenas 500 mil entre os 12 milhões de crianças brasileiras de 3 a 6 anos — 4,2 por cento — recebem atendimento da rede de ensino pré-escolar.

Classes

Em alguns dos países chamados industrializados, inúmeros programas educativos objetivam dar às crianças socialmente desfavorecidas as experiências e estímulos que necessitam para uma evolução adequada. No Brasil, entretanto, a escola é tradicionalmente projetada com base nas características psicológicas e culturais dos filhos da classe média e alta. O fato se coloca como grave obstáculo à aprendizagem das "crianças marginalizadas", tanto as provenientes das "cordões-de-miséria" que se formam ao redor das grandes cidades, como da área rural. Ao iniciarem sua aventura escolar encontram-se, em geral, muito aquém do ponto considerado pela escola como normal e comum a uma determinada faixa etária.

O que Ana Maria propõe o fornecimento, às "crianças marginalizadas", dos elementos necessários para o desenvolvimento de sua potencialidade natural antes do momento em que ela entra na escola, ou seja: antes que sua capacidade de aprendizagem sofra processos de deterioração e estagnação. De uma amostra colhida entre crianças de 4 a 6 anos que frequentam parques infantis no município , evidenciou-se grande disparidade entre as crianças de famílias de classe média e as de nível sócio-econômico baixo.

Verificou-se, de maneira geral, uma defasagem de dois anos entre a capacidade de realização das crianças dos dois grupos. As diferenças de desempenho aumentam com a passagem dos anos, segundo foi comprovado pela pesquisa, aparecendo o fenômeno de deficit cumulativo, que aumenta à medida em que a criança avança num sistema escolar, no qual ingressou sem estar devidamente preparada". O despreparo justifica os altos índices de repetência assinalados na primeira série do primeiro grau. Em vários Estados brasileiros, o índice de deserção assoma a 99 por cento do número de matriculadas, o que leva algumas fontes a declararem que a escola primária é uma das maiores fontes de desperdício econômico, em virtude dos altos índices de evasão. A pesquisa destinou-se a fornecer subsídios para um currículo de intervenção, que tomasse em conta" as maiores fragilidades e as áreas problemáticas das crianças de nível sócio-econômico baixo, bem como de suas famílias.

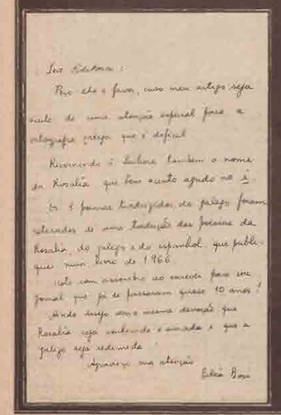
Além do conhecimento do grau de capacitação e do volume de informações das crianças, o trabalho exigiu um levantamento amplo das suas condições de vida familiar. O currículo, entretanto, está em fase de elaboração para ser aplicado em parques infantis, dentro da estrutura de funcionamento que já possuem. Segundo Ana Maria, pensa-se, paralelamente, numa avaliação sistemática dos resultados obtidos após a implantação experimental, com o objetivo de verificar os benefícios que podem acarretar em nível de aproveitamento escolar do primeiro grau de ensino".

Lila Figueiredo, Brasil Mulher, #1 dezembro 1975, 14

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-2 (Acesso em 01/05/2026)

ARTE/ COMUNICAÇÃO

ROSALÍA REVIVE



Ergue-te, minha amiga
que já cantam os
galos do dia!
Ergue-te, minha amada
porque o vento
muge como uma vaca.

Esta é a canção com que Garcia Lorca quis acordar Rosalía, poeta da Galiza, e a própria terra galega do sono da morte em que seu idioma e sua cultura foram condenados pelo regime franquista.

O Que o Brasil Deve À Galiza

Os galegos não chamam sua terra de pátria, mas de mátria.

Mãe de nosso idioma, a Galiza foi a mãe de nossa primeira poesia, a trovadoresca.

A Catedral de Santiago de Compostela, sua capital, foi a meta das romarias medievais, e os peregrinos que se guiavam pelas estrelas chamavam a Via Láctea de Caminha de Santiago.

Seu idioma, proibido e condenado até agora (1), é o mesmo dos trovadores, dos cantares de amor e cantares de amigo.

Sua paisagem é aquela descrita nos cancioneiros, em Dom Diniz, com verdes pinos, ribeiros, pastores, estorninhos nos avelanais:

Ay, estorniño do avelanal
quando cantades vós, maiʼ eu,
e peno, e dʼamores ei mal

A Galiza é a mais antiga civilização neolatina da península ibérica. Basta que se enterrem as mãos nessa terra maternal para que se toque o granito, a rocha céltica, as vozes de uma raça antiga: daqueles celtas que buscaram as ilhas do Mar Tenebroso. Daí, sua saudosa condição de Finisterrae.

Tudo nela está próximo de Portugal: língua, costumes, raça, afinidades.

Minha avó brincava de saltar o Minho de margem a margem gritando:

— Estou em Portugal! — Estou na Galiza!

"Non, non pode ser qu' o Miño
nada em terra galician
sapare do nossa chan
o chan dʼun povo veciño
e, máis que veciño, hirmán".

Tudo na Galiza anseia por Portugal, e rezam suas moças: "Señor, dadme pan, paz y un portugueseño".

A miséria despovoa seus campos, expulsa os galegos dos lares, cobre as mulheres de luto e suas crianças, órfãs de pais vivos, eram punidas com pancadas nas escolas quando falavam seu idioma.

Seu maior poeta é Rosalía de Castro, musa dos aprimidos e humilhados:

Castellanos de Castilla,
tratade ben ós gallegos!
Cando van, van como rosas,
cando van, van como negros.

Premio Dios, castellanos,
castellanos que aborrezo,
qʼantes os gallegos morran
qu'ir a pedirvos sustento.

Galego é Insulto em Português

Galego significa lavrador pobre, emigrante, labrego, maroto, miserável. O dicionário o dá como termo depreciativo.

Galegadas significa expressão grosseira, boçal.

Escritores e críticos, tirai de vossos livros essa expressão de preconceito contra um povo pobre!

Rosalía, A Mulher Galega

A paisagem galega é pontilhada por mulheres de luto que se debruçam das penhas e janelas para o mar, onde seus homens partiram:

Se o mar tivera varandas
foro — te ver no Brasil;
mas o mar não tem varandas,
amor meu, por onde hei d'ir?

Rosalía, descrita por Juan Ramon Jimenez como uma trágica "negra de roupa e pena", assumiu a condição oprimida de seu povo.

A vida, morte e ressurreição de Rosalía lembram a própria história da Galiza.

Seu registro de nascimento, assentado em Santiago de Compostela, declara-a filha de pais ignorados.

Órfã de pais vivos, só na adolescência é entregue à verdadeira mãe, Dona Teresa de Castro y Abadía, dama da aristocracia rural de cuja casa foi banida Rosalía ao nascer.

Aos oito anos, já escreve versos.

Sua aguda sensibilidade social, sua sede de justiça a identificam com o antigo reino de Galiza, hoje província pobre e marginalizada que a Espanha anexou à força.

A orfandade de Galiza, órfã de mãe viva, inspira seus livros: Cantares Gallegos, Follas Novas, En las orillas del Sar.

Suas composições podem ser cantadas, fluem para a música e o Cancioneiro da Ajuda transcreve versos rosalianos como se fossem tradição popular galaico-portuguesa. Que destino feliz para um poeta!

3 Poemas de Rosalía

I

Foi o Páscoa seca,
choveu em São João,
à Galiza o fame
logo chegará.

Com melancolia
olham para o mar
os que noutras terras
têm que buscar pão.

II

Teci sozinha o meu linho,
semesi só minha horta
e só, vou por lenha ao monte,
e só, vejo-a arder no lar.
Nem na fonte, nem no prado,
assim morra com meu fardo,
ele não há de vir-me arguer
nem na terra me deitar.
Que tristeza! O vento zoa,
canto o grilo o seu compasso...
Ferve a panela... meu caldo
sozinha o hei de cear
Calo, rólo, os teus arrulhos
ânsias de morrer me dão.

Calo o grito, que se cantas
sinto negra solidão.
Meu companheiro perdeu-se,
ninguém sabe aonde vai ...
Andorinha que passaste
com ele as andas do mar,
andorinha, vai, vai,
vem dizer-me onde ele está.

III

Não cuidarei das rosais
que ela deixou, nem pombos;
que eles sequem como eu seco,
que eles morram como eu morro.

NR. — Estes poemas pertencem ao livro Poesias de Rosalía de Castro, Editora Nós, que Ecléa Bosi traduziu em 1966 de galego antigo e do espanhol.

NR — (1) No dia 17 de outubro, o governo espanhol assinou decreto autorizando todos os dialetos que estavam proibidos — a Espanha desde o término da Guerra Civil. Agora, galegos, bascos, catalães e valencianos, que constituem a terça parte do povo espanhol, poderão usar legalmente seus dialetos em escolas e qualquer meio de difusão.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher, #1 dezembro 1975, 15

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-2 (Acesso em 01/05/2026)

EXPEDIENTE

BRASIL MULHER

Diretora Responsável — Lais Orsb

Conselho Editorial e Pesquisa:

Joana Lopes
Edezina de Lima Oliveira
Rosane de Lourdes Silva
Ethel V. Kosminski
Rose Mary Souza Serra
Therezinha Godoy Zerbini
Marina D'Andréa

Editora: Joana Lopes
Redatoras: Equipe Brasil Mulher
Repórter Especial: Marina D'Andréa
Ilustração: Lila Figueiredo
Arte: Equipe Brasil Mulher
Fotografia: Chico de Rezende

Esta publicação é propriedade da **Sociedade Brasil Mulher**

Endereço — Av. Inglaterra, 665. Londrina — Paraná.
Caixa Postal 1411 — CEP 86.100 Londrina — Paraná, em nome da Jornal Brasil Mulher

Composto e impresso nas oficinas da PAT — Publicações e Assistência Técnica Ltda. — R. Dr. Virgilio de Carvalho Pinto, 412 — Fone: 81-7461 — S. Paulo.

Expediente, Brasil Mulher, #1 dezembro 1975, p.13

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-2 (Acesso em 01/05/2026)

EXPEDIENTE

Conselho Editorial

Edezina de Lima Oliveira
Ethel V.
Joana Lopes
Lais Oreb
Lila Figueiredo
Marina D'Andréa
Rosane de Lourdes Silva
Rose Mary Souza Serra
Therezinha Godoy Zerbini

DIRETORA RESPONSÁVEL
Lais Oreb

EDITORA
Joana Lopes

EQUIPE DE REDAÇÃO
Branca Therezinha Ferrari
Elizabeth Lorenzotti
Giulia Di Vizia
Marina D'Andréa
Setsuko Hanazaki
Vassiliki Constantinidon

COLABORADORAS
Beatriz do Valle Bargieri
Magaly Abdo
Rosane de Lourdes Silva
Therezinha Zerbini
Clementina de Lurdes Teixeira Martins
Amelinha de Almeida Teles
Maria Masue Hanazaki
Marcelo de Hollanda
Maria de Lurdes Leite

Esta publicação é de propriedade da Sociedade Brasil Mulher. Av. Inglaterra 655 - Caixa Postal 1411 Londrina PR **Tiragem 5.000 exemplares.**

Serviços de arte, composição e impressão **Editora Tibagi Ltda.** Avenida Tiradentes, 1.280 - Fone: 23-1230 Londrina - Paraná

Regina Toledo

ILUSTRAÇÃO
Lila Figueiredo

FOTOGRAFIA
Chico de Rezende

CARTAZES E PUBLICIDADE
José Roberto D'Andréa
Manoel Motta da Silva

Correspondente -
Paris, Linda Bulik

A reprodução do material contido em Brasil Mulher é permitido segundo autorização do Conselho Editorial.

Expediente, Brasil Mulher, #2 1976, p.2

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-4 (Acesso em 01/05/2026)

BRASIL MULHER

O Brasil está pouco a pouco, timidamente, entrando para o grupo dos países onde o feminismo - Movimento de Libertação da Mulher - se afirma e se organiza. A nossa atual circunstância e o nosso estágio de compreensão com relação ao feminismo, exige que compreendendo a opressão, a partir de suas próprias relações com a sociedade, e motivadas para levar esta compreensão a outras mulheres, a mulher brasileira o faça sem temores, questionando para esclarecer que ser feminista é ser participante: é ir além das simples obrigações e direitos de cidadã conformada com alguns favores legais. É entender que a cadeia sem quebra de elos que há séculos oprime a mulher dos pés à cabeça poderá ser quebrada. É sobretudo não negar que a opressão existe ainda que contribua para sua atenuação os bens materiais, um status garantido na sociedade e até mesmo uma profissão liberal.

Cada mulher que se recuse à compreender e aceitar a verdade é uma inimiga de todas as mulheres que fazem dupla jornada de trabalho, que trabalham com os filhos pendurados nas cadeiras, que sofrem discriminação salarial, que recebem "cantada" a que muitas vezes são obrigadas aceitar diante da insegurança de perder o ganho para sua sobrevivência.

E é preciso que partamos sabendo que poucas de nós estão preparadas, que é preciso aprender muito estudando e discutindo, com mulheres e homens, para destruir com nossa ação os condicionamentos e as estruturas que se formaram à nossa volta como muros de pedra.

Os crimes contra as mulheres, e outros setores marginalizados da sociedade, são cometidos diariamente em países desenvolvidos ou não. Se tivermos em mãos a estatística geral de todos os marginalizados veremos que essas "minorias" não são minorias e sim a maioria. Portanto, a verdadeira minoria, aquela que nos submete a situações desumanas, tem muito a ganhar com nossa marginalização. Os movimentos de Libertação da Mulher existem para unir as mulheres e fazê-las participantes. Eles existem para alargar os estreitos limites das leis atuais forçando o Estado constituído de forma masculina (editorial nº 0) a ouvir a mulher se disponha , ou não.

Para as mulheres brasileiras tornarem-se feministas não é tarefa fácil, principalmente porque não temos tido uma experiência de vida aberta e democrática o que dificulta, mas não torna impossível, a participação da mulher na discussão de seus problemas. Torna-se difícil, também, porque não vive-se numa determinada sociedade sem assimilar, mesmo que inconscientemente, as suas formas, principalmente quando essa mesma sociedade cuida para que sejamos reflexos exatos de si mesma.

Temos constatado na curta caminhada do Brasil Mulher, de outubro do ano de 1975 até maio de 76, não apenas passividade na mulher brasileira como também conivência com a opressão. Apenas uma minoria está preparada ou relativamente preparada, atualmente, para exigir os direitos decretados na Carta das Nações Unidas. Continuaremos assim, anti-democráticas com todos, conosco e com nossas filhas, ou vamos nos unir e realizarmos a experiência democrática que é o Movimento de Libertação da Mulher? A cada mulher cabe responder. O Brasil Mulher, por seu lado, continuará questionando.

Apresentação, Brasil Mulher, #2 1976, p.2

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-4 (Acesso em 01/05/2026)

Anistia não é perdão: é um direito

"Tiradentes condenado e executado
por ter lutado pela liberdade de sua pátria
é hoje um herói do Brasil".

O que é a Anistia? Qual a sua utilidade, suas implicações na vida do país e dos cidadãos brasileiros? Quem a concede? Quando foi aplicada? Brasil Mulher entrevistou advogados, sociólogos e historiadores procurando responder a estas questões e dar uma visão geral da importância da Anistia, ampla e irrestrita a todos aqueles que foram cassados, exilados, ou estão presos.

"Não se trata de perdão, mas de esquecimento"

Idibal Pivetta, advogado, define a Anistia como esquecimento geral dos fatos delituosos atribuídos a uma pessoa, frisando não se tratar, portanto, de perdão.

A Anistia ocorre quando se dá por não verificados fatos delituosos ou catalogados como tal e por inexistente a culpa atribuída a tais fatos. Não é como no caso do Indulto, um perdão em si, mas esquecimento total e completo dos fatos e ações que são apagados e, em consequência, não constam mais da vida de quem é atingido pela anistia"

"A anistia, geralmente, é dada em função de uma conciliação política, de uma tentativa de se encontrar um caminho de paz. As vêzes, acontece devido à mudança de sistemas políticos ou regimes; às vêzes, para comemorar certas datas históricas ou em função da conduta dos elementos que teriam praticado os atos tidos como delituosos, no caso, os crimes políticos. Porém, crime político é uma coisa muito vaga. Nenhum grande criminalista o definiu ainda. Como diz Carrara, a pessoa hoje condenada por um crime político, amanhã poderá ser transformada num herói nacional. É o caso de Tiradentes, condenado e executado por ter lutado pela liberdade de sua pátria, que hoje é um herói do Brasil".

"A anistia, em termos jurídicos amplos, ao alcance de todos, é apagar tudo aquilo que é atribuído a uma pessoa, que praticou determinados atos em defesa de seus ideais. Através de uma lei, se concede anistia para todos os que praticaram tais atos, que são apagados de seu prontuário, voltando a pessoa novamente a ser um cidadão em pleno gozo de seus direitos e apta a tomar todas as atitudes em defesa de seus ideais".

"É preciso destacar bem que anistia não é indulto. Indulto é um ato de misericórdia, de perdão, a critério apenas do alto magistrado da nação, é um ato de benemerência. Anistia, porém, é um ato de conhecimento, praticado com consciência, pelo qual os fatos ditos criminosos ou praticados pela pessoa em defesa de seus ideais e não em busca de interesses pessoais, mas do bem coletivo, no entender daquela pessoa, são relevados e esquecidos por quem está, naquele dado momento, no poder".

"Anistia é um problema de luta, de direito, de justiça, de necessidade"

"A questão da Anistia é uma questão muitas vezes de inteligência e ao mesmo tempo uma questão de pressão", diz Edgar Carone, historiador situando o problema no contexto histórico brasileiro. "O Estado Novo, diz ele, foi um Estado ditatorial, imposto ao Brasil em 1937.

Em 1938, o Estado Novo exilou várias personalidades políticas como Armando Sales de Oliveira, Julio de Mesquita Filho, Paulo Duarte e outros. Ao lado dos representantes das classes dominantes, de pessoas ligadas ao governo até 1937, encontravam-se no exílio, por causa da revolta de 1935, muitos líderes operários, líderes da Aliança Nacional Libertadora, líderes comunistas. Pela primeira vez na história do Brasil, um governo central adotava o método de pôr para fora do país os seus opositores. Ele não perdoava seus inimigos, excluindo-os pela prisão ou pelo exílio"

"A segunda guerra, porém, levou esse governo a reformular em certo sentido sua posição: levou-o a tentar uma colaboração mais ampla para o esforço de guerra. De outro lado, a luta contra o nazismo fez com que as pessoas se esforçassem para levar o Brasil a se alinhar ao lado dos EUA, da Inglaterra e Rússia contra a Alemanha, a Itália, o Japão. Assim, a existência de uma pressão externa, a guerra, aliada a uma necessidade interna, esforço de união nacional, fez com que houvesse uma concentração, muitas vezes não desejada, porque o governo Getúlio Vargas ainda não aceitava a colaboração de pessoas com tendências diversas, isto é, os democratas e os comunistas. Diante dos acontecimentos do momento, porém, o governo, é obrigado a aceitá-la porque os democratas defendiam os ideais dos EUA e os comunistas, os da Rússia que estava sendo esmagada e invadida pela Alemanha nazista"

"A guerra, pois, foi o fator que levou o governo a aceitar a colaboração mais ampla, embora excluindo ainda os considerados inimigos que permaneciam no exterior ou nas prisões. Entre 1942 e 1944, os fatos vão obrigando o governo a recuar cada vez mais neste sentido. Ele não só estava perdendo boa parte de seus colaboradores, que deixavam de apoiá-lo, como também, os elementos que estavam excluídos, através de sua ação de união nacional, forçando o governo a aceitar sua colaboração, imprescindível naquele momento. Mas, a colaboração desses grupos significava que o governo teria de ceder em alguma coisa. Ceder em quê? Perdoar as pessoas excluídas do sistema político, quer dizer, dar a elas o direito de participação e, assim, anistiá-las"

"O Movimento pela Anistia começa no momento em que o governo ditatorial de Getúlio Vargas ainda tem força: em 1942, 1943, 1944. Este movimento não toma extensão porque há uma série de problemas mais prementes, mas ele é debatido, levantado, exigido em todos os momentos em que é necessário se levantar a questão. Quando em fevereiro de 1945, o governo é obrigado a fazer uma abertura democrática, com o ato adicional nº 9, isto é, quando lhe resultue a liberdade de imprensa e permite e marca a futura eleição, que sairia em 3 de dezembro de 1945, o movimento pela anistia cresce e toma proporções incalculáveis. **Pela primeira vez na História do Brasil a anistia passou de um tema restrito a um tema de massa. Todas as camadas da população, desde as classes mais ricas, ligadas à industria, comércio e agricultura, até as camadas mais pobres do operariado se organizaram de uma maneira consciente; formaram uma frente comum que resultou no que foi denominado "a Campanha pela Anistia". Esta campanha, naquele momento, março-abril de 1945, teve seu ponto alto na Semana da Anistia. Nesta semana, organizada por pessoas de todas as camadas da população e de todas as tendências, fizeram-se comícios em todo o Brasil exigindo o retorno dos exilados e a libertação dos presos políticos. Em abril, o governo é levado a ceder e surge o decreto sobre a Anistia**".

"Dessa maneira, o problema da anistia é um problema de Justiça porque, se nas épocas radicais o grupo vencedor é obrigado a tomar medidas drásticas, na época em que essa radicalização deixa de ter sentido é justo que o problema da anistia surja como necessidade e não como um favor. Quem entendeu isso muito bem foi o Duque de Caxias que, apesar de ter vencido todas as rebeliões de seu tempo, concedeu imediatamente a anistia aos vencidos, porque o problema não é vencer, é compreender e superar os problemas ou as questões".

"A anistia nos dias de hoje é fundamental, apesar de certos grupos mais duros serem contra ela. Existem atualmente, fora do país, ou na Europa, ou nas Américas, milhares de pessoas que não dispõem de condições de vida e que foram obrigadas a fugir ou por medo, ou por outra razão qualquer. Estas pessoas devem ter os mesmos direitos dos que estão no Brasil. A anistia, hoje, significaria, então, um direito e não um favor. Direito porque todos os brasileiros, e a própria Constituição o diz, são iguais. Não é justo que um castigo baseado em pressão seja de que tipo for, seja imposta como lei. A anistia é portanto, como o foi em 1945, um problema de luta, de direito, de justiça e de necessidade".

O MOVIMENTO FEMININO PELA ANISTIA

BRASIL MULHER: Qual sua visão no quadro político nacional para a Campanha da Anistia? Qual a perspectiva?

THEREZINHA GODOY ZERBINE: A nossa perspectiva é a mais promissora porque sabemos perfeitamente que a ANISTIA é uma questão fundamental dentro de qualquer projeto consequente de abertura democrática. O objetivo da Campanha Pela ANISTIA é trabalhar pela volta do Estado de Direito: Nós sabemos, também que a luta pela ANISTIA não é luta somente de mulheres e sim uma **luta de todo o povo brasileiro**.

BM: Quais as entidades que já se manifestaram a favor do Movimento Feminino Pela Anistia? :

TGZ: Destacamos as seguintes: a moção de apoio e solidariedade dada pela Câmara Municipal de Campos de Jordão, moção esta aprovada por unanimidade tanto pela Arena como pelo MDB. Essa moção é fato pioneiro e único em todo o país.

O segundo apoio foi da CNBB - Conselho Nacional dos Bispos do Brasil, através do padre Hilário Mazarotto. O terceiro apoio veio em resposta de uma solicitação nossa à ABI - Associação Brasileira de Imprensa.

Pedimos também a Ordem dos Advogados do Brasil, Secção São Paulo apoio e solidariedade ao MFPA, fundamentando nosso pedido em que, sendo a ANISTIA um Instituto do Direito e já fazendo parte do histórico do Direito de nossa terra; nos dirigíamos, sem constrangimento, a OAB.

Acrescento ainda que no dia 30 de abril, o MFPA foi convidado a participar da "Semana de Lutas Democráticas" organizada pelo estudantes da Universidade de São Paulo. Nessa ocasião, o MFPA colocou a posição de colaborar para o restabelecimento da concórdia através da ANISTIA. Nossa posição foi de encontro aos anseios da juventude universitária e eles deliberaram apoiar a incrementação da coleta de assinatura ao Manifesto da Mulher Brasileira pela Anistia.

BM: O MFPA tem algum pedido específico a fazer?

TGZ: Sim. Queiras pessoas continuem a pedir assinaturas em apoio ao nosso manifesto. Pretendemos voltar novamente à Brasília, nos primeiros dias de agosto com essas assinaturas e reiterar os pedidos já feitos às lideranças do Senado, da Câmara e a Presidência da República.

O decreto-lei concedendo ANISTIA, abaixo transcrito, teve grande importância por ter sido uma conquista do povo brasileiro, que exerceu pressão para que o presidente Getúlio Vargas outorgasse a ANISTIA, uma vez que o Congresso havia sido fechado.

A partir de 1946 todas as leis passaram a ser elaboradas pelo Congresso e sancionadas ou não pelo presidente da República.

A partir de 1964, novamente a outorga da ANISTIA, cabe tão somente ao presidente da República, não sendo mais de competência do Congresso Nacional a elaboração de projeto de lei visando a liberdade dos presos políticos, a volta dos exilados e a possibilidade de participação política aos cassados e aposentados por força dos atos de exceção.

DECRETO-LEI DE 18 DE ABRIL DE 1945 CONCEDENDO ANISTIA TOTAL AOS EXILADOS E PRESOS POLITICOS DO BRASIL:

Art. 1º - É concedida anistia a todos quantos tenham cometido crimes políticos desde 16 de julho de 1934 até a data da publicação deste Decreto-lei.

§ 1º - Não se compreendem nesta anistia os crimes comuns não conexos com os políticos, nem os praticados, em tempo de guerra, contra a segurança do Estado e definidos no Decreto-Lei nº 4.766 de 1 de outubro de 1942.

§ 2º - Considerem-se conexos para os efeitos deste artigo os crimes comuns praticados com fins políticos e que tenham sido julgados pelo Tribunal de Segurança Nacional.

Art. 2º - A reversão dos militares, beneficiados por esta lei, aos seus postos, ficará dependente de parecer de uma ou mais comissões militares, de nomeação do Presidente da República.

Art. 3º - Os funcionários civis poderão ser aproveitados nos mesmos cargos semelhantes, à medida que ocorrerem vagas e mediante revisão oportuna de cada caso, procedida por uma ou mais comissões especiais de nomeação da Presidente República.

Art. 4º - Em nenhuma hipótese terão os beneficiados por este decreto-lei direito aos vencimentos atrasados ou suas diferenças, e bem assim a qualquer indenização

Art. 5º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Lila FIgueiredo, Brasil Mulher, #2 1976, p.3

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-4 (Acesso em 01/05/2026)

Os Fatos Estão Aí

Pânico entre os imortais

A Academia Brasileira de Letras discute novamente um dos seus temas mais controvertidos - a entrada de mulheres - que vem dividindo os imortais desde os primeiros tempos. A proposta foi apresentada à Academia pelo escritor Osvaldo Orico no dia 30 de abril e representa a terceira tentativa do acadêmico nos últimos trinta anos. Segundo ele, as propostas anteriores "perderam-se nos descaminhos burocráticos da Academia.

O presidente da ABL, Austregésilo de Athaide, é dos que combatem com mais intransigência a entrada de escritoras na Academia, por considerar que a presença feminina em Academias de Letras no Brasil "tora desastrosa" - e citou como exemplo as "fujiscas" da escritora Edwiges Sá Pereira primeira brasileira a entrar para uma Academia, que provocaram a entrada de um cisco social para a Academia Pernambucana de Letras.

Barbosa Lima Sobrinho é outro IMORTAL que tem parecer firmado sobre o problema. Considera perigosa a apresentação de candidaturas femininas, por serem "homens velhos" os 40 membros da Academia. Para refrescar a memória, Barbosa Lima, intelectual de tradição liberal foi candidato a vice- presidente da República pelo MDB, junto com Ulisses Guimarães, nas últimas eleições indiretas.

(O ESTADO de S. Paulo)

●

Embora realizado a 7 de março de 1976, não podemos aqui deixar de dar destaque ao Tribunal Internacional de Crimes contra a Mulher, realizado em Bruxelas. Na ocasião, a palavra foi dada a quem a quisesse usar. O que se ouviu foram denúncias de crimes de opressão a exploração cometidos pelos homens tanto pelos que convivem com as mulheres no seu cotidiano ou seja, namorados, amigos, maridos, os médicos, juristas, comerciantes, patrões, como pelos que detém o poder e governam. Dizem eles leis injustas, fazem-nas cumprir exigem punem, condenam à prisão e em último caso à morte.

Ana Buompadre, psicóloga mexicana, faz uma proposta concreta: Que a mulher exija, através de uma campanha internacional, a faculdade de exercer o direito de propriedade sobre o seu próprio corpo, de modo que não tenha de pedir autorização a nenhuma instância para decidir o que fará em caso de gravidez, ficando à sua inteira disposição o direito de a levar a termo ou de a interromper.

Se obtivermos qualquer coisa desse tipo - e vamos obtê-la se unirmos numa luta autêntica, pelos nossos direitos - poder-se-á impedir que a mulher seja manipulada por campanhas governamentais dirigidas pelos homens que as transformam em objetos passivos, da sua capacidade criadora. Não há muito tempo, foi a política do Governo nazista que decretou que a mulher devia ter todas as crianças que pudesse para fornecer soldados ao Estado. Hoje, nos países ocidentais, pede-se às mulheres que moderem ao máximo a sua capacidade de procriar. Num caso ou no outro, não é portanto ela que decide.

Simone de Beauvoir publicou, no nº 590 do Nouvel Observateur, uma apresentação do Tribunal de Bruxelas, da qual transcrevemos alguns trechos:

(...) Não é por acaso que este tribunal tem lugar após o encerramento do irrisório ano da mulher, organizado pela sociedade masculina, para mistificar as mulheres. As feministas reunidas em Bruxelas, contrariamente ao que se passou no México, entendem ser elas próprias a tomar nas mãos o seu destino. E enquanto as mulheres que vão se exprimir, não - como naquele caso - enquanto mandatadas por nações, grupos políticos ou econômicos. De fato, qualquer que sejam os regimes, as leis, o ambiente social, todas as mulheres suportam uma opressão específica. Encontram-se em Bruxelas para a denunciar. E com razão que a declaram criminosa. Efetivamente sob forma institucionalizada ou não, conduz a verdadeiros atentados contra a pessoa humana.

Para concluir esta lista, as mulheres, já, há muito tempo, que se agruparam em numerosos países. Mas, separadas pelas distâncias, Mancheias que publica também, a opinião do teatrólogo Nelson Rodrigues, nada surpreso com os dados divulgados pelos americanos. - "Antes do resultado da pesquisa americana e 40 anos antes do Paraíso as mulheres já gostavam de apanhar. Nem todas, porém, só as normais. As neuróticas reagem. O homem brasileiro não dês que methode da humanidade: se esforça por dissimular.

Em si mesmo, o Tribunal de Bruxelas é um ato. Pela solidariedade internacional que vai criar entre as mulheres, anuncia muitas outras. E pela amplitude que dará ao processo de descolonização da mulher, penso que é preciso considerá-lo como um grande acontecimento histórico.

(Mulher Modas e Bordados) (Iboa)

O que a mulher faz na publicidade ou a publicidade faz da mulher

A mulher está comprovadamente presente em quase todos os anúncios publicitários, incluindo revistas, jornais, TV e cartazes. A imagem que dela se oferece, porém, não corresponde à crescente importância feminina em todos os setores, desde a participação no trabalho produtivo até as tarefas domésticas e de educação dos filhos.

Esta foi a conclusão a que chegou recentemente o professor Rubens da Costa Santos, da Faculdade de Economia e Administração da USP após análise e estudo de 620 anúncios, publicados em cinco grandes revistas de circulação nacional.

Aqui, o resultado da pesquisa, em dados mais concretos:

Dos anúncios analisados, 10% tratavam a mulher como objeto sexual; em 30% dos casos, a mulher participou da mensagem como elemento decorativo do produto, enquanto 20% destacaram a mulher como a dona de casa e mãe; finalmente apenas 10% dos anúncios mostraram a mulher desempenhando uma função profissional. (Jornal da Tarde).

Porque os maridos batem nas mulheres?

A juíza americana Stewart Oneglia, especialista no assunto, deu uma entrevista à revista Mancheias que publica também, a opinião do teatrólogo Nelson Rodrigues, nada surpreso com os dados divulgados pelos americanos. - "Antes do resultado da pesquisa americana e 40 anos antes do Paraíso as mulheres já gostavam de apanhar. Nem todas, porém, só as normais. As neuróticas reagem. O homem brasileiro não dês que methode da humanidade: se esforça por dissimular. Conclui-se que o teatrólogo brasileiro está mal informado.

●

Boal, um caso sui-generis

O teatrólogo Augusto Boal, há longo tempo em Buenos Aires, teve negada a revalidação de seu passaporte pelas autoridades brasileiras. O chanceler Azeredo da Silveira, ministro das Relações Exteriores, justificou a medida alegando que Boal teria cometido, no exterior, crimes contra a segurança nacional.

No ofício enviado ao Tribunal Federal de recursos, o ministro enumera uma série de notícias divulgadas pela imprensa argentina que, a seu ver, comprovam ter Augusto Boal cometido crime contra a Lei de Segurança Nacional, através de pregação contra o governo brasileiro naquele país. (O Estado de S. Paulo).

Segundo o advogado de Boal, Idibal Almeida Pivetta, tais recortes, porém, eram críticos sobre livros e peças do teatrólogo, publicados e assinados por jornalistas argentinos, como ficou provado - afirma - no Tribunal Federal de Recursos, junto ao qual Boal impetrou mandado de segurança contra a medida que o atingiu.

O caso do Boal é sui-generis, afirma Idibal Pivetta. Não se pode encarar como um caso comum. Processado em 1970 na 2ª Auditoria, foi absolvido. Depois esse processo, de nº 35/70 foi julgado novamente, por força da lei, no Superior Tribunal Militar onde foi absolvido por unanimidade. Contra Boal, portanto, não há nenhum processo pendente, um das alegações dadas pelo chanceler Silveira, - a principal - para não lhe dar o passaporte. O que restou, então, como "indício", foi um punhado de recortes de jornais argentinos, que, de acordo com o que já decidiram dois ministros do Tribunal Federal de Recursos, foram considerados sem valor.

●

Operários depõem no Dops gaúcho

Os Associados do Sindicato dos Condutores de Veículos e Trabalhadores em Transportes Urbanos de Passageiros foram chamados ao DOPS antes da realização de assembléia que discutiria a proposta salarial dos empregadores. Este fato foi confirmado na Assembléia Legislativa gaúcha pelo vice-líder da bancada da ARENA Guido Moesch. (6/5/76).

A denúncia havia sido feita pelo deputado Pedro Simon, presidente regional do MDB, que acrescentou: "No Brasil, temos um sistema original: a classe patronal tem o mais absoluto direito de defender seus interesses, os sindicatos dos trabalhadores, não".

●

Mal crônico: fome e desnutrição

– O deputado Celso Barros do MDB - Piauí, denunciou na Câmara "a carência de alimentos no Nordeste, que vai se agravando a cada dia, de tal modo, que a maior parte de sua população não apenas se alimenta mal, mas passa duras privações chegando mesmo ao estado deplorável de inanição". O deputado disse ainda que no Piauí "chegam diariamente aos hospitais mal aparelhados do Estado, pessoas sofrendo do mal crônico que ali se propaga: "a fome". O parlamentar concluiu afirmando que no Brasil, 77 milhões de pessoas - mais de 70% da população - vivem à margem dos padrões mínimos e humanamente admissíveis de alimentação. (O Estado de S. Paulo).

– Pesquisas e estudos realizados pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas junto às populações dos conjuntos habitacionais do Rio de Janeiro, e pelo Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, nos Estados de Minas Gerais Espírito Santo Rio de Janeiro e outros, mostraram um quadro triste do nível de alimentação da população brasileira. O padrão de consumo alimentar das populações urbana e rural do Brasil é insuficiente e inadequado em qualidade e quantidade. Grande parcela da população ingere menos de 1.500 calorias em alimentos por dia, quando o mínimo necessário seria de 3 mil calorias. Os fatores que limitam a melhor alimentação são o baixo nível da renda, e o pequeno número de pessoas economicamente inativas nas famílias. Os técnicos reconhecem ainda que o PIB não beneficiou a população no que se refere à melhor alimentação e destacam que a desnutrição, atualmente, manifesta-se com a mesma intensidade nos grandes centros urbanos como nas zonas rurais. (O Estado de S. Paulo).

●

Só em S. Paulo 1.800 mortes

Em janeiro deste ano a mortalidade infantil em S. Paulo atingiu seu record dos últimos tempos: 1800 crianças morreram antes de completar um ano de vida, o que dá um coeficiente de 104,35 mortes em cada mil nascidos vivos.

As causas apontadas como determinantes de tal elevação foram a queda do valor real do salário mínimo, a falta de saneamento básico somada as enchentes que atingiram vários bairros da cidade e as precárias condições nutricionais em que vive grande parte da população. (O Estado de S. Paulo).

Lila FIgueiredo, Brasil Mulher, #2 1976, p.5

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-4 (Acesso em 01/05/2026)

Expediente

Conselho Editorial
Joana Lopes
Lais Oreb
Lila Figueiredo
Marina D'Andréa
Rosana de Lourdes Silva
Rose Mary Souza Serra
Therezinha Godoy Zerbine
Diretora Responsável
Lais Oreb
Editora
Joana Lopes
Equipe de Redação
Branca Therezinha Ferrari
Elizabeth Lorenzotti
Giulia Di Vizia
Marina D' Andrea
Setsuko Hanazaki
Vassiliki Constantinidon
Colaboradores
Beatriz do Valle Bargieri
Maria de Lourdes Leite
Maria Cecilia Pires de Sá
Maria José de Azevedo
Tania
Pesquisa
Rosane de Lourdes Silva
Ilustração
Lila Figueiredo
Fotografia
Chico Rezende
Arte
João Esteves e Ana Farto
Paris - correspondente Linda Bulik. Esta publicação é de propriedade da Sociedade Brasil Mulher Sede e redação - Av. Inglaterra 655 - Caixa Postal 1411 Londrina-Pr Tiragem 5.000 exemplares.

A reprodução das matérias contidas em Brasil Mulher será permitida mediante autorizaçao prèvia do Conselho Editorial

Serviços de arte, composição e impressão **Editora Tibagi Ltda.**
Av. Tiradentes, 1.280 - Fone: 23-1230 - Londrina - Paraná.

BRASIL MULHER

Lugar de mulher é em casa. Este conceito, fruto da divisão social do trabalho anterior à industrialização, sofreria um abalo profundo com o desenvolvimento tecnológico. Entretanto, a mulher continuou fazendo o serviço doméstico. Na verdade, a administração do lar e a socialização dos filhos é usada para especificar uma função "digna" na sociedade, quando as perspectivas econômicas fecham as possibilidades de oferecer emprego a toda mão-de-obra existente no mercado.

A função feminina fora do lar começa a crescer justamente quando o desenvolvimento industrial passa a exigir mão-de-obra em grande escala. (Paul Singer, "Força de trabalho e emprego no Brasil" - Cadernos CEBRAP).

No Brasil, essa participação se faz sentir mais intensamente a partir de 1950, quando a abertura de um grande número de indústrias provoca o desenvolvimento dos grandes centros, e a consequente procura de mão-de-obra que se concentrava no campo.

Quando novamente o mercado fecha as perspectivas de emprego, revelando-se incapaz de absorver a oferta, cai a taxa de ocupação feminina. É claro que o desenvolvimento significa um fator decisivo para aumentar a participação da mulher na produção, mas esse crescimento foi proporcional ao aumento das ofertas de trabalho trazidas pelo progresso. Tomada em suas reais dimensões, essa participaçao apenas aumentou ligeiramente em relação à expansão constante do mercado.

O trabalho feminino, entretanto, não pode ser ligado exclusivamente a fatores econômicos. O próprio papel da mulher no meio social, ligado ao "núcleo familiar", condicionou sua participação aos serviços domésticos. Sua posição permitiu, quando muito, o ingresso em empregos chamados "tipicamente femininos".

Assim, a maior parte das mulheres que trabalham fora de casa é encontrada em serviços domésticos ou, quando é exigida maior escolaridade, elas estão entre as professoras, enfermeiras, comerciárias e em serviço de escritório. Na indústria, ela é escolhida para o setor têxtil, lembrança de suas atividades manufatureiras exercidas em casa. Isto quer dizer que sua participação se dá, frequentemente, em atividades ligadas à família, em tarefas destinadas a produzir diretamente os artigos de consumo essenciais à manutenção da casa.

Para muitas mulheres, o grande emprego é o casamento. Ser dona de casa ainda representa "subir na vida", não ter problemas econômicos, enfim, não precisar trabalhar na luta pelo ganha-pão, onde a concorrência com o homem é bem grande. Essa atitude se reflete em sua conduta no trabalho: a mulher não briga por salários melhores, posições melhores, não reivindica, não briga pelos seus direitos. Mas a partir do momento em que esta situação está se aclarando para um número crescente de mulheres em todo o mundo, elas estão se reunindo para, em grupos, analisarem sua situação na sociedade de classe e tomarem medidas que provoquem sua participaçao criativa. Desta tomada de posição e dos questionamentos que possa provocar, não teremos pela frente um longo tempo a enfrentar para que soluções sejam postas em prática. Nao é mais possível minimizar a atuação e a participação das mulheres, principalmente nos paises chamados de Terceiro Mundo, onde a carência a que estão submetidas suas populações necessita, para ser superada, da intervenção das mulheres, seja no campo das relações de trabalho, seja na organização politica.

Brasil Mulher, expediente + apresentação, #3 1976, p.2

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-5 (Acesso em 01/05/2026)

Os fatos estão aí

Vancouver: discussão sobre Assentamentos Humanos

Realizou-se em Vancouver, no Canadá, no mês de junho, a HABITAT - Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos. A reunião foi uma tentativa de busca de soluções para os problemas de assentamentos humanos, ou seja, problemas ligados à superpopulação, à poluição nas grandes cidades, à deficiência de habitações, à falta de tecnologias apropriadas em cada país, crescimento desordenado das cidades, deterioração do nível de qualidade de vida em certas partes do mundo.

Participaram da reunião, além dos dois mil delegados das representações oficiais dos países participantes, cerca de três mil participantes do Forum Habitat – conferência não oficial que se realizou paralelamente à da ONU. Os membros desse segundo grupo foram constituído por intelectuais e cientistas de todo o mundo formando o "Simpósio de Vancouver" para pressionar as delegações oficiais a adotarem resoluções mais adequadas à solução dos problemas levantados. O arquiteto mexicano, Eduardo Terrazas, membro desse grupo afirmou: "os países do terceiro mundo devem tomar muito cuidado ainda em Vancouver, durante a Habitat, pode ser lançada a pedra fundamental de um novo e rendoso tipo de indústria, a indústria da ajuda. Nela os fabricantes seriam os países altamente industrializados e os clientes seriam os países em desenvolvimento como o Brasil".

O arquiteto assinalou ainda o perigo para os países subdesenvolvidos de que os países desenvolvidos se convençam de que são especialistas em soluções para o terceiro mundo acarretando com isso, futuramente, uma invasão de tais "especialistas", particularmente na América Latina, gente que na verdade não conhece nada dos problemas dessa área. Para Terrazas, o tratamento dado ao problema dos assentamentos humanos é paternalista. "Estamos apenas vendo como podemos dar a mais gente, mais casas, mais energia, mais alimentos mais tudo. Eu acho que devíamos nos preocupar é em ver o que está impedindo essa gente de ter acesso aqueles benefícios. Partir para a descoberta desses impedimentos é uma nova maneira de ver os problemas. E muito menos conservadora, porque se retirarmos os impedimentos, as pessoas, por si só, vão buscar as melhorias que querem e da maneira como querem para melhorar o seu arbítrio". Para ele o problema essencial dos assentamentos humanos está nas zonas rurais. O grande desafio é a urbanização do urbano, isto é, criar estruturas de pequenos locais rurais onde as pessoas possam ter todos os benefícios que um centro urbano pode ter.

Ele considera o urbano e o rural como "maneira de ser" dizendo que a "sociedade tremendamente industrial está sufocando há mais de um século o conceito rural, até o converter em algo altamente indesejável. Esta aversão foi o resultado inevitável do modo industrial de produzir, que requer concentração. O urbano pois é o estilo de vida da sociedade de consumo".

Sobre a América Latina, especificamente, os documentos técnicos e comunicados apresentados durante a reunião foram unânimes em apresentar a região como uma das áreas mais críticas do mundo em termos de baixa qualidade de vida, nível precário das habitações, baixa qualidade dos serviços urbanos e da assistência médica, além da deterioração rápida das cidades. Uma das informações apresentadas foi a de que a totalidade das populações latino-americanas, no seu conjunto, vive em apenas 0,40 por cento das terras disponíveis; o acúmulo de gente num pequeno espaço produz, inevitavelmente, uma quantidade enorme de consequências negativas como a marginalidade, a tensão e epidemias. A epidemia de meningite que atingiu São Paulo, no ano passado, foi apontada por técnicos da Organização Mundial da Saúde como uma consequência da concentração urbana desordenada, da falta de condições sanitárias e outros problemas.

As concentrações das populações nas grandes cidades latino-americanas estão relacionadas a vários fatores, entre os quais ao movimento migratório interno das áreas rurais para as cidades que, combinado à má qualidade de vida em geral, assume um aspecto muito grave.

Durante a reunião, as delegações oficiais do Terceiro Mundo apresentaram um documento político lembrando três aspectos básicos: a) o reconhecimento do direito de cada país de controlar os investimentos estrangeiros, especialmente as atividades das empresas multinacionais a que atuam em seus territórios; b) a soberania de decidir sobre desarmamento nuclear; c) transferências dos recursos dos países do terceiro Mundo para melhorar as condições de vida de suas populações; d) condenação a todo tipo de racismo e discriminação de acordo com as resoluções da ONU sobre o assunto.

Escritoras Imortais?

O recente do artigo 17, do regimento interno da Academia Brasileira de Letras, que impede o ingresso de mulheres na casa, acrá pedido pelo escritor Genolino Amado. Amado é da opinião que, atualmente, há muitas escritoras que poderiam ser "imortais", entre elas: Dinah Silveira de Queiroz, Raquel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector. Amado também lembrou que quando a ABL foi fundada em 1897, a posição da mulher dificultava sua projeção na vida intelectual. "Assim era de se compreender que apenas os homens entrassem para a academia, mas hoje isso já não é mais possível, pois elas ocupam até chefias de governos" (O Est. S. Paulo).

Festival Internacional. E o Nacional?

A respeito do II Festival Internacional de Teatro, promovido pela empresária Ruth Escobar, as críticas e os elogios foram muitos. Plínio Marcos não concorda com um festival que tem até financiamento do governo – pois segundo ele – é esse mesmo governo que mantém engavetadas cerca de 450 peças de autores nacionais, inclusive as premiadas pelo Serviço Nacional de Teatro. Para Leilah Assumpção nos também temos boas peças. "Somos um país jovem, com mais sangue. Condições não nos faltam: temos autores, diretores, atores e se a censura deixasse, poderíamos virar a mesa". (JT).

O que é preciso para ser uma potência?

Segundo Oliveiros Ferreira, editor chefe do jornal O Estado de São Paulo, para se realizar o projeto do BRASIL-POTÊNCIA, a questão crucial é o efetivo militar brasileiro. "Em 1970, nosso poder militar era zero. hoje 150 mil homens compõem as três armas. Destes, quantos são profissionais? Os fuzileiros e os para-quedistas, apenas. Nesse compasso, não se pode fazer a guerra e, se não há condições para intervir e isto é o que define uma potência, então não se é uma potência".

Outra dúvida de Oliveiros: por que o Brasil não assumiu o papel de potência apesar de ter população, PNB, território, consumo de energia e de aço? Através de algumas considerações chegou ao que considera fundamentais as relações entre a sociedade civil e Estado. "Todo começou aproximadamente há dez anos, quando me preocupei com um fenômeno muito curioso: porque uma série de movimentos políticos de 1945 para cá não arregimentou a massa? O único movimento de manifestação de rua (só a morte de Getúlio Vargas em 1954. E isso me fez pensar que o Brasil não se organiza não se mobiliza: assim foi na questão do petróleo, no janismo, na derrubada da ditadura do Estado Novo. Mas, uma vez atingido o objetivo imediato, todos voltam para suas casas" (Revista Banas)

Morreu Hermilo Borba Filho

"Há um ano, Hermilo Borba Filho participava do Conselho Editorial do nosso jornal. Desde então, já tinha precário o seu estado de saúde. Mas esse fato o ingresso de mulheres na casa, acrá pedido pelo escritor Genolino Amado. Amado é da opinião que, atualmente, há muitas escritoras que poderiam ser "imortais", entre elas: Dinah Silveira de Queiroz, Raquel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector. Amadoo também lembrou que quando a ABL foi fundada em 1897, a posição da mulher dificultava sua projeção na vida intelectual. "Assim era de se compreender que apenas os homens entrassem para a academia, mas hoje isso já não é mais possível, pois elas ocupam até chefias de governos" (O Est. S. Paulo).

ABC das eleições

Os bispos do Ceará começaram a distribuir em todas as igrejas do Estado o manual "ABC das eleições" destinado a esclarecer os católicos sobre o voto das eleições de novembro. A política destaca o manual - é também um serviço cristão e um serviço fraterno indispensável. É necessário que o povo de Deus pense sobre vários assuntos: seca, enchentes, e tantos outros. Não será bom fazer o mesmo com as eleições? O povo diz que o analfabeto é cego de espírito porque depende dos outros até mesmo para fazer um bilhete. Se nós aprendermos o alfabeto das eleições, não votaremos às cegas e não escolheremos os nossos candidatos no escuro". Ao citar o artigo 302 da lei eleitoral, o livreto também adverte: "curral é para bicho bruto. Com gente é diferente. Patrão não pode obrigar a votar nesse ou naquele candidato. A mesma coisa é o político oferecer comida de graça ou transporte coletivo pelo voto do eleitor. (Est. de S. Paulo).

Consciência Tranquila

No mês de junho foi criado o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) de 1 bilhão de dólares, única consequência da Conferência Mundial Sobre Alimentos, promovida em 1974 pela FAO. Em torno da questão, as agências internacionais de notícias e departamentos especializados em relações públicas fizeram enorme alarde, pois para quem dá o dinheiro é sempre interessante que todos saibam os objetivos do programa em desenvolvimento do que esperar- os resultados práticos para dizer alguma coisa. Esta atitude tem o dom de aplacar as consciências, porém conforme esclarece o artigo publicado no O Estado de São Paulo, assinado por NM, "a exaltação paternalista da ajuda concorre para manter encobertas pelo menos duas verdades inquietantes para a paz de consciência dos países ricos: 1- Os países pobres não são faraônicos por incapacidade, determinismo ou fatalidade - 2- A fome atual não é o resultado de suposta insuficiência na capacidade mundial de produção de alimentos, que seria superada num estágio mais avançado do desenvolvimento global, quando o volume da riqueza mundial, medido em termos absolutos, for duas, dez, ou duzentas vezes maior que o atual".

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #3 1976, p.4

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-5 (Acesso em 01/05/2026)

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #3 1976, p.6-7

PERSEU ABRAMO, p.36

Um por todos - Todos por um?

... "porque a liberdade e a dignidade não são negociáveis"

(Sidney Hook)

ATO INSTITUCIONAL Nº 2

Art. 15 - No interesse de preservar e consolidar a Revolução, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional e sem as limitações previstas na Constituição, poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de dez (10) anos e cassar mandatos legislativos federais, estaduais e municipais.

ATO INSTITUCIONAL Nº 2

Art. 14 - Ficam suspensas as garantias constitucionais ou legais de vitaliciedade, inamovibilidade e estabilidade, bem como a de exercício em funções por tempo certo.
Parágrafo único - Ouvido o Conselho de Segurança Nacional, os titulares dessas garantias poderão ser demitidos, removidos ou dispensados, ou ainda, com os vencimentos e as vantagens proporcionais ao tempo de serviço, postos em disponibilidade, aposentados, transferidos para a reserva ou reformados, desde que demonstrem incompatibilidade com os objetivos da Revolução.
Art. 16 - A suspensão de direitos políticos, com base neste Ato e no art. 10 e seu parágrafo único do Ato Institucional de 9 de abril de 1964, além do disposto no art. 337 do Código Eleitoral e no art. 6º da Lei Orgânica dos Partidos Políticos, acarreta simultaneamente: **I** - a cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função; **II** - a suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais; **III** - a proibição de atividade ou manifestação sobre assunto de natureza política; **IV** - a aplicação, quando necessária à preservação da ordem política e social, das seguintes medidas de segurança: **a)** liberdade vigiada; **b)** proibição de frequentar determinados lugares; **c)** domicílio determinado.

Trezentos e cinquenta e quatro pessoas perderam seus direitos políticos; 170 parlamentares tiveram seus mandatos políticos cassados de 1964 a 1976; milhares de presos políticos, de exilados, de pessoas aposentadas compulsoriamente, foi o resultado de mais de uma década de vigência de atos de exceção que atingiram indiscriminadamente homens e mulheres. Entre os atingidos encontram-se desde ex-presidentes da República, como Juscelino Kubitschek, entre outros, a parlamentares, militares, cientistas e intelectuais como Mario Shemberg, Darci Ribeiro, Vinicius de Morais entre tantos, funcionários públicos, professores, estudantes, operários, lavradores. Estas pessoas, injustificadamente ou por divergirem de orientações econômicas, políticas, sociais e culturais determinadas pelo novo poder, foram alijadas de qualquer participação na vida nacional. Simultaneamente, associações e entidades de classe foram fechadas ou sofreram intervenção como o caso de muitos sindicatos e órgãos estudantis, foram abolidos direitos como o de greve, e estabelecidos a censura e o desrespeito aos direitos individuais. Essas medidas tiveram muitas razões. Como afirmam Paulo Pontes e Chico Buarque de Holanda no livro "Gota D'água", "o autoritarismo foi condição necessária à implantação de um modelo de organização social antipopular". Nesse quadro, assume importância essencial a conquista do direito à liberdade de opinião, de manifestação, de associação, de informar e ser informado. A anistia seria um passo à frente no reconhecimento desses direitos à medida que "apaga um fato punível, abole as perseguições e revoga as condenações". Desta forma, só se justificaria uma anistia ampla e irrestrita que atingisse a todos os punidos pelas medidas de exceção decorrentes dos atos institucionais, lei de segurança nacional e outros decretos-leis. A anistia, hoje, vem sendo discutida de forma polêmica inclusive pela Ordem dos Advogados do Brasil. BRASIL MULHER entrevistou o advogado Jose Carlos Dias, conselheiro da OAB - Seção de São Paulo onde se vem discutindo o assunto e foi aprovada uma manifestação de apoio a anistia com restrições.

BRASIL MULHER - Se em 1964 vigorava uma constituição com normas que garantiam a segurança do Estado, por que teria o governo recorrido a uma série de atos de exceção?
JOSÉ CARLOS DIAS - Em 1964 vigorava no Brasil uma constituição democrática, promulgada em 1946, depois da queda da ditadura de Vargas e fortemente influenciada pela crescente e triunfante democracia em todo o mundo após a vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial. A constituição de 1946 perdurava em 1964 e tinha o instituto do estado de sítio que permitia a adoção de medidas extraordinárias de proteção à segurança do Estado em caso de convulsão interna e em outras hipóteses que fizeram necessária a pronta e enérgica atuação do Estado. No entanto ela, em todo o seu contexto, era uma constituição rigorosamente democrática. Daí a razão porque, após o movimento de 1964, foram baixados atos institucionais que permitiram ao poder que triunfou a adoção de medidas extraordinárias, colocando os atos acima da Constituição e até a promulgação de uma nova Constituição em 1967 e, finalmente, a emenda constitucional nº 1 de 1969, na qual é resolvido especificamente o poder dos atos institucionais como um poder que está acima da própria Constituição.

BM - Quais foram as consequências da aplicação de tais atos para os brasileiros e para os que passaram a representar oposição ao regime?
JCD - As consequências foram muitas: parlamentares tiveram seus mandatos cassados; em determinado momento foi dissolvido o Congresso; foram dissolvidos os partidos políticos; e, dentre as medidas aplicadas contra particulares se incluem a suspensão dos direitos políticos, possibilitou também a promulgação de decretos-leis, entre os quais o da Lei de Segurança Nacional, que alterou profundamente a orientação do Estado no tratamento dos chamados crimes políticos, inclusive, a adoção da pena de morte para casos excepcionais.

BM - Poderia definir que tipo de pessoas foram atingidas por tais medidas?
JCD - A partir de políticos, pessoas acusadas de ter malbaratado dinheiros públicos, os chamados criminosos políticos, e os que faziam uma oposição considerada contestatória ao regime e que assim foram afastadas do cenário político nacional.

BM - Que papel e importância assume a anistia no quadro atual do Brasil?
JCD - O instituto da anistia que tradicionalmente vem sendo adotado no direito brasileiro, no curso de toda a história do Brasil, é o instituto que tem no seu cerne o objetivo da reconciliação em benefício da união nacional. O instituto da anistia se aplica, por sua natureza especificamente aos chamados crimes políticos, podendo ter uma amplidão um pouco maior. Objetiva beneficiar aqueles que foram atingidos por medidas de exceção ou aqueles que, em determinado instante, foram considerados rebeldes ao poder constituído ou poder imposto, dependendo do momento histórico, e que por isso foram punidos. A anistia hoje defendida por vários setores da opinião pública e que vem sendo objeto de debates dentro da Ordem dos Advogados do Brasil, especialmente na Seção de São Paulo que em breve divulgará um comunicado a respeito, não tem ultrajante sentido de perdão, mas tem um sentido de esquecimento. Não se impõe, também, o reconhecimento de que foi um ato justo praticado porque ela não precisa trazer no seu bojo um "mea culpa" por parte do poder. Ela objetiva começar tudo de novo e isto é necessário em prol dos interesses nacionais. Ela, concedida, demonstrará, por parte do poder anistiante, um profundo respeito aos direitos humanos. Portanto, no momento em que a Ordem dos Advogados do Brasil debate e aprova, como já está aprovada a sua manifestação em prol da adoção da anistia, o órgão está pleiteando a aplicação de um instituto jurídico que visa nesse momento difícil em que vivemos, garantir a todos os brasileiros uma procura de paz e de concórdia. Porém, contra o pronunciamento de muitos conselheiros, que defendiam uma manifestação por parte da Ordem em favor da anistia ampla e irrestrita, a Seção de São Paulo decidiu manifestar-se favoravelmente à anistia com certas restrições. Dentro de alguns dias já estará redigida e aprovada a nota que representa o pensamento oficial dos advogados paulistas sobre a questão.

BM - Quantas pessoas seriam beneficiadas pela anistia se ela fosse decretada nesse momento?
JCD - Não posso dizer exatamente quantas pessoas foram atingidas por atos de exceção. Veja bem, a Lei de Segurança Nacional é uma lei que foi posta em vigor sem o amplo debate do Congresso Nacional. Assim, embora não sendo um ato institucional, hierarquicamente é inferior a um decreto-lei; ela é decorrente de um estado de fato e não de direito. É difícil, portanto, dizer o número de pessoas que seriam beneficiadas pela anistia, ou por terem sido punidas pela Lei de Segurança Nacional, ou atingidas pelos atos discricionários do governo. Também é difícil porque, se um dia o governo vier a aplicar a anistia, não se sabe que extensão dará a ela: incluirá todos os presos políticos ou se restringirá apenas a alguns? Incluirá os que tiveram seus direitos políticos suspensos, os cassados, os que tiveram seus bens confiscados? É difícil prever.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #3 1976, p.14

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-5 (Acesso em 01/05/2026)

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #3 1976, p.14

PERSEU ABRAMO, p.39

Desenvolvimento Marginal

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #4 1976, p.5

PERSEU ABRAMO,p.40

"De 1934 a 1969, a USP manteve inteira liberdade de expressão de idéias e pensamentos. As diversas correntes podiam se encontrar num nível elevado. Nesse ano, houve a explosão dos estudantes e a cassação dos professores. Infelizmente, a partir daí, a universidade perdeu muito, e hoje é uma **instituição apática.** Criou-se uma atmosfera em que não é permitida nenhuma contestação. E não pode haver espírito universitário, onde não há completa liberdade de expressão...."

Simon Matias, professor de História da Ciência da USP.

A SBPC PEDE A VOLTA DOS NOSSOS PROFESSORES

Mais de 3000 pessoas aplaudiram, de pé, na 28ª reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada recentemente em Brasília, a moção que propôs a reintegração, nas universidades, dos professores afastados com base no AI-5. A proposta, formulada pela Associação Nacional dos Cientistas Sociais, reivindicada, também, a eliminação da triagem policial realizada nas universidades, muitas vezes abertamente, através de **atestados ideológicos:** a anulação do Decreto-Lei nº 477, no que diz respeito às punições de alunos, professores, e funcionários das universidades; e a anistia para todos os que por ele foram atingidos.

A moção, apresentada pelo professor Carlos Guilherme Mota, da USP, foi aclamada entusiasticamente e aprovada por unanimidade pelos participantes da assembléia que a ampliaram, reclamando também uma anistia geral em favor de todos os presos políticos e cassados. A assembléia aplaudiu o Movimento Feminino pela Anistia, que solicitou à SBPC adesão à luta pela anistia geral: "para a unificação do país" e pelas liberdades democráticas, afirmando "não conceber a condução de uma economia dissociada do aspecto social", salientando que "só um processo democrático poderia evitar a degringolada que vem aí pela frente".

Onde estão nossos professores?

A maioria dos professores foi atingica pelo AI-5 (13.12.68), cujos nomes foram constando de listões sucessivos, a exemplo do publicado em 25 de abril de 1969 , em que figuravam, entre outros, nomes como o de Florestan Fernandes,Fernando Henrique Cardoso,etc. Segundo alguns professores, os incluídos nas listas muitas vezes nem tinham emprego em universidade - "há um êrro técnico de direito, ao aposentar-se uma pessoa de uma função que ela não exercia, de um emprego que ela não tinha". A precariedade das informações com base nas quais a Presidência tomou essas informações não faz sentido , acrescentaram. "É um absurdo dentro do absurdo os atos de exceção".

Em circunstâncias normais, prosseguem, a pessoa atingida impetraria um mandado de segurança e ganharia, certamente. Porém, como a medida foi tomada com base no AI–5, o qual não é possível de apreciação pelo poder Judiciário, nenhum remédio existe.

O professor aposentado não pode ser admitido em funções públicas, quaisquer que sejam. Por isso, alguns trabalham em pesquisa para empresas privadas, outros fundaram sua própria empresa de pesquisa, como é o caso do CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), alguns foram para o exterior, ou abandonaram o ensino. A maioria está afastada. A reintegração desses professores? "Só poderia ser compreendida no contexto de uma anistia".

Um mestre não se improvisa

Segundo o professor Carlos Guilherme Mota, a questão da reintegração dos professores aposentados surgiu, na SBPC, como tem surgido em outras oportunidades - a partir da época das aposentadorias compulsórias - na linha das antigas aspirações, não apenas universitárias. "Veja o consumo popular de livros e artigos de muitos de nossos principais cientistas sociais. São tiragens significativas, valendo como voto à autoridade dos mestres".

"Atualmente, porém, o problema tem se agravado - continua o professor Mota - pois estamos verificando a existência de uma crise na montagem dos cursos de pós-graduação, gerada pela falta de mestres qualificados, fato que há vários anos vem preocupando a SBPC. Um mestre não se improvisa nem em 4 nem em 10 anos. Para a coordenação de cursos de excelência, só mestres excelentes".

Quando a comunidade acadêmica brasileira - relembra Carlos Motavio aliados de seus quadros discípulos de Anisio Teixeira, Roger Batista, Fernando Azevedo, entendeu que estava sendo afastada a geração do "meio", ou seja, aqueles como Florestan Fernandes, Cossa Pinto e outros que constituíam um elo crítico no nosso processo cultural. A partir daí, verificamos que frequentemente recorremos a doutores estrangeiros, com muito menor qualificação, que possuindo títulos nos Estados Unidos, surgiram após as aposentadorias.

Enquanto isso, revela o professor Mota, muitos de nossos melhores mestres lecionam e fornecem seus trabalhos para universidades como a de Nova York, Yale, Sorbonne ou, até mesmo, fazendo estudos para orgãos governamentais no Brasil. A contradição, acrescenta, é que vivemos essa conjuntura crítica de falta de mestres no mesmo movimento em que o próprio governo federal está preocupado com os cursos de pós-graduação, dos quais exige alta qualidade. Em consequência, estamos sendo obrigados a importar **Brasilianist**s, menos qualificados que, segundo opinião recente de Michel Debrun, fizeram muito menos pelos estudos da realidade nacional do que teriam conseguido os pesquisadores brasileiros, se não tivessem sido marginalizados.

"Se Celso Furtado, Florestan Fernandes e outros têm seus livros como objeto até de congressos em universidades americanas, por que não pensar agora que o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil? Afinal, não estamos em busca de um modelo brasileiro? Então, nada melhor que brasileiros capacitados para faze-los".

Atestados ideológicos

Uma das reivindicações aprovadas pela assembléia da SBPC é a supressão do atestado ideológico. **Brasil Mulher** ouviu o deputado federal Airton Soares (MDB), autor de projeto de lei regulamentado os mecanismos dessa exigência:

"No Brasil de hoje, o regime ainda se mantém e é o mesmo desde 64. Só que este, caracterizado pelo governo Geisel, se mostra ajustado às atuais circunstâncias, adotando medidas preventivas com relação à organização do povo, uma vez que as medidas repressivas já cumpriram seu papel. Esta política de repressão preventiva se apresenta sob as mais variadas formas. Uma delas, a mais ampla e abrangente, relacionada com o setor da documentação do cidadão, faz cumprir a exigência, pela maioria das escolas e universidades de atestados políticos e ideológicos fornecidos pelos organismos policiais. Ora, esta é uma exigência ilegal, uma discriminação que contraria a Constituição que, mesmo esta - uma Carta outorgada, fundamentada na qual, lamentavelmente fazemos as leis - garante igualdade de condições entre os cidadãos, sejam quais forem as diferenciações de religião, pensamento, ou sexo.

Estamos, pois procurando - através da elaboração de uma lei- evitar os abusos e as arbitrariedades que são cometidas hoje, em função dessa discriminação. Pretendo, neste mês, ter o projeto pronto para apresentá-lo ao Congresso. Será feito de acordo com as normas constitucionais. Consequentemente não será o ideal para ir de encontro aos interesses populares, uma vez que a Constituição atual apresenta todas as premissas que suportam o regime de exceção - isso sem falar do AI-5. Apesar de tudo, acredito que uma regulamentação possa evitar os abusos que estamos verificando a toda hora. Se não podemos ter uma legislação ideal, procuremos ter, pelo menos, uma que evite as perseguições e os transtornos que atualmente se verificam".

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #4 1976, p.3

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-6 (Acesso em 01/05/2026)

Os fatos estão aí

Os "superfuncionários"

"O ministro Arnaldo Prieto, que possui um batalhão de serviçais para sua casa, ao mesmo tempo que fixa uma minguada quantia de 768 cruzeiros mensais como remuneração para o trabalhador brasileiro, não tem condições de cuidar da política trabalhista nacional, porque está gastando na opulência o suor do operário brasileiro". Trecho do discurso do deputado Dalton Canabrava, do MDB, na Assembléia Legislativa de Minas Gerais, depois da denúncia do jornal O Estado de São Paulo sobre os superfuncionários.

O mesmo jornal informa que, em conversa com jornalistas em Brasília, o ministro da Justiça, Armando Falcão explicou seus gastos com a mordomia pouco mais de 12 mil cruzeiros por mês. "Naturalmente - segundo o Estado - não estão aí computadas as despesas de avião, (ele vai religiosamente ao Rio todos os fins de semana) nem ele tocou no assunto." Sobre a denúncia de filmes censurados, projetados nos ministérios, o ministro afirmou: "Em Brasília filmes são projetados sem censura não apenas para o pessoal encarregado dessa tarefa", mas imediatamente acrescentou: "Nunca fui a nenhuma dessas sessões particulares". Em seguida lembrou-se de uma exceção: "No governo Costa e Silva assisti a um filme não censurado e, ao final, o presidente quis saber a opinião dos presentes, todos convidados de alto gabarito". (O Estado de São Paulo).

Bebê devedor.

Depois de considerar a Arena um partido inviável e deputado Paes de Andrade (MDB–CE) disse que ao votar, todos se lembrarão da dívida per capita de 230 dólares do país. "Isto quer dizer que cada brasileiro, ao nascer, já devera Cr$ 2 mil e 50 ao exterior. Não demorará o dia em que a dívida per capita ultrapassará a renda per capital." (Jornal do Brasil).

Você, Valmiro .

Por alugar quartos de sua casa, em Ribeirão Preto, para encontros de casais, Valmiro Pinto Junior, de 82 anos sem emprego, sem renda, poderia ter sido condenado a cinco anos de prisão. Mas o juiz José de Almeida Prado declarou o réu absolvido, alegando: "Por que, Valmiro, você deveria ser condenado a essa pena? Por que você aos 82 anos de idade não e ninguém, não tem casa própria nem qualquer renda, nem sequer recebe pensão, nem filhos e netos ao seu redor tem? Ratifico, tem, sim, uma moça que vive em sua companhia retardada mental. Você, Valmiro, teve o descaramento de alugar quartos para encontro de casais só porque não tem mais condições de trabalhar e não pode fazer mais nada.

"Valmiro, se a vida não lhe tivesse sido madastra; se você, ao chegar nessa idade, fosse rico, você não estaria sendo processadq por alugar quartos; poderia sim, estar sendo processado por corrupção de menores ou por ajudar alguma mocinha a abortar. Valmiro, você é um sujeito altamente perigoso para a sociedade. Você pratica jogo-de-bicho, ao invés de aplicar na Bolsa de Valores ou apostar em corridas de cavalos; você aluga quartos para casais ao invés de arrendar fazenda, vender gado, investir em ações, etc. Você é tão perigoso, que a Polícia foi à sua casa e o apanhou alugando quartos para encontros de casais. Valmiro, a sociedade o quer na cadeia, porque você é perigosíssimo; porque você não venceu na vida; você é pobre e fracassado" (JT).

"In Memorian"

Já existe no Brasil a "Associação de Estudos Plínio Salgado", que será a semente da futura "Fundação Plínio Salgado". A notícia foi comunicada ao jornal "Nossa Folha", de Tietê, na edição de 31.7.76, através de uma carta de dona Carmela Salgado, viúva do chefe do extinto Partido Integralista no Brasil. "Várias reuniões, com a elaboração de atas, foram realizadas em São Paulo, Brasília e Rio, informa o jornal. "Em decorrência desses fatos, e desses contatos, encontra-se em fase final de preparação, os estatutos da A.E.P.S. através do qual é proposto o prosseguimento do papel histórico que o **Integralismo** vem desempenhando no Brasil há cerca de 50 anos e que, com o desaparecimento de seu criador e líder (há cerca de sete meses), mais do que nunca deve mostrar uma coesão interna capaz de levar avante suas idéias, jamais ultrapassadas e sempre presentes."

O Partido Integralista, fundado por Plínio Salgado em outubro de 1932 era, segundo Edgar Carone (A Segunda República - 1930-37) "constituído de três correntes fundamentais e representativas das ideologias européias da época: Nacionalismo, antiliberalismo e anti semitismo". Seus princípios - conforme documento da primeira reunião política do partido (3.1.1933) foram tirados do fascismo italiano.

O Poder das Forças Armadas

"As Forças Armadas decidem. Qualquer iniciativa de alteração da ordem política brasileira só poderá ser tomada pelos militares". A afirmação é do historiador Brazilianist, Thomas Skidmore, ao jornal O Estado de São Paulo. Autor do livro "Brasil de Getúlio a Castelo", o historiador norte-americano veio ao Brasil para lançar seu livro "Preto no Branco" e preparar um estudo a pedido da Fundação Ford. Durante a entrevista concedida ao "Estado", Skidmore falou sobre a História Política Brasileira: "Este não é um governo inteiramente fechado. Registra-se um interesse crescente pela política e pelo passado nacional por parte de uma geração que sucedeu aos protagonistas dos acontecimentos de 1964. Mas, ao mesmo tempo, surgem também as primeiras cassações de parlamentares eleitos por esta nova geração".

Fato histórico

Depois de discorrer sobre o regime presidencialista em extensa entrevista concedida aos repórteres políticos do Rio, o senador Paulo Brossard finalizou afirmando: "Repito que as crises surgem. Evoluem, não encontram solução, terminam se gastando. Mas, de quando em quando surgem crises que ganham excepcional dimensão e envolvem o chefe de Estado. No regime presidencialista se transforma em crise institucional. E, às vezes, acaba em golpe. Isso não é imaginação criadora: é um fato histórico". (JT)

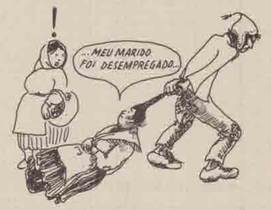
Reivindicação

O jornal "La Vanguardia", da Espanha, anunciou o nascimento da primeira revista feminista que se edita neste país. Na contracapa do primeiro número já é assinalado que a revista é editada para "cobrir o vazio dos meios informativos dedicados à mulher, para romper a alienação da costumeira proteção". O nome da revista é **Reivindicación** pretendendo ser, segundo sua diretora Carmem Alcalde, uma plataforma aberta a todas as mulheres, com exceção das fascistas.

Aparelho masculino

As mulheres italianas estão vivendo uma crise de identidade inclusive o problema do próprio papel que desempenha na sociedade de hoje. Os partidos políticos decidiram assim olhar com incomum consideração a componente feminina. Por isso, abriram as portas às mulheres italianas, uma vez que dos 41 milhões de eleitores, mais de 50 por cento são mulheres. Depois de quase 30 anos, os partidos políticos reabriram suas listas eleitorais a um número consistente de candidatas.

Nas primeiras eleições livres na Itália depois da Guerra foram numerosas as candidatas, entrando diversas mulheres na Câmara dos Deputados. A partir da segunda legislatura republicana as mulheres foram praticamente postas de novo à porta, salvo muito raras exceções. Ao mesmo tempo as mulheres não foram admitidas no vértice das organizações do Partido e desenvolveu-se a tendencia a mantê-las sempre afastadas dos cargos importantes. Nada de mulheres nos níveis de responsabilidade, à testa das federações provinciais e das organizações urbanas, nas direções dos jornais do Partido. Seu papel também no plano político, devia ser sempre subalterno com relação ao do homem. A masculinização do aparelho político era completa. Agora, as mulheres parecem querer contestar a preponderância masculina na gestão do poder. A jornalista feminista, Donata Francescato, diz "Estamos cansadas de ficar de lado. Queremos também estar presentes em todos os níveis também no Parlamento, e não apenas como presença simbólica". (JT)



Maridos Solicitados

Em cada quatro colombianos, pelo menos um costuma surrar sua mulher. Este é o resultado de uma pesquisa realizada pela revista Cromos. Das mil mulheres entrevistadas - de todas as camadas sociais e de diferentes regiões - 350 declararam que já foram vítimas de agressão física por parte de seus maridos. Segundo a revista, o principal motivo é o econômico, representando 30 por cento. A falta de dinheiro e a constante tensão provocada acabam gerando as seguidas surras. Ganhando pouco e trabalhando muito, o homem ao retornar a sua casa agride a sua mulher, mesmo que ela não lhe dê motivos. A revista assinala ainda que o desemprego ocupa o segundo lugar com 25 por cento, seguido pelo alcoolismo e as drogas com 15 por cento.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #4 1976, p.4

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-6 (Acesso em 01/05/2026)

África do Sul: paraíso da demência

Os rodesianos e sul-africanos que acreditam que o uso da força e de medidas repressivas contra os negros resolverão os problemas raciais dos governos de minoria branca no Sul da África estão vivendo num "paraíso de loucos, diz o New York Times em sua edição de dia 12 de agosto. A raiz do problema - declara em seu editorial - é a política degradante da separação racial e da repressão seguida pelos governos de Salisbury e Pretória. O fracasso contínuo na resolução dos problemas raciais no Sul da África "convida à intervenção estrangeira e ameaça a paz mundial, adverte o New York Times. O editorial comenta que para se evitar uma tragédia racial, "a minoria branca deve ser persuadida a mudar as regras enquanto ainda é tempo".

O editorial condena um ataque rodesiano realizado no final da semana anterior contra um acampamento de guerrilheiros negros na vizinha Moçambique, que causou a morte de mais de 300 pessoas.

"Mesmo que o ataque tenha dado o sucesso que os rodesianos proclamaram" - diz o jornal - "não demorará muito para que uma luta armada derrube um governo minoritário ilegal num país onde o número de negros supera o de brancos na proporção de 24 para 1".

Rir, mas pensar

Ovelha Negra, o novo jornal de humor da imprensa alternativa, tem uma ótima apresentação em seu número dois com ilustração de Chico Caruso na capa.

E o jornal dos cartunistas editado em São Paulo por Chico Caruso, Souza Freitas, Geandré, Algy, Luiz Gê e Angeli, com tiragem de 15 mil exemplares.

Ovelha Negra afirma ser o bicentenário da terra de Marlboro, esclarecendo que com essa jogada se igualá aos maiores jornais do mundo e diz que isso não tá nada mal pra um número dois duma revista do mundo número três, bem retratada na página quatro, quando os artistas se debruçam perplexos sobre o alto custo de nossa vida.

Para você receber o jornal em sua casa basta enviar nome, endereço, cidade e estado, não esquecendo do CEP e mais Cr$ 65,00 para a Rua Conselheiro Brotero, 740 - ap. 123 - São Paulo.

Bêbados e Capitalistas

"O homem como indivíduo e em sociedade, é a única razão do desenvolvimento. Por isso é inadmissível que em nome do desenvolvimento, os direitos humanos sejam desrespeitados". Este pensamento fez parte da aula "Democracia, Tecnocracia e Direitos Humanos que o ex-chefe da Casa Civil do governo Paulo Egydio Martins, Luis Arrobas Martins, deu a universitários. Arrobas teve como ponto principal em toda a sua aula, o problema dos direitos humanos:

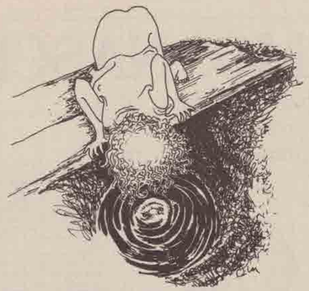
— Mesmo os seres humanos mais miseráveis – os bêbados, os mendigos que esmolam às portas da igreja – têm como pessoa humana a mesma dignidade que o mais capitalista. Os direitos humanos não podem ser suspensos ainda que por intervalo muito curto" (J.T.)

Cada um com seu problema

Françoise Giroud, Secretária de Estado Para a Condição Feminina, reuniu, recentemente, na Fundação Maeght - Saint-Paul de Vince, França, uma comissão de mulheres universitárias, escritoras, pintoras, musicistas e compositoras para debater a criação feminina. Efetivamente, disse a secretária, "por força de problemas urgentes a resolver fomos obrigadas até agora, a discutir apenas sobre creches, salários aposentadorias, pensões etc, e como consequência destes debates, acaba-se por pensar que as mulheres francesas são absolutamente prosaicas. Então, o melhor da vanguarda feminina francesa passou um fim de semana a debater o que fez a mulher na história da humanidade, das artes às ciências e política.

João Bosco e os bóias-frias

Surge um dos melhores discos do ano: Gulos de Briga com João Bosco. As composições são do João, as letras do Aldir Blanc. Cada faixa confirma a excelência da música antiga do moço mineiro. No final o João toca o **"Rancho da Goiabada"** que homenageia os bóias-frias a maior, entre as vergonhas brasileira.



Desenvolvimento Marginal

"O problema todo é consequência das injustiças sociais que são bem acentuadas. A grande maioria daqui é realmente marginal, no sentido de que não tem acesso aos benefícios do desenvolvimento. Quase todo mundo aqui ganha apenas o salário mínimo e enfrenta os tradicionais problemas de falta d'água, de esgotos, de escolas, de transportes coletivos, de assistência médica, etc... "A declaração é do bispo de Nova Iguaçu (R.J.) Dom Adriano Hipólito, ao Jornal da Tarde, que se mostra preocupado com a repetição dos crimes de autoria desconhecida ou do esquadrão da morte. Dom Adriano disse ainda que "muitas pessoas têm mais medo da Polícia do que dos bandidos, pois enquanto esses agem na ilegalidade, os policiais têm à sua disposição metralhadoras, carros com sirene e a certeza da impunidade".

Sindicato interessado

O Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, além de lutar pelas reivindicações da categoria - como a campanha desenvolvida junto às empresas pela antecipação salarial – vem procurando ampliar suas atividades no setor cultural.

Objetivando dar maior divulgação às obras já publicadas de jornalistas profissionais de todo o Estado, o sindicato promoverá de 10 de setembro a 11 de outubro, em sua sede na rua Rego Freitas, 530 sobreloja, a Feira do Jornalista Escritor, em colaboração com a União Brasileira dos Escritores e Câmara Brasileira do Livro.

Na ocasião serão realizadas três exposições: uma com as obras de jornalistas escritores falecidos, outras de obras esgotadas de autores em atividade e uma terceira exposição e vendas de obras em circulação. Estão previstas também noites de autógrafos, seguidas de conferências, debates, mesas redondas sobre contos, ensaios e críticas, poesias, crônicas, teatro, cinema, rádio, televisão, literatura infanto-juvenil, livros didáticos e romance.

Segundo o reitor, estudantes não sabem escrever

A preocupação do governo em relação à universidade brasileira se reflete nos pronunciamentos das autoridades governamentais. O presidente da Câmara, deputado Célio Borja, previu a substituição das Forças Armadas, em seu papel institucional, pela universidade. Diante disso, ele reconhece a necessidade da redefinição do papel da Universidade. Por sua vez, o senador Jarbas Passarinho revelou que o Decreto-Lei 477 não surgiu por um desejo de vingança, ou para acobertar intenções neo-fascistas de um governo que havia editado o Ato Institucional número 5. O decreto 477 representou, segundo Passarinho, uma reação à ação conquistadora do Partido Comunista, que é realmente capaz de conquistar exatamente na faixa etária das populações mais voltadas para o romantismo e para a capacidade de ser doadora: "os jovens".

Por outro lado, o reitor da Universidade de Brasília puniu 19 estudantes, sendo sete expulsos e 12 suspensos, alegando irregularidades na campanha para eleição do Diretório Universitário. Os estudantes afirmaram que o inquérito promovido pela reitoria foi justificado pela suspeita de financiamentos externos para a campanha eleitoral e pela participação na propaganda estudantil de elementos estranhos à Universidade: o reitor disse ser evidente a participação de pessoas de fora da Universidade na elaboração, por exemplo, dos documentos de propaganda, pois, segundo ele, os estudantes não sabem escrever e os documentos estavam muito bem redigidos. (JT).

Espanha anistiada

Os primeiros oito presos políticos espanhóis beneficiados pelo decreto de anistia do rei Juan Carlo deixaram a prisão de Carabanchel, sendo recebidos por centenas de pessoas. O total de libertados ainda não é considerado certo. Alguns calculam entre 500 e 600 presos. Cada caso será analisado por juízes presidentes de tribunais que vão interpretar o decreto real, onde só não tem direito a liberdade as pessoas acusadas de crimes de lesões corporais. (JT)

Melato vive sozinha no paraíso

Mariangela Melato é uma atriz pouco comentada no Brasil, talvez porque seus filmes não chegam a fazer uma carreira normal pelas telas brasileira: Mimi, o Metalúrgico, dirigido por Wertmuller, teve sua exibição suspensa nos cinemas de Rio e São Paulo e até agora não foi revisto pela censura; A Classe Operária vai ao Paraíso considerando um dos mais importantes na filmografia de Elio Petri, foi tirado de cartaz; seu último filme não chegou ao Brasil e é também dirigido por Wertmuller: Amor e Anarquia.

Ouvida por revistas européias sobre sua participação em filmes políticos a artista comentou:

"Não sou uma atriz política, sequer quero saber de movimentos feministas. Acho fundamental que os filmes mostrem a realidade, e é só. Quanto a Women's Lib, creio que para mim não seja importante, porque sou uma mulher independente. Tenho a liberdade que meu trabalho assegura, mas há muitas mulheres que não são livres. Não acho que seja um problema político ou feminista, mas acima de tudo é um problema de cultura e de educação".

Proteção ao capital

O BC - Boletim Central -, dirigido aos empresários, apresenta na sua edição dos dias 16 e 17 de julho "algumas medidas de proteção a instalações industriais e edifícios de escritórios, além de transmitir conselhos de bom-senso aos executivos os quais, seguidos, diminuem bastante o índice de raptos, exigências de resgate e outras atividades terroristas".

O autor do artigo é o doutor Kenneth H. Jacobson, do Strategic Studies Center, órgão pertencente ao Stanford Research Institute. Entre as medidas de proteção destacam-se: manter uma imagem pouco saliente da empresa, especialmente em áreas que envolvem alto grau de risco. Por exemplo, propriedades da companhia, tais como aviões e automóveis, não deveriam ter marcas, principalmente aquelas muito coloridas. Os executivos de subsidiárias estrangeiras também devem evitar coberturas pela imprensa relacionada com as atividades da companhia e tomar cuidados especiais evitando ser fotografados. Os empregados das companhias devem evitar fornecer a indicação para que empresa trabalham e o cargo que ocupam quando se registram em hotéis situados em áreas de atividade terrorista conhecida. Carros de luxo não devem ser usados, principalmente nos países onde a defasagem entre os que têm e os que não têm recursos é grande. O executivo mais graduado deve manter contato íntimo com a embaixada de seu país como parte de um plano de emergência. Se a empresa for americana, um relacionamento estreito entre esta e as missões militares e oficiais de defesa servindo no país pode ser altamente conveniente.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #4 1976, p.5

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-6 (Acesso em 01/05/2026)

Natalidade

CONTINUAMOS NASCENDO

"Incapaz de multiplicar os pães, o sistema faz o possivel para eliminar os comensais"

Ao ser divulgado este ano, que o Ministério da Saúde estaria iniciando um estudo sobre Planejamento Familiar (tema "tabu" durante algum tempo no Brasil, por implicar na delicada questão de Controle da Natalidade), ficou aberta, mais uma vez, a discussão. Os jornais passaram a se ocupar mais demoradamente do assunto a partir de março, e em maio a Secretaria de Saúde de São Paulo anunciava a fase de conclusão de um amplo programa de assistência materno-infantil. O fato não chamaria a atenção, se o programa não incluisse também, medidas de Planejamento Familiar. Apressou-se o Secretário Walter Leser, a explicar: "Precisamos evitar qualquer confusão entre Planejamento Familiar e Controle da Natalidade. Não fizemos nenhum acordo com a Benfam". (Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar, nascida em 1965, e famosa por seu envolvimento em denúncias sobre distribuição gratuita de pílulas, e esterilização em massa de mulheres na Amazônia, Goiás e Nordeste).

Há dois meses, a TV Cultura apresentou um debate sobre "Planejamento Familiar", em que um dos convidados, Padre Luis Viegas, representante da Cúria Metropolitana, afirmou que novamente o problema da explosão demográfica estava sendo discutido de modo inverso; "não se trata de reduzir a população, mas de promover a repartição igualitária dos bens produzidos pela sociedade". Estava reafirmada a posição da Igreja Católica, que sistematicamente tem se manifestado contra qualquer medida que possa implicitamente conter objetivos de controle da natalidade. Em 1966, menos de um ano depois de a Benfam ter iniciado sua atuação, o vigário de Jaboatão (PE), uma região canavieira, denunciava a esterilização de mulheres de sua paróquia, feita pela Benfam, com a colaboração de um casal norte-americano. Sintomaticamente, Jaboatão é uma área onde há grande densidade populacional e ínfima estrutura econômica. O caso chegou aos jornais e misteriosamente o casal de norte-americanos voltou aos Estados Unidos.

Em Goiás, o professor Samir Helou denunciava missionários americanos que atuavam nos Clubes de Mães, para propagar métodos de controle da natalidade. Frei Gil Rovaro, da cidade de Estrela (GO), denuncia pastores protestantes empenhados numa campanha de controle da natalidade em povoações ao longo da estrada Belém-Brasília, e o Ministério da Saúde, investigando o caso, comprovou sua veracidade. O arcebispo goiano, dom Fernando Gomes, ao condenar o uso de dispositivos intrauterinos denunciou a ação de norte-americanos em Goiás e no Nordeste, pronunciou-se contra uma política nacional de limitação da família, afirmando que o governo deve executar uma política agrária "capaz de melhorar a vida no campo, alfabetizando, educando, conscientizando e dando dignidade ao homem".

Em 1971 a AMEG (Associação Médica do Estado da Guanabara) denuncia a Benfam ao Ministério da Justiça, afirmando que o ensinamento e o incentivo ao uso de métodos anticoncepcionais em ambulatórios" é crime de genocídio". A denúncia foi encaminhada ao Conselho Nacional de Medicina, que a recusou, censurou a AMEG, e taxou-a de "subversiva". Subversivo deveria ser também o então Ministro da Fazenda, Delfim Neto, que também se manifestara contrário à prática de uma política de controle da natalidade, "uma coisa dispendiosa e de resultados discutíveis", segundo o Ministro.

O Relatório Final do VIII Encontro Científico de Estudantes de Medicina, realizado este ano em Maceió, diz: "Os projetos de Controle da Natalidade como forma de solucionar os problemas de subdesenvolvimento não passam de artifícios dos grupos dominantes, nacionais e estrangeiros, pois servem para mascarar as causas reais da fome e da miséria de uma população marginalizada". E no III Congresso Nacional de ex-alunas Salesianas, em Manaus, a socióloga Jaine Rita Lino afirmou que a densidade demográfica é "uma, e não a principal, causa da falta de alimentos no mundo", e sugeriu que países em desenvolvimento aprimorem as técnicas no campo, mas nunca impedindo o aumento de mão-de-obra: "Se controlarmos a natalidade, como vamos ocupar o campo, hoje praticamente deserto pelo êxodo rural?"

Cérebro de pobre pensa menos

Denúncias sobre a presença norte-americana na questão do controle da natalidade em países da América Latina têm sido frequentes. O escritor uruguaio Eduardo Galeano cita uma frase do presidente do Banco Mundial e ex-presidente da Ford, Robert McNamara: "A explosão demográfica constitui o maior obstáculo ao progresso da América Latina". McNamara anunciou que o Banco Mundial dará prioridade em seus empréstimos, aos países que tenham planos para o Controle da Natalidade, e comprovou, com lástima, que "os cérebros dos pobres pensam 25% a menos". Enquanto isso, os técnicos do Banco Mundial (que já nasceram) produzem complicados tratados sobre as vantagens de não nascer. É um ex-presidente americano, Lyndon Johnson, é autor de uma frase célebre: "Cinco dólares investidos contra o crescimento da população, são mais eficazes do que cem dólares investidos no crescimento econômico". Enquanto o presidente do Conselho Populacional, John Rockfeller, completa: "Nenhum problema hoje é mais importante para o bem-estar da humanidade do que a limitação do crescimento populacional, que provoca o mal-estar social e a instabilidade política".

Mas há exceções. O organismo norte-americano "Pão para o Mundo", que tem por objetivo estudar a fome, critica os países "centrais" que se negam a prestar ajuda alimentícia às nações que não tenham projetos de controle da natalidade, e discorda de que a principal causa da fome no mundo seja o excesso de população. E a Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCED), observa que o aumento da produção de alimentos na América Latina até 1980 "será maior do que o aumento populacional, mas apesar disso o número de famintos poderá aumentar, devido à crescente desigualdade na distribuição da renda". Convencer os pobres de que a pobreza é resultado dos filhos que não se evita, tem sido uma tônica na qual insistem os partidários do "controlismo em massa". Mas no que se refere à América Latina, os dados reais desmentem isso. Ao contrário do que se diz, na maior parte dos países latino-americanos não sobra gente, falta. O Brasil, por exemplo, tem 38 vezes menos habitantes por quilômetro quadrado do que a Bélgica (com extensão territorial menor do que o Estado de Minas Gerais), e Haiti e El Salvador (considerados formigueiros humanos) têm densidade demográfica menor do que a Itália. No final das contas, nada menos do que a metade dos territórios da Bolívia, Brasil, Chile, Equador, Paraguai e Venezuela, está habitada "por ninguém". Com o que concordam os bispos bolivianos, que recentemente, pela primeira vez, denunciaram ações de companhias norte-americanas na Bolívia, que investiram (em 1975) cinco milhões de dólares em anticoncepcionais. Condenando "energicamente" a intervenção estrangeira no controle da natalidade, os bispos referem-se à "incoerência oficial", pois os discursos das autoridades insistem na necessidade de aumentar a população boliviana, especialmente nas áreas despovoadas, enquanto - por outro lado - acatam planos antinatalistas elaborados no exterior".

No Brasil: algo mudou

Quanto ao governo brasileiro, segundo fontes oficiais, continua mantendo a posição "já manifestada em várias oportunidades", no Brasil, o controle da natalidade "é assunto de estrita competência dos casais, cabendo a eles decidirem, sem qualquer interferência governamental, o que lhes parecer mais conveniente". Mas o que se pode perguntar é se tal enfoque poderá manter a rigidez capaz de se contrapor ao debate do problema nos seus aspectos mais profundos, dentro do próprio governo. O amplo estudo realizado pelo Ministério da Saúde poderá determinar alguma mudança substancial nos rumos da atual política brasileira de controle da natalidade? O simples fato desse estudo, como ressaltou um colunista político, "revela não ser o governo insensível à tese muito difundida de que o controle da natalidade pode ser um instrumento acelerador da distribuição da renda, e consequentemente, do progresso da nação".

Tentando participar do debate, profissionais do CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), elaboraram um estudo sobre "Planejamento Familiar em São Paulo", onde afirmam: "Partindo, desde a década de 50, de uma postura categórica pró-natalista, o governo brasileiro vem assumindo posições ambíguas a respeito da conveniência da diminuição do ritmo de crescimento populacional". Diz ainda o estudo, que a partir da Segunda Guerra mundial, os países do capitalismo central, especialmente os Estados Unidos, procuraram disseminar uma prática de controle da natalidade visando diminuir as taxas de fecundidade das nações do Terceiro Mundo. Isso porque a comunidade científica toma conhecimento do inédito crescimento populacional dos países do Terceiro Mundo, crescimento considerado ainda mais ameaçador à ordem constituída na medida em que as taxas de fecundidade mantinham-se elevadas, enquanto aumentava a expectativa de vida das populações. O CEBRAP, analisando os aspéto contraditórios do Planejamento Familiar, pela própria ambiguidade do termo, conclui: "É necessário que a orientação oferecida aos casais quanto às suas possibilidades reprodutivas não contenha elementos explícitos ou implícitos de coação no sentido de limitação da natalidade. Não se creia que com isso os graves problemas de desnutrição, evasão escolar, insuficiência dos serviços públicos, começarão a ser resolvidos ou mesmo significativamente aliviados. As dimensões da pobreza não são dadas pelo ritmo de reprodução dos pobres".

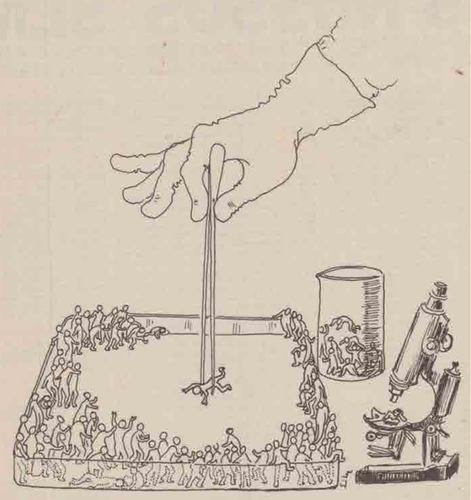
"... as crianças latinoamericanas continuam nascendo, reivindicando seu direito natural de obter um lugar ao sol nestas esplêndidas terras que poderiam brindar a todos com o que a quase todos é negado" (Eduardo Galeano).

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #4 1976, p.6

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-6 (Acesso em 01/05/2026)

Política Brasileira

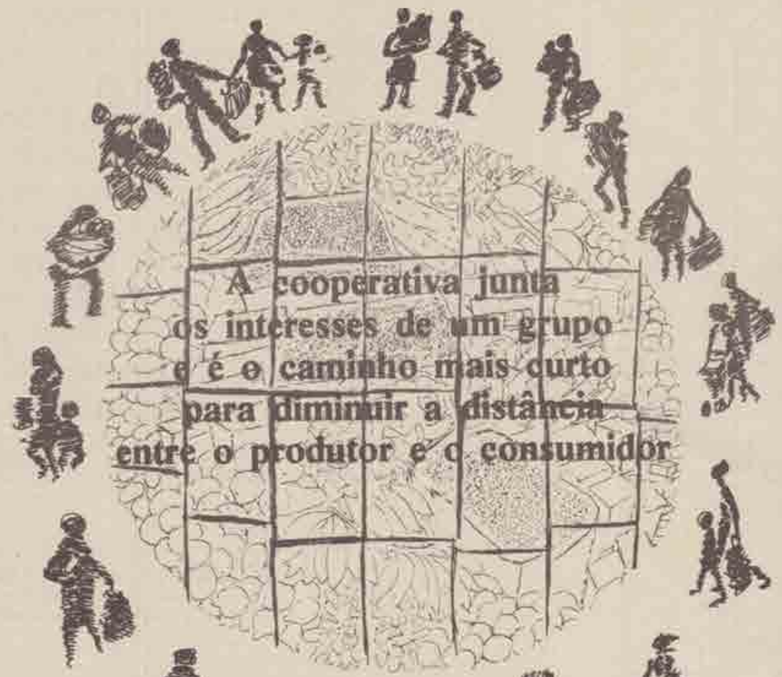
O voto é direito de todos mas...



O analfabeto está sujeito a todos os deveres e obrigações de qualquer cidadão brasileiro, como o pagamento de impostos, respeito as leis, etc. No entanto, lhe é negado o direito máximo de manifestar-se politicamente através do voto.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #4 1976, p.7

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-6 (Acesso em 01/05/2026)



Durante a Assembléia do Custo de Vida, que reuniu aproximadamente 4 mil pessoas, no dia 20 de junho passado, em um colégio de Santo Amaro, as mulheres residentes na periferia de São Paulo propuseram a organização de cooperativas de consumo e centrais de abastecimento da prefeitura nos bairros distantes, como uma das medidas para diminuir o preço dos gêneros de primeira necessidade e beneficiar a população desses bairros, cuja maioria vive de salário mínimo. Segundo as donas de casa, falta nesses bairros um sistema de abastecimento que forneça alimentos de qualidade e baratos.

A alta do custo de vida é uma preocupação constante para toda a população, levando alguns grupos a se organizarem para diminuir as despesas com os artigos de consumo.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #4 1976, p.14

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-6 (Acesso em 01/05/2026)

EXPEDIENTE

Conselho Editorial
Joana Lopes
Lais Oreb
Lila Figueiredo
Marina D'Andrea
Rosane de Lourdes Silva
Rose Mary Souza Serra
Therezinha Godoy Zerbine
Diretora Responsável
Lais Oreb
Editora
Joana Lopes
Equipe de Redação
Branca Ferrari
Elizabeth Lorenzotti
Giulia Di Vizia
Joel Guimaraes dos Santos
Marina D'Andrea
Marcelo Holanda
Nilcéia Baroncelli
Pedro Paulo Felismino
Silvanete Silva
Vassilik Constantinidou
Colaboradores
Ana Maria Gonçalves dos Santos
Amelinha Silva Telles
Beatriz do Valle Bargieri
Diva Maria B. Romão
Elmina de Gouveia
Maria Isabel C. Bordas
Maria Lisomar Silva
Mirtes Leal
Nilceia Bernardes
Sonia Vanice Rahal
Pesquisa
Rosane de Lurdes Silva
Ilustração
Lila Figueiredo
Fotografia
Chico de Rezende
Arte
Cidelia Argolo
Paris - Correspondente
Linda Bulik

Esta publicação é de propriedade da Sociedade Brasil Mulher. Sede e Redação em São Paulo a Rua Oscar Freire 1607 - Caixa Postal 13.897. Sucursal em Londrina, a av. Inglaterra 655, Caixa Postal 1379. PR. Tiragem 5.000 exemplares.

A reprodução das matérias contidas em Brasil Mulher será permitida mediante autorização prévia do Conselho Editorial.

Serviços de Arte, composição e impressão Editora Tibagi Ltda. Av. Tiradentes 1280 - Fone: 23-1230 - Londrina - Paraná.

BRASIL MULHER

A 9 de outubro de 1975 surgia, em Londrina - Paraná, o número 0 do Brasil Mulher com a proposta de ser uma voz na busca e na tomada da igualdade perdida, trabalho destinado a mulheres e homens.

Em um ano de existência, com muito trabalho e sacrifício o BM já está se firmando como jornal. Da equipe inicial de cinco mulheres contamos, hoje, com a participação de cerca de 50 pessoas, entre homens e mulheres, em vários estados e também no exterior.

No início deste ano, diante do interesse despertado pelo jornal entre as mulheres de São Paulo foi eleita, em assembléia realizada nesta capital, a diretoria da Sociedade Brasil Mulher - entidade responsável pela publicação do BM - que vem participando de uma série de palestras para universitários, sob o tema A Mulher Brasileira e o Trabalho, visando o intercambio de idéias, a discussão das mesmas e novas perspectivas de trabalho.

Mas, durante todos estes meses tivemos que enfrentar uma verdadeira batalha. Tinhamos necessidade de uma sede, em São Paulo, onde o grupo participante - numeroso - pudesse dar cumprimento às finalidades da Sociedade Brasil Mulher e onde também funcionasse a redação do BM, tendo em vista que o jornal é discutido e elaborado em São Paulo e impresso em Londrina, com a colaboração da equipe BM daquela cidade, onde agora funciona a sucursal do Paraná.

Finalmente, conseguimos. Agora já temos uma sede na rua Oscar Freire, 1607 - apto-2 - S.P. onde todos os interessados em nosso trabalho poderão nos procurar.

Com a sede, a Sociedade Brasil Mulher pretende intensificar suas realizações com a publicação de textos sobre a mulher e a Dupla Jornada de Trabalho, Discriminação Salarial, Sub-emprego, a mulher e os Direitos Humanos, enfim todas as questões que possam demonstrar a nossa realidade.

A SBM em setembro realizou uma assembléia com as sócias da entidade para um balanço de suas atividades e apresentação de um programa a ser cumprido visando uma participação mais ativa de todas nós.

O jornal Brasil Mulher parte - no próximo mes de outubro - para seu segundo ano de vida, com o respaldo de um grupo de trabalho que pretende continuar fazendo com que o jornal cumpra sua finalidade e atinja o maior número possível de mulheres mostrando a necessidade de participação, para que juntas levemos adiante a luta por nossa emancipação.

0

1

2

Se você não tem todos os números do Brasil Mulher, pode encontrá-los em nossa redação, à rua Oscar Freire, 1607, ap. 2, São Paulo, ou escrever para a caixa postal 13.987, SP.

Como será o próximo número? Ele depende unicamente de você

Expediente + Abertura, Brasil Mulher #5 1976, p.2

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-7 (Acesso em 01/05/2026)

Ao Jornal Brasil Mulher
À Exmª chefe de redação

Eu, Walquiria Queiroz Costa, presa política de São Paulo, presa em 23 de março de 1973, incursa no artigo 14 da Lei de Segurança Nacional, como mulher e como patriota, venho mui respeitosamente denunciar diante deste tão responsável e enobrecedor órgão da imprensa uma questão da mais alta gravidade no âmbito das leis e dos direitos humanos, porque este jornal se constitui mais um órgão preocupado na defesa dos direitos da mulher e da pessoa humana que ela representa.

Gostaria inicialmente de colocá-las a par dos fatos que se seguem: Fui presa em 23 de março de 1973 com todas as características que V. Sªs já devem conhecer, após o que nossa defesa (dos 12 presos do processo na época), conseguiu a revogação da preventiva para alguns de nós, motivo pelo qual, sai em liberdade em 25 de outubro de 1973, cumprindo, portanto, sete meses de prisão.

O próximo passo foi o julgamento do processo todo no dia 10 de março de 1975, na 1ª Auditoria da 2ª Circunscrição Militar de São Paulo, ao qual compareci, sendo condenada a um ano de reclusão, como incursa na Lei de Segurança Nacional, nas penas do artigo 14 do Decreto-Lei 898/69.

Neste momento em que lhes escrevo, movida por profunda indignação, estou completando um ano oito meses e 28 dias de prisão, estando pois com quase nove meses a mais da pena já cumprida. Até a data de hoje permaneço presa, e ainda com resposta negativa a um recurso expedido por meu advogado no dia 12 de agosto de 1975 requerendo junto ao Superior Tribunal Militar a expedição de meu alvará de soltura, para que me fosse permitido aguardar em liberdade o julgamento das apelações do processo todo (26 pessoas), ora em trânsito no S.T.M.

Até o final do ano de 1975 quando do fechamento dos tribunais, nada havia sido resolvido a respeito do meu caso. Novamente em março de 1976, os advogados entraram com novo recurso em Brasília, outra vez junto ao S.T.M. requerendo uma documentação que esclarecesse da competência do meu caso específico, na esperança de eu conseguir aguardar em liberdade o desfecho final do processo. A resposta foi a seguinte:

1- Cabe ao S.T.M. julgar e resolver meu caso à parte.
2- Foi negada a referida documentação sobre competência, e alegou-se a possibilidade de aumento de penas, neste novo julgamento geral.
3- Do acima citado concluiu o S.T.M. que: devo continuar presa até o desfecho final (cuja data ainda nem se cogita) embora já tenha cumprido pena em 1ª instância pela Auditoria Militar de São Paulo.

Deixo, portanto, aqui diante de V Sªs, registrada minha denúncia, minha indignação, diante de tal arbitrariedade que infelizmente não é a primeira e nem se pode garantir que será a última.
Agradeço uma valorosa atenção.
São Paulo, 08 de maio de 1976.

Brasil Mulher #5 1976, p.3

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-7 (Acesso em 01/05/2026)

Mulheres trabalhando sem registro, sem creche. Agora também à noite?

O ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, pronunciou-se recentemente sobre as intenções do governo em abrir novos canais de utilização da mão de obra feminina, e destacou sua preocupação com a extensão do trabalho noturno à mulher, hoje proibido. Para tanto, seriam necessárias modificações na Consolidação das Leis do Trabalho. As propostas de uma pesquisa realizada pela Organização Internacional do Trabalho, em convênio com SENAI e SENAC serão estudadas pelo ministro, que ainda deverá se pronunciar este mês sobre o assunto.

Brasil Mulher #5 1976, p.11

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-7 (Acesso em 01/05/2026)

Mulheres compositoras

O crítico do New York Times, Donald Henahan num artigo recente declara: "O longo eclípse da mulher como compositora está chegando ao fim". Para chegar a essa conclusão, ele ouviu e analisou obras contemporâneas, e preconiza com entusiasmo um lugar ao sol para as compositoras do presente e do futuro. Talvez uma nova mentalidade em relação è mulher compositora esteja surgindo.

Brasil Mulher #5 1976, p.15

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-7 (Acesso em 01/05/2026)

Expediente

Conselho Editorial:
Joana Lopes, Laís Oreb, Lila Figueiredo, Marina D' Andrea, Rose Mary Souza Serra, Therezinha G. Zerbine.

Diretora Responsável:
Laís Oreb

Editora:
Joana Lopes

Equipe de Redação:
Branca Ferrari, Elizabeth Lorenzotti, Giulia Di Vizia, Hamilton O. de Souza, Joel Guimarães dos Santos, Marina D' Andrea, Pedro Paulo Felismino, Setsuko Hanazaki, Silvanete Silva, Vassiliki T. Constantinidou, Márcia, Magali J. Abdo.

Colaboradores:
Aircе P. Rezende, Amelinha Silva Telles, Ana Lucia Jensen, Beatriz do Valle Bargieri, Diva Mª B. Romão, Elmina Golveia, Eliana Fessanha Paes, Luiza Miriam Martins, Mirtes Leal, Mª Nazareth G. e Silva, Marta M.B.A. Silva, Neuza, Vera Lucia Canabrava, Rosalina S.C. Leite, Cecília, Vera Salles, Vera Lucia P. de Moraes.

Ilustração:
Lila Figueiredo
Mª Isabel Cortes Bordas

Fotografia:
Chico de Rezende

Arte:
Cidélia Argolo

Correspondente:
Paris — Linda Bulik
México — Vanice Rahal

Deptº Juridico:
Márcia Ramos de Souza, Luiz Eduardo Rodrigues Greenhalgh

Distribudor:
Belo Horizonte: Editôra Textual Ltda. Curitiba: J. Ghignone & Cia. Ltda. O BM é vendido em São Paulo: Livrarias Siciliano, Livraria UCITEC, Bancas do Centro

Rio de Janeiro:
Livraria Folhetim

Curitiba:
Livraria Ghignone

Brasil Mulher - Ano Dois

Um jornal feminista não é só aquele que tem como pauta exclusiva a mulher. O é, também, o jornal que, tendo como objetivo a mulher, preocupa-se em não distanciá-la de um amplo programa de trabalho pela emancipação, incluindo em suas propostas oferecer informação sobre todos os campos, da política à educação. Portanto, para o Brasil Mulher, os acontecimentos nacionais que dizem respeito a todos devem ser abordados e principalmente aqueles que no contexto geral tragam, particularmente, a questão da violência ao ser humano, aos direitos da mulher. É preciso lembrar, sempre, que não existe o reino da mulher. Uma espécie de terra isolada dentro do planeta, onde só vivem mulheres e onde nenhum problema chega. É preciso lembrar, sempre, que a mulher está em todas, embora lhe seja atribuido um papel secundário ou passivo nas relações sociais. E é preciso lembrar, também, que muitas mulheres, na medida que refletem sobre a realidade de suas vidas, assumem uma posição de combate nas fábricas, nas escolas, no comércio, na lavoura, procurando uma igualdade de condição com o homem e exigindo da sociedade respeito aos seus direitos, ainda que precariamente assegurados pelas leis brasileiras.

O Brasil Mulher fez um ano de vida. Estamos no segundo, começando por este exemplar, que tem como maior objetivo reafirmar a posição explicita no editorial zero — outubro 1975 — e ampliada no nº 1, dezembro.

Começamos com imensas dificuldades, sob um clima de pressão, enfrentando o despreparo intelectual, politico, social e sobretudo o despreparo sobre a questão feminina. Fomos o primeiro jornal feminista surgido no pais, embora muitos grupos feministas reunidos há vários anos procurassem o mesmo objetivo. Hoje, o Brasil Mulher tem assinantes, sócias honorárias e efetivas que mensalmente contribuem para que o jornal continue saindo, mas ainda dá para manter regularmente a publicação e os vários serviços que a Sociedade Brasil Mulher tem organizado. Precisamos mais gente, mais contribuição, mais colaboração para enfrentarmos o mesmo clima de opressão e pressão com que iniciamos.

Mulher: discuta em seu meio o seu jornal Brasil Mulher, torne-se sócia efetiva, honorária, ou assine o Brasil Mulher, que lhe será enviado mensalmente. Façamos um acordo. Para mantermos a periodicidade do jornal, fato que determinará um maior número de leitores e consequentemente desenvolverá mais rapidamente a consciencia das mulheres e também dos homens sobre a questão feminina. Mantenhamo-nos juntos, vamos buscar o companheiro, a companheira, o tio, a tia, o compadre ou a comadre, a filha, o filho, a vizinha.

Pelos Direitos Humanos e por uma Anistia Irrestrita

Diante desta exposição de motivos, o Brasil Mulher tem a dizer a seus leitores que o documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB — «Comunicação Pastoral ao Povo de Deus», deve ser profundamente analisado para que as denúncias não gerem apenas nojo, mas além deste sentimento justo, a necessidade de agir em busca de solução. Onde existe a verdadeira preocupação com o que é ser Humano, este documento causará reflexão e neste quadro as mulheres brasileiras devem gritar presente, porque todos estão sendo injustiçados: da mulher trabalhadora à mulher de renda mais alta, embora quanto menor a renda maior seja a violação do direito real à vida.

O documento da CNBB apresenta a violência da realidade brasileira vivida do campo à cidade.

Diz um famoso jornal paulista marcado por 100 anos de posição liberal, defensor das tradições brasileiras, que o documento dos Bispos deveria respeitar a inteligência do famoso «POVO DE DEUS». Baseia-se, para chegar a esta conclusão, em que o documento é falho, primário, porque interpreta a realidade tomando «casos isolados» pela realidade total.

O Brasil Mulher diz: Este documento respeita a inteligência e a sensibilidade do povo brasileiro.

A Igreja Brasileira está, neste momento, desempenhando seu papel cristão, cumprindo suas propostas e compromissos históricos renovados a partir de João XXIII, embora nem todos da mesma Igreja estejam de acordo, incluindo, entre estes, membros da mais alta hierarquia religiosa. A Igreja Católica no Brasil, neste momento, não está só. Estão no mesmo combate pelos direitos e pela justiça as associações trabalhistas, estudantis, culturais e representações de classes, num esforço conjunto para superar estes anos de obscurantismo que já ultrapassaram, estes sim, os limites suportáveis da inteligência do povo brasileiro. As violências denunciadas no documento estão descritas em linguagem simples, direta, mostrando a realidade de forma a não permitir os clássicos sofismas governamentais. O documento é dirigido ao povo brasileiro, e não nos esqueçamos que nossos irmãos de Nação são, na sua grande maioria, gente inculta porém sabida, que aprende no dia a dia das dificuldades o que editorialistas de grande jornais comprometidos com o lucro levam horas a digerir teorias complexas a fim de defenderem com palavras mancas o que há muito está condenado à extinção: A exploração do homem pelo homem.

NOTAS

1 — Por um lapso gráfico no número passado, na chamada de capa saiu o nome de Alzira Vargas, quando o correto seria Ivete Vargas.

2 — Devido à transferência da sede de Londrina para São Paulo ainda estar em andamento, nossa sede continua a ser Londrina — PR. A correspondência pode ser dirigida a um ou a outro endereço conforme a decisão do leitor, ou seja, à sede de Londrina ou à sucursal de São Paulo.

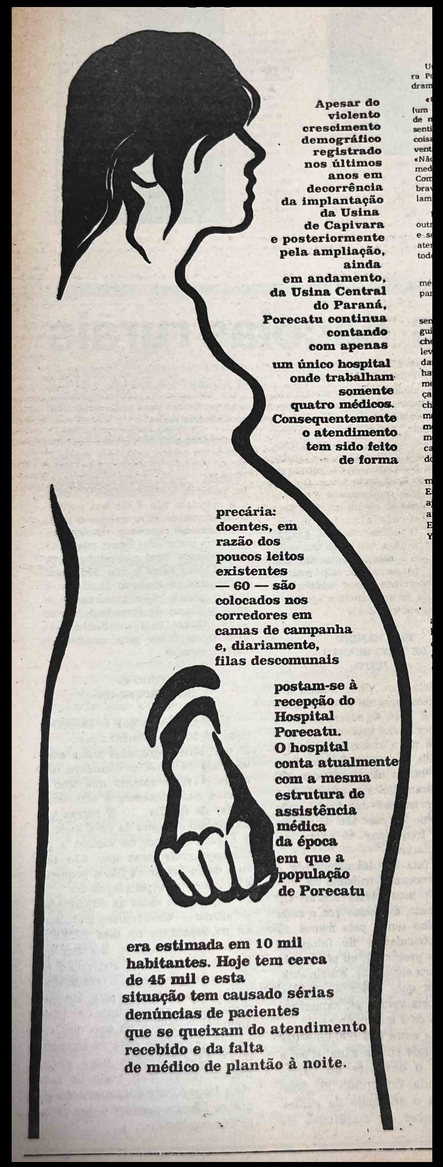
Esta publicação é de propriedade da Sociedade de Brasil Mulher. Sede em Londrina — Av. Inglaterra, 655, CX. Postal 139. Sucursal São Paulo a Rua Oscar Freire, 1607 ap. 2 — CX Postal 13897. Tiragem 5.000 exemplares.

MENSAL — A reprodução das matérias contidas em Brasil Mulher será permitida mediante autorização prévia do Conselho Editorial.

Serviços de Arte, composição e impressão: Diarios Associados.
São Paulo, 07/12/76.

Brasil Mulher #6 1977, p.2

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-8 (Acesso em 01/05/2026)



Apesar do violento crescimento demográfico registrado nos últimos anos em decorrência da implantação da Usina de Capivara e posteriormente pela ampliação, ainda em andamento, da Usina Central do Paraná, Porecatu continua contando com apenas um único hospital onde trabalham somente quatro médicos. Consequentemente o atendimento tem sido feito de forma precária: doentes, em razão dos poucos leitos existentes — 60 — são colocados nos corredores em camas de campanha e, diariamente, filas descomunais postam-se à recepção do Hospital Porecatu. O hospital conta atualmente com a mesma estrutura de assistência médica da época em que a população de Porecatu era estimada em 10 mil habitantes. Hoje tem cerca de 45 mil e esta situação tem causado sérias denúncias de pacientes que se queixam do atendimento recebido e da falta de médico de plantão à noite.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #6 1977, p.5

Acervo pessoal

Comunicação pastoral ao povo de Deus o documento da CNBB

«Os Bispos da Comissão Representativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, reunidos na cidade do Rio de Janeiro, de 19 a 25 de outubro de 1976, diante dos acontecimentos recentes que atingiram a Igreja no Brasil, comovendo a tantos ao País e no exterior, pensamos em vocês gente simples, gente religiosa, gente de comunidade de base, dos grupos de reflexão, e lhes oferecemos esta reflexão pastoral. Falando após tantas manifestações de Pastores e Igrejas não queremos fazer um documento de denúncia, ainda que os fatos aqui narrados já sejam, por si mesmos, uma denúncia clara e forte. Nossa intenção é iluminar, com a luz da Palavra de Deus, os acontecimentos atuais, para que os cristãos tomem, diante deles, uma atitude de fé e coragem, uma animação parecida com aquela que dá o livro do Apocalipse. Ao cristão é proibido ter medo, é proibido ficar triste».

OS FATOS

Assim tem início o documento «Comunicação Pastoral ao Povo de Deus», elaborado pela CNBB e divulgado pela imprensa no dia 16 de novembro. Divido em três partes, os bispos brasileiros apresentam:

Primeiro, os fatos, onde relatam os últimos acontecimentos que envolveram membros Igreja, «para servir de base à reflexão». Além das violências cometidas pela ação terrorista, como as bombas que explodiram na Associação Brasileira de Imprensa, na Auditoria Militar em Porto Alegre, no Centro Brasileiro de Análise e Pesquisa em São Paulo, na residência do jornalista Roberto Marinho, e na Ordem dos Advogados do Brasil (onde a bomba foi desativada, não chegando a explodir), os bispos relembram o **Caso Merure**, em que foram mortos o padre Rodolfo e o índio Simão, por fazendeiros, posseiros e capangas que queriam impedir a demarcação (autorizada pela FUNAI) das terras dos índios, na sede da Missão Salesiana de Merure, Mato Grosso.

O sequestro de Dom Adriano Hypólito, bispo de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, «por cinco ou seis homens armados de pistolas» que se diziam da Aliança Anticomunista Brasileira (AAB). Depois de o atirarem no banco traseiro do carro, «colocaram-lhe um capuz na cabeça e algemas nos pulsos», levando-o para um lugar distante, onde lhe tiraram toda roupa e o submeteram a situações vexatórias. Abandonaram-no em Jacarepaguá onde foi encontrado por alguns homens que lhe deram roupas e o levaram à paróquia mais próxima. Dom Adriano dirigiu-se então à delegacia mais próxima e dali foi «levado à Polícia Política», onde foi informado que seu carro havia sido explodido em frente à sede da CNBB.

A morte do padre João Bosco Penido Burnier, ocorrida no dia 11 de outubro, quando ele acompanhou o bispo Dom Pedro Casaldáliga à delegacia do povoado de Ribeirão Bonito, Mato Grosso, para intercederem a favor das mulheres Margarida e Santana e levou uma coronhada no rosto e um tiro na cabeça.

«Somam-se ainda outros fatos que mostram a Igreja sendo coagida de forma permanente, como a censura oficial que proíbe, através de instruções escritas, a menção do nome de Dom Helder Câmara, na imprensa, rádio e televisão, e a dupla censura prévia a que está obrigado o semanário O São Paulo da Arquidiocese de São Paulo».

Relembram também que «nos últimos anos ocorreram prisões políticas arbitrárias, que incluíam seqüestros, maus tratos, torturas, desaparecimentos e mortes, embora ao que se sabe, estes fatos não tenham sido repetidos desde maio último. O mesmo não se pode dizer quanto os crimes que continuam sendo cometidos por elementos da Polícia Militar, citando o seqüestro e assassínio deum jovem em Campo Grande (MT), e outros crimes cometidos por eles em São Paulo e na Baixada Fluminense. Conclui nessa primeira parte que «violência gera violência. A violência instigada contra presos políticos alastrou-se entre militares e policiais».

O SENTIDO DOS FATOS

Na segunda parte do documento, os bispos procuram analisar o sentido dos fatos.

«Diante dos fatos que revoltam a opinião pública do país, não se pode responsabilizar somente o pequeno policial que puxa o gatilho do revólver, a este ou aquele policial ou militar. Torna-se necessário procurar as raízes mais profundas que colaboram para gerar o clima de violências, apontando entre os principais fatores, os seguintes:

«1) **Os pobres sem justiça** — São os pobres e os indefesos que enchem as cadeias, as delegacias, onde as torturas são frequentes. Somente os pobres são acusados e presos por vadiagem».

Para os poderosos, a situação é bem diferente. Há criminosos que não são punidos, porque protegidos pelo poder do dinheiro, pelo prestígio» tornam-se «cúmplices deste tipo de injustiça».

«2) **A impunidade dos policiais criminosos**», citando como exemplo «a ação criminosa do famoso Esquadrão da Morte» e «o caso de policiais que, acusados de crimes de morte, corrupção, lenocínio, não são levados às barras dos tribunais, porque são acobertados por dirigentes mais altos que os protegem sob a alegação de que são elementos valiosos na repressão de crimes políticos».

«3) **A má distribuição da terras** — Diante dos resultados da política de incentivos fiscais das grandes empresas agropecuárias, e a desenfreada especulação imobiliária, os pequenos proprietários, sitiantes, indígenas e posseiros são expulsos de suas terras, «tangidos para mais longe». «Quando resistem dão margem a conflitos que se multiplicam principalmente na região amazônica e mato-grossense».

«4) **A situação dos índios**» — parcialmente incapazes perante a Lei, devido à tutela do Estado, que os impedem de se tornarem «sujeitos do seu crescimento e do seu destino» e o problema da demarcação das terras dos índios executada pela «ganância dos que se dedicam à exploração das riquezas minerais e das florestas», levando os índios «a procurarem esconder suas origens, proclamando-se bolivianos, peruanos, para poderem ser aceitos por uma sociedade que se considera superior».

O último fator de violência analisado é o conceito de **«Segurança Nacional e Individual.** Segundo uma visão humanista e cristã, Nação não é sinônimo de estado. Nem é o Estado que outorga a liberdade, os direitos humanos, cuja existência é anterior à própria Nação», mas «a grande tentação dos detentores do poder é confundir o dever de lealdade do povo para com a Nação, com a lealdade ao Estado, isto é, ao Governo», e concluem que «os regimes de força, em nome da luta contra o comunismo, em favor do desenvolvimento econômico, declaram a 'guerra anti-subversiva' contra todos aqueles que não concordam com a visão autoritária da organização da sociedade», gerando «um novo tipo de fanatismo, um clima de violência e de medo».

PRINCÍPIOS PASTORAIS

Na terceira e última parte do documento, os bispos fazem um apelo à reflexão e dão «alguns Princípios Pastorais» para «descobrir os caminhos do Senhor, no meio das coisas contadas e meditadas nestas páginas».

«As forças organizadas do mal não querem dar lugar para o fracos e pequenos que são a maioria do povo. Só os grandes poderosos é que têm direito. O pequeno deve ter só o estritamente necessário para continuar vivendo e servindo aos poderosos. No momento em que ele se recusar a servir ou começar a ser uma pedra no sapato do grande, ele deve desaparecer, sua terra deve ser invadida, sua choupana desapropriada e invadida».

«A Igreja deve seguir o exemplo de Cristo. Ela não pode excluir ninguém e deve oferecer a todos, grandes e pequenos, os meios de salvação que recebeu de Cristo. Mas sua opção é seus prediletos são os fracos e os oprimidos. Não pode ficar indiferente à espoliação do índio expulso de suas terras, à destruição de sua cultura. Não pode fechar os olhos ante a grave situação de insegurança em que vivem os pequenos, ante a fome dos pobres e a desnutrição das crianças. Não pode ignorar os desenraizados, os migrantes que buscam novas oportunidades, e que somente encontram abrigo debaixo dos viadutos ou se aninham nos arredores das grandes cidades. Cristo se faz visível e presente nestas pessoas. Maltratá-las é maltratar a Cristo».

«A Igreja tem procurado tomar a defesa dos direitos do fraco, do pobre, do índio, da criança que vai nascer. Mas hoje reclama para o povo não mais a sobra das esmolas que caem da mesa dos ricos, mas uma repartição mais justa dos bens. Por que só alguns podem comer do bom e do melhor, e a maioria tem que dormir com fome? Por que alguns — até estrangeiros — podem adquirir, por dinheiro, milhares de hectares de terra para criar gado e exportar a carné, e nossa pobre gente não pode continuar cultivando o pedaço de terra onde nasceu e se criou ou já vive e trabalha há dezenas de anos?

«Houve um tempo em que nossas pregações ao povo aconselhavam sobretudo paciência e resignação. Hoje, sem deixar de fazê-lo, nossa palavra se dirige também aos grandes e poderosos para apontar-lhes suas responsabilidades pelos sofrimentos do povo.

«... ninguém deve admirar-se de que muitos dos que seguem o Evangelho sejam criticados e até acusados de comunistas e subversivos».

«É isso que os grandes do Mundo dificilmente podem entender: a felicidade da cruz aceita em união com o Cristo Crucificado. Bem aventurados sois quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vos por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos porque sera grande vossa recompensa nos ceus, pois foi assim que perseguiram os profetas que vieram antes de vós (Mt, 5, 11-12)».

A CNBB conclui que «seria bom se as autoridades descobrissem e punissem os responsáveis pelo sequestro, não para desagravar o bispo, mas para o povo da Baixada poder confiar mais no Governo e ter a segurança de que não continuará sem proteção e sem defesa, nas mãos de tantos criminosos».

«Seria bom que a Justiça castigasse os assassinos do padre João Bosco, não por ser ele de uma família importante, mas para que nunca mais, elementos da polícia desrespeitem e torturem ninguem como torturaram nossas irmãs Margarida e Santana, e nem continuem espalhando o terror entre os pequenos».

«Todavia, a simples punição dos executores dos crimes não pode tranquilizar a consciência das Autoridades, enquanto o sistema sócio político e econômico continuar gerando uma ordem social marcada por injustiças e propícia à violência».

N.R. Não foi possível reproduzir o documento da CNBB na íntegra por problemas de espaço.

As mulheres de Ribeirão Bonito

Margarida Barbosa da Silva lembra que, quando recebeu a ordem de ver os presos da Delegacia de polícia de Barra Bonita, em Barra do Garças, viu um rolo caído no chão. Abaixou com a vista tonta para ver o que era, um rolo de gente. Ajoelhando uma delas pôs a mão em cima dela — nem sua velha amiga, cozinheira do hotel e ao seu lado é um corpo ignoto do mundo e não está morta.

Só depois, Margarida ficou sabendo que o rolo no chão era o corpo do padre João Bosco, assassinado na delegacia, quando foi em companhia do bispo de São Félix, Dom Pedro de Casaldáliga, protestar contra a 'pau pelado' e a de sua cozinheira Santana, que estavam sendo torturadas para contar onde estava Jovina Barbosa que havia assassinado o cabo Félix, policial Militar em Mato Grosso pela sua violência.

AS TORTURAS

A irmã de Jovina, Margarida, e sua nora Santana foram presas nos dias 8 e 11 de outubro e submetidas a torturas violentas, até a morte do padre João Bosco.

Reflexos agelhas debaixo das unhas das mãos, nos seios e na garganta de Margarida, ajoelhada sobre trempes de garrafas Sto interrogatório foi sob a mira de um fuzil e com dois investidores aos ouvidos, enquanto Santana foi violentada por vários soldados que também queimaram sua casa e sua roça. Santana sofreu hemorragias, pois quando foi presa no dia 8, estava de resguardo de duas semanas. Durante o período em que estiveram presas não receberam comida nem água.

OS POLICIAIS

No processo, os policiais não tentaram negar as acusões contra os seus companheiros, mas o clima do terror que havia se apossado O depoimento de alguns policiais chegou a provocar revolta quando confirmaram a descoberta as torturas a que submeteram as duas mulheres O ex soldado Manoel Taveres do Nascimento contou as torturas em seus mínimos detalhes. Disse que foi ele quem sugeriu o uso das pangas de carvoja e das agulhas e que foi o ex sargento Vilas Amador quem colocou as mulheres sobre as trempes, enquanto ele, Manoel, executava a operação agulhas.

Entre os até policiais seguintes da Polícia Militar de Mato Grosso está Fay Bumalho Pereira, famoso na região por sua violência, a acusado de assassinar o padre Burnier.

Diante dos acontecimentos, a população de Ribeirão Bonito destruiu o prédio da delegacia e colocou uma cruz com a inscrição: aqui, no dia 11 de outubro de 1976, foi assassinado o padre João Bosco defendendo a liberdade».

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #6 1977, p.8-9

Fudanção Perseu Abramo, disponível emhttps://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-8 (Acesso em 01/05/2026)

Na Itália, as mulheres manifestam-se nas ruas.

Rosa dos Ventos

As mulheres italianas vêm recorrendo cada vez mais às manifestações para chamar a atenção do público para os seus problemas. Elas saem às ruas para exigir melhores oportunidades de trabalho, salários iguais aos dos homens para a mesma função, moradia decente e a preço acessível, para protestar contra as discriminações, o custo de vida, a poluição e para defender o meio ambiente. Esta última questão se tornou uma constante nas manifestações, principalmente depois que em Seveso — cidade italiana atingida por uma nuvem tóxica emanada de uma fábrica de produtos químicos — mais de 300 mulheres grávidas viram-se ameaçadas de ter filhos com graves defeitos físicos e mentais.

A revista «L'Europe» abordou amplamente os principais problemas que vêm preocupando as mulheres italianas, como trabalho, moradia, o meio ambiente, o aborto, a violência e fez entrevistas com as principais ativistas feministas do país. Para o semanário italiano, as mulheres escolheram o único caminho possível para obrigar a sociedade a «ver» os seus problemas: o das demonstrações em praça pública. Para «L'Europe», a condição da mulher é uma questão — chave na sociedade atual, pois estão em jogo a energia, a criatividade, a dignidade da metade da humanidade, mantida por séculos fora da história. «Enquanto as dívidas contraídas com a mulher forem pagas com a moeda do palavreado em lugar da ação concreta, o movimento feminista será obrigado a arcar com todo o peso da luta pela libertação da mulher com escassos ou pouco convictos aliados», frisa o semanário.

Comentando a mais recente manifestação das mulheres italianas, por ocasião da visita do presidente do Conselho de Ministros, Giulio Andreotti, à região de Friuli, norte da Itália, a revista mostra que a situação da mulher se torna a cada dia mais difícil porque no atual sistema é ela que sente mais os efeitos da crise econômica e social. As mulheres de Friuli desfilaram pelas ruas levando cartazes nos quais criticavam a crise da moradia, o custo elevadíssimo dos aluguéis, a falta de serviços sociais que lhes permitam sair do isolamento doméstico a que são relegadas.

Para Claudia Sorlini, ativista feminista, a luta da mulher pela casa poderia parecer contraditória por ser a casa considerada como um gueto da mulher. No entanto, ela afirma que essa luta é uma batalha que ajuda a emancipação da mulher. O fato de a mulher organizar-se para exigir uma casa e baixos aluguéis, ainda que não sejam problemas especificamente femininos, servem para elevar sua consciência, mostrar sua força, e as vantagens de se reunir, de se encontrar com suas companheiras para discutir, tratar coletivamente os problemas, superando a divisão histórica entre os sexos. Quando as mulheres saem de seu estreito ambiente doméstico para unirem-se a outras mulheres, elas começam a pôr em cheque seu papel «específicos de donas-de-casa para adquirir uma consciência política.

As arquitetas Lorenza Mineli e Maria Antonieta Aragona em estudo que vêm realizando sobre o condicionamento da mulher através da distribuição do espaço interno, mostram que enquanto na comunidade primitiva a mulher — dona da casa — tinha o mesmo poder do homem — dona da praça — com o passar do tempo, o homem se apoderou dos espaços internos, dispondo-os de acordo com suas «exigências», que afirma ser aquelas da mulher. O homem, segundo as arquitetas italianas, acabou fazendo da casa seu lugar privativo, assim como transformou a praça no seu lugar social. Elas criticam também a instituição do hábito da moradia em apartamentos, onde cada um tem seus próprios serviços privados, alegando que isso aprofundou o que há de mais cansativo e alienante para a mulher. «Nós aspiramos à construção de uma moradia onde o serviço seja socializado, uma casa que sirva igualmente ao homem e à mulher, que supere a barreira da divisão de papéis — social para o homem, doméstico para a mulher», afirma. Por fim, dizem pretender uma forma de habitação para uma sociedade onde as relações não sejam mais ditadas pela especulação e onde o relacionamento homem/mulher seja prioritário, de igual para igual.

«L'Europe» publica também um documento, «uma informação científica» onde aborda em seis pontos as diferenças que existem entre os dois sexos para comprovar que, se elas existem, «não significam inferioridade ou incapacidades» da mulher. Pelo contrário, tratando das diferenças de gênio, físico, sexualidade, psiquismo ou grau de inteligência, o semanário comprova as grandes qualidades da mulher, superando mesmo o homem, em muitos aspectos, para chegar à conclusão de que a chamada «inferioridade» apregoada da mulher, é um mero condicionamento social, de educação e ambiente.

Lila Figueiredo, Brasil Mulher #6 1977, p.11

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-8 (Acesso em 01/05/2026)

*Presumo que seja a única ilustração de Maria Isabel Cortes presente no BM #6 em razão da assinatura (a única da publicação) E o estilo também é muito diferente das ilustrações de Lila Figueiredo.

Povo reivindica melhoria nos transportes

Os serviços públicos de transportes, que na área metropolitana de São Paulo são deficientes e problemáticos, viveram, na última semana de outubro, situações inesperadas. No mesmo momento em que representantes estrangeiros elogiavam a sofisticação do metrô de São Paulo — no Simpósio Internacional de Transportes Públicos, realizado no luxuoso Hilton Hotel — o nosso metrô sofria uma paralisação de cinco horas, deixando milhares de pessoas sem transporte. Quase à mesma hora, um incêndio num trem da Fepasa provocou pânico e ferimentos em muitos passageiros. Ainda no mesmo dia, 600 moradores da Zona Sul se reuniram na Câmara dos Vereadores para reivindicar mais atenção aos transportes coletivos e a imediata intervenção da CMTC nas empresas de ônibus particulares que servem a região.

Homens, mulheres e crianças descem dos ônibus da zona sul, na praça das Bandeiras e em grupo se dirigem para a Câmara dos Vereadores, no viaduto Dona Paulina, em São Paulo.

— A senhora não vai entrar porque aí dentro não cabe mais ninguém, diz um dos guardas que vigia a porta do auditório 31 de Março, local da reunião.

— Mas num ônibus pode entrar 100, 150 que ninguém fala nada, retruca a mulher.

Outras mulheres também discutem:

— Nos ônibus a gente pode até ficar dependurada, que ninguém fala nada.

— Eu vim pendurada num ônibus para vir até aqui. Chega aqui e eu não entro porque não pode ficar de pé aí dentro.

No auditório, a lotação está esgotada, prevista para 150 pessoas, já tem mais de 200. Os que estão dentro trocam palavras, felicitações e cumprimentos com os outros moradores que não conseguem entrar.

Os dois guardas são inflexíveis. Ninguém entra.

A solução logo vem. A reunião vai ser no saguão.

No saguão, isto é, bem próximo da rua, tem início a reunião, não sem antes esperar as autoridades e vereadores que foram convidados. Até o final só comparecem quatro políticos, 3 vereadores e um deputado federal, todos do MDB.

Um trabalhador se aproxima do microfone e começa a ler: «AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, DEPUTADOS, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, PREFEITO DE SÃO PAULO, SECRETÁRIO DOS TRANSPORTES, DIRETOR DA CMTC, PRESIDENTE DA EBTU, VEREADORES E POVO EM GERAL.

Somos moradores das vilas situadas na região de Parelheiros, Cipó, Grajaú e M'Boy Mirim, zona sul de São Paulo, servidos respectivamente pelas Empresas de Transporte Sete de Setembro, Independência e Jurema. Não é esta a primeira vez que tornamos públicos os nossos graves problemas e as dificuldades decorrentes de uma situação que vem se agravando há anos: o transporte coletivo, que por sinal, não é o único grande problema dos bairros da periferia. Esses bairros operários são deixados no esquecimento pelas autoridades. Não temos condução, não temos água encanada, não temos redes de esgoto, nem creches, nem postos de saúde. Não temos nada.

Na tentativa de solucionar problemas como: falta de ônibus nas linhas, ônibus superlotados, horários irregulares, carros quebrados e sujos, não cumprimento de itinerários obrigatórios, manutenção deficiente colocando em risco nossas vidas, decidimos nos reunir (Parelheiros, Cipó, Grajaú e M'Boy Mirim) para reivindicarmos junto à Câmara dos Vereadores, as providências necessárias.

Sabemos que nossos representantes mais diretos e legítimos são os vereadores, e eles devem estar cientes da situação insustentável que toda a periferia de São Paulo vem sofrendo, para que assim possam legislar com maior conhecimento de causa e em benefício dos que os elegeram.

Gostaríamos de lembrar que muito antes de nos unirmos nessa luta (Parelheiros, Cipó, Grajaú e M'Boy Mirim), há quatro anos os moradores de M'Boy Mirim iniciaram seu movimento reivindicatório. Os bairros de Parelheiros e Cipó, há mais de um ano estão lutando para melhoria no transporte coletivo. Ambos os movimentos valeram-se de pesquisas minuciosas, feitas pelos próprios moradores das vilas, além de realizarem assembléias populares (com a presença de autoridades municipais e políticos dos dois partidos).

Tentamos abaixo assinado, fizemos inúmeras e infrutíferas visitas aos órgãos competentes e nada conseguimos. Não conseguimos convencer ou mesmo sensibilizar suficientemente autoridades como o prefeito de São Paulo, Olavo Setubal, o secretário de Transportes, Olavo Cupertino, o diretor da CMTC, além, evidentemente, dos donos das Empresas de Transportes que nos servem mal. É importante notar aqui, que todas essas tentativas (assembléias, pesquisas, reuniões com políticos) foram amplamente divulgadas pela imprensa falada e escrita. E nada ficou solucionado.

Nos moradores concluímos portanto, que a única saída que nos resta é recorrer não apenas aos senhores vereadores, mas a autoridade máxima do país, Sr. Presidente da República e à opinião pública em geral. Queremos alertar a todos, que embora tivessem recebido relatórios os mais detalhados acerca da grave situação a que chegou o transporte coletivo na nossa região, as autoridades municipais mantiveram-se na mais absoluta indiferença.

Diante disso tudo, através desta CARTA ABERTA, nós, moradores de Parelheiros, Grajaú, Cipó e M'Boy Mirim reivindicamos a intervenção imediata da CMTC nas empresas Sete de Setembro, Independência e Jurema, no sentido de:

— aumentar o número de viagens, regularmente o cumprimento de itinerários (obrigatórios por lei) não só nos pontos finais nos bairros e em Santo Amaro, como também na Praça Dom José Liberal Pinto (Itaim), fiscalizar a manutenção dos carros, estender o percurso de algumas linhas. Enquanto as autoridades não tomarem nenhuma providência, o problema fica cada vez mais grave porque:

— a população desta região cresce assustadoramente, e o número de ônibus continua o mesmo.

— com os baixos salários dos operários, os menores e as mulheres são obrigados também a trabalhar, aumentando sempre mais o número de usuários de ônibus.

— a falta de pavimentação nas vilas da região, prejudica a circulação de ônibus, sobretudo nas épocas de chuva.

— como as empresas citadas têm o monopólio dos transportes coletivos na região e ninguém as fiscaliza, elas colocam quantos ônibus querem nas linhas, transportando os trabalhadores como se fossem gado.

A persistência desta situação vem lesando os nossos direitos de usufruir dos serviços que a coletividade deveria prestar às pessoas que com seu trabalho, criam a riqueza desta nação e contribuem para os cofres públicos. Esta é a atual situação dos trabalhadores e dos estudantes que moram na região: continuamos perdendo dias de serviço e de escola, somos obrigados a pagar tração (entre Cr$ 7,00 e Cr$ 15,00 a viagem), corremos risco de vida em acidentes frequentes, e vemos cada vez mais reduzidas as nossas horas de descanso pelo tempo perdido nos pontos de ônibus e durante o percurso. Além disso, em algumas vilas, os doentes que necessitam de socorro urgente, depois das 22 horas, são obrigados a tomar táxi (quando tem sorte de conseguí-lo) ou de esperar o dia seguinte.

Isto posto, e consciente de nossos direitos, aguardamos soluções concretas e imediatas.

O POVO DA REGIÃO

Depois da leitura da carta, outros moradores usam os microfones e lêem os relatórios preparados por cada vila. Os relatórios falam do nosso povo operário que precisa de condução para se transportar até o trabalho, mas até agora ele está esquecido no ponto de ônibus ou dentro de uma condução superlotada». Outro relatório critica o metrô que está servindo para valorizar imóveis e servir classes privilegiadas e que o transporte de massas bem planejado e de boa qualidade servirá não só a grande massa trabalhadora como também grande parcela da classe média, que também sofre com os constantes aumentos de gasolina.

Um dos últimos moradores a falar faz uma pergunta:

— Cadê as autoridades que deveriam estar aqui? Nós não somos pessoas humanas? Era só isso.

Maria Isabel Cortes, Brasil Mulher #6 1977, p.15

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-8 (Acesso em 01/05/2026)

EXPEDIENTE

Conselho Editorial: Joana Lopes, Lila Figueiredo, Marina D'Andrea, Rose
Mary Souza Serra.
Diretora Responsável: Ana Maria de Cerqueira Leite
Editora: Joana Lopes
Equipe de Redação Giulia Di Vizia, Joel dos Santos Guimarães, Marina D'Andréa,
Pedro Paulo Felismino, Setsuko Hanazaki,
Vassiliki Thomas Constantinidou.
Colaboradores Amelinha Silva Telles, Beatriz do Valle Bargieri, Diva M. B. Romão, Luiza Miriam
Martins, Mirtes Leal, Rosalina S. C. Leite, Moema
V. M. Filgueiras, Maria Isabel Cortes Bordas, José R. D'Andrea.
Ilustração: Lila Figueiredo
Arte: Helena Oliveira
Correspondente: Paris - Linda Bulik / México: Venice Rahal
Deptº Jurídico: Márcia Ramos de Souza, Luiz Eduardo Rodrigues Greenhalg
Distribuidor: Belo Horizonte Editora Textual Ltda. Curitiba J. Ghignone
& Cia. Ltda. Rio de Janeiro: Livraria Folhetim,
São Paulo: Livraria UCITEC.

Esta publicação é de propriedade da Sociedade Brasil Mulher. Sede em Londrina — Av. Inglaterra, 655 CAIXA POSTAL Nº 1379. Filial São Paulo: Rua Oscar Freire, 1607, ap2. Caixa Postal 13897. Tiragem 5.000 exemplares.

A reprodução das matérias em Brasil Mulher será permitida mediante autorização prévia do Conselho Editorial.

Serviços de Arte, composição e impressão: Diários Associados. São Paulo, 30/04/77.

Expediente, Brasil Mulher #especial8M 1977, p.7

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-9 (Acesso em 01/05/2026)

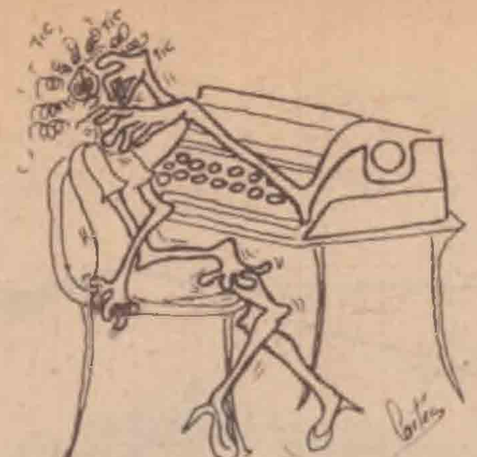
COLABORADORES — Vilma Amaro, Wilma, Ascanio Jatoba de A. Soares, Maria Celeste da Silva Dias, Carmela de Vizia, José Roberto D'Andréa.

ILUSTRAÇÃO: Lila Figueiredo, Maria Isabel Cortes Bordas, Nelson S. Tanaka.

ARTE — Lila Figueiredo, Setsuko Hanazaki.

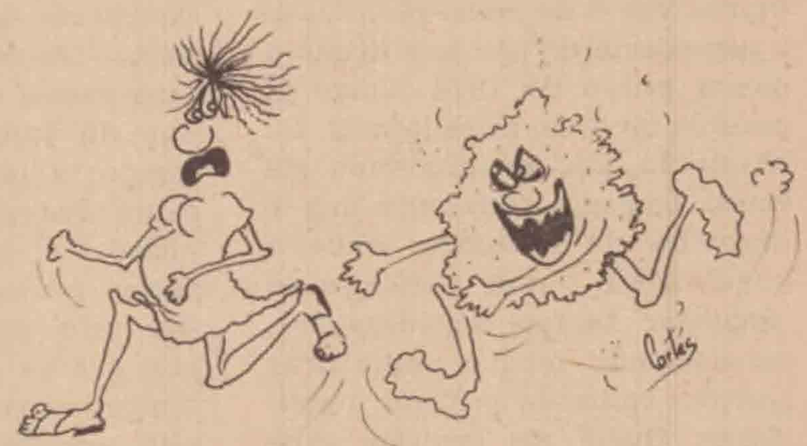
Expediente, Brasil Mulher #7, junho de 1977 p. 2

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-10 (Acesso em 01/05/2026)



Atenção datilógrafas

Rubéola: perigo maior na mulher grávida



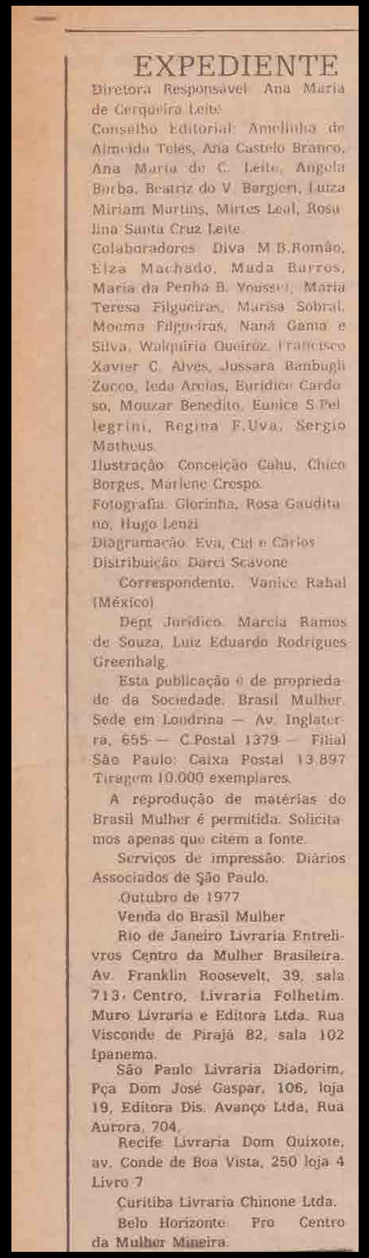
encefalite, problemas na

erais (hepatites, lesões

ento para a rubéola (ou
cure a doença). O trata

Maria Isabel Cortes, Brasil Mulher #7, junho de 1977 p. 14

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-10 (Acesso em 01/05/2026)



EXPEDIENTE

Diretora Responsável: Ana Maria de Cerqueira Leite

Conselho Editorial: Amelinha de Almeida Teles, Ana Castelo Branco, Ana Maria de C. Leite, Angela Borba, Beatriz do V. Bargieri, Luiza Miriam Martins, Mirtes Leal, Rosulina Santa Cruz Leite.

Colaboradores: Diva M.B.Romão, Elza Machado, Muda Barros, Maria da Penha B. Vousser, Maria Teresa Filgueiras, Marisa Sobral, Moema Filgueiras, Nanã Gama e Silva, Walquiria Queiroz, Francisco Xavier C. Alves, Jussara Banbugli Zucco, Ieda Arcias, Euridice Cardoso, Mouzar Benedito, Eunice S.Pellegrini, Regina F.Uva, Sergio Matheus.

Ilustração: Conceição Cahu, Chico Borges, Marlene Crespo.

Fotografia: Glorinha, Rosa Gauditano, Hugo Lenzi

Diagramação: Eva, Cid e Carlos

Distribuição: Darci Scavone

Correspondente: Vanice Rahal (México)

Dept Jurídico: Marcia Ramos de Souza, Luiz Eduardo Rodrigues Greenhalg.

Esta publicação é de propriedade da Sociedade, Brasil Mulher. Sede em Londrina — Av. Inglaterra, 655 — C.Postal 1379 — Filial São Paulo: Caixa Postal 13.897 Tiragem 10.000 exemplares.

A reprodução de matérias do Brasil Mulher é permitida. Solicitamos apenas que citem a fonte.

Serviços de impressão: Diários Associados de São Paulo.

Outubro de 1977

Venda do Brasil Mulher

Rio de Janeiro Livraria Entrelivros Centro da Mulher Brasileira. Av. Franklin Roosevelt, 39, sala 713, Centro, Livraria Folhetim. Muro Livraria e Editora Ltda. Rua Visconde de Pirajá 82, sala 102 Ipanema.

São Paulo Livraria Diadorim, Pça Dom José Gaspar, 106, loja 19, Editora Dis. Avanço Ltda, Rua Aurora, 704.

Recife Livraria Dom Quixote, av. Conde de Boa Vista, 250 loja 4 Livro 7

Curitiba Livraria Chinone Ltda.

Belo Horizonte Pro Centro da Mulher Mineira.

*** Primeira vez que o nome de Lila Figueiredo desaparece dos expediente de ilustração do BM.**

Ilustração. Conceição Cahu, Chico Borges, Marlene Crespo.

Expediente, Brasil Mulher #9, outubro de 1977 p. 2

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-11 (Acesso em 01/05/2026)

Expulsão de camponeses em Caaporã, na Paraíba

«Pra onde é que nós vamos?» Esta é a pergunta que aflige milhares de pequenos lavradores, homens e mulheres, que criaram riquezas, derrubando matas, produzindo alimento, e agora são expulsos pela grande propriedade, que se expande para produzir soja, cana ou criar gado. A riqueza criada se concentra da propriedade da terra.

A cana-de-açúcar se cultiva em grandes extensões de terra. Na Paraíba em 1972, segundo os dados do INCRA, mais da metade da produção de cana concentrava-se nas grandes propriedades (acima de 1.000 hectares), em mãos de apenas 2,1% dos produtores. Em 1973, a Paraíba ocupava o nono lugar na produção de cana (46.051 ha cultivados). Em 1975, passou a oitavo lugar, com um aumento de 30% da área cultivada (60.048 ha). Esse aumento, só ultrapassado, na época, pelo Estado de Minas Gerais, se deu à custa da expansão das grandes propriedades, em detrimento dos pequenos lavradores.

As grandes propriedades pertencem geralmente às usinas. Estas procuram expandir-se cada vez mais, incorporando novas terras por meio da compra ou da expropriação. Para atingir seus fins, empregam muitas vezes a violência.

Como resultado desse processo de expansão da grande empresa capitalista, temos o drama dos sitiantes, foreiros, posseiros arrendatários e parceiros. A eles restam opções nada alentadoras de emigrar para outras terras, recomeçando tudo de novo, ir para as cidades onde os empregos são escassos ou transformarem-se em trabalhadores de usina. Na maioria das vezes, ficam perambulando pelas estradas, vagueando de fazenda em fazenda ou morando nas periferias da cidade e trabalhando no campo.

Diante das opções que lhes são colocadas, esses camponeses oferecem resistência: enfrentam pistoleiros e os tratores da Usina que destroem suas casas e lavouras, procuram apoio em sindicatos e Federações de trabalhadores, juízes, e até mesmo no Exército. Até ao Presidente da República chegaram a recorrer. É uma resistência heróica e tenaz, ante a qual a Usina recua, emprega outros métodos, tenta entrar em acordo.

Qual o destino dos pequenos lavradores?

A história de Dona Maria Henrique dos Santos, moradora da Fazenda Retirada, no município de Caaporã, Paraíba, é a história da luta entre a empresa capitalista em expansão e os pequenos lavradores. De um lado está a Usina Maravilha, que pretende expandir suas lavouras, e de outro, cento e vinte lavradores da Fazenda Retirada.

Os lavradores da Fazenda Retirada possuem a manutenção de posse, expedida pelo Juiz de Pedra de Fogo em 1975, quando então a Usina já os ameaçava de expulsão. Uma comissão de 39 lavradores solicitou ao Juiz e ao quartel do 15º Regimento de Infantaria garantias contra a expulsão. Nesta época, um major do 15º RI baixou uma ordem proibindo a Usina de molestar os lavradores. Estes, além do documento de manutenção de posse, pagavam foro, primeiro à Companhia Paulista, e depois à Usina. A Usina Maravilha, tendo resolvido expandir suas atividades e ocupar as terras da Fazenda Retirada, passou a recusar o recebimento do foro, para descaracterizar a legitimidade de posse. Os lavradores reagiram, pagando o foro em cartório. Isto ocorreu em março de 1977. Em junho, porém, a Usina resolveu adotar outros métodos.

Conta dona Maria Henrique dos Santos:

«Eu tava em casa quando a Usina começou a destruir os roçados dos moradores. Seu Elias, que trabalha na Usina, chegou dizendo que o doutor queria comprar minhas terras por quinhentos contos e que com o dinheiro eu podia tirar madeira da mata para fazer uma casa. Respondi que pagava meus direitos e que quinhentos contos não dava nem para tirar madeira quanto mais para fazer uma casa.»

Ante a recusa de Dona Maria em vender seu terreno e a tenacidade com que defendia seus direitos, a violência e a intimidação por parte da Usina, não tardaram.

«Passados uns veio o trator e revirou um bocado de lavoura minha, bem obra de uma conta ou mais. Chorei e me agoniei muito», diz Dona Maria. Ela não desanimou. Procurou o Sindicato e a Federação dos trabalhadores e solicitou, através do advogado uma indenização de Cr$ 15.000,00 pelos estragos e invasão de sua propriedade.

Quando Dona Maria resolveu fazer uma casa no seu terreno para a sua filha Edileuza, a Usina proibiu e mandou um pistoleiro, Severino Lino, junto com o capataz Seu Elias e o Dr. Flávio, advogado da Usina, para dizer que iam derrubar a casa. O que aconteceu com Dona Maria Henrique dos Santos aconteceu com outros moradores do local. Seu Manoel Soares queria construir um barraco para a sua filha viúva (e com quatro filhos) e a Usina proibiu. O roçado do seu Pedro Alexandre de Alcântara também foi invadido e destruído pelo trator. Seu Antônio de Oliveira Pinto foi proibido de cobrir e consertar sua casa.

A usina quer a terra... e os moradores

No dia 14 de agosto houve reunião no Sindicato. A Usina queria entrar num acordo: daria terra em outro local ou então quem quisesse

Marlene Crespo?, Brasil Mulher #9, outubro de 1977 p. 4

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-11 (Acesso em 01/05/2026)

A mulher nos jornais

Para a imprensa em geral, a mulher vale como enfeite de suas páginas. Raramente aparece como sujeito de uma ação, a não ser que tenha cometido um crime, seja uma estrela ou desportista.

um mes,
Brasília
alisar a
mulheres
s jornais
atamento
m seleci
s quais o
a de S.
ornal de
ltado do
iminação
, embora
varie de
guns jor
er possa
a, basta
to, para
do ou ter
ou ainda
n impor
a mulher
mbelezar

u o Esta
e, em 17
a mulher
eira pági
lizabeth
de fotos,
eram na
ando a
resley e
nicídio do

Para Glauci
que pesquisou o
distribuição des
homens e mulh
que consultou,
inexistência da
180 títulos diá
em média no j
63,5% se refe
apenas 4,7% a
internacional foi
vezes aparec
enquanto na de
ceu nenhuma
publicadas ond
res, 16 não fazi
cia a elas na leg

A pesquisa
Dias, nas pá
Brasília, mostr
apareceram em
dia em título, e
aparecem 62
presença relati
mais alta (10 p
homem), o que
a concluir que
acha important
para embeleza
forma, a seção
mais aparecem,
em títulos, é a

Brasil Correio

Presas políticas de Bangu querem melhores condições

Nós, presas políticas de Bangu, temos acompanhado com entusiasmo o papel que o Brasil Mulher desempenha no desenvolvimento do movimento das mulheres em busca da sua emancipação, compreendendo que esta depende e deve estar inserida na luta pela libertação de todos os oprimidos. Além disso, para nós particularmente, o Brasil Mulher representa a possibilidade de um canal por onde nos fazer ouvir. Vivendo no presídio feminino de Bangu, estamos há um ano reivindicando nossa transferência para o Presídio Político do R. Frei Caneca e dirigimo-nos a vocês para divulgar

Conceição Cahú?, Brasil Mulher #9, outubro de 1977 p. 10-11

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-11 (Acesso em 01/05/2026)

BRASIL MULHER

Diretora Responsável: Adélia Lucia Borges de Gusmão, Conselho Editorial: Amelinha de Almeida Teles, Ana Castelo Branco, Ângela Borba, Beatriz de V. Bargieri, Luiza Miriam Martins, Mirtes Leal, Rosalina Santa Cruz Leite.

Colaboradores: Alberrina de Carvalho, Ana Elena, Ana Maria Silva, Aparecida M. de Oliveira, Bárbara Ferreira Arena, Beth Lobo, Carlos Manuel Carolino, Elizabete Sardelli Magini, Elza Machado, Gloriinha, Iara G. Arelas Prado, Ieda M. Arelas, Janina Maria Adamczuk, Kátia Antunes de Andrade, Leda Beck, Lena Lavinas, Madá Barros, Maria Elisa Leonel, M. Luiza Fernandes, Maria Prudente de Morais, Maria Quintério, Maira Terezа Ghirimbelo, Marisa Sobral, Marisete Debenat, Marlene Crespo, Mark de Araujo, Monica S. de Barros, Mourat Benedito, Nana Gama e Silva Rachel Moreno, Vela Lúcia L. Soares e Valquiria Quelroz.

Programação Visual: André Boccato.

Capa: Dina Beck; Lay-out: André Boccato, Leda Beck

Ilustrações: Arthur Cida Spinola, Ciça, Conceição Cahu, Dina Beck, Laerte, Laura, Valentim Lino.

Fotografia: Ana Maria Silva, Gloriinha.

Diagramação: Alex, Geisa, André Boccato, C.A. Teles.

Distribuição: M. Tereza Ghirimbelo, Carlos Manuel Carolino, Consolation Fernandes.

Correspondente: Vanice Rabal (Mexico).

Dep. Jurídico: Márcia Ramos de Souza, Luiz Eduardo Greenhalg.

Esta publicação é de propriedade da Sociedade Brasil Mulher.

Sede em S.Paulo: Rua Arthur Prado, 637 - Paraíso - Caixa Postal: 19.238. Tiragem: 10.000 exemplares. Composição: Editora Afa Ltda. Av. Liberdade, 704 — Março de 1978.

Vendas no Brasil Mulher: Rio de Janeiro: Livraria Estrelítzia, Centro da Mulher Brasileira: Av. Franklin Roosevelt, 39 sala 715, Livraria Freibitlin, Muro Livraria e Editora Ltda: Rua Visconde de Pirajá, 82 sala 102; S.Paulo, Livraria Diadorim: Praça D. José Gaspar, 106, loja 19, Editora Dist. Avanço: Rua Aurora, 704.

Recife: Livraria Dom Quixote: Av. Conde de Boa Vista, 250, loja A.

Curitiba: Livraria Chinone Ltda.

Nota da Redação: A capa do nº 10 foi feita por Valentim Lino.

LEIA

Em tempo
Amanhã
Nós Mulheres
Versus
Paca-tatu, Cutia não
Invasão
Movimento
Poesias Populares (Jornal do Poeta)
O Repórter
Capa
O Crivo
Gota
Varadouro
O Beijo
Pasquim
Cobras de Vidro

UM DIA DE LUTA

No dia 23 de fevereiro, o Ministério do Trabalho divulgou o texto final, já aprovado pelo presidente Geisel, do capítulo da CLT, que tratado trabalho feminino.

O novo texto **estende às mulheres trabalhadoras** certas normas que já prejudicavam os trabalhadores em geral. De fato as alterações propostas pelo projeto de lei foram mais de forma do que de conteúdo. A rigor as únicas novidades referem-se a permissão da mulher trabalhar à noite e a liberação da Hora extra.

Por outro lado, em relação a alguns direitos adquiridos, mencionados na CLT, o novo projeto apresenta um retrocesso. Quanto a estabilidade da trabalhadora gestante, os sindicatos já vinham, através de dissídios salariais conseguindo uma estabilidade maior do que a prevista no projeto: garantia-se o emprego da gestante até sessenta dias após seu retorno ao trabalho.

Nem a liberação do horário noturno, nem a hora extra, são reivindicações das mulheres trabalhadoras. Muito pelo contrário. A ampla cobertura do 1º Congresso da Mulher Metalúrgica, que o **Brasil Mulher** publica nesta edição, em seis páginas, revela que as trabalhadoras estão empenhadas exatamente em lutar **contra** o horário noturno e a hora extra. E não só para elas: «Ninguém deveria fazer horário noturno se os salários fossem justos», disse uma das participantes do Congresso.

Neste momento, em que, além de não conquistar novos direitos, a mulher perde alguns, a divulgação dos depoimentos colhidos pelo BM, no 1º Congresso de Mulher Metalúrgica é, sem dúvida, uma boa maneira de contribuir para as atividades do 8 de março - Dia Internacional da Mulher. Pelo terceiro ano consecutivo, as mulheres paulistas vão se reunir para debater seus problemas: no dia 4 de março, em grupos de discussão; no dia 8, numa grande concentração, durante a qual será lido o documento baseado nos debates do dia 4.

O BM convoca todas as mulheres para que, neste ano, as atividades de comemoração do Dia Internacional da Mulher sejam o marco inicial de um movimento de unidade dos grupos interessados na luta da mulher, visando a continuidade do trabalho ao longo de todo o ano. Se a causa é comum a esses grupos, eles devem permanecer unidos, desenvolvendo um trabalho conjunto pela emancipação da mulher, compreendida como elemento fundamental da emancipação de todos os trabalhadores.

A nova mulher nascerá de uma luta ampla e contínua, que não se manifesta apenas em datas comemorativas. Mas este 8 de março pode e deve ser o princípio de uma unidade duradoura, que nos mantenha juntas - donas de casa, operárias, intelectuais - na luta por uma sociedade melhor e mais justa.

VOCÊ NÃO PODE DEIXAR DE ASSINAR O "PACOTE DA IMPRENSA INDEPENDENTE"

Movimento lançou uma nova campanha de assinaturas: ao assinar **Movimento**, ao mesmo tempo você assina outros jornais e revistas da imprensa democrática. São dois os planos:

- **Plano 1:** Você assina, por um ano, além de **Movimento**, mais três publicações à sua escolha. Por apenas Cr$ 800,00.
- **Plano 2:** Você assina, por um ano, além de **Movimento**, mais seis publicações à sua escolha. Por apenas Cr$ 1.000,00.

O "pacote" inclui as mais conhecidas e mais respeitadas publicações da imprensa democrática de todo o país.

BRASIL MULHER *jornal feminista mensal de São Paulo*	VERSUS *revista mensal de São Paulo*	O SÃO PAULO *jornal semanal da Arquidiocese de São Paulo*	MUTIRÃO *jornal mensal de texto e reportagem de Fortaleza (CE)*
ESTEIO *jornal mensal do Centro Mineiro de Cultura Populer*	COOJORNAL *jornal mensal da Cooperativa dos Jornalistas do RGS*	REVISTA DO CEAS *publicação do Centro de Estudo e ação social dos Jesuítas da Bahia*	RÁDICE *revista bimestral de psicologia (RJ)*
DE FATO *jornal mensal de Belo Horizonte*	POSIÇÃO *jornal quinzenal de Vitória (ES)*	INÉDITOS *revista bimestral de Literatura (MG)*	

Conheça os problemas de nosso país e do mundo através de fontes seguras e criteriosas de informação. Informe-se de forma democrática e ajude a democratizar e popularizar a informação. Para assinar ou dar de presente o nosso "pacote", basta preencher o formulário abaixo.

nome_____
endereço_____
cep_____ profissão_____ idade_____
cidade_____ estado_____

Desejo fazer uma assinatura de **Movimento** e das publicações assinaladas ao lado segundo o:

☐ **PLANO 1** (Cr$ 800,00 — Movimento + 3 publicações)
☐ **PLANO 2** (Cr$ 1.000,00 — Movimento + 6 publicações)

Estou enviando o cheque nº_____ em nome de Edição S/A — Editora de Livros, Jornais e Revistas. Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 625. Pinheiros, São Paulo — SP. CEP 05415.

☐ BRASIL MULHER
☐ ESTEIO
☐ DE FATO
☐ VERSUS
☐ COOJORNAL
☐ POSIÇÃO
☐ O SÃO PAULO
☐ REVISTA DO CEAS
☐ INÉDITOS
☐ MUTIRÃO
☐ RÁDICE

Capa: Dina Beck; Lay-out: André Boccato, Leda Beck

Ilustrações: Arthur Cida Spinola, Ciça, Conceição Cahu, Dina Beck, Laerte, Laura, Valentim Lino.

expediente + apresentação, Brasil Mulher #11, março de 1978 p. 2

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-13 (Acesso em 01/05/2026)

Brasil Mulher

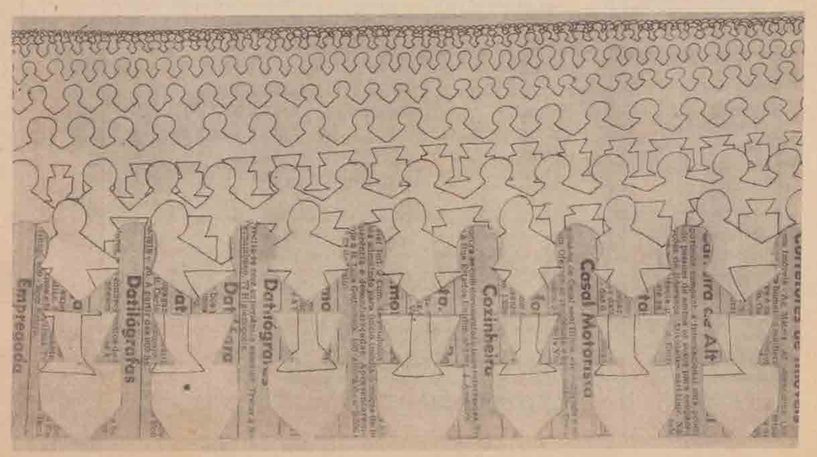
ANO 2 | Março 1978 Nº 11 | Cr$ 8,00

1º CONGRESSO DA MULHER METALÚRGICA

A rainha do lar
Página 12

Dia Internacional da Mulher
Página 3

Mulher na oposição do Rio
Página 10



Dina Beck, Brasil Mulher #11, março de 1978, capa

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-13 (Acesso em 01/05/2026)

pesquisa

Aí vai depender da ignorância dele

4

As mulheres devem casar virgens ?

«Acho que virgindade deve ser conservada porque os homens dão importância a isso e se a mulher não é mais virgem, eles não confiam». O tabu da virgindade ainda aparece como obrigatório para a mulher ou então condicionado à posição do homem. Assim, a virgindade ainda não é para a maioria das mulheres uma escolha pessoal.

«Prá mim não é problema, mas acho que se deve falar com o homem. Aí vai depender da ignorância dele».

A dupla moral existente na nossa sociedade faz com que uma coisa seja certa para os homens e, ao mesmo tempo, errada para as mulheres. «Eu acho bacana ficar virgem até o casamento, pois é uma coisa que valoriza mais a pessoa e que se tem desde criança». Só uma das entrevistadas colocou a questão de que deveria haver maior compreensão por parte dos homens: «Dependendo do relacionamento que se tem, a virgindade pode ou não ser mantida». Ou seja, a aceitação desse valor mostra a passividade da mulher dentro da sociedade que a oprime.

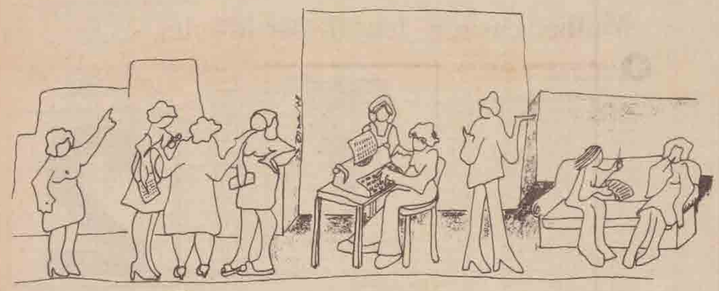
Entretanto, algumas das entrevistadas chegaram a levantar o risco de um casamento sem um prévio conhecimento sexual do casal, e que a igualdade deve também estar ligada à atividade sexual: «Virgindade é problema que não vale mais! Hoje em dia é até errado casar virgem...» «Não deve casar virgem. A igualdade deve existir também nisso, mas com um homem que se goste. A maior parte das operárias não casa virgem».

Uma mulher que fica grávida e não quer ter a criança, deve abortar ?

Para manter o trabalho doméstico da mulher e sua função de gerar os futuros trabalhadores, a sociedade tira a possibilidade de a mulher escolher quando e quantos filhos quer ter, além de reprimi-la totalmente nos assuntos ligados ao sexo. Esta repressão se faz mais presente ainda, por exemplo, no caso de aborto: «Aborto é errado ! Deve ter a criança. O que é feito, é feito». «Acho que o aborto é pecado. Acho melhor ter e dar para outra pessoa criar». «Já que aconteceu, deve assumir».

A repressão sexual é feita de várias formas, seja pela difusão da idéia de pecado, a ausência de informações, seja pela falta de educação sexual. Todos esses fatores criam o tabu da ligação entre sexo, casamento e maternidade. «Não se deve eliminar uma criança nunca mesmo não tendo condições de manter». «Ela deve se responsabilizar, pois mesmo dentro da barriga já tem direito à vida» «Tem meios de controle. Só fica grávida quem quer».

Das entrevistadas, 26 são contra o aborto, e apenas 4, a favor. «Sim, deve fazer o aborto! Sei que fazer é errado, a gente deve sempre evitar de ficar grávida, mas deve-se também evitar que venha alguém no mundo pra sofrer».



5

O pior serviço dão prás grávidas

Quais são os direitos da trabalhadora gestante ?

«Direitos que eles dão: três meses de licença e não pode mandar embora, mas minha firma manda». Esta resposta está entre as de seis operárias que conheciam apenas o direito à licença. Outras 15, entre elas uma casada, não conheciam nada a respeito. Cinco afirmaram ter aprendido alguma coisa no Congresso — «agora posso informar as minhas colegas» — e somente três (duas casadas) conheciam os direitos.

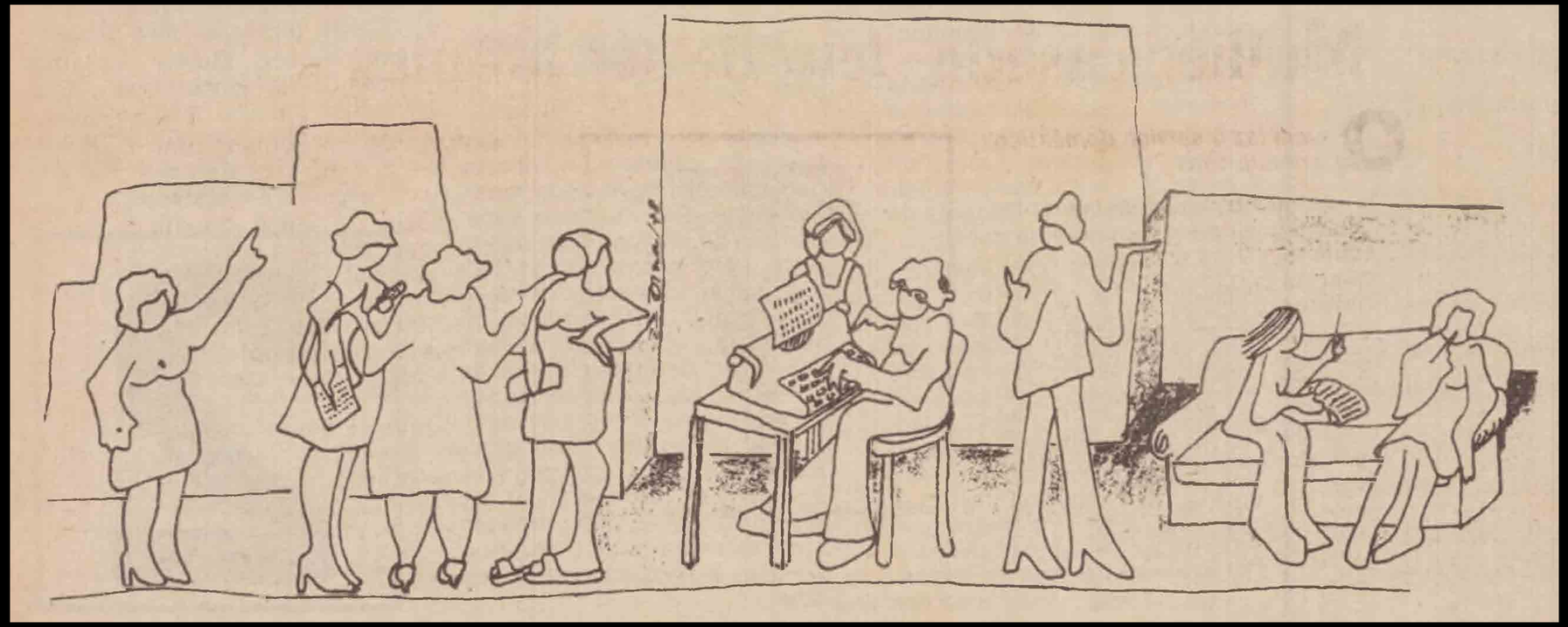
Mas todas comentaram muito o tema: «O pior serviço dão prás grávidas», disse uma. «Muitas firmas fazem as mulheres trabalharem até as vésperas de ter nenêm», lembrou outra.

Toda fábrica com mais de 30 trabalhadoras é obrigada a ter creche. Sua fábrica tem ?

«A lei existe, mas nenhuma fábrica tem creche». De fato, nenhuma das fábricas onde trabalhavam as operárias entrevistadas (todas com mais de 30 mulheres empregadas) tinha creche. «Uma operária levou a criança prá fábrica e assim conseguiu ser mandada embora», conta uma das entrevistadas. Outra disse que, em sua empresa, «muita mulher grávida tem que pedir as contas» e uma terceira lembrou que as mulheres «têm medo de falar e ser mandadas embora». Algumas conseguiram avançar soluções para o problema: «As mulheres não reivindicam por falta de união. A creche poderia ser conseguida com a força do sindicato».

Laura??, Brasil Mulher #11, março de 1978 p. 8

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-13 (Acesso em 01/05/2026)



Laura??, Brasil Mulher #11, março de 1978 p. 8

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-13 (Acesso em 01/05/2026)

Quero ter um lar, filhos e nome

6

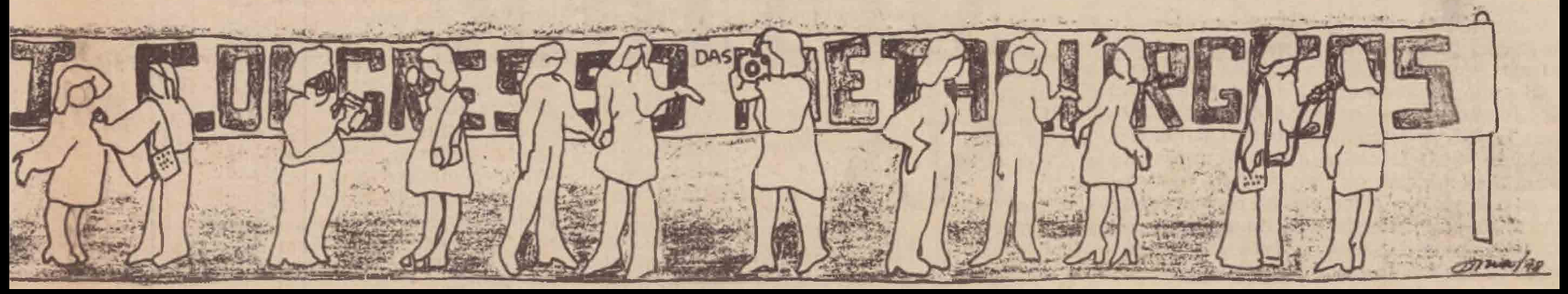
O que você acha do casamento ?

Nas sociedades onde existe maior exploração, o ideal da mulher doméstica e passiva, dependente em relação ao homem é homem e mulher é mucria-se o mito da *esposa e mãe:* «Cabe ao homem sustentar a casa e à mulher cuidar dos filhos», disse uma entrevistada.

«Quero cuidar do meu marido e dos meus filhos», anunciou outra. Mas nem por isso a mulher é mais protegida; pelo contrário: geralmente nesses lugares as leis não protegem nem na gravidez, nem na amamentação. Ela tem de criar os filhos sem contar com creches, escolas maternais, parques infantis ou assistência médica gratuita.

«Ter um lar é bom porque arruma a vida da gente; se o marido trabalha, a gente não precisa trabalhar». A sociedade condiciona a mulher a aceitar esse tipo de valor e a ver o casamento dessa forma. Então, cada vez mais, a dependência da mulher com relação ao homem aparece como algo racional e natural: «É assim porque homem é homem mulher é mulher». A mulher é vista como simples instrumento e complemento do marido. Uma das entrevistadas explica porque casaria: «Quero abandonar o trabalho, já estou cheia...»

Mas é difícil negar o quanto é duro o «emprego de esposa». É um emprego sem férias, sem licença, sem salário: «A mulher trabalha em casa e na fábrica, se desgasta mais, envelhece e o homem fica todo boneco». A realidade é que para as mulheres trabalhadoras a jornada de trabalho aumenta com o casamento. São poucas as que insistem em continuar trabalhando depois de casadas, «mas não prá sustentar homem», como explicou uma delas.



Laura??, Brasil Mulher #11, março de 1978 p. 9

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-13 (Acesso em 01/05/2026)

brasil mulher

CONSELHO EDITORIAL: **Amelinha de Almeida Teles, Ana Castelo Branco, Ângela Borba, Beatriz de V. Bargieri, Diva Burnier Romão, Luiza Miriam Martins, Mirtes Leal, Rosalina Santa Cruz Leite.**

REDAÇÃO: **Leda Beck (coordenadora), Albertina de Carvalho, Ana Maria Silva, Aparecida M. de Oliveira, Barbara Arruda, Elza Machado, Iara G. Areias Prado, Ieda M. Areias, Katia Antunes de Andrade, Lauro Bandeira, Maria Alice, Maria Elisa Leonel, Marisa Sobral, Marlene Crespo, Paulino Feijó Lopes, Suzana Marques Dias Beck, Tiba Nunes, Vera Lúcia Soares, Wagner Carelli.** Paris: **Beth Lobo, Lena Lavinas e Maria Helena Tachinardi (texto); Otília, Sueli Tomazini e Sula (fotos).**

ARTE: **André Boccato (editor); Glorinha, Paulo Barbosa e Rosa Gauditano (fotos); Chico Borges e Dina Beck (ilustração).**

COLABORADORES: **Ana Elena, Bárbara Ferreira Arena, Carlos Manuel Carlino, Ciça, Conceição Cahú, Consolación Fernandes, Elizabeth Sardeli Magini, Madá Barros, Maria Luiza Fernandes, Maria Prudente de Morais, Maria Quinteiro, Maria Tereza Ghiringhelo, Maristela Debenst, Marli de Araujo, Mônica S. de Barros, Mouzart Benedito, Naná Gama e Silva, Valquiria Queiróz.**

Esta publicação é de propriedade da SOCIEDADE BRASIL MULHER, com sede em São Paulo (rua Arthur Prado, 637, Paraíso) e no Rio (av. Rui Barbosa, 762). É permitida a reprodução parcial ou total de matérias, desde que a fonte seja citada.

DIRETORA RESPONSÁVEL: **Leda Maria Marques Dias Beck-Tunas**
DEPARTAMENTO JURÍDICO: **Márcia Ramos de Souza, Luiz Eduardo Greenhalg.**
VENDAS: **São Paulo - Livraria Diadorim (praça Dom José Gaspar, 106, loja 19); Editora Avanço (rua Aurora, 704); Livraria Zapata (rua Cesário Motta Júnior);** Rio de Janeiro - **Livraria Entrelivros, Centro da Mulher Brasileira (av. Franklin Roosevelt, 39, sala 713); Livraria Folhetim, Muro Livraria e Editora Ltda. (rua Visconde de Pirajá, 82, sala 102);** Recife: **Livraria Dom Quixote (av. Conde de Boa Vista, 250, loja 4).**
Composição: **Editora Afa Ltda., av. Liberdade, 704.**
Tiragem: **10.000 exemplares.**
Abril/Maio de 1978.

Chico Borges e

Dina Beck (ilustração).

expediente, Brasil Mulher #12, abril/maio de 1978 p. 2
Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-14 (Acesso em 01/05/2026)

quebrando castanhas

Tenho 65 anos e trabalhei de 1953 até 1974 como quebradeira de castanha. A última vez foi ali na fábrica de «seu» Jorge, na Conceição. É só me deram emprego porque aceitei trabalhar sem carteira assinada, a Cr$ 2,00 a caixa de seis quilos. Eu chegava as 6 horas da manhã e fazia três caixas; tinha uma horinha para almoço e ia até às 6 horas da tarde. Se o patrão mandava, eu trabalhava até às 9 e 30 da noite e conseguia completar quatro caixas. Quando saí de lá, ninguém mais quis me aceitar. Procurei o INPS, mas o que eu tinha de carteira assinada não dava nem cinco anos e então me mandaram esperar fazer 70 anos para me aposentar. (Dona Maria Barbosa, quebradeira de castanha em Belém do Pará)

Tenho 46 anos e duas filhas que dependem de mim. Pego serviço às 6 horas da manhã. Às 11 horas almoço a comidinha que levo de casa. Às 11 e 30 todas nós temos que estar nas bancas para trabalhar até as 6 horas da tarde. Quando a castanha está boa, graúda e mole, no meio da safra, a gente consegue fazer três caixas e meia, ou quatro caixas. Fora dessa época, o máximo é três caixas. O trabalho custa. Não é fácil, não. Olhe: até as 9 horas da manhã, a gente faz uma caixa; depois, só lá pelas 2 da tarde é que a gente consegue completar a segunda. E eles pagam Cr$ 11,40 por caixa «boa», isto é, quando a castanha não está machucada. (Dona Raimunda, outra quebradeira de castanha em Belém do Pará)

Na região amazônica a proteína dá em árvores: são as castanheiras, que dão a castanha-do-pará. Isto deveria ser muito importante para um país de população subnutrida e carente de proteínas, que enche a barriga de farinha de mandioca e feijão (quando há feijão!). Mas não é isso que acontece: a castanha-do-pará é tão boa e tão rica em proteínas que 90% de sua produção vai alimentar os povos claros e bem nutridos dos países desenvolvidos. Vamos ver como isso acontece.

As castanheiras — árvores enormes, que chegam a atingir 20 a 30 metros de altura — não precisam ser plantadas: nascem sozinhas, no meio da selva. Nas melhores regiões, cada ouriço contém de 15 a 20 castanhas. Mas os frutos ficam muito altos e é preciso esperar que amadureçam e caiam sozinhos, para então serem recolhidos por homens que moram na própria floresta, em choupanas.

Depois, esses homens levam os frutos, pelo rio, em barcos, até as fábricas de beneficiamento, nos centros urbanos, principalmente Belém do Pará. Nessas fábricas, as castanhas são selecionadas e quebradas por cerca de duas mil mulheres — as quebradeiras de castanha.

Em janeiro essas mulheres se inscrevem nas fábricas — são oito só em Belém — para um trabalho que vai iniciar em março. Às vezes, passam dois meses trabalhando antes de serem registradas em carteira.

E algumas empresas, como a B. Mutran & Cia. Ltda., conseguem o malabarismo de juntar FGTS, férias, 13.º salário e salário-família para atingir a quantia ridícula de Cr$ 300,00. Uma operária nunca recebe o pagamento pelos dias em que está doente, nem mesmo a parte que o INPS tem a cumprir. Além disso, em algumas fábricas, quando as operárias estão para completar dois anos de serviço já não conseguem ser contratadas.

Há fábricas que abrem às 4 horas da manhã e fecham às 10 horas da noite, e tem gente que faz esse horário completo para garantir um dinheirinho. E que as quebradeiras ganham por quilo de castanha quebrada. Elas vão quebrando as castanhas e jogando em caixas que comportam seis quilos. Em geral, conseguem fazer de três a quatro caixas diárias. E ganham cerca de Cr$ 2,00 por quilo — quando o patrão não rouba na balança...

Porque também tem essa: o roubo na balança. Na Fábrica Brasil, por exemplo, quem produzia seis caixas ou 36 quilos por dia era roubada em 12 quilos pela balança — o que dava Cr$ 684,00 a menos por mês. Conversa vai, conversa vem, meia dúzia de mulheres à frente, as quebradeiras jogaram as castanhas e as caixas no chão... e deram uma surra no encurregado da balança, que já tinha sido avisado muitas vezes para deixar de roubar. Alguém chamou a polícia, mas o patrão mandou embora; disse aos policiais que aquilo era «um repente de mulher»... O carpinteiro levou dois dias prá fazer novas caixas e elas voltaram ao trabalho, com a balança consertada.

Isso prova que, embora passem quase 12 horas diárias com o corpo curvado sobre as bancas de trabalho — o que resulta em doenças cardíacas e nervosas e até tuberculose —, as quebradeiras de castanha não têm a espinha quebrada, não. A espinha está reta e a cabeça alta; o orgulho, a dignidade e o desejo de luta continuam em todas elas.

Lá na rua da Conceição nunca saia a assinatura da carteira de trabalho. Mas um dia se juntaram todas as trabalhadoras na porta, depois de muito reclamarem, até no Ministério do Trabalho, e deram uma surra de bolsa no patrão. Aí conseguiram o registro e a indenização.

E na Fábrica Brasil também tinha um outro problema: as castanhas vinham mal cozidas e duras, dificultando a quebragem e diminuindo a produção. Depois de reclamarem muito, as mulheres se combinaram e, quando as castanhas chegaram mal cozidas fizeram o seguinte: começaram a bater os frutos duros nas bancas de trabalho, e fizeram um barulho tão insuportável que os encarregados pelo cozimento aprenderam a respeitar aqueles «repentes de mulher»...

Na Fábrica Romariz, onde o problema também era o roubo nas balanças, a denúncia foi levada ao Sindicato. Afinal, o Sindicato deveria ser a união que faz a força. Então, o presidente do Sindicato foi lá e saiu da fábrica com a balança alterada. Mas, na porta, encontrou o patrão, recebeu uma gorjeta e devolveu a balança na hora, dizendo que já estava acertada.

O Sindicato é muito amigo do patrão da Romariz. O patrão desconta a mensalidade sindical (Cr$ 12,00 do salário das operárias) sob pena de não contratá-las na próxima safra. Em compensação, o Sindicato sempre aprova o patrão da Romariz.

Mas, comparando com outras fábricas, nem tudo é tão mau na Romariz, onde o patrão dá uma hora para o almoço. A Timbó, por exemplo, dá só 40 minutos e a Brasil dá 30 minutos. Até que é tempo demais para comer, se se pensar que a B. Mutran dá 15 minutos para almoço e a Progresso obriga a almoçar na própria banca de trabalho para não perder tempo...

Dina Beck

Dina Beck, Brasil Mulher #12, abril/maio de 1978 p. 15

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-14 (Acesso em 01/05/2026)

brasil mulher

CONSELHO EDITORIAL: **Amelinha de Almeida Teles, Ana Castelo Branco, Ângela Borba, Beatriz Bargieri, Diva Burnier Romão, Luiz Miriam Martins, Mirtes Leal, Rosalina Santa Cruz Leite.**

REDAÇÃO: **Leda Beck (editora) Alceu Nader, Ana Maria Silva, Cecília Thompson, Cecilia Wetten, Derly, Elisabeth Sardelli Mazini, Elza Machado, Fernanda, Iara G. Areias Prado, Ieda M. Areias, Janina Maria Adamenas, Lucila, Maria Alice P. de Morais, Maria Elisa Leonel, Marisa Sobral, Maristela Debenest, Marli de Araujo, Percival Maricato, Rita, Rosa Guillon, Valquiria Queiróz, Vera Lúcia.**

ARTE: **André Boccato (editor), Conceição Cahu, Chico Borges, Dina Beck, Roberto Junqueira Caldas e Sizenando (ilustração); Glorinha (foto), Maria José e Toninho (paste-up).**

COLABORADORES: **Albertina de Carvalho, Aparecida M. de Oliveira, Bárbara Ferreira Arena, Carlos Manuel Carlíno, Ciça, Consolación Fernandes, Kátia Antunes de Andrade, Madá Barros, Maria Luiza Fernandes, Maria Prudente de Morais, Maria Quinteiro, Maria Tereza Ghiringhelo, Marlene Crespo, Mônica S. de Barros, Mouzart Benedito, Naná Gama e Silva, Rachel Moreno.** Belo Horizonte: **Ângela América da Silva Albernaz, Ângela Dumont Teixeira, Inês Assunção Teixeira Gomes, Maria Auxiliadora Teixeira Machado, Maria da Conceição Teixeira Pereira, Maria Zélia Castilho de Souza Rogedo, Mônica Eustáquio Fonseca Fernandes, Volanda Lúcia Menezes Rodrigues.** Paris: **Beth Lobo, Lena Lavinas e Maria Helena Tachinardi (texto); Otília, Sueli Tomazini e Sula (fotos).**

DIRETORA RESPONSÁVEL: **Leda Beck, matrícula sindical 4984**

DEPARTAMENTO JURÍDICO: **Márcia Ramos de Souza, Luiz Eduardo Greenhalg.**

Esta publicação é de propriedade da Sociedade Brasil Mulher, com sede em São (rua Fidalga, 548, sala 16, Vila Madalena) e no Rio (av. Rui Barbosa, 762). É permitida a reprodução parcial ou total de matérias, desde que a fonte seja citada.

VENDAS: São Paulo - **Livraria Diadorim (praça Dom José Gaspar,106, loja 19); Editora Avanço (rua Aurora, 704); Livraria Zapata (rua Cesário Motta Júnior);** Rio de Janeiro - **Centro da Mulher Brasileira (av. Franklin Roosevelt, 39, sala 713); Muro Livraria e Editora Ltda. (rua Visconde de Pirajá, 82, sala 102); Livraria Leonardo da Vinci;** Recife - **Livraria Dom Quixote (av. Conde de Boa Vista, 250, loja 4).**

Composição: **Editora Afa Ltda., av. Liberdade, 704, São Paulo.**

Tiragem: **10.000 exemplares.**

Junho/julho de 1978.

ARTE: **André Boccato (editor), Conceição Cahu, Chico Borges, Dina Beck, Roberto Junqueira Caldas e Sizenando (ilustração)**

expediente Brasil Mulher #13, junho/julho de 1978 p. 12
Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-15 (Acesso em 01/05/2026)

no brasil, o aborto é proibido. mas acontece.

O aborto no Brasil só é permitido por lei em dois casos: quando a vida da gestante está em perigo — terapêutico — ou quando há estupro, violência, o chamado aborto sentimental. Existe também um projeto de lei tramitando no Congresso. No entanto, a prática ilegal e muitas vezes criminosa do aborto continua a ser em nosso país uma indústria bastante lucrativa, ocorrendo casos em que os próprios hospitais aumentam sua rentabilidade através dessas "cirurgias", embora não seja possível provar isso, pois, oficialmente, outros diagnósticos são fornecidos.
Na verdade, o problema está diretamente ligado às péssimas condições de vida da mulher trabalhadora brasileira, ou seja, não lhe é dado o direito de optar entre ter ou não filhos, pois ela sabe que na maioria das vezes é rejeitada num emprego pelo fato de ser mãe ou estar grávida. A falta de informação sobre os métodos anticoncepcionais mais seguros e eficazes é um fator importante sobre o número de abortos provocados, segundo foi comprovado por uma pesquisa realizada nos centros de saúde da periferia de Osasco, envolvendo 124 mulheres. Mais de 10% por cento das entrevistadas praticam o aborto como forma de interromper a gravidez não desejada.

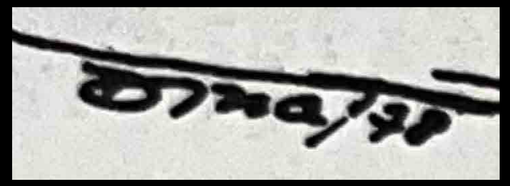
Essa desinformação é causada, principalmente, porque às mulheres brasileiras não é dada nenhuma informação ou formação sexual, e são poucas as que têm condições financeiras para frequentar um médico ginecologista que possa orientá-las sobre o método anticoncepcional mais adequado para seus organismos. Por essa razão, é frequente o uso de métodos pouco seguros de anticoncepcionais e, pior ainda, métodos abortivos rudimentares e prejudiciais, como as sondas abortivas, agulhas de crochê e tricô, chás das mais variadas ervas e até chá de pregos enferrujados. Esses «métodos» provocam sérios danos à saúde da mulher, além de, muitas vezes, levar à esterilidade e até mesmo à morte.

O Programa Materno-Infantil do Ministério da Saúde, que inclui o tratamento da infertilidade e a assistência à gestante, infelizmente ignora problema da gravidez indesejada e consequentemente do aborto provocado. De acordo com o ex-ministro e ex-governador de Minas Gerais Clóvis Salgado, foram feitos 1,5 milhão de abortos no Brasil só em 1976.
Na América Latina o índice de abortamentos socorridos em hospitais reduziu-se em um terço entre 1965 e 1975 com a difusão dos métodos anticoncepcionais. Por outro lado, verificou-se o aumento dramático na ocupação de leitos hospitalares por abortamento, em 1974, em todo o Brasil, quando uma portaria do Ministério da Saúde tornou obrigatória a apresentação de receita médica para a venda de anticoncepcionais, ou seja, é a prática de uma medicina elitista, pois apenas uma reduzida camada social das mulheres pode se submeter regularmente aos exames ginecológicos.

A mortalidade provocada pelo aborto é quatro vezes superior à provocada pelo parto, fato causado principalmente pela falta de recursos econômicos das mulheres que são obrigadas a se submeterem às «curiosas». 25% dos leitos de toda rede hospitalar são ocupados com casos de abortos em que houve complicações. Para cada 100 crianças concebidas, 40 deixam de nascer; a cada 10 minutos, 29 abortos são praticados, de cada 100 mulheres que abortam, 56 são casadas, 41 são solteiras e o restante, desquitadas e viúvas. 80 delas sofrem sérias consequências físicas, que resultam na morte de pelo menos 20. Esses dados referem-se especificamente ao Brasil.

O número de abortos praticados em nosso país apresentados pela Unesco - 2,5 milhões de abortos ilegais anualmente - na verdade está longe da realidade, porque não há condições nem meios de se levantar dados estatísticos corretos, pois a grande maioria dos abortos são feitos na clandestinidade. Também os preços variam muito: nas periferias, onde os abortos são feitos por "curiosas" ou parteiras, com métodos pouco seguros e más condições de higiene, o preço vai de menos de mil cruzeiros a cinco mil. Nas camadas favorecidas, em que o aborto é feito em hospitais ou clínicas especializadas, cobra-se de três mil cruzeiros a oitoidez mil, chegando até a 30 mil cruzeiros, dependendo do tempo de gravidez e da sofisticação da clínica.
Em nosso país é muito grande o número de mulheres que se vêem obrigadas a fazer vários abortos durante a vida. Aí, chega-se ao absurdo do aborto ser usado como um método anticoncepcional.

O projeto de lei do deputado emedebista João Menezes, do Pará, sobre a legalização do aborto, apresentado à Câmara dos Deputados em 1975 e rediscutido no ano passado, prevê a legalização do aborto no Brasil quando praticado nas 12 primeiras semanas de gravidez (três meses) e nos casos de estupro e atentado violento ao pudor. Ele baseia seu projeto de lei em dados da Unesco, no grande número de leitos hospitalares ocupados por mulheres vítimas de abortos malfeitos e na parte considerável de sangue consumido nos hospitais que se destinam para esses casos.



Dina Beck?? Brasil Mulher #4, junho/julho de 1978 p. 15

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-15 (Acesso em 01/05/2026)

brasil mulher APRESENTA: PILULINHAS PORRETAS!

O MENINO DE ZEFINHA, O MAIS MAGRINHO, FOI PRO JUIZADO... TAVA BATENDO CARTEIRA...

TAMBÉM A MÃE NÃO PODE CUIDAR DOS FILHOS TRABALHANDO COMO DOIDA...

...É... O DESTINO DE QUEM NASCE E CRESCE INDIGENTE QUE NEM NÓS SÓ PODE SER ESSE...

...E A GENTE FICA SEMPRE TENDO FILHO PRA NASCER DE QUALQUER JEITO... E QUANDO JÁ ESTÁ NA BARRIGA, NÃO SE TEM MAIS NADA A FAZER...

E A MARLI AÍ, COMADRE, CASOU ONTEM E JÁ TÁ GRÁVIDA!...

ESTÁ BOM ASSIM; APESAR DE TUDO EU QUERO O MENINO... CHATO É PRA QUEM NÃO QUER E TEM!

Ô, COMADRE, EU OUVI FALAR, ACHO QUE PELA TV, QUE O GOVERNO ESTÁ PENSANDO EM RESOLVER O PROBLEMA DE MULHER QUE TEM MUITOS FILHOS...

HUM, HUM, HUM... QUEM SÃO ESSES AÍ?...

PARECE QUE É VERDADE! ACHO QUE ELES VÃO DISTRIBUIR DE GRAÇA, AS TAIS DE PÍLULAS ANTICONCEPCIONAIS PRA TUDO QUANTO É MULHER...

...MAS NÃO ACHA QUE ISSO É MEIO ERRADO... NÃO ERA MELHOR QUE AO INVÉS DE PÍLULAS ELES PAGASSEM MELHORES SALÁRIOS NOS TODOS PAQUI... UM POSTO DE SAÚDE PARA QUE O MÉDICO ACOMPANHASSE A GRAVIDEZ DA GENTE; ESCOLAS PARA NOSSOS FILHOS; ISSO SIM, É QUE SERIA BOM!

BOA TARDE! SOMOS DO PROGRAMA DE SAÚDE MATERNO-INFANTIL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE PODEMOS BATER UM PAPINHO? NÃO QUEREM CONVIDAR ALGUMA AMIGA, VIZINHA??

QUANTO MAIS EU REZO MAIS ASSOMBRAÇÃO ME APARECE...

MINHAS SENHORAS, COMO FALEI NO INÍCIO SOMOS REPRESENTANTES DO PROGRAMA DE PREVENÇÃO DE GRAVIDEZ DE ALTO RISCO DO MINISTÉRIO DA SAÚDE E TEMOS ÓTIMAS NOTÍCIAS PARA TODAS VOCÊS TEMOS AQUI 1.500 CARTELAS DE PÍLULAS ANTICONCEPCIONAIS PARA DISTRIBUIR ENTRE AS MULHERES DESTA FAVELA! TODAS SERÃO BENEFICIADAS POIS AS PÍLULAS EVITARÃO QUE VOCÊS ENGRAVIDEM TODO ANO E QUE POR NÃO SE ALIMENTAREM DIREITO TERÃO FILHOS DÉBEIS, ALIMENTADOS COM A MORTALIDADE INFANTIL. EVITAREMOS TAMBÉM QUE MUITAS DE VOCÊS MORRAM DE PARTO, E

EU TENHO UMA COISA PARA DIZER...

POIS NÃO! ESTAMOS AQUI PARA CONVERSAR...

DONA: EU FICO MUITO AGRADECIDA POR QUE A SENHORA SE DEU AO TRABALHO DE SUBIR PRO SUA CASA PRA NOS PRESTAR UM FAVOR. SÓ QUE EU ACHO, AQUI NO MEU POUCO ENTENDER QUE ESSE NEGÓCIO DE DISTRIBUIR PÍLULAS DE QUALQUER JEITO ESTÁ ERRADO; A GENTE NÃO QUER SABER DE TER FILHO, A GENTE QUER TER FILHO NO MOMENTO QUE A GENTE ESCOLHER, SABENDO QUE QUANDO CRESCEREM VÃO TER ESCOLA E TRABALHO! ALÉM DISSO, OUVI FALAR QUE ESSAS PÍLULAS TRAZEM OUTROS TIPOS DE DOENÇAS QUE A GENTE NEM CONHECE, E QUE É PRECISO QUE UM MÉDICO NOS EXAMINE DE VEZ EM QUANDO... E SÓ PRA APRESENTAR DONO, SE HÁ MULHER SEM COMER É QUE POR ISSO TEM FILHO FRACUINHO. E POR QUE AS COISAS NÃO SÃO IGUAIS PRA TODO MUNDO...

E NÃO É SÓ ISSO, NÃO SENHORA! OUVI DIZER QUE EXISTEM OUTRAS COISAS PRA CONTROLAR A GRAVIDEZ! NÃO EXISTE SÓ PÍLULAS E EU QUERO SABER QUE OUTRA COISA TEM PRA ESCOLHER, ORA!!

OLHA AQUI: A GENTE VAI SE O·R·G·A·N·I·Z·A·R AQUI, A PARTIR DE HOJE, PARA TENTAR POR UM POUCO DE CONFORTO AQUI NESTA FAVELA! VAMOS FUNDAR UMA ASSOCIAÇÃO E...

E QUE OS PAIS PREFERIRAM ABANDONAR OS FILHOS NO MATO AO INVÉS DE PAR DE COMER! EU HEIN!!

CALMA, CALMA... ER... QUER DIZER... O QUE É ISSO DE JOÃO E MARIA?

VAMOS EMBORA!!

A COMADE AÍ TEM RAZÃO...

NÃO SEI PORQUE, MAS ESSE NEGÓCIO DE PÍLULA ME LEMBROU A ESTÓRIA DE JOÃO E MARIA...

A COMADE FALOU!

Conceição Cahú?? Brasil Mulher #13, junho/julho de 1978 p. 15

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-15 (Acesso em 01/05/2026)

*** O crédito às ilustradoras deixa de estar em evidência, e elas são incluídas em "colaboradores"**

CONSELHO EDITORIAL: Amelinha de Almeida Teles, Ana Castelo Branco, Ângela Borba, Beatriz Bargieri, Diva Burnier Romão, Luiza Miriam Martins, Mirtes Leal, Rosalina Santa Cruz Leite.

REDAÇÃO: Leda Beck (editora), Ana Maria Silva, Cecília Wetten, Elizabeth Sardelli, Elza Machado, Eneida, Iara G. Areias Prado, Ieda M. Areias, Kátia Antunes de Andrade, Maria Eliza Leonel, Naná Gama e Silva, Valdenir, Valquíria Queiróz, Vera Lucia.

ARTE: André Boccato (editor) Lelê/Luiz Aquira (past-up).

COLABORADORES: Albertina de Carvalho, Aparecida M. de Oliveira, Cica, Conceição Cahu, Derly, Fernanda, Madá Barros, Maria Luiza Fernandes, Maria Prudente de Morais, Maria Alice P. Morais, Maria Quinteiro, Marisa Sobral, Maristela Debenest, Marli de Araujo, Maria Tereza Ghiringhelo, Marlene Crespo, Mônica S. de Barros, Mouzar Benedito, Rachel Moreno, Rita, Rosa Guillon. Belo Horizonte: Angela América da S. Albernaz, Ângela Dumont Teixeira, Inês A. Teixeira Gomes, Maria Auxiliadora T. Machado, Maria da Conceição Teixeira Pereira, Maria Zélia Castilho de Jesus Rogado, Mônica Eustáquio, Fonseca Fernandes, Yolanda Lúcia Menezes Rodrigues. Paris: Beth Lobo, Lena Lavinas e Maria Helena Tachinardi (texto); Otília, Sueli Tomazini e Sula (fotos).

DIRETORA RESPONSAVEL: Leda Beck, matrícula sindical 4984
DEPARTAMENTO JURÍDICO: Márcia Ramos de Souza, Luiz Eduardo Grenhalg.

expediente Brasil Mulher #14, outubro/novembro de 1978 p. 2

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-16 (Acesso em 01/05/2026)

*** únicas ilustrações presentes na publicação, que não remetem ao estilo das ilustradoras creditadas (com exceção de Laerte, que tem o crédito devidamente atribuído, embora não conste em "Colaboradores")**

domésticas, reunidas pela terceira vez

ilustrações, Brasil Mulher #14, outubro/novembro de 1978 p. 5, p.9, p.13
Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-16 (Acesso em 01/05/2026)

EXPEDIENTE

Conselho Deliberativo da Sociedade Brasil Mulher:
Beatriz do Vale Bargieri (presidente), Rosalina Santa Cruz Leite (diretora de integração e participação), Amelinha Almeida Telles e Iara Areias Prado (diretoras de publicaçoes), Elza Machado (diretora administrativa), Ieda Maria B. Areias, Ângela Borba, Elizabeth Sardelli e Lúcia Arruda..
Diretora Responsável: Leda Beck, matrícula sindical 4984
Editoras: Amelinha Almeida Telles e Iara Areias Prado.
Redação: *São Paulo*: Amelinha Telles, Ana Maria Silva, Cecília Wetten, Elizabeth Sardelli, Flávia Amaral Rezende, Iara Areias Prado, Maria Elisa Leonel, Mirtes Leal, Marise Egger, Rachel Moreno e Vera Lúcia. *São Carlos*: Berenice. *Rio de Janeiro*: Madá Barros, Maisa Abreu, Rosa Guilhon, Rita Motta e Silvia Bregman. *B. Horizonte:* Célia, Livia e Neusa. Colaborador especial: Flávio Diegues
Arte: André Boccato, Cida Spínola e Kélio.
Fotos: Jesus Carlos, Kapa, Leda Beck e Rosa Gauditano.
Diagramacão e Secretaria Gráfica: Fábio
Departamento Juridico: Márcia Ramos de Souza e Luiz Eduardo Greenhalg
Composição: Afa, Av. da Liberdade, 704 - São Paulo
Tiragem: 10.000 exemplares
Sociedade Brasil Mulher: Rua Fidalga, 548, sala 16; CEP 05432 — Vila Madalena — São Paulo. Caixa Postal 19.238.

Abril de 1979

brasil mulher

EXPEDIENTE

Conselho Deliberativo da Sociedade Brasil Mulher:
Beatriz do Vale Bargieri (presidente), Rosalina Santa Cruz Leite (diretora de integração e participação), Amelinha Almeida Telles e Iara Areias Prado (diretoras de publicaçoes), Elza Machado (diretora administrativa), Ieda Maria B. Areias, Ângela Borba, Elizabeth Sardelli e Lúcia Arruda..
Diretora Responsável: Leda Beck, matrícula sindical 4984
Editoras: Amelinha Almeida Telles e Iara Areias Prado.
Redação: *São Paulo*: Amelinha Telles, Ana Maria Silva, Cecília Wetten, Elizabeth Sardelli, Flávia Amaral Rezende, Iara Areias Prado, Maria Elisa Leonel, Mirtes Leal, Marise Egger, Rachel Moreno e Vera Lúcia. *São Carlos*: Berenice. *Rio de Janeiro*: Madá Barros, Maisa Abreu, Rosa Guilhon, Rita Motta e Silvia Bregman. *B. Horizonte:* Célia, Livia e Neusa. Colaborador especial: Flávio Diegues
Arte: André Boccato, Cida Spínola e Kélio.
Fotos: Jesus Carlos, Kapa, Leda Beck e Rosa Gauditano.
Diagramacão e Secretaria Gráfica: Fábio
Departamento Juridico: Márcia Ramos de Souza e Luiz Eduardo Greenhalg
Composição: Afa, Av. da Liberdade, 704 - São Paulo
Tiragem: 10.000 exemplares
Sociedade Brasil Mulher: Rua Fidalga, 548, sala 16; CEP 05432 — Vila Madalena — São Paulo. Caixa Postal 19.238.

Abril de 1979

Mulher e Debate

A luta pela emancipação da Mulher tem surgido em várias partes do mundo. E quase sempre tem apresentado aspectos polêmicos que deverão ser equacionados através de amplos debates.

Portanto, pretendemos que esta página seja um canal para veicular as mais diversas idéias. Ela está aberta a pessoas e entidades que queiram colaborar.

Começamos apresentando um resumo do Programa da Sociedade Brasil Mulher, aprovado na última Assembléia Geral da entidade, realizada em janeiro de 1979.

A Sociedade Brasil Mulher tem como objetivo fundamental a luta pela emancipação da mulher.

A SBM defende que a luta pela emancipação da mulher está diretamente associada à luta pela transformação da sociedade. E o desenvolvimento da consciência e da organização da mulher significará o aumento das forças que trabalham na construção de uma sociedade na qual os trabalhadores e demais setores explorados tenham os seus interesses atendidos.

A SBM defende que a emancipação da mulher não se fará antes da libertação dos setores mais explorados da sociedade; mas a mulher tem que começar desde já a sua luta, pois há séculos são oprimidas, desde a divisão da sociedade em classes.

A SBM combate vigorosamente a visão de um feminismo distanciado da luta de classes, pois entende que, embora sejam todas as mulheres que sofram algum tipo de discriminação nesta sociedade, em função de seu sexo, isto não significa que todas sofram pressões idênticas, nem que possuam os mesmos interesses em função de sua classe.

A SBM defende que a luta feminista no Brasil, hoje, está necessariamente incorporada à luta de todos os setores populares pelo fim da ditadura militar.

A SBM se propõe a trabalhar prioritariamente com as mulheres trabalhadoras: operárias, assalariadas, donas de casa, aproximando-se, de forma sistemática, de mulheres nos bairros, sindicatos e outras entidades. Também nos propomos a atuar nas áreas de profissionais liberais, estudantes, etc.

Para atingir este objetivo, é necessário que seu programa contenha reivindicações específicas de interesse das mulheres, mas também as reivindicações mais sentidas pela população brasileira.

No Brasil, tem crescido a participação de mulheres nos movimentos populares, chegando muitas vezes a desempenhar um papel de destaque. É o caso dos movimentos por melhores condições de vida nos bairros (creche, escola, água, etc.), o Movimento Contra a Carestia, o Movimento pela Anistia, nos movimentos grevistas, nas fábricas e escolas, onde a atuação da mulher, em alguns casos, foi decisiva. Mais recentemente, o 1.º Congresso da Mulher Paulista marcou um avánço na luta feminista.

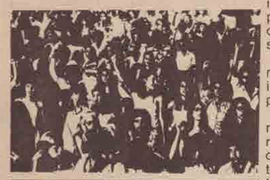
A partir destes acontecimentos, estão criadas as condições para o surgimento de um amplo movimento de mulheres, quando mulheres da periferia e do centro de São Paulo se unem e constatam ter muitos problemas comuns.

Diante deste quadro é que a SBM se propõe a um trabalho com mulheres, cujas preocupações principais são:

- Levantar os problemas específicos da mulher, contribuir para suas resoluções, incentivar e organizar as mulheres, fortalecendo sua organização em entidades e associações.
- Denunciar incessantemente os problemas que as mulheres trabalhadoras sofrem, em função de sua classe social e de sua condição feminina.
- Unir esforços para fortalecer a luta pela emancipação da mulher no Brasil, com o objetivo de criar uma única entidade que coordene as mais diversas iniciativas, sem que cada entidade perca suas características próprias.
- Ampliar e estreitar contatos com os mais diversos grupos de mulheres no mundo inteiro, em especial na América Latina, trocando contribuições, experiências e desenvolvendo debates sobre a linha do movimento feminista, respeitando sempre as realidades específicas de cada país.

A SBM está aberta a todos os interessados em trabalhar com mulheres, com os propósitos descritos acima. Sua plataforma de lutas contém os seguintes pontos:

- Equiparação salarial entre homens e mulheres;
- Pelo aprendizado profissional às mulheres;
- Instalação de creches gratuitas nos locais de trabalho e moradia;
- Contra o uso de anticoncepcionais sem assistência médica, freqüente e gratuita; contra o Programa de Gravidez de Alto Risco;
- Por melhores condições de vida, que permitam ao casal optar por ter ou não ter filhos;
- Por Liberdades Democráticas (liberdade de manifestação, de reunião e de organização);
- Por uma Anistia Ampla, Geral e Irrestrita a todos os presos e perseguidos políticos;
- Por uma Constituinte Democrática e Popular;
- Pelo fim do regime militar.



abertura + expediente, Brasil Mulher #15, abril de 1979 p. 2 (último)
Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-17 (Acesso em 01/05/2026)

FATOS

BELO HORIZONTE — METALÚRGICAS CRIAM DEPARTAMENTO FEMININO

«Na minha seção, eu faço o memo trabalho que um cara e ele ganha mais do que eu. A única diferença é que ele produz peça de um tipo e eu de outro, mas na mesma máquina». Este foi o desabafo de uma operária da Nansen, na Assembléia das Metalúrgicas que se realizou no dia 18 de fevereiro, em B. Horizonte (M.G.)

Este fato foi uma novidade em Minas, pois pela primeira vez as metalúrgicas se reunem para debater os problemas vividos nas fábricas e em casa.

Durante a Assembléia, cada depoimento era como uma pincelada no triste quadro em que vivem a maioria das trabalhadoras de nosso país: a super exploração, as péssimas condições de trabalho e a discriminação nas oportunidades de emprego e salário.

É neste momento, quando os trabalhadores brasileiros mostram sua força não mais aceitando passivamente situações como estas, que também as mulheres trabalhadoras se unem na luta contra a exploração.

Foi dentro deste espírito que as metalúrgicas mineiras criaram um departamento feminino no sindicato, dispostas a lutar para que ele se torne mais um veículo de expressão de seus anseios e possam juntas com seus companheiros conquistar seus direitos.

Um trabalhador que fica oito horas por dia em seu serviço, trabalha 192 horas por mês. O DIEESE fez as contas e viu que, em fevereiro, 145 horas e quinze minutos era o tempo de trabalho necessário para o trabalhador em S.Paulo abastecer sua família só de gêneros alimentícios de primeira necessidade. Então com o restante do salário (referente a 47 horas de trabalho) ele teria que pagar condução, aluguel, água, luz, remédios, escola, roupas e tudo mais que precisar. O resultado é que para pagar tudo isso (ou só o aluguel, que anda muito caro), o trabalhador acaba não podendo comprar nem o que necessita de alimentos, o que justifica dizerem salários atuais são de fome mesmo.

Mas, nem era preciso essa teoria toda para comprovar isso: basta ver como estão aumentando as favelas, como os trabalhadores e suas famílias estão mal alimentados e doentes e como há cada vez mais menores abandonados por falta de condições econômicas da família.

E por fim, as coisas continuam piorando, pois o custo de vida ainda aumentou 5,91%, o maior aumento nos últimos 12 anos.

LAVRADORES X USINEIROS

Cerca de 400 pessoas, moradores nas localidades de Coqueirinho e O Cachorrinho (município de Pedras de Fogo — PB) estão ameaçadas de despejo promovido pela Usina Central Olho D'Água, empresa de Pernambuco e que estaria ligada ao grupo canadense BRASCAN. A maioria dessas pessoas vivem na região há mais de 20 anos. Mesmo assim a Usina comprou as terras sem consulta aos moradores. Isso foi em 1975 e desde essa época, os lavradores não tem mais sossego. Sofrem constantes ameaças até que em fevereiro último, forças policiais, armadas de fuzis e metralhadoras, juntamente com um oficial de Justiça, fizeram o despejo da lavradora D. Dionila Otávia da Silva, viúva de 68, anos, destruindo também sua casinha de taipa. Os lavradores de imediato, procuraram ajudá-la. Mas tal violência ocorreu com outros moradores, provocando prisões de vários camponeses, no quartel de João Pessoa. As forças populares, no entanto, tem prestado grande solidariedade a esses agricultores. Na capital do Estado, organizou-se um Comitê de Apoio à Luta dos Lavradores, que realizou um ato público com a presença dos bispos, D. José Maria e D. Marcelo Carvalheira, do deputado paulista João Cunha e com público de centenas de pessoas.

ELEIÇÕES DIRETAS, SIM

O povo quer participar. E tem motivos e razões muito fortes: os moradores da Favela Unidos do Butantã por exemplo, foram até o prefeito de SA Paulo e não foram recebidos. Por que? «Porque ele não foi votado por nós» — respondeu o representante da favela presente ao Ato Publico pelas Eleições Diretas realizado em São Paulo, dia 12 de março — «porque se ele fosse, ele tinha aceito a nossa proposta de urbanizar a cidade. E é por isso que nós favelados estamos apoiando as eleições diretas, para quando ocorrer uma necessidade desta, o povo seja atendido e não tratado que nem cachorro».

E nós mulheres desta vez botamos para quebrar. Uma representante da periferia de S.Paulo falou «por todas as mulheres que tem que deixar seus filhos em casa e ir em busca de melhores salários». E perguntou: Então o que a gente tem que fazer? é ficar quieta? Não, de jeito nenhum. Nós temos que lutar. Lutar por eleições diretas para prefeito».

Está ocorrendo um abaixo-assinado por São Paulo. Devemos levar milhões de assinaturas para mostrar para estes biônicos que não os queremos para nos governar.

DEU MACACA NA REVISTA

É bem comum a prática de revistar os trabalhadores à saída das empresas. Mas essa revista, pelo que temos notícia, tinha sido até agora feita por funcionários, fiscais ou agentes. Não é o que acontece com as cobradoras dos ônibus da Viação Nossa Senhora da Penha, de Nova Iguaçu(RJ), pois elas são diariamente revistadas pela macaca amestrada Sabrina. Verdade! Inclusive o Sindicato dos Condutores Rodoviários já constatou vários casos em que as cobradoras foram arranhadas e ficaram com as roupas rasgadas depois da revista. Para os gerentes da empresa, a Sabrinha "é um animal inofensivo e só gosta de brincar". No entanto, ameaçam as cobradoras, caso elas apresentem queixa ao sindicato. (Estado de S. P. 23/3/79).

A QUEM AGRADOU O AUMENTO DO LEITE?

A partir de 1º de abril, o leite subiu para

FATOS

Cida Spinola, Brasil Mulher #15, abril de 1979 p. 4 (último)

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-17 (Acesso em 01/05/2026)

FATOS

Cr$ 6,20, o litro e em julho sofrerá o 2° aumento, quando, então, custará Cr$ 7,20.

De acordo com declarações do Presidente da CBCL (Confederação Brasileira de Cooperativa de Laticínios) o aumento não agradou aos produtores, pois "a taxa inflacionária calculada pelo governo vai além dos 40%." Aos comerciantes de leite (na maioria, donos de padaria), também não agradou, pois o aumento do preço do leite diminui sua margem de lucro e por isso ameaçam parar de vender o produto, o que já ocorreu recentemente em Curitiba.

E os consumidores? Ainda ninguém ouviu, mas certamente vai ter mais crianças sem leite.

COMISSÃO ESPECIAL APURA VIOLÊNCIA

Em Brasília, no dia 28 de março, instalou-se uma comissão especial designada pela liderança do MDB na Câmara, com o objetivo de recolher dados a respeito de violência cometida pelo Estado contra prisioneiros políticos e comuns.

Com base nesse trabalho é que deverá ser constituída a CPI dos direitos humanos.

A VITÓRIA DOS PROFESSORES NO RIO

Durante duas semanas, a partir de 12/3, quase 90.000 professores das escolas estaduais e municipais do R.J. entraram em greve, reivindicando melhores condições salariais e de trabalho.

Foi um período de luta árdua, no qual a categoria, composta em sua maioria por mulheres, demonstrou sua capacidade de união e o crescimento da consciência trabalhadora. A greve terminou vitoriosa. O governo comprometeu-se a pagar os pisos salariais exigidos e, no prazo de 30 dias, definir a regulamentação do Estatuto do Magistério. Portanto, o momento é de expectativa e a mobilização se mantém.

QUESTÕES FEMINISTAS APROVADAS PELO PCI

Embora alguns líderes de grande importância, como Giancarlo Pajette e Giorgio Amendola, votassem contra as emendas feministas, elas foram incluídas nos documentos oficiais do Partido Comunista da Itália (PCI). E são:

- o movimento operário italiano deve lutar de maneira clara e limpa por uma relação entre homens e mulheres que supere a secular divisão de papéis;
- assegurar condições que permitam às mulheres expressar sua vontade para que se libertem de toda opressão, inclusive a que se produziu historicamente no domínio do sexo.

GREVE NA SOUZA CRUZ

No Rio de Janeiro, os operários da Souza Cruz entraram em greve para reivindicar aumento salarial, estabilidade para gestante e direito ao adicional de insalubridade. No entanto, a greve foi considerada ilegal pela Delegacia Regional do Trabalho. O presidente do Sindicato, Altair Welick, acatou essa decisão e os operários tiveram de voltar ao trabalho, no dia 8 de março, quando houve mais de 60 demissões.

GERAÇÃO: MAIS UM ALIADO

Tratando de assuntos da mulher e lhe levando determinados questionamentos, «o que irá forçosamente fazê-la tomar novas atitudes frente ao mundo, como mulher e como pessoa», foi lançado em Maceió o Jornal «Geração». Em seu primeiro número, há matérias sobre prostituição, a luta das professoras por seus direitos, o custo de vida, mulher e política e outras.

Para maiores informações, o endereço é: Edifício Breda, 3° andar, salas 305 e 306 — Maceió — AL.

FATOS

Cida Spinola, Brasil Mulher #15, abril de 1979 p. 5 (último)

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-17 (Acesso em 01/05/2026)

NÓS MULHERES
(1976-1978)

COLABORARAM NESTE JORNAL

Aniko■
Avani Stein■
Bia Kfouri■
Carolina Macedo■
Ciça■
Cida Aidar■
Cida Spinola■
Conceição Cahú■
Jane Raschkovsky■
Laura Salgado■
Leda Cristina Orosco Galvão■
Lia Katz■
Liane Ralstom■
Lygia Chiarottini■
Maria Inês Castilho■
Maria Inês Zanchetta■
Maria Moraes■
Maria Rita Kahn■
Mariana Francisca M. Monteiro■
Marisa Correa■
Marli Gonçalves■
Mazda/Elsa■
Rachel Moreno■
Renata Vilas Boas■
Solange Padilha■
Suzana Camargo Kfouri■
Thereza Bissoto■
Vilma Grisinki■
Yolanda Musa Lício■

Vera de Jesus■
e tôdas as mulheres que contribuiram com seus depoimentos

Nós Mulheres, Expediente, #1 junho 1976, p.19

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/a763-w5dk-fm5h (Acesso em 01/05/2026)

EXPEDIENTE

Conselho Editorial

Bia Kfouri
Carolina Oliviero Macedo
Cida Aidar
Conceição Cahu
Jany Rasehkovsky
Laura Salgado
Leda Cristina Orosco Galvão
Liane Ralston
Maria Ines Castilho
Marli C. Gonçalves
Renata Villas Boas
Rita de Luca
Solange Padilha
Susana Camargo Kfouri

Colaboradores

Angeli
Ciça
Chico Caruso
Cristina Mucci
Cynthia Sarti
Dulcília Buitoni
Elizabeth Almeida
Joca Pereira
Marisa
Marta
Sara Goldman
Sandra Abdalla
Vera Lucia Oliveira
SEBES

Jornalista Responsável

Anamarcia Vainsencher

NOS MULHERES é um publicação da Associação de Mulheres

expediente, #4 nov/dez 1976, p.2

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-n-s-mulheres-5 (Acesso em 01/05/2026)

Expediente

Conselho Editorial
Bia Kfouri
Carolina Macedo
Cida Aidar
Conceição Cahú
Jany Raschkovsky
Laura Salgado
Leda Cristina Orosco Galvão
Lia Zatz
Liane Ralston
Maria Inês Castilho
Maria Inês Zanchetta
Maria Moraes
Marianna Francisca M.Monteiro
Marli C. Gonçalves
Rachel Moreno
Renata Villas Boas
Solange Padilha
Suzana Camargo Kfouri

Colaboradores
Ana Maria Hallberg
Aniko
Avani Stein
Maria Carolina Leme Priolli
Celina Vargas Escosteguy
Ciça
Cleide Stanis Montanari
Cynthia Sarti
Marta Lúcia Baleeiro
Regina Rebollo
Rita De Luca
Rosa Jandyra Gauditano
Ruth Toledo
Ruth Verde Zein
Sandra Abdalla
Thereza Bissoto
Thomaz D'Aquino
Toninho Mendes
Vera Lúcia de Oliveira
Grupo Feminista de B.H.
e todas as mulheres que contribuiram com seu depoimento

Jornalista Responsável
Marisa Correa

expediente, #2, set/out 1976, p.2

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/nosmulheres/arquivos/NosMulheresn2.pdf (Acesso em 01/05/2026)

Conceição Cahú, #2 - set/out 1976

PERSEU ABRAMO, p.8

"Mamãe, me conta como é o Brasil"

Brasileiras no exílio contam o sofrimento dos longos anos de ausência forçada e esperam, atentas, o momento da volta. A anistia.

Trabalhando em profissões diferentes, vivendo sua adaptação ao exílio de formas diferentes, estas mulheres novamente têm se reunido um ponto em comum: a saudade imensa do Brasil e o desejo de volta. Nanci Mariotto, solteira, é referência em um grande hospital público em Roma. Ruth Tapia, casada com filho, é jornalista e vive em Bruxelas. Maria Sueli Peres é professora e tem uma filha. Monica tem 15 anos e o exílio. Daisie.

NM entrevistou essas mulheres e ficou conhecendo um pouco de suas vidas. Elas nos falaram de suas experiências de algumas lembranças amargas e sobretudo da saudade de nossa terra. Procuraram adaptar-se ao diversos do exílio em países tão diferentes do nosso, acompanhar de longe tudo o movimento não estão para jamais. Sobretudo para pesar que não ponta de tristeza. Em 1972, a morte rondava a casa dos que não se conformaram com a tirania. A prisão e a tortura eram o destino certo dos que ousavam denunciá-la. Assim, em 72 foi a minha vez de ter que morrer de longe, sem poder nem ao menos dar um último abraço em meus pais. Hoje, 6 anos depois, ainda não sei se fiz a coisa certa. Mas, naquela época, não havia outra saída. Ou eu partia ou ficava para ser presa e torturada. Preferi partir. Hoje, não me arrependo. Mas, se pudesse voltar atrás, não sei se teria coragem de fazer tudo de novo.

Quando saiu do Brasil? Quais os motivos que a levaram a deixar o país?

Nanci: Saí do Brasil por razões políticas, depois de haver esperado três anos por julgamento que culminou com uma pena de condenação. Depois das seis primeiras que saíram em 69 (eu que morava em São Paulo e estudava, trabalhava e estudava) fiquei até o fim do ano passado. Minha sobrevivência se tornava cada vez mais difícil. Tudo isso agravado por consequentes físicas e psíquicas das torturas que me deixaram num estado permanente de insegurança e medo de inteiramente novas situações.

Ruth: Foi em novembro de 1973, que saí do Brasil. Deixava sensação de prisão, uma sensação terrível de deixar toda uma vida atrás de mim. Grávida de 3 meses, era insuportável pensar que meu filho nasceria em terra estrangeira. Meu marido havia saído há poucos meses da prisão e tínhamos a certeza de que ia ser preso novamente. Não havia mais condições de vida normal. Ao pensar em partir, a tortura um instrumento de trabalho. Os dias eram os pesadelos e as noites vigília constante.

Maria Sueli: Estou com o pé no mundo há 36 bem mil anos. Tecnicamente, sei lá, com meu direito desde de viver a liberdade na terra que me fez. Em 1972, nossa minha terra querida, as ações não estavam para jogos! Sobretudo para pessoas que não ponta de tristeza. Em 1972, a morte rondava a casa dos que não se conformaram com a tirania. A prisão e a tortura eram o destino certo dos que ousavam denunciá-la. Assim, em 72 foi a minha vez de ter que morrer de longe, sem poder nem ao menos dar um último abraço em meus pais. Hoje, 6 anos depois, ainda não sei se fiz a coisa certa. Mas, naquela época, não havia outra saída. Ou eu partia ou ficava para ser presa e torturada. Preferi partir. Hoje, não me arrependo. Mas, se pudesse voltar atrás, não sei se teria coragem de fazer tudo de novo.

Monica: Daisie: Deixei o Brasil aos 10 anos de idade, para me encontrar com meus pais no Chile.

Quais os fatos mais remarcáveis desta saída?

Ruth: Lembro-me de um fato que pode dar bem toda a dimensão da angústia e consequência em que vivíamos. Acabamos de atravessar um túnel na Cordilheira dos Andes, quando demos com uma estação pertencente de inteligência e medo de infrentar novas situações de opressão de segurança e acolhimento que está fora me transmitindo.

Maria Sueli: Eu estava tomada por um calmaria mortal, que uma das mesmas, profunda, quase mortal. Ao lado desta cena, a imagem dura e desconcertante da minha impotência.

Ruth: Penso que o fato de estar grávida me tornava muito mais sensível e amedrontada em relação ao exílio. Lembro-me que nos primeiros dias, quando ligava o rádio e, evidentemente, as notícias me punham em terrível desespero. Sentia-me que nos primeiros dias, quando ligava o rádio e, evidentemente, as notícias me punham em terrível desespero. Sentia-me profundamente só. Sentia uma agonia, queria ouvir nossa língua. A que poderia estar sendo feito atualmente e hoje, aqui na Europa, quando escuto espanhol sem lugar público atrevo "oiço" em casa.

Em que medida se integrava ao país que a acolheu?

Nanci: Ao chegar ao Chile senti uma sensação de liberdade muito grande. A data da perseguição política se divapa. tornado aos poucos. Eu tinha uma vontade muito grande de ver ali, viver ou simplesmente. Porém a falta de documentação regular pesava muito e me impedia de conhecer e estudar, ou trabalhar. A situação que atravessava o país era difícil e tornava o acesso ao trabalho praticamente impossível aos estrangeiros. O que me superclava profundamente era a solidariedade de alguns velhos amigos e a clara profundeza e certa que atravessava o país. O relacionamento com várias pessoas me deu a possibilidade de viver toda esta experiência, o que sempre me deu oportunidade de aprender até mais.

Monica: No Chile não tive nenhum problema de adaptação. Logo comecei a estudar. Não sentia ainda a distância, a saudade que hoje sinto por estar vivendo no Brasil.

Maria Sueli: Meu refugio foi buscado em Aguas onde a tranquilidade tinha outra cor. Era o Chile de 72, com seu povo inquieto, trouxeram poesia dos seus seios de repressão. Um povo que estava decidido a limpar a raça de suas teias de aranha: que abria portas e janelas, ventilando tudo. A casa não tinha sido destruída mas sofria uma reforma das boas! Eu estava feliz, sofrendo a saudade do meu povo, da dor de cassa opressão, mas contente no meio desse trabalho todo!

Ruth: Viver o Chile de Allende foi uma das mais ricas experiências de minha vida. Era o convivere com a Liberdade durante 24 horas por dia. A produção cultural era intensa: como frutos da democracia plena que se vivia. Aprendemos a viver e acreditar as datas nacionais, o "Dieciocho", com seus bailes populares, as "ramadas" iguais as nossas quermesses. Aprendemos a nos organizar por quarteirão para comprar mantimentos, pois o abastecimento não era mais distribuído somente pelos privilegiados. Participamos de um comitê de mulheres brasileiras no exílio e pudemos estudar e viver o problema da necessidade de participação da mulher no processo democrático. Assistimos também, tal qual aconteceu no Brasil em 64, a privação de direitos de milhares como massas de manobra dos golpistas de setembro de 73. Fui as vezes pensando quantas dessas mulheres estão hoje seus filhos desaparecidos ou no exílio.

Tendo que sair do Chile em setembro de 73, como se deu a readaptação ao segundo exílio?

Nanci: Ao chegar ao Chile senti uma sensação de liberdade muito grande. A data da perseguição política se divapa. tornado aos poucos. Eu tinha uma vontade muito grande de ver ali, viver ou simplesmente. Porém a falta de documentação regular pesava muito e me impedia de conhecer e estudar, ou trabalhar. A situação que atravessava o país era difícil e tornava o acesso ao trabalho praticamente impossível aos estrangeiros. O que me superclava profundamente era a solidariedade de alguns velhos amigos e a clara profundeza e certa que atravessava o país. O relacionamento com várias pessoas me deu a possibilidade de viver toda esta experiência, o que sempre me deu oportunidade de aprender até mais.

Monica: No Chile não tive nenhum problema de adaptação. Logo comecei a estudar. Não sentia ainda a distância, a saudade que hoje sinto por estar vivendo no Brasil.

Maria Sueli: Meu refugio foi buscado em Aguas onde a tranquilidade tinha outra cor. Era o Chile de 72, com seu povo inquieto, trouxeram poesia dos seus seios de repressão. Um povo que estava decidido a limpar a raça de suas teias de aranha: que abria portas e janelas, ventilando tudo. A casa não tinha sido destruída mas sofria uma reforma das boas! Eu estava feliz, sofrendo a saudade do meu povo, da dor de cassa opressão, mas contente no meio desse trabalho todo!

Ruth: Viver o Chile de Allende foi uma das mais ricas experiências de minha vida. Era o convivere com a Liberdade durante 24 horas por dia. A produção cultural era intensa: como frutos da democracia plena que se vivia. Aprendemos a viver e acreditar as datas nacionais, o "Dieciocho", com seus bailes populares, as "ramadas" iguais as nossas quermesses. Aprendemos a nos organizar por quarteirão para comprar mantimentos, pois o abastecimento não era mais distribuído somente pelos privilegiados. Participamos de um comitê de mulheres brasileiras no exílio e pudemos estudar e viver o problema da necessidade de participação da mulher no processo democrático. Assistimos também, tal qual aconteceu no Brasil em 64, a privação de direitos de milhares como massas de manobra dos golpistas de setembro de 73. Fui as vezes pensando quantas dessas mulheres estão hoje seus filhos desaparecidos ou no exílio.

Tendo que sair do Chile em setembro de 73, como se deu a readaptação ao segundo exílio?

Nanci: Chegado o golpe de setembro de 73 deram o Chile e cada um de nós foi para o país que era possível ir, não a uma escolha. Fui para a Itália. No primeiro ano vivi entre o desbundamento de um país mais desenvolvido e problemas de readaptação, seja pela língua ou diferença de cultura. O segundo ano foi ainda mais difícil: o problema da volta ao Brasil se fazia sentir com mais força e as dificuldades de adaptação foram ainda maiores.

Maria Sueli: Como havia dito, eu cassa foram limpas no Chile: abrimos portas e janelas, ventilando tudo, pintando tudo com cores novas. Entretanto, os ratos foram espalhados na prisão. Alimentados através de um buraquinho fino esperando na confusão da reforma e que comunicava com o exterior. O alimento foi bom, eles foram se fortalecendo e em setembro de 73, por causa disso, eu que já estava quase a vontade no meu exílio com essa outra língua, com esse outro povo, fiva que pegar minha vida à revelia! morte: lutar.

Ruth: A Bélgica é o nosso segundo exílio. Aqui chegamos em pleno inverno europeu, em janeiro de 74. A mudança foi muito brusca para todos nós, trazia-nos grandes lições. Três filhos e os hábitos brasileiros atrapalhavam nossos atos bobos, creio que nossa chegada aqui foi a que mais me marcou. Uma sensação terrível de nos sentirmos perdidos no mundo, num mundo com o qual não tínhamos nada a ver. Com o passar do tempo, o relacionamento com boas amigos belgas, a situação foi se modificando. Mas ainda perduro aquele sentimento de não me identificar com as coisas daqui.

Monica: Em 73, alguns dias depois do golpe, tive que sair do Chile com meus pais. Saímos através da embaixada do Panamá. Lá chegando fomos muito bem acolhidos, mas depois de três meses tivemos que deixar o país por questões de trabalho e dirigimo-nos para a Bélgica. Aqui tivemos muita sorte e as coisas seguiram muito bem sem saber a língua. Achei tudo muito diferente, as pessoas frias e até hoje, depois de quatro anos ainda sinto as mesmas sensações, de estar longe de tudo.

Como resolveram o problema da sobrevivência?

Nanci: Chegando na Itália tive meus documentos regularizados como refugiada e apesar da Convenção de Genebra prever aos refugiados igualdade de condições de trabalho, já pratico as coisas são diferentes. Meus anos em Nice que estudar ainda mais para poder fazer face à concorrência estrangeira de justiça, camareira de albergue, etc) durante um ano, até que meus documentos de estudo fossem reconhecidos. Depois, com a ajuda de uma pequena bolsa de estudo, pude terminar meu curso de enfermagem. Porém, já formada, só consegui trabalho regular depois que passei por um treinamento de italiano, ainda que em terceira posição.

Ruth: Com três filhos, o problema de dinheiro começa a ser constante em nossas vidas. Somente nós temos agora um ordenado e que nessa vida profissional pode ficar definida. Mas mando fazendo pela Universidade como assistente e estrangeiros) meus estudos de francês em português trabalhamos algumas horas por dia num escritório de arquitetura. Hoje já consigo alguns trabalhos como "free-lance" e assim vai tocando a vida. As crianças crescem e se integram bem e bem ou mal à gente consegue ver que estão vivendo.

Maria Sueli: Sobreviver não é fácil! Chegamos na Europa em janeiro de 74 e fazia um frio de matar em tempo de degelo. Na rua ninguem. Só o gelo mole e eu. Sem falar, sem beijar e sem dormir juntos, começamos a sentir o cerco e a ganhar o pão de cada dia. Ora pedindo e pensando, ora belgas. Depois, pensando e pedindo, ao cinco horas de amargura e a língua desconhecida a pesar. Mas, aos poucos, fui vencendo a revolta, a mágoa, a incompreensão e a mudez. Hoje, sou uma mulher que vive que estudar, trabalhar, ganhar o pão de cada dia, criando uma filha que é linda e é feliz, tem que pelo menos, com olhos de admirados, um cinzeiro de todos e sua fala mansa. Essa filha que é a maior responsável pela realidade dupla que a mãe carrega sem ter escolha. Essa filha que eu amo para dar de fazer a ela me amar em troca. E é ainda através da música que ela me descobre sua verdade: sua cabeça, sua emoção. Nessa filha nasce vida, que ha necessário ao Brasil para terminar os estudos secundários, talvez ajuda a se libertar a gente mesmo, a família está em completo. Quanto a Bélgica, boa com seus Anos, comercial, desde cedo a aprender a fazer sua parte durante e desenvolvida. A dimensão do que significa o exílio para uma criança só nos deveras parece tolice. Eu me lembro de uma tarde em que minha filha com pouco mais de quatro anos, ao ver o avião passar, disse: "MAMÃE, ME CONTA COMO É O BRASIL". Temos procurado manter-nos sempre ligados culturalmente ao Brasil e me da uma alegria imensa ouvi-la dizer, ao ver Brasil ver a peça de Chico ou Adriana — ou quando ouve uma de suas músicas preferidas, "O Fuzu" e diz: "a Maria Bretanha".

Maria Sueli: Estou aqui, neste país de temps frio e gente fria, trabalhando para ganhar o pão de cada dia, criando uma filha que é linda e é feliz, tem que pelo menos, com olhos de admirados, um cinzeiro de todos e sua fala mansa. Essa filha que é a maior responsável pela realidade dupla que a mãe carrega sem ter escolha. Essa filha que eu amo para dar de fazer a ela me amar em troca. E é ainda através da música que ela me descobre sua verdade: sua cabeça, sua emoção. Nessa filha nasce vida, que ha necessário ao Brasil para terminar os estudos secundários, talvez ajuda a se libertar a gente mesmo, a família está em completo. Quanto a Bélgica, boa com seus Anos, comercial, desde cedo a aprender a fazer sua parte durante e desenvolvida. A dimensão do que significa o exílio para uma criança só nos deveras parece tolice. Eu me lembro de uma tarde em que minha filha com pouco mais de quatro anos, ao ver o avião passar, disse: "MAMÃE, ME CONTA COMO É O BRASIL". Temos procurado manter-nos sempre ligados culturalmente ao Brasil e me da uma alegria imensa ouvi-la dizer, ao ver Brasil ver a peça de Chico ou Adriana — ou quando ouve uma de suas músicas preferidas, "O Fuzu" e diz: "a Maria Bretanha".

Como vc reagiu à notícia da anistia?

Ruth: Monica tem uma capacidade de adaptação notável. No Chile estava perfeitamente integrada, falando italiano fluente, cheia de amigos. Aqui, se bem que se sinta adaptada ao país, é sentida perfeitamente ligada a sua vida no Chile e a que a interessante, conceptual aqui e hoje é muito mais interessante do saber seu país. Essa descoberta do Brasil toma de 14 aos 16 anos se faz absolutamente através da nossa música. Vai daí que ela tem fazer ideia da importância e da influência da música sobre todo o nosso mundo. E é por tal razão que digo: nossa música, nossa língua, nossa alegria, nos entendemos tão-somente, que chega até a gente através da música. E através dela que Monica aprendeu a amar tantas outras. E é ainda através da música que ela descobrirá sua verdade: sua cabeça, sua emoção. Nessa filha nasce vida, que ha necessário ao Brasil para terminar os estudos secundários, talvez ajuda a se libertar a gente mesmo, a família está em completo. Quanto a Bélgica, boa com seus Anos, comercial, desde cedo a aprender a fazer sua parte durante e desenvolvida. A dimensão do que significa o exílio para uma criança só nos deveras parece tolice. Eu me lembro de uma tarde em que minha filha com pouco mais de quatro anos, ao ver o avião passar, disse: "MAMÃE, ME CONTA COMO É O BRASIL". Temos procurado manter-nos sempre ligados culturalmente ao Brasil e me da uma alegria imensa ouvi-la dizer, ao ver Brasil ver a peça de Chico ou Adriana — ou quando ouve uma de suas músicas preferidas, "O Fuzu" e diz: "a Maria Bretanha".

Como você reagiu quando se deram no Brasil os primeiros passos pela bandeira da anistia ampla e irrestrita?

Nanci: "Como eu disse, a saudade vem todo dia, cada vez maior, mesmo depois de cinco anos de exílio, depois de conseguir um trabalho regular e compreender melhor a língua e a vida no país onde vivo. Basta uma reação brasileira, um filme, para eu sentir a necessidade de apreciar essas coisas dentro do Brasil. A compreensão que se desenvolve bem ou mal pela Anistia me aumentou, o desejo e a esperança de voltar.

Maria Sueli: Nesse tempo todo minha resistencia maior veio da vontade enorme de reconquistar minha liberdade. Liberdade de poder, na minha terra e com a minha gente, exprimir minhas.

Ruth: Os primeiros passos pela anistia ampla e irrestrita chegaram até nós através do trabalho do Movimento Feminino pela Anistia, boa for sentido por mim como o acender de milhares de lâmpadas que começavam a clarear uma triste sombra que se abatera sobre todos nós. Hoje, a bandeira pela anistia e pelo restabelecimento das liberdades democráticas se estende por todo o país e, muito ligeiro que muito brevemente essa triste se fara dia.

Como você reagiu quando se deram no Brasil os primeiros passos pela bandeira da anistia ampla e irrestrita?

Nanci: "Como eu disse, a saudade vem todo dia, cada vez maior, mesmo depois de cinco anos de exílio, depois de conseguir um trabalho regular e compreender melhor a língua e a vida no país onde vivo. Basta uma reação brasileira, um filme, para eu sentir a necessidade de apreciar essas coisas dentro do Brasil. A compreensão que se desenvolve bem ou mal pela Anistia me aumentou, o desejo e a esperança de voltar.

Maria Sueli: Nesse tempo todo minha resistencia maior veio da vontade enorme de reconquistar minha liberdade. Liberdade de poder, na minha terra e com a minha gente, exprimir minhas.

Ruth: Os primeiros passos pela anistia ampla e irrestrita chegaram até nós através do trabalho do Movimento Feminino pela Anistia, boa for sentido por mim como o acender de milhares de lâmpadas que começavam a clarear uma triste sombra que se abatera sobre todos nós. Hoje, a bandeira pela anistia e pelo restabelecimento das liberdades democráticas se estende por todo o país e, muito ligeiro que muito brevemente essa triste se fara dia.

Como você reagiu quando se deram no Brasil os primeiros passos pela bandeira da anistia ampla e irrestrita?

Nanci: "Como eu disse, a saudade vem todo dia, cada vez maior, mesmo depois de cinco anos de exílio, depois de conseguir um trabalho regular e compreender melhor a língua e a vida no país onde vivo. Basta uma reação brasileira, um filme, para eu sentir a necessidade de apreciar essas coisas dentro do Brasil. A compreensão que se desenvolve bem ou mal pela Anistia me aumentou, o desejo e a esperança de voltar.

Maria Sueli: Nesse tempo todo minha resistencia maior veio da vontade enorme de reconquistar minha liberdade. Liberdade de poder, na minha terra e com a minha gente, exprimir minhas.

Ruth: Os primeiros passos pela anistia ampla e irrestrita chegaram até nós através do trabalho do Movimento Feminino pela Anistia, boa for sentido por mim como o acender de milhares de lâmpadas que começavam a clarear uma triste sombra que se abatera sobre todos nós. Hoje, a bandeira pela anistia e pelo restabelecimento das liberdades democráticas se estende por todo o país e, muito ligeiro que muito brevemente essa triste se fara dia.

Conceição Cahú, #8 - Nós Mulheres jun/jul 1978 - p.6

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-n-s-mulheres-8 (Acesso em 01/05/2026)

Expediente

Conselho Editorial
Bia Kfouri
Carolina Macedo
Cida Aidar
Conceição Cahú
Jany Raschkovsky
Laura Salgado
Leda Cristina Orosco Galvão
Lia Zatz
Liane Ralston
Maria Inês Castilho
Maria Inês Zanchetta
Maria Moraes
Marianna Francisca M.Monteiro
Marli C. Gonçalves
Rachel Moreno
Renata Villas Boas
Solange Padilha
Suzana Camargo Kfouri

Colaboradores
Ana Maria Hallberg
Aniko
Avani Stein
Maria Carolina Leme Priolli
Celina Vargas Escosteguy
Ciça
Cleide Stanis Montanari
Cynthia Sarti
Marta Lúcia Baleeiro
Regina Rebollo
Rita De Luca
Rosa Jandyra Gauditano
Ruth Toledo
Ruth Verde Zein
Sandra Abdalla
Thereza Bissoto
Thomaz D'Aquino
Toninho Mendes
Vera Lúcia de Oliveira
Grupo Feminista de B.H.
e todas as mulheres que contribuiram com seu depoimento

Jornalista Responsável
Marisa Correa

expediente, #2, set/out 1976, p.2

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/nosmulheres/arquivos/NosMulheresn2.pdf (Acesso em 01/05/2026)

Tudo começou com Chiquinha, compositora de polcas, choros e modinhas. Depois dela, a mulher foi mais «cantada» do que propriamente cantou aquilo que pensava...

Saudade da Amélia?

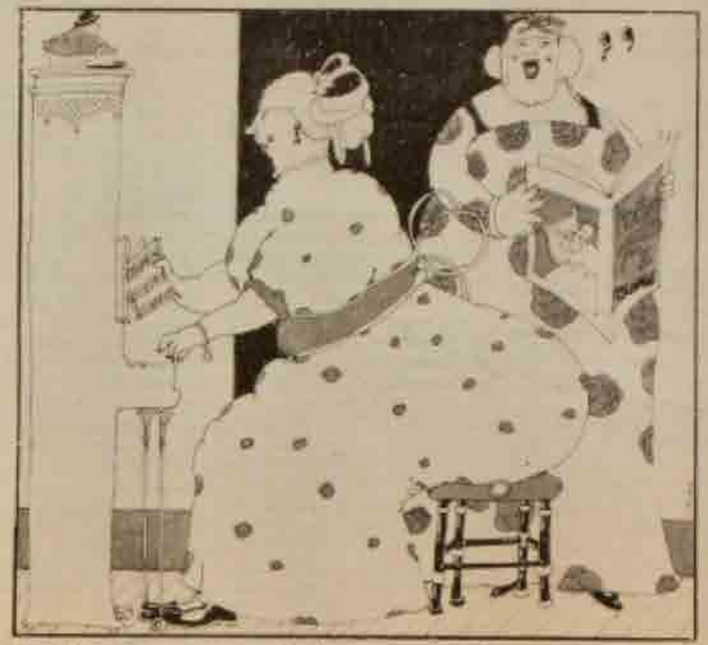
No século passado, a educação das jovens de «boa família» se limitava às prendas domésticas, um pouco de português e aritmética, o francês, bordados, aquarelas e piano. A mulher servia apenas para dirigir a casa, e tratar dos filhos. Foi na época em que nasceu o maior vulto feminino da história da música popular brasileira: Chiquinha Gonzaga.

"Ô abre alas que eu quero passar"

Ao contrário da maioria das mulheres que até hoje participam de nossa música popular apenas como cantoras e musas inspiradoras, Chiquinha Gonzaga compôs mais de 2000 canções em todos os gêneros: polcas, modinhas, choros, partituras para peças musicais, etc. É dela o sucesso carnavalesco de 1899, «Ô ABRE ALAS», já um começo do samba e da marcha brasileira, e uma previsão da força com que a mulher iria, no século seguinte, abrir seu caminho para a participação social.

Filha do Marechal José Basileu Gonzaga (cujo orgulho era ser da linhagem de Tomás Antonio Gonzaga e Duque de Caxias) e de ilustre dama, Chiquinha nasceu em 1847 e, com apenas 13 anos, foi obrigada pelos pais a se casar. Aí teve início sua rebeldia, que terminou apenas com a morte, em 1935. Em sua vida enfrentou a separação do marido, um novo casamento e uma nova separação. Abandonada pela família, passou a morar só com os filhos, em um porão de São Cristóvão, no Rio. Sobrevivia ensinando piano e participando de pequenas orquestras que tocavam em festas.

Chiquinha Gonzaga, cujo verdadeiro nome era Francisca Edwiges Neves Gonzaga, foi a primeira **compositora** popular brasileira. Hoje é encarada como fenômeno, tanto musical quanto social: ela escreveu a trilha sonora de muitas peças teatrais, criou a primeira marcha carnavalesca, a primeira opereta brasileira, a primeira revista musical, a primeira música para filme, e ainda foi a primeira maestrina a reger uma orquestra. Mas, além disso, ela foi a primeira mulher a ter uma atitude de vida independente, a lutar pelo direito de ser mãe solteira, a ser abolicionista e republicana.



Mesmo assim, Chiquinha não conseguiu fugir à sua condição de mulher. Ela também foi vítima do preconceito que cercava as artistas, e só conseguiu ser aceita em suas casas, sessões do samba que reuniam gente famosa como Donga e Pixinguinha. Esses mulheres ajudaram a mudar a mentalidade da época, tirando a mulher do papel de "rainha do lar" e colocando-a como companheira do homem. Mas, apesar de sua importância, Chiquinha Gonzaga não foi seguida por muitas outras mulheres criativas. Isso afeta até hoje sua participação na música, onde há um número muito menor de compositoras que de cantoras. Entretanto, é como «tema» ou «musa inspiradora» que a mulher aparece com mais frequência nas composições dos maiores músicos da década de 30, onde encontramos os exemplos mais clássicos de exaltação do **Machismo e violência.** De Noel Rosa (1910/1937): «Que mulher indigesta merece um tiro na testa». De Lamartine Babo (1904/1963): «Só dando com uma pedra nela, e isso dando com uma pedra nela». Ismael Silva (nascido em 1905): «Se ele bate é porque gosta de ti/bater em quem não se gosta eu nunca vi». Ari Barroso (1903/1964): «Essa mulherma muito tempo me provoca/Dá nela! Dá nela!» **Lugar de mulher é na cozinha,** diz ainda a sociedade dos anos 30 através de seus músicos: «quero uma mulher/que saiba lavar e cozinhar/ que de manhã cedo/me acorde na hora de (trabalhar» («Emília» de Wilson Batista e Haroldo Lobo). E o preconceito contra a **mulher que trabalha fora**: «Todo cargo masculino/seja grande ou pequeno/hoje em dia é pra mulher/e por causa dos painaços/ela esquece que tem braços/nem cozinhar ela quer» (Noel Rosa). A mulher como **objeto sexual**, simples mercadoria posta à venda: «Quem dá mais?/Por uma mulata que é diplomada/em matéria de samba e batucada/com as qualidades de moça/formosa-feiticeira, valiosa/e muito mentirosa? O **duplo padrão de moral**, onde a sexualidade da mulher é negada e a do homem supervalorizada: «Pode falar meu bem/Pode falar quem quiser/e meu chamego é para lhe dar/já preparei a água pra fazer seu banho mornô/você chegou cansado pro repouso do seu lar/o seu pudim de queijo/também no botel no forno/E agora quero um beijo que só você sabe dar/me dá!»

«LÁ VEM ELA, CHORANDO/O QUE É QUE ELA QUER?/PANCADA NÃO É, JÁ DEI»

A «superioridade do homem, exaltada por surras e tijoladas, está presente nas composições dos maiores músicos da década de 30, onde encontramos os exemplos mais clássicos de exaltação do **Machismo e violência.** De Noel Rosa (1910/1937): «Que mulher indigesta merece um tiro na testa». De Lamartine Babo (1904/1963): «Só dando com uma pedra nela, e isso dando com uma pedra nela». Ismael Silva (nascido em 1905): «Se ele bate é porque gosta de ti/bater em quem não se gosta eu nunca vi». Ari Barroso (1903/1964): «Essa mulherma muito tempo me provoca/Dá nela! Dá nela!» **Lugar de mulher é na cozinha,** diz ainda a sociedade dos anos 30 através de seus músicos: «quero uma mulher/que saiba lavar e cozinhar/ que de manhã cedo/me acorde na hora de (trabalhar» («Emília» de Wilson Batista e Haroldo Lobo). E o preconceito contra a **mulher que trabalha fora**: «Todo cargo masculino/seja grande ou pequeno/hoje em dia é pra mulher/e por causa dos painaços/ela esquece que tem braços/nem cozinhar ela quer» (Noel Rosa). A mulher como **objeto sexual**, simples mercadoria posta à venda: «Quem dá mais?/Por uma mulata que é diplomada/em matéria de samba e batucada/com as qualidades de moça/formosa-feiticeira, valiosa/e muito mentirosa? O **duplo padrão de moral**, onde a sexualidade da mulher é negada e a do homem supervalorizada: «Pode falar meu bem/Pode falar quem quiser

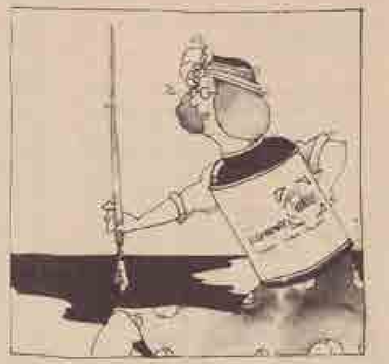
?? #2, set/out 1976, p.2

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/nosmulheres/arquivos/NosMulheresn2.pdf (Acesso em 01/05/2026)

O HUMOR DE NOS MULHERES

O NOSSO OBJETIVO É CRIAR UMA PÁGINA DE HUMOR DENTRO DO NOSSO JORNAL, CONTÍNUA, E, OBVIAMENTE ALEGRE, EMBORA NEM SEMPRE O HUMOR SEJA ALEGRE. OS CARTUNISTAS BRASILEIROS SÃO EXELENTE, MAS DEVIDO AO MERCADO ESTREITO E SOLAPADO PELO SIMILAR EXTRANGEIRO, EM CONCORRENCIA FRANCAMENTE DESLEAL ("COBRA PREÇO DE BANANA...") NÃO TEM TIDO MUITAS OPORTUNIDADES DE EXPLORAR SEU POTENCIAL, FUNDAMENTAL NACRIAÇÃO DE UMA CULTURA NUM PAIS COMO ESTE NOSSO; DAÍ QUE, QUANTO MAIS PÁGINAS, REVISTAS, LIVROS DE HUMOR BRASILEIRO, DO POVO BRASILEIRO, MELHOR. BOM, DENTRE OS CONHECIDOS HUMORISTAS BRASILEIROS, EXISTEM MULHERES CUJO TRABALHO DE ALTO NÍVEL, COLECIONAMOS PARA INICIAR ESTA SÉRIE. COMEÇAMOS COM HILDE WEBER, QUE NOS CONTARÁ SUA EXPERIENCIA, JÁ QUE PIONEIRA...

AHU



SANDRA, DO JT

Minha carreira como desenhista de imprensa começou aos 16 anos quando ainda estava cursando a Escola de Artes Gráficas em Hamburgo (Alemanha) Naturalizada brasileira desde 1952, estou no Brasil há 44 anos, trabalhando ininterruptamente como caricaturista e ilustradora para um grande número de jornais e revistas. Inicialmente em São Paulo, depois no Rio de Janeiro e de novo em São Paulo desde 1962. Durante os anos 50 fui "chargista" da Tribuna da Imprensa, no Rio. No Estadão, onde atualmente faço exclusivamente charges para a política nacional, vou fazer 19 anos de casa.

Desde que cheguei ao Brasil, não encontrei dificuldades na minha profissão, existia muito pouca concorrência nos primeiros tempos entre os desenhistas homens. Nas mulheres nem se fala. Especialmente porque no início eu fazia ilustrações para reportagens, flagrantes e caricaturas de gente entrevistada, campo onde me encontrava praticamente sozinha naquela época.

Sandra Abdalila, #4, março de 1977 p.9

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-n-s-mulheres-5 (Acesso em 01/05/2026)

EXPEDIENTE

Conselho Editorial

Bia Kfouri
Carolina Oliveiro Macedo
Cida Aidar
Cynthia Sarti
Jany Raschkovsky
Laura Salgado
Leda Cristina O. Galvão
Maria Inês Castilho
Maria Inez Zanchetta
Marli Gonçalves
Marta
Rita de Luca
Sara Goldman
Solange Padilha
Susana Kfouri
Vera Lucia Oliveira

Colaboradoras:

Ana
Beth Mendes
CEBES
Ciça
Elisa
Elisabeth Almeida
Estela Neves
Fátima Almeida
Francisco Lucrécio
Gloria Nogueira
Henfil
Isabel
Laerte
Lucia
pgnatz
Marion Frank
Moema
Moisés Rabinocivi
Nair Benedicto
Olga Cafalechio
Renata Villas-Bôas
Rosália Lerner
Sandra Abdalla
Vera Simonetti
Teresa Bissoto
Valéria
Associação das Mulheres da Bahia
Clube de Mães da Zona Sul

Jornalista Responsavel
Anamaria Vainsencher

Administração e Redação
Rua Fidalga, 548, sala 26
Vila Madalena - S.Paulo (SP)

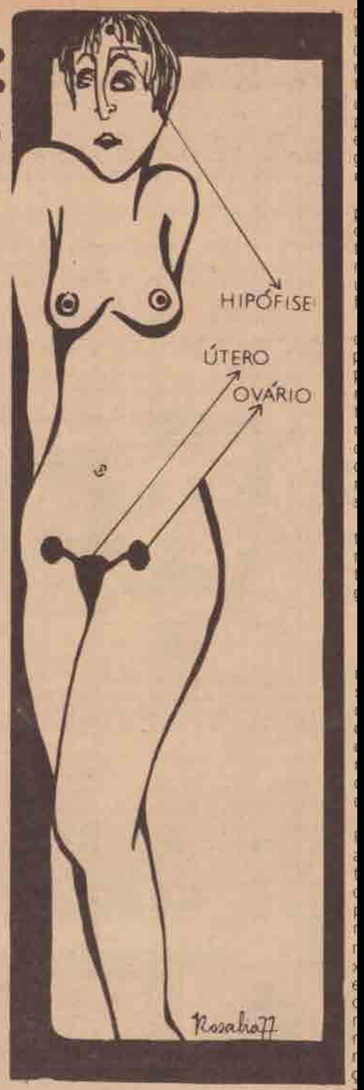
Composto e impresso pela
Empresa Jornalistica AFA
Av. Liberdade, 704 - fone: 278-9010

NOS MULHERES é um publicação da Associação de Mulheres

Expediente, #4, jun/julho de 1977 p.2

Fudanção Perseu Abramo, disponível em: https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-n-s-mulheres-6 (Acesso em 01/05/2026)

MENSTRUAÇÃO: VAMOS FALAR NELA?



**Ela ocorre todo mês. Vem e vai.
Apenas sentimos (e nos
Mas nunca paramos para pensar no que é realmente
a menstruação: nos tabus que existem a seu respeito,
na tensão que a acompanha, nos problemas
que ela pode ter.**

«Eu ouvia falar em *compadre chico, estou com o chico*, o *chico chegou*. Via minha irmã usando toalhinhas, mas não sabia direito do que se tratava. Quando me veio pela primeira vez morri de vergonha, não contei a ninguém. Cavava buracos na terra para enterrar os paninhos que eu mesma fazia. Um dia minha mãe me pegou cavando e pela primeira vez tocamos no assunto».

Ângela, 46 anos, dois filhos, fala das dificuldades que enfrentou nas primeiras vezes que ficou menstruada. Como ela, muitas

gados em nossa moral sexual é o de que não se deve ter relações sexuais durante a menstruação. O período menstrual é aquele em que a mulher pode, com certa margem de segurança, ter relações sexuais com a certeza de não engravidar. Talvez tenha sido por isso que as primeiras tribos judaicas proibissem o ato sexual durante a menstruação: era necessário que a mulher engravidasse para assegurar a continuidade das tribos. Pode-se aqui fazer um parêntese para refletir sobre a sexualidade feminina, sempre confundida com

Rosalia, #4, jun/julho de 1977 p.9

Fudanção Perseu Abramo, disponível em: https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-n-s-mulheres-6 (Acesso em 01/05/2026)

NOTRABALHO

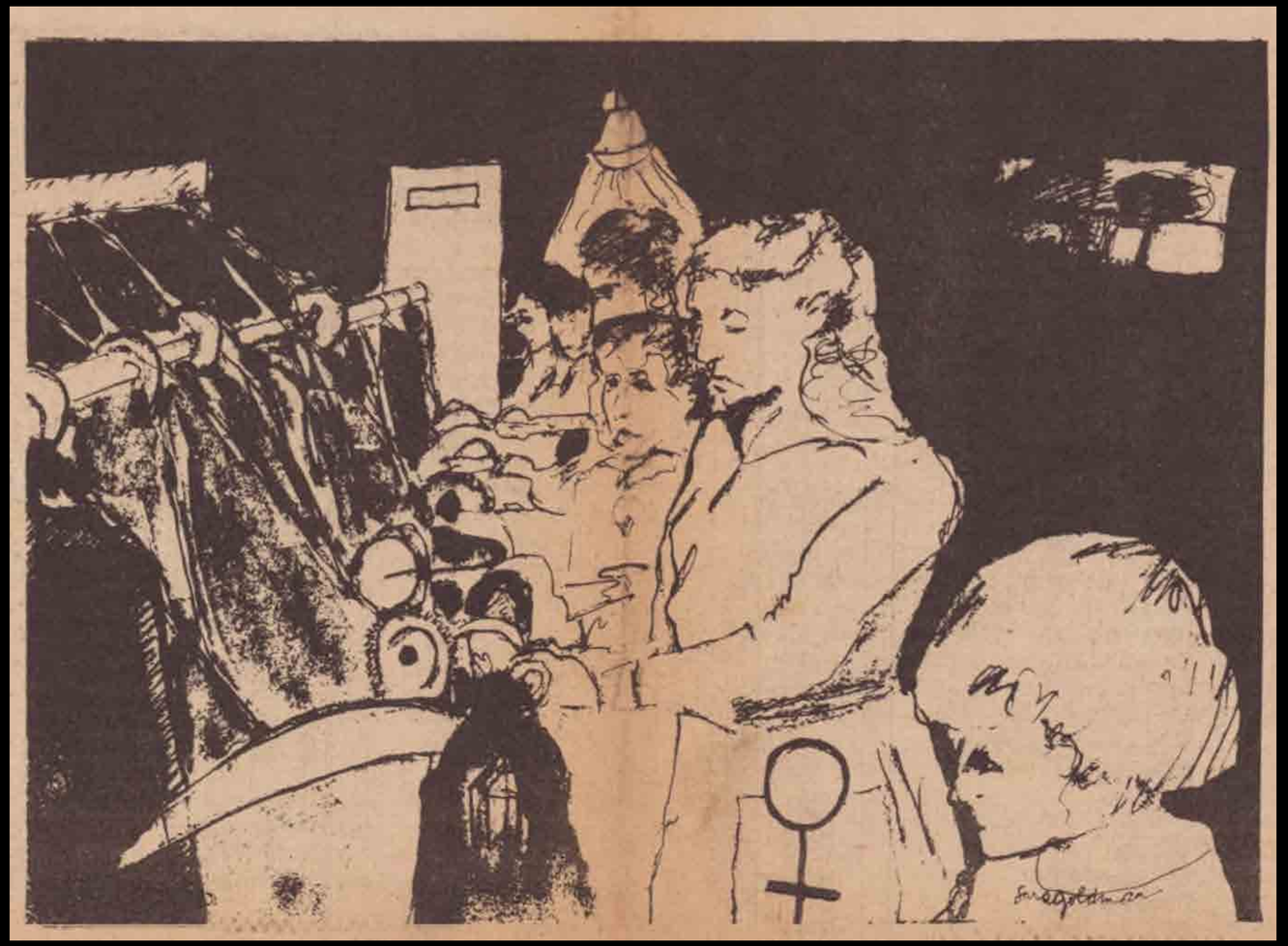
MORREU NA CONTRAMÃO ATRAPALHANDO O TRÂNSITO

Isabel, #4, jun/julho de 1977 p.8

Fudanção Perseu Abramo, disponível em: https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-n-s-mulheres-6 (Acesso em 01/05/2026)

Ciça, seção humor Nós Mulheres #5, jun/julho de 1977 p.13

Fudanção Perseu Abramo, disponível em:https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-n-s-mulheres-6 (Acesso em 01/05/2026)



Sara Goldman, #4, jun/julho de 1977 p.7

Fudanção Perseu Abramo, disponível em: https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-n-s-mulheres-6 (Acesso em 01/05/2026)

MULHERIO
(1981 - 1989)

MULHERIO

Conselho Editorial

Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleieteh Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Moraes, Maria Malta Campos, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Marisa Correa e Ruth Cardoso.

Redação

Adélia Borges e Fúlvia Rosemberg (editoras), Derly Barroso (projeto gráfico).

Jornalista responsável

Adélia Borges — Registro no MTb nº 10.680 — SJESP 4549

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. As matérias assinadas não expressam necessariamente a opinião do Conselho Editorial e das editoras. É livre a transcrição de suas matérias em quaisquer órgãos de imprensa, mas pede-se que seja citada a fonte e, sempre que possível, nos seja enviada uma cópia da reprodução. Redação: Fundação Carlos Chagas. Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone 211.4511. Composição e impressão : S/A O Estado de S. Paulo, Av. Eng. Caetano Álvares, 55, São Paulo.

Mulherio é distribuído gratuitamente aos órgãos de imprensa, instituições acadêmicas e grupos organizados de mulheres de todo o País, e vendido nas livrarias a Cr$ 50,00 o exemplar. A assinatura anual custa Cr$ 300,00 e deve ser solicitada à Redação (endereço acima), por carta, por telefone ou pessoalmente.

MARÇO-ABRIL 81 ANO I NÚMERO 0

MULHERIO

Por que Mulherio?

Mulherio. Quase sempre, a palavra é empregada com sentido pejorativo, associada a histerismo, gritaria, chatice, fofocagem ou, então, "gostosura". Mas qual é a palavra relacionada à mulher que não tem essa conotação? O próprio verbete "mulher" já é apresentado no dicionário de forma especial. Segundo o consagrado Aurélio Buarque de Holanda, mulher é: "1. Pessoa do sexo feminino, após a puberdade; 2. esposa". Em seguida à definição, vêm as composições usualmente feitas com a palavra: "à toa", "da comédia", "da rua", "da vida", "da zona", "da rótula", "do fado", "errada", "perdida", etc. — todas sinônimo de meretriz. As três exceções: "mulher de César" (de reputação inatacável), "mulher do pilho" (muito teimosa) e a cinematográfica "mulher fatal".

Consulte no mesmo dicionário as composições feitas com o verbete "homem": "de ação", "de bem", "de Estado", "de letras", "de negócios", etc.

Mulherio, por sua vez, nada mais é do que "as mulheres" ou "uma grande porção de mulheres". É o que somos, é o que este jornal será. Sim, nós vamos nos assumir como o *Mulherio* e, em conjunto, pretendemos recuperar a dignidade, a beleza e a força que significam as mulheres reunidas para expor e debater seus problemas. De uma maneira séria e consequente, mas não mal-humorada, sizuda ou dogmática.

Os objetivos do jornal

A idéia de criação de um jornal sobre mulher surgiu já há alguns anos entre as pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas que se dedicam ao estudo da condição feminina no Brasil. Inicialmente, imaginava-se apenas um boletim de notícias que fizesse o intercâmbio entre as diversas instituições e pesquisadores voltados ao tema, visando à suprir uma deficiência básica: por falta de informações, quem trabalhava em São Paulo não sabia o que se fazia no Rio, por exemplo.

Aos poucos, percebeu-se que um boletim deste tipo seria útil também para os diversos núcleos organizados de mulheres, que em pouco tempo multiplicaram-se em todo o País. E que sentem falta não só de um canal onde possam trocar suas experiências, mas também onde encontrem resultados de pesquisas sólidas, capazes de orientar suas atividades práticas. Mais: constatou-se que também os meios de comunicação veriam com interesse um boletim deste tipo. Nos últimos anos, a imprensa brasileira está descobrindo o assunto "mulher", antes relegado às páginas de culinária e dicas de beleza. No entanto, as informações da imprensa sobre mulher ainda são, em geral, superficiais, esparsas e contraditórias. Falta justamente um veículo que se dedique de forma sistemática, aprofundada e abrangente a todos os problemas que afetam a mulher brasileira, e que, pela reunião periódica de informações obtidas de fontes fidedignas, possa servir de orientação e manancial informativo para os que focalizam tais assuntos nos meios de comunicação.

Já mais amadurecida e debatida, a idéia de criação de um jornal dirigido a esses três públicos — os órgãos de comunicação, os grupos de mulheres e as entidades culturais e acadêmicas — torna-se agora realidade, ao ser integrada ao conjunto de projetos sobre a condição feminina que a Fundação Carlos Chagas realiza com o apoio da Fundação Ford. Isso garante a saída regular de *Mulherio* por um período inicial de um ano e meio.

Nossa pauta

O que você está recebendo hoje é o número zero do jornal — mais uma carta intenções, um *lay-out* do que pretendemos fazer. *Mulherio*, com 16 páginas, terá sempre um artigo de fundo, de análise, abordando um tema polêmico, como o que Maria Carneiro da Cunha escreveu na página 3, sobre o significado do 8 de março. Várias reportagens e notas curtas abordarão a mulher no Brasil e no mundo. Uma seção será dedicada a pesquisas, teses e outros estudos sobre a mulher. Outra procurará abrir espaço aos diversos grupos feministas e femininos para que divulguem suas atividades. Na área de cultura, acompanharemos com resenhas e críticas o lançamento de livros, filmes, programas de televisão e peças de teatro. E sempre traremos charges — como esta que Ciça enviou para o número zero — e muitas fotos.

A pauta do jornal e seus rumos são definidos pelo nosso Conselho Editorial, composto por 16 mulheres que têm batalhado pela melhoria da condição feminina no Brasil, como profissionais e como militantes *(ver a relação no expediente)*.

Em sua primeira reunião, realizada aqui na Fundação Carlos Chagas no dia 4 de fevereiro, o Conselho decidiu que *Mulherio* não terá uma posição pré-estabelecida sobre este ou aquele assunto — seja planejamento familar ou tendências no movimento feminista. Pretendemos, sim, debater todos os problemas que afetam a mulher, abrindo espaço para a discussão ampla das diferentes posições.

Neste contexto, a *sua* participação é muito importante, ao fazer sugestões, criticar o jornal ou apresentar sua posição sobre determinado assunto. Só assim conseguiremos, realmente, ser uma grande, consciente e organizada "porção de mulheres".

Adélia Borges

apresentação+expediente, #0 março/abril de 1981, p.1

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

* Marlene aparece como editora de artes pela 1x.

Nosso recado

Era apenas um folheto, despretensioso, anunciando o lançamento de um jornal. Mas a repercussão que o número zero de *Mulherio* alcançou surpreendeu-nos, como a demonstrar que a mulher brasileira precisa realmente de um veículo de comunicação que divulgue suas coisas de uma forma nova, nossa. Recebemos cartas de várias partes do País — de Morrinhos, em Goiás, a Maraú, no Rio Grande do Sul; de Penápolis, em São Paulo, a Andirá, no Paraná. E de leitores tão variados quanto o radialista do interior interessado em falar de mulher em seu programa diário ou a estudante secundarista de São Paulo até pessoas que há muito tempo se preocupam com a questão feminina, como Marly Cardone, Maria José Werebe, Lia Fukui, Renata Pallotini, Maurício Tratenberg, Edla Van Steen e Lígia Fagundes Telles. Até meados de abril, quando fechávamos esta edição, recebemos mais de 200 cartas, a maioria com sugestões e dicas valiosas, que estão anotadas e serão seguidas na medida do possível. Mas a dimensão de nossa possibilidade também depende de você: esperamos, agora, que seu apoio se transforme em um número maior de assinaturas — essenciais para que possamos manter o jornal, melhorar sua qualidade e, quem sabe, aumentar o número de páginas ou a sua periodicidade.

Adélia Borges

MULHERIO

Conselho Editorial

Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

Redação

Adélia Borges e Fúlvia Rosemberg (edição), Marlene Rodrigues (edição de arte), Mari (ilustração) e Miriam Tanus (encarregada de assinaturas). Além das pessoas que assinam matérias e das integrantes do conselho, também colaboraram nesta edição: Dando Prado, Fernando Baroni, Jussara Ancona Lopes, Laís Tapajós, Leda Beck, Leny Silverstein, Marili Ribeiro, Marisa Figueiredo, Raquel Moreno, Regina Ferrandis e Walnice Galvão.

Jornalista responsável

Adélia Borges — Registro no MTb nº 10.680 — SJESP 4549.

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. É livre a transcrição de suas matérias, mas pede-se que seja citada a fonte e, sempre que possível, nos seja enviado uma cópia da reprodução. Pede-se permuta com outras publicações do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone 211.4511.

Composição e impressão: S/A O Estado de S. Paulo, Av. Eng. Caetano Alvares, 55, São Paulo.

apresentação+expediente, #1 maio/junho de 1981, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

*O nome de Marlene não aparece nos expediente do Mulherio #1.

Marlene Crespo, seção Mulheres em Ação, #1 maio/junho de 1981, p.4

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

TEMPOS MODERNOS

OS IRMÃOS DE SANGUE

O que aconteceria se, de repente, menstruar se tornasse uma característica unicamente masculina? A resposta é quase óbvia: a menstruação passaria a ser invejada, comemorada como os eventos que despertam orgulho na família. Os homens não se inibiriam em fazer alardes sobre duração e volume. Os meninos, por sua vez, marcariam a vinda do primeiro ciclo como prova concreta de masculinidade — o que merece ritos religiosos, festas de iniciação sexual.

Ao Congresso caberia criar o Instituto Nacional de Dismenorréia, destinado a acabar — ou pelo menos amenizar — com o desconforto mensal provocado pela menstruação. Produtos de higiene seriam subsidiados pelo governo e, certamente, distribuídos de graça. Mas alguns homens iriam preferir o prestígio de marcas comerciais, aderindo aos tampões John Wayne ou aos absorventes Muhammed Ali.

Militares, políticos de direita e religiosos conservadores usariam a menstruação como prova de que somente os homens se habilitariam a servir ao Exército ("quem dá sangue pode tirar sangue" é uma sugestão de slogan), a ocupar cargos políticos (como as mulheres poderiam ser agressivas sem aquele ciclo governado pelo planeta Marte?), a cumprir funções na Igreja (como poderia a mulher dar seu sangue por nossos pecados?).

Políticos de esquerda, homens radicais insistiriam na condição de igualdade da mulher. Com algumas condições: as mulheres teriam que encontrar uma forma de "sangrar" todos os meses, atendendo ao preceito de que é preciso dar sangue para a revolução, além de reconhecer a importância da matéria "menstruação".

A televisão dedicaria horas ao assunto, os jornais exaltariam a dignidade masculina ao enfrentar o stress mensal provocado pela menstruação. No cinema, Paul Newman e Robert Redford viveriam "Os Irmãos de Sangue". Nas relações afetivas, os homens convenceriam as mulheres de que a prática do sexo seria muito mais excitante naquela época do mês. As lésbicas não escapariam do comentário de que temiam o sangue e, por conseqüência, a vida — o que, certamente, seria resolvido pela presença de um homem especial, e menstruado.

Os intelectuais se apoiariam em argumentos mais lógicos. Como poderia, por exemplo, uma mulher ensinar qualquer disciplina que exija o sentido de tempo, espaço e medida sem dispor daquele presente natural que pode medir os ciclos da lua e dos planetas e, dessa maneira, medir todas as outras coisas? No campo da filosofia e religião, como as mulheres iriam compensar esta perda do ritmo do universo? As mulheres, é bom que se lembre, não viveriam o símbolo mensal da morte e ressurreição. Os homens liberais de todas as áreas tentariam ser educados, lembrando que o fato de "essas pessoas" não nascerem com o presente da natureza já é suficiente punição.

Ilustração Eliana Paiva

E como as mulheres iriam reagir? As mais submissas concordariam com todos esses argumentos, sempre mostrando um sorriso masoquista nos lábios. As reformistas tentariam imitar os homens. Todas as feministas explicariam incansavelmente que os homens também precisariam se libertar da falsa idéia de agressividade, da mesma maneira que as mulheres teriam que lutar contra o complexo pela ausência de menstruação. Feministas radicais acrescentariam que a opressão pela menstruação é a base de todas as outras opressões. Feministas socialistas insistiriam que apenas num regime capitalista os homens monopolizariam o sangue menstrual.

Na verdade, se os homens menstruassem, as justificativas para a conotação poder-menstruação iriam longe e para sempre. Se as mulheres deixassem. (Original de Gloria Steinem, publicado na revista Ms e reproduzido no boletim Revolutionary & Radical Feminist).

Depois das 10, acabou a brincadeira

Variam os horários, mas as mulheres do mundo todo sabem que andar pelas ruas à noite é "ousadia" nem sempre bem sucedida. Porque há homens violentos soltos nas cidades, porque não há proteção ao seu direito de ir e vir, porque a noite denota prazer e este, com certeza, é um privilégio masculino. O conselho que a mulher recebe sempre que as estatísticas apontam um aumento nos crimes praticados nas ruas é o de ficar em casa, num recolhimento espontâneo e medroso, numa prisão que permite cafezinho e novela.

Ilustração Eliana Paiva

Já que a lei em vigor acaba sendo a do "cada um se defende como pode", não há mal nenhum em tentar soluções para o problema. Como a experiência divertida de grupos feministas de Rochester, Estados Unidos.

Motivadas pela ausência de medidas efetivas contra a violência, participantes de diversos grupos feministas da cidade decidiram decretar um "toque de recolher" para os homens. Espalharam posters por todas as esquinas. Utilizaram o logotipo oficial da Prefeitura, avisando que aquela era uma decisão do Departamento de Prevenção contra Estupros. Os posters diziam:

"Atenção. Toque de recolher às 10 da noite para todos os homens, a partir de 2 de abril de 1981. O objetivo é garantir a segurança das mulheres e impedir que novos ataques de violência sexual sejam praticados. Todos os homens devem se recolher. Só podem ficar nas ruas aqueles que estiverem acompanhados por duas ou mais mulheres. Precisando de permissão para emergência, ligue para..."

Logo no dia seguinte, a polícia começou a remover os cartazes e avisou a imprensa de que aquele departamento não existia e o número do telefone para "permissões de emergência" pertencia ao setor de licenciamento de cães. Mas as várias grupos de mulheres envolvidos na "campanha" também agiram com rapidez. Questionaram as autoridades e a imprensa sobre o tempo gasto com a destruição do que seria uma crítica à ineficiência do poder público em combater o estupro — crime que aumentou numa média de 20% nos primeiros nove meses do ano passado, segundo as estatísticas (incompletas) de Rochester.

As mulheres também protestaram contra o conselho de que o melhor contra a violência é não sair às ruas de noite, alegando que esse "recolhimento voluntário" é uma forma de prisão, que limita as atividades da mulher, impede que ela se encontre com outras mulheres e a torna mais vulnerável ao ataque. E sequer diminui a criminalidade. (Extraído do boletim WIN News, publicado nos Estados Unidos.)

Eliana Paiva, #3 setembro/outubro de 1981, p.11

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Ilustração Eliana Paiva

Ilustração Eliana Paiva

Eliana Paiva, #3 setembro/outubro de 1981, p.11

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

As prefeitas

Ilustrações Eliana Paiva

Eliana Paiva, #3 setembro/outubro de 1981, p.17

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

*Mari não é creditada como ilustradora no Mulherio #4

MULHERIO

Conselho Editorial — Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleleth Saffioti, Lélia Gonzales, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

Redação — Adélia Borges, Fúlvia Rosemberg e Marília de Andrade (editoras), Marlene Rodrigues (edição de arte), Rose Yamamoto (publicidade e vendas) e Miriam Tanus (encarregada de assinaturas). Além das pessoas que assinam matérias, também colaboraram neste número: Cecília Thompson, Micheline Lagrado, Patrícia Carvalho, Sônia Pilla, Tessy Hanstzchel, Maria Angélica de Oliveira, Maria dos Anjos Mendes Gomes, Eleonora de Oliveira Soares, Inês Castilho, Cecília Simoneth, Miriam Ferraz de Barros e Elvira Souza Lima.

Jornalista responsável — Adélia Borges. Registro no MTb nº 10.680. SJESP 4549.

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pede-se permuta com outras publicações do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone 211-4511, ramal 247.

Composição e impressão: S/A O Estado de S. Paulo, av. Eng. Caetano Álvares, 55 - São Paulo.

expediente, #4, novembro/dezembro de 1981, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

*** suas ilustrações também deixam de aparecer nas aberturas do Mulherio.**

CINEMA

Mulher objeto, com prazer

"Nenhum casal será o mesmo depois deste filme." A propaganda de **Mulher Objeto**, de Sylvio de Abreu, é no mínimo intrigante. *E a recente entrevista do diretor*, na televisão, decisiva: uma esplêndida loura sentada em seu colo como um objeto de adorno, sorria complacente para suas afirmações, enquanto ele se empolgava na defesa do orgasmo feminino, da figura do amante — "castigo merecido para o marido incompetente" — e outras pérolas. "Meu filme é um libelo em *favor do orgasmo feminino! Todo mundo* tem que ver!"

É um mérito abordar o tema do prazer feminino. É, aliás, o único mérito de **Mulher Objeto**. Porque, no mais, o filme falha técnica e ideologicamente. Tecnicamente: a interpretação é má, caricatural, nenhum personagem tem densidade; algumas das cenas eróticas, embora todas *sejam bonitas e bem cuidadas, são exces*sivas, desnecessárias; e o luxo imperial

Leitura

Em casa, quem manda é o papai

Os livros de Moral e Civismo adotados nas escolas de 1° grau reforçam a rígida e tradicional divisão de papéis entre homens e mulheres.

COMO VIVE MINHA FAMILIA

Papai é o chefe da família.
Ele trabalha para nos sustentar.
Mamãe cuida da nossa casa.
Nossa casa está sempre limpa e arrumada.
Eu e meus irmãos estudamos.
Em casa, todos ajudam e cada um tem seu dever.

Aberturas de seção, #4, novembro/dezembro de 1981, p.19-20

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

IMITAÇÃO DA LIBERDADE

Cubiçadas. Aprovadas por unanimidade (ou não: nesse caso era mais fácil identificar onde dói) por mais um consenho de entendidos em matéria de sexo, em matéria de mulher. O que é que insistia em doer?

Pobres das nossas subjetividade. Pobres das subjetividades deles. Adornaram tanto o encontro sexual de elementos pirotécnicos, acrobáticos, espetaculares, que o encontro darçou. Sobrou o sexo-fonte-de-prazer (leia-se orgasmo: o único comprovante legítimo do prazer...) o sexo patético e solitário, os manuais tipo faça-você-mesmo ou "como tornar-se especialista em três lições fáceis". Sobrou a enorme decepção por não entendermos que o sexo desprovido do encontro realmente se torna, como desejam os sexólogos americanos, uma função fisiológica como outra qualquer.

"É tão sem graça", me dizia uma moça solteira, sem preconceitos, de 20 anos: "Primeiro, o cara tem mil truques pra me fazer gozar; depois é minha vez de desempenhar tudo o que sei até ele gozar. Depois não tem mais nada". Não tem mais nada lá, onde um dia estiveram depositados todo o medo e todos os segredos da vida. Não tem mais nada lá onde nos disseram estar o pecado e a fonte de todos os males sociais. Não tem mais nada lá onde estiveram uma vez nossas fantasias de segurança, amor eterno, casamento feliz. Não tem mais nada lá onde a civilização cristã encerrou a maior parte de suas mentiras, de suas culpas, de suas técnicas de controle sobre nossos atos e nossas consciências. Não tem mais nada lá onde, depois de tanto trabalho e tanta luta ideológica, depois de tanta dor e de tanta esperança, depois de tanto medo e tanta coragem, depois da psicanálise e do feminismo, depois dos **hippies** e dos guerrilheiros, pensamos encontrar as pistas da liberdade e da plenitude humana. As mulheres encabeçaram essa luta. As mulheres se fizeram portadoras desse desejo de liberdade, enquanto face mais oprimida dessa moeda de autoritarismo, machismo, repressão e dupla moral sexual. As mulheres deram a primeira virada na mesa, exigiram a condição de sujeitos de sua sexualidade. E igualdade diante dos homens, igualmente nuas, igualmente ao se encontrarem em pé de desejantes, com igual direito à escolha e à iniciativa, descobrem perplexas que já não tem mais nada lá, onde (enquanto nos era inacessível) sempre pareceu se encontrar a razão da nossa existência.

Não tem mais nada lá no lugar da sexualidade liberta porque nós ainda não soubemos ocupar aquele lugar. A dupla moral sexual nos oprimia, interditava nosso acesso ao prazer e empobrecia tremendamente o prazer masculino. Para as mulheres, a plenitude (sexo e amor e vida e liberdade) sempre adiada. A sensibilidade preservada, em quartos de moça virgem, a emoção à flor da pele, o desespero da espera, as fantasias. Para os homens a prática — pode tudo! — e a fragmentação. Prazer de um lado, amor do outro. Liberdade com uma, ternura com outra. Dupla moral, dupla pressão: o encontro que liberta a subjetividade sempre impossível.

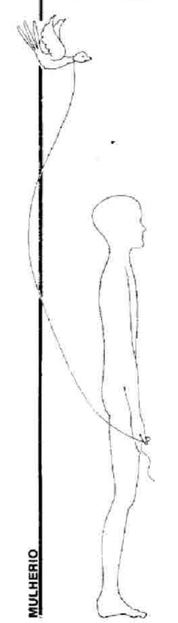
A dupla moral sexual nos oprimia mas num primeiro momento só conseguimos desfazê-la adotando a moral masculina. É claro, saímos da condição de oprimidas brandindo a lei do opressor (mas eu não disse que o opressor é simplesmente o homem, o macho, o ser masculino) e tentando igualar-nos a ele. Tentamos ser fálicas. "Se ele pode, eu também posso." Conseguimos libertar-nos da obrigatoriedade do casamento como condição para o prazer, mas com isso perdemos também o que havia de mais íntegro em nós, aquilo que a mulher tem para ensinar ao homem se quiser a integração entre a sexualidade e a afetividade, entre a expressão do desejo e a expressão da carência, entre a possibilidade do orgasmo e a possibilidade da subjetividade.

A mulher sabe que seu desejo é expressão de uma falta, uma carência. A falta do outro. Nossa cultura, simbolizando o falo como o que é completo, o que não tem faltas, ajudou a mulher a assumir sua castração — castração que é condição de todo ser humano, pois não existe ser completo em si mesmo, não existe o ser fálico que se pensa que o homem seja. E isso, não tenham raiva do velho Freud quando se refere à castração. Saber-se castrado é simplesmente perder a onipotência, reconhecer-nos incompletos. A mulher sabe dessa falta, mas como foi explorada e espezinhada em função dela, agora tenta fazer-se fálica para se libertar. Entregar-se à mesma miséria vivida pelo homem: a condenação à eterna carência por não se aumitir carente.

O homem, por sua vez, por possuir no corpo o símbolo do falo, por ser ainda o principal responsável pela produção de riquezas na sociedade, por não estar biologicamente atado aos filhos e portanto ter mais mobilidade e muitos etcéteras mais, pensa que é fálico. Que sua função no encontro amoroso é apenas a de completar a mulher com seu corpo, com seu gozo, e não a de completar-se com o que é feminino. O homem imagina-se proprietário do seu prazer, prazer no qual a mulher entraria apenas como fetiche, depositário de fantasias, símbolo de posse e de poder. A mulher sabe que seu prazer mais pleno requer o outro, o contacto, a interação. Sofre com o sexo que não dialoga, a relação sexual em que as pessoas não se olham, não se perguntam, não se acariciam até o fundo da alma.

Mas nosso medo é grande. Ai, nós jogam na cara outra vez nossa condição de castradas! Assim, tentamos crescer e nos colocar em pé de igualdade com o homem, assumindo as posturas, as mentiras, os símbolos e o teatro da sexualidade dominada pela ótica masculina. Pobres de nossas subjetividades: vamos para a cama e não encontramos mais nada lá. Às vezes nos flagro, mulheres, fazendo sexo como fazem os homens.

Maria Rita Kehl



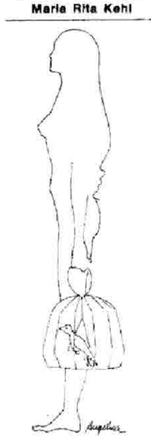


Ilustração de Maria Angélica de Oliveira

mos elogiadas. Desejadas.

Às vezes no flagro, mulheres, falando de sexo como falam os homens. As detestáveis rodinhas de homens, mais comuns na nossa adolescência do que agora, mas ainda hoje muito frequentes. Cavalheiros muito cúmplices enquanto sujeitos de um falo inquestionável (quem abre o jogo dos fracassos, das carências, das brochadas?), trocando figurinhas num boteco de esquina onde nossa presença era absolutamente vetada. Porque as figurinhas éramos, somos nós. "Aquela gostosa"... "Tem uns peitos!"... "É ótima de cama. Não abre a boca". "Dei quatro com ela". Pobre das nossas subjetividades. Pasávamos às vezes pela esquina ostentando com raiva os peitos desejados. Atravessávamos a cantada geral sem espaço entre os homens nem entre as mulheres para expressar a confusão que lá se formando em relação à nossa própria identidade. Afinal, fomos elogiadas. Desejadas.

MULHERIO

Maria Rita Kehl

Ilustração de Maria Angélica de Oliveira

Maria Angélica de Oliveira, #4, novembro/dezembro de 1981, p.24

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

* Mari ainda não é mencionada no expediente.

EXPEDIENTE

Conselho Editorial — Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

Redação — Adélia Borges e Fúlvia Rosemberg (editoras), Marlene Rodrigues (edição de artes), Rose Yamamoto (publicidade e vendas) e Miriam Tanus (secretária). Além das pessoas que assinam matérias, também colaboraram neste número: Cecília Simonetti, Cristina Bruschini, Inês Castilho, Janina Adamenas, Laís Tapajós, Micheline Lagnado, Maria Otília Bochini.

Jornalista Responsável — Adélia Borges. Registro no MTb nº 10.680. SJESP 4549.

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pede-se permuta com outras publicações do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone 211-4511, ramal 247.

Composição Fotolitografia e Impressão O ESTADO DE S. PAULO

expediente, #5, janeiro/fevereiro de 1982, p.10

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Em torno da política do corpo

Marilena Chaui

O corpo, pelo menos em nossa sociedade, é um dos objetos privilegiados para o exercício da dominação. Estudos recentes sobre o processo de trabalho (Braverman), escolas, prisões e direito penal (Foucault), medicina (Illitch), psiquiatria e psicanálise (Cooper, Laing, Deleuze), sociedade de consumo e de rendimento (Marcuse, Lasch), ou sobre o lugar atribuído ao corpo face à consciência (Nietszche, Merleau-Ponty) deixam patente a presença de ideologia e de práticas sociais destinadas a confinar o corpo à região das coisas controláveis e manipuláveis.

Sem dúvida, a moral cristã (quer na versão romana, quer na versão protestante) serviu de pilar para a construção do edifício onde o corpo seria coisa dominada. Todavia, se as idéias de pecado e de ascese corporal foram essenciais para práticas repressivas concernentes ao corpo, não são suficientes para o esclarecimento da coisificação corporal em sociedades laicizadas como as nossas.

O arsenal da filosofia, da ciência e do direito foi mobilizado para converter em teoria a prática da opressão corporal. Num mundo de onde os deuses se exilaram quase por completo, a razão (como racionalização do existente) foi encarregada de tarefas repressivas outrora realizadas pelas religiões.

Não que estas tenham desaparecido — num país como o nosso tal suposição seria falsa e descabida —, mas foram deslocadas pela explicação racional, quando não se subordinaram a ela (como no caso do espiritismo). De modo sumário e grosseiro, digamos que a religião e a moral religiosa invocam um corpo penitente, enquanto a ciência e as técnicas produzem um corpo disciplinado.

Visões fragmentadas

Posto pela filosofia e pela ciência como um conjunto impessoal e mecânico de automatismos entre partes e funções, posto pelo direito como propriedade privada alienável num contrato (de trabalho ou de casamento), posto pela economia como força-de-trabalho e força produtiva, posto pela psicanálise como sujeito-objeto de desejo e de uma libido infinita a ser "civilizada", o corpo é fragmentado pelo trabalho, disciplinado e controlado pela medicina e pelo direito, manipulado pelo consumo e pelos meios de comunicação de massa — é uma coisa. É, sobretudo, um **instrumento**. Mas é também uma realidade contraditória em nossas sociedades, pois é simultaneamente utilidade (no trabalho e nos mercados), perversidade (na moral religiosa ascética), carência (na lógica das paixões e do desejo), espetáculo (no consumo e na pornografia), máquina (produtiva e desejante), transparente para os que o manipulam e, todavia, opaco e incompreensível quando comparado à clareza e à transparência da consciência, única a dispor do privilégio de ser sujeito e pessoa.

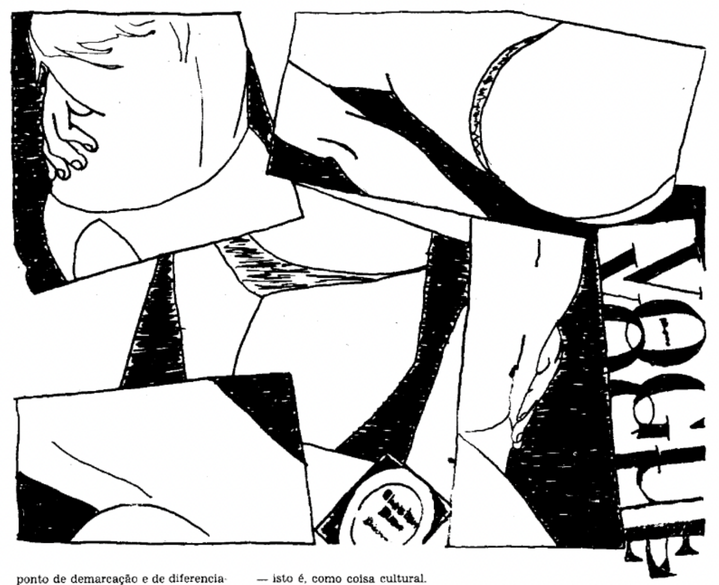
Uma cultura que fez do espírito o único sujeito, que depositou nas operações da consciência toda fonte de conhecimento e de saber, é uma cultura na qual o corpo terá, necessariamente, o mero estatuto de objeto. O peso dessa hegemonia "espiritual" ou da consciência pode ser avaliado quando examinamos certas sexologias, não apenas, como disse Foucault, porque nossa sociedade foi a única a elaborar uma "scentia sexualis" em lugar de uma "ars erotica", mas pelo medo mesmo como a sexualidade é retalhada, dividida, controlada, submetida a procedimentos "corretos" de produção de um novo objeto: o "corpo prazeroso", o prazer reduzido a um conjunto sapiente e consciente de técnicas de manipulação corporal. Conhecer o corpo torna-se (ou melhor, permanece) algo de que o próprio corpo será incapaz, devendo, como objeto, receber o conhecimento produzido fora de si por uma consciência científica ou técnica.

Controlado pela razão reprimido pela moral.

Nossa sociedade desenvolveu nos mínimos detalhes uma política do corpo discriminando corpos "válidos" e "inválidos" — produtivos contra improdutivos, disciplinados contra rebeldes, fragmentados contra totalizantes, normais contra perversos, heterônomos contra autônomos. Ora, essa política é expressão de políticas mais amplas que vão das relações econômicas de exploração às relações sociais de dominação até as culturais de exclusão.

Ativo e disciplinado, mas heterônomo (porque mero instrumento de trabalho ou de prazer) e descorporizado (porque máquina produtiva e procriadora), o corpo é incluído numa política global social e cultural — é usado, mostrado e consumido, mas não é vivido como **corpo próprio**, isto é, como **subjetividade e pessoalidade**. Por isso mesmo é aquela "coisa" que a razão controla, a autoridade domina, a moral reprime, o direito aliena e a ideologia fragmenta.

Três exemplos podem ajudar a perceber o quanto a coisificação do corpo é uma política, isto é, exercício de poder. Em sociedades de classes como as nossas, as "ordens inferiores" são consideradas "rítmicas": canto e dança parecem ser privilégio dos desprivilegiados, cujo corpo, reduzido ao exótico e ao folclórico, serve como



ponto de demarcação e de diferenciação sócio-cultural.

As "classes subalternas" (e, em particular, negros e índios) são capazes apenas de expressão corporal e esta, inferior a expressões intelectualizadas da cultura, mascara, pela pretensa valorização do corpo, a redução dos "inferiores" a manifestações próximas da Natureza, isto é, do que nossas sociedades consideram como animalidade.

Um outro exemplo: nossa sociedade é a única a ser feito da homossexualidade um "tipo social". O homossexual não é percebido como aquele/a que fez uma escolha, mas como um "tipo" cujo corpo obedece a determinismos perversos (decorrentes de perversidade psíquica ou de anomalias glandulares e hormonais). Aqui, não se trata, como no caso anterior, de um ser que permaneceu preso à Natureza (não desenvolvido culturalmente), mas de um animal monstruoso. Enfim, o caso das mulheres, sintomaticamente percebidas e pensadas como "fêmeas".

A mulher, vista essencialmente como corpo

A mulher, ambiguamente, é vista essencialmente como corpo (virgem, mãe, esposa, prostituta) ou como "fêmea" — isto é, como um ser que permanece determinado pela Natureza — e, ao mesmo tempo, como um "bem" — isto é, como coisa cultural.

Assim, humanamente, a mulher é corpo e, portanto, animalidade (por isso se diz que ela é mais "instintiva", mais "sensível", mais "intuitiva" do que o homem), e culturalmente é espelho de anseios e de angústias masculinas (o símbolo da castração). Sexualizada ao máximo e descorporizada ao máximo (não se diz por aí que a mulher "não tem desejo"?), corpo produtivo (procriada) e instrumental (trabalhadora que reproduz relações sociais), a mulher é definida como um ser a meio caminho entre a Natureza e a Cultura e por isso o espaço próprio de sua vida é a **família**, elo entre a existência natural e a cultura.

Sombra da luz masculina, o corpo feminino pode atuar da pior maneira possível, isto é, com ressentimento, realizando pelo avesso e pela negação vingativa e rancorosa os desejos do homem. Interiorizando o papel e o lugar da "fêmea", a mulher se faz cúmplice da política ou da dominação masculina, sem que nada de bom resulte para si e para os outros.

E, vivendo numa sociedade de classes, reproduz, na relação com outras mulheres, os padrões da dominação interiorizada, como se verifica nas relações patroa-empregada, esposa-amante, virgem-prostituta, mãe legítima-mãe solteira, etc. Violentada, é instrumento ativo de novas violências sobre os que a rodeiam.

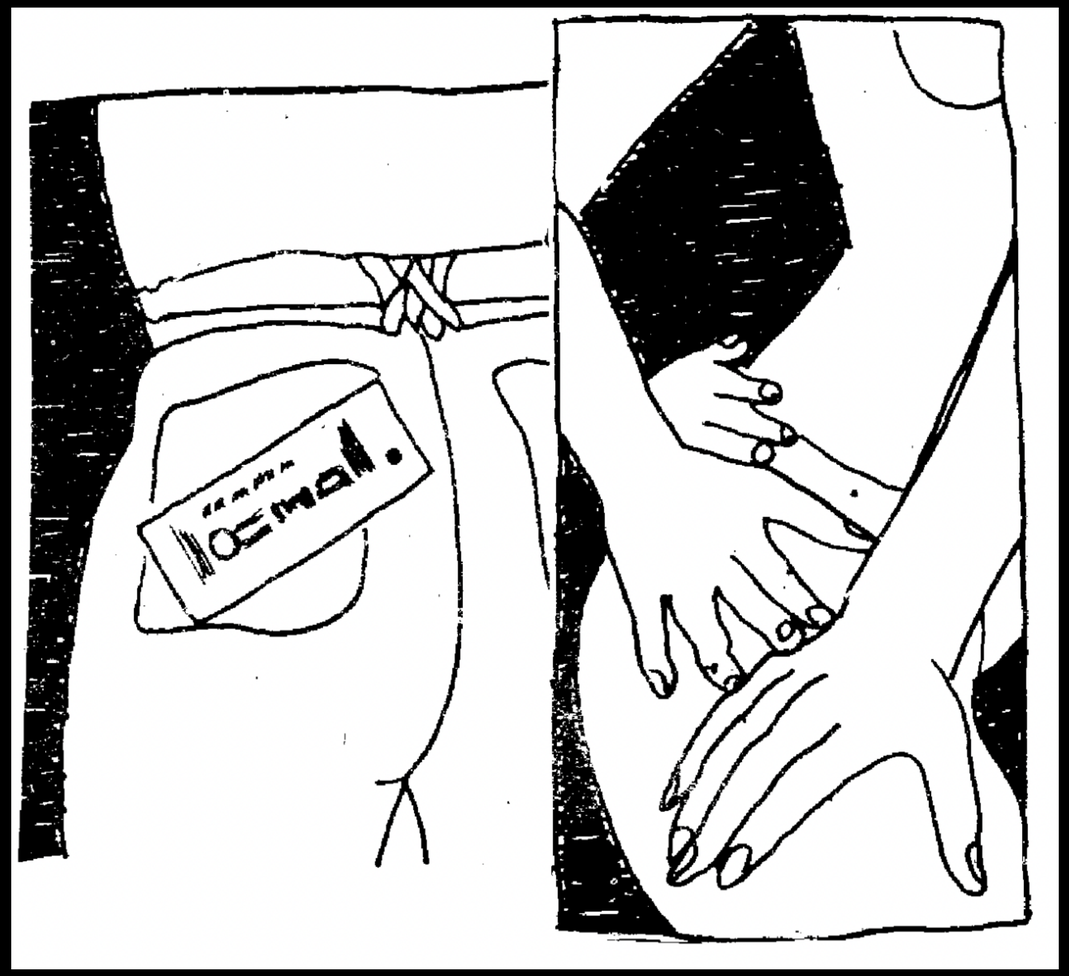
A violência não é violar leis, normas e valores, pois estes podem ser violentos. Violência é reduzir um sujeito à condição de uma coisa. O corpo é violentado porque tido e conservado como coisa e os seres humanos cuja existência é definida essencialmente por seu corpo (trabalhadores, "ordens inferiores", homossexuais, mulheres) são cotidianamente alvo de uma violência generalizada e difusa, mascarada em valorização (corpos produtivos, rítmicos, procriadores, prazerosos) ou em monstruosidade (homossexualismo).

Uma nova política corporal, portanto, precisaria tomar como referencial o estatuto do próprio corpo em nossas sociedades — coisa em face da consciência, objeto medíocre e disciplinável, objeto diferenciador para reproduzir divisões sociais e violências institucionalizadas, ser fragmentado pelo trabalho, alienável pelo e no mercado, espetáculo onde o mostrar-se é a forma sutil do esconder. Não apenas reivindicar o direito ao uso do próprio corpo, nem apenas reivindicar os direitos da sexualidade e do trabalho como atividades harmônicas e complementares, nem reivindicar (como no caso do Brasil) leis que garantam a liberdade corporal. Mas indagar o sentido dessa liberdade, a possibilidade de autonomia numa sociedade fundada na heteronomia de todas as práticas sócio-culturais. Um exame das formas de violência poderia ser um bom ponto de partida.

Mari??, #6, março/abril de 1982, p.8-9

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

*** Embora eu não possa afirmar que estas ilustrações foram feitas por Mari, o estilo remete ao dela, que já teve ilustrações não assinadas no Mulherio anteriormente.**



Mari??, #6, março/abril de 1982, p.8-9

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Violência

A dança do prazer e da morte

Inês Castilho

O germe do ódio prolifera e tece muitos enredos, ali onde o prazer se encontra com a morte. Este ocorreu na casa onde acaba de nascer Jonas, que terá 19 anos no ano 2.000. Uma casa não-familiar estrito senso. Onde moram mulheres, uma criança e dois homens, ligados por laços de amizade. Num dos quartos dos fundos vive nossa personagem: 26 anos, grandes olhos escuros e um corpo frágil e delicado.

Naquela sexta-feira ela se preparava para pegar a sessão das 8 e saiu do banho envolta apenas em uma toalha. Dirigiu-se à cozinha para alcançar o seu quarto quando viu na porta "um homem pardo, que não definiria como marginal, mas subempregado" que lhe fez sinal para ficar quieta e avançou em sua direção dominando-a pelos pulsos. Numa fração de segundos se viu nua, no chão, sob um desconhecido. "Aí me assaltaram todas as fantasias de medo. Achei que ia ser assassinada."

Força física, pensou, ele ganha. Então tentou falar: "Você pode entender que eu não quero? perguntava desesperada, como se meu desejo contasse. A única coisa que eu consegui foi não deixar ele chegar o rosto em mim. Me lembro da minha mão metida na cara dele, dos meus olhos olhando

Ilustração de Magliani

Magliani, #6, março/abril de 1982 p.10

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

*** Roberta Masciarelli aparece pela primeira vez no Expediente, como colaboradora.**

EXPEDIENTE

Conselho Editorial — Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valeria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

Redação — Adélia Borges e Fúlvia Rosemberg (editoras), Mariene Rodrigues (edição de artes) e Miriam Tanus (secretária).

Também colaborou neste número: Roberta Masciarelli.

Jornalista Responsável — Adélia Borges. Registro no MTb nº 10.680. SJESP 4549.

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pede-se permuta com outras publicações do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Fracisco Morato 1.565, CEP 05513, São Paulo, fone 211.4511, ramal 247.

Composição Fotocomposição e Impressão Tel. 266-7099 R. 2406-25-SP

O ESTADO DE S. PAULO

Expediente, #7, julho/Agosto de 1982, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Expediente

Conselho Editorial — Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

Redação — Adélia Borges e Fúlvia Rosemberg (editoras), Marlene Rodrigues (edição de arte) e Miriam Tanus (secretária). Além das pessoas que assinam matérias, também colaboraram neste número: Roberta Masciarelli, José Marcos Pires Bueno.

Jornalista Responsável — Adélia Borges. Registro no MTE nº 10.680. SJESP 4549.

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pede-se permuta com outras publicações do gênero.

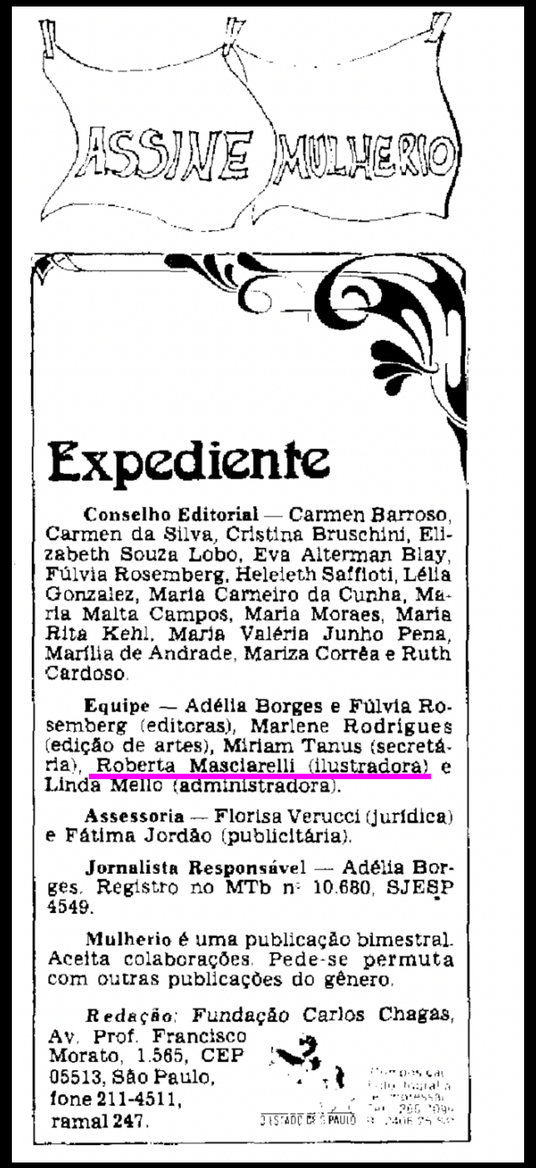
Redação — Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1.565, CEP 05513. São Paulo, fone 211-4511, ramal 247.

Composição Fotográfica e Impressão [illegible] ESTADO DE S. PAULO

Expediente, #9, set/out de 1982, p.3

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

*** Roberta Masciarelli aparece pela primeira vez no Expediente como ilustradora.**


ASSINE MULHERIO

Expediente

Conselho Editorial — Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

Equipe — Adélia Borges e Fúlvia Rosemberg (editoras), Marlene Rodrigues (edição de artes), Miriam Tanus (secretária), Roberta Masciarelli (ilustradora) e Linda Mello (administradora).

Assessoria — Florisa Verucci (jurídica) e Fátima Jordão (publicitária).

Jornalista Responsável — Adélia Borges. Registro no MTb nº 10.680, SJESP 4549.

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pede-se permuta com outras publicações do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1.565, CEP 05513, São Paulo, fone 211-4511, ramal 247.

Expediente, #10, nov/Dez de 1982, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

governos estaduais de oposição (p. 8).

ulamen-
Francisco
endereço
e ser um
io, etc., e
ecebeu o

e ban
da el

curas
y por
ome-
que-
n sus
n sus
itua-
ticia

or la
d me
o las
labra
o me
iente
Eden
edaje
agua,
Adios

Alfaro

Expediente

Conselho Editorial — Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Maita Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

Equipe — Adélia Borges e Fúlvia Rosemberg (editoras), Marlene Rodrigues (edição de artes), Miriam Tanus (secretária), Roberta Masciarelli (ilustradora) e Linda Melo (administradora).

Assessoria — Florisa Verucci (jurídica) e Fátima Jordão (publicitária).

Jornalista Responsável — Adélia Borges, Registro no MTb nº 10.680, SJESP 4549.

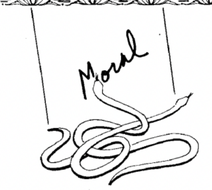
Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pede-se permuta com outras publicações do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone 211-4511, ramal 247.

Composição Fotolitografia e Impressão Tel. 266-7099 R. 2406 25 SP
O ESTADO DE S. PAULO

Expediente, #11, jan/fev de 1983, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)



Numa segunda-feira de dezembro, ao final do programa TV Mulher, Marília Gabriela leu um comunicado da direção da TV Globo avisando que o quadro "Comportamento Sexual" de Martha Suplicy não mais seria transmitido, devido às pressões de "órgãos oficiais obscurantistas". Conscientes da importância do trabalho de Martha, as feministas mobilizaram-se rapidamente e, duas horas depois, uma comissão que incluía uma vereadora do PT e uma deputada do PMDB já comparecia à sede da tevê para entregar abaixo-assinado de várias feministas protestando contra o ato.

Seguiu-se uma semana agitada, com desmentidos e esclarecimentos da Globo e do DENTEL, e manifestações das mulheres que foram às ruas e ameaçaram impetrar um mandado de segurança. Essa mobilização obteve vitória imediata: uma semana depois, o quadro de Martha era reestabelecido. Neste artigo, Irede Cardoso, editora do programa, analisa as razões que estão atrás do episódio.

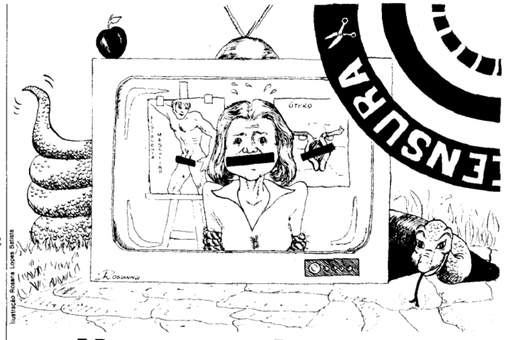


Ilustração Rosa Lins Barros

Um membro que incomoda muita gente

A diferença entre "uma" censura e "a" censura é evidente para qualquer pessoa de bom senso. No Brasil, não chegamos ainda a ultrapassar Aristóteles, fixados que somos em categorias existentes num céu da sétima esfera, essas abstrações que se cristalizam no pensamento e comportamento, especialmente dos que se encastelam no poder. Assim, não temos uma censura, mas "a censura", em poder de um grupo que se considera iluminado, falando em nome de uma sociedade que ele diz representar e que, na realidade, não existe.

Sempre digo que quando alguém tem problemas de ordem sexual e não faz terapia, não conversa abertamente sobre o que sente e, além disso, por artimanhas nem sempre legítimas, é guindado ao poder, vamos ver vir à tona todas as fantasias inconscientes. Nada temos contra fantasias, mas se elas são ridículas, convém um pouco de bom humor. Então, quando Martha é censurada por falar "pênis" e não "membro", por não poder falar "transa", "hímen", vai daí que é possível, por exemplo que ela, um dia, venha a não poder falar "nariz". Por que não? É preciso, por isso, que sentimentos e partes do corpo, suas secreções, o prazer, tenham liberdade de ser traduzidos através de palavras. E palavras adequadas, corretas, explícitas.

Como chegar a isso, se ainda impera a exceção e se tevês e rádios são concessões do governo? Podemos ter horror a uma relação sexual anal, mas nem por isso a relação sexual anal deixa de ser um fato e precisa ser discutida, como qualquer fato, como essa covinha no queixo ou os pelos do nariz. Discutido para ser entendido, conhecido.

Martha sempre se conduziu com firmeza, pela TV-Mulher, com sua competência e didatismo, sem transformar a sexualidade em descrições estéreis do funcionamento da anatomia humana. Ela discute valores, aigo, aliás, que a Fundação Carlos Chagas, através de Carmen Barroso e Cristina Bruschini, soube tão bem trazer à tona em seu último trabalho sobre sexualidade.

Discutir valores é que é o "perigo": isso põe em risco toda uma estrutura voltada para o trabalho e que valorizou a produção, em detrimento do prazer. Que o homem tenha prazer, ainda vá lá. Mas a mulher, essa **tem que ser a mãe pura e a esposa devotada**, duas expressões abomináveis, quando são pronunciadas pelos que têm nojo da sexualidade. Mulher tendo prazer vai abalar todas as estruturas, pensam esses que não só nunca tiveram prazer junto com os seus (familiares) como também só têm prazer em fantasias que consideram perversas ou em situações que consideram pervertidas.

Mal sabem que o prazer é tido, há séculos, como inimigo da sociedade industrial e que ele se interpõe entre as engrenagens devoradoras das máquinas, emperrando seu funcionamento indiferente ao ser humano inteiro. Sendo a mulher uma reprodutora de trabalhadores que serão entregues às engrenagens como mão-de-obra barata e substituível, a ela compete calar-se e sofrer o estupro todas as noites, ao cumprir seu "dever conjugal". Martha desafia essa sinistra norma: as mulheres podem, quem sabe, ter uma porção de filhinhos e filhinhas, desprezando o controle fascista da natalidade, todos eles muito prazeirosos, lutando por um mundo melhor, onde trabalho e prazer, contra toda alienação, possam conviver sem embates mortais.

Martha voltou e voltou com o apoio da socidade civil, dos professores, de supervisores pedagógicos, sociólogos, advogados e, sobretudo, com a força do movimento das mulheres agora mais fortes e capazes de lutar, com prontidão, pelos direitos inalienáveis do ser humano.

Irede Cardoso

Rosana Lopes Batista, #11, jan/fev de 1983, p.9

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Quem somos

Conselho Editorial — Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Mariza Correa e Ruth Cardoso.

Equipe — Adélia Borges e Fúlvia Rosemberg (editoras), Marlene Rodrigues (edição de artes), Wanda Nestlehner (repórter), Míriam Tanus (secretária), Roberta Masciarelli (ilustradora) e Linda Melo (administradora).

Assessoria — Florisa Verucci (jurídica) e Fátima Jordão (publicitária).

Jornalista responsável — Adélia Borges, registro no MTb nº 10.680, SJESP 4549.

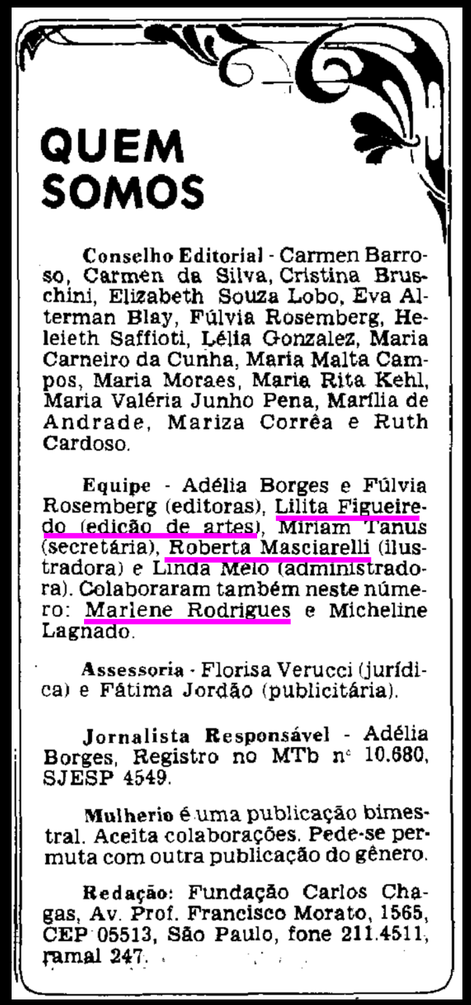
Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pede-se permuta com outras publicações do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone 211.4511, ramal 247.

Expediente, #12, março/abril de 1983, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

*** Marlene não aparece mais como editora de artes, pela primeira vez desde Mulherio #1 em 1981.**



QUEM SOMOS

Conselho Editorial - Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

Equipe - Adélia Borges e Fúlvia Rosemberg (editoras), Lilita Figueiredo (edição de artes), Miriam Tanus (secretária), Roberta Masciarelli (ilustradora) e Linda Melo (administradora). Colaboraram também neste número: Marlene Rodrigues e Micheline Lagnado.

Assessoria - Florisa Verucci (jurídica) e Fátima Jordão (publicitária).

Jornalista Responsável - Adélia Borges, Registro no MTb nº 10.680, SJESP 4549.

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pede-se permuta com outra publicação do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone 211.4511, ramal 247.

Expediente, #13, maio/junho de 1983, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Rompendo o silêncio da história oficial

"Descobrindo em nós e contando agora": esta é a frase que resume o sentido da existência do CIM, Centro de Informação da Mulher, entidade feminista de São Paulo que vem reunindo todo tipo de instrumento de informação sobre a mulher e realizando acontecimentos que permitam socializar esta informação, contribuindo assim para que as mulheres compreendam sua história e nela intervenham, aqui e agora.

Formado legalmente desde junho de 81, o CIM conta hoje com um acervo de mais de 1500 livros, 50 títulos de revistas (um total de três mil exemplares), documentos, brochuras, panfletos, recortes de jornais, fotos, além de 220 cartazes do movimento feminista, dois videocassetes e dois áudio-visuais, tudo sobre questões ligadas à opressão da mulher e à luta por sua libertação.

"Veja bem" — afirma Vânia Debs, montadora de cinema e sócia efetiva da entidade — "nosso objetivo não é virar um arquivo morto, não é apenas um serviço que prestamos a quem se interesse pelos problemas da mulher. Com o arquivo pretendemos erguer a voz da mulher, de sua história esquecida pela historiografia oficial. Queremos também construir hoje a história das mulheres, abrindo espaço para o debate, para que, mais e mais, as mulheres aprendam seu passado e construam seu presente e seu futuro".

A idéia do CIM surgiu na França em 1979, entre brasileiras, estudantes em sua maioria, que militavam no movimento feminista.

"Era grande o número de centros de pesquisa sobre a condição da mulher" — conta Rosa Gouveia, geóloga — "e nós fundamos um grupo chamado **Coin des femmes**, com o objetivo de levar para o Brasil algo parecido. No mínimo, um acervo do que o movimento feminista europeu produzia. Tínhamos ainda projetos mais ambiciosos: queríamos ter aqui uma kombi com teatro ambulante, um bar..."

No entanto, o grupo de 12 brasileiras não conseguiu financiamento. A volta ao Brasil se aproximava e o jeito foi fazer uma grande festa de carnaval em Paris — onde se arrecadou cerca de 17 mil francos. Com este dinheiro, as brasileiras compraram tudo que encontraram sobre a questão da mulher, dando prioridade às publicações em espanhol.

Em julho de 80, todas já no Brasil, decidiram fundar o Centro

Foto Samuel Iavelberg

"Descobrindo em nos e contando agora"

que mais tarde seria batizado CIM em São Paulo, onde o movimento social e também o movimento de mulheres ganhava fôlego.

Em 81, o registro legal e a sede, uma pequena sala, abarrotada de papéis e livros, enfim um arquivo a ser organizado. Mas foi só em março de 1982 que o CIM se apresentou em público, realizando uma exposição de cartazes durante 15 dias, com o maior sucesso.

"A partir de então" — relata Vânia —, "é que começamos a funcionar a todo vapor. Produzimos camisetas, cartões-postais, um cartaz nosso e broches, tudo para levantar dinheiro para a manutenção no CIM. Fizemos uma escala de plantões que permitissem consultas ao público, três vezes por semana. Divulgamos ao máximo nossa existência, através de panfletos e levando a exposição de cartazes para várias cidades do interior."

"E aí começaram a nos procurar. Gente de todo tipo: estudantes secundaristas, jornalistas, universitários, pesquisadoras. Mas não só. Eram mulheres que vinham pedir orientação legal ou apoio para os mais diversos casos como estupros, espancamentos, informações sobre sexualidade."

"O caso mais incrível que pintou" — relata Neide Rezende, tradutora — "foi o de uma mulher que viajou do Mato Grosso até aqui para nos mostrar um método de sua invenção para evitar a gravidez. Ela fez um trabalho sozinha, sem nenhum recurso, a partir do Ogino-Knaus (tabelinha) e chegou a resultados extraordinários, segundo nos contou. Devido a nossa estrutura débil, o que pudemos fazer foi indicar-lhe algumas editoras e fundações."

A infra-estrutura é um ponto chave para o desenvolvimento do CIM. Independente que é de qualquer organização, partido político e sem nenhum financiamento, o CIM institutiu dois tipos de sócias: a efetiva e a colaboradora, como meio também de resolver a democracia na prática interna do grupo.

"As efetivas, somos nove, são as que pegam no batente, além de contribuir com 2 por cento de seu salário mensalmente para a manutenção do CIM. As colaboradoras se inscrevem na entidade e pagam uma pequena taxa semestral ou anual, tendo direito não só a consultar nosso acervo, mas também a ter voz em nossas reuniões. Votar, decidir, só quem trabalha. Além disso, fazemos promoções, com os calendários de 83, com as fotos de nossas mães, que foram bem vendidos, nos dando uma folguinha de grana neste período."

Para o CIM, ter uma infra-estrutura razoável significa poder ampliar seu raio de ação, como documentar cinematograficamente os eventos ligados às lutas das mulheres que hoje são apenas gravados e transcritos. Significa ter condições de promover mais debates como o que foi realizado este ano, no dia 9 de março em comemoração ao dia internacional da mulher, quando a entidade convidou muitos grupos de mulheres para discutir o Conselho da Condição Feminina. Significa ter mais mobilidade para estar presente em colégios que chamam constantemente o CIM para promover seminários.

"Significa, enfim, abrir mais espaços para a discussão da condição da mulher, suas lutas, o feminismo" — afirma Vânia. "Significa participar do movimento de mulheres, fazendo sua história."

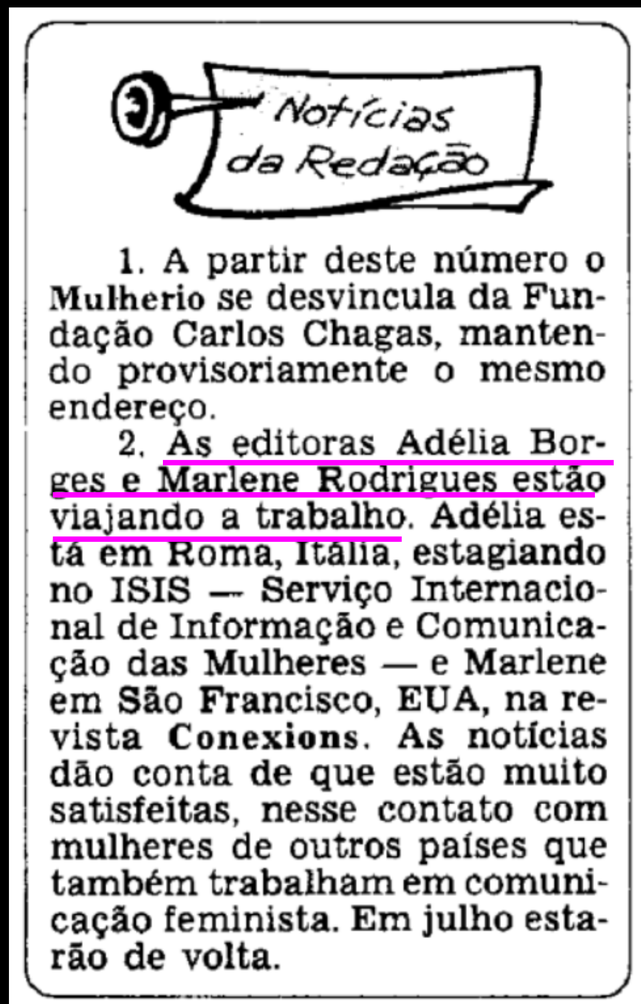
O CIM, Centro de Informação da Mulher, fica na Praça Benedito Calixto, 56, Pinheiros, CEP 05406, São Paulo, Capital.

Ethel Leon

Texto de Ethel Leon, #13, maio/junho de 1983, p.7

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

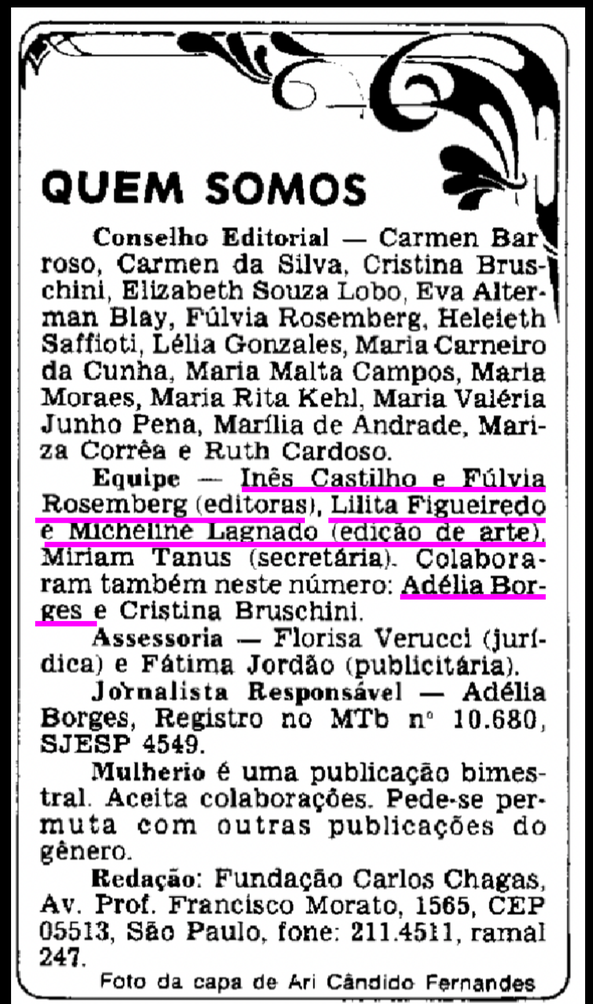
*** Roberta Masciarelli não aparece mais como ilustradora..**



Notícias da Redação

1. A partir deste número o **Mulherio** se desvincula da Fundação Carlos Chagas, mantendo provisoriamente o mesmo endereço.

2. As editoras Adélia Borges e Marlene Rodrigues estão viajando a trabalho. Adélia está em Roma, Itália, estagiando no ISIS — Serviço Internacional de Informação e Comunicação das Mulheres — e Marlene em São Francisco, EUA, na revista **Conexions**. As notícias dão conta de que estão muito satisfeitas, nesse contato com mulheres de outros países que também trabalham em comunicação feminista. Em julho estarão de volta.



QUEM SOMOS

Conselho Editorial — Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzales, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

Equipe — Inês Castilho e Fúlvia Rosemberg (editoras), Lilita Figueiredo e Michelline Lagnado (edição de arte), Miriam Tanus (secretária). Colaboraram também neste número: Adélia Borges e Cristina Bruschini.

Assessoria — Florisa Verucci (jurídica) e Fátima Jordão (publicitária).

Jornalista Responsável — Adélia Borges, Registro no MTb nº 10.680, SJESP 4549.

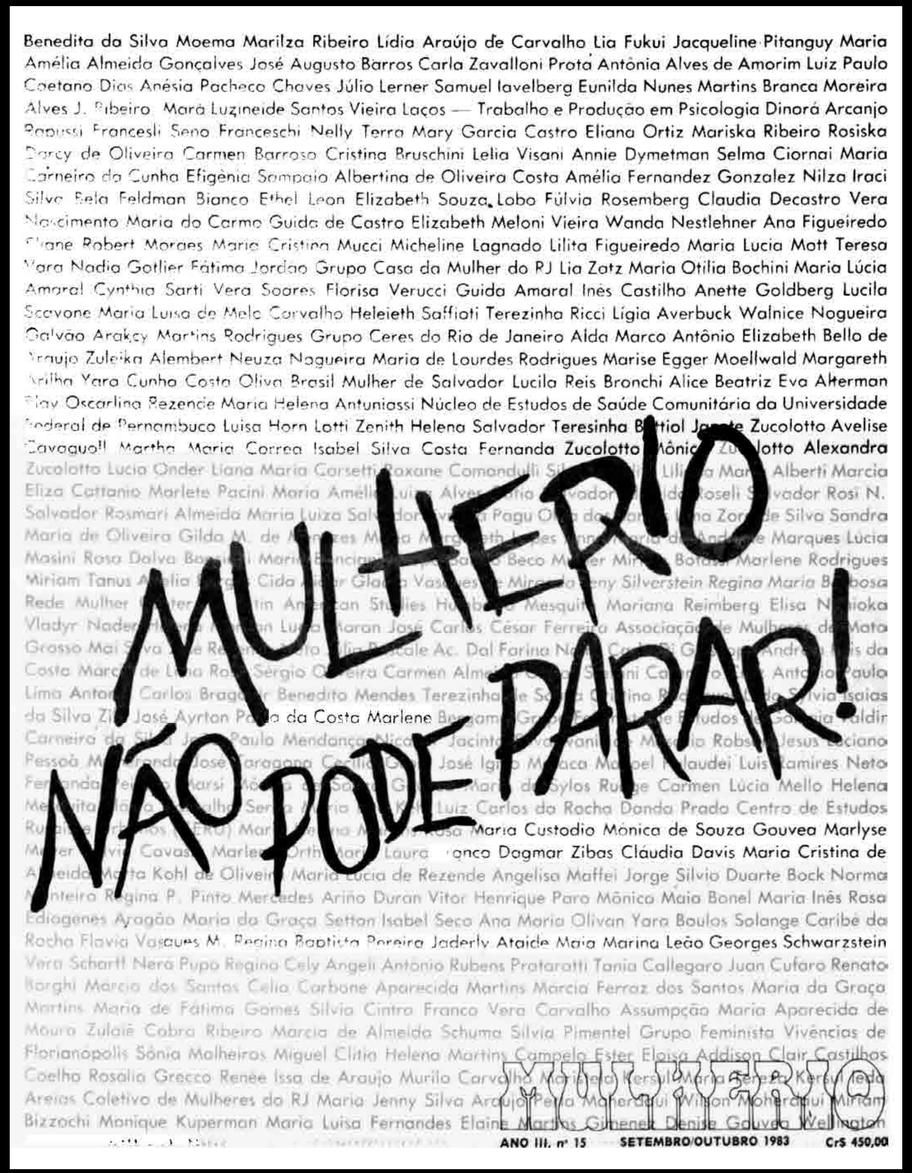
Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pede-se permuta com outras publicações do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone: 211.4511, ramal 247.

Foto da capa de Ari Cândido Fernandes

Expediente + anúncio do fim da parceria com a FCC, #14, julho/agosto de 1983, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)



capa, #15 setembro/out de 1983

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

QUEM SOMOS

Conselho Editorial — Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzales, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Correa e Ruth Cardoso.

Equipe — Adélia Borges, Inês Castilho e Fúlvia Rosemberg (editoras) Lilita Figueiredo e Micheline Lagnado (edição de arte), Miriam Tanus (secretaria).

Assessoria — Florisa Verucci (jurídica) e Fátima Jordão (publicitária).

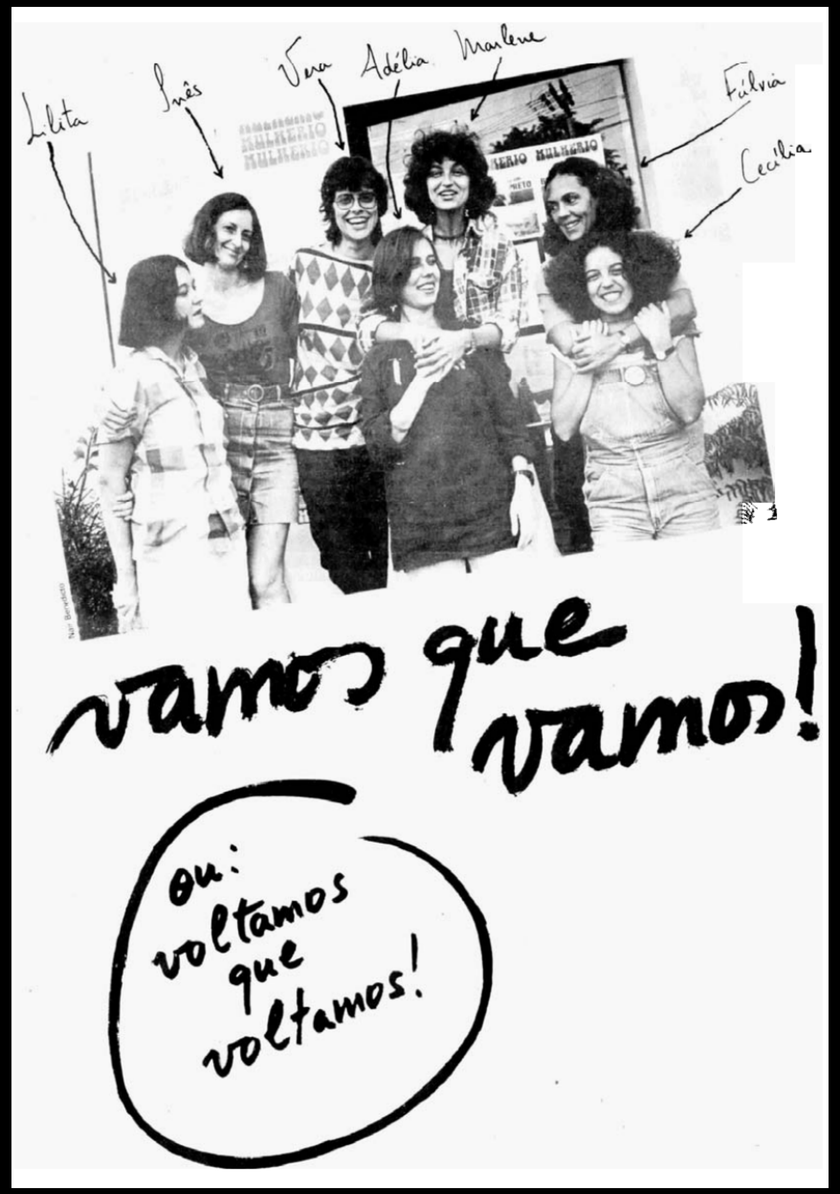
Jornalista Responsável — Adélia Borges, Registro no MTB nº 10.680, SJESP 4549.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone: 211.4511, ramal 247.

Expediente, #15 setembro/out de 1983, p.7

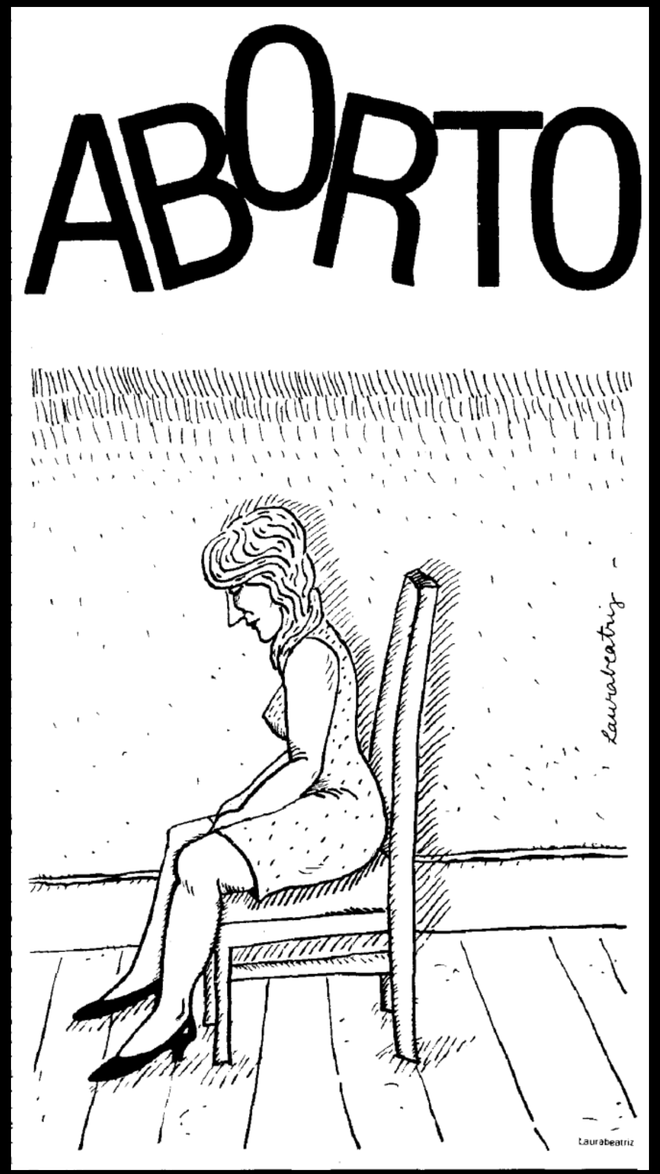
Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

*** Após o fim da parceria com o FCC, Mulherio interrompe sua circulação durante 7 meses, retornando apenas em maio de 84 .**



Apresentação, #16 maio/junho de 1984, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)



Laura Beatriz, #16 maio/junho de 1984, p.7

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

MULHERIO

Participaram da pauta deste número: Albertina Costa, Ana Figueiredo, Edna Rolland, Eliane Robert de Moraes, Elizabeth Souza Lobo, Ines Rieder, Ivany Buzzo, Maria Lúcia Mott, Maria Otília Bocchini, Maria da Penha Crispim Miguel.

Equipe: Adélia Borges, Cecília Simonetti, Ethel Leon, Fúlvia Rosemberg, Inês Castilho e Vera Soares.

Edição de Arte: Marlene Rodrigues.

Jornalista-responsável: Adélia Borges, registro MTB 10.680, SJESP 4549.

Editado por: Núcleo de Comunicações Mulherio, rua Amália de Noronha, 268, Pinheiros, 05410, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 881-0081 e 34-9642.

Impressão: Companhia Editora Joruês, rua Artur de Azevedo, 1977, Pinheiros, São Paulo, SP, fone 815-4999.

Expediente, #18 set/out de 1984, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

EU SÔ É HOME!

Você gostaria de ter nascido mulher?

A idéia de fazer essa pergunta a vários homens tem o encanto do voyeurismo. Perscrutar a intimidade alheia e de gente importante... O Secretário do Planejamento do governo de São Paulo, José Serra, por exemplo, recusou-se a nos atender, sabendo apenas que faríamos uma pergunta de caráter pessoal. Outros entrevistados potenciais, só de saber que Mulherio os procurava, habilmente escorados por eficientes secretárias, nos evitaram: foi o caso do psicoterapeuta Flávio Gikovate e do psicanalista Eduardo Mascarenhas (será que ele pensou que o assunto era espancamento de mulheres?)

Uma tônica comum à maioria das respostas nos chama atenção: "Nunca pensei nisso". Será pretencioso levantarmos a dúvida quanto aos ***nunca,*** *tão enfáticos? (Porque da nossa experiência como mulheres é tão comum já termos desejado ter nascido homem — pra correr mais livre na infância, jogar futebol, ter iniciativa sexual na adolescência, não se preocupar com uma gravidez...)*

Com todo o encanto (se é que existe algum) do voyeurismo dessa matéria, achamos importante captar o pensamento vivo, colhido ali no susto, de homens tão diferenciados. Quanto às respostas, esperamos que vocês as curtam tanto quanto nós.

Nota:
Essa matéria se inspirou numa coluna fixa mantida pela revista peruana ***La Tortuga,*** *que publica depoimentos trabalhados de homens em resposta à pergunta: "Gostaria de ser mulher?"*

Henfil (cartunista): "NÃO. Que *pergunta, meu Deus!* Não, eu não queria ter nascido mulher, porque eu não queria ser lésbica. Eu me explico: o motivo é que 99 por cento do prazer, da alegria de viver é a mulher. Então, eu não ia querer **viver me agarrando.** Não dá nem pra **pensar. Eu sei o** que tem por trás da pergunta — a discriminação e tudo isso, **mas eu prefiro** dar uma resposta honesta. **Você não pode ser o seu objeto amado, né?"**

—oooOoooo—

William (capitão da seleção masculina de voleibol do Brasil): "Mulherio? Opa, deve ser coisa boa. (Risos) Eu não. Tá muito bom, homem. Eu acho que numa outra geração, se pudesse escolher, eu queria ser homem mesmo. **Não é nenhuma discriminação.** E que tá bom assim mesmo. Vocês deviam entrevistar a Roberta Close".

—oooOoooo—

Mário Schemberg (físico): "Estou satisfeito em ter nascido homem. Eu estava satisfeito também se tivesse nascido mulher. Tanto faz, não é? Estou contente com o que sou. Se tivesse nascido mulher também estaria".

—oooOoooo—

Leandro Konder (ensaísta): "Não sei, realmente não sei. É difícil saber. É a primeira vez que me perguntam... Tem uma porção mulher em mim que curte a hipótese, mas não sei se é a porção mais forte. Minha vida seria diferente. Não sei que tipo de mulher eu seria. Veja bem, minha primeira reação seria conservadora. Ser mulher *seria diferente, portanto é melhor* ser como sou. Superado esse primeiro momento de susto eu acho que poderia ser uma coisa bacana. Não sei, me sinto inseguro... Vocês estão perguntando isso para quem?... Ter nascido mulher... De repente era uma..."

—oooOoooo—

Carlito Maia (publicitário): (Silêncio). "Eu acho... definitivamente não. Pelas todas as razões que eu conheço: são coisas masculinas o poder, o governo, o parlamento, o direito... **As coisas que são femininas são sem força, mas do lado certo:** a bondade, a justiça, a paz, a liberdade, a sabedoria, a igualdade, a sobrevivência... Tem algumas coisas negativas também como a fome... O lado masculino é o mais forte, mas o feminino é o mais justo. O lado masculino nasceu predestinado para ser superior. Não é que seja superior, assim fizeram...

As mulheres são mais numerosas, mas o que acontece se são os homens que estão no poder? E quando uma mulher chega ao poder, o que acontece? Veja a Esther de Figueiredo Ferraz... a Margareth Thatcher, são mulheres horrorosas. Acho que os únicos exemplos de mulheres bonitas no poder foram a Evita Perón... E a Jacqueline Kennedy".

—oooOoooo—

Ulisses Guimarães (presidente do PMDB): "Não... Mas acharia natural ter nascido mulher..."

—oooOoooo—

Sidney Palácios (deputado estadual, PTB, São Paulo): "Deus me livre! Nem em pensamento! Quero nascer homem, sempre, se tiver que nascer de novo. Deus me livre! Nunca me passou pelo pensamento...! Se tiver que nascer de novo, quero nascer do mesmo jeito. Eu me sinto realizado do jeito que eu sou. Não me falta nada. **O senhor seria deputado, se fosse mulher?** Não sei... mulher... o destino flutua muito. Veja só, aqui na Assembléia Legislativa são mais de 80 deputados para duas deputadas só. É mais difícil encontrar mulheres políticas. Não sei por que... Talvez porque as mulheres não tenham pendores políticos. Não sei como é pertencer ao outro lado. Não me falta nada. Se houver reencarnação, quero nascer homem".

Texto: Ethel Leon e Ivany Buzzo
Ilustrações: Angeli

Texto de Ethel Leon, #18 set/out de 1984, p.4

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

MENSTRUAÇÃO

Ethel Leon e Maria Otília Bocchini

No pára-choque de um *caminhão:*

"Alegria de pobre é que nem menstruação de mulher — só dura três dias."

Quando ficam menstruadas, as índias bororo trocam a faixa marrom com que recobrem a vulva por uma faixa preta. E usam um tipo de absorvente de fibras vegetais macias. Nesse período deixam de realizar algumas atividades, como fazer cerâmica, e descansam mais.

As brasileiras das cidades tratam de grudar seus absorventes nas calcinhas e ajeitá-los bem para que a menstruação não seja notada. E, se trabalham fora de casa, tratam de trabalhar normalmente, como se nada estivesse acontecendo.

Numa cidade como São Paulo, há apenas 30 ou 40 anos, não era raro ver mulheres na rua com manchas de sangue menstrual na roupa. Era a maior vergonha. Ninguém falava sobre menstruação. As moças não tinham coragem de lavar suas toalhinhas nem na frente das irmãs, que dirá na frente da mãe, do pai ou dos irmãos!

Mas até hoje a menstruação é tabu.

"— Ao invés de comemorar a chegada da menstruação numa jovem — o que atesta que seu corpo funciona perfeitamente — o que se faz em geral é enchê-la de temores e advertências" — afirma Cecília Cardenal, pioneira em educação sexual na América Latina.

"— A menstruação ainda hoje é vista como um "incômodo", uma coisa chata, ponto negativo da feminilidade" — afirma o ginecologista Nelson Vitiello, com base em sua experiência clínica.

O sangue que é sujo

Associada a uma sujeira tipicamente feminina — quem assistiu ao filme de Nagisa Oshima, **Império dos Sentidos**, deve ter-se arrepiado no momento em que o homem introduz o dedo na vagina da amada, o dedo sai vermelhinho e brilhante de sangue menstrual e ele chupa o dedo. Ninguém se chocaria se a moça tivesse cortado o braço e ele chupasse o sangue, ajudando a cicatrizar o ferimento...

Numa pesquisa sobre higiene genital feminina respondida por 689 mulheres, o dr. Nelson Vitiello constatou que das 450 entrevistadas com vida sexual ativa, 294, ou seja, 65,3 por cento não mantêm relações sexuais durante a menstruação. Embora 81,6 por cento das mulheres não restrinja suas outras atividades nesse período. Na mesma pesquisa, um outro dado revela como a noção de sujeira está vinculada à genitalidade feminina: apenas 13,1 por cento das entrevistadas não se lava depois de ter relações sexuais.

O corpo para o lucro

Apesar de ainda restrita, a discussão sobre menstruação vem ganhando espaço na literatura médica, na imprensa feminina. Um dos temas prediletos nos últimos tempos vem sendo a Tensão Pré-Menstrual, um quadro de sintomas — que varia da dor de cabeça ao inchaço, irritabilidade, etc — responsável, em parte, segundo algumas pesquisas, por acidentes automobilísticos, homicídios e suicídios realizados por mulheres.

Essa tal de TPM (pois é, já ganhou até sigla) só entrou em cena, não em função do bem-estar das mulheres, mas porque nos Estados Unidos se constatou um **prejuízo anual da ordem de 5 milhões de** dólares atribuído à queda de produtividade **das mulheres que, durante dez dias** num mês, apresentam sintomas que as **impedem de trabalhar normalmente.**

Ou seja, agora existe uma investida **para tratar (em termos médicos) de sintomas que têm que desaparecer. Não se** trata, portanto, de reconhecer um período em que a mulher passa por **alterações** físicas a serem respeitadas, em termos de atividade e alimentação.

É evidente que assumir a menstruação como uma especificidade feminina implica também em problemas. Se as mulheres exigem alguma legislação protecionista, aí dela! Mais um motivo para a discriminação no trabalho.

E os absorventes modernos indicam essa necessidade de esconder a menstruação, fingir que ela não existe. Os paninhos e toalhinhas de antigamente eram para estar em casa, trocar a cada pouco. Estar na rua e trabalhar fora foram mudanças que exigiam **novos** absorventes para recolha do sangue menstrual. As mulheres mais jovens foram adotando os absorventes industrializados.

E eles são formados de plástico molinho e aquecem tudo **lá embaixo**, favorecendo a reprodução de germes, produzindo um cheiro estranho, mistura do cheiro do sangue menstrual com os **"perfumes" dos absorventes ditos perfumados.** Mas a última moda mesmo é **usar absorvente colante todo dia, fazendo** desaparecer no papel todas as cores, **texturas, perfumes e gostosuras das gos**minhas e líquidinhos que as mulheres **produzem** durante o ciclo.

Essas modernidades todas são para quem pode gastar, em média, 7 mil cruzeiros por mês com esses produtos. Muitas mulheres, aqui no **Brasil**, continuam usando paninhos, papel higiênico e até jornal, segundo relatos. A maioria das mulheres também continua tendo muito pouca informação sobre seu ciclo.

Se os absorventes não são para todas as bolsas, seus anúncios são mais "*democráticos*" — atingem quase todas as mulheres. Apresentados nas páginas de revistas e na televisão, fazem desaparecer nossa proverbial sujeira, devolvem nossa pureza perdida, porque com eles podemos usar roupas imaculadamente *brancas. Nos anúncios predominam o* branco e o azul e — reparem só — não há nenhum tom avermelhado. (Até mesmo naquele comercial que mostra o quanto o absorvente absorve, lembram? O teste é feito com tinta de caneta, em associação com um *mata-borrão*, a menstruação seria um borrão que mancha o mundo?...)

Nem os médicos se entendem

A controvérsia sobre os absorventes hoje envolve diversas orientações de saúde. Entre os médicos as opiniões são bem divididas. O dr. Nelson Vitiello defende a utilização do absorvente interno, "seu uso é mais fácil, inócuo, protege **melhor, não irrita os genitais externos, enquanto o externo aumenta a temperatura local, produzindo irritações."**

Tania das Graças Santana, ginecologista, aconselha a alternância dos dois tipos de absorventes, "Como eu mesma faço. De dia uso o interno, à noite ponho o externo. Assim dá para descansar e não irrita nada."

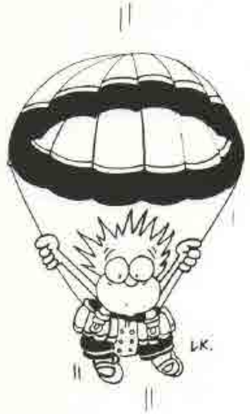
Luci Toqueci, homeopata, acha que os tampões devem ser evitados, tanto pelo esfregaço que produzem na vagina eliminando dali a mucosa protetora, quan-

Texto de Ethel Leon, #19 nov/Dez de 1984, p.16

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

COMPARATIVOS

«Espaço — Mulheres o que é?»



Um espaço da nossa palavra. Escrita. Oral. Transmitida. Trocada. Debatida.

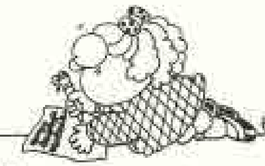
*Um espaço da palavra da mulher. Das que mesmo sem um quarto seu, conseguiram escrever. Das que lutaram por um quarto seu, um **«no man's land»**, uma zona de expressão feminina, de criação feminina contra todos os obstáculos e riscos.*

Um espaço de palavras sobre as mulheres. Mesmo das que revelam a mentalidade estratificada, opressora sobre a mulher. Mesmo daquelas nas quais jamais nos reconhecemos. Sobre as quais também, se edificaram, se mantiveram, tantas marginalizações, tantas humilhações, tanta morte, tanto genocídio – pensem só na Inquisição e no seu ódio violento às mulheres...

Um espaço também da palavra sobre as mulheres, tentando a comreensão da nossa diferença. Já as há – raras mas anunciando outro olhar – mesmo escritas por homens.

*Sim será um **Espaço-Mulheres**. Prateleiras com obras de mulheres. E sobre as mulheres. Estão já a vislumbrá-las? Um espaço nosso, onde encontraremos a literatura feminina ou literatura sobre a mulher, sem andarmos buscando, em vão, perdendo, prateleiras e mais prateleiras como sucede a todas nós, quase invariavelmente, de livraria em livraria. Neste **Espaço-Mulheres**.*

Outras formas de expressão, de criatividade feminina, serão expostas. Da obra plástica das mulheres. A pintura. A tapeçaria. O bordado. O artesanato. A arte nascendo das mãos das mulheres.



*Tudo isto seria mas não o suficiente, não o bastante, se neste **Espaço-Mulheres** não nos encontrássemos umas com as outras. Em diálogo. O tal diálogo aberto, fraterno, vivo, lúcido.*

Daí que, comecemos em breve, seminários, debates, exposições, neste nosso espaço.

*O tema? Os temas! Sempre partindo de nós mulheres. Se tanto temos que nos desvendar, nos descobrir, nos transformar, que outro tema serão o **«Feminino Singular»** porque diferente, senão o **«Feminino Plural»** porque solidário? Dirão alguns que giramos em torno do nosso umbigo. Deixá-los. Pois que giremos se, em espiral, o fizermos. Uma espiral cada vez mais larga, mais ambiciosa. A partir de nós, nenhum tema será estranho: da sexualidade à paz, do sexismo ao racismo e a outros «ismos»; da mulher que somos e do encontro que queremos com o homem; do encontro que da vida que temos à outra vida porque lutamos. Sim giremos em torno do nosso umbigo... Pois não é do nosso ventre que sára vida, toda a vida e por ela questionamos. reivindicamos outro espaço, outro tempo!*

Temos tudo para fazer. Tudo por discutir.

***Espaço-Mulheres**. Espaço da nossa palavra. Do nosso encontro. Da nossa Solidariedade. À sua Espera!*

Folheto de apresentação do Espaço-Mullheres (1986??)

Fonte: Joana Henriques Camurça (2015)

MULHERIO

Do querer para o poder

"Somos realistas, queremos o impossível". Estou acabando de chegar de uma viagem de dois meses a Roma e pude ver uma ou outra vez, nos muros da cidade, esta frase que foi muito usada pelo movimento feminista no auge de sua luta para sair dos subterrâneos do querer (querer uma vida melhor, querer ser cidadã, querer o aborto legal etc.) para o amanhecer do poder. E é esta frase que me vem à mente quando volto ao Brasil e encontro o Mulherio tateante e incerto quanto a seu futuro. Não sabemos se e como vamos sobreviver. Mas nós somos muito realistas e continuamos querendo o impossível. Continuamos querendo editar o Mulherio.

Nós, da equipe diretamente encarregada do jornal, não estamos sozinhas neste querer. Estão com a gente nessa as centenas de pessoas que nos escreveram, de todos os cantos do País, dizendo que o jornal não deve morrer, e cujos nomes em parte estão publicados na primeira página deste número.

Vale a pena dar uma olhada nesses nomes para ver a diversidade de público que o jornal vem atingindo nestes dois anos e meio de vida.

Estão lá grupos de mulheres de vários Estados brasileiros, nos mandando uma mensagem que um grupo de Santa Maria (RS) resume enfaticamente: "Mulherio não pode e não deve parar". Todos eles exprimindo sentimentos que Jacqueline Pitanguy, do grupo CERES, do Rio de Janeiro, traduz num bilhete: "Gostaria de transmitir minha alegria por ter podido ler Mulherio nestes anos e minha apreensão pela crise financeira por que passa o jornal. Espero que eu não precise me despedir de vocês, de todas nós, que nos comunicamos através de Mulherio, jornal bonito, sério, nosso espaço de informação, denúncia, visibilidade, esperança".

Estão lá mulheres que não pertencem a grupos feministas, como Carla Zavalloni Prata, de São Paulo, que numa carta muito simpática nos diz que leu "com muita tristeza e até com certo pânico a possibilidade de fechamento do jornal".

Estão lá muitos homens, como José Augusto Barros, do Núcleo de Estudos de Saúde Comunitária da Universidade Federal de Pernambuco, que fala de sua disposição — "não somente minhas, mas igualmente do grupo de pesquisadores e docentes que comigo trabalham" — de colaborar para que Mulherio sobreviva.

Estão lá centros de estudos e instituições acadêmicas, como o Centro de Estudos Rurais e Urbanos, de São Paulo, que utilizam Mulherio como fontes de dados para suas pesquisas.

Estão lá variados grupos profissionais, como os 94 enfermeiros e estudantes de enfermagem que assinaram um manifesto em favor do jornal durante um encontro em Salvador.

Estão lá muitas pessoas que moram no exterior, como Mary Garcia Castro, do Center for Latin American Studies, da Flórida, para quem o jornal "tem sido um dos principais cordões umbilicais com o Brasil". E muitos, muitos outros.

Todas essas manifestações de solidariedade nos ajudam muito a acreditar que, sim, Mulherio sobreviverá. Por enquanto, esta é uma crença, é sobretudo uma esperança.

Por que não uma certeza? Porque, principalmente nestes tempos de crise absoluta, é impossível que uma publicação sobreviva apenas de seus leitores, ou seja, da venda de exemplares avulsos e das assinaturas. Nós enviamos o projeto do jornal a várias instituições que financiam programas relacionados à mulher, e esperamos, acreditamos, que alguma delas nos responda positivamente, principalmente agora, que ajuntamos aos projetos todas as cartas de apoio recebidas (por falar nisso, novas cartas são sempre bem-vindas).

Com um financiamento mínimo de uma instituição, teremos o pontapé inicial para a montagem de um jornal independente, que pretende ser competitivo no mercado editorial, um jornal que tenha anúncios publicitários e que possa fazer uma divulgação bem-feita de maneira a atingir o potencial de público que acreditamos possuir, e que, nestes dois anos e meio, foi atingido apenas em pequena parte.

Um jornal que continuará sendo autônomo em relação às tendências do movimento de mulheres e os partidos políticos, e que quer ampliar ainda mais a gama de assuntos tratados, deixar as idéias aflorarem principalmente quando elas aumentam a polêmica e a reflexão em torno de nós mulheres, de nosso estar no mundo, de nossa relação com os homens...

Como ainda não temos segurança absoluta de financiamento por alguma instituição e como agora se encerra a ajuda que recebemos da Fundação Carlos Chagas e da Fundação Ford, não sabemos se e quando o próximo número estará nas ruas. Nós manteremos os assinantes informados por carta e até o final de setembro a equipe do jornal continuará no endereço atual — av. prof. Francisco Morato 1565, CEP 05513, São Paulo, fone (011) 211-4511. A partir de 1º de outubro, estaremos atendendo na rua Wisard 88, Vila Madalena, CEP 05432, São Paulo, fone (011) 815-8472.

Neste meio tempo, entre a saída da equipe do endereço atual e a esperada impressão do próximo número, teremos muitas despesas. Para cobri-las, estamos vendendo a coleção dos números já publicados (sem os nº esgotados, de 0 a 5), por um preço mínimo de Cr$ 3.000,00. Algumas pessoas continuam fazendo assinaturas, que agora valem Cr$ 2.400,00 para o território nacional e 8 dólares para o exterior. Tão logo tenhamos certeza da continuidade do jornal, lançaremos uma ampla campanha de assinaturas, para a qual precisamos da ajuda de todos.

Os cheques devem vir em nome do Centro de Estudos Mulherio, uma associação que estamos criando com a ajuda da advogada Florisa Verucci, e que dará forma legal à nossa existência.

Ainda na campanha de arrecadação de fundos para o jornal, estamos vendendo fotos de Samuel Iavelberg, repórter-fotográfico da revista **Isto É**. Logo que soube da crise por que passa Mulherio, Samuel nos ofereceu toda a sua exposição "Retrato de Mulher", montada em janeiro do ano passado no Spazio Pirandello e que desde então tem feito uma bem-sucedida trajetória por várias cidades e locais. São 30 fotografias tiradas na Alemanha, Portugal, Espanha, França, Guiné-Bissau e Brasil, mostrando que as viagens de Samuel para coberturas jornalísticas desembocavam num ponto comum. "Em todo lugar, sempre encontrei a mesma opressão sobre as mulheres e o mesmo papel secundário desempenhado por elas", diz ele. As fotos estão agora expostas — e à venda — na Livraria Pagu, no Teatro Ruth Escobar (rua dos Ingleses, 209, São Paulo).

Bom, até a próxima, ou até o próximo número. Que inclusive já tem uma pauta de dar água na boca. Eu, particularmente, quero contar nele a experiência que vivi na Itália, participando de um programa de intercâmbio cultural de mulheres organizado pelo ISIS, Boletim Internacional de Mulheres, por meio do qual 12 mulheres saíram de seus países para aprender alguma coisa em outros, em seu campo de atuação.

Eu aprendi muito, sobretudo na convivência de dois meses com o **ISIS**, um coletivo de mulheres de várias nacionalidades que edita um boletim em inglês e em espanhol para grupos organizados de mulheres no mundo todo, tem um riquíssimo centro de documentação e coordena uma rede feminista internacional. Pude também acompanhar de perto a experiência da **Noi Donne** (Nós Mulheres), revista feminista italiana, mensal, que vende simplesmente 100 mil exemplares por mês!

Assim, afora a beleza do verão romano com muros que pregam a utopia ("somos realistas, queremos o impossível"), pude voltar com este alento de constatar a possibilidade do impossível quando se quer, no **Mulherio**, **ISIS** ou **Noi Donne**, romper os estereótipos da imagem da mulher nos meios de comunicação, tirar-nos da invisibilidade e criar espelhos que nos reflitam por inteiras.

Adélia Borges

Ilustração de Lila Galvão Figueiredo

Lila Galvão Figueiredo, #15 setembro/out de 1983, p.2

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

Sem Comentários

Nesta seção, pretendemos reproduzir trechos de matérias publicadas pela imprensa que revelem discriminação contra a mulher.

O Dia Internacional da Mulher (...) relembra o sacrifício de 129 operários têxteis de Nova York". ("**Mulherio**" nº 0, pág. 3)

"Mas o ponto crucial, ontem como hoje, é a constatação de que não existe qualquer forma de exploração de um sexo pelo outro, assim como não há subjugação de uma classe social por outra. É o ser humano — tal como ele é com sua mente e seus condicionamentos perpetuamente reforçados — que exerce dominação e mantém injustiças, não importa em que situação esteja, não importa seu sexo ou sua condição econômica e social." (Trecho do artigo "A mulher personagem", de Luiz Carlos Lisboa, **Jornal da Tarde**, 30-3-81, pág. 4).

"Numa sociedade igualitária e socialmente liberada, quem come as velhas?" (de um humorista não muito jovem, **Veja**, 25-2-81, pág. 9).

MULHERIO #1 p.14, maio/junho 1981

Inacreditável

■ Uma leitora nossa enviou-nos o recorte deste anúncio a um disco, que juntamos. Com o seguinte texto: *«È francamente revoltante, não concordam?»* Claro que concordamos. É simplesmente incrível! Aliás, segundo o novo código de publicidade este anúncio deveria ter sido proibido imediatamente! O jornal onde ele foi publicado: «Tal & Qual» de 25 de Agosto último. Número 165.

Objectos sexuais ao domicílio

MULHERES #66, p.9 outubro de 1983

Denúncias em relação à representação da figura feminina na mídia.

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026) e Acervo pessoal (Registro feito na UMAR em 08/04/2026)

uma coisa necessária mas perigosa quando só a reflexão acontece. E um outro dado é a priorização das eleições, pois estamos em pleno ano eleitoral. Porém, o movimento das mulheres tem uma coisa específica: nasceu dos anos mais negros, quando os outros movimentos não ousavam levantar suas questões, e nossos maiores picos se deram nos anos quando esses outro movimentos estavam em refluxo.

IARA — A retomada do movimento de mulheres no Brasil se dá a partir de 1975 com o surgimento de várias entidades, principalmente em São Paulo e no Rio (Centro da Mulher Brasileira, Brasil Mulher, Movimento Feminino pela Anistia etc), que tinham como preocupação central a criação de canais de participação que rompessem o isolamento geral da esquerda e lutassem contra a ditadura.

Em seus programas iniciais, essas entidades davam prioridade à luta pela anistia, por melhores condições de vida e trabalho, por liberdades democráticas. A única entidade que desde o começo deu prioridade à luta feminista foi o Nós Mulheres, mas não conseguiu polarizar o movimento como um todo.

Assim, no período 75/80, o movimento de mulheres brasileiro funciona muito mais como um canal para prosseguir uma luta política geral contra a ditadura. Sem dúvida nenhuma a questão da mulher foi tratada neste período, e tivemos vitór[illegible], como a luta pela construção de creches nos bairros, que se concretizou no projeto apresentado pela Prefeitura de São Paulo de construção de 385 creches na cidade (projeto até hoje só iniciado, portanto a luta deve continuar).

A abertura para a questão propriamente feminista se deu de duas formas. Primeiro, o próprio contato com as mulheres da periferia foi revelando que havia um espaço específico da mulher que não poderia continuar sendo relegado a um segundo plano. Nas nossas reuniões, depois de discutir como encaminhar a briga pela instalação de rede de água no bairro, sempre cafamos nas conversas sobre o prazer, a relação com o marido, a maternidade...

Segundo, com a pseudo abertura do regime, as exiladas voltaram e passaram a nos criticar porque reduzíamos a questão da mulher à luta mais geral. Elas viviam em países capitalistas avançados, onde os interesses do próprio capitalismo já garantem uma infra-estrutura mínima de sobrevivência, e então o movimento feminista podia centrar sua luta em torno de questões como o prazer, a dupla jornada de trabalho, a relação homem-mulher.

Os debates sobre luta geral versus luta específica dominaram nossas discussões durante o ano de 1980. Conseqüência: algumas entidades assumiram a questão feminista, outras se dividiram neste debate. De lá para cá, não conseguimos mais unificação em torno de luta nenhuma, com exceção da luta contra a violência, que resultou no SOS-Mulher e possibilitou uma significativa ampliação do movimento em direção às mulheres de classe média e que teve sua concretização na derrubada da tese da legítima defesa da honra.

Mas, é bom lembrar, de 75 para cá, nossa principal vitória foi levantar amplamente a questão da mulher, hoje debatida pela sociedade, através dos meios de comunicação, dos partidos políticos etc. E essa vitória é nossa!

COMO VOCÊ SE TORNOU FEMINISTA?

Foto: Arquivo CIM

BRANCA — Em 1968, já casada e com filhas, entrei para uma faculdade muito bem comportada para fazer história. Entrei porque estava frustrada de ficar todo tempo em casa. Eu achava que política não era coisa de mulher nem de estudantes, só de homens. Aí o movimento estudantil me pegou em cheio. Conhecidos meus eram presos, torturados e eu, que vivera numa torre de cristal, estudara num colégio de freiras, sempre protegida não podia acreditar que tivessem pessoas no mundo que torturassem outras. A coisa toda me chocou muito, e fui-me politizando. Em 1970, fui para os Estados Unidos, para Berkeley, centro da resistência à guerra do Vietnã. Fiz o curso de história, e depois mudei para sociologia, me formando. Lá aproveitei para fazer estudos teóricos. Ler muito os clássicos marxistas, etc. Quando estava terminando minha estada lá, recebi uma carta de uma amiga da França me perguntando como estava o movimento feminista nos EUA. Até então, eu nunca havia pensado nisso. Aí tomei consciência o quanto eu estava alienada de mim mesma. A carta era da Danda Prado, e ela desencadeou em mim um processo de conscientização feminista: minha educação, minha vida pessoal, comecei a colocar tudo em questão.

As mulheres dos brasileiros que estudavam lá, as quais geralmente ficavam mudas nas reuniões, começaram a se reunir, e foi uma coisa muito bonita porque todo mundo tinha tanta coisa a falar! Passei depois por um período de ter muita raiva da cultura machista, com raiva do meu pai, do meu marido, não me arrumava, etc. Uma fase bem radical. Larguei religião, casamento, só não larguei filho. Tive que passar por isso, depois a coisa entrou na rotina.

CARMEN — Sempre tive um senso muito agudo de liberdade. Por exemplo, em 1938, com apenas 18 anos, escapei de casa uma tarde, convalescendo de sarampo para me apresentar em um concurso na companhia Ipiranga, como secretária trilíngue. E foi um choque terrível para a família quando veio a convocação. Sempre tive necessidade de fazer as coisas por minha conta, antes de ter qualquer idéia sobre o feminismo.

Depois, em Buenos Aires, onde morei por 20 anos, mantive contato com intelectuais, sem que houvesse uma distinção entre homens e mulheres em sua maioria. Participavam desse grupo muitas mulheres divorciadas ou solteiras, assim não havia a experiência do peso da opressão machista do dia-a-dia. Eu me sentia muito bem. No entanto, quando retornei ao Brasil e, circunstancialmente, comecei a entrar em contato com a mulher da pequena burguesia, não muito ilustrada, é que passei a sentir o peso do preconceito na vida das mulheres, e o peso da opressão cotidiana através do que muitas me contavam. Foi quando vi que certas posições que eu tinha tomado vivencialmente tinham de ser colocadas intelectualmente, eu precisava parar e racionalizar tudo. Eu era uma mulher independente, tinha um livro publicado, um nome na Argentina, etc., mas essa não era a regra. Foi quando comecei a questionar a situação da mulher. Daí passei a escrever na **Cláudia**, creio que em 1963, recebendo uma forte reação contrária. Percebi então que a reação negativa era porque eu estava mobilizando algo que precisava ser mexido e fui me fazendo com a luta. Logo, começaram as repercussões.

Escrevi um artigo intitulado "Uma pequena rainha triste", mostrando a mulher na posição de "rainha do lar", na sua vivência cotidiana. Acho que esse artigo foi um marco.

IARA — Entrei para o movimento de mulheres como muitas outras militantes de partidos de esquerda entraram. Vivíamos na década de 70 um período de grande repressão política, e o trabalho com mulheres surgia como uma das únicas possibilidades de atuação, principalmente depois que a ONU decretou o Ano Internacional da Mulher, e que trouxe uma certa "responsabilidade" às reivindicações femininas. Mas formávamos grupos voltados principalmente para a transformação mais geral da sociedade. A questão do feminismo propriamente dito só começou a me tocar mais de perto quando tive meu primeiro filho, Paulo, e descobri que a maternidade pirava minha cabeça, colocando uma série de questões muito específicas que nunca tinham me preocupado. Comecei a frequentar um grupo informal de reflexão que Rachel Moreno convidava para se reunir em sua casa, em 1975. As reuniões me ajudavam muito a nível pessoal, mas nunca consegui vislumbrar essa discussão como uma discussão política — tanto que abandonei o grupo quando comecei a fazer análise. Em 1976, como a organização de mulheres era um canal muito importante para a expressão do movimento popular, aderi ao grupo que fundara o Brasil Mulher. Fiquei lá desde essa época e tive uma trajetória semelhante à do grupo. Isto é, só me tornei realmente feminista em 79, 80.

HELEIETH — Eu tenho a impressão de que sempre fui feminista, porque tenho um temperamento extremamente independente e fui assim desde criança. O respeito à autoridade, a não ser que ela derive do conhecimento, é muito difícil de eu aceitá-la. A minha atuação sempre esteve ligada na linha da independência e do não-reconhecimento dos preconceitos. É claro que eu acabei sofrendo pressões por assumir comportamentos inusitados para uma mulher. Por exemplo, quando vim para Araraquara há 20 anos eu era a única mulher que fumava na rua. É claro também que antigamente eu não tinha consciência, nunca tinha ouvido falar em feminismo, mas já tinha um comportamento feminista na medida em que eu não tomava conhecimento dos limites da atuação dos homens e das mulheres. O mundo era meu na medida em que eu conseguisse conquistá-lo independente do meu sexo. Com tudo isso, eu

Julgamento de "Doca" Street, Cabo Frio, 1981

Foto: Rose Gladiano

Passeata em protesto à morte de Eliane de Grammont, São Paulo, 1981

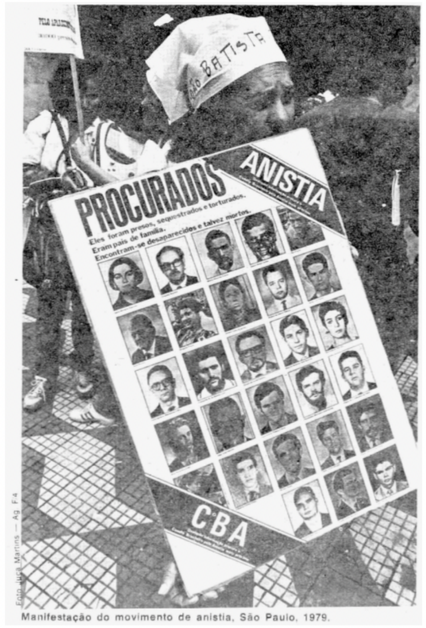
Entrevista que cita o periódico Nós Mulheres, Mulherio #6, março/abril - 1982, p. 14-15

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

conseguí construir um tipo de vida muito mais saudável, sem mentiras. É por isso que eu digo que eu não virei feminista, eu tomei consciência de que as coisas eram muito piores quando se tratava de uma mulher em 62, quando comecei a estudar o fenômeno da mulher, e aí minha observação se tornou mais seletiva. Nessa época não havia ainda o movimento feminista e mesmo o americano surgiu depois, com a publicação do livro da Betty Friedan — A mulher mistificada —, em 63, e em seguida com o surgimento dos grupos de reflexão. Posteriormente foi a vez da Europa e, em 75, no Brasil.

Mas você sempre se assumiu como feminista?

Na verdade, eu sempre relutei em me dizer feminista no Brasil. No passado, esse termo tinha uma carga ideológica muito grande, e hoje ainda apresenta uma carga razoável. Eu gosto de dizer: eu sou feminista mas o meu feminismo é este, porque eu tenho muito medo que tomem o meu feminismo através dessa adulteração que se fez do termo que interessa muito à ditadura, de entender que esta é uma luta das mulheres contra os homens; e eu não quero de maneira alguma ser interpretada dessa forma.



Manifestação do movimento de anistia, São Paulo, 1979.

O QUE VOCÊ ACHA DA PARTICIPAÇÃO DOS HOMENS NO MOVIMENTO FEMINISTA?

HELEIETH — Tenho muito respeito pelos homens. Acho que eles também são vítimas dessa sociedade, embora nós sejamos mais vítimas do que eles. Muitas coisas os homens fazem inconscientemente e não se dão conta de que estão sendo veículos de uma dominação e que, na verdade, não estão ganhando grande coisa com essa opressão que exercem sobre a mulher. Eles estão sendo usados e bem usados. O homem está proibido de expressar suas emoções, e na medida em que você considera o homem um animal puramente racional, você o reduz a uma dimensão que eu hesitaria em considerar a mais importante. Me parece que a dimensão emocional é igualmente importante. O mesmo fenômeno se passa com as mulheres, mas no sentido inverso. Então, por aí, fica bem claro que a mulheres mutiladas correspondem necessariamente homens mutilados e, por isso, não vejo razão para abrir uma guerra contra os homens. Ao contrário, eu tento cativá-los.

Defendo a participação do homem no movimento feminista se ele assumir uma atitude de igualdade social total entre os sexos. Eu respeito a necessidade de algumas mulheres em se isolar num primeiro momento para refletir sobre sua condição. É o resgate de sua própria identidade. Eu não necessito disso, mas muitas mulheres devem necessitar desse isolamento. Todavia, resgatada a identidade em grupo, de modo a identificar no individual um problema geral, desaparece a necessidade do isolamento. O ideal seria com a companhia dos homens, com a força deles. Eu não acredito na liberação das mulheres, e sim, na liberação do ser humano, pois veja bem: para a redefinição dos papéis femininos necessariamente tem de haver a redefinição dos papéis masculinos, e os homens precisam estar nessa luta. Para mim, a luta é muito maior e mais profunda. Por exemplo, os homens só dividirão os trabalhos domésticos com as mulheres a partir do momento que eles entenderem que eles e nós somos seres humanos que temos o mesmo direito de desenvolver tarefas que nos dão prazer e o direito de dividir as tarefas que são necessárias, mas não nos dão prazer.

RAQUEL — No congresso da Mulher Paulista nós resolvemos permitir a participação dos homens num grupo à parte. Nas vezes que passei por eles e ouvi o que falavam, fiquei horrorizada. Na verdade, eles estavam discutindo se davam apoio ou de que forma dirigiriam o movimento. Hoje, acho que houve um avanço e podemos contar com o apoio deles, pois estão entendendo melhor que quem deve dar o rumo são as mulheres. Não concordo é que os homens participem da direção do movimento de mulheres, pois estamos discutindo nossa condição específica, mas acho que eles têm um papel fundamental e podem dar uma grande força. Eles não vivem nossa situação, a opressão que sofrem é diferente e mais suave.

IARA — Sem dúvida, cabe à mulher a vanguarda do movimento feminista. Aos homens, cabe a tomada de consciência das questões levantadas pelas mulheres, a sua própria transformação e o apoio integral ao movimento. Aos homens cabe, portanto, o papel de retaguarda.

QUAIS OS RUMOS, AS PERSPECTIVAS QUE VOCÊ VÊ PARA O MOVIMENTO FEMINISTA AGORA?

Foto: Antonio S.M.

HELEIETH — Considero que o movimento está ainda tímido e que um rumo a ser tomado é de maior agressividade, principalmente em relação a um trabalho político-partidário. O movimento tem um grande potencial, e não considero que esteja em refluxo. O caso Doca, por exemplo, foi uma vitória exclusiva do movimento feminista. O que nós não temos é uma tradição de atuação político-partidária. Precisamos é acabar com o machismo dos partidos, que sem nenhuma exceção são todos machistas. Eu pretendo atuar neste campo, e no momento sou candidata a candidata a deputada estadual pelo PMDB.

RAQUEL — É necessário aprofundar a discussão sobre a autonomia do movimento para se ter maior clareza sobre essa questão. Enquanto isso, os diversos grupos devem aproximar-se entre si para trocar experiências, suprir juntos suas deficiências. Ou seja, de duas uma: ou a gente consegue evoluir para um movimento de autonomia de verdade ou teremos um movimento parecido com o das mulheres espanholas: apenas nos grandes eventos unem-se os vários grupos partidários e os independentes. Também deveriam ser retomados os contatos com a periferia. Outra coisa: no trabalho do dia-a-dia no SOS, a gente recebe uma diversidade muito grande de problemas que deveriam ser atendidos pelo movimento como um todo: miséria, violência, trabalhismo, etc. O movimento deveria estruturar-se para poder suprir todas essas demandas, inclusive em termos de infra-estrutura, tentando seguir a linha norteadora do SOS, ou seja, aberto a todas as mulheres indistintamente.

CARMEN — O momento está muito complicado. As mulheres realmente não estão mais dispostas a aceitar cegamente a opressão. Estão procurando outras coisas. Já não aceitam a linguagem antiga e o homem ainda não resolveu mudar. Está esperneando de todos os jeitos, está achando que vai perder seus privilégios, suas regalias. O chão balança sob os pés dele. Os relacionamentos às vezes ficam muito difíceis. No entanto acho que devemos ter esperanças nas próximas gerações. Entre os jovens de hoje já podemos ver mesmo comportamentos diferentes, como o do marido da neta de uma amiga minha, que ficou todo contente quando o pediatra do filho substituiu uma mamada no peito da mãe por mamadeira: "Esta sou eu que vou dar", disse quando soube da novidade.

IARA — Hoje o movimento de mulheres no Brasil — entendido como o conjunto das mulheres que estão organizadas na defesa de seus interesses, sejam eles creches ou aborto — a grosso modo está dividido por várias concepções: aquelas que acreditam que as lutas gerais se sobrepõem à questão específica, aquelas que vêem a organização das mulheres como um instrumento para a defesa de suas concepções políticas mais gerais, aquelas que vêem a importância da organização de um movimento autônomo de mulher em torno de suas lutas específicas, e até aquelas que são contra a organização de um movimento de mulheres e centram seu trabalho na propaganda ideológica e nos grupos de reflexão. Se por um lado, hoje, o movimento de mulheres está dividido, sentimos o seu crescimento e acredito que hoje vivemos uma fase de reflexão e amadurecimento. Podemos hoje constatar que a questão geral nos unificou de 1975 a 80 e a questão feminista nos dividiu. Por que?

Acredito que hoje o nosso grande desafio, enquanto militantes feministas dentro do movimento de mulheres, é a solução deste impasse, ou seja a elaboração de uma política feminista, adequada à realidade da mulher brasileira, a formulação de propostas concretas que nos permitam aglutinar este amplo, matizado e disperso movimento.

Não tenho claro o que seria esta política feminista, mas acho que passa pela unificação de duas preocupações que vêm marcando a nossa história: a necessidade que a mulher brasileira tem hoje de conquistas reais dentro da sociedade, como creches, igualdade salarial, profissionalização, saúde da mulher, direitos cívis, etc., e a necessidade de uma ferrenha luta no campo da discriminação ideológica, que avance na sua conscientização e na conscientização de toda a sociedade. Bem, mas acredito que esta é uma tarefa que enfrentaremos juntas.

Passeata das mulheres na greve dos metalúrgicos, São Bernardo, 1980.

Entrevista que cita o periódico Nós Mulheres, Mulherio #6, março/abril 1982, p.16-17

Fundação Carlos Chagas, disponível em: https://www.fcc.org.br/repositorios/mulherio/ (Acesso em: 03/05/2026)

TRANSNACIONALIDE

o livro do mês

«Machismo -literatura de cordel»

Walter Tenório-Pontes

Escolhemos como livro deste mês de Abril, um muito curioso estudo do brasileiro Walter Tenório-Pontes, a que ele chamou, «Machismo – Literatura de Cordel» (*).

Levantamento, pois, de machismo clara ou encobertamente expresso nos folhetos da chamada literatura de cordel.

Como diz o próprio autor, este estudo, será:

«Uma tentativa de demonstrar ou apenas de ressaltar ou de destacar a predominância do espírito masculino, sob algumas formas, como o machismo na poesia de cordel».

No entanto, logo no início, e é pena, Walter Tenório-Pontes sente necessidade de se defender contra uma possível conotação com o feminismo, colocando-se na posição neutra de quem não ataca nem defende o machismo: apenas o detecta. E a verdade é que apesar disso, ao longo das páginas deste seu estudo, a predominância masculina que pesa na poesia de cordel do Nordeste brasileiro, é trazida honestamente ao de cima.

Escrita de grande clareza, portanto de acesso fácil, ao mesmo tempo que extremamente aliciante, para se ler de um só fôlego. — Perante os nossos olhos, figuras masculinas de heróis de cordel, multiplicam-se, cheios de ingenuidade, defendendo ou vingando até à morte a honra perdida.

Honra dos homens, sempre dependente da mulher e de seu comportamento. Comportamento que pode fazer vacilar: a honra do irmão, a honra do marido, a honra do próprio clã familiar...

Histórias espantosas, muitas vezes mágicas, onde o homem mais uma vez, é quem escreve, quem comanda, quem detém o poder.

(*) Edições Rolim

Extracto

«(...) Muitas vezes, nas estórias amorosas do Nordeste, com fugas de filhas muito presas, não é raro encontrar-se a conivência das mães ou de parentes muito próximos. Mas, voltemos ao capitão e como o nosso poeta descreve a cena da descoberta da fuga da Mariquinha:

O capitão deu um urro
que o sobrado
[estremeceu
u'a ama desmaiou
uma moça adoeceu
a negra ficou doente
tinha um leão na
[corrente
quebrou os ferros e
[correu

«O capitão d
urro». Urros como
mal acostado e
sobrado estremeceu
casa grande atin
próprios alicerces,
do capitão e do d
fortemente feridos
mos na reacção
do capitão, eleme
culino preponde
âmbito social do
e a reacção da
de Mariquinha
anunciou a fuga
lha, em tom de
des: «meu velho
que carregou M

E mais, as reac
das as mulhere
«u'a ama des
moça adoeceu
doente»! Melh
entre as reacçõe
víris dos eleme
nos em relaçã
dos elementos
poeta não po
trar».

Mulheres, machismo na literatura de cordel, #60 abril de 1983

BRASIL

As mulheres também lutam

Eliza Monnerat

A mulher brasileira tem estado, nas últimas décadas, e em grau cada vez maior, mobilizada para as lutas populares, desempenhando um papel sempre mais importante. Quando da queda da ditadura de Getúlio Vargas em 1945, teve particular importância o Movimento Feminino pela Amnistia, que travou lutas incansáveis empunhando essa bandeira.

Hoje, de novo, o Movimento Feminino pela Amnistia, criado, levanta a sua voz, pela amnistia ampla e sem restrições no Brasil. Nas greves operárias, vê-se a crescente participação da mulher, até em posições de destaque. Há uma progressiva tomada de consciência de que a mulher precisa de se organizar, lutar pelos seus interesses, que são também os do conjunto do povo brasileiro. Como em muitas regiões do mundo, a mulher brasileira é particularmente explorada: salários mais baixos, jornada dupla de trabalho (em casa e no emprego), sobrecarga em função da falta de apoio para a educação e manutenção dos filhos. Mas contra esse estado de coisas, ela já começa a erguer a sua voz. O exemplo de Eliza Monnerat, de Sônia, de Elenira são testemunhos valorosos.

A brasileira Eliza de Lima Monnerat, de 64 anos, foi presa em Dezembro de 1976, quando participava numa reunião do Partido Comunista do Brasil. Brutalmente torturada (como os seus companheiros, dos quais três morreram), Eliza resistiu e nada disse aos seus algozes. Julgada e condenada a cinco anos de prisão pela ditadura fascista brasileira, essa corajosa mulher cumpre agora a sua pena numa prisão política do Estado de São Paulo. Os seus companheiros, as forças progressistas em geral, temem contudo pelo seu estado de saúde: aos 64 anos, a brutalidade sofrida é um fardo particularmente pesado.

Como tantas outras mulheres no Brasil, Eliza participou na luta guerrilheira, na região do Araguaia, desencadeada entre 1972 e 1974. No seu depoimento, Eliza contou que viveu durante cinco anos na região, convivendo com o povo, participando nas suas angústias, e procurando desenvolver com ele o caminho da sua libertação.

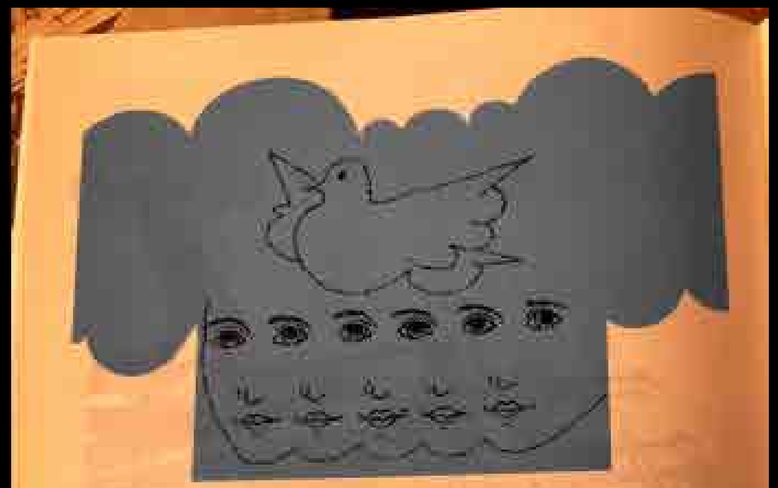
O seu exemplo foi seguido por muitas outras mulheres. Elenira Rezende de Souza Nazaré foi uma delas, que ao ser atacada por dois soldados matou um deles e feriu outro. Os seus algozes metralharam-na nas pernas e torturaram-na brutalmente, depois. Maria Lúcia Petit, Lúcia Maria da Silva são os nomes de outras heróicas guerrilheiras que resistiram até à morte. Comportamento especialmente heróico foi também o de Sônia, uma estudante de medicina, muito querida pelo povo, que ao ser presa e lhe perguntarem o nome, respondeu apenas: "Sou uma guerrilheira que luta pela liberdade". E nada mais disse.

A participação das mulheres na guerrilha do Araguaia, lado a lado com os homens, representou um dos mais altos momentos da luta pela emancipação do povo brasileiro em geral, e da mulher em particular, uma vez que as duas lutas são indissociáveis.

A luta das nossas irmãs do Brasil e em particular de Eliza Monnerat, merece a nossa maior solidariedade e carinho. A todas as mulheres portuguesas levaremos o seu exemplo de coragem e amor à liberdade do seu povo.

Mulher d'abril, seção internacional: Brasil, as mulheres também lutam #2 Ago de 1978

Aljube, p. 40



SOLIDARIEDADE COM AS MULHERES BRASILEIRAS

As mulheres do MDM na sessão de apoio e solidariedade com a luta das mulheres brasileiras, que promoveram no Teatro da Trindade no dia 2 de Outubro de 1975 a onde estiveram presentes algumas mulheres anti-fascistas brasileiras, leram a seguinte mensagem:

O Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas, de acordo com a sua linha de acção, pensa que a mulher verdadeiramente progressista e revolucionária não se deve preocupar-se com os problemas do seu país acompanhando e actuando em relação às fases históricas que vai vivendo, como também deve interessar-se pelos acontecimentos, problemas e lutas de outros povos que pretendem criar um mundo melhor de paz, compreensão, desenvolvimento e progresso social. Por esse motivo o M.D.M. ambui o mais alto significado à solidariedade internacional, incentivando, desenvolvendo e reforçando a cooperação das mulheres portuguesas com as mulheres de outros países e continentes que lutam pela libertação dos regimes fascistas, pela conquista dos direitos democráticos, pela independência e pela soberania nacionais.

As mulheres portuguesas, que experimentaram a dureza da repressão fascista, sendo as mais exploradas entre os explorados, não podem deixar de se sentir solidárias com aquelas companheiras que no mundo inteiro lutam no combate à violência e à opressão, batendo-se igualmente pelos seus justos direitos humanos.

É dentro deste espírito de colaboração e amizade internacional que o M.D.M. no âmbito das comemorações do Ano Internacional da Mulher, dedica esta jornada às resistentes brasileiras anti-fascistas que sofrendo graves problemas denunciam e lutam contra a discriminação de que são vítimas em todos os sectores da vida social, política e económica. Esta discriminação impede-as de participar plenamente em igualdade de direitos e responsabilidades no desenvolvimento do país, que é económico se é um factor de progresso e paz e opõe-se à repressão. É paz, o desenvolvimento e a igualdade que são os grandes objectivos a atingir neste Ano Internacional da Mulher que vivemos e celebramos, significando o início de uma nova era para toda a humanidade.

O M.D.M. manifesta a sua solidariedade aos filhos do Brasil que com risco da própria vida combatem as forças repressivas, manifesta a sua solidariedade às resistentes brasileiras que se opõem à exploração capitalista e ao imperialismo, testemunhando a sua solidariedade aos milhares de presos políticos e, entre eles, às mulheres brasileiras vítimas nas prisões das piores torturas e servícias atentatórias da dignidade e da vida humanas.

As resistentes brasileiras anti-fascistas não estão sozinhas na luta pela sua emancipação. A sua luta é a mesma de todos os povos do mundo que se querem libertar. O M.D.M. dá o seu incondicional apoio e exprime a sua solidariedade activa às mulheres ocupadas nesta luta sem tréguas contra a reacção imperialista, pela libertação do seu povo, pelas liberdades e direitos democráticos, pela paz e a amizade entre os povos. O M.D.M. interpretando o sentimento das democratas portuguesas saúda as nossas companheiras e deseja-lhes os maiores êxitos no seu combate até à vitória final que levará à libertação de sua Pátria!

Lisboa, 2 de Outubro de 1975

Boletim MDM, Solidariedade com as mulheres brasileiras, Ago 1978

Biblioteca Nacional, p. 117

Internacional

CRESCENTE COMBATIVIDADE DA MULHER BRASILEIRA

Conforme foi divulgado na imprensa portuguesa, o regime militar brasileiro decretou, há dias atrás, uma Amnistia, da qual beneficiaram milhares de opositores da ditadura e revolucionários, julgados arbitrariamente por leis de segurança e tribunais militares reaccionários. Apesar de limitada e cheia de restrições — centenas de brasileiros, entre os quais muitos trabalhadores, continuarão nos cárceres, exilados ou clandestinos — a Amnistia anunciada foi uma nova derrota para a ditadura dos generais fascistas e um outro êxito da oposição popular e democrática. Os generais arrogantes, pressionados por um amplo e combativo movimento de massas em prol de uma Amnistia ampla, geral e irrestrita, foram obrigados a ceder parcialmente, numa tentativa de evitar o maior avanço dos protestos.

As mulheres brasileiras, das mais variadas camadas sociais, tiveram importante participação nesta campanha, desde o seu desencadeamento. Esta participação deu-se nos mais diversos níveis, nas manifestações de rua, nos enfrentamentos com a polícia, nos combativos pronunciamentos através da imprensa, na direcção de organizações democráticas, como o MOVIMENTO FEMININO PELA AMNISTIA e o COMITÉ BRASILEIRO PELA ANNISTIA, ambos com secções espalhadas por várias cidades brasileiras.

No decorrer desta campanha por uma Amnistia ampla, geral e irrestrita, milhares de mulheres foram despertadas para a verdadeira luta pela sua emancipação, no bojo dos embates de todo o povo brasileiro pelo derrube da ditadura militar e a conquista da liberdade política. Com esta campanha popular e democrática veio à luz uma série de crimes cometidos pelo fascismo no Brasil: denunciou-se as prisões, as torturas, os assassinatos, os "desaparecimentos" de combatentes do povo. Nesse processo, as mulheres elevaram o seu nível de consciência política e isolaram ainda mais a ditadura militar, em que pesa a vigência do seu aparelho policial e repressivo.

Mas a mobilização da mulher brasileira não se restringe a isso, estando presente em outras frentes. Tem sido importante a sua participação na luta contra a discriminação social de que são vítimas: por um salário igual para trabalho igual; por creches para os seus filhos; assim como nas centenas de greves que estão a desenvolver-se no Brasil por aumentos salariais, por melhores condições de trabalho, contra a repressão no interior das fábricas. O 8 de Março deste ano — **Dia Internacional das Mulheres** — foi comemorado neste clima, com manifestações de protesto em vários centros do país.

Esta participação é bastante evidenciada no "MOVIMENTO CONTRA A CARESTIA", uma iniciativa de donas de casa dos bairros periféricos de São Paulo, habitado por famílias de trabalhadores, para repudiar a permanente elevação dos preços. O movimento estendeu-se a outras cidades e não se restringiu a condenar a inflação e o custo de vida, passando a integrar-se em outras acções, inclusive na campanh popular pela Amnistia.

Assim sendo, a mulher brasileira toma parte activa e contribui grandemente na luta popular contra a ditadura militar, pelos direitos do povo trabalhador.

MARTA

Encerramento do 1º Congresso da Mulher Paulista no dia 8 de Março

Mulher d'abril, seção internacional: crescente combatividade da mulher brasileira #6 Out de 1979

Aljube, p. 47

reportagem

Bordadeiras de casa da ilha da Madeira lutam por melhores condições de vida e trabalho

As mulheres, muito em especial as bordadeiras de casa, estão em luta por melhores condições de vida e trabalho

que respondeu às perguntas feitas por "Mulher d'Abril":

Mulher d'Abril — Acha que o 25 de

Mulher d'Abril, #4 - fev 1979

UMAR, p.22

DAQUI

As mulheres no banco de reserva

O ministro do trabalho sabe bem em que crise, mas não se preocupem operadores, o governo reforçará a reserva planejada para atender a crescer do governo.

Recentemente, o ministro do Trabalho da Bolívia, [illegible] oportunidade de ressaltar as qualidades dessa ditadura. Recentemente, esse ditador foi recebido pelo Ministro do Trabalho Arnaldo Prieto, quando declarou que o governo brasileiro estuda a criação de **medidas capazes** de impedir as greves no Brasil. Diz o governo que pretende ter [illegible] a mão-de-obra brasileira. A melhor [illegible] por ser mão-de-obra mais barata que a [illegible] e acima tudo que esse governo não reivindica. Prazo declarou que deverão [illegible] internacional que proíbe o aproveitamento de mão de obra [illegible] no trabalho infantil, o governo está estimando problemas para utilizar mão de trabalho de menor. A mulher, porém, [illegible] a [illegible] para [illegible] a ausência de [illegible] no trabalho noturno. Porque não [illegible] de [illegible] que [illegible] [illegible] [illegible]

A mulher nos jornais

Para a imprensa em geral, a mulher vale como enfeite de suas páginas. Raramente aparece como sujeito de uma ação, a não ser que tenha cometido um crime, seja uma estrela ou desportista.

Durante cerca de um mês, sete jornalistas de Brasília se puseram a analisar a freqüência com que as mulheres aparecem no noticiário dos jornais brasileiros e o tipo de tratamento que lhes é dispensado. Foram selecionados oito jornais, entre os quais o Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil, O Jornal de Brasília e O Dia — e o resultado do trabalho evidenciou a discriminação com que a mulher é tratada, embora o tom dessa discriminação varie de jornal para jornal. Para alguns jornais, para que uma mulher possa aparecer na primeira página, basta ter corpo bonito, enquanto, para outros, é preciso ser cometido ou ter sido vítima de algum crime, ou ainda ser mulher de algum homem importante. Quase sem exceção, a mulher é utilizada também para embelezar os jornais.

Leda Flora, que pesquisou o Estado de S. Paulo, verificou que, em 17 edições, só duas vezes uma mulher mereceu um título de primeira página: foi quando a rainha Elizabeth visitou a Irlanda. Por meio de fotos, mais duas mulheres apareceram na primeira página, uma chorando a morte do cantor Elvis Presley e outra tentando impedir o suicídio do marido, sem êxito, por sinal.

Enfeite

A pesquisa realizada na Folha de S.Paulo por Eliane Catanhede, de 11 a 30 de agosto, revelou que das 290 fotos de mulher publicadas nesse período, 158 enfeitavam — o termo é esse mesmo — as colunas sociais do jornal. Quanto aos títulos, das 113 vezes em que alguma mulher é citada, 28 corresponderam à seção de artes, o que significa, na opinião da pesquisadora, que «antes de ser uma pessoa normal, com inteligência, a mulher é estrela, pelo menos para os jornais brasileiros». Ainda nesse período, a mulher ocupou 19 títulos e 14 fotos na seção de esportes, única, aliás, a tratar a mulher com assiduidade e sempre como sujeito de uma ação.

Quando a vítima passa a ser culpada

Se a gente for ver os últimos casos que ocuparam lugar nas manchetes dos jornais, como o assassinato de Ângela Diniz, o da menina Aracelli e, o mais recente, de Cláudia Lessin Rodrigues, vê se que as vítimas estão sendo culpadas de sua própria morte. Como? Ora, as vítimas, quando são mulheres, acabam sendo acusadas de sua própria morte. Por que isso?

Nesses casos, começa-se por discutir o comportamento da vítima para «justificar» e desculpar suas mortes violentas. Isso foi feito até no caso da menina Aracelli, de apenas 9 anos, dizendo que era uma garota muito atraente para sua idade. Como se isso desculpasse o crime feito por maiores muito ricos, da sociedade de Vitória.

No caso de Ângela Diniz, a coisa se complicou tanto que hoje em dia não se sabe se a vítima é o «Doca» ou a falecida Ângela. Os advogados, nesses casos, são muito bem pagos. O de «Doca», por exemplo, fez um tal teatro que apresenta o assassino abatido, saindo ou entrando em clínicas para tratamentos — isso para mudar a figura de réu para vítima. Enquanto isso insiste nos antecedentes e hábitos da vítima, «moça de má conduta», «vida fácil», ora isso impede de se viver. Vale até lembrar — atire a primeira pedra!!!

O que acontece é que mesmo sendo a lei igual para todos, no crime em sociedade a lei e a prática ficam diferentes, se o acusado é homem ou pessoa importante.

Para Glaucia da Mata Machado, que pesquisou o Jornal do Brasil, a distribuição desigual de títulos entre homens e mulheres, nas 20 edições que consultou, demonstram a quase inexistência da mulher-notícia. Dos 180 títulos diários que apareceram em média no jornal, nesse período, 63,5% se referiam a homens e apenas 4,7% a mulheres. A seção de internacional foi onde a mulher mais vezes apareceu em títulos (21) enquanto na de economia não apareceu nenhuma vez. Das 72 fotos publicadas onde apareciam mulheres, 16 não faziam qualquer referência a elas na legenda.

A pesquisa feita por Arcelino Dias, nas páginas do Jornal de Brasília, mostrou que as mulheres apareceram em média seis vezes por dia em título, enquanto os homens aparecem 62 vezes. Nas fotos, a presença relativa da mulher é bem mais alta (10 por dia, contra 22 de homens), o que levou a pesquisadora a concluir que o Jornal de Brasília acha importante a figura feminina para embelezar o jornal. Dessa forma, a seção onde as mulheres mais aparecem, tanto em fotos como em títulos, é a de artes. A coluna de televisão apresenta pelo menos duas fotos de mulher por dia.

Sangue de mulher

Zenaide Azeredo, que pesquisou o jornal carioca O Dia, pôde constatar que, quando se trata de explorar o sangue, o da mulher tem maior valor comercial para a venda de jornais. Assim, em 17 edições, a mulher apareceu em 194 vezes em título, sendo 15 de primeira página. Na maioria das vezes, a mulher aparecia como vítima de agressão física, surra do marido, assalto, atropelamento ou assassinato. Além de mostrar a mulher como vítima, O Dia é o que mais explora a imagem da mulher-objeto: foram publicadas, nesse período, nada menos de 29 fotos de atrizes seminuas ou em posições eróticas.

Reportagem Brasil Mulher que menciona vítima de feminicídio em Setúbal, #9

Fudanção Perseu Abramo, disponível em https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-11 (Acesso em 01/05/2026)

ILUSTRADORES

ILUSTRADORES:

CIPRIANO DOURADO

ZÉ PAULO

DIAS COELHO

ANTÓNIO DOMINGUES

RUI PIMENTEL

PORTUGAL

MULHERES, BOLETIM MDM, MULHER D'ABRIL

1978-1989

ILUSTRADORES:

*única ilustração assinada da publicação, cujo único crédito presente é o da diretora geral, Dulce José.

RUI PIMENTEL

MULHER D'ABRIL #7

ILUSTRADORES:

PORTUGAL

CIPRIANO DOURADO

MULHERES

ILUSTRADORES:

PORTUGAL

ANTÓNIO DOMINGUES

MULHERES

ILUSTRADORES:

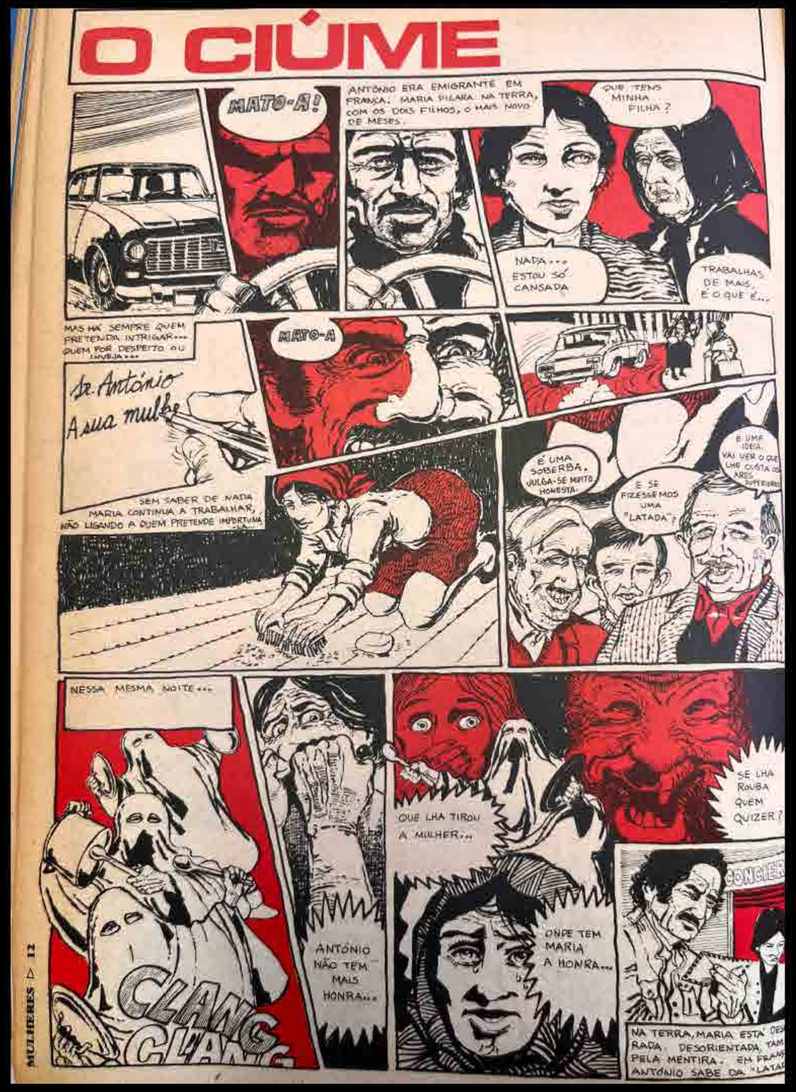
PORTUGAL

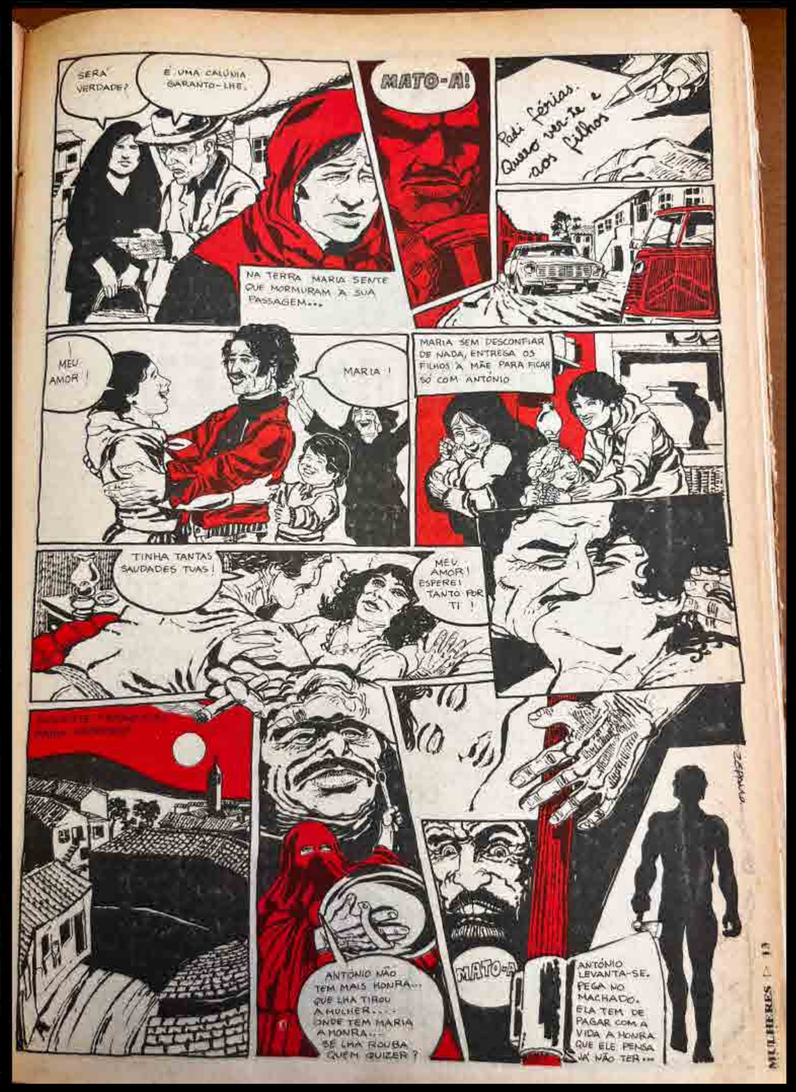
DIAS COELHO

MULHERES

ILUSTRADORES:

PORTUGAL





ZÉ PAULO

MULHERES

ILUSTRADORES:

BRASIL

JULIO CESAR MINERVINO

NELSON S. TANAKA

CHICO BORGES

ARTHUR

VALENTIM LINO

ARIEL SEVERINO

ROBERTO JUNQUEIRA CALDAS

SIZENANDO

KÉLIO

MIGUEL PAIVA

JOÃO LUIZ OHL

NÓS MULHERES, BRASIL MULHER, MULHERIO 1975-1985

ILUSTRADORES:

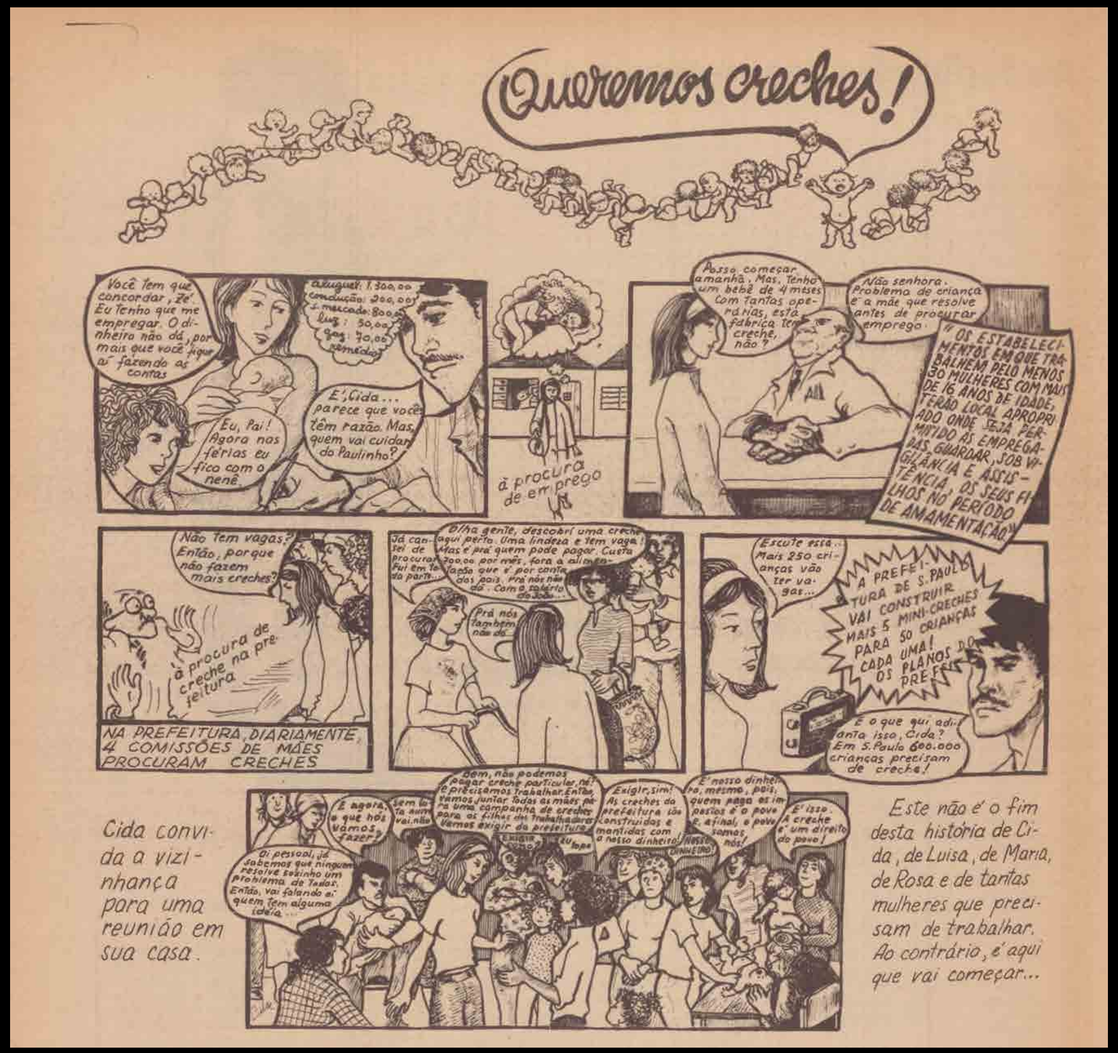
BRASIL

JULIO CESAR MINERVINO

NÓS MULHERES

ILUSTRADORES:

***Presumidamente, já que esta BD não se adequa ao estilo de Lila Figueiredo, nem ao de Maria Isabel Cortes, e ele é o único outro ilustrador creditado.**

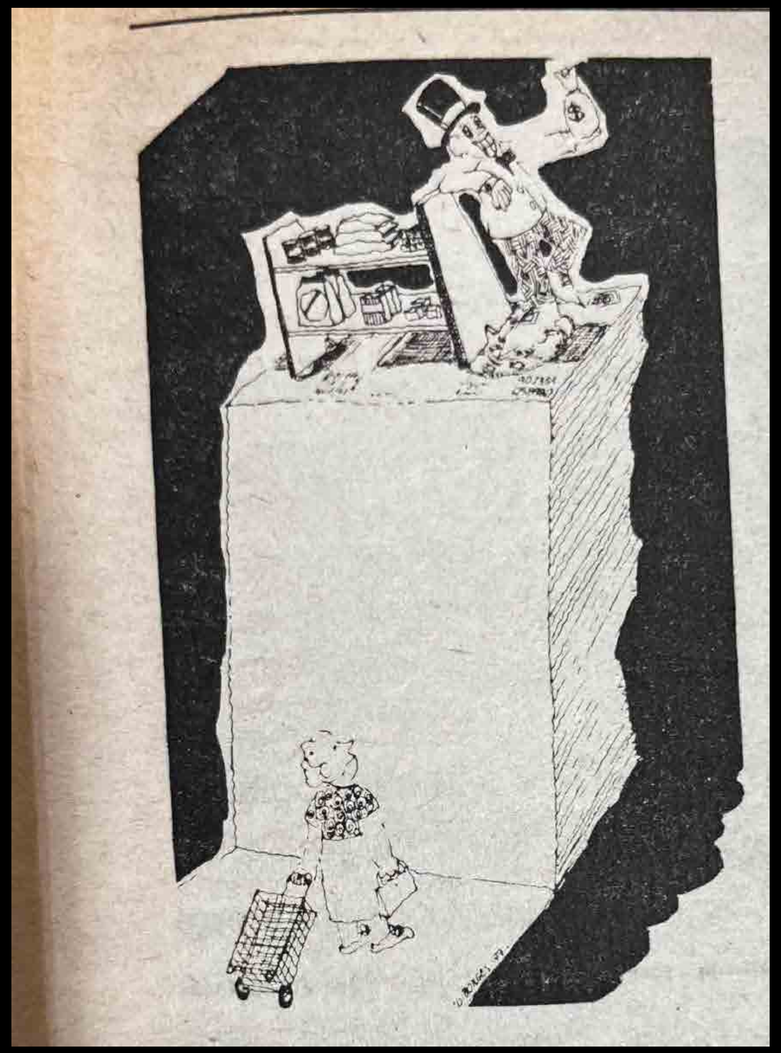


NELSON S. TANAKA

BRASIL MULHER #7

ILUSTRADORES:

BRASIL



CHICO BORGES

BRASIL MULHER #9

ILUSTRADORES:

BRASIL

ARTHUR

BRASIL MULHER #10

ILUSTRADORES:

BRASIL

VALENTIM LINO

BRASIL MULHER #10

1979. Se é o Ano Internacional da Criança, é o ANO DA CRECHE

A lei de creche não existe. Leia aqui a radiografia do artigo 389 da CLT que, afinal, não regulamenta a existências de creches, e como funcionam as creches em São Paulo e depoimentos de moradores do Jardim Miriam, Parque Bristol, Cidade Ademar, São Carlos e do pessoal da SERPRO do Rio.

A instalação de creches gratuitas, próximas aos locais de moradia e trabalho, que não sejam meros depósitos de crianças e que contem com a partipação dos pais na orientação pedagógica, foi a reivindicação prioritária levantada por mais de 700 mulheres durante o 1º Congresso da Mulher Paulista.

As mulheres sabem que é uma luta difícil mas tem que ser enfrentada e não apenas por elas mas pelos benefícios imensos que isso trará para toda a sociedade. Há bairros em S. Paulo que lutam há mais de 6 anos e até agora não conseguiram nenhuma creche. Outros começaram a luta há menos tempo. Mas já sentiram a grande má vontade das autoridades para resolver esse problema. O início dessa luta é geralmente igual nos vários bairros:

— Abaixo-assinados dos moradores que solicitam a creche e que, a maioria das vezes, ficam engavetados, esquecidos pelas autoridades responsáveis.

— Comissões de mães que vão à Prefeitura e ouvem sempre a mesma resposta: «Não temos verba para creches».

Dia 20, começamos tudo de novo junto

Agora, no entanto, a luta por creches tem possibilidade de ter um novo impulso. A partir do 1 Congresso da Mulher Paulista, teve início um movimento por Creches que vem contando com a participação de dezenas de entidades de bairros e sindicatos. A perspectiva desse movimento é unir todos os interessados pela creche, ampliar a luta e levantar essa reivindicação de forma mais abrangente, durante o ano de 1979 — Ano Internacional da Criança. O sindicato dos Bancários ofereceu sua sede para as reuniões das entidades que, no dia 20 de abril, vão reunir para traçar um programa comum de luta.

Uma das primeiras necessidades do movimento que surge é a de conhecer melhor a situação geral das creches. Por isso o BM apresenta um resumo do trabalho da socióloga Marise Egger, do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, que fornece importantes esclarecimentos sobre a situação de creches em São Paulo.

O tal artigo 389 não funciona

A legislação trabalhista, através da CLT, define em seu artigo 3 89, parágrafo 1, como obrigação as empresas onde trabalhum 30 mulheres ou mais com idade superior a 16 anos, a manutenção de «local apropriado onde seja permitido às empresas guardar sob vigilância e assistência os seus filhos, no período de amamentação». (O a 6 meses). Quanto ao atendimento das crianças após este período, *a lei não determina nenhuma obrigatoriedade às empresas.*

O parágrafo 2 determina que essa exigência «poderá ser suprida por meio de creches distritais, mantidas diretamente ou mediante convenios com outras entidades públicas ou privadas, pelas próprias empresas, em regime comunitário, ou a cargo do SESI, do SESC da LBA ou de entidades sindicais.

A lei não regulamenta a distância máxima que deve existir entre a empresa e a creche conveniada.

A lei também não determina a obrigatoriedade da divulgação do endereço da creche conveniada junto às funcionárias que tenham filhos de 0 a 6 meses.

E as empresas que cumprirem a lei recebem um diploma de benemerência; — as que não cumprirem pagam uma vultuosa» multa de 1/5 a 2 salários mínimos regionais «mais ou menos de 300 a 3.000 cruzeiros». Resultado: aliado ao fato de a maioria das trabalhadoras desconhecerem a existência da lei 389, sendo portanto ineficiente a absoluta falta de fiscalização por parte das Delegacias Regionais do Trabalho, os empresários não se sentem na obrigação de cumprir esses dispositivos legais.

Quais as empresas que cumprem a lei? Ninguém sabe, nem Delegacias Regionais do Trabalho, Sindicatos, Federação das Indústrias, etc... E essa situação vai continuar enquanto as próprias mulheres que trabalharem nas empresas com mais de 30 funcionários não comecarem a reclamar em massa.

100 crianças precisam, mas só uma consegue

Em S. Paulo, há 117 Parques Infantil da Prefeitura, que comportam 34 mil crianças de 3 a 6 anos. Esses estabelecimentos localizam-se nos bairros centrais e a maioria das vagas não se destinam a período integral. Portanto, não resolvem os problemas da mulher que trabalha fora.

Há, ainda, escolas da Prefeitura, que instalaram um sistema de atendimento às crianças de 3 a 6 anos — o PLANEDI. Deveria atender os irmãos menores daqueles que já frequentam o 1º grau. Na falta de salas especiais, utilizam-se de pátios cobertos, salas, auditórios ou outras áreas livres. As crianças ficam poucas horas na escola. Além disso, é exigido que as mães façam um rodízio e ajudem as professores a cuidar das crianças (o PLANEDI *contrata apenas uma professora para cada 120 crianças*). Esse sistema também não serve para as mães trabalhadoras, pois não podem faltar no emprego algumas vezes durante o mês.

Os centros Infantis da COBES (ex-Secretaria do Bem Estar Social Prefeitura), num total de 103 estabelecimentos, em regime de semi-internato, atendem crianças de 0 a 6 anos, cujas famílias vivem de uma renda mensal de até quatro salários mínimos. São atendidos através desses centros, 9.103 crianças.

No entanto, quantas crianças de 0 a 5 anos existem em S. Paulo, filhos de mães que trabalham?

Segundo dados da Fundação Carlos Chagas, aproximadamente 1.488.429 (quase um milhão e meio). Filhos de mães que trabalham e recebem salários baixos são por volta de 980.276 (quase um milhão). Isto quer dizer que para cada 100 crianças, apenas uma consegue se matricular.

E como estão funcionando essas creches?

A COBES mantém três tipos de creches:

1 — *Creches diretas* - aquelas que são administradas diretamente pela Prefeitura. São constituídas, equipadas e administradas pela própria prefeitura. São em número de quatro apenas. Desde 1972 que não se constrúiu mais nenhuma. Para a Prefeitura, o custo mensal de cada criança é de aproximadamente Cr$ 1.400,00 (valor padrão).

2 — *Creches indiretas* - aquelas que são administradas indiretamente. São constituídas e equipadas pela Prefeitura, que mantém convênios com entidades particulares, que são obrigadas a cuidar da administração. O convênio funciona da seguinte maneira:

A Prefeitura paga a metade do custo mensal de cada criança, ou seja, aproximadamente Cr$ 700,00 para 70% das crianças que frequentam a creche. Isto quer dizer que a entidade tem que arcar com os gastos e despesas integrais de 30% do total das crianças e metade do custo por cabeça do restante das crianças. São em número de 20 as creches desse tipo.

3 — Creches particulares — são aquelas em que as entidades particulares (na sua maioria de trabalhadores) são responsáveis pelo prédio, equipamentos e administração. Recebem apenas um apoio financeiro da Prefeitura, como as creches indiretas. São em número de 78.

Segundo a socióloga Marise Egger, «a injusta distribuição de renda em nosso país obriga hoje mulheres e crianças a sairem de casa em busca de emprego para se sustentarem. Portanto, cabe aos poderes públicos a responsabilidade de dar as garantias mínimas para aqueles que estão vivendo esta opressora realidade».

REUNIÃO: DIA 20/4, ÀS 19:30HS. no SINDICATO RUA SÃO BENTO, 365 - 20.

ATÉ NO HOSPITAL DAS CLÍNICAS É RUIM

O Hospital das Clínicas mantém creche e parque infantil através de convênio com a Prefeitura para atender os filhos de seus funcionários.

Crianças com menos de 3 anos têm direito à creche. Acontece que só existem 250 vagas, para mais de 6 mil funcionários, cuja principal reivindicação, entre outras, é a construção de uma creche com maior capacidade.

E tem mais problemas:

— No Parque Infantil são cinco professores para atender 200 crianças e um banheiro para cada 100 crianças.

— As instalações são precárias: as salas ficam alagadas quando chove.

O horário de atendimento das crianças não corresponde ao horário de trabalho dos pais. Após as 17 hs. as crianças ficam nas salas de trabalho dos pais, correndo risco de contaminação.

Diante disso, os funcionários do hospital fizeram um abaixo-assinado, em janeiro, encaminhando à Divisão de Assistência Técnica do HC, exigindo providências à Secretaria de Educação.

NO JARDIM MIRIAM, UM PEDÁGIO PELA CRECHE

«A creche é necessária para todos. Até para os pais de famílias que levam uma vida dura e que não tem tempo para os filhos. Numa creche essas crianças podam ser melhor cuidadas e ter melhor saúde», é o que os moradores falavam aos motoristas que paravam seus veículos para contribuir com o movimento, no último dia 25 de março.

Com o dinheiro arrecadado, os moradores pretendem organizar uma grande caravana de moradores para irem até ao Prefeito e exigir a creche.

ORIENTAR NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS, É SUBVERSÃO?

Está com a palavra Cidinha, moradora da Cidade Ademar: «No nosso bairro, a creche tinha, inicialmente, um convênio com a Prefeitura. Mas cancelaram o convênio. Por que? Nós dávamos um curso de orientação para os pais sobre a melhor forma de educar os filhos. E isto foi considerado «subversivo». Hoje a creche é mantida pela comunidade. As mães dão trabalho voluntário e fazem campanha do quilo para arrecadar os alimentos necessários às crianças».

D. Maria, da região leste de S.Paulo, reclama de uma creche que há mais de quatro anos funciona em convênio com a Prefeitura: «Mas a Prefeitura assume mal. O pessoal — médico, pedagoga, nutricionista — só passa lá de vez em quando. Não dá nem pro cheiro. Até o dinheiro que dão chega com atraso».

PARA A PREFEITURA, PRIORIDADE NÃO É CRECHE

«Na nossa região tem 30 mil crianças e nenhuma creche», diz Leonor do Parque Bristol, durante a primeira reunião do Movimento de Creches. «Fomos até a Prefeitura e o funcionário nos informou que não tem verba nem terreno, nem para construção do prédio. Disse também que, este ano, a prioridade não é creche e sim salão comunitário.»

"MÃES SUBSTITUTAS EM S. CARLOS"

Mulheres do Clube de Mães do Jardim Sta. Maria e de outros bairros vizinhos, na cidade de S. Carlos reclamam da falata de creche. Através de coleta de assinatura, formação comissões, reuniões de moradores com representantes da Prefeitura, a luta vem crescendo. Exigem que a Prefeitura faça uma creche no terreno desapropriado pelo município há mais de 11 anos para este fim. Por iniciativa da LBA, houve, no local, a implantação de um programa de «mães substitutas», moradoras do bairro que tomam conta das crianças na sua própria casa e recebem, por criança, Cr$ 500,00. Esse programa não resolve o problema da falta de creche, pois são muitas as crianças necessitadas. Não oferece boas condições de alimentação nem assistência médico-pedagógica.

AS CRECHES PREOCUPAM AOS HOMENS

A mobilização de um grupo de funcionários do SERPRO (Serviço de processamento) para obter da administração da empresa a garantia de um espaço para creche, no novo edifício-sede, foi o primeiro passo para começar um movimento de creches, no Rio.

Entidades como APPD (Associação dos Profissioais de Processamentos de dados), Centro da Mulher Brasileira e a Sociedade Brasil Mulher aderiram ao movimento para pressionar o governo e as empresas na criação de creches. No dia 18 de abril, realiza-se a primeira atividade desse movimento com a palestra «A Necessidade Da Creche Hoje», no auditório da APPD, à R. da Lapa, 80/11º andar — 19 horas — Rio de Janeiro.

As ilustrações desta página fazem parte da convocatória da Coordenação do 1.º Congresso da Mulher Paulista para uma reunião de todos os interessados na luta por creche.

Local: Rua São Bento, 365 - 20.º andar - São Paulo
Horário: 20 de Abril, às 19:30 horas.

ILUSTRADORES:

BRASIL

MIGUEL PAIVA

MULHERIO #3

ILUSTRADORES:

BRASIL

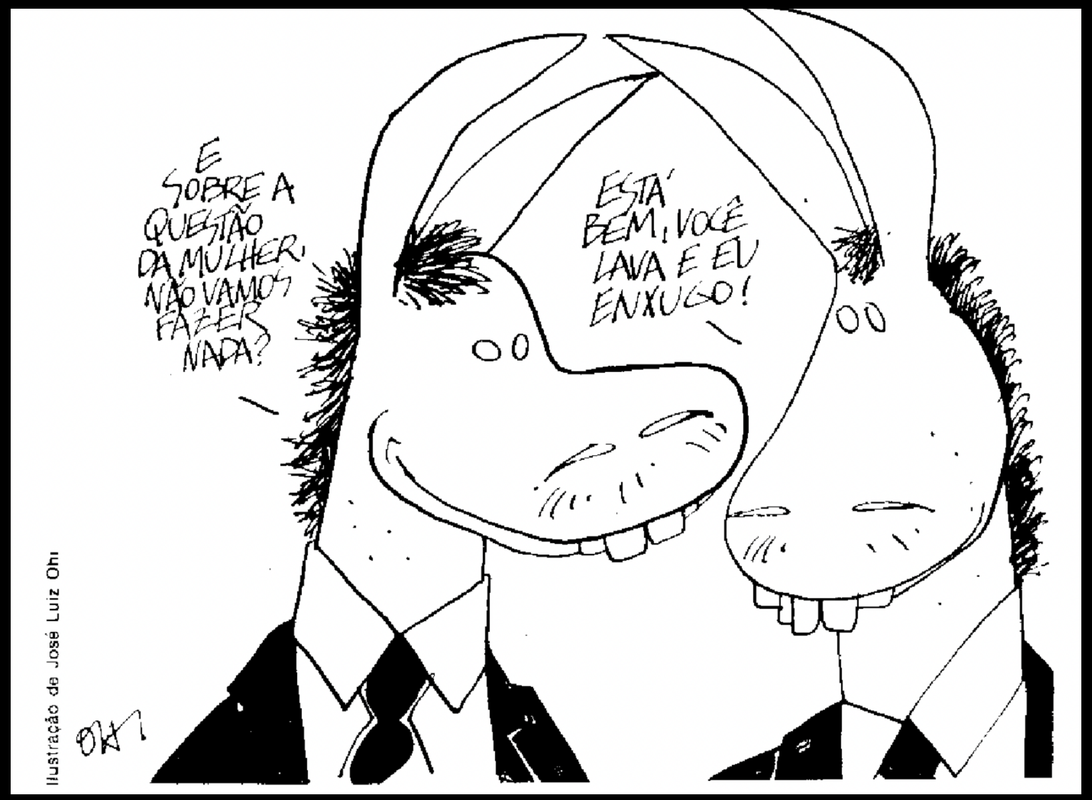


Ilustração de José Luiz Ohl

JOÃO LUIZ OHL

MULHERIO #7

ILUSTRADORES:

BRASIL

ARIEL SEVERINO

MULHERIO #7

ANALISE PREVIA

PARÂMETROS ESTABELECIDOS:

> Levantamento de ilustrações que retratem a figura feminina. Logo, a tirinha recorrente Bia Sabiá, da Ciça, não entra como material de análise.

> As ilustradoras selecionadas devem ter periodicidade nos periódicos, ou seja, terem feito contribuições recorrentes às publicações.

> Analisarei apenas ilustradoras mulheres, de pouco reconhecimento na memória gráfica brasileira.

> Cipriano Dourado, Zé Paulo, António Domingues, Dias Coelho e Rui Pimentel, tem sua memória gráfica protegida na história portuguesa, isso pode ser comprovado através de uma breve pesquisa no Google, em sites como o da Bedeteca e o do Museu do Aljube. O mesmo não acontece para quase nenhuma das ilustradoras portuguesas que atuaram nos periódicos.

> A questão da autoria coletiva x atribuição de créditos na imprensa feminista. Por exemplo, a revista Mulheres, ao ser feita em editora, diferente das publicações independentes feitas por coletivos (ex: Mulher d'Abril, Boletim do I.D.M) credita a maioria de suas ilustradoras, em >>colaboradores permanentes<< Mulheres também apresentava publicidades, o que explica sua permanência extensa na imprensa portuguesa, não dependia exclusivamente de donativos e assinaturas.

> Os trabalhos de BD de Maria Zita x Cipriano Dourado e Zé Paulo

> Pós-1980, **Mulheres** contou com menos colaboradores permanentes, descartando quase todos os seus ilustradores, com exceção de Giuliana, que não era creditada como colaboradora permanente. Priorizaram fotografias e reproduções de pinturas - aqui aponto para a constante aparição dos trabalhos da pintora Leonor FIni.

DADOS INICIAIS

> A partir do fim de seu vínculo com a FCC, o Mulherio passou a contar com menos ilustrações,. Ao menos, de mulheres. Miguel Paiva continuou como um colaborador ativo da publicação.

> Em sua última edição publicada no escopo temporal deste projeto, em dezembro de 1985, o único ilustrador devidamente creditado é Ariel Severino.

> Até 1979, havia uma grande preocupação pela anistia. Como a própria Ethel Leon havia me dito, uma das questões desses periódicos (Nós Mulheres, Brasil Mulher) era a hierarquização das lutas. Algo que o Mulherio não fez.

> No Brasil Mulher #5 vale ressaltar a variedade de estilos e linguagens adotados por Lila Figueiredo. Vale comparar os trabalhos dela para o BM e para o Mulherio.

>1979: lei da anistia. Marcou um período de abertura política, o jornal surgiu após o retorno dos exilados políticos, dentre eles, muitas mulheres que tiveram contato com o feminismo no exílio.

> Os periódicos atuaram como ferramenta pedagógica da conscientização política da mulher.

BRASIL

DADOS INICIAIS

> 1980/1981: I e II Congresso da Mulher Paulista. O BM foi cancelado logo após o congresso.

> A diferença entre a 1ª e a 2ª geração dos periódicos feministas.

>No Brasil, a questão da hierarquização de lutas também aconteceu na ditadura de Getúlio, em relação ao sufrágio universal.

> Havia uma forte resistência dos partidos de esquerda perante às questões feministas.

> 1974 - 1980: classe como conceito principal, temas abordados gerais (homens e mulheres), carestia, creche e injustiça social. Anistia e repressão. Financiamento independente.

>1981 - 1999: temas específicos da mulher, saúde da mulher, mulher e trabalho, mulher e legislação, violência contra mulher, sexualidade.

BRASIL